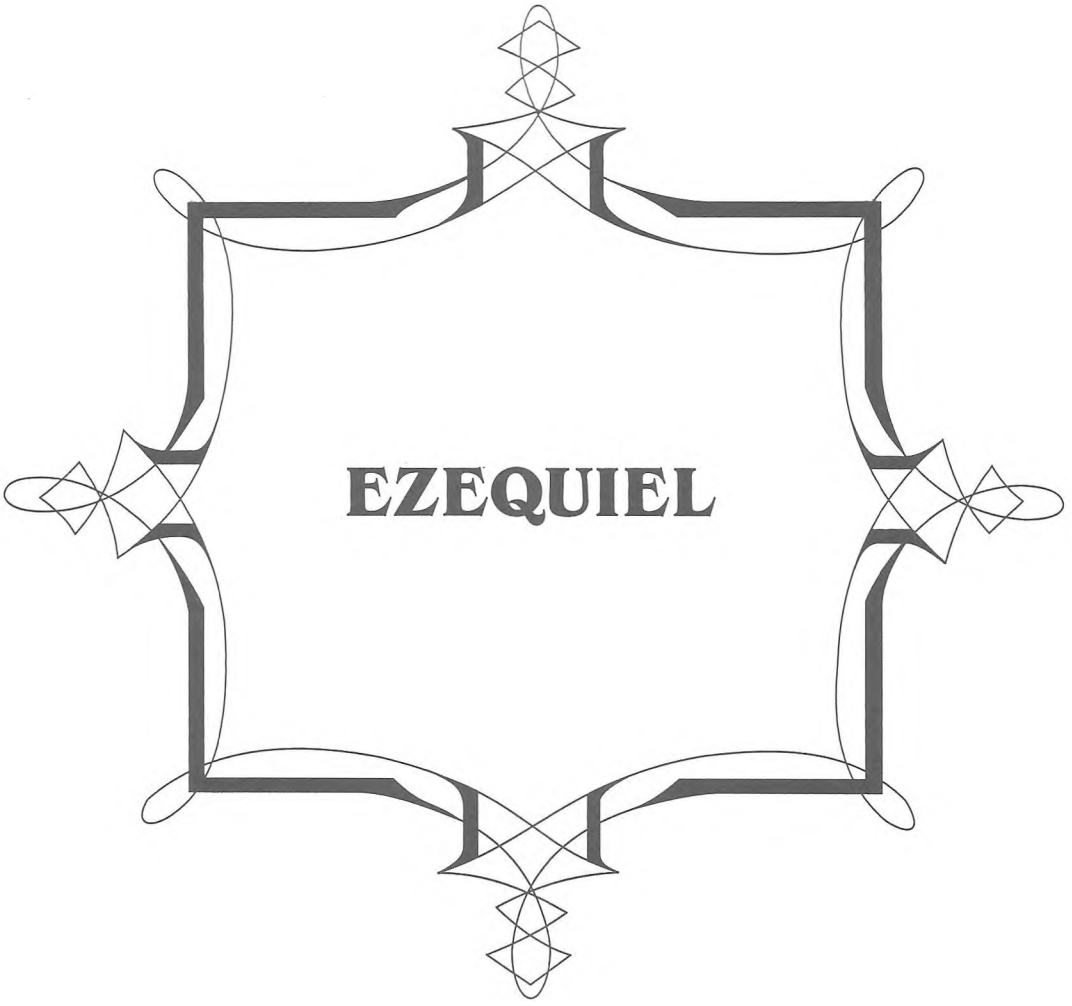
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

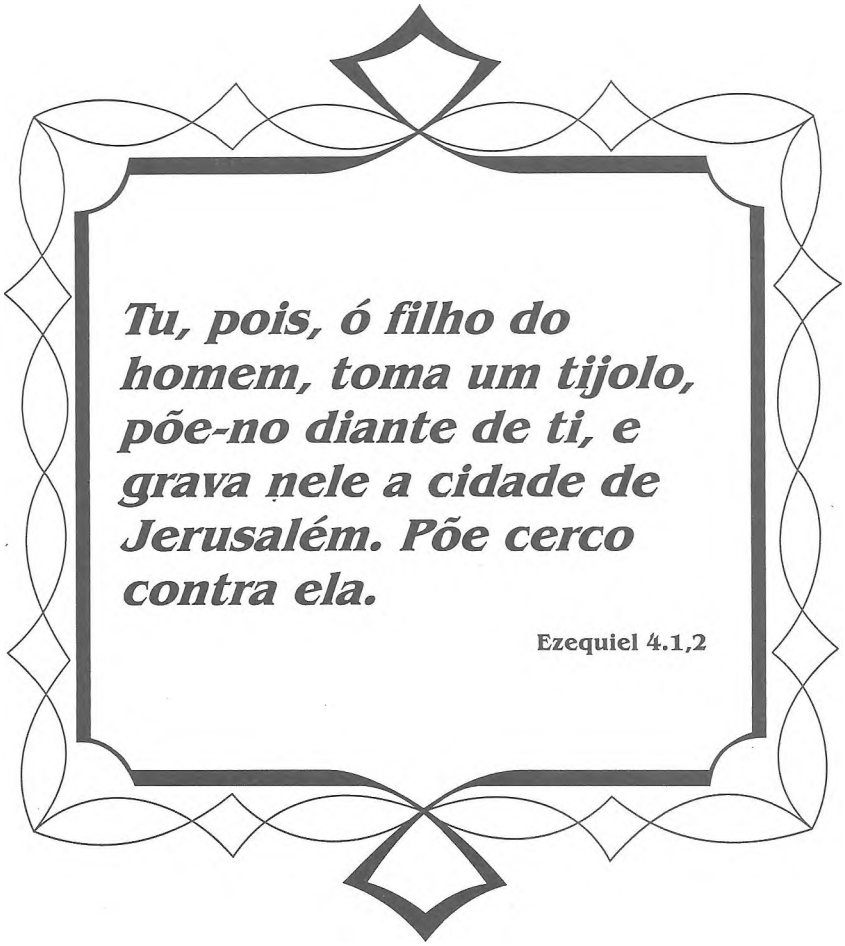
EZEQUIEL

HAGNOS



EZEQUIEL

O Livro da Mensagem Profética Dada Durante o Cativeiro Babilônico


Tu, pois, ó filho do homem, toma um tijolo, põe-no diante de ti, e grava nele a cidade de Jerusalém. Põe cerco contra ela.
Ezequiel 4.1,2

Ezequiel

48 Capítulos
1.273 Versículos

INTRODUÇÃO

Houve três deportações distintas do povo de Judá para a Babilônia. Daniel foi exilado quando da primeira dessas deportações. Ezequiel foi exilado quando da segunda delas. A destruição de Jerusalém e do templo ocorreu como um prelúdio da terceira deportação. Jeremias também era contemporâneo de Ezequiel. Quanto à deportação de Ezequiel, ver II Reis 24.11-16. Tal como Daniel e o apóstolo João (este bem mais tarde, já dentro do cristianismo), Ezequiel profetizou na terra do exílio. E o método de Ezequiel assemelhava-se muito ao método de Daniel e João, repleto de símbolos e visões, ao que ele acrescentava atos simbólicos. No exílio, ele foi capaz de salientar a causa do infortúnio de Israel, a saber, seus muitos pecados e deslealdades (Eze. 14.23). Seus propósitos incluíam o encorajamento dos cativos até que a vontade de Deus os libertasse para uma nova expressão nacional. Em sete grandes arranques proféticos, introduzidos pelas palavras "A mão do Senhor veio sobre mim", ou coisa semelhante, Ezequiel entregou a sua mensagem. Ver Eze. 1.3; 3.14,22; 8.1; 33.22; 27.1; 40.1. Há outras predições introduzidas pelas palavras "Veio a mim a palavra do Senhor". Os eventos registrados neste livro ocupam um período de cerca de vinte e um anos.

Esboço:

I. O Profeta Ezequiel
II. Pano de Fundo Histórico
III. Períodos Pessoais e Proféticos de Ezequiel
IV. Autenticidade, Unidade, Canonicidade
V. Ezequiel no Novo Testamento e no Apocalipse
VI. Data
VII. Proveniência
VIII. Propósito e Ensinamentos
IX. Esboço do Conteúdo
X. Bibliografia

I. O Profeta Ezequiel

Apresentamos no *Dicionário* um artigo separado sobre o homem Ezequiel, que o leitor deveria consultar. Ele era filho de Buzi, pelo que ou era sacerdote ou filho de um sacerdote (provavelmente, ambas as coisas), tendo sido chamado por Deus como profeta, por ocasião da maior crise de Judá; e então tornou-se um dos pastores de todo o Israel no exílio. Foi chamado por Deus para o exílio profético no quinto ano do primeiro exílio judaico, que teve início em 598 A.C., ou seja, o seu trabalho profético começou em 593 A.C. Sua última mensagem vem datada do ano 571 A.C. (ver Eze. 29.17). Dos vinte ou vinte e dois anos em que ele serviu, cerca de três foram os mais difíceis da história da nação de Judá. Os severos modos e os ensinamentos morais de Ezequiel têm-lhe conquistado a alcunha de João Calvino de Judá.

II. Pano de Fundo Histórico

Antes do *cativeiro babilônico* de Judá, houve o *cativeiro assírio* que envolveu a nação do norte, *Israel* (ver no *Dicionário* sobre ambos os termos em destaque). A queda de Samaria, capital do reino do norte, ocorreu em 722 A.C. O domínio assírio sobre Judá começou em 721 A.C., quando caiu o reino do norte, mas Judá nunca se tornou uma província assíria, embora tivesse pago tributo regularmente aos reis assírios. Com o surgimento do reino caldeu, sob Nabucodonosor (605—562 A.C.), a situação de Judá piorou rapidamente. Em 598 A.C., Nabucodonosor invadiu Judá e levou para o cativeiro o seu rei, Jeoaquim, e muitos dos principais cidadãos dessa nação. O trecho de II Reis 24.15 mostra-nos que Ezequiel se encontrava entre esses exilados. Os eruditos discordam quanto ao modo geral e ao número das deportações. Presumivelmente, antes disso, em cerca de 605 A.C., houve outra deportação, de tal modo que a deportação de Ezequiel foi a segunda de três deportações. Na Babilônia, Ezequiel continuou a advertir aos que tinham sido deixados na Judéia de que o pior ainda estava por vir. Os pecados nacionais, mormente a idolatria, eram as causas espirituais de todos esses infortúnios. O governo de Zedequias, em Judá, sob as ordens de Nabucodonosor, foi incapaz de controlar os rebeldes líderes do estado judeu. A revolta irrompeu contra o domínio estrangeiro, em 588 A.C. Nabucodonosor não perdeu um instante. Em 586 A.C., a terra inteira de Judá jazia arruinada, Jerusalém estava destruída e saqueada e o templo não existia mais. E muitos outros milhares de judeus foram então deportados (na terceira deportação).

III. Períodos Pessoais e Proféticos de Ezequiel

O trabalho da vida de Ezequiel pode ser dividido em cinco períodos: 1. sua chamada (Eze. 1.4-28); 2. seus atos simbólicos (Eze. 4.1-3; 4.4-8; 4.9-17; 5.1-17; 12.1-16); 3. suas denúncias contra os pecados de Israel (Eze. 8—11; 16 e 20); 4. seus ensinamentos sobre a responsabilidade humana (Eze. 3.16-21; 8.4; 14.12-20; 33.1-29); 5. suas promessas de restauração de Israel (Eze. 33.21 ss. e os capítulos 40—48, onde se encontram as mais notáveis visões de Ezequiel quanto ao futuro).

Cronologicamente, suas obras dividem-se em dois períodos principais, a saber: a. De 593 a 586 A.C. repetidos avisos e atos simbólicos, com o intuito de levar o povo de Judá ao arrependimento, contidos em Ezequiel 1—24. b. De 586 a 571 A.C. Ezequiel passa a agir como pastor dos cativos, no exílio, e também como mensageiro da esperança, no tocante à futura restauração, tópicos contidos em Ezequiel 33—48. Entre um bloco e outro de material, temos os seus oráculos contra as nações estrangeiras, nos capítulos 25 a 32. Algumas de suas mais brilhantes declarações encontram-se nessa porção, especialmente nos capítulos 27 e 28 e 30 e 31.

IV. Autenticidade, Unidade, Canonicidade

1. *Autenticidade.* A escola de *Shammai* (ver a respeito no *Dicionário*) considerava o livro de Ezequiel um livro apócrifo, sobre bases doutrinárias, supondo haver ali contradições com a lei mosaica. Isso pressupunha ou que Ezequiel não fora um profeta genuíno, ou que um pseudoprofeta usara o seu nome, para dar maior prestígio ao livro. Até o ano de 1924, o livro escapou a críticas sérias; mas, a partir de então, iniciou-se uma atividade que colocava em dúvida o livro como obra autêntica do profeta Ezequiel, excetuando algumas porções. Dos seus 1.273 versículos, Gustavo Hoelscher *(Hesekiel, der Dichter und das Buch,* 1924) elegeu 170 como genuinamente de Ezequiel. Esse julgamento radical, todavia, não foi largamente apoiado. No tocante às antigas críticas, o rabino Hananias escreveu um comentário sobre o livro, com o intuito, entre outras coisas, de harmonizá-lo com os ensinos de Moisés. Contudo, por causa de sua obscuridade, as visões do livro não eram lidas publicamente, e somente aqueles com mais de trinta anos de idade tinham permissão para lê-lo em particular. No entanto, desde os tempos antigos, o livro tem sido reputado uma profecia genuína; e até mesmo os críticos mais radicais vêem nele a mão de autoria de Ezequiel, pelo menos quanto a alguns trechos.
2. *Unidade.* Até 1924, pouca dúvida fora lançada sobre a unidade do livro de Ezequiel. Em outras palavras, cria-se que um único autor havia escrito a obra inteira. Depois daquele ano, o livro tornou-se o fulcro de um temporal de críticas literárias. Gustavo Hoelscher (mencionado anteriormente) só atribuiu 170 versículos a Ezequiel. Um autor moderno, C.C. Forrgy, chegou ao extremo de chamar o livro de obra pseudepígrafa do século III A.C.! A maioria dos estudiosos, entretanto, supõe que o livro seja obra genuína de Ezequiel, embora com algumas pequenas adições, feitas por mãos posteriores. Até mesmo um livro drasticamente criticado revela um poderoso profeta e um homem de consideráveis habilidades literárias. A maior parte da crítica baseia-se em questões de estilo; mas isso nos transporta para uma subjetividade que não pode produzir nenhum resultado acima de toda dúvida.
3. *Canonicidade.* Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cânon do Antigo Testamento.* A canonicidade do livro de Ezequiel foi estabelecida

desde a antigüidade pelas autoridades judaicas, tendo sido confirmada pelas autoridades cristãs. Ben Siraque (Eclesiástico 49.8), um pouco antes de 320 A.C., usou o livro e considerou-o canônico. Nos dias dos rabinos Shammai e Hillel, o problema do cânon do Antigo Testamento foi calorosamente discutido.

Certos eruditos chamam alguns iivros de *Antilegômenos,* usando a designação grega para referir-se a livros que não concordam com os demais e não merecem a mesma posição que outros. Vale dizer, livros não canônicos. Esses livros, na opinião deles, são: Ezequiel, Ester, Provérbios, Eclesiastes e Cantares. Certos indivíduos rejeitavam o livro de Ezequiel, mas nunca houve um esforço conjunto para tirá-lo da coletânea do Antigo Testamento. A questão maior era se esses livros deveriam ser usados ou não na leitura pública e nos propósitos litúrgicos. O Talmude *(Hag.* 1.13a) destaca o problema central. Os capítulos 40—48 contêm contradições com a Tora. O rabino Hananias supostamente encontrou soluções para o problema, mas nem todos os eruditos deixam-se convencer. Talvez esses capítulos de Ezequiel não devessem ser reputados como um reavivamento do judaísmo (com algumas corrupções) e, sim, como uma descrição do templo futuro, com suas cerimônias, o que produziria algumas diferenças em comparação com a legislação mosaica original.

Na opinião dos pais da Igreja, dos concílios e dos cânones, o livro de Ezequiel é solidamente defendido, sendo mencionado favoravelmente nos catálogos de Melti, Orígenes e Jerônimo.

V. Ezequiel no Novo Testamento e no Apocalipse

No Novo Testamento não há citações explícitas do livro, mas há empréstimos bem definidos. Cf. Rom. 2.24 com Eze. 36.21; Rom. 10.5 e Gál. 3.12 com Eze. 20.11; II Ped. 3.4 com Eze. 12.22 e 20.11. As palavras "quem tem ouvidos, ouça" (Mat. 11.15; Mar. 7.16; Luc. 14.35; Apo. 2.7,11,17,29; 3.6,13; 13.9) talvez sejam um reflexo de Eze. 3.27. A solene advertência de que o juízo divino precisa começar pela casa de Deus (I Ped. 4.17) provavelmente foi tomada por empréstimo de Eze. 9.6. O trecho de II Cor. 6.16 talvez combine e condense as passagens de Eze. 37.27 e Lev. 26.11. E II Cor. 6.18 parece repousar sobre Eze. 36.28.

Esses empréstimos são ainda mais óbvios e freqüentes no livro de Apocalipse. Temos ali menção a Gogue e Magogue (Eze. 38.2-22; 39.1-11 = Apo. 20.8); à visão de Deus (Eze. 1.22-28, com reflexos literários no Apocalipse); à voz de Cristo como o sonido de muitas águas (Eze. 1.24, com reflexos em Apo. 1.15 e 19.6). A figura simbólica do rio doador de vida, que flui do trono de Deus (Apo. 22.1,2), é similar ao que se lê em Eze. 47.1-12. As águas e árvores curadoras, que produzem toda espécie de fruto, a cada mês (Eze. 47.12), também foram incorporadas no texto de Apocalipse (cap. 22). A Nova Jerusalém (Apo. 21.10-27) é idéia tomada por empréstimo de Eze. 48.15-35.

Referências Joaninas. O Messias como Pastor (Eze. 34.11-31) tem paralelos em João 10.1-39. Ver a vinha inútil em Eze. 15, que tem paralelo em João 15.15.

Apocalipses. Ver no *Dicionário* o artigo separado sobre *Apocalipticos, Livros.* As visões de Ezequiel contribuíram para as atitudes psicológicas que produziram a volumosa literatura apocalíptica, principalmente entre o século II A.C. e o século II D.C. O misticismo da *Cabala* (ver a respeito no *Dicionário*), igualmente, pelo menos em parte, depende do livro de Ezequiel. Autores apocalípticos tomaram por empréstimo certas idéias e símbolos de Ezequiel, de tal modo que a similaridade é notável. Por esse motivo, já houve até quem sugerisse que Ezequiel é um livro pseudepígrafo do século III A.C.

VI. Data

A data da compilação deste livro tem sido muito debatida. A maioria dos eruditos supõe que as datas fornecidas no próprio livro sejam dignas de confiança, de tal maneira que as atividades de Ezequiel teriam começado em julho de 593 A.C., prosseguindo até abril de 571 A.C. (ver Eze. 1.1 e 29.17). Aqueles que rejeitam esses informes como pseudo-adições e truques literários, fornecem datas que vão de 691 a 230 A.C. Porém, uma data depois de 200 A.C. torna-se impraticável, devido ao fato de que Ben Siraque (Eclesiástico 49.8) manifesta conhecimento do livro de Ezequiel, tendo-o reputado como parte do cânon hebraico das Escrituras. A data mais remota supõe que o cativeiro de Israel (por parte dos assírios) predissesse a mesma sorte para Judá. Contudo, a idéia nunca obteve larga aceitação.

VII. Proveniência

O próprio livro afirma que foi escrito às margens do rio Quebar (um canal que ligava as cidades de Babilônia e Uruque), juntamente com Nipur, que, em acádico, chamava-se *nar Kabari,* significando "grande canal". No entanto, as descrições sobre a conquista de Jerusalém, na opinião de alguns estudiosos, sugerem que tenha havido a mão de uma testemunha ocular. Ver Eze. 8 e 11.1-13. Isso significa que Ezequiel estava realmente em Jerusalém, quando Nabucodonosor a atacou, e que o profeta a tudo testemunhou. Nesse caso, em algum tempo posterior, material produzido na Babilônia foi acrescentado ao livro, por um editor posterior. Contra essa posição, supõe-se que Ezequiel possa ter tido acesso ao relato feito por testemunhas da destruição de Jerusalém, sem a necessidade de ter testemunhado pessoalmente os fatos. Quanto a essa questão, parece melhor depender do testemunho dado pelo próprio livro. Ver Eze. 1.1.

VIII. Propósito e Ensinamentos

O livro foi dado ao profeta Ezequiel a fim de avisar sobre o desastre envolvido no cativeiro babilônico, provocado pelos pecados pessoais e coletivos de Israel. Uma vez ocorridos os acontecimentos, o propósito foi fazer Ezequiel atuar como pastor, consolador e profeta da restauração da nação, segundo se vê em Eze. 37.11,15-24. O livro oferece a justificação para os horríveis acontecimentos que se desenrolaram. Esse é o tema dominante dos capítulos 8 a 33. O propósito espiritual do livro era para que os israelitas aprendessem a sua responsabilidade diante de Deus e se conduzissem de acordo com isso. Outrossim, foi-lhes garantido que as nações que exultavam por causa da queda de Israel haveriam de ter seu próprio severo julgamento (Eze. 25.1—32.32). Foi prometida a restauração final de Israel, quando do reino davídico medianeiro (Eze. 33.1; 48.35). A expressão "saberão que eu sou Deus" ocorre por mais de trinta vezes dentro da seção de Eze. 6.7—39.28.

Ensinamentos Importantes. Alguns dos temas centrais do livro são:

1. *Conceitos Específicos de Deus.* Ele é um Ser glorioso (1.2 ss.), que requer da parte dos homens santidade equiparada à Sua santidade. A glória de Deus pode revelar-se em qualquer lugar, até mesmo entre os pagãos (3.23). O nome de Deus é "eu sou Yahweh" (em nossa versão portuguesa, "eu sou o Senhor" (6.7). Deus poupava Seu povo, embora este fosse pecaminoso, por amor ao Seu nome, a fim de eles não serem ridicularizados entre as nações (20.9,14,22). Eles retornarão do exílio não por merecerem tal misericórdia, mas por causa do nome do Senhor (36.22). A santidade de Deus é constantemente enfatizada (Eze. 20.41; 28.22,25; 36.23; 38.16,23; 39.27). É prometida a exaltação do nome de Deus entre as nações gentílicas (Eze. 28.22; 38.16,23).
2. *Conceito de Israel.* Israel foi escolhida para ser instrumento da glória de Deus, beneficiando espiritualmente a outras nações (20.5,14,22). Também havia a revelação de Deus em Israel, para o próprio benefício de Israel, por ser a nação que estava cumprindo a vontade do Senhor (39.23). Foram prometidos o triunfo e a salvação final, que serão obtidos devido à inexorável vontade de Deus (Eze. 20.42-44; 36.11,37; 39.28,29).
3. *Conceito da Responsabilidade Humana.* Essa é frisada na expressão: "... a alma que pecar, essa morrerá" (Eze. 18.4). Um homem

não transfere sua culpa a seu filho, como também não pode transmitir a sua retidão a seus descendentes (Eze. 18; 14.12-20). Cada um haverá de receber sua própria recompensa ou punição (3.16-21; 18.19-32; 33.1-29). O profeta Ezequiel precisava cumprir fielmente a sua comissão, a fim de que não incorresse em culpa (33.1-6; 3.16-21).

4. *Os Ensinamentos Proféticos.* Os capítulos 40 a 48 oferecem-nos certa variedade de ensinamentos que incluem visões messiânicas, as futuras dificuldades de Israel e a restauração final; o estabelecimento do reino de Deus; a restauração das nações. O reino final de Deus só poderá tornar-se uma realidade mediante a intervenção e a presença pessoal de Yahweh entre os remidos, quando o Tabernáculo de Deus descer aos homens. "... e o nome da cidade, desde aquele dia, será: O Senhor está ali" (Eze. 48.35). A cultura de Israel é retratada como algo que continuará quando da era do reino. Os capítulos 38 e 39 têm sido largamente interpretados como elementos que farão parte da Terceira Guerra Mundial (ou então da Terceira e da Quarta Guerras Mundiais, segundo pensam outros intérpretes), de acordo com o que a União Soviética e seus aliados serão derrotados, e Israel no futuro será finalmente confirmada na posição de cabeça das nações.

IX. Esboço do Conteúdo

Há quatro divisões principais do livro de Ezequiel:

I. *Chamada e Comissão de Ezequiel* (1.1—3.27)

II. *Profecias contra Judá e Jerusalém* (4.1—24.27)

III. *Profecias contra Nações Estrangeiras* (25.1—32.32)

1. Condenação de Amom (25.1-7)
2. Condenação de Moabe (25.8-11)
3. Condenação de Edom (25.12-14)
4. Condenação da Filístia (25.15-17)
5. Condenação de Tiro (26.1—28.19)
6. Condenação de Sidom (28.20-26)
7. Condenação do Egito (29.1—32.32)

IV. *Profecias sobre Tribulações Futuras e sobre a Restauração Final* (33.1—48.35)

1. Eventos Preliminares (33.1—39.29)

a. Castigo dos ímpios (33.1-33)

b. Os falsos pastores são eliminados e o verdadeiro Pastor é estabelecido (34.1-31)

c. Restauração de Israel à sua terra (36.1-15)

d. Restauração geral dos povos (36.16—37.28)

e. Julgamento dos inimigos (38.1—39.24)

f. As nações restauradas (39.25-29)

2. A Adoração Durante a Era do Reino (41.1—48.35)

a. O templo milenar (40.1—43.27)

b. A adoração milenar (44.1—46.24)

c. A terra milenar (47.1—48.35)

X. Bibliografia

ALB BA E ELL I TOR WBC WES Z

Ao Leitor

Um espaço surpreendentemente grande do Antigo Testamento se dedica ao assunto do *Cativeiro Babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*). Profetas escreveram antes, durante e depois desse evento. Judá fora executada pelo exército babilônico. O livro de Lamentações narra como o país foi massacrado e, depois, esvaziado de habitantes pelo cativeiro babilônico. Mas, através do decreto misericordioso de Ciro, a um pequeno remanescente foi permitido retornar para começar tudo de novo. Judá tornou-se Israel, sendo que as dez tribos (o norte) já tinham desaparecido no cativeiro assírio.

O leitor sério, começando o estudo de Ezequiel, preparar-se-á lendo primeiramente a *Introdução*, onde são abordadas questões como: pano de fundo histórico; detalhes pessoais sobre o profeta Ezequiel; unidade; canonicidade; Ezequiel no Novo Testamento e em Apocalipse; data; proveniência; propósitos e ensinamentos e esboço do conteúdo.

Jeremias era contemporâneo de Ezequiel. Quanto à deportação de Ezequiel, ver II Reis 24.11-15. Tal como Daniel, ele profetizou na terra do exílio, isto é, na Babilônia. Seu livro é cheio de símbolos e visões. Ezequiel, Jeremias e outros profetas consideraram a miséria de Judá resultado direto de sua idolatria-adultério-apostasia. Ver Eze. 14.23. Yahweh havia castigado o povo dos pactos por haver desobedecido a Suas ordens e ensinamentos. Ezequiel apóia o teísmo bíblico que ensina que o Criador não abandonou Sua criação, mas continua presente, intervindo, recompensando e castigando, de acordo com os méritos do povo. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* e *Teísmo*. O *Deísmo* (ver a respeito também no *Dicionário*) ensina que Deus abandonou o universo ao governo das leis naturais.

"Ezequiel foi um sacerdote cujo ministério se estendeu de 593 a 563 A. C. (ver Eze. 1.1). *Se* nós entendermos que o enigmático numeral trigésimo de Eze. 1.1 significa 30 anos depois da sua chamada, então poderemos afirmar que a compilação do livro começou naquele ano. A data do último oráculo era 571 A. C. (29.17)... A coleção original foi escrita e expandida por um redator, mas a bela poesia e prosa de Ezequiel podem ser reconhecidas através do livro. O texto sofreu algumas corrupções textuais que, às vezes, deixam o significado incerto. O profeta garantiu ao povo que Yahweh ficaria entre eles, enfatizando o papel divino nos acontecimentos diários. As nações reconheceriam que Yahweh é o Senhor. O profeta ressaltou a necessidade da responsabilidade humana e, para o povo em desespero, trouxe a esperança de restauração. O livro combina o divino com o humano, de forma significativa, característica literária que marca a transição dos tempos pós-exílicos para a fé do judaísmo que seguiu após a tempestade" (*Oxford Annotated Bible, introdução*).

EZEQUIEL

As Quatro Divisões Principais:

1. O chamado de Ezequiel, o profeta (1.1 – 3.27)
2. Profecias contra Judá e Jerusalém (4.1 – 24.27)
3. Profecias contra poderes estrangeiros (25.1 – 32.32)
4. Profecias sobre a tribulação do futuro e a restauração final (33.1 – 48.34)

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Chamado e Comissão de Ezequiel (1.1 – 3.27)

Os capítulos 1-24 falam sobre o julgamento futuro que desintegraria Judá. Yahweh elevara Sua espada para cortar a nação em pedaços. A tarefa do profeta era explicar por que os babilônios foram os instrumentos deste ultraje. A explicação era a idolatria-adultério-apostasia, a terrível tríade que havia corrompido o país inteiro. Ezequiel tinha sua missão entre os cativos e recebeu as credenciais apropriadas para cumpri-la. Como Isaías (capítulo 6), Ezequiel recebeu um chamado diretamente de Yahweh: um rolo que deveria comer simbolizava sua assimilação da mensagem, com a subseqüente responsabilidade de transmitir as instruções divinas. O profeta tinha as palavras *de Yahweh* em sua boca (Eze. 1.9; 5.14). Ezequiel recebeu seu chamado na Babilônia, através de visões poderosas, quando, diante de seus olhos, Yahweh cavalgava, no alto, no seu trono-carro. Ver o chamado descrito no capítulo 1 e sua comissão registrada nos capítulos 2-3 deste livro.

Prólogo (1.1-3)

O registro da comissão divina de Ezequiel figura entre os mais longos da Bíblia. Ver Eze. 1.1-3.27 e cf. a comissão mais curta de Isaías, no capítulo 6 daquele livro. Ezequiel tinha experiências místicas muito poderosas, e suas visões elaboradas o prepararam para a tarefa a ser realizada. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Misticismo.* Ver, também, *Visão (Visões).*

1.1-2

Trigésimo ano. O livro de Ezequiel, repleto de dificuldades, inicia-se com esta referência enigmática. As palavras poderiam significar: 1. O ano trigésimo depois da sua chamada inicial. Neste caso, as visões que inspiraram a composição do livro começaram em 563 A. C. Cf. Jer. 36.1-3. 2. Alguns eruditos supõem que a referência fale da *idade do profeta.* Como sacerdote (vs. 3), o profeta naturalmente teria começado seu ministério com aquela idade. Este trigésimo ano era também o quinto ano do exílio de Joaquim na Babilônia (vs. 2). 3. Outros supõem que este trigésimo ano seja o início do reino de Nabopolassar, pai de Nabucodonosor. Neste caso, o ano em pauta é 625 A. C. Não há como determinar a verdadeira interpretação, o que não é importante, pois em nada detrata o valor do texto. Outras interpretações ainda mais duvidosas foram omitidas.

Quarto mês... dia quinto... A data mencionada aqui é o dia 31 de julho de 593 A. C., se calculada segundo o calendário lunar, que começou o ano na primavera. O mês *tamuz* corresponde mais ou menos ao nosso mês de julho.

No vs. 2, a referência ao tempo envolvido se repete, mas com outros detalhes. O quinto ano do cativeiro de Joaquim era também o ano trigésimo do vs. 1, onde foram dados diversos cálculos possíveis. Três deportações distintas foram anotadas em Jer. 52.28. O rei *Joaquim* (ver a respeito no *Dicionário*) participou da primeira deportação. Ver II Crô. 36.9 e II Reis 24.8-16. Ver no *Dicionário* o artigo geral sobre *Cativeiro Babilônico.* O breve reinado de Joaquim começou em 597 A. C.

Estando eu no meio dos exilados... O profeta estava em companhia dos cativos, no cativeiro babilônico. Foi ali que ele recebeu suas visões iniciais. Esperançosamente, elas seriam de grande benefício para aquele povo na sua miséria. Eles estavam acampados perto do rio *Quebar* (ver a respeito no *Dicionário*). Este "rio" era, realmente, um canal do Eufrates, localizado acima da Babilônia. Ele fluía para o sul, passando ao lado de Nipur e entrando no Eufrates, perto de Ereque. O nome atual deste rio é *Shatt en-Ni.* Sua forma em cuneiforme é *naru kabari.*

Os céus se abriram. E então o profeta teve "visões de Yahweh", o Deus Todo-poderoso. Ezequiel recebeu experiências místicas significativas, que demonstram sua autoridade como profeta. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Inspiração e Revelação.* As visões mencionadas aqui são descritas em Eze. 1.4-2.7. O profeta viu a glória do Senhor, o que o impressionou profundamente. Dessa forma ele se tornou "o homem do momento". Recebeu unção especial e poder do Espírito e, assim equipado, iniciou sua missão com entusiasmo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Unção.* Suas visões não foram apenas *grandes,* foram também *divinas.* Cf. Eze. 8.3 e 40.2. Ver também Mat. 3.16; Atos 7.56; 10.11 e Apo. 19.11.

1.3

Veio expressamente a palavra do Senhor a Ezequiel. O versículo afirma que Ezequiel recebeu *inspiração divina.* Sobre este profeta, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ezequiel (a Pessoa),* seção I. Ezequiel recebeu suas visões iniciais na terra dos caldeus, perto do rio *Quebar* (vs. 2).

Ali esteve sobre ele a mão do Senhor. Note-se a mudança de referência da primeira para a terceira pessoa, o que poderia indicar que um redator manipulou o material do profeta, compilando uma cópia final do livro a ser publicado. A mensagem em pauta é descrita elaboradamente em Eze. 2.8-3.11. A *mão do Senhor* estava com o profeta, guiando seus esforços. A iniciativa era divina, não humana. Cf. Eze. 3.14,22; 8.1; 33.22; 37.1; 40.1. Ver também I Reis 18.46 e Dan. 8.18. A visão celestial preenche o restante do capítulo.

Mão do Senhor. Ver sobre esta palavra, em Sal. 81.4; ver sobre *mão direita,* em Sal. 20.6. O poder e a direção eram de Yahweh. O profeta recebeu unção do alto.

A Visão do Trono-carro (1.4-28)

1.4

Olhei... um vento tempestuoso vinha do Norte. A descrição desta visão ocupa os vss. 4-28. O propósito da visão é dado em Eze. 2.1-7. Olhando para o *norte,* o profeta viu a aproximação de uma tremenda tempestade acompanhada de muitos trovões estrondosos. Grande luz emergiu daí. Sua aparência era de metal luminoso, que se refere ao resplendor da glória de Deus. Algumas pessoas vêem aqui discos voadores, mas essa idéia reflete uma imaginação fértil e não uma verdade bíblica. O templo de Jerusalém foi construído num ângulo que fazia os raios solares dos equinócios brilhar diretamente no Santo dos Santos. Esta circunstância ilustrava que a Luz do céu iluminava o templo do Senhor. Um rito complexo celebrava estas ocasiões especiais, nas quais a arca da aliança era carregada em procissão sagrada. Aquele era o Dia do Senhor.

Note-se a referência ao "norte", direção que, na mitologia dos cananeus, era associada ao lar dos deuses. *Baal-zefom* foi chamado "o Senhor do Norte". Os críticos acham que o presente versículo alude a estes fatos. Por outro lado, não há nenhuma razão para duvidarmos da origem celestial das visões de Ezequiel. É possível que a descrição tenha emprestado algumas idéias dos cananeus, mas a visão, em si, era de Yahweh.

Vento tempestuoso. Isto é, o *remoinho* que fala sobre a aproximação violenta do julgamento de Yahweh. Cf. Jer. 23.19; 25.32. O inimigo chegaria *do norte* como um remoinho. A Babilônia ficava ao norte (e a leste) de Judá. A *nuvem* fala de uma manifestação divina, como aconteceu também no Sinai (Êxo. 19.9-16). O *fogo* simboliza o poder e a destruição divina, e o âmbar (mencionado na edição revista e corrigida) provavelmente é uma referência à cor do metal no estado derretido. Cf. o vs. 7, que utiliza a expressão "bronze polido". Ver Apo. 1.15. O bronze estava no meio do fogo. No vs. 27, encontramos outros detalhes da visão.

1.5

Do meio de toda aquela manifestação brilhante, quatro *seres viventes* emergiram. Sua aparência era muito estranha, mas tinham, de certa maneira, a forma de homens. Outras características confundiram a mente do profeta. Os vss. 6-11 dão alguns detalhes sobre a aparência destes seres, e o capítulo 10 identifica estas criaturas como *Querubins* (ver a respeito no *Dicionário*). Devemos entender as descrições como simbólicas e metafóricas, não forçando literalidade sobre o texto.

Aqueles seres celestiais tinham acesso à presença de Deus (Eze. 28.14,16). Imagens de ouro dos seres guardavam a arca da aliança, no Santo dos Santos, com as asas estendidas sobre a caixa sagrada (Êxo. 25.17-22; Núm. 7.89), onde a presença divina se manifestava (I Sam. 4.4; II Sam. 6.2; Sal. 80.1; 99.1; Isa. 37.16). É ridículo entender tais símbolos de modo literal, supondo que Deus cavalgasse sobre um trono-carro e que seres celestiais, literalmente, tivessem tais características. É também absurdo reduzir visões místicas à crassa literalidade. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Antropomorfismo.* Ver também o verbete chamado *Mysterium Tremendum* (que Deus é). Adquirimos algumas informações dos símbolos místicos e devemos contentar-nos com isto. Ninguém viu Deus como Ele realmente é, e até os anjos devem baixar sua luz para não cegar os seres humanos.

1.6

Quatro rostos. Os seres viventes, em pé, tinham em certo grau a aparência de homens. Aparentemente, estavam voltados na direção dos quatro pontos da bússola. Seu olhar era *universal,* porque os olhos do Senhor estão em toda a parte, como lemos em Zac. 4.10. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Onisciência.* Cada criatura tinha quatro rostos, cada um (supostamente) olhando em uma direção cardinal, demonstrando compreensão universal. O vs. 10 dá as descrições dos rostos. Em que cada rosto representava a figura de um animal. Muitas interpretações simbólicas se aplicam a estes detalhes.

Quatro asas. Podemos ver coisa semelhante nas descrições dos serafins de Isa. 6.2. Ver também Apo. 4.8. O vs. 11 deste capítulo descreve, com maiores detalhes, essas asas. O número das asas varia nas Escrituras: no templo de

Salomão, essas criaturas tinham *duas* asas (I Reis 6.27); aqui e em Eze. 10.21, *quatro*; em Isa. 6.2 e Apo. 4.8, *seis*. Ver exposição no vs. 11 do presente capítulo.

1.7

Pernas... pés. Chegamos agora à descrição de suas pernas e pés. As pernas eram retas como as dos homens, em contraste com as pernas dos animais. Como um conjunto, as criaturas brilhavam da mesma forma que *bronze polido*. Uma antiga mitologia falava dos deuses como se voassem e não andassem e, as pernas retas (não dobradas) poderiam ter emprestado o simbolismo daquela figura. Os seus pés eram como os de animais, o que pode implicar poder e firmeza, porque os brutos são mais fortes do que os homens. Os pés dos bois eram divididos e, sendo de animais limpos, podiam pisar as espigas para debulhar os grãos. Esta ação é símbolo de julgamento. O julgamento fere os ímpios, mas dá alimento aos justos. O metal que lança seus raios gloriosos fala da majestade de Deus, que é glorificado no julgamento do mal. Alguns intérpretes limitam o brilho aos pés. Cf. a glória do Senhor dada em Apo. 1.5.

1.8

Nas extremidades dos braços, os seres viventes eram equipados com *mãos humanas*. A mão é o instrumento de poder e ação. Estas criaturas trabalhavam em favor da causa divina, julgando os pecadores, mas agindo em favor dos justos. Isto fala da *Providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*), que age negativa ou positivamente, dependendo dos méritos dos homens. O Talmude vê, nestas mãos, as *mãos divinas* agindo através dos anjos. Ver sobre *mão*, em Sal. 81.14, e sobre *mão direita*, em Sal. 20.6. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mão*, para maiores detalhes. O restante deste versículo introduz o vs. 9, onde são apresentados mais detalhes sobre as asas.

1.9

As asas tocavam umas nas outras. Então, quando estavam em movimento, as criaturas não giravam, mas iam diretamente para a frente. Isto mostra determinação para cumprir seus propósitos, sem nenhuma hesitação. As asas unidas umas às outras formavam um perfeito quadrado, que simbolizava solidariedade. "Tendo quatro rostos nos quatro lados, ligados na forma de uma quadra, as criaturas podiam viajar em qualquer direção sem girar" (Charles H. Dyer, *in loc.*). É difícil imaginar como isto funcionaria, e os intérpretes continuam debatendo sobre esta interpretação. De qualquer maneira, o texto fala de *locomoção divina*, superior a qualquer tipo de locomoção que os homens possam inventar. *Realização*, através de movimentos divinos, é a idéia aqui projetada. Estes seres viventes voavam sem bater asas, porque algum tipo de poder divino os controlava.

1.10

Este versículo dá mais detalhes dos rostos dos seres viventes. O vs. 6 meramente mencionou que eram quatro. Agora aprendemos que cada rosto tinha a aparência de um animal diferente: homem; leão; boi; águia. Os rostos do homem e do leão se situavam no lado direito, e os do boi e da águia, no lado esquerdo. Os seres viventes de Apo. 4.7 têm seis asas e a aparência de leão, boi, homem e águia em vôo, respectivamente. A arqueologia descobriu nos desenhos de diversas religiões orientais representações semelhantes de seres sobrenaturais. Uma vez que o próprio autor não nos informa sobre como interpretar estes símbolos, os intérpretes sentem liberdade para inventar as mais diversas explicações. Por exemplo: 1. o homem representa *inteligência;* 2. o leão, *poder* para executar julgamento e atos bravos; 3. o boi, *poder* para efetuar as obras divinas; 4. a águia, *rapidez* na execução dos propósitos divinos. Nos manuscritos antigos do Novo Testamento, estes mesmos animais representam os *quatro evangelhos*, que são os instrumentos nas mãos de Deus para propagar a nova mensagem: Mateus (homem); Marcos (boi); Lucas (águia); João (leão). Não há nenhuma chance de que o profeta Ezequiel tenha antecipado tais aplicações. O Talmude chama estes quatro animais de as *mais nobres* criaturas de Deus. Eles representam o serviço divino eficaz e glorioso.

1.11

Suas asas se abriam em cima. Prossegue aqui a descrição das asas que foram introduzidas no vs. 6. Duas das asas foram estendidas para cima, tocando nas asas dos seres viventes ao lado. O efeito produzido era como a configuração de uma caixa. As outras duas asas cobriam os corpos das criaturas. Cf. Isa. 6.1-3, onde encontramos descrição semelhante. Em Isaías existem *seis* asas, não quatro. Duas delas eram para levantar vôo, o que não aparece no presente texto. De novo, o próprio autor não nos dá explicações, abrindo as portas para uma variedade de interpretações que nos deixam atônitos, mas há dúvida sobre a validade das idéias apresentadas. Talvez não possamos fazer melhor do que dizer alguma coisa simples, como John Gill, *in loc.*: "... os símbolos possam expressar agilidade, rapidez e a prontidão dos ministros para efetuar seu serviço".

1.12

Cada qual anda para a sua frente. A *locomoção divina* foi fornecida pelo poder do Espírito. As criaturas voavam sem bater asas, tinham propósitos nobres, não girando nem para a esquerda nem para a direita. Sempre souberam o que fazer e nunca falharam. Possivelmente, deveríamos entender que elas sempre foram guiadas pelo poder e providência de Deus. O *espírito*, isto é, o *querubim*, operava através das rodas, de alguma maneira não explicada e pouco clara (vs. 20). Devemos lembrar que as descrições são do *trono-carro* de Yahweh e que as criaturas faziam parte daquele aparelho. O Targum nos informa que elas se moviam para os lugares aos quais Sua vontade mandava, sem obstáculos, interferências ou oposição. Devemos entender que a ação era ditada por Yahweh, porque o trono-carro era Dele, afinal. O Espírito guiava os espíritos (anjos). O trono-carro de Yahweh era como um *ser vivente* composto de seres angelicais.

1.13-14

Os seres viventes agiam como fogo, com movimentos bruscos, brilhando como o relâmpago. O hebraico dos vss. 13-14 é difícil, o que dá margem a muitas adivinhações sobre os possíveis significados em pauta. A Septuaginta simplesmente deixa o vs. 14 fora, como impossível de ser entendido. De qualquer maneira, o vs. 13 fala sobre um fogo misterioso que se movimentava estranhamente, brilhava muito e lançava raios como o relâmpago. O julgamento de Deus provavelmente é assim simbolizado. O próprio profeta, mais uma vez, não fornece nenhuma interpretação, dando margem a que intérpretes brinquem com o assunto. A terminologia é típica daquela que descreve as *Teofanias* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. Sal. 18.12-13; 97.4; Gên. 15.17; Êxo. 19.16 e 20.18. O fogo era como tochas (João 18.3); como fachos (Juí. 15.4); como relâmpagos (Êxo. 20.18). Nenhuma exposição é adequada para descrever o divino. Temos as idéias de energia dirigida, de poder e atividade divina, de realização de propósitos divinos e de realização da vontade de Deus.

As Quatro Rodas (1.15-21)

1.15

Havia uma roda. Cada ser vivente era acompanhado por uma *roda* (vs. 15), dentro de outra (vs. 16), de maneira difícil de entender. Quando o profeta viu as rodas, elas estavam deitadas no chão, uma roda ao lado de cada ser vivente. O vs. 17 as descreve já em movimento. O vs. 19 nos informa que as rodas sempre acompanhavam as criaturas. Elas tinham aros com olhos brilhantes e visíveis a todos. Exercendo uma imaginação fértil, algumas pessoas vêem neste quadro os discos voadores, outro mistério dificilmente relacionado ao presente texto. Outras vêem os deuses visitando a terra, como seres extraterrestres, conjecturas interessantes que não têm nada que ver com Ezequiel e suas visões. Os discos voadores e seus pilotos parecem uma realidade temível, mas, no presente texto, trata-se de mais informações sobre o trono-carro de Yahweh, o Deus que realmente chegou à terra para ajudar os homens. Dan. 7.9 afiança que as rodas pertencem ao trono de Deus. Eram rodas de fogo ardente e brilhante. O deus-sol da literatura do Oriente antigo cavalga em um trono voador, na forma de um tipo de carro sobrenatural. Ver II Reis 23.11. A arqueologia descobriu modelos de argila que representam os tronos voadores dos deuses. O livro pseudepígrafo de Enoque 61.10 e 71.7 representa as rodas como seres divinos; em Ezequiel, elas *acompanham* os anjos, mas não são identificadas com eles.

1.16-17

As rodas eram objetos impressionantes, pela construção versátil e pela capacidade e aparência gloriosa. Elas brilhavam como as mais finas pedras preciosas, refletindo o sol. Eram semelhantes à *crisólita*, pedra dourada e preciosa, ou, talvez, ao *topázio*. Ver Eze. 10.9; 28.13; Êxo. 28.20; 39.13; Dan. 10.6. A palavra hebraica empregada aqui, *tarshish*, sugere que esta pedra era extraída em Tarso. As rodas foram construídas em pares, uma dentro da outra, transversalmente ou em ângulos retos; assim, podiam avançar em qualquer direção, sem girar. Elas avançavam, mas não precisavam girar para reverter direções, como faz uma roda simples. Os intérpretes ficam atônitos tentando imaginar como estas rodas funcionavam e qual foi a intenção do profeta ao escrever este texto. Novamente, o próprio autor não fornece nenhuma descrição que nos ajude a entender. Compreendemos, a despeito disto, que a vontade de Yahweh operava maravilhosamente nas ações das rodas, e que os poderes sobrenaturais permitiam ao trono-carro funcionar. O quadro apresentado fala da *Soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). A palavra de Deus governa este mundo e Seus propósitos são efetuados. A vontade divina é cheia de mistérios e poderes gloriosos pouco compreendidos pela mente humana. Seres vivos celestiais formavam o corpo do trono-carro de Yahweh, portanto havia uma unidade sagrada nele.

1.18

As rodas tinham aros para onde os raios se estendiam, sugerindo a complexidade da operação da soberania divina, repleta de inteligência e luz, porque os aros possuíam olhos. O olho simboliza a inteligência e a iluminação divina (Zac. 4.10). A fileira de olhos representa a onisciência divina (ver II Crô. 16.9; Pro. 15.3). Os olhos transmitiam, para o trono-carro, uma inteligência divina, porque Aquele que cavalgava era divino e também a fonte de toda a inteligência.

Idéias. 1. A multiplicidade dos olhos representa a plenitude da sabedoria de Deus, compartilhada pelos seres viventes, por serem servos de Deus. O olho é a janela da alma. 2. As rodas significam a providência de Deus guiada pela inteligência dos olhos. Não há sombra alguma em Deus. 3. Em Apo. 4.8, os quatro seres viventes são representados "cheios de olhos". Para os hebreus, Deus era tanto a *Causa Única* como a *Causa Controladora* de tudo. 4. As rodas são representadas "muito altas", quase além da visão humana. Sua altura é temível. Com tais descrições, o autor aumenta o resplendor da passagem. 5. Os olhos simbolizam o Deus que tudo vê (10.12) e tudo controla por Sua sabedoria. Cf. isto com o *Horus-olho,* dos amuletos dos egípcios, e com o *rhomb* (olho) tão comum nos cilindros-selos da Mesopotâmia.

1.19

Andavam as rodas ao lado deles. Os seres viventes eram constantemente acompanhados pelas rodas, compondo o trono-carro de Yahweh. Os seres carregavam o trono, sempre acompanhados pelas rodas. Assim, quando os seres viventes subiam, as rodas também subiam. Yahweh dava ordens para as subidas e descidas. As rodas pareciam extensões dos seres, em plena harmonia. A plataforma móbil obedecia a vontade do *Cavaleiro* divino, e o propósito divino operava através das criaturas, que operavam através das rodas. Desse modo, o propósito de Yahweh se efetuava em todos os detalhes.

1.20

O espírito os impelia. O espírito controla tudo, conforme deixa claro este versículo. O espírito aqui pertence a cada ser vivente. Devemos supor que o Espírito de Deus controle os espíritos. Não existe (na mentalidade hebraica) um espírito independente não controlado pelo Espírito. Aqui, temos unidade de propósito e de ação. O Coordenador é divino. O Cavaleiro está sentado no trono-carro vivo, cheio de sabedoria. Assim, cavaleiro-trono-carro-seres viventes-rodas formam uma unidade perfeita. Há harmonia e unidade nos céus e na terra. Yahweh controla todas as coisas.

Deus se move de forma misteriosa
Para realizar Suas maravilhas.
Implanta Seus passos no mar,
E cavalga por cima do tufão.

No profundo, em minas insondáveis
de habilidades que nunca falham,
Ele entesoura seus grandes desígnios,
E põe em obras Sua vontade soberana.

(William Cowper)

1.21

Andando eles, andavam elas. Este versículo amplia o vs. 20, descrevendo ainda mais claramente o que já tinha sido dito. O *trono-carro* de Yahweh tem quatro rodas localizadas em sua base e, sobre uma delas, uma criatura em pé, cujas asas se estendem para cima e formam horizontalmente um tipo de cobertura para o carro. Sobre o aparelho vivo, Yahweh está sentado, como em um trono voador. Ver vs. 26 para descrições do "trono em cima". A visão traz detalhes ainda mais fantásticos, à medida que prosseguimos.

1.22

Firmamento. O trono-carro ganha *dimensões cósmicas.* Em cima da cobertura, vemos uma figura que sobe acima do *firmamento.* Isto não significa meramente o *céu,* como alguns intérpretes supõem. Para os hebreus, o firmamento era um tipo de tigela de cabeça para baixo, feito de material duro. Desta maneira (segundo eles pensavam), uma cúpula se formava, fechando a terra e separando-a dos céus. Ver no *Dicionário* detalhes sobre estas noções, no artigo chamado *Astronomia,* onde há uma ilustração da cosmologia hebraica. No vs. 22, vemos Yahweh sentado no Seu trono-carro, que vai além das dimensões da terra e do céu. Ele preenche todo o espaço, numa majestade indescritível. O próprio firmamento brilha com esplendor celestial. A palavra hebraica envolvida é *raqim,* de *raqa,* "bater", implicando alguma coisa (como metal) formada por batidas repetidas. Em cima do firmamento está o grande *mar celestial,* as águas do céu, que na cosmologia hebraica não tinham nada que ver com a atmosfera da terra.

O *cristal,* cortado e formado artisticamente, é sólido; muitos rostos (facetas) refletem a glória de Deus. Seu esplendor é tão brilhante que o homem mal pode suportar sua visão.

1.23

Este versículo nos leva de volta às descrições dos vss. 11 e 21. As asas dos seres viventes são estendidas. Esticando para cima, formam a plataforma do trono-carro. Assim, as asas suportam a plataforma e, de alguma maneira fantástica, o próprio firmamento. O trono-carro torna-se o próprio cosmos em miniatura. Este belo toque da descrição nos pega de surpresa. As asas se ajuntam no topo, formando a plataforma, mas duas asas cobrem o corpo dos seres viventes, que formam o corpo do carro.

Embaixo da cúpula, as asas das criaturas vivas estavam esticadas...

(NCV)

A palavra *cúpula,* da NCV, é uma boa tradução, dando-nos a idéia de uma tigela colocada de cabeça para baixo. A cúpula fecha a terra, separando-a dos céus.

1.24

Ouvi o talatar das suas asas. Até este ponto da descrição, não há informação sobre o *modus operandi* da propulsão do carro. Certamente, as asas não foram descritas como se estivessem batendo. Mas agora ouvimos sons de propulsão, semelhantes ao das ondas do mar, ou ao barulho que muitas águas fazem ou, ainda, ao fluxo de um rio poderoso. O carro, quando imóvel, supostamente não produzia nenhum som, e os seres vivos baixavam suas asas em descanso. Nos salmos de entronização, quase sempre temos a figura do som de muitas águas. Ver Sal. 29.3; 93.4. Cf. Apo. 1.15; 14.2; 19.6. Na mitologia dos cananeus, temos descrições semelhantes que falam das lutas de Baal contra o Príncipe do Mar, ou de quando eles lutam no rio-Juízo.

Onipotente. A palavra hebraica aqui é *Shaddai,* um nome de Deus pré-mosaico. Esta palavra está relacionada à *montanha,* isto é, uma *força maciça.* Ver no *Dicionário* o artigo *Deus, Nomes Bíblicos de,* e cf. Gên. 17.1.

1.25

Veio uma voz de cima do firmamento. *Uma voz* é ouvida outra vez. Yahweh está em cima do firmamento e fala palavras de poder, dando ordens. A voz vem do trono-carro, que viaja rapidamente através dos céus. Yahweh dirige tudo, inclusive os movimentos dos seres viventes. Talvez este versículo seja uma ditografia (erro de copista) do vs. 24. Nove manuscritos hebraicos e um manuscrito siríaco o omitem. A voz de Deus é como o trovão. Cf. Sal. 18.13; Êxo. 9.23,28-29 e 20.18. Yahweh está acima da cúpula formada pelo firmamento. Às ordens divinas, o trono-carro pára, e a terra inteira, o *escabelo* de Deus, escuta a ordem que está sendo pronunciada. Yahweh controla tudo e enche os céus e a terra. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Soberania de Deus.*

1.26

A Visão da Glória Divina Continua. Agora vemos o próprio trono que está acima do firmamento. Ele brilha como uma safira, isto é, o *lápis-lazúli* (ver a respeito no *Dicionário*). A pedra tem um lindo azul, apropriado para esta descrição, porque é a cor da espiritualidade. Cf. Êxo. 24.10. Os pés de Elohim (no texto em Êxodo) descansam sobre um tipo de plataforma feita dessa pedra. Sentado sobre o trono-carro, Yahweh assume a forma humana. Tentando evitar um *antropomorfismo* (ver a respeito no *Dicionário*) crasso, o profeta fala "como se fosse humano", ao se referir a Yahweh. A Bíblia está repleta deste tipo de linguagem (que descreve Deus em termos humanos) por causa do nosso dilema lingüístico. Alguns intérpretes vêem aqui o Cristo pré-encarnado, mas esta idéia é um toque imaginário no qual o profeta não teria pensado. Os hebreus sempre descreveram Deus em termos humanos, mas isto dificilmente implica "encarnação".

1.27

O profeta tenta, neste versículo, descrever a figura "quase humana" ou "como se fosse humana". Naturalmente, todos estes tipos de descrições falham miseravelmente. A explicação começa falando de como a *Figura* era da cintura para cima e, depois, da cintura para baixo. A Figura brilhava como metal no fogo, como *bronze* brilhante, com uma grande luz que emanava ao seu redor. Sua glória tomava toda a cena, assustando as criaturas não-divinas. Cf. essa descrição com

as de Hab. 3.4; Sal. 97.3 e Dan. 7.9-10. Ezequiel fala de Deus como o *Mysterium Tremendum* (ver a respeito no *Dicionário*), mas cai no antropomorfismo que praticamente anula a grandeza das idéias apresentadas. De qualquer maneira, experiências místicas são essencialmente inefáveis, e "falar" sobre elas pouco nos ajuda. Procuramos futilmente usar termos comuns e conhecidos para expressar coisas que estão fora da nossa experiência. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo.*

Metal brilhante. Aqui temos a mesma palavra (âmbar, na edição revista e corrigida) que encontramos no vs. 4, onde existem notas. A cor amarela é celestial, lembrando o bronze derretido, ainda brilhante, e com fogo em seu interior. Cf. Dan. 10.5 e Apo. 1.14.

1.28

Como o aspecto do arco que aparece na nuvem em dia de chuva. Um *arco-íris* sobrenatural cerca o trono-carro. É um arco-íris glorioso, porque Yahweh se encontra nele. Suas muitas cores falam das perfeições divinas. De fato, ele é distinguido por sua harmonia de cores, dando uma visão espetacular aos homens da terra. Cf. Gên. 9.13-14; Apo. 4.3 e 10.1. Ele também nos faz lembrar da gloriosa promessa divina de salvação e preservação; é um tipo de "bandeira eterna" que flutua no céu, comunicando sua mensagem de paz.

Caí com o rosto em terra. O impacto da visão terrível e inesperada estarreceu o pobre profeta, jogando-o ao chão. Aterrorizado, o profeta permanece deitado na presença majestosa de Deus e continua ouvindo a voz celestial. Cf. Eze. 2.2; 3.23-24 e Apo. 1.17. O profeta sente profundamente sua fraqueza e indignidade, porque ele era, afinal, somente um verme-homem. Ver Jer. 1.6; Isa. 6.5; Gên. 32.30; Êxo. 20.19,20-24.11; Dan. 8.17 e Atos 9.4, onde há declarações similares.

Capítulo Dois

As Comissões (2.1 – 3.27)

A Tarefa é Dada ao Profeta (2.1-7)

Deus falou (Eze. 1.28), e enquanto falava, deu ao profeta o poder necessário para efetuar sua missão (Eze. 2.1-2). Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Os vss. 1-7 narram a tarefa confiada ao profeta.

Nos capítulos 2-3 encontramos cinco comissões distintas: a) Eze. 2.3-8; b) Eze. 3.4-9; c) Eze. 3.10-11; d) Eze. 3.17-21; e) Eze. 3.24-27. Todas elas foram dadas pelo poder divino e exigiam uma fidelidade excepcional para serem realizadas.

O Modus Operandi. Os capítulos 2-3 têm as comissões distintas. A primeira repete a chamada original; as outras acrescentam detalhes. O Espírito de Deus agiu atrás do profeta. Até Eze. 3.13, as palavras de Yahweh foram proferidas durante a visão introduzida no capítulo 1. Então, o profeta foi dirigido para a companhia dos cativos e lá ficou por sete dias (Eze. 3.14-15). Daí ele foi para uma planície (Eze. 3.22), onde outras visões apareceram (Eze. 3.23). O texto não informa quanto tempo esteve envolvido em todas estas atividades e mudanças de lugar.

2.1

Voz. Este versículo relaciona as circunstâncias com a visão do capítulo 1. O profeta recebeu o impacto da visão e perdeu o controle de suas pernas, que ficaram bambas, caindo no chão. Lá estava ele, tremendo e gemendo e, então, a voz de Yahweh veio do trono (Eze. 1.28), dando-lhe ordens para parar com a cena ridícula e levantar-se do chão. A voz o fortaleceu e continuou com a apresentação da comissão. O profeta recebeu direção e conforto, porque um homem cambaleante não pode efetuar coisa alguma. O poder divino passou a agir no homem-verme, que se transformou. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Filho do homem. Isto é, um *homem mortal* e fraco, nascido de mulher, um ser distinto entre as ordens da criação. O termo, em tempos posteriores, tornou-se um título messiânico e passou a referir-se ao Messias, a Jesus, ao Cristo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Filho do Homem.* Esta expressão se repete bastante em Ezequiel, mas não é um termo messiânico aqui. Cf. Eze. 2.8; 3.1,3-4,10,17; 4.1; 5.1. Ver também Núm. 23.19; Jó 25.6; Sal. 8.4; e Dan. 8.17.

2.2

Entrou em mim o Espírito. A *Voz* foi seguida pelo *ato* especial do Espírito de Deus, que entrou no homem e o transformou, dando-lhe *unção* divina. O Poder celestial tomou conta do profeta; sua mente foi radicalmente mudada e elevada; sua mensagem tornou-se poderosa; o divino entrou no humano e fez a diferença entre fracasso e vitória. Sobre a habitação do Espírito no profeta, ver também Eze. 3.12,14,24; 11.1; 5.24; 37.1; 43.5. O escritor deste trecho se esforça para comunicar a seguinte mensagem: Foi *Deus* quem capacitou aquele homem! Assim, qualquer homem de realização espiritual deve passar pelo mesmo processo de transformação. Cf. Isa. 6.5-7; Dan. 8.18; 10.15-19; Apo. 1.17. O *homem humilde* tornou-se um *leão* de Deus. Ele recebeu poderes especiais e coragem que não tinha antes, começou a viver inspirado pelo Poder do Alto e passou a trabalhar mais abundantemente do que todos os outros (I Cor. 15.10).

A Primeira Comissão (2.3-8)

2.3

Eu te envio aos filhos de Israel, às nações rebeldes. O povo quase sempre era rebelde, assim era tradicional enviar profetas para ajudar e instruir tais pessoas, perdidas em sua idolatria-adultério-apostasia. Israel (o norte) já tinha sido eliminado como nação pelo cativeiro assírio. Judá estava prestes a sofrer o mesmo destino. Aquele povo havia transgredido a lei mosaica da forma mais desgraçada, tornando-se perito em todos os tipos de idolatria e abominações sem-fim. Assim, o povo havia quebrado vergonhosamente a lei de Êxo. 20.3-4, um dos Dez Mandamentos. Nenhuma mensagem de profeta algum impressionou aqueles rebeldes; nenhuma ameaça, nem mesmo a da devastação do exército babilônico, causou a mínima impressão na mente dos apóstatas. Eles *exigiram* que o julgamento de Deus fosse cumprido. Quando o ataque veio, a maioria do povo foi massacrada. O pequeno restante foi levado para a Babilônia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico.*

Uma ilustração vívida da operação da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* foi fornecida para que todas as nações vissem. O restante, na Babilônia, recebeu o ministério de Ezequiel. Ele enfrentou um povo ainda rebelde. Quanto à deportação de Ezequiel, ver II Reis 24.11-15. O cativeiro duraria 70 anos (Jer. 25.11-12), e o povo que voltasse precisaria urgentemente de reformas. As profecias que encontramos em Ezequiel falam do tempo de advertência, antes do cativeiro, e do tempo de instrução, depois desse acontecimento.

2.4

Os filhos são de duro semblante e obstinados de coração. O povo se especializou em rebeldia, apostasia, adultério e todos os tipos de abominações imagináveis. Este versículo fala do coração *duro* e *obstinado* do povo. Uma lista miserável de adjetivos descreveu a condição daqueles réprobos. Ezequiel foi transformado em um homem de poder e autoridade, para tentar reformar os pecadores. A continuidade da nação de Israel (através da única tribo, Judá) dependia do sucesso do ministério do profeta.

Mas aquele povo era impudente e, literalmente, "duro de rosto". A expressão se repete em Eze. 3.7. Assim, o rosto do profeta também tinha de endurecer, para que pudesse enfrentar as pessoas. Para vencer os *obstinados,* o profeta precisava ser obstinado na causa do bem. O coração deles era inflexível no mal, duro como o diamante, por isso eles se rebelaram contra o jugo de Yahweh.

Senhor Deus. Isto é, *Adonai-Yahweh,* o nome divino que Ezequiel empregou mais freqüentemente, ocorrendo 217 vezes neste livro. No restante do Antigo Testamento, ele aparece somente 103 vezes. Ele é o *Senhor Eterno Deus,* o Soberano Eterno. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

2.5

Casa rebelde. O hebraico aqui é, literalmente, "casa de rebelião", um povo cuja característica principal era a rebelião contra a lei de Moisés e todas as direções e instruções que os profetas diversos tinham dado. Seu caso era patético e incurável. A expressão "casa de rebelião" aparece por 11 vezes neste livro, substituindo a expressão comum "casa de Israel". Aquelas pessoas deixaram de ser príncipes de Deus e tornaram-se rebeldes. Cf. Eze. 2.6,8; 3.9,26-27; 12.2-3,9,25; 17.12; 24.3. Ver a expressão *nação rebelde* no vs. 3 deste capítulo.

Hão de saber que esteve no meio deles um profeta. Ezequiel era um *profeta principal,* um homem de poder que tinha sido ungido para cumprir uma missão especial. Independentemente de aqueles rebeldes e apóstatas se arrependerem ou não, todos ficariam conscientes de que um grande homem de Deus havia andado no meio deles. Eles não teriam nenhuma desculpa, porque a luz era tão brilhante quanto poderosa. Mas o povo, cego por sua idolatria-adultério-apostasia, não podia ver a luz dos céus. De qualquer maneira, o povo não poderia alegar inocência. Cf. Eze. 33.53.

As profecias de Ezequiel previram o ataque babilônico, o cativeiro que se seguiria e as condições entre os cativos. Dando instruções e exortações durante o cativeiro, o profeta cumpriu outra missão importante. Uma restauração estava em

preparação. Deus nunca abandonou Seu povo, embora, periodicamente, fosse necessário castigá-lo severamente.

2.6

Não os temas... ainda que haja sarças e espinhos para contigo. O profeta enfrentaria o povo bravo e violento, totalmente sem consciência, como *sarças, espinhos e escorpiões.* Seria perigoso estar entre homens dessa espécie. Não o ouviriam humilde e cortesmente, mas responderiam a qualquer repreensão com palavras duras e cortantes. Olhariam para o profeta com rosto impudente, ameaçando-o com ações violentas. Eram assassinos e não hesitariam em matar de novo. O Espírito, naquele dia, o defenderia, ou ele não duraria até o pôr-do-sol. Estas descrições fornecem um quadro horripilante do caráter dos habitantes de Jerusalém que foram exilados na Babilônia. As catástrofes sofridas em nada contribuíram para modificar o comportamento deles, que haviam esquecido a definição da palavra "arrependimento", e, obstinados e duros, revelaram-se verdadeiros apóstatas. Cf. II Sam. 23.7; Can. 2.2; Isa. 9.18; Luc. 12.4 e I Ped. 3.14.

2.7

A Ordem Divina. A mensagem vinha do alto, não era uma invenção dos homens. Os apóstatas foram o objeto da palavra de fogo. Eles podiam reagir favorável ou negativamente, mas não escapariam do teste. Às vezes, o sucesso em uma missão é alcançado através da *tentativa,* sem ter sido cumprido o ideal. Ezequiel nunca mostrou receio nem favoreceu alguém por causa de sua posição, dinheiro ou poder. A *tentativa* de corrigir a apostasia de Judá já seria o seu sucesso. Mas eu digo: Oh, Senhor, poupe-nos desse tipo de sucesso.

> *O pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar.*
>
> (Romanos 8.7)

> *Para aquele que vence o inimigo,*
> *Vestimentas brancas serão dadas.*
> *Ante os anjos, ouvirá seu nome*
> *Confessado nos céus.*
>
> (John H. Yates)

A Mensagem para o Trabalho (2.8 – 3.11)

O Comer do Rolo (2.8 – 3.3)

A divisão entre os capítulos 2 e 3 é infeliz, porque o parágrafo não deve ser dividido ao meio. O comer do rolo pertence à primeira comissão. O profeta recebeu a palavra de Yahweh de maneira dramática (Eze. 2.8-3.3) e tinha a responsabilidade de entregá-la (Eze. 3.4-11). O rolo que o profeta comeu continha palavras escritas na frente e no verso do pergaminho. Palavras de lamentação e tristeza dominavam a mensagem, porque julgamentos severos seriam executados contra o povo da idolatria-adultério-apostasia. Cf. com o rolo de Zac. 5.1-4 e de Apo. 10.8-11, cujo texto sem dúvida é dependente de sua contraparte no livro de Ezequiel. Normalmente, as mensagens eram escritas em um lado só, mas os pergaminhos e papiros eram preciosos e, às vezes, para poupar espaço, os dois lados eram utilizados. O rolo produzido pelo profeta tornou-se um documento (divinamente) legal, uma acusação formal contra o povo reprovado. E também autenticou o ofício do profeta, porque a realização das ameaças seria a prova da origem divina da mensagem.

A Mensagem Global do Profeta. A mensagem aplicava-se ao povo, antes da deportação para a Babilônia, e também ao pequeno restante do povo que ficou cativo. Ezequiel acompanhou a primeira das três deportações. Ver a exposição em Jer. 52.28, onde é ilustrado o assunto das deportações múltiplas. Ver Eze. 3.21-22, de cuja deportação o profeta participou.

2.8

Abre a boca e come. O profeta recebeu ordem de comer o rolo e obedeceu à palavra de Yahweh, em contraste com o povo rebelde. De maneira dramática, ele comeu e assimilou o documento. Tendo feito isso, estava preparado para entregar a mensagem que passara a fazer parte de seu próprio ser.

As Ordens. Tome; leia; coma; assimile; fale. Estas foram as palavras de Yahweh. O profeta era o instrumento de comunicação, não o inventor daquilo que estava escrito. O ato de comer (ou receber intimamente), para ter a capacidade de entender e comunicar efetivamente, era figura comum no Oriente. Ver Jer. 15.16 e João 6.33-58.

2.9

Certa mão se estendeu para mim. A *mão* que entregou o pergaminho para o profeta saiu do nada. A mesma mão colocou o rolo na boca do profeta, porque a *boca* seria o instrumento para entregar os oráculos. Yahweh obviamente era a fonte da mensagem. Em Apo. 10.8-9, é um anjo que faz o serviço.

Nela se achava o rolo de um livro. O rolo era uma tira de papiro ou pergaminho enrolada em um bastão de forma cilíndrica, que facilitava seu uso; mas o material ali contido era uma longa fila de linhas escritas, de complicado manuseio e cujos trechos não eram fáceis de encontrar. Por isso, foi inventado o *códex,* o precursor do livro, com folhas soltas e presas por um lado. A palavra *volume* vem do latim, *volumen,* "movimento giratório, rolo".

2.10

O Livro Aberto. O rolo foi aberto para permitir que o profeta lesse seu conteúdo. Ele leu o material rapidamente e de imediato notou que estava cheio de lamentações, gritos de dor e trevas. Normalmente, os rolos eram escritos somente no lado da frente, mas este continha mensagens em ambos os lados. Então, ficou claro para ele o significado daquelas mensagens: a Babilônia iria massacrar Judá, e um pequeno número de pessoas terminaria cativo naquele lugar miserável. O profeta tinha seu ministério essencialmente entre os cativos na Babilônia. Ver na introdução ao livro de Isaías o gráfico que lista os profetas de Israel e Judá, dando datas e esferas de atividades.

Capítulo Três

Os primeiros versículos deste capítulo dão continuidade ao último parágrafo do capítulo 2, portanto não há uma divisão entre os dois. Começar um novo capítulo aqui é um erro infeliz. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Versículos, Divisão da Bíblia em.*

3.1

Filho do homem. Ver as notas sobre este título em Eze. 2.1. *Judá* receberia a palavra de Yahweh. Depois do cativeiro assírio do norte (as dez tribos), Judá tornou-se Israel, e Israel, tendo voltado do cativeiro babilônico, era essencialmente composto por um pequeno remanescente de Judá. O ministério de Ezequiel começou logo depois da queda de Jerusalém. O profeta acompanhou a primeira das três deportações. Ver notas adicionais em Jer. 52.28. Sem dúvida, o profeta já tinha alguma atividade antes do ataque da Babilônia, mas seu ministério principal se realizou entre os cativos. Ver as notas expositivas em Eze. 1.1 e também os comentários em Eze. 2.7. O vs. 11 deste capítulo aplica as profecias aos cativos; determinados versículos, todavia, falam de tempos anteriores ao cativeiro, demonstrados nas notas em Eze. 4.1-3.

Come. A ordem divina de "comer" o rolo já fora dada (Eze. 2.8) e é repetida. Assimilando a mensagem, o profeta teria capacidade de transmiti-la ao povo.

3.2

Ele me deu a comer o rolo. *O ato de comer o rolo* foi consumado pelo profeta obediente, que ficou preparado para a árdua tarefa de enfrentar os rebeldes de Judá. O Targum traz aqui: "Eu inclinei minha alma a ele e ele me ensinou, e me fez sábio concernente ao que foi escrito no rolo".

3.3

Filho do homem. Ver as notas sobre esta expressão em Eze. 2.1. Yahweh normalmente usava este título quando se dirigia ao profeta. O rolo *comido* encheu a boca, o estômago e os intestinos do homem, tomando conta dele. Assim ele ficou *cheio* da mensagem e preparado para entregá-la. Na boca, o rolo tinha o sabor de *mel* (muito doce), a substância mais doce conhecida pelos povos antigos. Mas a mensagem a ser entregue se revelaria *amarga* para o povo. O paralelo em Apo. 10.9-10 diz que o rolo era doce na boca, mas amargo no estômago. A mensagem era doce pelo fato de assim ser a sua fonte, mas sua realização era extremamente amarga, por causa da natureza perniciosa do povo. O *maná* dos céus era doce (Êxo. 16.31), mas tornou-se amargo pelos abusos dos homens. Cf. Jer. 15.16, Sal. 19.10; 119.103.

A Segunda Comissão do Profeta (3.4-9)

3.4

Ver informações sobre as *cinco comissões* de Ezequiel, na introdução ao capítulo 2. Este versículo talvez implique que o profeta devesse ir para Jerusalém

(ainda não destruída), para ali entregar a mensagem, pessoalmente; ou as palavras se aplicam ao pequeno restante de Judá, levado cativo para a Babilônia e chamado "Israel". O vs. 11 limita o assunto aos cativos, mas tal limitação pode não ser absoluta.

Casa de Israel. Esta expressão é usada 101 vezes, neste livro, e Judá ou o seu restante normalmente está em pauta. Ver Eze. 6.11 e 8.11-12. A palavra divina seria entregue àquele povo (Eze. 2.8-3.3), e os resultados subseqüentes seriam lamentações e gritos de dor e agonia (Eze. 2.10). O julgamento de Yahweh, efetuado através dos babilônios, seria extremamente amargo, mas, ao mesmo tempo, seria um fogo refinador. Todos os julgamentos de Deus são remediais. Aquele tempo de terror seria o *parto* de Judá (Israel). Dali emergiria o Novo Israel, muito pequeno, mas viável para começar tudo de novo. Em Eze. 2.3-7, o profeta recebeu a primeira comissão. Aqui, ele é equipado para a árdua tarefa de entregar a mensagem de maneira efetiva.

3.5

A missão do profeta não seria obstruída por nenhuma barreira lingüística ou cultural. Os recebedores da mensagem falavam a mesma língua do profeta e eram produtos da mesma cultura. "A casa de Israel" (ver as notas em Eze. 3.4) compartilhou a lei de Moisés e as palavras dos profetas com Ezequiel. Para realizar sua missão, Jonas precisou ultrapassar as barreiras de linguagem e cultura, mas venceu, embora relutantemente, por causa de seu racismo. Ezequiel escapou destes obstáculos, mas não seria fácil derrubar a apostasia. Ele enfrentou um povo obstinado, duro e apóstata (Eze. 2.3 ss.). As pessoas eram como um bando de escorpiões e cobras, com o rosto duro e arrogante, falando palavras ásperas e estúpidas.

3.6

Este versículo *repete,* essencialmente, as idéias dos vss. 4-5, acrescentando somente que a mensagem não seria aceita, a despeito dos esforços heróicos do profeta, embora todos entendessem perfeitamente seu conteúdo. Não houve mistério. *Ironicamente,* se o profeta tivesse pregado a povos estrangeiros, teria encontrado aceitação de sua pessoa e mensagem. Ver o capítulo 23, que também contém este pensamento. Mat. 11.21,23 fala algo semelhante. É experiência comum, na igreja, que pessoas criadas sob seu ministério freqüentemente sejam duras e menos receptivas do que os descrentes. Verdadeiramente, a pregação repetida revolta os ouvintes saturados, que ficam indiferentes, se não revoltados, com as muitas repetições "da palavra", pregadas com pouca imaginação. E sempre entra o coração perverso do ouvinte, porque, no fundo, ele é um rebelde e pecador contumaz, que exibe uma conversão superficial; para ele, a igreja é um clube social ou, pior ainda, um *palco de diversões.*

3.7

Casa de Israel. Ver as notas sobre esta expressão no vs. 4. Esta *casa do diabo* já havia abandonado Yahweh e sua herança espiritual, ou não teria estado cativa na Babilônia. Mesmo assim, o Poder Divino não desistiu. Mandou o profeta fazer mais uma tentativa de reformar os reprovados. Rejeitar o profeta é, *ipso facto,* rejeitar Yahweh.

Fronte obstinada e dura de coração. Isaías falou que aquele povo tinha o pescoço duro como ferro e a testa como bronze. A rebelião tomou conta do país inteiro. A casa real liderava a revolta e a apostasia. Judá se perdeu em sua idolatria-adultério-apostasia. Cf. João 15.20. "Aquele povo tinha a testa de uma prostituta, um rosto impudente, e havia perdido habilidade de sentir vergonha; tinha um coração como pedra. Houve poucas exceções" (John Gill, *in loc.*).

3.8

O profeta teria de enfrentar aqueles rostos duros e palavras irônicas. Precisaria, também ele, de uma testa dura, para poder enfrentar a de seus oponentes. Para efetuar o bem e entregar sua mensagem, deveria ser mais obstinado do que os reprovados na realização de suas maldades. Ver Jer. 1.18.

Este versículo expressa a *oposição* entre o povo, porque as pessoas viviam em mundos diferentes e em conflito. Isto é ilustrado dramaticamente em Amós 7.10-17; Jer. 20.7-18 e 26.1-24. O profeta precisava da força de um herói e da determinação de um anjo poderoso, para cumprir bem sua tarefa. A maioria raramente está com a razão, e o profeta não encontraria amigos para ajudá-lo.

O nome *Ezequiel* significa "fortalecido por Deus", e essa força deveria tornar-se um fato na vida dele. Ver sobre *Ezequiel (Pessoa)* no *Dicionário.* Recebendo força adicional do Espírito, o profeta não falharia, embora fosse amargamente atacado por seus inimigos. Sua força maior (divina) venceria a força menor (do demônio).

3.9

Dureza contra Dureza. Yahweh ilustra como Ezequiel seria mais forte do que os reprovados e ganharia a batalha moral e espiritual. Temos aqui um símile que ilustra dureza superior. A *esmeralda* é mais dura que a *pederneira.* A NCV e a Atualizada definem o *diamante* como mais duro que *pedra* (ou pederneira). A *testa* fala de *determinação* ou *desafio* (ver Isa. 48.4; 50.7). A determinação e a dureza do profeta venceriam a resistência dos pecadores. A pederneira era a pedra mais dura conhecida na Palestina, depois do diamante (ver Joel 5.2-3); era utilizada para fabricar armas e instrumentos agrícolas e para fazer facas. Obviamente, a determinação do profeta venceria qualquer tipo de dureza dos apóstatas. Ver Jer. 1.18 e cf. Isa. 50.7 e Jer. 8.17. O símile exibe a coragem e a fortaleza de mente que o profeta havia recebido da Fonte Divina. Nenhuma arrogância ou dureza de oponentes o venceria ou anularia sua missão. Ver Eze. 2.6.

A Terceira Comissão do Profeta (3.10-11)

3.10

Os capítulos 2-3 têm *cinco comissões* distintas. Ver a introdução ao capítulo 2, para uma discussão. O profeta tinha de *acreditar* em todas as palavras da mensagem dos céus e depois *transmiti-las* para os homens na terra. Ele precisava *receber* as palavras em seu coração e ouvi-las com ouvidos espirituais, ou seja, ter *absoluta recepção* (vs. 11). Deus preparou o seu coração com contatos místicos. O profeta já sentia a presença divina. Cf. Pro. 16.1 e Sal. 10.17. O homem preparado recebeu e entregou uma mensagem especialmente preparada para aquela hora de crise.

3.11

As Três Deportações. Depois do ataque do exército babilônico, que quase eliminou toda a nação de Judá, houve três deportações do pequeno restante do povo para a Babilônia. Para detalhes, ver Jer. 52.18. Quando Ezequiel começou seu ministério entre os cativos, tendo participado da primeira deportação, Jerusalém ainda não havia sofrido destruição, mas isto não demoraria. As profecias de Ezequiel se aplicaram tanto ao povo de Jerusalém quanto aos cativos, já na Babilônia. A *casa de Israel* (ver as notas em Eze. 3.4), isto é, *Judá,* era o objeto das denúncias dos céus. O presente versículo parece limitar *Israel* aqui às pessoas cativas na Babilônia. A despeito dos sofrimentos experimentados, eles permaneceram duros, obstinados e apóstatas. Assim, foi necessária sua purificação, como a prata se purifica no fogo. Talvez uma pequena porção fosse realmente purificada e se tornasse o Novo Israel, depois do cativeiro.

Idéias. 1. O profeta proclamava a mensagem do Soberano, *Adonai-Yahweh.* 2. Ele recebeu outro aviso sobre a tarefa que tinha para cumprir (Cf. Eze. 2.4-5). 3. O sucesso dele seria a realização da pregação e não a reação favorável do povo; alguns o escutariam, outros não; alguns obedeceriam, outros não. 4. O ministério de Ezequiel seria pequeno, já que dirigido a poucas pessoas, e esta condição continuaria por alguns anos. O profeta ficaria contente com a humildade da tarefa.

Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* é o nome divino geralmente utilizado por Ezequiel, sendo empregado 217 vezes neste livro, embora somente 103 vezes no restante do Antigo Testamento.

A Motivação do Trabalho (3.12-27)

3.12

Levantou-me o Espírito. O Espírito de *Adonai-Yahweh* (Senhor Soberano) levantou o profeta Ezequiel para um lugar de exaltação. A glória do Senhor acompanhou todo o processo. Sua voz soava como um grande terremoto (RSV), pois uma mensagem de poder estava sendo pronunciada. A voz falou: "Glória a Deus nas alturas". Cf. Isa. 6.3. A *exaltação* do profeta foi mental e espiritual, e não física; ele experimentou um transporte divino, místico. Cf. Eze. 8.3 e 11.1,24 e Atos 8.39. O vs. 15 mostra que o profeta ia para Tel-Abibe, local desconhecido atualmente que, sem dúvida, ficava perto de Quebar. Ver Eze. 2.2. Ver as notas no vs. 15 para maiores detalhes. Talvez o transporte tivesse sido literal, ou poderia ter sido somente na mente do profeta. A voz falou com *grande estrondo,* e o profeta obedeceu, como sempre. Ele levava a sério sua missão.

3.13

Ouvi o talatar... e o barulho. O alto som registrado no vs. 12 agora é descrito como idêntico àquele feito pelo movimento do trono-carro de Yahweh, que é o tema central do capítulo 1. Ver Eze. 1.24. Este texto indica que as rodas fizeram grande barulho. Cf. Eze. 1.1 e Zac. 14.5. O som temível lembra a marcha do exército babilônico e os sons que os pés dos soldados e cavalos faziam. O julgamento se aproximava e se anunciou com som assustador.

... que tocavam umas nas outras. O hebraico literal aqui é "beijar", em vez de "tocar". "As asas se beijavam umas às outras, cada uma e sua irmã", um toque fino de poesia. Ver Eze. 1.9,11,23.

3.14

O Espírito... me levou; eu fui amargurado. O profeta foi divinamente transportado. Seu espírito ficou *quente,* porque estava em alto estado de *agitação.* A palavra hebraica utilizada é *mar,* que pode significar *angústia,* em vez de *amargura,* que alguns intérpretes preferem. Também pode significar *raiva brava* (ver II Sam. 17.8) ou *descontente* (I Sam. 22.2). Talvez o texto diga que os pecados do povo enfureceram o profeta. Quando ele comeu o livro (Eze. 2.8 ss.), seu sabor era *doce,* mas a situação logo *azedou* (cf. Apo. 10.10). Ezequiel estava sentindo o poder de Yahweh e estava sendo preparado mentalmente para comunicar sua mensagem *amarga.* A *mão* do Senhor o guiava e impulsionava pelo fato de que sua tarefa era difícil. Ver sobre *mão* do Senhor, em Sal. 81.14, e sobre *mão direita,* em Sal. 20.6. Sem uma preparação divina, o profeta não teria tido força e determinação para cumprir sua missão. A metáfora da *mão* aparece 190 vezes no Antigo Testamento. Ver também Eze. 3.22; 8.1; 33.22 e 37.1.

3.15

Fui a Tel-Abibe. O transporte divino levou o profeta para *Tel-Abibe,* localidade desconhecida hoje, mas sem dúvida não distante de *Quebar* (ver a respeito no *Dicionário*). Aparentemente, considerável porcentagem dos exilados ocupava aquela região, que foi, por algum tempo, o "lar fora do lar" do profeta. Tendo chegado literal ou espiritualmente, o profeta se sentou entre os cativos, ficou naquela posição por alguns dias, sem nada falar, o que surpreendeu grandemente os que o acompanhavam. O próprio profeta, experimentando o poder e a presença do Senhor, ficou atônito com o acontecimento. Periodicamente, experiências místicas poderosas sacudiram a vida dele. A visão passou com o tempo, mas seus efeitos continuaram, fortalecendo Ezequiel. Ele carregava consigo o poder de seu chamado. Não conhecia ainda a natureza exata da sua missão nem podia antecipar o que aconteceria com ele no meio de homens rebeldes, mas seu espírito era forte e capaz para realizar qualquer coisa.

O Lugar Certo. É uma grande bênção estar no *lugar certo* da missão concedida por Deus. O profeta começou bem e já estava instruindo os exilados na região de Quebar. Esdras nos informa que alguns exilados moravam em Tel-Melá e Tel-Harsa (Esd. 1.59). A palavra babilônica *til abubi* significa *montículo.* Embaixo desses montículos, cidades inteiras foram enterradas, e os judeus passaram a construir suas habitações sobre diversos daqueles montículos. A palavra babilônica *abubu* significa *dilúvio,* e pode ser que essas cidades perdidas pré-dataram o dilúvio de Noé.

Por sete dias, assentei-me ali, atônito. Cf. Dan. 4.19 e Esd. 9.3-4. O silêncio dos lamentadores tem paralelo em Lam. 3.28. A posição usada para a lamentação era a sentada (Isa. 3.26; Lam. 1.1). *Sete dias* era o tempo típico para lamentações profundas (Jó 2.13). Cf. os *40 anos* da experiência de Moisés (Atos 7.23), e os *40 dias* de Elias (I Reis 19.3-8). Ver também Gál. 1.17. Devemos lembrar, ainda, a história da tentação de Jesus (40 dias), narrada em Mateus capítulo 4. Períodos específicos de tempo eram dedicados às situações consideradas importantes e decisivas.

Ezequiel Designado Atalaia de Israel (3.16-21)

3.16

Outra Etapa da Missão. O profeta teve sete dias de descanso e meditação. Então, o poder de Yahweh o pegou novamente. Agora chegara o tempo de agir, pois a mensagem tinha de ser entregue aos exilados. A *comissão* do profeta foi renovada e ele sentiu grande responsabilidade de agir como um herói. O Targum nos informa aqui que "a palavra de profecia" foi dada a Ezequiel, nesta experiência; assim, ele ficou qualificado para agir como profeta de Yahweh.

3.17

Filho do homem. Yahweh freqüentemente utilizou este título para referir-se ao profeta. Ver as notas expositivas em Eze. 2.1. Aquele fraco filho de homem seria feito o poderoso *atalaia* de Israel. Cf. Isa. 56.10; Jer. 6.17 e Osé. 9.8, onde o mesmo título é empregado. Os atalaias se posicionavam sobre os muros da cidade, sobre topos de colinas, às vezes sobre torres de água ou instalações militares, pois precisavam de visão panorâmica. O trabalho deles consistia em avisar o povo sobre a aproximação de qualquer perigo. Eles serviam como protetores do povo e trabalhavam em favor do seu bem-estar. Ezequiel tornou-se o atalaia espiritual do pequeno remanescente de judeus no cativeiro babilônico. Um Novo Israel estava sendo preparado por seus esforços. Seu trabalho era "pequeno", mas tinha grandes implicações. O atalaia avisou o povo da chegada do julgamento, por causa de sua idolatria-adultério-apostasia. Ele deu instruções morais e espirituais. A figura do *atalaia* será repetida em Eze. 33.2-6. Ver também I Sam. 14.16; II Sam. 18.24-27; II Reis 9.17-20 e Isa. 21.6.

3.18

As advertências espirituais dos vss. 18-21 não se referem à alma e à condenação eterna em uma vida além do sepulcro, embora, comumente, intérpretes utilizem este trecho com tal aplicação. Podemos fazer essa *aplicação,* porque as palavras são aptas a esse fim, mas o que está em pauta é a destruição pelas mãos dos babilônios. As palavras podem incluir a idéia de desastres, pragas e revoltas da natureza, que massacram a vida humana. A *vida* prometida aos obedientes e convertidos seria tranqüila e longa na Terra Prometida, onde os habitantes teriam o privilégio de promover o culto a Yahweh, fonte de todas as bênçãos. Em outras palavras, o texto se refere à salvação temporal, não espiritual.

Casos Específicos:

1. O *primeiro caso* estipulado é o do homem pecaminoso, rebelde, apóstata (coletivamente, Judá-Jerusalém); este ímpio recebe a advertência de Yahweh. Os babilônios trariam a morte, que chegaria na forma de um imenso massacre. Presumivelmente, o próprio profeta pereceria com o povo. Além dos ataques dos babilônios, haveria doenças, desastres naturais e uma variedade espantosa de calamidades. Mas nada, no trecho presente, fala sobre a alma e o julgamento do outro mundo.

É óbvio que este texto não menciona nada sobre o problema da segurança do crente, embora alguns intérpretes o utilizem desta maneira. "A referência aqui é obviamente à morte física" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

3.19

2. O *segundo caso* é o reverso do primeiro (vs. 18). Se o profeta cumprisse sua missão, mas os desobedientes permanecessem rebeldes e morressem nessa condição, ele entregaria sua vida por causas destas conseqüências. Cf. Isa. 49.4-5; Atos 20.26 e I Tim. 4.16.

3.20

3. O *terceiro caso* é o do homem justo (segundo os padrões do Antigo Testamento, o homem que obedece à lei mosaica e participa do culto a Yahweh). Este homem cumpre seus deveres, mas finalmente *abandona* sua fé (como Judá fez quando correu atrás da idolatria de seus vizinhos). Este homem, ontem justo, agora é um ímpio como o resto da Judá apóstata; contra ele Yahweh agirá; sua bondade anterior não o ajudará nem um pouco. Com a iniqüidade, ele *anula* sua condição anterior, cai e morre. Todavia, o ministro que o advertiu fica livre de sua culpa. O texto não se refere a um homem que ontem estava *salvo,* mas hoje está *perdido,* e, se morrer nesta condição, sofrerá julgamento eterno; esta é a interpretação de alguns ansiosos que querem um *texto de prova* para sua doutrina arminiana. O texto fala especificamente do golpe de morte do exército babilônico, que executou uma nação inteira e obviamente dos indivíduos daquela nação. A segunda morte não está em pauta.

Tropeço. Cf. Isa. 8.14; I Cor. 1.23; Rom. 8.32-33; I Ped. 2.8. A bondade que o homem praticou no passado não pode agir como um tipo de *crédito,* para evitar conseqüências desastrosas de uma vida pecaminosa presente. Ele não pode tirar algum dinheiro de seu banco espiritual e pagar os débitos de uma vida atual de apostasia. *A Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) garantirá que esse homem pague o que deve: ele morrerá.

3.21

4. O *quarto caso* é o do homem bom que se tornou melhor ainda. Os ensinamentos do profeta fiel o ajudaram; ele obedeceu aos mandamentos e agiu com justiça. Esse homem será poupado das calamidades que trazidas pelos babilônios. Ele também escapará aos castigos da natureza, não ficará doente, terá uma vida longa, saudável e próspera. É bom negócio ser bom. Cf. o sentimento do Novo Testamento:

> *Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo.*
>
> (Hebreus 13.17)

Quinta Comissão (3.22-27)

3.22

A mão do Senhor veio sobre mim. A *mão do Senhor* (isto é, Sua direção e poder) estava com Ezequiel. Ele tinha direção e controle divino. Naquela condição, dirigiu-se a um vale. Talvez este lugar fosse o mesmo onde ele recebeu, subseqüentemente, a visão dos *ossos secos* (Eze. 37.1). O mesmo termo deste texto é usado em Gên. 11.2, para falar do território da parte inferior da região dos rios Tigre e Eufrates. No vale, o profeta teria paz e estaria mais sujeito à revelação. As distrações da vida na comunidade seriam apagadas temporariamente. Em um lugar isolado, longe de homens incrédulos, o poder de Yahweh se manifestaria mais livremente, e o profeta receberia palavras divinas no meio de visões sobrenaturais. Cf. a experiência de Jesus descrita em Mat. 4. Ezequiel andaria com Yahweh e sentiria a Sua presença.

Levanta-te e sai. Ver sobre as *cinco comissões* que o profeta recebeu, na introdução ao capítulo 2. Este trecho contém certa confusão. Primeiro, o profeta (presumivelmente na sua casa, vs. 24) foi chamado para uma planície ou vale, para receber o oráculo. "Lá fora", recebeu uma visão da glória do Senhor, enquanto descansou em um vale de paz. Voltando imediatamente para casa, ficou amarrado em cordas e emudecido pela força do Senhor, permanecendo assim até receber ordem de abrir a boca para continuar com sua missão profética. A mudez do profeta é mencionada de novo em Eze. 24.25-27 e 33.21-22. Houve períodos em que não foi permitido a Ezequiel profetizar; sem duvida, nestes tempos, o povo afundou mais e mais nas suas corrupções. De qualquer maneira, um julgamento severo seria o resultado de tais coisas, para quase todos.

3.23

Saí para o vale, e eis que a glória do Senhor estava ali. *Na Planície de paz,* a glória de Yahweh iluminava tudo. Cf. esta experiência com aquela descrita em Eze. 1.1, ocorrida perto do rio Quebar. O profeta viveu mais uma experiência mística elevada. Pelo poder divino, ele estava sendo transformado no tipo de homem necessário para a realização de uma missão especial. Como antes (Eze. 1.28), o efeito da visão foi tão poderoso, que o profeta perdeu o equilíbrio e caiu no chão.

3.24

O Espírito... me pôs em pé. Como antes, o Espírito de Yahweh colocou o pobre homem em pé, para que pudesse receber a mensagem. O profeta recebeu ordem para voltar para a casa que mantinha na vila, onde um grupo de exilados morava perto do rio *Quebar.* Na privacidade de sua própria casa, ele receberia mais instruções espirituais, inclusive a lição material de ser amarrado em cordas. Esta lição serviria de parábola ou metáfora de ensino. Primeiramente, o profeta sofreria *impedimentos,* antes de ser libertado para cumprir sua missão profética. Ele não poderia ter contato com os outros judeus no cativeiro. Certos líderes podiam visitá-lo para receber a palavra de Deus (ver Eze. 8.1; 20.1), mas o tempo de seu ministério *público* ainda não tinha chegado. O profeta passava por um período de preparação e condicionamento.

Talvez seu confinamento na casa simbolizasse o ataque dos babilônios contra Jerusalém, seguido por outras deportações que produziriam *confinamento* do pequeno restante do povo. Jerusalém seria colocado em uma gaiola, como um passarinho, e aqueles pobres *passarinhos* seriam confinados nas *gaiolas* da Babilônia.

3.25

Porão cordas sobre ti. *O Primeiro Impedimento.* O profeta foi amarrado em cordas.

Explicações. 1. Alguns intérpretes imaginam que os inimigos do profeta tivessem ido à sua casa para amarrá-lo, impedindo-lhe circular entre o povo; já estavam cansados de suas denúncias. 2. Outros acham que o ato de amarrar era figurativo e espiritual, e não literal, resultado do trabalho do Espírito de Yahweh. 3. Outros ainda acham que as cordas eram as forças da oposição, a incredulidade do povo, não cordas literais. Mas o texto deixa claro que o impedimento era *de Yahweh.* Seu propósito estava sendo realizado. 4. Mesmo assim, é verdade que aquele povo apóstata impediu a missão do profeta, amarrando-o com sua oposição e ameaças de violência. Cf. João 1.11: "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam". 5. O profeta foi amarrado; esta circunstância se referia ao fato de que os ímpios eram e continuariam sendo amarrados pelo poder da Babilônia: houve três deportações do povo. Ver as notas em Jer. 52.28.

3.26

Ficarás mudo. *Outro Impedimento.* Ezequiel foi *emudecido.* A missão profética (pública) estava adiada. O povo apóstata seria forçado a passar sem instruções. Sua taça de iniqüidade estava quase cheia; o julgamento era iminente. Quando o profeta começou a dar suas advertências, era tarde demais. O povo ficaria além da chamada de arrependimento. Por causa de sua idolatria-adultério-apostasia, o povo perdeu sua oportunidade, exceto por poucos que seriam transformados para constituir o Novo Israel depois do cativeiro.

Aparentemente, a *mudez* do profeta era intermitente. Ezequiel tinha períodos de atividade profética. O vs. 27 deste capítulo bem como Eze. 33.22 demonstram este fato. Os *impedimentos* que o profeta sofreu eram julgamentos do povo. Aquela gente já estava sob julgamento, a *cegueira judicial.* Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete *Julgamento que Cega (Cegueira Judicial).* Eles rejeitaram Yahweh, e Ele os rejeitou de acordo com a *Lex Talionis* (retribuição de acordo com a gravidade do crime; ver a respeito no *Dicionário*), isto é, pagamento "em gênero", recebendo de acordo com o que foi feito.

3.27

Quando eu falar contigo, darei que fale a tua boca. *Ezequiel* não seria para sempre um *profeta silencioso.* Com o tempo, sua boca foi aberta para falar. O Espírito estava controlando a situação e operando segundo Sua vontade. Todos os elementos se harmonizavam perfeitamente. Não houve lapsos na execução do plano divino.

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh,* isto é, *Soberano Eterno,* o título divino comum deste livro, aparecendo 217 vezes. Aparece somente 103 vezes no restante do Antigo Testamento. A missão do profeta seria realizada de acordo com a *Soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). Quando o profeta ficava em silêncio, era porque Yahweh não tinha falado; quando abria a boca, era inspirado por Yahweh. O ministério do profeta mesclaria períodos de silêncio com períodos de pregação. Como o *atalaia* de Israel (Eze. 3.16 ss.), ele se harmonizou perfeitamente com a mente divina. Sua mudez seria *intermitente.* Sua palavra encontraria receptividades radicalmente diversas. Alguns o escutariam; amém! Outros não o fariam; assim seja! A grande maioria dos rebeldes não se converteria, e sofreria o devido castigo. Yahweh não esperava "sucesso de números" da parte do profeta. Cf. as palavras de Jesus em Mat. 11.15; ver também Mat. 13.9; Mar. 4.9,23; Luc. 8.8.

> *Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.*
>
> (Lucas 14.35)

A pregação era seu próprio sucesso. O dever do atalaia seria realizado a despeito da rebeldia dos ouvintes.

Capítulo Quatro

Profecias contra Judá e Jerusalém (4.1 – 24.27)

O Destino de Jerusalém; o Exílio do Remanescente (4.1 – 5.17)

Os capítulos 4 e 5 formam uma unidade que contém *cinco ações* dramáticas:

1. Ezequiel recebeu a ordem de desenhar, em um tijolo, um quadro de Jerusalém, e dar-lhe uma olhada severa, simbolizando a ira de Deus contra aquele lugar (4.1-3).
2. Seria necessário que o profeta ficasse deitado e amarrado por 390 dias, do lado esquerdo, simbolizando os anos da punição de Israel; então, deitaria do lado direito por 40 dias, simbolizando os anos de punição de Judá (4.4-8).
3. Ele comeria comida e beberia água em pequenas quantidades, sujeitas à dispensa, simbolizando as dificuldades que o povo passaria com a simples alimentação diária (4.9-11,16-17): *o racionamento.*
4. Então, o profeta seria obrigado a comer comida preparada de maneira *imunda,* contra as leis dos judeus, simbolizando como Judá, no exílio entre os pagãos, seria obrigado a comer coisas imundas (4.12-15).
5. Depois, foi-lhe ordenado cortar o cabelo com uma espada afiada, destruí-lo de diversas maneiras e em diversos lugares, simbolizando o destino violento que esperava Judá (5.1-17).

Estes atos dramáticos enfatizaram a *seriedade* dos pecados do povo e como este merecia a destruição que os babilônios iriam trazer. Cf. Eze. 13.1-11; 18.1-22; 19.1-13; 17.1-15; 35.1-19. Ver também Isa. 8.1-4 e 20.1-16.

O Símbolo do Sítio (4.1-3)

4.1

Toma um tijolo... grava nele a cidade de Jerusalém. *A Primeira Ação Dramática. O Ataque dos Babilônios.* A arqueologia descobriu muitos tijolos que

serviam de veículos de comunicação. Entre estas descobertas, figuram tijolos das cidades da Palestina. Um relevo mostra o ataque de Senaqueribe contra Laquis, que aconteceu no tempo de Ezequias (II Reis 18). Os assírios são representados destruindo todas as fortificações da cidade e ganhando entrada para efetuar seu massacre.

O formato de Jerusalém era distinto, portanto qualquer um reconheceria a cidade representada em um desenho. A cidade foi "marcada para a aniquilação".

4.2

A Obliteração de Jerusalém. Este versículo apresenta uma lista das coisas que seriam destruídas: as fortificações, os muros, as torres – tudo ruiria. Nada resistiria aos aríetes dos babilônios. Jerusalém era poderosamente fortificada, assim a demolição durou 30 meses. Mas quando os soldados, cheios de raiva, conseguiram seu intento, efetuaram uma grande matança de homens, mulheres, crianças e até animais. Foi um verdadeiro holocausto. Talvez o profeta utilizasse, além do tijolo, modelos de argila para representar o amargo destino da cidade. Cf. II Reis 25.1 e Jer. 52.4.

4.3

Toma também uma sertã de ferro. *Um Ataque Eficaz.* A *sertã de ferro* era um tipo de grade utilizado para assar pão e outras comidas. Ver Lev. 2.5 e 7.9. A peça representava o *muro* da cidade que Yahweh colocou entre Si mesmo e a cidade. Alguns intérpretes acham que este versículo deve ser combinado com o vs. 2. Nesse caso, a sertã de ferro representaria todos os *diversos mecanismos* do ataque ali mencionados.

> *Pelejarei eu mesmo contra vós outros com braço estendido e mão poderosa, com ira, com indignação e grande furor.*
>
> (Jeremias 21.5)

O próprio autor não dá nenhuma explicação desta *sertã*, assim, os intérpretes têm licença para fazer adivinhações. 1. Talvez a peça significasse um muro de ferro que não deixaria ninguém escapar ao ataque. 2. Ou os próprios soldados são vistos como o muro de ferro, implacáveis, ferozes e destruidores. Este muro de ferro seria mais forte do que o muro de tijolos da cidade. 3. Yahweh ficou distante, deixando o muro de ferro separá-Lo do povo rebelde. Ele não defenderia a cidade que sofreria morte agonizante. O Rosto Divino estava contra os apóstatas, e o profeta, para simbolizar isto, deu uma olhada severa para o tijolo que tinha a representação da cidade. Todos os itens dos vss. 2-3 serviam como "sinal" do desprezo divino contra a cidade iníqua. Sua destruição foi implacavelmente determinada como resultado da *Lei da Colheita segundo a Semeadura* (ver este artigo no *Dicionário*). A hora decisiva tinha chegado. O gesto de "dirigir para ela o teu rosto" é utilizado 14 vezes neste livro. Cf. Eze. 6.2.

Símbolo da Duração do Exílio (4.4-8)

4.4-5

Porque eu te dei os anos da sua iniqüidade... *A Segunda Ação Dramática.* Os vss. 4-5 não são claros. O profeta é representado como permanecendo deitado do lado *esquerdo* por 390 dias (os dias representam anos), e isto se relaciona a *Israel.* Mas fica duvidoso como calcular estes anos. É claro que eles falam de anos de punição para o norte. "Sua culpa ficará sobre você o número de dias (anos) que você ficar do seu lado esquerdo" (NCV). Podemos afirmar, de maneira crua, que os anos envolvidos se estenderam do tempo da divisão dos dois reinos (Israel separado de Judá) até 538 A. C., quando o remanescente de Judá voltou do exílio babilônico. Este período, aparentemente, é entendido pelo profeta como o tempo do cativeiro de Israel. Aquele tempo acabou quando Judá tornou-se o Novo Israel. As dez tribos não voltaram, pondo fim ao cativeiro, mas o equivalente era o estabelecimento de um novo reino, marcando um novo dia. É fútil manipular os anos para obter exatamente 390. O número é arredondado e representativo, não exato. Alguns entendem os dias literalmente (não como anos) e procuram mostrar que o ataque ao norte durou aquele número de dias, mas poucos aceitam esta interpretação. Alguns intérpretes entendem o período como aquele da idolatria de Israel, outra interpretação menos provável.

Provavelmente a ação de deitar era simbólica, não literal. É difícil imaginar o profeta imóvel durante tanto tempo.

4.6

Levarás sobre ti a iniqüidade da casa de Judá. Deitando-se de novo, o profeta estava do seu lado direito, dando o rosto para o *sul*, isto é, para *Judá.* Naquele momento, carregava a iniqüidade da casa de Judá, vicariamente. Ele continuou nessa posição por 40 dias (cada dia representando um ano). O cativeiro babilônico, de fato, durou *70 anos* (ver Jer. 25.11-12). Talvez o autor considerasse o número 40 suficientemente próximo a 70 ou, mais provavelmente, tenha empregado o velho símbolo do número 40 como um período de provação. Neste caso, 40 representa *a essência* do sofrimento no período de 70 anos. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Quarenta,* para uma discussão das muitas vezes que este símbolo aparece nas Escrituras.

Alguns intérpretes acrescentam 40 a 390, produzindo 430 anos. Então, supõem que este número fale *do futuro,* estendendo os anos até o tempo dos macabeus; especificamente 167 A. C., o ano da revolta, que preparou o palco para a independência de Israel. Todavia, os anos do texto são *históricos,* não proféticos.

O próprio autor não oferece interpretações e nos força a adivinhar e a escolher entre as diversas possibilidades.

4.7

Voltarás, pois, o teu rosto. Cf. Lev. 17.10; 20.3,5-6; II Crô. 20.3. O gesto é de ameaça, propósito firme e determinação.

Com o teu braço descoberto. O autor já havia descrito as punições que o norte e o sul tinham de sofrer por causa de sua idolatria-adultério-apostasia. Agora, ele começa a relatar o próprio ataque do exército babilônico. O profeta levantou o braço, para dar o golpe mortal, e seu braço significa o braço do Senhor. Para libertar seu braço e dar o golpe feroz, ele retirou sua longa roupa oriental, deixando-o descoberto. Ver Isa. 52.10, onde temos uma descrição semelhante. Aqui, temos o *braço atacante* de Yahweh. O ataque refinaria Judá, retirando-se da escória geral, uma pequena porção de prata que se transformaria no Novo Israel depois do cativeiro.

4.8

Eis que te prenderei com cordas. Cf. Eze. 3.25. Não foi permitido ao profeta fazer coisa alguma até a realização do ataque que traria o golpe mortal. Ele não podia pregar a paz, fazer promessas ou oferecer conforto; não podia nem mesmo conclamar o povo ao arrependimento. Ele estava preso *com cordas* e totalmente imobilizado. O terrível propósito de Deus tomou o palco inteiro. Os apóstatas pagariam seu débito. A nação, já sob julgamento judicial, colheria os "frutos" de sua rebeldia. Não haveria misericórdia ou mudança que pudesse melhorar as circunstâncias. O Targum traz esta declaração pitoresca: "Eis o decreto da minha palavra, que está sobre ti como um complexo de cordas".

O Símbolo do Racionamento (4.9-11,16-17)

4.9

A Terceira Ação Dramática. Os vss. 9-11,16-17 falam tanto de *racionamento* como de *comidas imundas,* e as ações do profeta simbolizam as duas coisas. O fornecimento de comida e água da cidade, durante o ataque babilônico, seria severamente restrito (cf. II Reis 7.1,4 e Jer. 37.21). A situação ficou tão dramática que os habitantes da cidade comeram seus próprios filhos! (Lam. 2.20). O povo misturou diversos tipos de grãos na mesma massa, porque não havia quantidade suficiente de *um só tipo* para fazer o pão. Este pão "estranho" foi consumido por 390 dias, enquanto o profeta (simbolicamente) se deitava do lado esquerdo (ver os vss. 4-5). Isto descreveu os sofrimentos de Judá no seu julgamento. Aqui, o autor omite qualquer menção aos 40 dias (anos) de punição de Judá. Talvez tenha sido um descuido ou, supostamente, devamos entender que os 390 dias (anos) simbolizam o julgamento divino *dos dois reinos.* Neste caso, o autor não se interessou em fazer descrições exatas nem que estivessem em harmonia com o que ele já tinha escrito. O próprio autor não explica o porquê da omissão.

Escassez e poluição andaram de mãos dadas quando Judá foi julgado. O *pão estranho* foi cozido sobre um fogo que queimava esterco humano, ação inimaginável para qualquer judeu, mas permissível para os pagãos. O pecado e a rebelião reduzem o povo a nada.

4.10

A tua comida será por peso... de tempo em tempo a comerás. *Restrições Severas. As quantidades* de líquido e comida eram restritamente controladas pelo fato de os estoques estarem diminuídos, e nenhum fornecimento chegaria de fora da cidade. O ataque prometeu fome e destruição pela espada. Uma pessoa podia comer somente 20 siclos por dia, isto é, 200 gramas, uma quantidade miserável que não sustentaria a vida por muito tempo. Hoje, certos restaurantes vendem refeições *por quilo.* Supostamente, uma pessoa poderia comer um quilo em uma única refeição! O ato de controlar a comida *por peso* era sinal de que a fome total estava às portas. Cf. Lev. 26.26.

4.11

Beberás a água por medida... de tempo em tempo a beberás. A água que uma pessoa podia beber por dia era 1/6 de um *him*, ou cerca de 0,6 litro, quanti-

dade que talvez servisse para uma única refeição, mas não para um dia inteiro. Infecções urinárias logo tomariam conta do povo. Aparentemente, estas pequenas quantidades de comida e água seriam tomadas ao longo do dia, não em uma única "refeição". Mas os intérpretes não concordam neste ponto. De qualquer maneira, existiriam pequenas mordidelas e goles mesquinhos de líquido, enquanto os estoques fossem sumindo. Ao mesmo tempo, haveria o clamor dos soldados babilônicos fora dos muros da cidade. A nação seria executada, finalmente, e os sofrimentos seriam terríveis. A tradução de RSV e NCV dão impressão de que haveria uma única refeição por dia, se é que podemos chamar aquilo de refeição.

O Símbolo da Comida Imunda (4.12-15)

4.12

Bolos de cevadas; cozê-lo-ás sobre o esterco do homem. *A Quarta Ação Dramática.* Ver no *Dicionário* o artigo *Limpo e Imundo.* Quanto ao fato de o esterco humano ser considerado *imundo,* ver Deu. 32.12-14. Osé. 9.3 mostra que o remanescente das Dez Tribos cativas na Assíria foi forçado a comer comida imunda. Eles haviam descido ao paganismo e tiveram de praticar os costumes pagãos. Foram abomináveis e praticaram coisas abomináveis. Dan. 1 informa que os jovens hebreus recusaram comer de acordo com os costumes da Babilônia, pedindo tratamento especial na questão de comidas e bebidas. Assim, eles se preservaram das abominações do paganismo. Todavia, Judá, sob ataque, não podia comer e beber de acordo com as leis que estipulavam o que era limpo e imundo. Esta circunstância continuaria para o remanescente no cativeiro, os quais, tendo agido como os pagãos, terminariam comendo e bebendo como eles, para sobreviver. *O profeta* devia cozer bolos de cevada sobre as cinzas quentes de um fogo que utilizava esterco humano por combustível. Inevitavelmente, a comida tocaria no esterco e a pessoa que a ingerisse consumiria certa quantidade da imundícia! Hoje, é praticamente impossível comprar legumes e verduras não contaminados com E Coli, a bactéria dos intestinos de animais.

À vista do povo. O profeta prepararia sua refeição ante os olhos do povo, pregando uma lição metafórica, e todos ficariam revoltados com a cena. Os bolos eram cozidos diretamente nas cinzas e o contato com o esterco era inevitável. Todo o povo, portanto, ficaria poluído e *imundo,* segundo as leis do "limpo e imundo". A necessidade de ingerir comida imunda revelou a imundície do próprio povo. Os imundos seriam julgados e queimados pelo fogo do exército babilônico, pois Yahweh tinha perdido a paciência com eles.

4.13

O Povo Imundo. Os judeus levados cativos para a Babilônia seriam forçados a comer tais bolos imundos, naquele país para onde Yahweh os encaminharia. Eles haviam praticado abominações e seriam forçados a praticar outras abominações no cativeiro, por causa da sua idolatria-adultério-apostasia. Ficariam cerimonialmente imundos, porque já eram moral e espiritualmente imundos. A *Lei da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) determinaria o destino miserável daqueles apóstatas. Devemos lembrar que os judeus não fizeram nenhuma distinção entre a lei cerimonial e a lei moral, porque para eles o cerimonial (usando o termo cristão) era altamente moral. Assim, comer comidas imundas era um ato abominavelmente imoral.

Séculos depois, o presente versículo seria usado pelos rabinos como texto-prova para indicar que o homem que não lavasse e secasse as mãos antes de comer automaticamente ficaria imundo.

4.14

Eis que a minha alma não foi contaminada. *O Profeta Revoltado.* Ezequiel fez objeções clamorosas contra o uso de esterco humano como combustível, para cozinhar seus bolos de cevada. Ele sempre observara cuidadosamente todas as leis cerimoniais. Nunca havia comido um animal que tivesse morrido espontaneamente, por acidente ou doença, ou que fosse morto por outro, ou tivesse sofrido ferimento grave; nunca havia comido animais proibidos, como o cavalo, camelo, cobra etc. Cf. isto com a história de Pedro, em Atos 10.14.

Carne abominável. Isto é, carne que ainda tivesse sangue, não tendo sido apropriadamente drenada; carne de animais proibidos ou com mau cheiro, por já ter entrado em decomposição. A carne de animais mortos há três dias ou mais era proibida (Lev. 7.17; 19.6-7); ainda não havia refrigeração. Nos sacrifícios, a carne era consumida no mesmo dia ou, no máximo, dentro de 24 horas. Ver Lev. 17.11-16; Deu. 12.16; Êxo. 22.31.

4.15

Esterco de vacas, em lugar de esterco humano. *Yahweh cedeu,* permitindo que o profeta utilizasse esterco de vaca como combustível. A vaca figurava entre os animais limpos, até *nobres,* porque era um dos cinco animais aceitáveis para sacrifícios. Ver as notas em Lev. 1.14-16, onde há uma discussão sobre os animais "nobres" dos sacrifícios. Em áreas nas quais a madeira era escassa, o esterco de diversos animais servia de combustível; o de camelo era "popular", mas nenhum judeu o usava. O esterco das vacas era espalhado no chão, ou sobre muros e paredes, para secar. Naturalmente, o material tinha bastante palha não digerida que dava "qualidade" ao combustível.

Interpretação do Simbolismo do Racionamento (4.16-17)

4.16

Eis que tirarei o sustento de pão em Jerusalém. Este versículo nos remete aos vss. 10-11, os quais nos informaram sobre a escassez de pão e água. O *báculo de pão* significa o *fornecimento de comida.* Cf. Eze. 5.16; 14.13; Sal. 105.16; Isa. 3.1. Judá tinha uma grande área de deserto e a água era escassa, o que fazia o povo depender de cisternas e poços que freqüentemente secavam. Ver Jer. 2.13 e 38.6. Havia as águas vivas de Giom, no vale de Cedrom, e outros riachos no vale de Hinom. Ezequias construiu um túnel (escondido) para levar água para Jerusalém, fora do alcance de invasores. Ver II Reis 20.20. Os versículos seguintes parecem indicar que os babilônios descobriram uma maneira de bloquear aquelas preciosas águas, o que deixou a cidade em posição precária. Mas foi Yahweh quem cortou a água e a comida com atos divinos, como a seca, e também era Ele o General que liderava o exército babilônico. Isto deixou o povo morrendo de fome, sede e violência, pagando pelos muitos anos de sua idolatria-adultério-apostasia. Eles semearam e ceifaram (Gál. 6.7-8). Cf. Lam. 4.13 e 5.16.

Pão. O hebraico, aqui, fala do *báculo* de pão. Esta palavra indica a vara sobre a qual um homem se inclinava para se apoiar. Yahweh removera o apoio. Cf. Lev. 26.26. A vara fora quebrada e um país inteiro cairia. Sua condição mental era de ansiedade; sua condição física era de *emaciação.* Cf. Lam. 4.8.

4.17

Espantar-se-ão uns com os outros, e se consumirão. *Consternação extrema* aborreceria a mente dos reprovados, sobre quem o julgamento de Yahweh cairia, afinal. O ataque duraria 30 longos meses e o povo cairia em desespero total. Mulheres comeriam os próprios filhos para sustentar uma vida que não valeria a pena viver! Existiriam condições inefáveis de fraqueza, doenças, matanças e violência. A fome consumiria almas corruptas. Jerusalém paganizado pagaria um alto preço, que quase se estenderia à aniquilação de toda a nação. Olhando uns para os outros, ficariam chocados com o que veriam.

Capítulo Cinco

Mais Simbolismos de Terror (5.1-17)

O capítulo 5 acompanha o capítulo 4, empregando outros simbolismos para contar a mesma história do destino temível de Jerusalém. Aqui, temos novos simbolismos seguidos de interpretações. Este capítulo fornece um relatório cronológico dos acontecimentos, suficientemente detalhado para chocar a mente do leitor.

5.1-2

A Quinta Ação Dramática. Ver as notas sobre as *cinco* ações dramáticas na introdução ao capítulo 4.

Toma uma espada afiada. A *navalha do barbeiro* representa a espada babilônica. Imagine-se uma espada tão afiada para ser como a navalha de um barbeiro! "Tome sua espada; use-a como a navalha do barbeiro" (NCV). O profeta recebeu ordens para cortar seu cabelo e depois destruí-lo totalmente, de diversas maneiras e em diversos lugares. Uma terça parte seria destruída em um lugar, de uma maneira; outra terça parte, *idem*; e a outra terça parte, *idem.* As três destruições representariam a total aniquilação de Jerusalém. Remover todo o cabelo era considerado, entre os judeus, um ato de vergonha (II Sam. 10.4-5) e dupla desgraça no caso de um sacerdote (Lev. 21.5). O cabelo simbolizava sua dedicação a Yahweh. A mulher adúltera tinha o cabelo cortado para indicar a desgraça do pecado. O cabelo também era cortado como um sinal de lamentação (Jó 1.20; Isa. 22.12; Jer. 7.39). Ezequiel provavelmente era um sacerdote (implicado em I Crô. 24.16) e sentiria amargamente a perda de seu cabelo. Ele se auto-humilhou para simbolizar que Judá sofreria em breve desgraça e humilhação às mãos dos babilônios, autoprovocada, na análise final. Uma lamentação amarga se seguiria.

Tomarás uma balança de peso. O cabelo cortado foi pesado com o propósito de o dividir em três partes exatamente iguais. Uma *terça parte* seria *queimada* no *meio*

BARBAS Smith's Bible Dictionary.

A BARBA

Entre os povos semitas, a barba era sinal de virilidade, de tal forma que termos cognatos para *ancião* e *adulto* eram palavras verbais e nominais que diziam respeito à barba. Ver Êxo. 4.29.

USO FIGURADO

O povo de Deus é comparado aos pêlos da barba e aos cabelos de Ezequiel, dando a entender que eram muito apreciados. Ver Eze. 4.1-5.4. Em Isa. 7.20, quando o Senhor ameaçou raspar a cabeça e a barba dos homens de Seu povo, isso deu a entender que grande número deles seria sujeitado ao julgamento divino.

A barba no Oriente era exageradamente respeitada como se tivesse alguma virtude em si.

da cidade; esta ação representava o sofrimento dos exilados durante o ataque babilônico que duraria 30 meses. A *terça parte* seguinte seria *batida* com uma espada, até ser reduzida a partículas minúsculas; isto simbolizava como o povo seria massacrado, uma vez que o exército ganhasse acesso à cidade. Haveria massacres, torturas e estupros, e todos os bens seriam confiscados pelos soldados. A *terça parte* restante seria *jogada* ao vento, para ser espalhada sobre a terra até pontos distantes. Isto representava que o pequeno remanescente do povo seria exilado na Babilônia. Yahweh mandaria a espada atrás deles e a matança continuaria.

> *Espalhá-los-ei entre nações que nem eles nem seus pais conheceram; e enviarei a espada após eles, até que eu venha a consumi-los.*
>
> (Jeremias 9.16)

O vs. 12 explica a operação da *tríade temível*, isto é, *espada, fome, pestilência*. Jeremias constantemente dá esta seqüência dos males, enquanto Ezequiel dá uma ordem diferente, mas a essência é a mesma.

Quando o exército de Nabucodonosor entrou em Jerusalém, encontrou um povo já dizimado pela fome. O canibalismo tornou-se a regra vigente (Lam. 2.20; vs. 10). Tais horrores foram previstos por Moisés para um povo desobediente e apóstata (Deu. 28.52-57). Jeremias repetia estas profecias de terror (Lam. 2.20; 4.10).

5.3

Tomarás uns poucos e os atarás nas abas da tua veste. *Poucos* fios do cabelo do profeta restaram depois da destruição geral dos cabelos cortados. Ele os colocou nas dobras de sua roupa, representando como os poucos sobreviventes do horror procurariam esconder-se. De fato, um pequeno remanescente voltaria a Jerusalém, depois de 70 anos, para começar tudo de novo. Seria o *Novo Israel*. Vestimentas orientais não tinham bolsos, e dobras do pano serviam para o mesmo propósito. Na altura da cintura, era feita uma dobra, formando um bolso amplo que podia guardar muitos itens. Provavelmente, o profeta colocou os fios naquele bolso. Até o pequeno número de sobreviventes não teria uma vida de paz, mas continuaria sofrendo, como nos informa o vs. 4. Alguns intérpretes acham que os fios restantes simbolizavam os poucos judeus que ficaram em Judá, depois do cativeiro. É possível que tanto aqueles que foram levados para o cativeiro como os que permaneceram na Palestina fossem simbolizados pelos fios.

5.4

Destes ainda tomarás alguns, e os lançará nomeio do fogo. *Purificação.* Alguns fios (parte do restante que sobreviveu) seriam lançados ao fogo, o que poderia significar: 1. O fogo purificaria a escória para tirar dela uma pequena porção de prata, que seria utilizada para formar o Novo Israel, depois do cativeiro. 2. A queima dos fios seria simplesmente destruição, sem levar em conta a possibilidade de restauração. A aniquilação da nação seria quase total.

Eficácia Terrível. Este versículo ilustra a eficácia terrível dos julgamentos de Yahweh. A nação foi executada por causa de sua grande idolatria-adultério-apostasia. Os babilônios cometeram genocídio. Mas a *causa* de tudo era Yahweh, o *Criador-Destruidor*. O *teísmo* bíblico representa Deus como o agente ativo de tudo quanto acontece aos homens. O Criador não abandonou Sua criação, mas está presente para recompensar o bem e castigar o mal. A *providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*) é positiva e negativa, dependendo das reações das pessoas às Suas direções. Contraste-se esta idéia com o deísmo que assevera que a Força Criadora (pessoal ou impessoal) abandonou Sua criação ao governo das leis naturais.

Interpretações do Cerco Simbólico (5.5-17)

5.5

Agora, o autor abandona seus simbolismos e nos informa, em linguagem simples e sem adornos, o que seus atos simbólicos significaram. O tema geral é o fim miserável de Jerusalém. Yahweh fez daquele lugar o centro do mundo, o lugar onde Ele manifestou Sua presença, estabeleceu Seu culto e entregou Sua lei. Os judeus literalmente pensaram que Jerusalém era o centro do mundo, em notável arrogância. A Septuaginta usa o termo "o umbigo do mundo". Alguns cristãos perpetuaram o mito. O *Catholicon* da Igreja do Sepulcro Sagrado, em Jerusalém, contém um copo dentro do qual uma bola achatada representa o centro da terra. Os gregos fizeram de Delfos o centro. Cada povo tem seu orgulho nacionalista. Mas, neste texto, Jerusalém é o centro dos julgamentos de Deus! Aquele lugar tornou-se o centro da apostasia mundial.

> *Seu santo monte, belo e sobranceiro, é a alegria de toda a terra.*
>
> (Salmo 48.2)

Jerusalém, a cidade dourada, tornou-se Jerusalém, a cidade podre.

5.6

... se rebelou contra os meus juízos. *A Apostasia de Jerusalém.* Judá-Jerusalém rejeitou a legislação mosaica, que tornou Israel *distinta* entre as nações (ver Deu. 4.4-8). A lei foi o guia nacional e individual (Deu. 6.4 ss.). Outras nações continuaram com suas múltiplas formas de idolatria, enquanto os hebreus subiam na escala da espiritualidade. Mas o processo foi interrompido por pecados sem-fim, a famosa idolatria-adultério-apostasia do povo. Os judeus terminaram rejeitando a lei de Moisés, de maneira global, o que é indicado pelo uso, aqui, de diversos termos que descrevem a lei: estatutos, ordenanças, juízos. Ver a tríplice designação da lei, em Deu. 6.1. O povo deveria ter andado segundo os padrões da lei. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Andar*, para notas sobre esta metáfora. O esplendor de Yahweh tornou-se preto, por causa dos atos de seu povo, que se transformou em outra manifestação do paganismo. A conduta de Judá baixou para uma posição mais degradada do que a de seus vizinhos pagãos. Os mestres da escola abandonaram-na e fizeram dos esgotos seus lugares de habitação.

5.7

Sois mais rebeldes do que as nações que estão ao vosso redor. *O Pior de Todos.* O melhor degenerou-se para ficar o pior. Este versículo repete a informação do vs. 6, tornando-se a introdução do vs. 8, onde temos o pronunciamento do julgamento inevitável. Aqui, temos a *causa* do julgamento. Os vss. 9 ss. dão os *efeitos*. Os pagãos foram consistentes e constantes, não renunciando à sua religião idólatra; mas os judeus abandonaram suas tradições e adotaram a idolatria de seus vizinhos, um ato de grande estupidez. Cf. Jer. 2.11. Os privilegiados ficaram rebeldes; os rebeldes ficaram peritos em atos criminosos, violentos e sem-vergonha. Eles desceram para os esgotos do paganismo, abandonando o templo glorioso de Yahweh.

Mais rebeldes. O hebraico literal, aqui, é "enfurecer", palavra também usada em Sal. 2.1: "... se *enfurecem* os gentios.". Os judeus, como um bando de loucos insanos, correram para a idolatria, abandonando sua luz e privilégios. Ficaram arrogantes e loucos em sua apostasia-idolatria. Desceram à lama dos pagãos.

... não tendes andado nos meus juízos. Abandonando a Lei de Moisés, adotaram as leis do diabo. Deslizaram para um paganismo total e sem-vergonha, imitando a conduta de seus vizinhos, já sujeitos à condenação de Deus. Alguns manuscritos hebraicos trazem, aqui: "não agiram como as nações", implicando que os judeus agiram de maneira ainda *pior*. A luz do templo se apagou. A presença divina abandonou o lugar e *Icabô* foi escrito sobre o portão. Cf. Rom. 2.14-15. Ver também Jer. 2.11.

5.8

Eu, eu mesmo, estou contra ti. *Depravação Espiritual.* O vs. 7 evidencia a depravação total em Jerusalém. Yahweh levantara Sua espada e esperava o momento certo para cortar Judá em pedaços. Os babilônios já estavam às portas. Vendo a destruição que seria efetuada, as nações diriam: "Aquilo foi justo. Eles abandonaram seu Deus, praticaram a traição e a depravação". O povo que gozava do favor de Yahweh agora enfrentaria Sua ira. O texto ilustra um notável exemplo da operação da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Judá tinha sido notável no favor de Deus, e agora seria notável em sua desgraça ante outras nações. Yahweh sempre fora seu amigo e ajudador, agora tornar-se-ia seu inimigo e destruidor.

5.9

Farei contigo o que nunca fiz, e o que jamais farei. O massacre pelos babilônios e o subseqüente cativeiro seriam uma obra *singular* de Yahweh. Nunca fora feita tal obra, nem seria feita de novo. Aquela obra era extremamente severa e completa. Uma nação inteira morreria. A paciência divina esgotara com a idolatria-adultério-apostasia de Judá-Jerusalém. Cf. Mat. 24.21. Os profetas, por longo tempo, previram as conseqüências finais da rebeldia de Israel (ver Lev. 26.29; Deu. 28.53). Calamidades eram esperadas e aconteceram. A ira divina queimava tudo. Só fumaça sobrava.

5.10

Os pais comerão a seus filhos... os filhos comerão a seus pais. O *canibalismo,* largamente espalhado, seria o resultado do ataque dos inimigos. Cf. Lam. 2.20, onde as mães comeram seus próprios filhos, para salvar uma vida que não valia a pena viver. Tais atos horrendos mostraram o desespero total de Jerusalém, durante os 30 meses do sítio dos babilônios. Ver II Reis 6.28-29. Os mesmos atos bárbaros aconteceram quando os romanos isolaram Jerusalém, logo depois do tempo de Jesus, 70 D. C. (Josefo, *Guerras,* 1.6.c.3.sec.4). Yahweh espalhou Seus julgamentos (Eze. 5.2-3). Os poucos sobreviventes foram dispersos para diversos lugares no Império Babilônico. A espada foi atrás daqueles pobrezinhos e a matança continuava (Jer. 9.16). Os julgamentos raivosos de Yahweh não deram paz a ninguém. Alguns judeus fugiram para o Egito e outros países da vizinhança, mas a turbulência generalizada não diminuiu. O mundo inteiro estava em chamas.

5.11

Tão certo como eu vivo. *O Deus Vivente.* Yahweh, o Deus Eterno, jurava por Seu próprio nome infalível. Assim, o juramento era absolutamente certo e todo-poderoso. Um julgamento aniquilador logo se manifestaria. Os judeus poluíram o próprio templo, levando para lá a idolatria dos pagãos e misturando-a com certas coisas da velha religião hebraica. A mistura deste sincretismo era odiosa.

O Deus-Vivo-de-Julgamentos viu tudo e levantou Sua espada para despedaçar Judá-Jerusalém. Em retaliação aos rebeldes, Yahweh retirou Sua glória e Sua presença do templo. Seus olhos brilhavam como fogo e Sua espada era afiada. Yahweh não teria pena quando os reprovados começassem a gritar em dores. O Todo-poderoso lançou calamidades especiais.

Como eu vivo. A vida necessária e absoluta de Deus apóia o juramento. Somente Deus tem uma vida independente. Todas as outras vidas são criadas e dependentes. Deus é auto-existente. Sua vida é certa e necessária, assim como são Seus juramentos. Cf. Isa. 49.18; Jer. 22.24; 46.18, onde temos o mesmo tipo de juramento. Em Ezequiel, as ocorrências são: 14.16; 16.48; 17.17; 18.3; 20.3.

Senhor Deus. Note-se bem, aqui, o nome divino empregado. *Adonai-Yahweh,* o *Eterno Deus Soberano,* não permitiria que essa condição miserável durasse para sempre. Este nome é usado 217 vezes neste livro, mas somente 103 vezes no resto do Antigo Testamento. O título fala de como a soberania de Deus governa tudo e não deixa nada escapar à sua recompensa apropriada ou ao seu castigo merecido. O Targum diz: "Eu cortarei a força de seu braço".

5.12

Os Infelizes. Os pecadores infelizes e desfavorecidos seriam atacados sem misericórdia pela espada de Yahweh, ou seja, o exército babilônico. A *tríade terrível* (espada, fome, pestilência) logo massacraria o povo. A seqüência, aqui, é a de Jeremias. Ezequiel reverte a ordem, mas preserva a essência da maldição. Ver Jer. 4.12; 21.9; 24.20; 27.8; 32.24; 42.17. Eze. 7.15 varia a ordem, enquanto Eze. 6.11 e 12.16 trazem a ordem de Jeremias.

A espada significa guerra e grande matança. A fome sempre segue destruições naturais ou feitas pelo homem. A agricultura falha e o povo morre de fome. As doenças vêm logo depois. O povo faminto fica doente; e as pragas atacam onde corpos mortos não são enterrados. As águas ficam poluídas com bactérias fatais. Pestilência e fome matam 1/3 do povo; 1/3 cai pela espada; 1/3 é espalhado, isto é, levado para o exílio, ou foge para países vizinhos. Provavelmente, o profeta não está tentando ser exato em suas descrições, mas duplica a idéia da *metáfora do cabelo* dos vss. 2-3. A mensagem dele é clara e exata, mesmo que sua estatística não seja perfeita. As calamidades esmagariam a *todos* os judeus, de uma maneira ou de outra. Cf. vs. 4 e Jer. 9.16.

5.13

Assim se cumprirá a minha ira. Yahweh ficaria satisfeito com o massacre, como se fosse comida de um holocausto; Sua ira se dissiparia somente por Sua própria violência. Ele é um *Deus ciumento* (ver Deu. 4.24; 5.9; 6.15; 32.16,21), que agia de acordo com a inspiração da emoção tão vingadora. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Antropomorfismo.* Mas o julgamento divino seria refinador, não meramente vingador. O objetivo era tirar, da escória, uma pequena porção de prata que começaria o Novo Israel, depois do cativeiro. O texto não fala de julgamento da alma, mas de julgamento temporal.

Saberão que eu, o Senhor, falei. As profecias cumpridas comprovam a veracidade do profeta e a realidade de Yahweh, em contraste com deuses falsos, que obviamente não podiam prever o futuro. Ver este conceito também em Isa. 41.22-29. Precognição é uma capacidade natural do homem. Mas profecias de longo alcance, de eventos mundiais (não meramente pessoais), são outro assunto. De qualquer maneira, o ofício bíblico do profeta é muito mais do que a mera capacidade de prever o futuro. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Precognição.*

Meu zelo. Ver sobre o *Deus ciumento* no livro de Ezequiel: 16.38,42; 35.11; 36.5-6; 38.19; 39.25. O profeta tomou emprestado um tema principal do Pentateuco.

5.14

Desolação... objeto de opróbrio. Castigos severos sobre Jerusalém reduziriam aquele lugar a uma pilha de escombros. A cidade ficaria despovoada e se tornaria um lugar de *assombração* de animais selvagens (Lam. 5.18). As outras nações zombariam e inventariam coisas para falar contra Jerusalém (Lam. 2.15). Pessoas que passassem perto dos escombros sacudiriam a cabeça, ironizando o fato de eles terem abandonado o próprio Deus, que se vingara com atos violentos. Ver Jer. 19.8. A Babilônia seria o instrumento do castigo, "a espada do Senhor". Depois, a vingança de Yahweh cairia sobre *aquele* povo (Jer. 50.13). Judá acompanhara as nações idólatras e se deitara com os porcos. Ver Luc. 15.15. Aquela situação exigia um julgamento estupendo. Yahweh, abandonado, revidaria de maneira violenta e decisiva.

5.15

Opróbrio e ludíbrio... escarmento e espanto. Este versículo expande o vs. 14. Jerusalém sofreria ruína total, desgraça sem limites; seria assunto para piadas e ditados populares, porque se tornaria o povo mais tolo do mundo, tendo rejeitado o *Benfeitor* e feito dele o *Vingador.* Yahweh pronunciou outro juramento para garantir o cumprimento das calamidades contra os apóstatas. Cf. o vs. 11. "Aqueles povos ridículos ficarão horripilados com o que acontecer a Jerusalém, pois serviria de advertência. Se Yahweh castigar Seu próprio povo daquela maneira, o que fará com os outros, afinal"?

5.16

Quando eu despedir as malignas flechas... destruidoras. Aqui Yahweh é representado como o *Arqueiro sem misericórdia,* cujas flechas acertam com precisão temível e brutal, para fazer Jerusalém sofrer o máximo. Ver as "flechas de Deus" em Sal. 64.7, onde há notas e referências que ilustram a metáfora. Devemos lembrar que a flecha era a principal arma de guerra, instrumento causador de muito sofrimento e morte. A espada tem o mesmo simbolismo. Yahweh mandaria guerra, fome e doenças e cortaria o *sustento de pão* (anotado em Eze. 4.16). Jerusalém perderia o fornecimento de comida e sofreria fome, pestilências e morte generalizada. As pragas destruiriam mais do que a espada do inimigo. Ver nas notas do vs. 2 a *metáfora do cabelo.* Ver o vs. 17, para maiores detalhes.

5.17

Os tripulantes do carro da morte: fome, bestas-feras, peste, sangue e espada. Ver sobre a *tríade terrível* no vs. 12. Aqui, a tríade se transforma em quíntuplo. Eze. 14.21 traz um *quádruplo.*

> *Se eu enviar os meus quatro maus juízos, a espada, a fome, as bestas-feras e a peste, contra Jerusalém, para eliminar dela homens e animais?*
>
> (Ezequiel 14.21)

Bestas-feras. Cf. Deu. 32.23-25. Bestas literais infestaram regiões desoladas como eram boa parte de Judá. Os ataques fariam de *toda* a Judá uma região de calamidades, e poucas pessoas sobreviveriam. O lugar ficaria essencialmente despovoado. Feras tomariam conta de tudo. Cf. Eze. 34.28; Êxo. 32.29; Deu. 32.24 e II Reis 17.25. "As feras sempre se multiplicam em lugares desabitados. Na Inglaterra, os lobos abundavam quando o país tinha pouca população. Agora o país está cheio de pessoas e é difícil encontrar um lobo" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver também Lev. 26.22.

Capítulo Seis

Oráculos contra as Montanhas (6.1-14)

Existem neste livro dois *oráculos-montanhas.* O *primeiro* se encontra no capítulo 6; o *segundo,* no capítulo 36. O primeiro é uma declaração de ira contra os lugares altos idólatras. O segundo fala da restauração das colinas de Israel, uma vez que a ira de Yahweh tenha feito Seu trabalho purificador. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Lugares Altos.*

Idéias. 1. Os lugares altos serão destruídos. 2. Cadáveres profanarão aqueles lugares idólatras. 3. A desolação lembrará ao povo a santidade e soberania de Yahweh.

4. As práticas imorais cessarão, no meio das calamidades. 5. As reformas de Josias não durarão muito, mas a obra de Yahweh porá fim definitivo aos lugares altos. Cf. Isa. 57.3-13; Zac. 12.11; Mal. 2.10-11.

A Destruição dos Lugares Altos (6.1-7)

As montanhas são personalizadas e Yahweh fala diretamente para elas. Elas representam os ímpios que praticaram idolatria e todo o tipo de abominação, naqueles lugares. Nos vss. 5-7, Yahweh fala diretamente às pessoas, deixando a metáfora de lado. Os vss. 13-14 voltam à metáfora das montanhas personalizadas.

6.1

Veio a mim a palavra do Senhor. A palavra do profeta era a palavra de Yahweh. A mesma expressão introduz o capítulo 7. A inspiração divina é indicada. Os capítulos 6-7 são sermões-oráculos e se apresentam na forma de *diatribe*. A palavra de Yahweh é poderosa e deve efetuar uma obra temível. Não existiam "boas palavras" para os reprovados de Judá. Mesmo assim, as palavras más tinham a intenção de restaurar, afinal. Todos os julgamentos de Deus são remediais, não meramente retributivos. O amor de Deus se manifesta em Seus castigos.

6.2

Filho do homem. Ver este título anotado em Eze. 2.1.

Vira o teu rosto para os montes de Israel, e profetiza contra eles. Ezequiel dirige o seu rosto (ver Eze. 4.3,7) contra as montanhas idólatras de Judá, significando, especialmente, as colinas ao redor de Jerusalém. O profeta tem um olhar severo, inspirado pela ira divina. Com determinação e propósito (II Reis 12.17) e com intenções hostis (Lev. 17.10; 20.3,5-6), ele pronuncia o oráculo, uma profecia de destruição. Ver sobre *Lugares Altos* no *Dicionário* e na introdução ao presente capítulo.

A frase *dirige o seu rosto* se encontra por 14 vezes neste livro: Eze. 4.3,7; 6.2; 13.17; 14.8; 15.7 (duas vezes); 20.46; 21.2; 25.2; 28.21; 29.3; 35.2; 38.2.

6.3

Montes de Israel, ouvi. *Montanhas Metafóricas.* Estas montanhas representavam o povo de Judá, que se envolveu na prática da idolatria nas colinas da região. Contra este povo vem o pronunciamento de calamidades causadas por Yahweh.

Senhor Deus. O título divino, aqui, é *Adonai-Yahweh,* que significa o *Senhor Soberano Eterno Deus.* Este título é usado 217 vezes em Ezequiel, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento.

Ribeiros e vales. Os rios e vales compartilham da condenação, por estarem associados às montanhas. Isto significa que "todo o país" era culpado das acusações. O julgamento de Yahweh arrasaria um país inteiro, sem misericórdia. A espada (guerra) teria parte significativa na destruição. A *terrível tríade* (espada, fome, pestilência) desempenharia bem o seu trabalho. Ver Eze. 5.12. O temível *quádruplo* deixaria pouca coisa sobrando (ver as notas sobre Eze. 5.17). Os cultos dos lugares altos seriam destruídos no meio das calamidades generalizadas que nivelariam Judá. Cf. Lev. 36.30. Para a combinação de montanhas, colinas, vales, ravinas e rios, ver também Eze. 3.58 e 36.4,6.

Eu, eu mesmo. Note-se o tom enfático". Yahweh era a fonte das calamidades. Isto concorda com o teísmo bíblico, que ensina que o Criador não abandona Sua criação, mas constantemente intervém na vida humana. Ele recompensa o bem e castiga o mal, aplicando providências positiva e negativa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo.* Contraste-se isto com o *Deísmo* (ver também no *Dicionário*), que ensina que a Força Criadora (pessoal ou impessoal) se divorciou de Sua criação, deixando-a aos cuidados da leis naturais. O governo de Yahweh é *moral,* em contraste com as muitas imoralidades dos deuses pagãos. O governo de Yahweh também apresenta um contraste com a imoralidade dos governos humanos.

6.4

Ficarão desolados os vossos altares. O equipamento cultual dos lugares altos incluía altares de incenso, altares de sacrifícios, representações divinas (ídolos), o carvalho e outras árvores, que (no pensamento dos idólatras) tinham qualidades divinas. Ver o vs. 13 e Osé. 4.13. Imagens das deusas de fertilidade (como Aserá e Anate) foram descobertas por arqueólogos.

As *obras* (vs. 6) podem ser uma referência às colunas sagradas que fizeram parte do culto. Ver Êxo. 32.24 e Deu. 7.5. Entre as descobertas arqueológicas, figuram altares de pedra calcária, que têm projeções de chifres nos quatro cantos. Em Palmira, foi encontrado um espécime especialmente bem preservado. Este altar era usado para queimar incenso. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Incenso.*

A palavra para *imagens* aqui (*altares,* em algumas traduções) é, literalmente, *sol-imagens,* implicando que o sol estava entre as muitas formas de adoração pagã. De fato, a adoração nos lugares altos quase sempre incorporou este tipo de idolatria.

Arrojarei os vossos mortos à espada diante dos vossos ídolos. O exército babilônico acabaria com todas as formas de idolatria, agindo em nome de Yahweh e executando um julgamento severo e completo. Os idólatras fugiriam daqueles lugares, e suas orações de proteção seriam ignoradas pelos deuses que eles adoravam. Os lugares altos se tornariam sepulcros. Cadáveres poluiriam aqueles lugares que teriam sido "sagrados".

6.5

A Poluição de Cadáveres. Este versículo enfatiza o aspecto desagradável da poluição de cadáveres, nos lugares de júbilo e excesso de prazeres carnais. A "avenida do carnaval" teria uma fileira de caixões. Aqueles que vivem em pecado já são mortos espirituais. Cadáveres empilhados ao redor dos altares eram um cumprimento da *Lex Talionis* (retribuição de acordo com a gravidade do crime; ver a respeito no *Dicionário*). O lugar de morte (idolatria) se tornaria literalmente um lugar de morte física, cheio de corpos mortos. Cf. Lev. 26.30, um paralelo óbvio do qual talvez o presente versículo tenha sido copiado. Baruque 2.24 informa que os soldados até abriram sepulcros e desenterraram ossos, espalhando-os ao redor dos altares, um merecido ato de profanação.

6.6

O Ataque Generalizado. O ataque demoliria as cidades e os campos, não meramente os lugares altos. De qualquer maneira, todo o aparelho da adoração idólatra dos lugares altos seria aniquilado. O vs. 4 lista os termos empregados para expressar a calamidade. A demolição seria *completa* e *final.* A ira de Yahweh substituíra Sua paciência. O fogo seria refinador; a escória seria removida e um pouco de "prata" forneceria material para iniciar o Novo Israel, depois do cativeiro. O esmagamento de Judá ensinaria que a idolatria era um veículo da morte, não da vida. O pequeno remanescente, que voltaria do cativeiro da Babilônia, levaria consigo a lição que seria um fator de purificação. O sofrimento, assim, tornar-se-ia um fator positivo, afinal. Cf. Isa. 40.18-20; Jer. 2.28 e II Reis 23.5.

6.7

Contando os Cadáveres. O número dos mortos seria tão grande que ninguém poderia calculá-lo. Quase não existiriam homens para tentar a contagem. A carnificina e o terror deixariam os poucos sobreviventes atônitos. A lição dos resultados da idolatria seria vívida e duradoura. Tudo aquilo aconteceria porque Yahweh havia perdido a paciência com as abominações de Seu povo, que precisava, urgentemente, de uma purificação.

Para que saibais que eu sou o Senhor. Note-se aqui a afirmação da *soberania* de Yahweh, que controlava todos os acontecimentos, de acordo com Sua lei moral. Esta expressão ocorre 63 vezes em Ezequiel. O nome *Yahweh* nos faz lembrar de que Israel era o povo dos *Pactos* (ver a respeito no *Dicionário*), mas não observou sua parte nos acordos. Em lugar disso, entrou em apostasia aberta e desavergonhada. O Todo-poderoso Benfeitor transformou-se em Todo-poderoso Punidor. O verdadeiro Deus é também o Governador do mundo, a adoração pertence somente a Ele, e quem quebra as regras sofrerá.

Os Exilados se Lembrarão do Senhor (6.8-10)

6.8

Mas deixarei um resto. A destruição temível não seria absolutamente completa. Um remanescente deveria sobreviver para tornar-se o Novo Israel, depois do cativeiro. O pequeno restante veria um Novo Dia. Alguns, cansados de matança, fugiriam para os países vizinhos e não voltariam à Palestina. O número que voltaria seria muito pequeno, mas viável para reconstruir Jerusalém. O minúsculo remanescente seria purificado. Outras corrupções logo viriam, mas, pelo menos, um novo começo seria efetuado. O propósito de Deus trabalhava naquela direção. Os obstáculos seriam vencidos e Israel sobreviveria. Os julgamentos seriam remediais, não meramente retributivos. Ver as notas em I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado,* para uma explicação deste princípio misericordioso. "No meio do julgamento de Deus, houve uma promessa de misericórdia. Deus pouparia alguns (cf. Eze. 5.3-5 e 12.16); a derrota iminente de Judá não acabaria com o pacto de Deus com Seu povo. Deus julgou, mas não abandonou suas promessas" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cf. Eze. 5.2,12; 14.22; Jer. 44.28; Rom. 9.6-13 e Zac. 10.9.

6.9

Então se lembrarão de mim os que de vós escaparem. O pequeno remanescente que escaparia à devastação se lembraria de Yahweh e de Seus pactos e, assim, abandonaria a idolatria. O coração de Yahweh (texto massorético) fora partido por eles e, em retaliação, Yahweh partiu-lhes o coração (texto do Siríaco, da Vulgata e do Targum). Ver no *Dicionário* sobre *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Às vezes as versões retêm uma leitura correta contra o texto padro-

nizado do hebraico que se chama *massorético*. Devemos lembrar que as versões foram traduzidas de manuscritos *hebraicos* muitas vezes mais antigos do que aqueles utilizados na compilação do texto hebraico padronizado.

Coração dissoluto. O coração daqueles que abandonaram a Yahweh, correndo atrás da idolatria-adultério-apostasia, merecia ser partido. Tristeza e dor purificariam o povo e efetuariam cura. Os olhos pecaminosos, que haviam desejado as abominações idólatras, deviam ficar cegos, para que olhos santificados os substituíssem. Estes olhos procurariam uma nova visão de Yahweh e de Sua lei, que lhes garantiria a continuação das provisões do Pacto Abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18). Os pecadores seriam abomináveis aos seus próprios olhos, e disso resultaria o arrependimento. Cf. Lev. 26.29-45. O povo rebelde se autocondenaria. Ver Eze. 20.43; 36.31; Jó 42.6 e I Cor. 11.31.

6.10

Saberão que eu sou o Senhor. O povo vil seria purificado e, *naquela* condição, voltaria para as antigas tradições mosaicas, o *guia* de Israel (ver Deu. 6.4 ss.). Israel conheceria Yahweh de novo, depois da sua viagem temível no labirinto da idolatria. Os velhos valores tomariam conta da vida deles e suas aventuras no pecado terminariam.

Cansado estou de pecar, pés inchados e exausto;
A vereda tenebrosa aumentou espantosamente;
Mas agora uma luz surgiu, animando-me;
Descobri em Ti a minha Estrela, o meu Sol.
Tua preciosa vontade, ó Salvador triunfante,
Agora me circunda e me rodeia.
Calaram-se todas as discórdias.
Minha alma é como um pássaro cativo que foi solto.

(C. H. Morris)

As ameaças de Yahweh produziram os efeitos desejados. Os castigos aplicados foram remediais, não meramente retributivos.

Israel Conhecerá Yahweh como Único Deus (6.11-14)

6.11

Assim diz o Senhor Deus: Bate as palmas, bate com o pé. *Adonai-Yahweh,* o *Soberano Eterno* (ver este título anotado em Eze. 2.4), dá ordens ao pequeno remanescente, exigindo arrependimento, o que incluía reconhecer seus muitos pecados e abominações. O verdadeiro arrependimento seria demonstrado pela consternação do povo, através dos gestos de bater palmas, pisar forte, com os pés, o chão, como se com raiva por causa dos muitos erros cometidos. A *terrível tríade* (espada, fome, pestilência; ver Eze. 5.12) e o temível *quádruplo* (ver Eze. 5.17) queimariam todas as abominações no coração do povo, reduzindo-as a cinzas. O povo assim libertado sentiria a devida gratidão. O ato de bater uma mão contra a outra pode expressar alegria, ira, tristeza, consternação (diversas emoções fortes). Ver II Reis 11.12; Sal. 98.2; Jó 27.23; Lam. 2.15; Eze. 21.14; 22.13; Naum 3.19. Pisar forte o chão expressa as mesmas emoções e, muitas vezes, é feito simultaneamente com o ato de bater as mãos. Está em vista a ira-lamentação. "Mostre sinais honestos de sua indignação, por causa dos males temíveis que vão castigar a nação" (Adam Clarke, *in loc.*). O profeta tinha de fazer aqueles gestos, esperando que o povo fizesse o mesmo, com o coração consternado. Antes do ataque babilônico, eles fariam isto com receio do massacre que estava às portas. Depois do ataque, eles lamentariam a quase aniquilação da nação.

6.12

A Volta da Temível Tríade. Os mesmos terrores de espada, fome e pestilências castigariam o povo repetidamente. Cf. Eze. 5.12. Os habitantes de Judá, que moravam "longe" ou "perto" de Jerusalém, seriam vítimas das mesmas calamidades. A devastação babilônica seria geral e implacável. Quase toda a nação seria extinta. Os babilônios eram especialistas em genocídio e tornaram-se a Espada do Senhor. O Targum traz aqui: "Aquele que sobrevivesse correria para as cidades, onde morreria de fome". A ira de Deus puniria, mas também purificaria. Yahweh era, para a mente hebraica, a *Única Causa,* de modo que os hebreus atribuíam a Deus todas as coisas, boas e ruins. Sua teologia era fraca quanto a *causas secundárias,* como as maldades dos homens, que cometem tantas abominações neste mundo.

6.13

Então sabereis que eu sou o Senhor. As devastações do povo com seus pecados (prática de idolatria-adultério-apostasia) trariam lições de morte e de vida. Eles aprenderiam que Yahweh é o Único Senhor, e que os ídolos nada são. Yahweh é o Deus Vivo, em contraste com ídolos mortos. A expressão "Eu sou o Senhor" ocorre 63 vezes em Ezequiel e indica a *soberania* de Deus. Ver as notas expositivas no vs. 7.

Os cadáveres espalhados em toda parte dariam uma lição dura, e o povo voltaria ao bom senso espiritual. Até os próprios lugares de adoração idólatra seriam poluídos com os cadáveres: a morte física tomaria o lugar da morte espiritual.

Debaixo de todo carvalho espesso. Para os antigos, as árvores tinham um aspecto místico, quase divino, e os lugares de adoração eram estabelecidos entre árvores nobres como o carvalho, que alcança uma altura de mais de 10 m, e era especialmente venerada. O vale de *Elá* recebeu seu nome desta árvore porque tinha florestas de carvalho (o hebraico *Elah* significa "carvalho") Davi matou Golias naquele vale (I Sam. 17.2,19). As árvores tinham, supostamente, poderes sagrados, assim ídolos eram colocados debaixo delas.

Suave perfume. O *aroma* agradável aqui (ver em Lev. 1.9 e 29.18) provavelmente é uma referência ao cheiro produzido pelas carnes cozidas dos sacrifícios. Parte dos sacrifícios era dedicada aos deuses, mas o restante era comido pelos adoradores. Cada sacrifício dava margem para júbilo, celebração e deboche.

Cf. I Reis 14.23; II Reis 16.4; Jer. 2.20 e 3.6. Os deuses abomináveis pereceriam com seus adoradores ridículos.

6.14

Estenderei a minha mão sobre eles. O Senhor levantou Sua mão pesada contra o seu povo e deu um golpe quase fatal. Ver sobre *mão* divina, em Sal. 81.14. Ver sobre *mão direita,* em Sal. 20.6. Ver também no *Dicionário* o artigo intitulado *Mão,* para explicações mais detalhadas. Judá ficaria desolado, praticamente sem habitantes; este é um tema comum em Jeremias e Ezequiel. Ver Jer. 2.12; 4.7; 6.8; 10.22; Eze. 12.19-20; 15.8.

Dibla. Alguns manuscritos trazem a forma *Ribla,* provavelmente correta. Ver este título no *Dicionário.* Dibla ou Ribla era uma cidade situada ao lado do rio Orontes, perto da fronteira norte de Israel. No tempo de Davi e Salomão, o território de Israel estendeu-se até aquele ponto, pelo menos com acampamentos militares, se não como habitação de cidadãos. O autor está aqui visualizando as antigas fronteiras da terra, que devem ser restauradas (Eze. 47.16; 48.1). Todo o Israel-Judá, de uma fronteira à outra, sofreria o golpe da dura mão de Yahweh. O julgamento traria devastação, mas também mudaria o coração do povo, que conheceria Yahweh de novo, e as condições dos pactos seriam restabelecidas. Cf. o vs. 13.

Capítulo Sete

Profecia do Fim Iminente (7.1-27)

Os capítulos 6 e 7 formam uma unidade; assim, a Introdução ao capítulo 6 aplica-se também aqui. O capítulo 7 oferece mais detalhes sobre os mesmos temas. O tema principal é o julgamento iminente de Judá, na forma de ataque do exército babilônico. O fim para Judá estava próximo. Os babilônios praticavam genocídio, mas Yahweh fizera o decreto e também transformara a espada babilônica na Espada do Senhor. O dia do ataque seria o *Dia do Senhor,* uma temível demonstração de Sua ira: seria o dia *decisivo.* Alguns intérpretes vêem aqui uma profecia do dia do Senhor escatológico: a *finalização* das profecias. Ver sobre esse termo no *Dicionário.* Mas é duvidoso que a profecia deste capítulo tenha um alcance tão grande.

7.1

Veio ainda a palavra do Senhor. Note-se como o capítulo 7 inicia com as mesmas palavras que introduzem o capítulo 6 (ver as notas em Eze. 6.1). O oráculo é um *decreto* e, ao mesmo tempo, uma *profecia* que podia ser quebrada ou modificada; era iminente e cheia de terrores para Judá.

7.2

Filho do homem. Título comum de Ezequiel, utilizado por Yahweh (ver as notas em Eze. 2.1). *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) fala de novo. Este título divino é usado 217 vezes neste livro, mas somente 103 vezes no restante do Antigo Testamento (ver as notas em Eze. 2.4). "O fim" havia chegado para Judá. Este termo é usado 5 vezes no início deste oráculo (Eze. 7.2, duas vezes; vs. 3; vs. 6, duas vezes). Cf. uma expressão semelhante que Amós usou quando descreveu a destruição iminente do reino do norte, pelos assírios (Amós 8.2). O reino do sul cairia da mesma maneira miserável, pelo fato de praticar as mesmas iniqüidades.

Quatro cantos da terra. Ver sobre esta expressão em Isa. 11.12 e Apo. 7.1 (no *Novo Testamento Interpretado*). A origem da expressão se encontra na cren-

ça de que a terra tinha o formato chato, retangular, ou era uma *planície retangular*, com quatro cantos literais.

7.3

Agora vem o fim sobre ti. A idolatria-adultério-apostasia de Judá receberia, logo, seu devido castigo. A paciência divina se esgotara. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* escreveria o "fim" de Judá. Yahweh não podia mais tolerar as condições perversas e os corações duros. O dilúvio do pecado tinha tomado conta da terra. Não haveria mais misericórdia. Ver o vs. 4.

> *Lançou contra eles o furor da sua ira: cólera, indignação e calamidade, legião de anjos portadores de males.*
>
> (Salmo 78.49)

"A taça de sua iniqüidade está quase cheia, e minha paciência chegou ao fim" (Adam Clarke, *in loc.*).

7.4

Os meus olhos não te pouparão. Os olhos de Yahweh, que tudo viam, tudo sabiam. Nada podia escapar a Seu olhar atento e penetrante. As abominações gritavam para serem castigadas, e o castigo chegaria em breve. Uma demonstração de ira temível era iminente.

Sabereis que eu sou o Senhor. Esta expressão ocorre 63 vezes neste livro. Ver as notas em Eze. 6.7. Está em foco a *soberania* de Deus, controlando todas as coisas, pois Ele recompensa o bem e castiga o mal. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Soberania de Deus.* O vs. 4 praticamente duplica o vs. 3. Os vss. 3-4 são essencialmente repetidos em 8–9, para ênfase. O capítulo 7 tem uma série de repetições e Eze. 5.11 já nos deu os elementos principais dos vss. 3-4.

7.5

Assim diz o Senhor Eterno. Novamente temos o título divino *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno). Ver as notas sobre este título em Eze. 2.4.

Mal após mal, eis que vêm. O Targum registra, aqui: "Ruindade depois de ruindade: eis, elas vêm!". O siríaco traz: "Eis, o mal vem contra o mal; ele vem!". A indicação é de uma situação de semeadura e colheita (Gál. 6.7-8), como nos vss. 3-4. Ver sobre a temível *tríade* (espada, fome e pestilências) em Eze. 5.12, e o terrível *quádruplo,* em Eze. 5.17. Nos vss. 5-9, Yahweh é como um arauto, que vem correndo à cidade, gritando sua mensagem no caminho, dando advertências. O hebraico aqui se apresenta em frases curtas, abreviadas, cortadas. As palavras "chegando" e "veio" ocorrem 6 vezes nos vss. 5-7. O *atalaia* proclama: "Desastre! Desastre nunca ouvido, chegando sobre Jerusalém!".

7.6

Vem o fim. O terrivel castigo de Yahweh poria fim a uma nação inteira, como uma execução. Judá era como um gigante adormecido; de súbito, ele acorda, mas é tarde demais; flechas já haviam penetrado em seu corpo. O golpe fatal já fora administrado. As palavras para "acorde" e "fim" têm sons semelhantes no hebraico, assim temos um trocadilho. Cf. Amós 8.2, onde há algumas semelhanças.

7.7

Tua sentença. A palavra assim traduzida é de significado incerto. A KJV traz "lamentação", presumivelmente a lamentação do dia final e fatal. O RSV apresenta "perdição". Em Isa. 28.5, a palavra tem o significado de *diadema* ou coroa, mas o cognato na linguagem babilônica, *saparu,* significa "destruir", o que, sem dúvida, deve ser entendido aqui.

O dia da *destruição* está perto, a madrugada já chegou. É um dia de tumulto e sangue, não de alegria e gritos de vitória. Montanhas e vales compartilharão o mesmo temível destino de aniquilação. Gritos de dor e angústia ecoarão de colina para colina, de vale para vale. O circuito do pecado acabou. Aqueles que colhem as uvas já estão entrando nos campos. Seus gritos são de ira, não de alegria. A ceifa é tenebrosa. É a colheita da morte. As mulheres dançam as danças de luto. Há gritos de dor, pois a alegria da ceifa fora ontem, hoje, só há angústia. Ver "os gritos da ceifa" em Isa. 16.9-10.

7.8-9

Estes versículos essencialmente repetem os vss. 3-4. Aqui temos a figura da maré que vem para inundar a praia, ou do rio que inunda a terra. Os julgamentos de Yahweh inundarão a terra e afogarão os pecadores. O pecado desaparecerá. Os pecadores perecerão. O julgamento continuará até ser consumido por sua própria fúria. Isto acontecerá somente quando não existir nada mais para destruir. O processo é de retaliação contra o abominável Judá, o apóstata, o idólatra, o adúltero, a nação-farsa.

O vs. 9 é praticamente uma duplicata do vs. 4. O olho de Yahweh reconhece todas as infrações e punirá cada uma sem misericórdia. Os caminhos perversos de Judá haviam terminado. A espada de Yahweh corta a nação em pedaços. Seu martelo a esmaga. Yahweh torna-se o Deus da ira implacável. Cf. Eze. 6.7,10,14; 7.4,27. Aqueles que receberem os golpes reconhecerão a justiça deles. O Senhor ganha o título de *Yahweh-makkeh,* "o Senhor que golpeia". O Targum diz: "Eu sou o Senhor que te golpeia". O povo reconhecerá *por que* foi golpeado tão severamente. Mas, que maravilha, O golpe divino cura os pecadores!

7.10

Eis o dia. O temível dia de Yahweh chegou. A ira do Todo-poderoso ameaça e traz o fim para a nação desobediente (vs. 6). A madrugada do receio está raiando (vs. 7), que destino amargo!

Vara. A palavra hebraica assim traduzida é *hamatteh.* Por emenda, alguns substituem por *hammutteh, injustiça.* Cf. Eze. 9.9. Talvez o versículo sugira que a vara de Yahweh, batendo nos ímpios, efetue justiça. A palavra *vara* torna possível uma metáfora fina: a vara floresce e, florescendo, produz golpes temíveis. A vara do Senhor cumpre Seu propósito de julgamento. Mas, se devemos entender *injustiça* como a palavra correta, então compreendemos que os muitos pecados de Judá enchem a terra como ervas daninhas que tomam conta de tudo. As plantas das iniqüidades florescem na agricultura do diabo. A NCV traz "a violência tem crescido". O *orgulho,* um dos principais pecados do povo, também cresce, e a vingança divina corta todo o crescimento pernicioso pelas raízes.

A metáfora da vara provavelmente foi sugerida pela experiência de Arão, quando sua vara floresceu (Núm. 17). Ou, talvez, estivesse em vista a amendoeira de Jeremias (Jer. 1.11-12). De qualquer maneira, a vara que floresceu mostra que a ira de Deus estava crescendo e em breve floresceria. Os frutos produzidos seriam terrivelmente amargos e venenosos.

Reverdeceu a soberba. A *vara* obviamente representava o exército babilônico, pragas, seca, fome e outras calamidades de poder destrutivo. A *arrogância* do povo tinha apressado o florescimento da vara, ou a arrogância deste versículo é a do exército destruidor. Cf. Jer. 50.31-32. Mas provavelmente está em vista "a oposição ousada do povo de Judá contra Deus".

7.11

Este versículo, no hebraico, é considerado ininteligível por muitos, e as interpretações dadas são meras especulações. As traduções escondem as dificuldades.

Idéias. 1. A NCV traz: "A violência cresceu e tornou-se uma arma para punir os iníquos". 2. Ou a violência do povo tem girado contra ele, provocando a ira de Deus. 3. Ou o *inimigo* violento se levanta como uma vara, para servir de instrumento de castigo. A referência, neste caso, seria à Babilônia. 4. O Targum diz: "Saqueadores têm se levantado para castigar os ímpios".

O restante do versículo é claro: a destruição será quase total; Jerusalém ficará praticamente despovoada; a pilhagem roubará do país todos os seus bens.

7.12

O que compra não se alegre, e o que vende não se entristeça. O dia mau está amanhecendo (vss. 6-8). Sendo a aniquilação a ordem do dia, negócios e comércio seriam ridículos. Normalmente, o homem que compra alguma coisa de que necessita sente alegria, e o homem que vende também fica alegre por ter feito "bom negócio". No dia da devastação, os dois seriam entregues à tristeza. Talvez o texto se refira à venda de terras hereditárias, para pagar débitos. Ver Nee. 5.3 e Jer. 32.7. Para a redenção de tais terras, ver Lev. 25.24-25. Ver sobre o ano do jubileu, em Lev. 25.8-55. A destruição de Judá acabaria com tais transações e com outras de modo geral, destruindo a alegria do comércio. Tanto o vendedor quanto o comprador perderiam tudo com a calamidade. A maioria seria morta e no sheol ninguém manipula bens. A própria terra, sua vegetação e seus animais seriam aniquilados.

7.13

O que vende não tornará a possuir aquilo que vendeu. O vendedor de terras hereditárias esperaria em vão pelo ano do jubileu, quando poderia recuperar suas terras. Para Judá, o jubileu havia acabado. O comprador possuiria a terra comprada por pouco tempo, pois tudo passaria às mãos dos babilônios (Jer. 25.11-12). Além disso, poucos vendedores e compradores escapariam do massacre efetuado pelo exército babilônico, e o pequeno restante iria para o exílio, onde

morreria. Os mortos não podem manipular bens na terra. Depois do cativeiro, as terras seriam divididas entre os poucos judeus que voltassem a Jerusalém, sem a possibilidade de restaurar a velha distribuição, segundo tribos e clãs.

Por causa de seus pecados, ninguém salvará a sua vida.

(NCV)

A profecia contra a multidão não voltará atrás. A destruição se aplicaria a todos em Judá e Jerusalém. As calamidades aconteceriam com uma precisão divina. Esta parte do versículo não está clara. O RSV traz *ira,* no lugar de *profecia (visão).* A ira seria *universal. A mudança de profecia* para *ira* exige uma emenda do texto, que se baseia em duas palavras de som semelhante.

7.14

A multidão deles. Os judeus são chamados aqui (com desprezo) de "aquela multidão". O dia de devastação pegaria aquela gente despreparada. Eles inutilmente tocariam a trombeta, tentando dar o alerta. Ninguém teria poder de parar o dilúvio que varreria a terra. O sítio do exército babilônico duraria 30 meses. Jerusalém faria uma defesa inútil. Cairia por causa de suas iniqüidades, perderia sua força e se tornaria uma vítima fácil. Atrás da força do inimigo, estava o poder de Yahweh; atrás da fraqueza de Judá, estava a ação contrária do Senhor. A fome tiraria todas as forças dos defensores.

7.15

A temível tríade faz seu trabalho: a espada, a fome e a pestilência reduziriam Judá a nada. Ver sobre a temível *tríade,* em Eze. 5.12. Ver sobre o terrível *quádruplo,* em Eze. 5.17. Fome e pestilência sempre se seguem à espada, são companheiros da morte.

O que está no campo... o que está na cidade. Os fazendeiros, nos seus campos "lá longe", seriam mortos por soldados babilônicos. Os habitantes morreriam de fome, e o que restasse teria morte por pragas e violência. Nem as cidades fortificadas sobreviveriam, afinal. Poderes variados e ferozes "devorariam" os habitantes do país, na quase aniquilação da ira divina. Cf. Mat. 24.16-18. A grande maioria do povo morreria, e o pequeno remanescente iria para o cativeiro. Os sobreviventes não estariam livres de sofrimento (como informa o vs. 16).

7.16

Se alguns deles fugindo escaparem... Alguns conseguiriam fugir para lugares escondidos, na Palestina e nos países vizinhos, como o Egito, Amom e Edom. Longe de casa, eles ficariam como pombas em lamentação, emitindo tristes sons. Alguns se esconderiam nas cavernas das colinas, mas seriam descobertos e mortos. Os poucos sobreviventes teriam uma vida de privação e sofrimento. A maioria terminaria na Babilônia, como escravos. As belas mulheres encheriam os haréns dos estrangeiros, e as mais feias tornar-se-iam escravas. Todo o povo sobrevivente ficaria em um estado de profunda lamentação. Os pombos (normalmente) habitam nos vales, mas estes "pombos" fugiriam para as montanhas, nas quais teriam pouca capacidade de adaptação. Os pombos deslocados saberiam que os seus pecados os tinham colocado naquela vida miserável, necessária para que eles pagassem pelas iniqüidades cometidas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Cf. Isa. 59.11.

7.17

Todas as mãos se tornarão débeis. As mãos são instrumentos de poder e ação. Mas as mãos dos judeus, no meio do castigo, ficariam debilitadas. Seus braços ficariam imobilizados, fracos e inúteis. Seus joelhos tremeriam e seriam incapazes de sustentar o próprio peso. Eles ficariam tão fracos quanto a água, como se fala comumente hoje. Cf. Eze. 21.7 e Jer. 6.24. Ver também Jos. 7.5; Sal. 22.14 e Isa. 13.7. O Targum diz que a água deste versículo se refere ao suor e à urina do homem, porque suar e urinar involuntariamente se associam ao receio. Os líquidos naturais do homem fluem *como água* nos momentos de terror e extrema ansiedade.

7.18

Cingir-se-ão de pano de saco. *Sinais de Lamentação.* Aqui temos alguns dos sinais comuns da lamentação: o vestir-se com pano de saco; a desfiguração do rosto; o corte do cabelo. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Lamentação,* para maiores detalhes. Os poucos sobreviventes se sujeitariam a uma variedade de desgraças e transtornos, pois começariam uma vida que não valeria a pena ser vivida. Cf. Isa. 51.2-3; 22.12; Amós 8.10; Gên. 37.34; Deu. 14.1 e Jer. 16.5-7. Às vezes, a lamentação entre os judeus ultrapassava os limites permitidos pela lei mosaica, como a automutilação ou a remoção total do cabelo, para produzir calvície. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mutilação.*

7.19

Nem a sua prata nem o seu ouro os poderá livrar. Prata, ouro e outros itens valiosos seriam inúteis na hora da crise. Até os avarentos, com seus depósitos cheios e bem guardados, não teriam o suficiente para comer, porque os babilônios não aceitariam suborno para poupar vidas. Afinal, se eles tomariam conta de tudo, por que mostrar misericórdia? Naqueles dias temíveis, a prata e o ouro não comprariam comida. Talvez a ação de jogar metais preciosos nas ruas fosse um gesto para dizer: "Tomem nossas riquezas, mas poupem nossa vida". Ou jogar fora as coisas mais valiosas seria um ato de desespero, como homens que, em um barco afundando, jogam a carga preciosa no mar. Sem dúvida, preços absurdos para comprar os víveres para a simples sobrevivência fizeram da prata e do ouro itens sem valor. Preciosidades se tornaram *coisas imundas,* não podiam satisfazer a fome. As iniqüidades do povo eram obstáculos na hora da crise. A vingança divina destruiu todos os valores comuns entre os homens. O desejo louco para adquirir bens figurava entre os pecados mais óbvios daqueles apóstatas. A corrida atrás do dinheiro fora aniquilada. Cf. Eze. 14.3-4. Um quilo de ouro não valia um grama de pão.

7.20

De tais preciosas jóias fizeram seu objeto de soberba. 1. Alguns vêem nestas palavras uma referência ao templo, que era o principal tesouro e a ornamentação mais preciosa de Jerusalém. O templo poluído era rejeitado por Yahweh. 2. Ou estão em vista as jóias preciosas do povo, utilizadas com ostentação e arrogância. No dia decisivo, tais jóias não teriam nenhum valor e seriam tão inúteis quanto a prata e o ouro (vs. 19).

Aqueles reprovados fabricaram ídolos de prata, ouro e jóias e os adoravam como deuses. O julgamento provaria a inutilidade daqueles ídolos "caros". A ira de Yahweh os quebraria em pedaços, juntamente com os ídolos de barro. Cf. Jer. 7.30, que mostra que tais ídolos foram colocados no próprio templo. Judá pagaria um alto preço por tais ultrajes. As riquezas se tornariam itens *imundos,* especialmente os ídolos.

Os judeus se revoltaram contra coisas consideradas imundas, como o fluxo menstrual (Lev. 15.19-23), certos animais que não serviam para comida, cadáveres etc. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Limpo e Imundo.* Ver também Núm. 19.13-21. Quando as calamidades chegassem, as riquezas se tornariam revoltantes para o povo, seriam consideradas coisas imundas. Tais coisas não teriam poder nenhum para aliviar a fome ou a dor.

7.21

E o entregarei na mão de estrangeiros. Para alguns intérpretes, o templo seria saqueado e seus bens seriam roubados. Nenhum item sagrado escaparia ao ultraje. Ou, segundo outros intérpretes, o ouro, a prata e as jóias, todos itens de valor, seriam saqueados. O templo foi saqueado segundo Jer. 52.17-23. Os pagãos, tocando nos tesouros daquele lugar sagrado, tornaram-nos imundos. Igualmente, todos os tesouros do povo tornaram-se imundos pelo toque poluidor dos pagãos. A profanação foi total.

7.22

Profanarão o meu recesso. Sem dúvida, este versículo se refere à profanação do templo pelos babilônios (uma das interpretações do versículo anterior). O templo foi saqueado (Jer. 52.17-23), queimado (Jer. 52.13) e reduzido a uma pilha de escombros. A idolatria-adultério-apostasia do povo garantiu aquele ultraje final. "Karl Jasper, um dos principais pensadores da Alemanha, escrevendo sobre a humilhação daquele país na Segunda Guerra Mundial, encorajou o povo a reconhecer que o acontecido era merecido, por causa de suas terríveis transgressões, individuais e coletivas" (E. L. Allen, *in loc.*). O mesmo se aplicou ao caso da Judá antiga. O castigo era justo, a punição era necessária. Somente o arrependimento sincero poderia ter impedido o fim triste daquele povo. De fato, o arrependimento permitiu a restauração de alguns, depois do cativeiro, e o Novo Israel surgiu. A glória do Senhor havia partido; a glória *Shekinah* (ver a respeito no *Dicionário*) abandonara o país, mas, na misericórdia de Deus, voltou, manifestando-se em uma luz menos brilhante.

7.23

Faze cadeia. Estas palavras têm perturbado os intérpretes.

Idéias. 1. Os sobreviventes do ataque dos soldados foram levados para a Babilônia, em cadeias que representaram seu cativeiro. 2. A Septuaginta substitui a palavra *cadeia* por *confusão.* 3. O siríaco fala que o povo "passava através de

tijolos", metáfora para um castigo severo. 4. A RSV, por emenda, substitui *cadeia* por *desolação*. 5. Pode ser uma alusão ao ato de levar ao julgamento criminosos amarrados em cadeias. Esta idéia produz uma figura fina, porque os pecadores de Judá, eram, de fato, criminosos espirituais.

Aquele povo encheu a terra com crimes, violência, poluições, ultrajes e rebelião, e mereceu o castigo de criminosos. Os violentos foram punidos violentamente. Cf. Eze. 8.17 e 12.19. "Havia o costume de levar um grupo de cativos amarrados juntos, com uma ou mais cadeias. As cadeias passavam de pescoço para pescoço. Obviamente, era impossível escapar" (Fausset, *in loc.*). Cf. Nee. 3.10.

7.24

Instrumentos Imundos de Destruição. Os piores pagãos serviam como instrumentos para punir seu povo, porque os habitantes de Jerusalém tinham escorregado para uma vida cheia de crimes de todos os tipos. Os ricos confiscaram os bens dos pobres; terras hereditárias foram roubadas; com os tesouros saqueados, os poderosos construíram mansões e se enriqueceram ainda mais com o comércio desonesto. Eles ergueram monumentos para os falsos deuses e usaram bens roubados para pagar as despesas. No final, como o destino ordenou, com justiça, toda aquela riqueza terminou nas mãos dos invasores. Eles purificaram tudo; não pouparam o templo poluído nem os altares e monumentos idólatras. Cf. o vs. 22. "... os caldeus, os mais cruéis, os piores idólatras de todas as nações" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Deu. 28.49-50 e Lev. 26.19.

7.25

Este versículo funciona como um tipo de *sumário* de passagem extremamente abreviada. "A destruição logo chegaria, a paz fugiria e a misericórdia sumiria. A dor seria o rei de Jerusalém. O julgamento havia chegado na forma de destruição do templo, da cidade, da nação e do povo, através do rei da Babilônia, o mais poderoso destruidor dos gentios, e agora de Judá (Jer. 4.7)" (John Gill, *in loc.*). Os judeus procuraram reconciliar-se com o "monstro", mas não conseguiram. Ele riu no rosto deles. Não houve paz entre Judá e Yahweh. Cf. I Tes. 5.2 e Luc. 26.26.

7.26

Virá miséria sobe miséria, e se levantará rumor sobre rumor. Um desastre seguia outro; boatos de mais calamidades espalharam por toda a cidade. Judá caiu de joelhos, implorando misericórdia, mas era tarde demais. Os oficiais procuraram videntes e profetas, esperando receber "uma boa palavra", mas naquele momento nenhuma boa palavra foi dita. Até os mentirosos pararam de mentir, pois nada havia para encorajá-los. Um meio arrependimento não teve efeito. Os ensinamentos já estavam perdidos entre os sacerdotes e líderes, e um sincretismo doentio tinha infeccionado o país inteiro. Os apóstatas ficaram surdos às palavras de qualquer profeta verdadeiro. A consciência deles estava "dura e queimada".

Buscarão visões. *As Três Fontes de Conselho.* Os profetas, os sacerdotes e os presbíteros deram conselhos na hora crítica, mas foi tudo em vão. Yahweh já tinha abandonado Seu povo, que o havia abandonado repetidamente. Cf. Pro. 1.28 e a história do desespero de Saul, quando ele foi rejeitado por Deus (I Sam. 28.15). Cf. Deu. 32.23 e Jer. 4.20.

7.27

Todas as Classes Sofreriam. As classes sociais, das mais humildes às mais altas, tremeriam de terror. O rei lamentaria a destruição sem precedentes. Os príncipes entrariam em um período prolongado de lamentação, gritando o seu desespero. A dor cobriria o povo como uma vestimenta. Todas as classes, autocorrompidas, cairiam sob o desprezo divino. *Através* dos julgamentos de Yahweh, reconheceriam o Senhor como vingador.

Saberão que eu sou o Senhor. Esta idéia se repete 63 vezes no livro de Ezequiel. Ver as notas em 6.7. "Ele seria conhecido como o Todo-poderoso Punidor" (Fausset, *in loc.*). "O único Senhor, onipotente, onisciente, onipresente, verdadeiro, fiel, santo, justo e bom" (John Gill, *in loc.*). O julgamento se conduziria segundo os méritos do povo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

Capítulo Oito

A Visão do Julgamento Iminente (8.1 – 11.25)

O Vingador Visita Seu Templo. Os capítulos 8-111 formam uma unidade. Os *temas principais* são:

1. A visão do profeta das abominações do templo (8.1-18).
2. A aniquilação dos ímpios, no santuário e na cidade de modo geral (9.1-11).
3. Uma diatribe contra certos líderes corruptos (11.1-12).
4. A partida da glória do Senhor da cidade (10.1-22; 11.22-23).

Repetições concernentes ao julgamento de Judá-Jerusalém são muito freqüentes neste livro. Os capítulos 8-11 revelam *os porquês* do julgamento: a terrível idolatria-adultério-apostasia, em inumeráveis manifestações do povo, de todas as classes. Não houve inocentes.

8.1

No sexto ano, no sexto mês, aos cinco dias do mês. "A data, aqui, é o dia 7 de setembro de 591 A. C. A Septuaginta diz *no quinto mês*. Alguns eruditos aceitam isto como acurado, contra o texto massorético. Talvez o redator tenha alcançado aquela data, acrescentando sete dias (Eze. 3.16) aos 390 (Eze. 4.5,9), data fornecida em Eze. 1.2" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Os dias naturalmente representam anos. Intérpretes diversos entendem datas diferentes na expressão "o sexto ano" do presente versículo: 1. Aquela data pode referir-se ao sexto ano do cativeiro de Ezequiel. 2. Alguns estudiosos não aceitam essa idéia e assim diversas especulações são formuladas. É fútil procurar ter certeza sobre este assunto. De qualquer maneira, em um dia específico, quando o profeta estava na companhia dos presbíteros (liderança) de Judá, justamente *naquela* hora, a mão de *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) caiu sobre o profeta e o inspirou a denunciar a apostasia de Judá e, especialmente, as iniqüidades da liderança.

Os anciãos de Judá. Os presbíteros, aqui, foram representantes dos exilados da primeira deportação, da qual o profeta também participou. Houve três deportações. Ver sobre isto nas notas em Jer. 52.20. Eles habitaram uma região perto do rio *Quebar* (Eze. 1.1). Ezequiel tornou-se o profeta do pequeno restante do povo que escapou ao massacre do exército babilônico. Mas suas profecias começaram antes do cativeiro e tinham uma aplicação mais ampla do que o presente capítulo implica.

Senhor Deus. O título divino *Adonai-Yahweh* ocorre 217 vezes neste livro, mas somente 103 vezes no restante do Antigo Testamento. Enfatiza a *soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). Deus intervém na história humana, não estando indiferente a ela. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teísmo.*

8.2

Eis uma figura como de fogo. *A Teofania.* A *Figura Divina* que o profeta viu era, essencialmente, a mesma descrita em Eze. 1.27 (ver as notas expositivas ali para maiores detalhes). A ordem das palavras nas duas descrições varia, mas o conteúdo é o mesmo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teofania,* para detalhes. A *Figura Divina* assumiu a forma humana. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Antropomorfismo.* O *fogo* fala do julgamento severo que chegaria em breve. A Figura era brilhante e gloriosa, mas seu propósito era destrutivo.

8.3

Em um ato brusco, a Figura pegou o profeta pelo cabelo e o levou para Jerusalém. A ação não foi muito gentil. O profeta foi colocado na entrada do templo que dava acesso à corte interior. Ali ele viu um *ídolo* que estava provocando a ira de Yahweh. Ver sobre o *Deus ciumento* nas notas em Deu. 4.24; 5.9; 6.15; e 32.16,21. Elohim (O Todo-poderoso) foi provocado pela idolatria tola dos homens. Ver sobre *transporte divino* em Eze. 3.14; 11.1,24; 37.1; 43.5. Ver Eze. 8.5 ss., para o *ídolo de ciúmes,* isto é, a imagem que provocou ciúmes divinos.

Talvez o *ídolo* fosse literal, sendo uma imagem favorita do povo. Mais provavelmente, seria um símbolo visionário, representando a idolatria geral da nação. Sabemos naturalmente que ídolos foram colocados no próprio templo, e sua adoração fez parte de um sincretismo doentio que os sacerdotes judeus inventaram. Ver II Reis 16.10-16. Manassés promovia abominações semelhantes (II Reis 21.4). Tais ações eram violações dos Dez Mandamentos (Êxo. 20.4; Deu. 4.23-24). A prática da idolatria exigiu punição capital, mas este mandamento da lei mosaica fora ignorado há muito tempo.

8.4

Eis que a glória do Deus de Israel estava ali. A glória do *Soberano Eterno* (Adonai-Yahweh) brilhava ao redor, de maneira terrível. Cf. Eze. 1.28, que tem as mesmas idéias, de uma forma mais elaborada. A glória do Senhor fez contraste violento com o ridículo ídolo postado ali. A glória do Senhor, a Shekinah, a nuvem da glória de Yahweh, ainda brilhava no templo, a despeito da provocação do ídolo. A glória era semelhante àquela da planície (Eze. 3.22-23). Não lemos sobre a partida do Senhor, do templo, até Eze. 10.4,18. Isto mostra a longanimidade de Deus, que deveria ter inspirado os judeus ao arrependimento. Mas aquele povo duro não se inspirava com nenhuma motivação espiritual ou moral.

A Imagem de Ciúme (8.5-6)

8.5

Da banda do norte, à porta do altar, estava esta imagem dos ciúmes. O ídolo estava posicionado no portão que apontava para o norte (vs. 3). Talvez este fato identificasse a adoração ao culto de Baal, que era chamado o *Senhor do Norte*. Também o julgamento sobre Judá chegaria do *norte* (da Babilônia, que se situava ao noroeste da Palestina). Ver Eze. 1.4. Cf. este ídolo àquele estabelecido por Manassés (II Reis 21.7; II Crô. 23.7,15). Talvez tais referências específicas indicassem que o ídolo deste texto era literal, uma imagem favorita do povo, que recebera adoração especial. De qualquer maneira, a idolatria provocou o ciúme de Yahweh, que logo destruiria a bagunça inteira. O rei Acaz (II Reis 16.10-14) tinha removido o altar de bronze de seu devido lugar (na frente do templo), colocando ali um ídolo seu. Esta ação foi especialmente odiosa.

A "porta do altar" refere-se ao portão situado na frente do altar, e a referência é ao Portão do Norte. Mas a Septuaginta, o latim antigo e o siríaco dizem "o Portão Oriental".

8.6

Filho do homem. Yahweh chamou o profeta de "o filho do homem", título freqüentemente utilizado neste livro. Ver as notas em Eze. 2.1.

Vês o que eles estão fazendo? Ezequiel recebeu a ordem para *observar* os atos blasfemos daquela idolatria crassa promovida no próprio templo. O povo estava perpetuando muitas "coisas odiosas" (NCV). Yahweh logo abandonaria o santuário e chamaria o exército babilônico para demolir o sincretismo que os sacerdotes do templo promoviam. Aquele ídolo, justamente no templo, chocou o profeta. Jerusalém se tornara o lugar de choques desgostosos; Eze. 10.18 informa que Yahweh, não muito depois, abandonou aquele lugar blasfemo. *Icabô* estava escrito sobre o lugar. A maldição divina o consumiria. O templo, outrora tão glorioso, tornou-se um lugar sem glória e em breve seria demolido pelo exército babilônico.

Os Ritos Abomináveis (8.7-13)

8.7-8

Cava naquela parede. *Adonai-Yahweh* mandou o profeta passar através do portão, para a corte, provavelmente o *átrio interior*. Havia um *buraco* no muro que cercava o átrio, e Ezequiel recebeu ordem para cavar dentro do buraco, aumentando o espaço. Enquanto ele cavava, uma porta se abriu. O profeta passou pela porta e se deparou com uma cena repugnante: estavam desenhados nas paredes muitos tipos de bestas, animais imundos de todas as espécies. Ídolos *infestavam* o templo. Sem dúvida, aquela grande representação de ídolos falava da idolatria de muitas nações: Canaã, Assíria, Babilônia e, provavelmente, até de lugares distantes como a Grécia. Jerusalém se tornara o lar das idolatrias internacionais. O templo estava poluído por um sincretismo doentio promovido pelo povo perverso. Sem dúvida, Yahweh fora representado ao lado das imagens dos muitos deuses, o que, em si, era outra abominação. Essa é a *idéia geral* dos vss. 7-10. Os intérpretes não concordam sobre os detalhes e esta versão padronizada é uma visão possível dos procedimentos. Talvez o buraco, sendo aumentado de tamanho, se tornasse a porta, vs. 8; ou o buraco aumentado permitiu que o profeta visse uma porta além. De qualquer maneira, o profeta, cavando aquele buraco, abriu uma grande "lata de vermes". Ele, como Pandora, abriu a caixa que guardava todos os males do mundo. *Pandora* era, na mitologia grega, a primeira mulher mortal. Ela roubou de Prometeu o fogo divino e foi mandada para a terra, como castigo por sua ousadia. Trouxe com ela uma caixa fechada com uma tampa. A ninguém era permitido abrir a caixa. Curiosa, a mulher – a Eva dos gregos – abriu a caixa cheia de todas as aflições que castigariam os homens. As maldades saíram da caixa. Eis o início do problema do mal: Por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem? Foi uma mulher que fez aquilo! A única coisa que restou na caixa tenha sido a *esperança*. Também haveria esperança para Judá, quando os fogos do julgamento terminassem com sua obra de purificação.

8.9

Entra, e vê as terríveis abominações. Entrando pela porta, o profeta teve uma visão aterrorizante de todos os males que os judeus estavam praticando. As abominações não tinham fim. O profeta viu uma coleção de criminosos espirituais, um panorama dos deuses falsos do mundo.

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deuses Falsos*, onde é ilustrada a corrupção da idolatria mundial. O que o profeta viu era repugnante, para falar o mínimo. Ele sentiu *ira*, a própria ira de Yahweh manifestada em um homem. Muitas perversões se ajuntaram no templo, que há muito tinha deixado de ser o lar do Deus de Israel.

8.10

Representações Odiosas. O que Ezequiel viu não eram ídolos sentados em toda a parte, mas, sim, *desenhos* nas paredes, que representavam serpentes, répteis, animais imundos, insetos que se rastejavam no chão, aves imundas de rapina que voavam no céu, e todos os tipos de ídolos possíveis. A NCV fala em "quadros", sobre aquelas coisas. A visão do paganismo doentio fez o profeta cair doente; ele entendeu perfeitamente bem o *porquê* do julgamento que chegaria logo e que seria *justo*. Este versículo nos faz lembrar do Livro dos Mortos dos egípcios, que fala de tais animais imundos. Textos ugaríticos nos informam sobre ritos praticados em cavernas, no escuro, para honrar o deus solar da vegetação. Provavelmente tais descrições influenciaram o conteúdo deste capítulo, ou pelo menos algumas das suas expressões. O vs. 12 nos diz que o culto foi praticado na *escuridão*.

8.11

Ritos da Escuridão. Operando na escuridão (vs. 12), os *70* líderes de Judá praticavam seus ritos idólatras. O número 70, aqui, não fala do Sinédrio, que não existia ainda. De fato, aquele grupo governante começou a existir bem depois do cativeiro babilônico. Os 70, aqui, são um grupo amplo de representantes do povo. Moisés escolheu 70 assistentes para ajudá-lo no ministério e no trabalho governador. Ver Núm. 1.16-17. Aparentemente, a tradição de ter justamente 70 líderes continuava, de forma modificada.

Setenta homens... tendo cada um na mão o seu incensário. Aqueles homens agiam como sacerdotes, cada um com um incensário na mão (ver Núm. 14,20,26), onde se queimava o incenso sagrado (Núm. 16; II Crô. 26.11-18). Anteriormente, somente os sacerdotes podiam realizar aqueles atos, e apenas os descendentes de Arão podiam ser sacerdotes. As velhas regras não eram mais observadas. Cada um dos *70* praticava seu próprio culto, sacrificando e honrando a "seu deus". Talvez um entre aqueles deuses representasse Yahweh, mas, de modo geral, era uma mistura terrível de idolatria crassa.

Subia o aroma de incenso. Uma grande nuvem de fumaça ascendeu das tochas dos 70, e o mau cheiro da idolatria permeava tudo. Entre os reprovados e rebeldes, o profeta reconheceu *Jaazanias*, descendente de *Safã*. Seus parentes desempenhavam importante papel no governo do Estado e no sacerdócio. Ver o gráfico que ilustra a linhagem de Safã, perto das notas sobre Jer. 26.24. A maioria dos membros da família de Safã era fiel a Yahweh, mas Jaazanias abandonou as velhas tradições e se juntou à idolatria crassa da apostasia de Judá. O profeta sofria outros choques, outras revelações repugnantes. Jaazanias, entre os rebeldes, era somente um choque entre muitos.

8.12-13

Nas trevas. Aqueles tolos praticaram seus ritos na escuridão, escondidos do olhar de Yahweh, honrando os deuses dos céus, da terra e do sol. Eles imitaram o *modus operandi* do paganismo, como demonstrado nas notas do vs. 10. Um verdadeiro *panteão* de deuses tinha atraído sua adoração e devoção. Eles anularam o yahwismo e se rebelaram contra tudo que Moisés havia escrito. Talvez Yahweh figurasse, naquele culto, como um deus entre muitos deuses, em um *sincretismo* odioso. O yahwismo se degenerou, tornando-se uma forma de paganismo, entre muitas.

O Senhor abandonou a terra. Os líderes acusaram Yahweh de ter abandonado Judá e, em retaliação, eles O abandonaram; ver. Eze. 9.9. Muitos crimes eram cometidos na caótica Judá do tempo de Ezequiel. Matadores se desculparam dizendo que Yahweh os havia abandonado, portanto, qualquer ato bestial era permitido. Eles acharam que, se Yahweh existisse, não os estava observando e nenhum castigo os pegaria. Para a indiferença aparente de Yahweh, ver Sal. 10.1; 28.1; 59.4; e 82.1. A acusação do abandono de Yahweh provavelmente se originou no massacre de Jerusalém, pelo exército babilônico, e nas três deportações que se seguiram. Onde estava Yahweh quando aqueles ultrajes aconteceram? Ver as notas em Jer. 52.28, para as três deportações.

A Adoração de Tamuz (8.14-15)

8.14

Levou-me à entrada da porta da casa do Senhor. O Espírito de Yahweh levou o profeta para o Portão do Norte da área do templo. *O circuito do profeta* trouxe-lhe muitas surpresas desagradáveis. Ele estava vendo Jerusalém como realmente era e entendia, cada vez mais, o porquê do julgamento que nivelaria aquela cidade e toda Judá. As abominações iam ficando cada vez maiores e o profeta se estarrecia enquanto continuava o seu circuito.

Estavam ali mulheres assentadas chorando a Tamuz. Ezequiel teve uma visão de mulheres chorando dolorosamente por *Tamuz,* um deus da Babilônia. Segundo as lendas, a cada ano ele morria, quando as plantas não resistiam ao frio do inverno, e sua morte era amargamente lamentada. Parte da lenda diz que o grande *dilúvio* das lágrimas de seus devotos o trouxe de volta à vida, como as chuvas da primavera dão vida nova à terra. O culto de Tamuz, embora começasse na Babilônia, tornou-se praticamente geral no Oriente. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo sobre *Tamuz.* Os sumérios o chamaram de *Dumuz.* Em alguns lugares, ele era um deus de fertilidade; seu poder cresceu à medida que seu culto se espalhou.

8.15

Verás ainda abominações maiores do que estas. O profeta não podia acreditar no que os seus olhos estavam vendo; a abominação de Tamuz foi uma visão deplorável. Mais choques estavam para chegar. Idolatria praticada no próprio templo era algo além da imaginação do profeta, mas não além da maldade do povo. Seria difícil imaginar que abominações ainda maiores poderiam existir. Mas o profeta ainda não tinha visto nem a metade.

A Adoração do Sol (8.16-18)

8.16

Levou-me para o átrio de dentro. O circuito trouxe o profeta para dentro do *átrio interior.* À porta do templo (entre o alpendre e o altar, I Reis 6.2-3), Ezequiel encontrou cerca de 25 homens, que tinham as costas voltadas para o templo e o rosto apontado para o *oriente.* O que aqueles reprovados estavam fazendo? Adorando o sol! Possivelmente, naquele momento, o sol estivesse nascendo. Em tempos posteriores, os adoradores do sol conduziram sua adoração olhando para o templo (I Reis 8.29,35; Dan. 6.10). É difícil determinar os detalhes daquele culto com precisão. Eze. 9.6 chama estes homens de "presbíteros". O texto descreve outro exemplo da corrupção da *liderança* do país. Cf. o vs. 11. Provavelmente aqueles homens eram sacerdotes. A entrada principal do templo apontava para o oriente. Os tolos tinham abandonado *Shekinah* e a glória do Santo dos Santos e estavam adorando uma coisa criada, em lugar do próprio Criador. Tinham girado as costas ao culto verdadeiro do templo, para adotar uma forma comum da idolatria pagã. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sol, Adoração do,* para maiores detalhes.

8.17

Vês...? O *Guia Divino* perguntou se o profeta tinha conseguido uma boa visão daquela nova abominação (vss. 13,15). O circuito não incluiria nenhuma trivialidade. Cada cena seria importante para o entendimento da condição da cidade, já que sua condenação seria justa. As evidências se amontoavam. A sociedade "lá fora" era totalmente perversa, mas a sociedade religiosa, "lá dentro do templo", era ainda pior. Crimes horrendos estavam sendo cometidos, todos os dias, por um número surpreendente de pessoas. O povo, de modo geral, tinha abandonado Yahweh e seu culto, e agia como qualquer outra nação pagã. A lei mosaica era totalmente ignorada. Israel tinha caído em uma apostasia irreversível.

Ei-los a chegar o ramo ao seu nariz. Esta referência é obscura e tem atraído certo número de interpretações (adivinhações). Sem dúvida, as pessoas do tempo de Ezequiel sabiam o que significava aquele ramo, parte da adoração pagã ali praticada.

Idéias. 1. Os ramos eram instrumentos para irritar o nariz de Yahweh, em um ato de rebelião e apostasia. Neste caso, a palavra *ramo* é usada metaforicamente para falar de uma variedade de *irritações.* 2. Alguns intérpretes fazem os ramos simbolizar o *fedor* da idolatria que chegou às narinas divinas. Ou, por uma emenda, substituindo-se a palavra *ramo* por *fedor,* alcançamos o mesmo significado. 3. Adam Clarke, *in loc.,* fala de ramos que os adoradores carregavam nas procissões, honrando a deuses e ídolos. Os ramos tinham, supostamente, flores que exalavam um cheiro doce, mas, para Yahweh, o cheiro era um fedor. 4. Talvez fossem colocados ramos nos narizes dos ídolos para irritá-los. O propósito era o de *acordar* os deuses, para que eles pudessem ouvir as orações dos devotos e beneficiá-los. É fútil multiplicar adivinhações.

8.18

Os meus olhos não pouparão. *Os olhos de Yahweh,* que tudo vêem, não perderam um único detalhe das péssimas condições da cidade e não teriam misericórdia. Uma destruição quase total estava chegando. Sua ira nivelaria os apóstatas em um julgamento bem merecido. Os esforços heróicos do profeta não teriam o mínimo efeito sobre a mente daqueles perversos. O palco já estava preparado para o ataque do exército babilônico. Cf. Pro. 1.24-28 e Mat. 7.22-23.

Ainda que me gritem aos ouvidos em alta voz, nem assim os ouvirei. É possível pecar-se além do dia da graça e entrar em um estado de cegueira, no qual o arrependimento não é mais possível. Cf. Isa. 1.15. O Targum traz: "Eles orarão diante de mim, com uma grande voz, mas não receberei suas orações".

Capítulo Nove

O Massacre dos Culpados (9.1-11)

Os capítulos 8-11 formam uma unidade. Ver a introdução à seção no capítulo 8. "O presente capítulo constitui uma parte da visão, continuando os textos que o precederam e que apresentaram uma exposição dos pecados do povo, mas este capítulo nos informa as punições inevitáveis que se seguiriam" (Ellicott, *in loc.*).

Vêm agora os *executores* carregando suas armas de destruição, fazendo ameaças, sem intenção alguma de exercer misericórdia. Voando no alto está Yahweh, no seu trono-carro, garantindo que a missão de destruição se realize de forma fulminante. Somente poucos piedosos escapariam às punições, recebendo o selo do Senhor, para garantir sua segurança. O restante cairia miseravelmente.

9.1

As Ordens Temíveis. Yahweh dá as ordens. Ele é o Rei verdadeiro e Seus anjos o obedecem. As hostes dos céus, utilizando instrumentos humanos, reduzirão os ímpios a nada. Cf. estes *executores divinos* com os 70 mil que agiram no tempo de Davi, por causa do censo (II Sam. 24). Agentes divinos também haviam destruído o exército assírio que ameaçava Jerusalém no tempo de Ezequias (II Reis 19.35). Cf. Êxo. 12.23. Tais julgamentos em larga escala empregam calamidades naturais como pragas, fome e a espada de exércitos; mas julgamentos sobrenaturais também podem participar da destruição generalizada. Todas as armas dos executores divinos são eficazes. Anteriormente, estes executores haviam guardado as propriedades de Yahweh na terra, mas, agora, eles se tornariam destruidores das coisas que antigamente haviam protegido com muito cuidado. Agora, seu *cuidado* seria destruir sem misericórdia. A palavra hebraica traduzida por *guarda* também pode significar *executor.* Ver II Reis 11.18 e cf. Gên. 18.1-2; Jos. 5.13; Juí. 13.11 e Dan. 8.16, onde a palavra só é usada para falar dos seres angelicais.

O Massacre. O instrumento humano da punição seria o exército babilônico, a maior força militar da época. O exército assírio já havia executado o norte (as dez tribos). Ver as notas no vs. 9. A vez de Judá-Jerusalém chegara. Sua idolatria-adultério-apostasia seria severamente punida.

9.2

Seis homens. *Seres Semelhantes ao Homem.* Estes seres estranhos chegaram do norte, seguindo o *modus operandi* do trono-carro (Eze. 1.4). Com eles, veio um *anjo de alto* poder e prestígio, vestido em linho fino. Cf. os *sete anjos* de Tobias 12.14; Enoque 20.1-8; Apo. 4.5 e 11.19. O *Portão superior* é o do norte. Os seis seres celestiais carregam armas e têm olhar ameaçador. O anjo vestido em linho carrega à cintura um estojo de escriba. Este anjo-escriba fará um relatório dos acontecimentos, apresentando a Yahweh todos os detalhes da realização de suas ordens. Na mitologia babilônica, o escriba dos deuses registrava tudo e garantia a realização dos planos divinos. Era chamado o *Senhor do Estilo;* era um filho do deus mais alto, Marduque. As imagens do vs. 2 têm paralelos às idéias das nações do Oriente Próximo, mas o profeta lhes dá um toque hebraico. Kimchi fornece os nomes dos seres angelicais deste versículo: Ira; Raiva; Fúria; Destruição; Brecha e Consumação. Comparar isto com a lista de Jer. 39.3. Todas as interpretações são interessantes, mas extravagantes.

E se puseram junto ao altar de bronze. Os seres ficaram perto do *altar de bronze,* normalmente identificado com o velho altar do templo de Salomão. Acaz o substituiu, colocando em seu lugar um altar pagão de Damasco (ver II Reis 16.10-16); era o altar dos sacrifícios queimados e simbolizava o julgamento que logo se realizaria contra a cidade.

9.3-4

A glória de Deus de Israel se levantou do Querubim. Lá em cima, Yahweh andava no seu trono-carro, atravessando o céu como um cometa. Ver no capítulo 1 a descrição completa do veículo do Senhor. Através de Seu anjo e, às vezes, Ele mesmo, o Senhor guiava o profeta no circuito da cidade, para que visse a vasta expressão de corrupções daquele lugar (capítulo 8).

Marca com um sinal a testa dos homens que suspiram e gemem. Agora, Yahweh desce do trono-carro e fica em pé na entrada do templo. A um anjo é

dada a tarefa de passar em Jerusalém e marcar a testa dos fiéis que estivessem entristecidos com as perversões da cidade. As pessoas que recebessem a marca seriam poupadas. A *marca* era a letra *taw* do alfabeto hebraico, o X, ou uma cruz. Cf. este caso com o de *Caim* (Gên. 4.15). Ver também Apo. 7.3-4; 13.16; 14.9,11; 20.4 e 22.4. Antigos intérpretes cristãos viram nesta marca a *cruz* de Jesus que salva, mas isto cristianiza o texto e é anacrônico. Era costume, no Oriente, marcar servos, escravos, oficiais etc. com algum tipo de sinal para distinguir tais pessoas das demais. Na mitologia antiga dos judeus, o arcanjo Gabriel era um "marcador" freqüente. Cf. o texto presente com a história do Anjo Marcador de Êxo. 11, cujo sinal efetuou a salvação dos marcados. Segundo a profecia, na Grande Tribulação, um sinal na testa garantirá a salvação dos fiéis. Ver Apo. 9.4; 14.1.

9.5-6

Anjos Destruidores. Estes anjos temíveis recebem ordens. Eles devem passar através da cidade para executar grande parte da população. Seus olhos sobrenaturais não deixarão escapar nenhum ímpio; eles farão um serviço completo. Nenhum apóstata, pecador, homem, mulher ou criança, escapará. Somente aqueles que têm o X serão salvos da devastação. Cf. Jon. 4.11. Os presentes versículos não são o João 3.16 do Antigo Testamento. De qualquer maneira, muitas advertências foram dadas. Não houve pessoas mal informadas nem inocentes. Uma oportunidade ampla havia sido oferecida, mas a paciência divina se esgotara. A corrupção da cidade se tornara maior e mais maligna, como o capítulo 8 bem ilustrou. Cf. Mat. 25.41; Luc. 23.30; e Apo. 3.16. A vingança final sobre a perversão é inevitável. Por outro lado, os julgamentos de Deus são sempre remediais, não meramente retributivos: eles curam através de feridas. Ver em I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado,* comentários que ilustram este princípio. De qualquer modo, as punições do presente texto não são para a vida além do sepulcro, mas são *temporais*. Às vezes os justos sofrem aparentemente sem causa alguma, e isto é o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*): Por que os homens sofrem e por que sofrem da maneira como sofrem?

Começai pelo meu santuário. O julgamento começaria no santuário, ferindo fatalmente os presbíteros (a liderança) de Jerusalém. Os principais líderes de toda aquela corrupção, que deveriam ter protegido o povo, sofreriam primeiro. Eram donos de tudo e tinham a tarefa de promover o culto divino a Yahweh, mas falharam miseravelmente, introduzindo idolatria até no próprio templo. Tornaram sua missão divina uma missão diabólica. Influenciaram negativamente o país inteiro e mereciam os sofrimentos impostos pelo poder divino. Aqueles apóstatas encorajaram a apostasia do povo de Deus e por isso sofreriam.

9.7

Abominações no Templo. Os presbíteros contaminaram o santuário e seus próprios cadáveres contaminariam aquele lugar. O massacre começara e o sangue deles corria no templo e enchia o lugar. Houve gritos para que Yahweh tivesse misericórdia, mas aquele era um dia de matança, não de amizade. Yahweh, furioso, tornou-se o inimigo implacável de Seu povo. Uma das principais infrações da legislação mosaica era o ato de tocar em um corpo morto, humano ou animal (Núm. 19.11; I Reis 13.2; II Reis 13.16). Os judeus tinham horror a esse toque. Mas agora cadáveres e sangue humano poluíam o templo. Um julgamento pesado caíra sobre os mais notáveis ímpios, isto é, a liderança do povo. Os mais privilegiados estavam recebendo o julgamento mais pesado. Cf. I Ped. 4.17-18.

9.8

Caí com o rosto em terra, clamei e disse: Ah! Senhor Deus! *O Massacre Continua.* O profeta agonizou observando a cena. A matança era grande e miseravelmente completa. O profeta ouviu os gritos de dor, mas Yahweh, não. Parecia que não haveria um único sobrevivente. Ezequiel gritou para Yahweh, esperando que Ele retirasse a Sua *mão destruidora*. Ezequiel empregou o título *Adonai-Yahweh*, Soberano Eterno, esperando que Sua soberania parasse o massacre e aliviasse os sofrimentos. Naquele momento, parecia que somente o profeta seria poupado. Yahweh não dera nenhuma promessa de que um *remanescente* seria poupado e que, afinal, se tornaria um Novo Israel, depois do cativeiro. Naquele momento, não houve esperança projetada. O dia era miserável e totalmente preto. O profeta não viu nenhum homem com o X de proteção na sua testa. Parecia não ter havido ninguém que valesse a pena poupar. Todos tinham caído nas armadilhas do diabo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ira de Deus*. O profeta caiu em total consternação e desespero. Ele sentiu a dor de seu povo, mas os seus atos e promessas piedosas não valeram nada naquele momento, não ajudaram o povo e não aliviaram o sofrimento.

9.9

A iniqüidade da casa de Israel e de Judá é excessivamente grande. O texto parece incluir, aqui, o norte, embora há muito tempo aquele país tivesse sido aniquilado pelo poder assírio. A expressão *casa de Israel*, ao lado de *Judá*, quase certamente fala do norte. Há mais de cem anos, o norte fora executado pelos assírios, e o pequeno número de sobreviventes tinha sido levado para o cativeiro na Assíria, para nunca mais voltar. Mas, na mente divina, aquele *acontecimento fora ontem*. Tanto o norte como o sul se tornaram cativos nas suas respectivas apostasias. A mesma ira divina esmagara os dois países pelas mesmas razões. Os habitantes praticaram os mais terríveis crimes: matança de inocentes, abuso de autoridade, roubo dos pobres, injustiças sem-fim. A violência era a ordem do dia e, finalmente, os violentos sofreram uma violência divina. Os ímpios tinham uma visão *deísta* das circunstâncias; pensavam que Yahweh não estava observando seus atos e não interviria. Mas a intervenção divina chegou "com os quatro pés", como se fala em linguagem popular. Yahweh é um Deus *teísta*, o Criador que não abandona Sua criação e retribui, castigando os pecadores e abençoando os fiéis. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teísmo* e *Deísmo*. Ver a alegada indiferença de Deus, nos Sal. 10.1; 28.1; 59.4 e 82.1. Cf. Eze. 11.13.

9.10

Não me compadecerei. Yahweh não ouviu os gritos do profeta. Vingança e massacre eram as ocupações daquele dia, e os agentes destruidores não descansariam enquanto restasse um único ímpio respirando. Os anjos vingadores cumpririam Suas ordens, a despeito dos gritos do profeta. A ira de Deus aumentava enquanto o profeta gritava. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* estava celebrando a justiça de Deus (ver esse título no *Dicionário*). Cf. Pro. 1.30-31. Há uma descrição semelhante em Eze. 7.4, cujas notas se aplicam aqui.

9.11

Fiz como me mandaste. vestimenta de linho puro e fino, aquele anjo deu seu relatório. Tinha marcado o X divino na testa dos justos, que eram um número restrito. O vs. 4 menciona a tarefa dada a este anjo. Os versículos anteriores mostraram como *seis* anjos executores cumpriram sua tarefa de matança dos iníquos. Foram levados *seis* anjos, para cumprir aquele dever, mas somente *um,* para cumprir a missão de misericórdia. A providência divina negativa e positiva estava em ação. Cf. João 17.14; Sal. 103.21 e Mar. 6.30. A providência de Deus está atrás de todas as missões divinas que os homens recebem. O Guia dos céus e da terra não erra nem negligencia. Os anjos e os homens que recebem missões são responsáveis para fazer o melhor, sem isenção. Como a canção popular fala: "Fiz tudo que tinha de fazer, sem isenção". Sim, os anjos e os homens devem prestar contas: O que fizeram ou deixaram de fazer, quantas falhas foram cometidas, quantos pecados foram superados e a forma como amaram? O que aprenderam nas suas experiências e nos seus estudos das coisas divinas? Essas são as perguntas vitais. O *anjo-escriba* respondeu: "Fiz como me mandaste". Feliz o homem que pode dizer, honestamente, essas palavras.

Capítulo Dez

A Partida da Glória de Yahweh (10.1-22)

Os capítulos 8-11 formam uma unidade. Ver a introdução geral a esta unidade, na introdução ao capítulo 8. Os julgamentos sobre Jerusalém serão executados através do exército babilônico. A *temível tríade* (espada, fome e pestilência, ver as notas em Eze. 5.12) fará o seu trabalho terrível. *Icabô* será escrito sobre a cidade. Agora, Yahweh sobe em Seu trono-carro e desaparece de Jerusalém. Este capítulo descreve a partida. Deus recusa compartilhar Sua glória com os *deuses* que estavam sendo adorados na cidade; Ele não queria compartilhar Seu templo nem Seu povo. A adoração de Deus sumiu de Silo, em pouco tempo, depois da partida da glória do Senhor daquele lugar. A história se repetiu em relação à Jerusalém. Ver I Sam. 4.1-4; 10-11; 19-23; Jer. 7.12-14.

10.1

A forma de um trono. Esta descrição do trono-carro nos leva de volta ao capítulo 1, com a mesma informação. Ver especialmente Eze. 1.21-22,26, onde há as notas apropriadas. Yahweh estava à entrada do santuário, e Seu trono-carro, no lado sul (vs. 3); em breve Ele tomaria o veículo e iria para longe, deixando Jerusalém sofrer o seu temível destino. Este capítulo nos dá outra visão do trono-carro, incluindo a descrição de duas novas criaturas associadas ao veículo. A cidade será entregue ao fogo e o templo abandonado (vss. 18-19).

10.2

O Anjo-escriba. Este ser luminoso estava vestido em linho tão branco e brilhante quanto o sol. Ele passou entre as rodas do trono-carro, onde o fogo de Yahweh queimava, enchendo as mãos com brasas acesas para espalhá-las sobre Jerusalém e o templo. Uma conflagração gigantesca consumiria tudo. Sabemos

que o templo foi deveras queimado, e a maior parte da cidade sofreu o mesmo fim (Jer. 52.13). Ver as descrições das rodas giratórias em Eze. 1.16,18; 23-24; e 26.10. Ver sobre as *brasas acesas* em Eze. 1.13 e cf. Isa. 6.6. O fogo purificaria a cidade. Da escória geral, Yahweh tiraria uma pequena porção de prata, para utilizar na formação do Novo Israel, depois do cativeiro babilônico.

"As brasas acesas significam a destruição da cidade, pelo fogo. Parece que o espaço entre as quatro rodas, que estavam em chamas, foi de onde as brasas foram tiradas" (Adam Clarke, *in loc.*).

10.3

Os querubins estavam ao lado direito. Os *querubins* (plural) estavam em pé, no lado sul (direito) do templo, quando se olha do oriente. O trono-carro estava posicionado naquele lado também. O anjo com aspecto de homem foi para o carro sobrenatural recolher as brasas acesas. Grandes nuvens de fumaça subiram, enchendo o átrio interior do templo. Devemos compreender a glória *Shekinah* (ver a respeito no *Dicionário*) envolvida nessa demonstração de poder divino. A glória está prestes a partir. A presença divina abandonará o lugar. Comparar este versículo com Eze. 1.28, que é semelhante. Ver também Êxo. 33.9-10; I Reis 8.10-11; e Isa. 6.1-4. Aqui, devemos entender a glória da presença como uma força destrutiva, enquanto, em outros textos, é uma força que abençoa. Normalmente, a proximidade da presença divina significa aprovação, mas aqui está em vista a *ira*, aplicada de forma sobrenatural.

10.4

Então se levantou a glória do Senhor. A glória de Yahweh pairava sobre os querubins e depois parou à entrada do templo. Isto repete a primeira parte de Eze. 9.3. Note-se o singular aqui, *o querubim*, provavelmente um *coletivo*, para os seres que fizeram parte do trono-carro, ou em referência ao *querubim* do Santo dos Santos. Neste caso, a glória de Yahweh partiu daquele lugar, indo para a entrada do templo, para logo desaparecer. Deixando a presença divina o templo, o lugar ficará *desolado* e *desprotegido*, tornando-se uma pilha de escombros. *Querubim* é a forma plural hebraica, mas a tradução portuguesa confunde a questão, usando *querubim* para o singular.

10.5

Este versículo é, essencialmente, uma duplicata de Eze. 1.24, onde há notas expositivas. A *exibição divina* do capítulo 1 se repete. Yahweh está sentado no seu trono-carro, preparando-se para abandonar o templo. Ele se elevará para o firmamento, desaparecendo totalmente da vista dos homens ímpios de Jerusalém. A cidade, um imenso depósito de pecados e violações da lei, ficará ainda pior, não será mais habitável. Os pecadores e irracionais tomarão conta e a cidade será parte do próprio inferno.

Deus Todo-poderoso. O hebraico do título divino aqui é *El Shaddai*, nome composto que significa *Poder Soberano*, ou *Soberano Onipotente*. Cf. Eze. 17.1. O Poder, outrora protetor de Jerusalém, agora se torna contrário e traz destruição total.

10.6-7

Os vss. 6-7 não são cronologicamente subseqüentes ao vs. 5, mas formam um parêntese, aumentando a informação já dada no vs. 2. Obedecendo à ordem de pegar o fogo divino, o *anjo-escriba*, vestido em linho, se aproxima da fonte do fogo, localizada entre as rodas do trono-carro. O anjo ficou perto de uma roda. Uma das criaturas (querubim) estendeu a mão, pegou uma porção significativa de brasas e as entregou ao anjo-escriba, que tinha a forma de um homem. Este anjo, com o fogo nas mãos, saiu para incendiar o lugar (vs. 7). O palco estava preparado para queimar a cidade rebelde, na realização do julgamento que Yahweh ordenara. "Os querubins, normalmente ministros da graça e da bondade de Deus, agora se tornam ministros da vingança divina" (Fausset, *in loc.*). Cf. Apo. 6.9,11; 18.4-7 e Mat. 22.7.

10.8

Tinham os querubins uma semelhança de mão de homem. Este versículo é, praticamente, uma duplicata de Eze. 1.8, assim colocado desajeitadamente. Provavelmente é o comentário de um redator subseqüente, que quis lembrar alguma coisa da aparência dos querubins que formavam o corpo do trono-carro. A descrição é continuação da do capítulo 1, mas os vss. 12-13 dão detalhes adicionais.

10.9-10

Quatro rodas. Estes dois versículos repetem Eze. 1.15-16, com alguma variação insignificante. Ver as notas ali, para maiores informações.

10.11-12

Uma Descrição Confusa. Estes dois versículos apresentam uma mistura confusa das figuras que pertencem aos querubins e às rodas do trono-carro. Alguns intérpretes, tentando seguir literalmente este texto, fazem dos querubins as próprias rodas do trono-carro, mas até agora os dois itens ficaram distintos. Cada querubim estava *associado* a uma roda e sempre a acompanhava, mas não era idêntico a ela. Ver Eze. 1.17-18 e 10.9-10 que, certamente, separam estes dois elementos do trono-carro. A NCV ajuda os leitores inserindo "as rodas" como o sujeito do vs. 11. Isto resolve o problema, mas representa uma emenda do hebraico. O vs. 12 traz "cheios de olhos", falando dos *corpos* dos querubins, enquanto Eze. 1.18 (ver as notas expositivas) apresenta os olhos cercando os aros das rodas. Aproximando-se do hebraico, Charles H. Dyer, *in loc.*, traduz: "Seus corpos inteiros eram completamente cheios de olhos". Outros tradutores adaptam o versículo a Eze. 1.18. De qualquer modo, está em vista a *onisciência de Deus*. Cf. Apo. 4.8, onde as quatro criaturas são cobertas de olhos, e declaração que, sem dúvida, se originou do presente versículo desajeitado.

10.13

Ouvindo-o eu. Ezequiel escutava o som das rodas (chamadas rodas giratórias pela RSV). As rodas giravam tão rapidamente que forneciam propulsão para o veículo voar. Mas Yahweh, falando e dando ordens, era a fonte do movimento produzido pelo veículo. A lição é óbvia: a palavra do Senhor é a fonte do movimento giratório deste mundo e de toda a criação. Sua palavra criou; Sua palavra impulsiona; Sua palavra determina o destino dos homens, dos céus e da terra. O trono-carro, com suas rodas em alta rotação, se prepara para sair do templo e sumir de Jerusalém. Icabô já pairava em cima da cidade; a glória do Senhor desapareceria.

10.14

A Confusão Continua. Este versículo também é confuso. A fonte é Eze. 1.10, mas, aqui, temos o rosto dos querubins como: 1. do querubim; 2. do leão; 3. da águia. Também, neste presente versículo, cada criatura tem quatro rostos! Provavelmente um redator, inadequadamente copiando as figuras anteriores, confundiu o texto. Certos intérpretes, não querendo confessar o que é óbvio, tentam heroicamente reconciliar as descrições dos capítulos 1 e 10, mas suas tentativas somente aumentam a confusão. Nada nos ajuda saber que o rosto do boi era uma figura comum nas descrições dos querubins, e que assim poderíamos substituir *boi* por *querubim* e falar a mesma coisa. Alguns intérpretes dão rosto para as rodas, não para os querubins! Mas, com esse tipo de interpretação, caímos em confusão total. É melhor e mais honesto confessarmos que o escritor original ou um redator subseqüente manipularam com inépcia os textos do capítulo 1.

10.15

Os querubins se elevaram. Aqui, o trono-carro se eleva, voando para cima, pronto para abandonar o lugar. A glória de Yahweh não poderia mais se manifestar onde os idólatras se tinham estabelecido. Cf. Eze. 3.23; 8.4 e 10.20,22. Chegara a hora para a glória do Senhor partir. Os querubins voaram para cima; o trono-carro se elevou, pairando sobre o átrio de Israel. As rodas giravam loucamente. Cf. Eze. 1.19-20. A propulsão levaria o veículo para longe de Jerusalém. Abandonada, a cidade sofreria calamidades múltiplas.

10.16-17

Estes dois versículos são paralelos a Eze. 1.20-21; ver as notas, com algumas pequenas variações. As duas passagens enfatizam a *soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*); Seus atos soberanos deram para o templo Sua glória e importância. Também removeram o que fora dado; Seu poder *abençoou* e também *amaldiçoou*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teísmo*. O Criador intervém na Sua criação, não a abandona como ensina o Deísmo (ver a respeito no *Dicionário*). O Poder Supremo recompensa ou julga de acordo com as provisões da lei moral.

10.18

Então saiu a glória do Senhor. Cf. o vs. 4 deste capítulo. A glória de Yahweh saiu do Santo dos Santos e hesitava um pouco na entrada do templo (ver Eze. 9.3). Lá estava o trono-carro pronto para partir. A Pessoa e a Glória do Senhor logo partiriam no seu veículo. Esta partida da presença e da glória de Yahweh marca o início do fim da cidade, que ficaria totalmente sem proteção. A espada do exército babilônico era a Espada do Senhor. Cf. Deu. 31.17. A maldição divina arrasaria a cidade e a reduziria a pó. Cf. Osé. 9.12.

10.19

A glória do Deus de Israel estava no alto. O *Cavaleiro Divino* está sentado em seu carro; as rodas giram loucamente, o veículo é propulsionado, eleva-se,

pára momentaneamente junto ao Portão Oriental do templo, a entrada principal do sol, "o portão de retidão", o "portão do Senhor" (Sal. 118.19-20). As "antigas portas" (Sal. 24.7,9) não veriam mais a presença divina. O Talmude (*Jerusalém, Erubin*, V. 22c) traz "portão do sol". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Portão Oriental*, para maiores detalhes. Através daquele portão, o rei e a arca da aliança entraram nos dias de procissão sagrada na celebração do Ano Novo. Também foi através daquele portão que surgiram os raios do sol da madrugada. O Portão Oriental estava perfeitamente alinhado com o sol nos dias dos equinócios. Foi apropriado, portanto, que Yahweh, pronto para sumir do templo de Jerusalém, parasse um pouco no Portão Oriental. Mas em que o ato ajudou? A história sacra havia terminado, a glória fugiria e o culto de Yahweh abandonaria o povo e seu templo idólatra. Fim! O segundo templo renovaria, em termos menores, a velha glória. Mas a glória do templo de Salomão nunca voltaria, e a arca da aliança estava destruída ou perdida em algum lugar na Babilônia. Aquela geração apóstata morreu miseravelmente no meio das corrupções que tinha fomentado. Sim, morreu como aqueles rebeldes no deserto das vagueações de Israel, no tempo de Moisés. Muitos não entraram na Terra Prometida, ficaram para sempre no deserto.

10.20

São estes os seres viventes que vi debaixo do Deus de Israel. As criaturas vivas (os querubins) formavam o corpo do trono-carro. Note-se o título: *Elohim*, o Poder de Israel. Vemos o Senhor Soberano sentado no veículo, pronto para dar as ordens da partida final. Ver o vs. 15 e cf. Eze. 1.26. A visão original se manifestou perto do rio Quebar; agora, tudo se repete em cima do templo. Em espírito, o profeta viajou para Jerusalém para ver as visões maravilhosas da glória do Senhor. Deixou seu corpo perto do rio e, sem obstáculos, viajou em espírito. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Projeção da Psique.*

10.21

Este versículo repete Eze. 1.8,10,23. Mas a confusão do vs. 14 é preservada. Cada criatura viva apresenta quatro rostos, em vez de apenas um. Alguns intérpretes vêem nas repetições um esforço para enfatizar certos detalhes. Outros culpam o redator de repetição inútil, porque certos detalhes das descrições tinham atraído sua atenção e ele não resistiu à tentação de repeti-los.

10.22

Eram os mesmos seres. Aqui, o autor original, ou um redator, poupa-nos de mais repetições, meramente asseverando que os querubins que ele viu, perto do rio Quebar, eram idênticos àqueles da visão presente. As imagens do capítulo 1 se repetem no capítulo 10 e representam as mesmas realidades. O trono-carro do capítulo 1 é o mesmo veículo da partida de Yahweh, do templo e de Jerusalém, do capítulo 10. *Icabô* (ver este termo no *Dicionário*) estava escrito sobre Jerusalém e seu templo; de fato, sobre todo o Judá. Os judeus foram entregues às mãos dos atormentadores-executores do norte.

Capítulo Onze

Julgamento e Esperança (11.1-25)

Os capítulos 8-11 formam uma unidade. Ver as notas na introdução do capítulo 8. O tema geral é o *julgamento iminente*. O presente capítulo se divide em três partes: 1. *Vss. 1-13*: continuam a narração do circuito do templo iniciada no capítulo 8. 2. *Vss. 14-21*: são um oráculo de esperança para os exilados na Babilônia. Também contêm uma crítica dos judeus que ficaram em Judá. 3. *Vss. 22-25*: prosseguem com a descrição da partida de Yahweh, que andava no Seu trono-carro, abandonando o templo e Jerusalém (a visão apresentada no capítulo 10).

Detalhes. 1. A Glória sumiu de Jerusalém. 2. Parou um pouco no Portão Oriental do templo. 3. Ezequiel teve novamente uma visão da idolatria-adultério-apostasia da cidade, que ratificou a justiça da partida da Glória. A cidade não era mais o trono do Senhor. 4. O profeta recebeu duas mensagens do Senhor: a) A *primeira* (vss. 1-15) descreve o julgamento do povo rebelde que tinha ficado em Jerusalém. Os sobreviventes não eram bons, e o fato de terem sobrevivido não demonstrava nenhuma superioridade que eles pudessem ter adquirido. B) A *segunda* apresenta uma promessa de restauração para os exilados na Babilônia (vss. 16-21). Finalmente, o profeta registrou alguns detalhes sobre a partida final da Glória de Deus (vss. 22-25).

Os Líderes Iníquos (11.1-13)

11.1

Então o Espírito me levantou e me levou à porta oriental da casa do Senhor. "Ezequiel estivera à porta do templo (Eze. 8.16), a oeste do altar. Agora, foi trazido pelo poder de Deus para o *Portão Oriental*, que ficava na frente do altar. A utilização dos nomes de *Jaazanias*, filho de Azur, e *Palatias*, filho de Benaia, príncipes do povo, dá um toque de realismo à narrativa, confirmando que o profeta realmente estava ali" (Theophile J. Meek, *in loc.*). O homem chamado Jaazanias não é o mesmo mencionado em Eze. 8.11, II Reis 25.23 e Jer. 40.8.

Este versículo reivindica o milagre do *transporte divino* e é paralelo a Eze. 8.3. Ver também Eze. 3.8.

Vinte e cinco homens. Talvez os mesmos citados em Eze. 8.16, adoradores do sol. Alguns intérpretes acham que devemos distinguir estes homens daqueles mencionados no capítulo 8. Talvez fossem outro grupo de idólatras e líderes falsos. O primeiro grupo era de *sacerdotes*; estes poderiam ser *líderes civis* (vs. 2). Não há como ter certeza sobre este ponto, nem é preciso ter. Talvez Jerusalém fosse dividida em 24 distritos, cada um com seu líder principal. Acima dos 24, talvez houvesse um *chefe*, perfazendo o total de 25. É impossível determinar a precisão desta adivinhação. De qualquer maneira, os 25 homens foram congregados no portão, o lugar tradicional de comércio e justiça. Os homens daquele grupo eram os principais "advogados" do país. Cf. Gên. 23.10,18; Deu. 21.18; Jos. 20.4; Rute 4.1-2,9; Jó 29.7,14-17. Ver o que se sabe sobre estes homens, nos artigos do *Dicionário* dedicados a eles.

11.2

Filho do homem. O Espírito (ou *espírito*, um anjo) transportou o profeta para aquele lugar e o chamou "filho do homem", título comum que Ezequiel recebe neste livro. Ver as notas sobre este título em Eze. 2.1.

Homens que maquinam vilezas. O profeta foi informado pelo Espírito da maldade daqueles homens, ímpios de coração, que promoviam injustiça no portão. Eles estavam cheios de planos e ações pecaminosas. Envolveram-se em crimes de sangue, em roubos dos pobres. Receberam subornos que compraram a "justiça". Jeremias aconselhou o povo a não resistir a Nabucodonosor, porque era um poder irresistível. Resistência traria morte e destruição generalizada. Mas muitos líderes de Judá rejeitaram aquele conselho e chamaram Jeremias de *traidor* (ver Jer. 8). Talvez, entre os atos errados dos 25 homens, estivesse uma conspiração para resistir à Babilônia.

A conspiração sem dúvida incluía uma aliança com o Egito, mas aquele povo comprovou ser um aliado frágil na hora da crise. Ver Jer. 27.2-3; 37.5,7,11.

11.3

Mentiras. Aqueles líderes negaram a "ameaça babilônica" e garantiram que a destruição de Jerusalém não seria iminente. Tudo continuaria como sempre. A vida doce continuaria; construções de casas podiam continuar, sem receio de interrupção.

Esta cidade é a panela, e nós a carne. Esta tradução (da *Atualizada*) esconde um hebraico obscuro que encoraja muitas interpretações igualmente duvidosas.

Idéias. 1. Como a panela é um item apropriado para cozinhar carne, aquele tempo era propício para construir casas e continuar uma vida normal, sem receios de "invasões" do norte. 2. "Esta cidade é como uma panela de cozinha, e *nós* somos as melhores pessoas dela" (NCV). Em outras palavras, tudo continuaria na mesma rotina, a cidade exercendo todas as suas funções, e aqueles 25 líderes tendo uma vida privilegiada numa cidade privilegiada. 3. A hora *não é boa* para construir ou continuar uma vida normal, porque a cidade logo será um forno ou uma panela, e os habitantes serão "fritos". Os líderes serão os habitantes que mais merecerão o castigo de fogo. 4. Talvez o versículo represente uma zombaria daqueles 25 líderes contra o profeta: "Deixe que Jerusalém seja exposta ao inimigo do norte. Nossas defesas são plenamente amplas para nos salvar das chamas da guerra". 5. Ou aqueles orgulhosos líderes acharam que a cidade pertencia *a eles*, para seu benefício, como uma panela naturalmente recebe carne para fritar. Tinham certeza de que nada perturbaria o *status quo*.

11.4-5

Portanto, profetiza contra eles. A superconfiança e a arrogância dos líderes provocaram um oráculo especial de Yahweh (vs. 4). O Espírito desceu sobre o profeta para iluminar-lhe a mente, dando uma visão clara dos castigos que seriam aplicados aos líderes apóstatas. Os pecados da liderança se multiplicaram, assim como a ira de Yahweh. Uma falsa confiança esconde receios interiores. Cf. Sal. 139.1-4. "Eu sei as coisas que vêm à mente deles, todas elas; não meramente as

palavras de escárnio e seus atos ímpios, mas até seus pensamentos e as corrupções do coração deles. Nada escapa à minha atenção" (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Consciência.*

11.6

Multiplicastes os vossos mortos nesta cidade. *A condição moral podre* dos apóstatas de Jerusalém resultou de uma variedade de iniqüidades, inclusive crimes de sangue. Ver Eze. 7.23-24. As pessoas que representavam a esperança da cidade foram mortas sem piedade. A cidade inteira morreria miseravelmente. A Babilônia garantiria este fim, executaria o povo inteiro, também sem piedade. Seria "assassinato coletivo". Ver II Reis 21.16.

11.7

Os que vós matastes e largastes no meio dela, são a carne, e ela a panela. 1. A *carne boa* da cidade (ver o vs. 3) não eram aqueles devassos que se acharam donos de Jerusalém, mas as pessoas que foram assassinadas. A autodesignada "elite", o "creme" de Jerusalém, poderia salvar a cidade dos executores, se fosse especializada na prática da justiça. Negligenciaram-na, porque não acharam lucro nela. Assim, a *carne podre* seria queimada nos fogos dos agressores. 2. Há outra maneira de entender este versículo: aqueles assassinos não seriam os bons da cidade, mas, sim, os maldosos que morreriam no meio dela, durante o ataque do inimigo. Seriam como carne *consumida* na Panela-Jerusalém. Os agressores colocariam aquela Panela no fogo de sua violência. 3. Existe uma terceira interpretação do versículo: as pessoas boas seriam aquelas consumidas na Panela-Jerusalém pelos opressores. O terror babilônico não respeitaria ninguém nem distinguiria entre bons e maus. O vs. 11 parece favorecer a segunda interpretação.

11.8

A espada trarei sobre vós. *A Ameaça Babilônica.* Há muito o terror potencial que tinha começado continuava crescendo, ganhando proporções maiores. A *espada* babilônica tornou-se imensa. A espada, aqui, representa a *temível tríade:* espada, fome, pestilência, uma força destrutiva implacável. Ver as notas em Eze. 5.12. Ver sobre o *terrível quádruplo* em Eze. 5.17. A temível tríade e os animais destruidores produziriam o terrível quádruplo.

Diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno, o Único Poder) garantiu que o que havia sido grandemente receado, aconteceria. Este título divino ocorre 217 vezes neste livro, mas somente 103 vezes no restante do Antigo Testamento.

11.9

Tirar-vos-ei do meio dela, e vos entregarei na mão de estrangeiros. Alguns líderes maldosos escapariam da caldeira fervente, aparentemente salvos, mas logo seriam conduzidos cativos até a Babilônia, para sofrer os devidos ultrajes. Muitos seriam mortos, sem piedade, em Ribla (Jer. 52.10). A mesma temível espada que massacrou os habitantes de Jerusalém continuaria a matança em outros lugares. Poucos sobreviventes terminariam na Babilônia. Não existiria segurança dentro ou fora do fogo destruidor de Jerusalém. A espada babilônica era grande e hábil. As orações implorando misericórdia não seriam ouvidas.

11.10

Caireis à espada; nos confins de Israel vos julgarei. *Interpretações.* 1. Ficaria comprovado que os reprovados não eram, de fato, a *boa carne* (a elite) do povo de Jerusalém (ver o vs. 3). 2. Nem todos seriam "cozidos na caldeira" de Jerusalém, mas, nem por isso, escapariam a uma morte miserável. Seriam destruídos na fronteira de Israel com a Síria, em Ribla (Jer. 52.10). Escapando à espada em Ribla, e já na Babilônia, seriam perseguidos pelo inimigo que continuaria a matança (ver Jer. 9.16). Naquele jogo, eles não poderiam ganhar. Cf. II Reis 25.18-21; Jer. 52.8-11,24-27.

11.11

Nos confins de Israel vos julgarei. A declaração se repete: Seria comprovado que aquela "elite" maldosa não era a *carne boa* (vs. 3) de Jerusalém. Escapando da "caldeira" de Jerusalém, encontraria a espada em Ribla ou, mais tarde, na Babilônia. O versículo ilustra a operação da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). De qualquer modo, uma longa vida não demonstra que a pessoa "idosa" seja boa e justa. Toda a vida humana é muito curta.

11.12

Pois não andastes nos meus estatutos. O povo rebelde tinha desobedecido à lei de Moisés, o *guia* de Israel (Deu. 6.4 ss.). Eles ignoraram seus estatutos, seus juízos e suas regras. Ver Deu. 6.1, para a tríplice designação da lei. A lei fez de Israel uma nação *distinta* das demais (Deu. 4.4-8). Mas Israel-Judá tornou-se uma nação pagã, como as outras, e merecia julgamento especial pelo fato de ter abandonado sua herança e desprezado a bondade do Senhor. Cf. Deu. 12.30-31. A vingança de Yahweh se aproximara para acertar as contas.

11.13

Ao tempo em que eu profetizava. Justamente quando o profeta estava pronunciando ameaças de julgamento, Pelatias morreu, de acidente, doença etc., mas tão *de súbito,* que o profeta não viu nas circunstâncias nenhuma coincidência. O efeito era de semear-ceifar. Aquele era um dos 25 príncipes maldosos do povo (vs. 1). Sua morte *inesperada* falou aos outros líderes: "Eis aqui o seu destino!". Não é provável que o homem tenha morrido na companhia do profeta. Ezequiel teve uma visão da morte, ou recebeu a notícia por um mensageiro.

Morreu Pelatias. Este homem morreu por um golpe divino, não de causas naturais. Sua morte chegou *de súbito* e consternou o profeta, que viu, na circunstância, uma prova de que Yahweh estava prestes a executar o povo em geral. Cf. esta morte com a de Uzá, que tocou na arca, indevidamente (II Sam. 6.3-8), e também com as mortes de Ananias e Safira, registradas em Atos 5.1-10. Podemos ver algo semelhante em Eze. 9.8, cujas notas se aplicam aqui.

A Esperança dos Exilados (11.14-21)

11.14

Veio a mim a palavra do Senhor. A inspiração do Espírito continuava trazendo ao profeta mais oráculos de Yahweh. Em meio à destruição, houve a luz de uma esperança. Comparem-se estes oráculos de restauração com os dos capítulos 20, 34 a 39. O presente versículo responde à pergunta do vs. 13: Haverá sobreviventes? Existe esperança? Todos cairão como o infeliz Pelatias?

11.15

Filho do homem. Este é o título comum dado ao profeta, no livro de Ezequiel. Ver as notas em Eze. 2.1. O profeta já estava no exílio, tendo compartilhado com outros a primeira das três deportações. Ver Jer. 52.28. O pequeno remanescente que ficou em Jerusalém começou a se orgulhar do fato, pensando estupidamente que merecia ser poupado. Eles desprezaram "os pecadores" na Babilônia, isto é, os exilados naquele lugar. Imaginaram ser a elite de Judá. Afinal, toda a terra ficou *para eles.* Mas Yahweh havia falado que, depois do cativo, *os exilados* formariam o Novo Israel, não os sobreviventes que permanecessem em Jerusalém. A história mostra que a grande maioria dos que ficaram em Jerusalém finalmente abandonou a cidade, fugindo para o Egito, com receio de outros ataques devastadores. No Egito, aquela gente não prosperou e não compartilhou da restauração em Jerusalém. O julgamento dos exilados era remedial, como são todos os julgamentos de Deus. Ver este princípio anotado na exposição de I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado.*

11.16

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno), que controla todas as coisas neste mundo, sabia o que estava fazendo na Babilônia, preparando os exilados para um Novo Dia.

Todavia lhes servirei de santuário... nas terras para onde foram. Os cativos seriam purificados e transformados na mente e no espírito. No exílio, o próprio Yahweh seria o templo deles. Profeticamente, temos uma antecipação do dia em que o Espírito fará do próprio homem Seu lugar de habitação (ver Efé. 2.20-22). Por determinado tempo, o povo exilado não teria um templo material. Voltando, seria o instrumento para construir o Segundo templo. O sol brilharia novamente sobre Judá. O remanescente que ficara em Jerusalém não participaria da nova glória, portanto era ridícula sua jactância.

"O meu altar é o coração humilde. Houve uma preparação para a catolicidade do evangelho. O templo local e material será substituído pelo templo do espírito do homem" (Fausset, *in loc.*). Os rabinos entenderam que o templo foi substituído pelas sinagogas, que se tornaram *pequenos templos.* Isto é uma pequena verdade; a verdade maior é a outra interpretação deste versículo.

11.17

Hei de ajuntá-los... e os recolherei. Yahweh mandou o profeta comunicar esta mensagem de esperança. O Deus Eterno e Todo-poderoso não havia abandonado Seu povo, mas estava purificando-o para o Novo Dia. O Poder que espalhasse o povo também o recolheria. O Poder que destruísse também restauraria. Sabe-se que os 70 anos de purificação (Jer. 25.11) produziram uma nova nação.

Alguns intérpretes acham que o versículo é *escatológico*, alcançando o Israel do milênio depois da volta do Messias. Cf. Eze. 34.13.

11.18

Voltarão... e tirarão.. todos os seus ídolos detestáveis. O remanescente voltará purificado. Entrando em Jerusalém, purificará a cidade, limpando-a e preparando-a para o Segundo templo. O fim definitivo da idolatria chegará. Não restará nenhum vestígio de paganismo no lugar. Em outras palavras, o remanescente que voltasse *removeria a causa* do cativeiro babilônico. Os livros de Esdras e Neemias contam a história do novo começo. A lei de Moisés tornou-se novamente o *guia* do povo (Deu. 6.4 ss.). Ver Ageu 2.9. O vs. 21 do presente capítulo dá outros detalhes sobre a restauração.

11.19

Dar-lhe-eis um só coração. Yahweh abençoará o Seu povo, dando-lhe um único coração totalmente dedicado ao yahwismo. O povo terá um *novo espírito*. As velhas atitudes e atos pecaminosos serão eliminados. O antigo coração de pedra será substituído por um coração sensível aos mandamentos de Yahweh. Alguns intérpretes pensam que temos aqui uma profecia escatológica que alcança os tempos do Novo Testamento e da igreja cristã. Alguns intérpretes acham que alcança até o milênio, quando graças espirituais transformarão todas as coisas. Cf. Jer. 31.31-34 e o Novo Pacto desse texto. Ver também Mat. 26.28; Mar. 14.24; Luc. 22.20; Heb. 8.6-13; 9.15; 10.14-16 e 12.24. Cf. Eze. 18.31 e 36.26, onde é mencionado o *novo coração*. Cf. Isa. 53.6, onde cada homem continua seguindo seu próprio caminho maldoso. A vontade perversa do homem o conduz à confusão e destruição. A vontade de Deus conduz à unidade e renovação.

> *Da multidão dos que creram era um o coração e a alma.*
>
> (Atos 4.32)

11.20

Para que andem nos meus estatutos. *Boas Notícias*. O remanescente restaurado voltará para a fé histórica dos hebreus, para a lei de Moisés e para as tradições dos patriarcas. Yahweh será o seu Deus de novo.

Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. Ver esta declaração em Eze. 14.11; 36.28; 37.23,27; Osé. 2.23. O povo obediente receberá o Novo Pacto e a comunhão com Yahweh que fora quebrada pela rebelião dos apóstatas. A regeneração será comprovada pelos frutos que produzirá.

> *Ela invocará o meu nome, e eu a ouvirei; direi: é o meu povo, e ela dirá: O Senhor é meu Deus.*
>
> (Zacarias 13.9)

11.21

Quanto àqueles cujo coração se compraz em seus ídolos detestáveis... Por contraste, os idólatras rebeldes, que nunca se modificaram nem ficaram sensíveis à palavra de Yahweh, devem cair sob o peso de seus próprios pecados.

Eu farei recair sobre suas cabeças as suas obras, diz o Senhor Deus. Os apóstatas não verão a restauração, e Yahweh não será o seu Deus. Sofrerão os merecidos castigos e serão, afinal, aniquilados. A vingança de Yahweh limpará tudo. Os rebeldes serão punidos segundo suas obras maléficas. A espada, a fome e a pestilência os devorarão. Eles abandonaram o Senhor, e o Senhor os abandonará.

A *vontade perversa* dos apóstatas semeou e ceifou uma colheita amarga. Nenhuma instrução teria o mínimo efeito para evitar as calamidades do julgamento. Cf. Apo. 21.8.

A Partida da Glória de Yahweh (11.22-25)

11.22

Os querubins elevaram as suas asas... e a glória do Deus de Israel estava no alto. Este versículo se vincula naturalmente a Eze. 10.19. "O *simbolismo solar* é óbvio (cf. Eze. 43.1-4 e Isa. 60.1-3,19-20). Como o sol ascendente da glória de Yahweh subiu acima do monte das Oliveiras, assim, aqui, a mesma glória abandona Jerusalém, partindo do mesmo lugar. Provavelmente esta passagem foi influenciada por Zac. 14.4" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

Ver sobre a "glória do Senhor" nas notas de Eze. 1.28. A glória de Deus deixou Jerusalém, passou por sobre o vale de Cedrom, pairou sobre o monte das Oliveiras e sumiu. Jerusalém foi abandonada. A glória do Senhor partiu; Icabô foi escrito sobre a cidade. O lugar, sem a proteção de Yahweh, logo seria destruído sem misericórdia. Afinal, a glória voltaria justamente para o monte das Oliveiras (Eze. 43.1-3). Jesus, na Sua ascensão, subiu daquele lugar (Atos 1.9-12). Ele prometeu voltar para aquele monte (Atos 1.11; cf. Zac. 14.4). Ver comentários em Eze. 10.19, quase iguais ao presente versículo.

11.23

A glória do Senhor subiu do meio da cidade. Yahweh, sentado em Seu trono-carro, levantou vôo, parou momentaneamente em cima do monte das Oliveiras, a colina que fica a oriente da cidade, onde o sol se levanta. Um pôr-de-sol caiu sobre Jerusalém. A glória sumiu. O sol voltaria para aquele lugar quando o Segundo templo fosse construído, mas 70 anos de escuridão dominariam todos os judeus para que um remanescente pudesse ser purificado (ver. Jer. 25.11). Naquele mesmo lugar, na visão de um profeta posterior (Zac. 14.4), o Senhor é representado em pé, no dia do julgamento final. Naquele lugar, Jesus proclamou a destruição da cidade rebelde no seu dia (Mat. 24; Luc. 21.20). Daquele lugar, Jesus ascendeu (Luc. 24.50-51). No presente versículo, a visão da partida da glória de Yahweh termina.

Jarchi chama esta partida de *terceira* remoção da glória Shekinah de Jerusalém. Os rabinos foram capazes de encontrar nada menos do que *dez* abandonos da glória do Senhor a Israel (T. Bab. Roshhashana, foi. 31.1).

11.24-25

Depois o Espírito me levantou, e me levou... *Epílogo*. O Espírito de Yahweh proporcionou ao profeta outro transporte místico e divino. Cf. Eze. 3.14; 8.3; 11.1; 37.1 e 43.5. Ele foi levado de Jerusalém para a companhia dos exilados na Babilônia. Lá, o profeta lhes revelou as mensagens que Yahweh tinha dado, todas para o benefício deles (vs. 25). As revelações de Deus vêm para beneficiar os homens, para ensinar, corrigir, informar, purificar; para restaurar e dar esperança em situações difíceis, quando o coração humano depende da ajuda divina. O profeta relatou tudo. O transporte divino fora do espírito de Ezequiel, não de seu corpo, que, o tempo todo, ficara em Tel-Abibe (Eze. 3.15), perto do rio Quebar, onde o profeta e alguns dos exilados se tinham estabelecido. Quebar tornou-se "seu lar fora do lar".

Capítulo Doze

Símbolos do Exílio e do Desespero (12.1-28)

Os capítulos 4-11 nos informaram sobre a tarefa de Ezequiel de comunicar, aos habitantes de Jerusalém, a necessidade do julgamento de Yahweh para purificar Seu povo. A mensagem foi comunicada através de uma variedade de sinais, mas nada funcionou. O orgulho pecaminoso venceu o bom senso. Em uma tentativa heróica de melhorar a condição daquele povo rebelde, o profeta trouxe sinais, sermões e provérbios adicionais (relatados nos capítulos 12-19), mas nada funcionou. Judá tinha descido longe demais na trilha da apostasia, para se impressionar com alguma pregação. O coração deles estava longe do arrependimento exigido por Yahweh. O julgamento tornou-se inevitável. Às vezes, através do julgamento, Deus pode fazer obras melhores do que por qualquer outro meio.

As Três Seções do Capítulo 12. 1. *Vss. 1-16:* o exílio do povo; seu príncipe; ações dramáticas que fazem esta seção vívida. *2. Vss. 17-20:* o receio experimentado pelo povo, por causa da desolação potencial da terra: o ataque do exército babilônico era iminente. 3. *Vss. 21-28:* o fim é iminente; a realização das profecias está próxima. Cf. Eze. 13.1-14.11.

12.1-2

Veio a mim a palavra do Senhor. *Oráculos Persistentes*. Eles continuaram chegando; a inspiração do profeta era grande e variada, alertando para o fim da cidade, que se aproximava rapidamente. Yahweh dera advertências urgentes, mas nada mudou o coração duro daqueles rebeldes. Ezequiel, "o filho do homem" (ver Eze. 2.1), continuava sendo o mensageiro, no meio dos rebeldes, mas eles não tinham olhos espirituais e seus ouvidos estavam entupidos com corrupções. Comparar as declarações destes versículos com Deu. 29.1-4; Isa. 6.9-10; Jer. 5.21; Mat. 13.13-15; e Atos 28.26-28. O profeta foi fiel, mas o povo infiel era totalmente insensível à mensagem divina. Judá era "uma casa rebelde" (ver Deu. 1.26 e Rom. 10.21). O profeta ilustrava sua mensagem com sinais, atos dramáticos e palavras poderosas, mas nada funcionou.

O Sinal da Bagagem (12.3-6)

12.3

Prepara a bagagem de exílio. Cf. Jer. 46.19. O profeta havia recebido ordens para arrumar as malas; ele iria para o exílio e levaria pouca coisa, pois perderia quase tudo. Cf. Amós 3.12. Com o povo observando-o, ele levaria suas malas e se transferiria para outro lugar, em clara demonstração do que aconteceria. Houve *três deportações distintas* (ver as notas em Jer. 52.28). Ezequiel e seus companheiros exilados em Tel-Abibe (Eze. 3.15) tinham participado da primeira deportação. Outras se seguiriam; a devastação seria grande e Jerusalém ficaria, essencialmente, desabitada.

12.4

À vista deles. O profeta, carregando suas malas, não iria muito longe; uma viagem curta seria suficiente para ilustrar a *viagem longa* que o povo faria às mãos do rei da Babilônia. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Cativeiro Babilônico*. Os exilados, já em Tel-Abibe, compreenderam plenamente o significado da "viagem" do profeta. Sua ação-parábola era simples e clara. Os judeus ainda em Jerusalém receberiam notícias das ações do profeta, as quais serviriam de advertência.

Sairás de tarde. "A viagem para a Babilônia começaria no frescor da noitinha, depois que toda a sua bagagem tivesse sido arrumada durante o dia. Jer. 40.1 informa como os exilados potenciais seriam maltratados" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

Zedequias tentou escapar na noite. Talvez o presente texto aluda àquele fato (ver Jer. 39.4 e 52.7).

12.5

Abre um buraco na parede, à vista deles, e sai por ali. O versículo refere-se à maneira como Zedequias e sua família tentaram escapar da cidade, através de uma brecha no muro (ver Jer. 39.2-4; II Reis 25.4).

Diversas Interpretações. 1. Os babilônios abriram muitas brechas nos muros de Jerusalém, buscando obter acesso à cidade. Os habitantes sobreviventes tentaram escapar à deportação, saindo através destas brechas, provavelmente à noite. 2. A bagagem seria retirada às pressas das casas; quando a noite chegasse, as brechas serviriam de caminhos para sair da cidade.

Cf. Jer. 39.4, a tentativa do rei Zedequias de escapar. Ele foi apanhado com toda a sua família. Seus filhos foram mortos em Ribla, diante de seus olhos; ele mesmo ficou cego, foi preso com algemas e levado à Babilônia (Jer. 52.1-11).

12.6

Às escuras. Realizando sua *ação-parábola,* o profeta aproveita a noite para sair furtivamente da cidade, cobrindo o rosto e olhando para a esquerda e para a direita. Ele está escapando de Jerusalém para salvar a sua própria vida. A maioria da população jaz morta nas ruas da cidade. Ver Jer. 39.2-4. A escapada simulada do profeta ilustrou o desespero que logo tomaria conta da cidade. Talvez a noite aluda à cegueira de Zedequias (Jer. 52.11), que entraria numa noite permanente. O exílio na Babilônia seria uma longa noite de terror para os cativos.

12.7

Como se me ordenou assim eu fiz. *Sumário.* Este versículo fornece um pequeno sumário do que foi dito nos vss. 4-6: O profeta realizou sua encenação enquanto o povo observava. O *sinal* da ação-parábola era tão claro, que todos entenderam a mensagem perfeitamente.

12.8-9

Pela manhã veio a mim a palavra do Senhor. *Novo Oráculo.* No dia seguinte, a palavra de Yahweh veio novamente ao profeta. O povo pediu explicações do significado da ação-parábola da bagagem. O significado era tão claro quanto o cristal, mas o povo quis uma confirmação do que já sabia. O novo oráculo ofereceu explicações adicionais.

Filho do homem. Yahweh utilizou o título comum de Ezequiel, quando se dirigiu ao profeta (ver as notas em Eze 2.1).

Aquela casa rebelde. Yahweh chama "a casa de Judá" de *casa rebelde.* Ver a expressão "casa rebelde" em Eze. 2.5-6,8; 3.26-27. Outras referências têm "casa de Israel", sem a menção de sua rebeldia (ver Eze. 3.1,4-5; 4.3; 12.3,9,25). Judá era Israel, depois do fim no reino do norte (722 A. C.), quando o exército assírio acabou definitivamente com aquele povo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro Assírio.* Comparar o vs. 9 com Eze. 7.18 e 24.19. Embora o significado da ação-parábola fosse claro, é possível que o povo achasse graça na mensagem.

12.10

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) deu a resposta que o profeta deveria transmitir ao povo. Ele controlava tudo na Sua *soberania* (ver a respeito no *Dicionário*), e o destino dos habitantes de Jerusalém dependia da Sua vontade, que sempre funcionava (funciona) segundo as exigências da lei moral. O título *Adonai-Yahweh* é usado 217 vezes em Ezequiel, mas somente 103 vezes no restante do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Príncipe em Jerusalém. Josefo (Ant. x.7) nos conta que uma carta foi enviada ao rei Zedequias, informando-o da ação-parábola do profeta. Esta lenda inclui o detalhe de que o próprio rei exigiu uma explicação da ação. De qualquer maneira, a parábola falava diretamente ao rei (*príncipe,* um título comum para "rei"). A parábola era uma *sentença pesada* (*peso*, literalmente). Trouxe más notícias de sofrimentos iminentes. A sentença era pesada demais para o rei e os habitantes de Jerusalém. O oráculo era repleto *de ais.*

12.11

Eu sou o vosso sinal. *Uma Resposta Simples.* O profeta não complicou a mensagem. Ele mesmo era um *sinal* para o povo e para o rei. O que ele fez simbolizava o terror que o ataque do exército babilônico traria. A *deportação* era inevitável. O rei e os poucos sobreviventes arrumaram as malas.

Zedequias tentou escapar sob a proteção da noite, falhou e foi feito cativo nas planícies de Jerico; mais tarde, foi levado para Ribla, na fronteira de Israel com a Síria e viu seus filhos sendo mortos; foi cegado e levado para a Babilônia, onde terminou seus dias numa prisão miserável. Ver II Reis 25.4-7; Jer. 52.7-11. O rei cobriu seu rosto para não ser reconhecido, mas não funcionou; a cegueira cobriu seus olhos permanentemente. Ele *foi* para a Babilônia, mas nunca *viu* o lugar.

12.12

O rei Zedequias fez todas as coisas que o profeta tinha feito na encenação de sua *ação-parábola* (vss. 4-6). Naturalmente, ele não cavou literalmente um buraco no muro; não viajou para longe, mas cobriu seu rosto (como o rei cobriria) para não ser reconhecido. A maldição de Yahweh pesava sobre o rei, portanto todos os seus esforços seriam em vão. Seu destino amargo o abalou, porque ele seria merecedor de um fim triste. Ele e a liderança, de modo geral, nunca obedeceram às ordens de Yahweh transmitidas pelos profetas. Semearam e ceifaram. O Targum fala aqui: "Cobrirá o seu rosto porque pecou". O pecador arrogante foi humilhado. O rei não se preocupava com "regras morais". No fim, as regras morais o esmagaram. Fugiu do Espírito e de suas exigências; em vão fugiu da cidade. Encontraria sua própria pessoa na prisão na Babilônia e reconheceria, nela, um tolo arrogante que ceifou o que tão diligentemente tinha semeado. Ver Gál. 6.7-8 e, no *Dicionário,* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

12.13

Também estenderei a minha rede sobre ele. Zedequias estava tentando *escapar*, mas o *Caçador Divino* o apanhou na sua rede. Os babilônios o pegaram na planície de Jericó, levaram-no para Ribla e mataram seus filhos diante dos seus olhos; cegaram-no e levaram-no para a Babilônia, onde sofreu prisão perpétua, mas sem nunca ter visto o lugar. As profecias de Jeremias e Ezequiel foram cumpridas plenamente. As profecias dos falsos profetas falharam lastimavelmente. Não houve paz nem a continuidade do *status quo.* Ver Jer. 6.14 e 8.11.

12.14

Aos quatro ventos espalharei todos os que para o ajudarem estão ao redor dele. Os poucos sobreviventes de Judá seriam espalhados pelos ventos do julgamento de Yahweh. Alguns tentariam fugir para os países vizinhos, escapando à rede da Babilônia. A maioria morreria naquela cidade, no cativeiro que duraria 70 anos (Jer. 25.11-12). Aquela geração se perderia na Babilônia, como os rebeldes que saíram do Egito pereceram no deserto das vagueações. Seus filhos e netos voltariam para Jerusalém, assim como os filhos e netos dos rebeldes, no deserto, finalmente alcançaram a Terra Prometida. O decreto misericordioso de Ciro garantiria a volta deles para Jerusalém e a oportunidade de reconstruir o lugar. Cf. Eze. 5.2,10,12.

Desembainharei a espada após eles. O remanescente não teria paz na Babilônia, como os rebeldes, no deserto, nunca tiveram paz. Até na Babilônia a espada da morte os perseguiria. Houve muitas barbaridades que mataram e feriram (ver Jer. 9.16). Jer. 41-43 descrevem a vida daqueles que ficaram em Jerusalém e, finalmente, fugiram para o Egito para evitar mais ultrajes dos babilônios. Jeremias foi forçado a acompanhar essas pessoas e passou o resto de sua vida naquele lugar.

12.15

Saberão que eu sou o Senhor. Ver esta frase anotada em Eze. 5.13; 6.7,10,13-14. As pessoas envolvidas em todo aquele terror aprenderiam, afinal, uma grande lição sobre a função da soberania de Deus (ver Eze. 12.12-16). Aqueles que se recusam conhecer o Senhor como Benfeitor e Salvador terminam conhecendo-o como Juiz Soberano. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Soberania de Deus*. O *teísmo bíblico* ensina que o Criador não abandona Sua criação, mais continua presente, intervindo, castigando o mal e recompensando o bem; Ele age segundo a lei moral, aplicando Sua providência negativa e positiva, conforme os méritos do povo.

Quando eu os dispensar entre as nações. O povo seria espalhado, como uma vingança de Yahweh contra a sua idolatria-adultério-apostasia.

12.16

Deixarei ficar alguns poucos. A aniquilação não seria total, nem todas as levadas para o cativeiro morreriam na Babilônia. Haveria alguns sobreviventes, bem como filhos e netos dos cativos. A *tríade temível* (espada, fome e pestilência) não acabaria com todos os judeus. Ver sobre a tríade nas notas de Eze. 5.12. Castigados, alguns seriam purificados e tornar-se-iam uma pequena porção de prata que Yahweh utilizaria para começar tudo de novo, depois do cativeiro. Finalmente, a idolatria dos judeus terminou e o povo abandonou suas abominações pagãs, voltando para a lei de Moisés (ver sobre este *guia* em Deu. 6.4 ss.). Cf. os vss. 15-16 com Eze. 6.8,10. Ver também Eze. 5.13, que tem algo semelhante.

Saberão que eu sou o Senhor. *As Obras Divinas de Instrução.* Às vezes, os homens precisam de castigos severos para serem purificados. Outras vezes, atos de misericórdia são suficientes para trazer o arrependimento. Deus aplica os meios necessários para garantir resultados positivos. Até seus julgamentos são dedos na mão de Seu amor.

A bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento.

(Romanos 2.4)

O Receio do Povo: O Segundo Sinal (12.17-20)

12.17-18

O teu pão comerás com tremor. Os oráculos de Yahweh continuaram e trouxeram receio e tremedeiras (vss. 17-18). Ezequiel comia seu pão e bebia sua bebida em meio a muitos receios e ansiedades. Não podia relaxar, sabia dos terrores que logo chegariam: matança e pilhagem reduziriam Judá e Jerusalém a quase nada; gritos de desespero encheriam a terra.

Aqui, temos o *sinal do terror,* que era o *segundo,* seguindo o primeiro sinal da bagagem (vss. 3-6). O segundo sinal era "comer e beber com tremedeiras". O povo observava o profeta encenando este sinal, e podia ver claramente o significado. Os terrores iminentes perturbariam até os atos mais simples da vida.

O ataque babilônico traria escassez de comida e água. O *sustento de pão* seria quebrado (Eze. 5.16). A comida e a água seriam racionadas (Eze. 4.10-11). O profeta comia com os homens, em meio ao terror e desespero de um ataque do exército invasor.

12.19

A Aplicação do Segundo Sinal. O profeta, comendo em terror e ansiedade aguda, era um *sinal* que mostrava como o povo comeria e beberia quando o exército babilônico batesse às portas de Jerusalém. Logo, o povo nem teria coisa alguma para comer ou beber. As mulheres comeriam os próprios filhos (Lam. 2.20)! O horror era autoprovocado. Eles trouxeram o julgamento para si mesmos, com seus atos contínuos de iniqüidade (Eze. 20.18). Cf. Eze. 7.23 e 8.17.

O seu pão comerão com ansiedade e a sua água beberão com espanto. A vida normal foi totalmente perturbada por forças fora do controle dos habitantes de Jerusalém. O povo criou essas forças. Elas se tornaram monstros e atacaram seus criadores.

12.20

As cidades habitadas cairão em ruínas. Os devastadores não poupariam nada. Sistematicamente, reduziriam as cidades de Judá à poeira; Jerusalém seria a última e a mais gloriosa vítima. A destruição era a mão pesada de Yahweh sobre eles. Ficariam conhecendo-o como Juiz.

Sabereis que eu sou o Senhor. Esta declaração ocorre 63 vezes neste livro. Fala da providência *negativa* que Deus aplicaria ao povo. A dor do pecado e a miséria causada pela apostasia seriam agudamente sentidas. Eles semearam a cevada brava e a colheriam. A *Lex Talionis* (retribuição de acordo com a gravidade do crime) efetuaria o castigo apropriado (ver sobre esse termo no *Dicionário*). A terra inteira de Judá ficaria desolada e abandonada. A agricultura falharia por falta de fazendeiros.

O Fim Está Próximo (12.21-28)

Depois dos *dois sinais dados* (vss. 3-6 e vss. 18-20), o profeta entregou *cinco mensagens* (vss. 21-25; vss. 26-28; capítulo 13; 14.1-11; 14.12-13). Estas mensagens demonstraram poderosamente que o *otimismo* do povo sobre a "ameaça da Babilônia" era ilusório. O julgamento fatalmente aconteceria, e seria terrível. As profecias otimistas dos falsos profetas falhariam absolutamente. Eles tinham a boca cheia de mentiras e engano. Não haveria a prosperidade da qual tinham falado (capítulo 13), mas, sim, calamidades (Eze. 12.26-28).

Cada uma das cinco mensagens é introduzida da mesma forma: "Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo...". Estas palavras constituem uma afirmação da inspiração divina dos *oráculos* e também reivindicam que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Inspiração* e *Revelação.*

Primeira Mensagem (12.21-25)

12.21

Veio a mim a palavra do Senhor. Outro *oráculo* do Senhor foi recebido pelo profeta. A instrução divina continuava operando. A profecia se aplicou ao tempo de Ezequiel, mas parece também ter uma aplicação *escatológica.* Talvez estejam incluídas no oráculo as condições que caracterizarão o fim dos tempos.

12.22

Que provérbio é esse...? O oráculo denuncia um *provérbio popular* sobre a falha das profecias (ver I Cor. 13.8). A experiência mostrou, ao contrário, que as profecias dos principais profetas, como Ezequiel, normalmente, eram acuradas. Cf. II Ped. 3.4: "Onde está a promessa de sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as cousas permanecem como desde o princípio da criação".

O *provérbio* obviamente falou sobre profecias que prometeram *calamidades* que nunca se concretizaram. O capítulo 13 mostra que o povo, de modo geral, favoreceu os falsos profetas que prometeram paz e prosperidade, pronunciando visões mentirosas. O povo inventou o provérbio para baixar o prestígio daqueles profetas que só podiam ver desastres chegando. O povo cansou de ouvir tais coisas e pensou que as previsões, caso se realizassem, não se cumpririam no tempo deles. A verdade era que os pronunciamentos eram meios divinos de preparar um povo ímpio, para evitar as calamidades previstas, através do arrependimento.

Estou escrevendo estas palavras no dia 10 de agosto de 1997. As profecias para o "tempo do fim", tão populares nas igrejas evangélicas, estão atrasadas. Muitos intérpretes previram a Grande Tribulação para a década de 1990-99, e a quase total destruição do mundo até o ano 2000. O anticristo deveria ter-se manifestado há alguns anos, se aquelas interpretações fossem acuradas. O que aconteceu? São os nossos dias, verdadeiramente, o "fim dos tempos"? Deus mudou de idéia? Os intérpretes estavam errados? As profecias são verdadeiras, mas atrasadas, pela graça de Deus, que está dando a este mundo iníquo mais tempo? Todas estas circunstâncias são uma advertência para não sermos dogmáticos quando discutimos as profecias. De fato, devemos ter cuidado com "dogmas", pois temos a tendência de representá-los como *verdades fixas.* Muitas vezes ouvi, nas igrejas, que o Mercado Comum Europeu seria um instrumento especial nas mãos do anticristo, quando o número de nações membros chegasse a *dez.* Existe, hoje, um número maior de membros e os intérpretes estão mudando suas interpretações para ajustar-se ao que está acontecendo.

12.23

Assim diz o Senhor Deus: Farei cessar esse provérbio. *Adonai-Elohim* (o Soberano Eterno Deus), nos dias de Ezequiel, logo poria fim ao provérbio popular que zombava das profecias de calamidades. A boca dos rebeldes seria fechada permanentemente. A espada do Senhor, o exército babilônico, seria o instrumento de castigo para acabar com o escárnio. Ver sobre o título divino, *Adonai-Elohim,* em Eze. 2.4; 3.27; 4.1; 5.5. Este nome aparece 217 vezes neste livro, mas somente 103 vezes no restante do Antigo Testamento. O julgamento figura entre os atos soberanos do Senhor. O povo perceberia, tarde demais, que a apostasia não podia continuar para sempre. A retaliação seria justa. Yahweh, para eles, ficaria conhecido como o *Vingador,* no lugar de Benfeitor (vs. 20). John Gill calcula que o ataque babilônico tenha acontecido somente três anos depois das profecias registradas neste trecho.

12.24

Não haverá visão falsa nenhuma, nem adivinhação lisonjeira. Os falsos profetas, prometendo paz e prosperidade, constituíram um contraste violento às verdadeiras profecias, que prometeram desastres.

O decreto de Yahweh era contra os hipócritas religiosos. A mão pesada do Senhor em breve comprovaria quem tinha razão. Cf. Lam. 2.14. Os falsos profetas tinham visões fraudulentas. Provavelmente tinham também "impulsos psíquicos" (intuições) de cumprimento de desejo, que não eram reflexos da vontade divina. Cf. Eze. 13.23; Jer. 28.1-4 e 29.1,8-9.

12.25

Falarei a palavra e a cumprirei, diz o Senhor. As verdadeiras visões dadas por Yahweh produziram profecias válidas e precisas. Logo seriam realizadas para o horror dos "otimistas". A *casa rebelde* de Judá (ver as notas nos vss. 2-3,9,25) teria de cessar suas abominações. A paciência de Yahweh se esgotara. A vingança era verdadeira e logo chegaria. *Adonai-Yahweh* fez o pronunciamento e, como *Soberano,* garantiu seu cumprimento. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Soberania.* Ver também sobre a *Providência de Deus,* que opera de maneira positiva ou negativa.

Segunda Mensagem (12.26-28)

12.26

Veio-me ainda a palavra do Senhor. Ver no vs. 21 as notas que descrevem os *dois sinais* e as *cinco mensagens* (oráculos). O vs. 26, que introduz a mensagem, é uma duplicação do vs. 21, onde a expressão é anotada. Todas as cinco mensagens foram introduzidas com esta declaração, garantindo que os oráculos foram de inspiração divina e que Ezequiel era um profeta autorizado por Yahweh.

12.27-28

Os da casa de Israel dizem:... Ele profetiza de tempos que estão mui longe. *A segunda mensagem* repete, essencialmente, a primeira e serve para *enfatizar* a informação dada. O vs. 28 é praticamente uma duplicata dos vss. 23 e 25. A repetição é uma *característica literária* deste livro. Ezequiel era repetitivo ou, segundo alguns intérpretes, foi o redator que assim agiu. De qualquer maneira, fica claro que a misericórdia era abusada e o amor, rejeitado. Restou julgar severamente. As pessoas que ignoraram ou interpretaram erroneamente as profecias logo descobririam seu erro.

Os escarnecedores fizeram duas afirmações: 1. As profecias, se verdadeiras, não aconteceriam no tempo deles. 2. As profecias não eram válidas, mas, sim, produtos de mentes religiosas fanáticas que não mereciam a atenção do povo. Os acontecimentos logo comprovariam que estas duas afirmações eram equivocadas.

Capítulo Treze

Oráculos contra os Falsos Profetas e Falsas Profetisas (13.1-23)

Ezequiel deu *dois sinais* (ver Eze. 12.3-6 e 18-20) e, então, *cinco mensagens* (ver as notas em Eze. 12.21). O capítulo 13 descreve a *terceira mensagem* (oráculo). As duas primeiras deram advertências contra os escarnecedores que perverteram as mensagens do profeta, negaram a validade de suas profecias, ou afirmaram que, se verdadeiras, elas não se realizariam *nos seus dias.* A *terceira mensagem* desenvolve o assunto, afirmando que os falsos profetas e as falsas profetisas diziam mentiras e tinham visões falsas. Estes declararam que haveria paz e prosperidade nos seus dias, em vez de terror. Garantiram, também, que Yahweh e outros deuses os inspiraram. De fato, eles eram hipócritas, mentirosos, atores corruptos, simuladores, entusiastas auto-enganados, idólatras e apóstatas.

"O conflito entre profetas verdadeiros e falsos foi dramatizado pelo incidente que envolveu Micaías, filho de Inlá. Ele fez oposição aos 400 profetas de Baal e contra Acabe e Jezabel. Ver I Reis 22.8-26; houve também o conflito entre Jeremias e Hananias, o terrível (Jer. 28). Amós recusou identificar-se com os falsos profetas de seu tempo (Amós 7.14). Tanto Miquéias como Isaías participaram do conflito (Miq. 2.11; Isa. 9.15). Os falsos profetas guiaram o povo para a destruição, afirmando que tudo estava bem, enquanto tudo estava muito ruim" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

O povo era enganado com falsas esperanças. Corrupções internas facilitaram o trabalho dos falsos profetas. As pessoas foram "vítimas contentes" da liderança corrupta da época; quiseram ouvir mentiras, porque a verdade lhes perturbava a vida.

A Pesquisa Moderna. Estudos realizados por cientistas dos fenômenos psíquicos têm demonstrado que a *psique humana* é perfeitamente capaz de produzir *visões* totalmente independentes de Deus ou de demônios. Tais visões podem ser meramente sonhos no estado acordado, ou puras invenções psíquicas que não têm nada que ver com a realidade. Mas, para os inventores, são absolutamente *reais.* Podem existir fontes demoníacas, mas as experiências místicas podem ser naturais e humanas, não divinas ou demoníacas. Além disso, os mentirosos gostam de glorificar-se, afirmando ser líderes espirituais que têm visões do alto. Sempre encontram discípulos ingênuos que acreditam em suas mitologias.

Terceira Mensagem: Oráculo contra os Falsos Profetas (13.1-16)

13.1

Veio a mim, a palavra do Senhor. Esta afirmação introduz as cinco mensagens. Ver as notas expositivas em Eze. 12.21. Yahweh *não era* a fonte das visões e dos sonhos dos oponentes de Ezequiel, como eles afirmaram. É bom ter esperança no dia de calamidades iminentes, mas não é bom ser enganado. Promessas que afirmam "Nada de ruim vai acontecer" nada valem quando, de fato, calamidades são iminentes. Mentiras deixam o povo sem a devida preparação.

13.2

Os profetas de Israel... exprimem... o que lhes vem do coração. Existe *profecia mental* que nada tem que ver com o Espírito:

1. As *capacidades normais* da psique humana podem produzir vários tipos de manifestações, inclusive profecias. *Precognição* é uma propriedade da mente do ser humano. Ver sobre este título na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Todas as pessoas, em sonhos, prevêem o futuro todas as noites, mas não têm o conhecimento necessário para reconhecer este fato. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sonhos.*
2. Homens religiosos tendem a ser auto-enganados, sempre se levando muito a sério. Gostam de glorificar-se, como se fossem profetas de Deus. Reivindicam autoridade, mas não são inspirados pelo Espírito. Suas imaginações férteis produzem "profecias" que nada têm que ver com a verdade.
3. Alguns homens são simplesmente *mentirosos e enganadores.* Não são auto-enganados, mas gostam de enganar os outros. Num tipo de esporte doentio, eles sempre encontram pessoas humildes que acreditam nas suas afirmações tolas.

Na introdução ao capítulo presente, há notas que se aplicam ao problema das *visões falsas.* Essas notas são acompanhadas por referências bíblicas que tratam do assunto. De qualquer maneira, o profeta que produzia suas próprias profecias, mas dava o crédito a Yahweh, era culpado de blasfêmia. Yahweh tinha seus mediadores (Jer. 1.9), escolhidos e autorizados pelo Espírito. A falsificação de uma mensagem espiritual é um crime grave. Um castigo apropriado é sempre aplicado em tais casos.

13.3

Ai dos profetas loucos. *Os falsos profetas* eram amaldiçoados por Yahweh. Falsificavam suas mensagens e as atribuíam ao Senhor. Eles mesmos eram a fonte de suas falsidades. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Profetas Falsos,* para maiores detalhes. Tais homens seguem seus próprios espíritos, ou outros espíritos, não o Espírito de Deus.

Sete Características Distintas Daqueles Enganadores. 1. Sua fonte de informação não era Yahweh. 2. Os falsos profetas *andam* em sua própria sabedoria, não na sabedoria de Yahweh. 3. São freqüentemente corruptos moralmente. 4. Suas profecias não se realizam, revelando-se mentirosas. 5. Suas mensagens não melhoram as pessoas moral e espiritualmente. 6. São autoglorificados, homens arrogantes e orgulhosos. 7. São autodestruidores.

13.4

Os teus profetas... são como raposas entre as ruínas. As raposas no deserto "devastam os vinhedos" (Can. 2.15). Israel era o vinhedo (Sal. 80.8-15; Isa. 5.1-7; 27.2; Jer. 2.21). No deserto, as raposas têm pouco para comer e ficam vorazes e astutas, para devorar o restante da comida, antes que outro animal lhes roube a oportunidade. Os falsos profetas são raposas espirituais, prontos para destruir e devorar. Eles trabalham para a ruína, não para o bem, do povo. De fato, o falso profeta faz "das ovelhas" sua comida.

13.5

Não fizestes muros para a casa de Israel, para que ela permaneça firme na peleja, no dia do Senhor. *Os falsos profetas* não fizeram absolutamente nada para preparar o povo que ia sofrer. Eles nunca falaram do pecado e do arrependimento. Em vez de construi muros, o que fizeram foi abrir as portas para o exército babilônico. Eram amigos dos inimigos, porque promoveram sua causa de destruição.

Derrubaram os muros de proteção moral e espiritual de Judá. Eram conselheiros falsos que gritavam "Paz e prosperidade", quando deveriam ter gritado "Desastre! Calamidade!". Foram como os pastores mercenários de João 10.12: egoístas, calculistas e destruidores sem o mínimo de amor pelas ovelhas.

13.6

Tiveram visões falsas e adivinhação mentirosa. A variedade de enganos: 1. O que eles falavam era falso, às vezes mentiras desgraçadas e propositais. 2. Eles tinham falsas visões que consideravam mensagens de Yahweh. 3. Sabiam que as falsas visões eram fruto de sua imaginação. 4. Falaram de visões que eram meramente produtos de "desejo", como o são a maioria dos sonhos humanos. O que nós realmente queremos, nossos sonhos nos dão, no nosso mundo imaginário da noite. 5. Suas visões eram "esperanças" de seu coração, não realidades do mundo objetivo. Suas palavras facilmente enganaram o povo que quis ser enganado.

Judá já era uma nação perdida na idolatria-adultério-apostasia. Eram ovelhas do diabo que não resistiram aos profetas do diabo. Em alguns casos, os falsos profetas eram vítimas de auto-engano, e seus discípulos se tornaram cópias dos mestres.

13.7

Não tivestes visões falsas... quando dissestes: O Senhor diz, sendo que eu tal não falei? Para certos intérpretes, este versículo afirma que algumas visões dos falsos profetas eram reais. Aqueles profetas, realmente, sob certas circunstâncias, receberam uma previsão do futuro. Suas visões eram pervertidas e mal aplicadas e terminaram prejudicando o povo, em vez de ajudá-lo. Outros intérpretes vêem aqui simplesmente mais uma referência às visões falsas e enganadoras, desprovidas de qualquer valor. Yahweh, de toda a maneira, não os intuiu em suas visões, verdadeiras ou falsas.

Sincretismo Doentio. Aqueles falsos líderes religiosos desenvolveram um sincretismo doente, no qual Yahweh era misturado a outros deuses, em uma "salada nojenta". Eles abandonaram as velhas tradições, produzindo sua "nova religião".

Ilusão e Auto-engano. Estudos psíquicos têm demonstrado claramente que a psique humana é capaz de produzir ilusões visuais e auditivas. O cérebro-mente produz um mundo ilusório, que é perfeitamente real para seu criador. Um experimento colocou uma pessoa em uma cápsula, dentro de água. As percepções dos sentidos ficaram severamente limitadas. Dentro de 24 horas, as pessoas sujeitas a esta privação das percepções alucinam, criando um mundo mental. Este mundo é perfeitamente real para seus criadores. Tais pessoas podem facilmente acreditar em suas próprias profecias e visões falsas, e logo passam a ter discípulos que fielmente acreditam naquilo tudo. Ver II Tes. 2.11.

13.8

Eu sou contra vós outros, diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) declara-se *contra* a farsa e as falsificações dos falsos profetas. O julgamento divino irá abatê-los e isto acontecerá com todos os homens reprovados de Judá. Eles gritavam "paz e prosperidade", mas seus gritos não funcionariam como defesa no dia da calamidade. Suas falsas profecias de paz não os protegeriam no dia da crise; eles seriam vítimas do exército babilônico. Seriam mortos na matança generalizada. Cf. Apo. 2.16. Eles ajudaram a promover a desintegração moral e espiritual do povo, que traria o fim da nação. O exército babilônico cometeria genocídio.

Senhor Deus. O *título divino* utilizado aqui implica que Yahweh tinha a capacidade e a vontade de acabar com a raça dos falsos líderes religiosos. Yahweh faria uma intervenção. *Adonai-Yahweh,* o Soberano, é o título mais comum de Deus, usado 217 vezes neste livro, enquanto no restante do Antigo Testamento ocorre somente 103 vezes.

13.9

Minha mão será contra os profetas que têm visões falsas. Eles serão excomungados do conselho de Judá, removidos de seu ofício. A referência não é a uma ação do povo de Judá contra aqueles homens, mas, sim, à sua remoção violenta pelo exército babilônico. O texto fala da ação como se fosse uma excomunhão de Yahweh. O *anátema divino* cairia sobre eles. Os falsos profetas perderiam sua autoridade e prestígio. De fato, perderiam a própria vida ou seriam levados cativos para a Babilônia. O oráculo prometeu que *nem um* deles escaparia ao devido castigo.

Minha mão. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mão* e ver também Sal. 81.14. Ver sobre *mão direita,* em Sal. 20.6.

Consequências Drásticas da Corrupção. Os profetas mentirosos: 1. perderiam seus lugares no conselho de Judá; 2. se sobrevivessem ao cativeiro, não figurariam entre os que retornariam a Jerusalém: seus nomes não estariam na lista dos cidadãos da Nova Jerusalém; 3. a maioria nem sairia de Jerusalém: seria morta ou terminaria no Egito, para viver uma vida miserável; 4. seus nomes seriam apagados da memória humana; perderiam, afinal, o respeito dos homens.

Ver *exclusão* da comunidade em Êxo. 12.19; Núm. 9.13. Talvez o *registro* deste versículo fale da lista dos cidadãos de Jerusalém renovado, depois do cativeiro. Ver Esd. 2 e Nee. 7.1-73. Cf. Nee. 11.1-12.26.

Referência Escatológica. No mundo além, a qualificação para ser cidadão é a *espiritualidade.* Aqueles homens perversos não teriam seus nomes registrados no Livro da Vida. Esta "interpretação" é, de fato, uma *aplicação* do texto, provavelmente não antecipada pelo profeta. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Livro da Vida.*

13.10

O povo deveria ter-se ocupado na construção de muros morais e espirituais, mas os profetas mentirosos distraíram a mente deles de tais tarefas. Isto deixou o povo sem as defesas necessárias para enfrentar a ameaça babilônica. Os muros morais e espirituais eram cheios de brechas. A mensagem dos falsos profetas, de "paz e prosperidade no nosso tempo", escondeu as brechas. Os muros estavam caindo aos pedaços e ninguém percebeu. Cf. Jer. 6.14 e 8.11. Muitas vezes o "trabalho" de homens supostamente "espirituais" esconde situações ruins, em vez de revelá-las e transformá-las. A igreja de hoje é extremamente corrupta, seus "muros" são uma massa de escombros. A música do diabo diverte o povo, enquanto o espírito morre de fome.

Argamassa Fraca. Este tipo de material *esconde* os defeitos, mas não acrescenta força. A declaração "paz e prosperidade" não era um tijolo forte, mas fraco. O "material" daqueles depravados era uma farsa.

13.11

Ela ruirá. *A argamassa fina* cairia, mostrando seu verdadeiro caráter; as chuvas logo dissolveriam o material, que desapareceria na lama. Os muros da cidade, morais e espirituais, cairiam no primeiro teste de adversidade.

O Muro de Lama. Um muro de lama sofre, fatalmente, quando vêm as chuvas e a saraiva do inverno. Os falsos profetas esconderam as fraquezas do muro; não contribuíram para proteger o povo da tempestade. Enganaram o povo. Os muros estavam prontos para desmoronar e ninguém se preocupava com isto. A força da saraiva era forte na Palestina e a destruição por tempestades daquele tipo era proverbial. Cf. Mat. 7.27. O exército babilônico era comparado aos ventos tempestuosos (Jer. 4.11-13).

13.12

Onde está a cal com que a caiastes? Os falsos profetas, mentirosos e traiçoeiros, passaram uma argamassa fina sobre muros fracos; não fizeram consertos. Quando os muros caíssem, o povo culparia a liderança religiosa hipócrita e falsa. Mas acusações nada fariam contra as calamidades que se seguiriam, fatalmente. Além disso, o povo era, por conta própria, corrupto, e promovera sua idolatria-adultério-apostasia desavergonhadamente. Merecia um julgamento totalmente à parte das obras iníquas da liderança religiosa. Os maus se tornariam piores. *Todo* o povo pagaria um alto preço pelas exigências da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

13.13

Assim diz o Senhor: Tempestuoso vento farei irromper no meu furor... ira... indignação. O título divino, aqui utilizado, é *Adonai-Yahweh* (o *Soberano Eterno*). Yahweh mandaria a tempestade de vingança. Ele seria o Capitão do exército babilônico. A aniquilação de Jerusalém seria uma vingança do Soberano, um ato de providência negativa. Os apóstatas, os líderes e o povo geral não mereciam misericórdia.

Tríplice Tempestade. O profeta utilizou uma figura vívida: ventos pesados, chuvas torrenciais e saraiva se juntariam para garantir o fim violento da cidade. Grandes inundações afogariam o povo. A nação inteira seria executada. Os poucos sobreviventes seriam levados para a Babilônia, para ali viver uma vida de terror. O Targum diz: "Eu trarei um rei poderoso que chegará com a força de uma tempestade terrível e destruirá o povo com chuvas irresistíveis. Trarei reis tão poderosos como a saraiva consumidora".

13.14

Derribarei a parede que caiastes. A *tríplice tempestade* (vs. 13) logo nivelará o muro, que se transformará em uma pilha de escombros; até os alicerces ficarão visíveis e logo serão levados pelo dilúvio resultante das chuvas torrenciais.

Sabereis que eu sou o Senhor. Esta expressão é usada 63 vezes, enfatizando a *soberania* de Deus. Ver este título no *Dicionário*. O muro cairá sobre aqueles lastimáveis líderes religiosos. Então, todo o povo reconhecerá a mão do Senhor na destruição. "Começando com a história do dilúvio de Noé, o Antigo Testamento tem muitas referências ao uso dos elementos naturais que Yahweh utilizou para aplicar Seus julgamentos. Cf. Eze. 38.22; Isa. 29.6; Jer. 30.23-24; Amós 4.6,11" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

13.15

A parede já não existe, nem aqueles que a caiaram. O muro sumiu e aqueles que usaram uma argamassa fina para esconder seus defeitos o acompanharam para o esquecimento. Este versículo acrescenta detalhes à informação dada no vs. 14. A ira de Yahweh liquidou a apostasia. O muro caiu em ruína total, e os hipócritas ficaram sob os escombros, reduzidos a uma massa de cadáveres fedorentos. Yahweh cumpriu assim Suas promessas de destruição e aplicou Sua terrível ira contra os apóstatas. O Targum fala aqui: "Não houve nem cidade, nem profeta falso sobrando". Historicamente, sabemos que pouco restou. O exército babilônico aniquilou a cidade. Os soldados mataram até os animais; queimaram tudo e levaram os bens para suas casas, na Babilônia. A temível tempestade de Yahweh cumpriu o seu dever.

13.16

Não há paz, diz o Senhor Deus. Os aplicadores de argamassa fina desapareceram; falaram sobre paz e agora têm paz total, na morte. Suas mentiras seduziram um povo fácil de seduzir, um povo já auto-seduzido. Os falsos profetas sumirão; o povo sumirá; a nação sumirá. Ninguém sobreviverá para falar o absurdo: "Paz e prosperidade no nosso tempo". Assim termina o oráculo contra os falsos profetas. Agora, o profeta olha para as falsas profetisas com olhar duro. Elas também não escaparão.

Adonai-Yahweh (o Soberano Eterno) determinou o fim daqueles homens hipócritas e devassos e também do povo que eles enganaram. A *soberania* de Deus escreveu "Icabô" sobre a nação inteira. Yahweh interveio e acabou com a farsa. Este trecho é uma demonstração notável do *teísmo bíblico*: o Criador não abandonou Sua criação; Ele interveio, castigando o mal; controlando todas as circunstâncias, efetuando Sua vontade entre os homens. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teísmo*. Ver também *Soberania* e *Providência de Deus*.

Oráculo contra as Falsas Profetisas (13.17-23)

13.17

Põe-te contra as filhas do teu povo, que profetizam de seu coração. A *terceira mensagem* (oráculo) continua. Ver as notas sobre esta terceira mensagem na introdução ao capítulo 13.

Em Israel, existiam poucas profetisas verdadeiras. Ser mulher não desqualificava a pessoa daquele ofício. Por outro lado, existiam muito mais profetisas falsas do que verdadeiras. A mulher tem a mente mais sensível aos estados místicos do que o homem. Assim, sempre haverá profetisas verdadeiras e profetisas falsas. Cf. Atos 2.17. Uma mulher não podia exercer o sacerdócio, servindo formalmente no culto no templo, embora existissem casos de mulheres de caráter sacerdotal.

Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Profetisa*. Alguns exemplos notáveis foram Miriã, a irmã de Moisés (Êxo. 15.20); Débora (Juí. 4.4); Hulda (II Reis 22.14); Ana, a filha de Fanuel (Luc. 2.36); as quatro filhas de Filipe, o diácono (Atos 21.9). Israel sempre teve seus médiuns e espíritas. É possível que as mulheres que o profeta denuncia neste texto fossem médiuns e bruxas (feiticeiras). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Magia e Feitiçaria*.

A extraordinária profecia de Joel 2.28 assegura às mulheres um lugar no ministério profético. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mulher*, para um tratamento global do assunto. Às vezes, homens e mulheres atuavam em grupo. A esposa de Isaías se declarava *profetisa* (Isa. 8.3). Mas considere-se o terrível caso da falsa profetisa de Tiatira (Apo. 2.20).

Denúncias contra Falsas Profetisas. Cf. o presente texto com Amós 4.1-3; Isa. 3.16-41; Jer. 44.16-30; Deu. 18.9-15.

Profetiza contra elas. O profeta recebeu ordem para profetizar contra as falsas profetisas. Estas mulheres eram judias, não pagãs, mas haviam adotado o estilo e o *modus operandi* das mulheres estrangeiras. Como as falsas profetisas eram de Israel, falavam de seu próprio coração, de seus impulsos psíquicos, ou simplesmente *inventavam* "profecias" fraudulentas, dizendo o tempo todo que estavam entregando "oráculos do Senhor" ou (claramente) de outros deuses. Tanto elas quanto os falsos profetas mereciam a denúncia do profeta (que é o assunto dos vss. 1-16 deste capítulo). Um *oráculo especial* foi dado ao profeta, por Yahweh, para condenar aquelas mulheres hipócritas.

13.18

Assim diz o Senhor. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) deu o oráculo condenando aquelas mulheres. Um julgamento severo acabaria com o "ministério" delas. Eram tolas, falsas, enganadoras, devassas e escandalosas. Não era Yahweh quem as inspirava.

Cosem invólucros feiticeiros para todas as articulações das mãos, e fazem véus para cabeças de todo tamanho. Os *invólucros* tinham (sem dúvida) encantos mágicos inscritos, com o suposto poder de mudar as situações não desejadas de seus "clientes". Provavelmente, as práticas daquelas mulheres foram copiadas da Babilônia, onde era comum amarrar *nós mágicos* às partes diversas do corpo, para curar doenças, assustar maus espíritos ou proteger o corpo dos "clientes" de qualquer ataque, natural ou sobrenatural. As profetisas feiticeiras também usavam véus para cobrir a cabeça e o rosto, a fim de acrescentar uma aura de mistério à sua pessoa. Com essas práticas tolas, elas enganavam seus clientes, que contribuíam para seu sustento material. Mas, de fato, não havia nenhum mistério, pois aquelas mulheres eram *caçadoras*. Sua influência era destrutiva, seus conselhos, falsos, suas profecias, infrutíferas. Chamavam espíritos, mas recebiam ventos ou, talvez, demônios, ou, ocasionalmente, espíritos dos mortos que vagueavam, perdidos no mundo dos espíritos.

Quereis matar as almas do meu povo e preservar outras para vós mesmas? O Targum tem aqui: "Podem destruir as almas do meu povo, ou podem vivificá-las?" O profeta dá a resposta certa a essa indagação.

13.19

Este versículo sugere que as falsas profetisas algumas vezes se envolviam em crimes de sangue e, literalmente, destruíam pessoas. Entre as obras maléficas daquelas mulheres, podemos arrolar: 1. *Desonraram Yahweh* na presença do povo; promoveram um culto falso e prejudicial. 2. Ganharam a vida de *maneira proibida*, moralmente errada e nociva; eram criminosas espirituais que obtiveram dinheiro com seus crimes. 3. Mataram pessoas moral e *espiritualmente*, prejudicando *almas*. 4. Mataram pessoas *fisicamente* (literalmente) falando mentiras que as condenaram nas cortes; inocentes foram as suas vítimas. 5. Salvaram a vida de pessoas iníquas, que deveriam ter sido executadas pela ordem das cortes; deram falso testemunho, para condenar ou para libertar; juízes corruptos aceitaram seus falsos testemunhos. 6. Confundiram o povo com constantes mentiras e profecias falsas, que prejudicaram seus clientes e outros a eles relacionados. Cf. Miq. 3.5,11.

Por punhados de cevada, e por pedaços de pão. Elas praticavam qualquer obra maléfica em troca de recompensas miseráveis. Era fácil comprar uma falsa profetisa. A informação aqui não quer dizer que aquelas mulheres não ganhavam bastante. Simplesmente enfatiza que elas cometeram grandes crimes por pouco dinheiro. Aprendiam os segredos de seus clientes e não hesitavam em traí-los, contando-os a outros.

Por tais práticas e coisas terríveis demais para serem ditas, profanaram o nome de Yahweh, a quem, supostamente, serviam. Profanaram o nome Dele, falando mentiras, praticando fraudes e violências e criando uma mistura iníqua de Deus com os deuses que adoravam indiscriminadamente. Acabaram promovendo um sincretismo doentio. Elas seriam julgadas severamente, pois mereciam o ataque divino.

13.20

Assim diz o Senhor Deus: Eis aí vou eu contra vossos invólucros feiticeiros. *Adonai-Yahweh* se declarou contra aquelas devassas que se diziam "espirituais" e "líderes religiosas". O *Soberano Eterno* pronunciou uma maldição contra elas. Seus dias terminariam em calamidades diversas; elas não escapariam, porque a vontade soberana de Deus estava controlando a situação. O Senhor Soberano logo seria o *Libertador* do povo enganado pelas profetisas.

Vós caçais as almas como aves. Com sua magia, elas caçavam almas e seus feitiços as ajudaram a obter êxito. O povo, qual passarinho indefeso, caía nos laços daquelas mulheres. Elas pagariam alto preço por seus atos de traição. Yahweh arrancaria os invólucros feiticeiros dos braços dos enganados e os libertaria. Os "passarinhos libertados" voariam para longe de seus atormentadores. Cf. Sal. 93.3; Pro. 6.6 e Osé. 9.8. A alma tradicionalmente é representada, em muitas culturas, como um passarinho, e talvez o texto se refira a este fato, na escolha da metáfora. A arqueologia descobriu nas paredes de túmulos desenhos que representavam almas voando como passarinhos.

13.21

Rasgarei os vossos véus. Os véus especiais das profetisas, que escondiam seus mistérios, seriam tirados para expor sua vergonha e estupidez. Ver no vs. 18 sobre este item que funcionava como sinal de seu "ofício". O texto afiança que aquelas mulheres perderiam seu "mistério" e seriam expostas como fraudes. "... descobrirá seus truques e as exporá para o ódio do povo, destruindo-as com as suas obras ímpias. Isto libertará o povo de Deus de suas mãos, de maneira que não será mais caçado e apanhado nas suas redes. Aquelas mulheres enganadoras fugirão para o Egito ou para outros países, ou serão levadas cativas para a Babilônia" (John Gill, *in loc.*).

13.22

Com falsidade entristecestes o coração do justo. Aquelas mulheres pecaminosas e pretensiosas desanimaram o povo e encorajaram os criminosos a prosseguir com seus crimes. As profetisas não tinham nenhum senso de responsabilidade, seu jogo era de vantagem própria. Cf. Eze. 3.16-21. Elas eram irresponsáveis e duras, não tinham nenhuma simpatia para com as pessoas em sofrimento. De fato, aumentavam as dores do povo. Sua classe era proibida pela lei (Lev. 19.21; 20.6,27; Deu. 18.11), que também proibia qualquer contato com elas. Mas ninguém preocupado com os mandamentos de Moisés.

Fortalecestes as mão do perverso para que não se desviasse do seu mau caminho. Pessoas culpadas de crimes terríveis, que mereciam a execução formal da lei, haviam escapado pela influência e advertência daquelas "profetisas". Encorajados a pecar mais e mais, os criminosos não se arrependiam de seus crimes. Aquelas mulheres nunca pronunciaram a palavra "arrependimento". As místicas fraudulentas prometiam vida longa e prosperidade para *os ímpios*, ignorando o fato de que a lei prometia essas recompensas *aos obedientes* (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). A lei também deveria ter sido seu *guia* (Deu. 6.4 ss.), mas as profetisas falsas usurparam seu ofício. Cf. Jer. 23.14.

13.23

Já não tereis visões falsas, nem jamais fareis adivinhações. *O Fim das Consultas.* Quando os falsos profetas e as falsas profetisas fossem julgados pelo poder de Yahweh, ninguém mais correria para fazer uma consulta. Os pouco sobreviventes seriam libertados dessas práticas. O julgamento daquelas mulheres ajudaria o povo a conhecer melhor Yahweh.

Sabereis que eu sou o Senhor. Esta expressão ocorre 63 vezes neste livro. Ela ilustra a aplicação da *soberania* pela Mente Divina. No fim, Deus corrige as situações erradas e julga aqueles que as criam.

Yahweh seria conhecido como um Juiz severo, que acaba com os entretenimentos do diabo e com os jogadores dos esportes diabólicos. "Nós não devemos recear ser expostos à acusação de ter *mentes estreitas* demais. Algumas religiões e práticas religiosas são obviamente erradas e devemos ter a coragem de distinguir entre o que é certo e o que é errado" (E. L. Allen, *in loc.*).

Cf. vs. 9 deste capítulo. Ver também Eze. 14.8; 15.7 e Miq. 3.6.

Capítulo Quatorze

Julgamento dos Idólatras e de Jerusalém (14.1-23)

O profeta deu dois sinais (Eze. 12.3-6 e 14.18-20); depois pronunciou cinco mensagens (oráculos) (ver as notas em Eze. 12.21). O capítulo 14, vss. 1-11, apresenta a *quarta* mensagem, que declara a certeza do julgamento de Judá-Jerusalém.

"Vss. 1-11: contra os idólatras. A duplicidade religiosa era tão *repreensiva*, que o próprio Deus julgaria qualquer um culpado dela. O termo traduzido por *ídolos* aqui traduz o literal *bolas de esterco*, figura vulgar que o profeta utilizava com freqüência. Esta expressão é encontrada 39 vezes neste livro, embora apareça apenas 9 vezes no restante do Antigo Testamento. A palavra *estrangeiros*, deste trecho, refere-se aos prosélitos que foram, ante a lei, essencialmente iguais aos cidadãos" (Oxford Annotated Bible, introdução ao capítulo).

As Duas Seções Principais. 1. *Vss. 1-11: A quarta mensagem:* a terrível tríade contra a idolatria; um julgamento severo, varrerá a terra. 2. *Vss. 12-23: A quinta mensagem: o modus operandi* e a natureza do julgamento. Mesmo se Noé, Daniel e Jó tivessem intercedido em favor de Judá, em nada teriam ajudado os ímpios a escapar do seu devido castigo. Somente os justos serão salvos (vss. 12-20).

Quarta Mensagem: O Julgamento Varrerá a Terra (14.1-11)

14.1

Então vieram ter comigo alguns dos anciãos de Israel. Judá tornou-se Israel depois do cativeiro assírio do norte (Israel). Os poucos exilados que voltaram do cativeiro babilônico tornaram-se o Novo Israel. É esse pequeno remanescente que se chama *Israel* na presente seção. Os anciãos (líderes) daquele remanescente visitaram o profeta para consultá-lo. O texto não informa sobre o que eles falaram, mas o assunto deveria ser, em parte, o castigo severo que eles estavam experimentando, por causa de sua idolatria-adultério-apostasia. Haveria uma restauração? Aquela visita e suas interrogações armaram o palco para a *diatribe azeda* que o profeta pronunciou. Cf. Eze. 20.1b, onde há uma situação análoga. O profeta estava confinado na sua casa (Eze. 3.24), mas isto não prejudicou a conferência. O lugar da consulta era "o lar fora do lar", perto do rio Quebar, o acampamento do remanescente. Aparentemente o texto deve ser entendido como incluindo aquelas pessoas que nunca saíram de Jerusalém. A idolatria continuava entre os dois grupos de judeus. A idolatria é severamente castigada em qualquer lugar onde se encontre. O vs. 3 deixa claro que o remanescente, perto do rio Quebar, ainda estava infeccionado com a idolatria dos pagãos. Nem o imenso sofrimento infligido pelos babilônios purificou aquele povo obstinado.

14.2

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta declaração introduz as *cinco mensagens*. Ver as notas em Eze. 12.21. A expressão garante que Yahweh era a fonte das mensagens e Ezequiel era profeta autorizado. Os falsos profetas reivindicaram inspiração divina, mas eram mentirosos e auto-enganados. A mensagem de catástrofe de Ezequiel veio diretamente da Fonte Divina. O pecado necessitava de julgamento. O arrependimento poderia evitá-lo.

14.3

Filho do homem. O profeta é assim chamado por Yahweh, cada vez que uma mensagem é dada. Ver este título em Eze. 2.1.

Estes homens levantaram os seus ídolos dentro em seu coração. Os líderes que consultaram o profeta não tinham coração puro. De fato, retinham uma idolatria doentia no espírito, mesmo que não adorassem ídolos crassos em lugares públicos. Não se tinham voltado para o culto de Yahweh. Não obedeceram à lei de Moisés, o *guia* de Israel (Deu. 6.4 ss.). Não eram *distintos* das nações pagãs (Deu. 4.4-8). Ainda amavam seus ídolos, as *bolas de esterco*, expressão usada 39 vezes neste livro. O amor aos ídolos foi um impedimento para aqueles ímpios, que continuaram pecando aberta e vergonhosamente. Eles viviam uma farsa, pois os terrores da Babilônia não os curaram. Cf. Eze. 7.19-20 e Amós 4.4-5. Ver também Jer. 2.25. Como a esposa de Ló, eles também desejaram os velhos caminhos pecaminosos. Não receberam nenhuma comunicação divina. Yahweh não podia recebê-los ou abençoá-los. Aqueles homens eram doentes, espiritualmente falando; eram rebeldes, idólatras, apóstatas e reprovados.

14.4

Assim diz o Senhor Deus: Qualquer... que levantar os seus ídolos dentro em seu coração. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) deu respostas duras àqueles atores. Eles eram *idólatras de coração*: sem coragem de estabelecer cultos públicos de idolatria, mantinham altares idólatras em seu íntimo. O Soberano, no exercício de Sua providência negativa, castigaria sem misericórdia esses tais. A espada os tinha seguido até o cativeiro (Jer. 9.16). Ver também Eze. 12.14.

Eu, o Senhor... lhe responderei segundo a multidão dos seus ídolos. *Adonai-Yahweh* daria a eles uma resposta severa que eles não gostariam de ouvir. Era a palavra da *aniquilação*. O Targum fala aqui da palavra de *misericórdia*, mas esta interpretação não faz sentido no presente contexto. Os idólatras tolos sofreriam por causa de sua tolice. As palavras de terror se tornariam experiências de terror.

> *Comerão do fruto do seu procedimento e dos seus próprios conselhos se fartarão.*
>
> (Provérbios 1.31)

14.5

Julgamentos Remediais. Idealmente, por um julgamento remedial no próprio cativeiro, Yahweh "ganharia de volta o seu povo" (NCV). O povo abandonou o culto de Yahweh, adotando ídolos dos pagãos. Potencialmente, eles seriam curados de sua doença espiritual, sendo refinados pelo fogo do Refinador. Idealmente, um pouco de prata seria assim separado da escória geral, e aquela pequena porção seria utilizada para formar o Novo Israel, depois do cativeiro (Jer. 25.11). Cf. esta advertência áspera com Rom. 1.28. Ver também II Tes. 2.11.

14.6

Convertei-vos. *Arrependimento?* Esta palavra tinha perdido seu significado para os homens iníquos no cativeiro. Eles chegaram a detestar a lei mosaica, amando os "novos caminhos" da idolatria. O arrependimento verdadeiro reverteria a situação: o amor pertenceria ao culto de Yahweh, o ódio aos ídolos libertaria o povo do paganismo. Isto exigiria uma *mudança de coração.* Um novo homem interior deveria tomar conta da vida de cada um. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Arrependimento.* Aqueles homens depravados sempre tinham o rosto apontado para os ídolos pagãos. O coração deles vibrava de amor à idolatria. Se o coração deles fosse radicalmente mudado, então eles deixariam de olhar para os ídolos. Suas abominações incluíram a prática da prostituição "sagrada", e eles contribuíam para o sustento dos cultos idólatras, pagando dinheiro às sacerdotisas, que retribuíam com experiências sexuais. Nenhuma reforma superficial (os altares não foram construídos) ofereceu esperança. Foi necessário tirar os ídolos do coração deles. Suas afeições deveriam voltar-se para Yahweh, "porque, onde está o teu tesouro, aí estará o teu coração" (Mat. 6.21).

14.7

Qualquer homem da casa de Israel, ou dos estrangeiros que moram em Israel, que se alienar... Este versículo é uma duplicata do vs. 4, onde há uma exposição. Aqui, todavia, aprendemos que os adeptos do judaísmo incluíram "estrangeiros". Esta palavra se refere aos prosélitos do judaísmo, que eram das nações pagãs. Qualquer homem, nativo ou estrangeiro (convertido), que se apresentasse como seguidor de Yahweh, mas praticasse a idolatria, seria rejeitado por Ele. Um julgamento angustiante cairia sobre os nativos e estrangeiros. Todos eram hipócritas, ímpios e depravados. *Adonai-Yahweh,* o Soberano Eterno, acabaria com todos. Ver Lev. 17.8-9, que fala dos prosélitos do judaísmo. A *condição* de conversão era a *obediência à lei* de Moisés. Nem mesmo os judeus nativos cumpriram essa condição, no tempo de Ezequiel.

14.8

Voltarei o meu rosto contra o tal homem, e o farei sinal e provérbio. Os ímpios, atores hipócritas, enfrentaram Yahweh como inimigo. Eles se tornarão um sinal e um provérbio de zombaria entre os povos. Serão esmagados pelo mesmo Poder que poderia tê-los abençoado. As pessoas não se cansarão de rir deles. Falarão sobre "aqueles tolos" e comporão canções de escárnio para "celebrar" a estupidez daqueles homens. Ver Eze. 23.10; Jó 17.6; 30.9; Sal. 44.14; Jer. 24.9; Joel 2.17. Os hipócritas serão "cortados fora", isto é, punidos severamente, *mortos* por não merecerem viver, pisados por terem pisado a bondade de Deus sob seus pés.

"A linguagem, aqui, é do *código de santidade* (ver Lev. 17.8-10; 20.3,5-6). Cf. estas palavras com a ameaça de excomunhão em Esd. 10.8. Ver também Êxo. 12.15; 31.14; Núm. 15.30" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

14.9

Se o profeta for enganado, e falar alguma cousa, eu, o Senhor, enganei esse profeta. O texto fala de profetas falsos e sugere (hipoteticamente) que Yahweh até pudesse dar *oráculos falsos* através desses homens, como forma de julgamento. Por tais profecias, um povo apóstata seria ainda mais confirmado em sua apostasia, a qual resultaria, afinal, num julgamento esmagador. Este ensinamento é semelhante à *Cegueira Judicial* de outros textos (ver este título no *Dicionário*). O que os homens se recusam fazer, afinal, perdem as forças morais para tanto e ficam sujeitos à vingança divina contra suas maldades. "Sob certas circunstâncias, Yahweh poderia inspirar um oráculo falso (ver I Reis 22.19-23)" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Quando isto acontece, certamente os reprovados estão perto de um julgamento decisivo e todos os seus seguidores cairão na mesma armadilha. Ver o capítulo 13, que se dedica ao assunto dos profetas e profetisas, que estavam sempre em oposição ao culto de Yahweh. Tais pessoas foram denunciadas porque formaram um grupo de caçadores de almas que destruíram muitas vidas, e receberão um castigo de Yahweh, severo e bastante merecido.

A Única Causa? A teologia hebraica era fraca quanto a causas secundárias, promovendo a doutrina de Yahweh como a *Única Causa.* Esta idéia tinha a tendência de atribuir a Ele *todas* as coisas, boas e ruins, fazendo Dele a causa do bem *e* do mal. Inspirar falsos profetas, para dar oráculos mentirosos, parece fazer parte dessa doutrina.

14.10

Ambos levarão sobre si a sua iniqüidade. Tanto o profeta que dá oráculos falsos como os homens corruptos que os recebem serão severamente punidos. Todos semeiam corrupção e ceifarão corrupção (Gál. 6.7-8). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura,* para maiores detalhes. O Targum aqui tem um comentário interessante: "O falso profeta comunica *antiinformação* e aqueles que a recebem devem sofrer as conseqüências por ter dado ouvidos a tais oráculos". O discernimento estava há muito perdido para aquelas pessoas abomináveis. Ver Deu. 13.2 e cf. o caso de Saul, I Sam. 16.14; 28.6-7. Ver também Núm. 31.8, o caso de Balaão. É uma coisa temível alguém se tornar companheiro dos inimigos de Deus.

14.11

Para que a casa de Israel não se desvie mais de mim. Todos os julgamentos de Deus, mesmo os mais esmagadores, são remediais, não meramente retributivos. Ver as notas expositivas em I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado,* que demonstram esta verdade. Existe alguém tão puro que não precise do fogo refinador? O povo iníquo pode ser forçado a voltar para seu Deus. Ele será de novo o seu Deus, para o seu bem, não para a sua ruína. Cf. Eze. 11.20; 36.28; 37.23,27; Osé. 2.23.

Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus. O pacto da relação *Pai-filhos* será restaurado, porque, afinal, Israel era o filho de Yahweh (Êxo. 4.22). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pactos.* A relação "de família" excluiria influências alheias como a idolatria dos pagãos. *Elohim* (o Deus Todo-poderoso) torna-se *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) para os "filhos". Os atos divinos de poder tornam-se benéficos para eles. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Soberania de Deus.* A soberania de Deus continua funcionando. Pode ter efeitos benéficos ou destruidores, dependendo da reação dos homens, os quais exercem seu livre-arbítrio para o bem ou para o mal. A soberania de Deus funciona segundo as exigências da lei moral.

Quinta Mensagem: Os Justos Salvam Apenas a Si Mesmos (14.12-23)

O profeta explica o *modus operandi* e a natureza do julgamento. Mesmo que Noé, Daniel e Jó tivessem intercedido em favor de Judá, em nada ajudariam os ímpios a escapar do seu devido castigo. Somente os justos serão salvos. Ver as cinco mensagens listadas em Eze. 12.21. Esta quinta mensagem afirma que a presença de homens espirituais em nada ajuda os ímpios que não imitam sua santidade. Os justos salvarão somente a si mesmos. Os corruptos sofrerão morte terrível no ataque do exército babilônico e no cativeiro subseqüente.

14.12

Veio ainda a mim a palavra do Senhor. Esta afirmação introduz as cinco mensagens. A fonte dos oráculos era Yahweh, e o Seu profeta autorizado era Ezequiel.

14.13

A Circunstância Ridícula. O povo que tinha a *luz* da lei mosaica e das palavras dos profetas propositadamente entrou na escuridão do paganismo. Tornou-se transgressor incurável de suas próprias leis. Era distinto entre as nações (Deu. 4.4-8), mas passou a ser apenas uma nação pagã entre outras.

Estenderei a minha mão contra ela. A mão de Yahweh, que abençoava, tornou-se a *mão pesada* de castigo. Foi *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) que ficou inimigo de Seu próprio povo. Ver sobre *mão,* em Sal. 81.13, e no *Dicionário.* Ver sobre *mão direita,* em Sal. 20.6, e sobre *braço,* em Sal. 77.14; 89.10 e 98.1.

A *mão do Soberano* traria o exército babilônico contra Judá. A *tríade temível* (espada, fome e pestilência) faria seu serviço de aniquilação. Ver sobre a *tríade temível* em Eze. 5.12. O sustento de pão seria cortado. O país cairia na fome e homens e animais pereceriam nas ruas da cidade. Os julgamentos do presente texto são temporais, não eternos, e as palavras não descrevem um julgamento além do sepulcro. A espada, a fome, a pestilência praticamente obliterariam a nação inteira. O cativeiro seguinte seria outra provação sem precedentes para Judá (ver Jer. 9.16; Eze. 12.14). O vs. 15 mostra que *animais selvagens* acrescentariam sofrimento à situação: seriam outro agente da morte. Acrescentando-se aqueles animais, a tríade torna-se um *quádruplo.* Ver Eze. 5.17, para outras idéias. Devemos lembrar que a Palestina antiga era praticamente *infestada* por animais, como o urso e o leão, e havia grande abundância de lobos.

14.14

Ainda que estivessem no meio dela estes três homens, Noé, Daniel e Jó. Mesmo que os justos notáveis, Noé, Jó e Daniel, estivessem presentes em Judá, e implorassem misericórdia para o povo, ainda assim não conseguiriam evitar o julgamento daqueles apóstatas. Eles poderiam salvar somente suas próprias vidas. Cf. esta declaração com a história da intercessão de Abraão em favor de Sodoma e Gomorra (Gên. 18.23 ss.).

Não há dúvida de que Noé e Jó, neste texto, são as personagens bíblicas que tinham aqueles nomes. Mas o nome *Daniel* tem criado dúvidas. Alguns intérpretes acham que está em vista uma figura mitológica. Encontramos um *Dan'el* nos textos cananeus e também em escritas ugaríticas. A forma do nome no presente texto é *Dan'el,* que é igual à forma daquelas obras pagãs. O Dan'el mitológico era descrito como um homem justo, que trabalhava como juiz respeitado. Mesmo justo, não tinha o poder e a autoridade para proteger os próprios filhos da ira da deusa Anate. Um paralelo no presente texto *parece* "óbvio", mas a maioria dos intérpretes acha duvidoso que um livro bíblico como Ezequiel incluísse uma referência pagã, especialmente pelo fato de que este livro faz oposição a todas as formas do paganismo.

Razões para Rejeitar a Referência Pagã. 1. Podemos supor que a variante *Dan'el* fosse sido utilizada como alternativa de *Daniel,* sem nenhuma referência ao uso pagão da palavra. Não existe um bom argumento contra esta suposição. 2. Um livro bíblico como Ezequiel, que em cada página faz oposição ao paganismo, dificilmente empregaria uma referência pagã. 3. O livro de Ezequiel foi escrito no período pós-exílico e assim poderia fazer referência à personagem bíblica Daniel, sem cair em anacronismo. 4. O Dan'el cananeu era idólatra e pagão; ele não poderia ter servido como um exemplo de piedade.

Vencendo Adversidades. Os três homens justos deste texto venceram grandes adversidades, lutando em favor de causas justas. Ver as seguintes referências: Noé (Gên. 6.8-7.1); Jó (Jó 42.7-9); Daniel (Dan. 2.12-24). Cf. este versículo com Eze. 18.4 e 33.12. Um povo claramente depravado não poderia esperar favor divino meramente por ter alguns homens justos. As orações de intercessão dos justos não seriam ouvidas por Yahweh. Cf. Jer. 15.1. Estes homens não teriam o poder de salvar os próprios filhos, casos estes também participassem na iniqüidade do povo. Ver o vs. 18.

14.15

Se eu fizer passar pela terra bestas-feras... Ao ser abandonada, a terra estaria sujeita à invasão de animais selvagens. Eles acrescentariam seu poder destrutivo e fariam, da temível tríade, um quádruplo terrível. Ver Eze. 5.12,17. Cf. Lev. 26.22. Os *três* homens justos não teriam poder contra a temível *tríade,* muito menos contra o terrível *quádruplo.* Ver no vs. 13 notas sobre a ameaça de animais selvagens na Palestina antiga. "... feras maldosas e perniciosas, leões, tigres, raposas, lobos, ursos, bestas vorazes, especialmente nos tempos de fome. Existiam também pequenos animais, que tinham grande força destrutiva, como o gafanhoto e outros insetos que danificavam as plantações" (John Gill, *in loc.*).

14.16

Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) pronunciou um juramento por Sua *própria vida,* afirmando, com absoluta certeza e autoridade, que nenhum homem poderia negar ou anular, que aqueles três homens justos não poderiam salvar os próprios filhos, ainda que através de intercessão sincera e persistente, caso eles se tornassem corruptos. Assim, deveria perecer a população em geral, por não ter parentesco com os justos. A simples presença de homens justos, fazendo intercessões, em nada conseguiria ajudar o povo devasso e rebelde. Cf. Eze. 18.10-13. Ver também os vss. 18 e 20 deste capítulo, que fortalecem a mensagem do oráculo.

14.17

Espada, passa pela terra iníqua. *Adonai-Yahweh* (Senhor Soberano) manda Sua espada à terra para aniquilá-la. Está historicamente confirmado que o exército babilônico não poupou nem os animais. Os homens e os animais de Judá foram praticamente obliterados, tamanha foi a destruição. É terrível quando a *guerra* é ordenada por Deus e tudo Lhe é oferecido, como um *holocausto* (ver a respeito no *Dicionário*).

14.18

Só eles seriam salvos. Este versículo repete as informações dadas nos vss. 16-17, mas acrescenta a idéia de que somente os *três homens santos* escapariam da aniquilação, enquanto a grande massa de homens pereceria. O vs. 20 repete esta informação. O título divino de soberania, *Adonai-Yahweh,* é usado novamente para enfatizar que o julgamento era inevitável. Nenhuma força poderia anular o *Poder destruidor* de Yahweh.

14.19

Peste. A pestilência seria a arma principal da *guerra santa* promovida pelo poder soberano do Senhor. O *contexto* apresenta o terrível *quádruplo:* 1. fome (vs. 13); 2. animais selvagens (vs. 15); 3. espada (vs. 17); 4. pestilência (vs. 19). A combinação de três destas forças (espada, fome, pestilência) é comum em Jeremias e Ezequiel. Às vezes é acrescentada a quarta praga: animais selvagens. Ver as notas em Eze. 5.17. A ordem de apresentação destas forças varia, o que não modifica o sentido.

Derramar o meu furor sobre ela, com sangue, para eliminar dela homens e animais. *Julgamentos sangrentos* são coisas temíveis, mas podem ser utilizados para purificar um povo. O resultado pode ser benção e vida para os arrependidos. O contexto descreve a morte violenta causada por meios diferentes.

14.20

Este versículo repete as informações dadas nos vss. 14,16,18. A repetição é uma *característica literária* deste livro, do autor original ou de um redator subseqüente, que preparou a cópia final. Esta característica serve para enfatizar os termos principais.

14.21

Adonai-Yahweh reafirma Seu propósito de devastação, que se operará através do quádruplo temível (ver Eze. 5.17). Ver também as notas do vs. 19 do presente capítulo. O trabalho do quádruplo seria tão eficiente que aniquilaria praticamente toda a vida de Jerusalém, e a cidade ficaria essencialmente desabitada. Cf. Eze. 6.14; 12.19; 14.15; Jer. 25.11,18; 34.22; Isa. 24.12; e 64.10.

Quatro maus juízos. Assim é chamado pelo profeta o temível *quádruplo.* A presença de alguns homens santos não teria efeito algum para anular a aniquilação. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) fez um juramento de devastação a que nenhuma força poderia resistir. As operações da soberania de Deus determinam o destino dos homens, sendo um tema constante de todos os profetas. As nações também se curvam ante o poder do Alto. A tendência da teologia judaica era de falar sobre Deus como a *Única Causa,* portanto causa também do mal e não somente do bem. Esta teologia era fraca quanto a *causas secundárias.* Os atos depravados dos homens efetuam muitas maldades neste mundo. Deus não anula o livre-arbítrio do homem.

14.22

Eis que alguns restarão. *Idéias.* 1. Poucos escapariam. O profeta poderia derivar algum conforto desse fato. A devastação seria tão grande que o profeta caiu em desespero, temendo que nada nem ninguém sobrevivesse. Mas o plano de Yahweh, a longo prazo, pouparia um pequeno remanescente. Um Novo Israel surgiria dos escombros. Uma pequena porção de prata, subtraída da escória geral, seria refinada. 2. Mas o versículo admite entendimentos diferentes. O hebraico é obscuro, assim como as traduções. O versículo aparentemente fala das *três deportações* (ver Jer. 52.28). A maioria das pessoas que participaria da primeira deportação era formada de pecadores empedernidos. Mas depois surgiriam alguns com coração mais brando e receptivo à mensagem do Senhor.

Ficareis consolados do mal que eu fiz vir sobre Jerusalém. Um julgamento severo varreria da terra os ímpios que participaram das deportações, mas o mesmo castigo prepararia um pequeno remanescente para a restauração, depois do cativeiro de 70 anos. O profeta teria um *conforto,* ainda que *perverso,* na aniquilação dos ímpios, percebendo claramente que o julgamento era justo e *necessário;* o julgamento teria bons resultados para o futuro de Israel.

14.23

Eles vos consolarão. Este versículo enfatiza o conforto perverso do profeta, ao ver que o julgamento de Yahweh era justo e necessário, já que o povo merecia o que iria receber. A vida deles era o próprio padrão da maldade. Uma iniqüidade tão grande não poderia escapar ao castigo do Soberano. Depois de observar aqueles homens praticando males sem-fim, ninguém questionaria a justiça do julgamento. Provavelmente, alguns poderiam discordar da *severidade* do castigo.

Sabereis que não foi sem motivo tudo quanto fiz. Este versículo parece ser dirigido às objeções de homens simpatizantes com os punidos. A lei da retribuição era e é uma lei divina. Os castigos têm papel importante porque efetuam a restauração. De fato, Deus pode fazer algumas coisas mais efetivamente através do julgamento do que através de blandícia misericordiosa. O julgamento é um dedo da mão amorosa de Deus, portanto é o amor em ação radical. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Justiça.* Os julgamentos do presente capítulo são temporais. O profeta não se refere a um julgamento pós-morte.

O Soberano não faz nada sem causa justa. O texto é contra o voluntarismo, idéia de que a vontade de Deus é suprema, às expensas de Sua razão e justiça, conforme se entende o termo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Voluntarismo.* O julgamento deve ser justo, segundo os ter-

mos da revelação sobre a moralidade. A soberania de Deus sempre entra no quadro. O julgamento realiza os ideais do amor divino. Ver as notas de I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado.*

Capítulo Quinze

A produção de uvas sempre foi importante na agricultura de Israel. É natural, portanto, que diversos escritores da Bíblia empregassem a parábola do vinhedo para ilustrar verdades espirituais. Cf. Juí. 9.8-15; Jer. 2.21; e João 15, no Novo Testamento. Mas é singular a lição extraída da qualidade *da madeira* da videira, em Ezequiel. A madeira é boa somente quando *produz boas uvas.* Se as uvas são ruins, julgamos que a madeira também o seja. Até para combustível, a madeira é praticamente inútil (vs. 4).

O tema mais importante das três parábolas apresentadas por Ezequiel (vinhedo, capítulo 15; da esposa infiel, capítulo 16; e das duas águias e do cedro, capítulo 17) é que não houve nenhuma possibilidade de Israel (Judá) escapar ao julgamento que seria efetuado pelo exército babilônico. "A destruição de Jerusalém é profetizada de novo, desta vez, sob o símile *da videira.* Se for inútil, será lançada no fogo. O símile se apresenta nos vss. 1-5; os vss. 6-8 oferecem uma explicação da parábola" (John Gill, *in loc.*).

A Parábola do Vinhedo (15.1-5)

15.1

Veio a mim a palavra do Senhor. Os novos oráculos ou mensagens deste livro quase sempre iniciam com esta declaração. 1. Ela enfatiza que Yahweh era a fonte das mensagens. 2. Ezequiel era o Seu profeta autorizado. Portanto, a mensagem tinha autoridade e certamente era verdadeira. Ver os comentários em Eze. 12.21; 13.1 e 14.2, que apresentam esta fórmula de introdução.

15.2

Que mais é o pau de videira do que qualquer outro...? Em vez de falar sobre o *fruto* da videira, o profeta fala sobre a *qualidade de sua madeira.* Naturalmente, essa qualidade está subentendida na provável produção das uvas, podendo ser boa ou má. Caso a madeira não seja boa e saudável, se houver qualquer produção, as uvas serão azedas. A madeira da videira, se ruim, não serve nem como combustível. É pior do que uma árvore podre que faria bom combustível. Os homens cortam quase todo o tipo de árvore para esse propósito, mas a madeira da videira produz tão pouca quantidade, que nem é utilizada como combustível. Em outras palavras, a madeira ruim da videira é realmente *inútil.* "Essa madeira é mole, quebradiça, e nunca de grande quantidade" (Fausset, *in loc.*). Portanto, se a videira não produz boas uvas, não lhe sobra nenhuma utilidade. Por outro lado, a videira que produz boas uvas é mais útil do que a grande maioria das árvores da floresta.

15.3

Alguma obra? A madeira da videira é inútil para fabricar móveis, ou até para fazer uma simples prateleira onde sejam colocados utensílios. A parábola não menciona a função da videira de produzir uvas, mas explora outros usos possíveis, considerando-se que essa videira fosse inútil para os propósitos agrícolas. Jerusalém era madeira inútil. Não produzia frutos, era estéril, servia somente como combustível para o fogo divino.

Plínio menciona itens *ornamentais* feitos da madeira da videira (*Nat. Hist.* 1.14.c.1). Nosso autor não tinha conhecimento desses usos, ou não os mencionou para não enfraquecer a parábola. De modo geral, podemos afirmar que essa madeira é torta, áspera, fraca, inútil para fabricar instrumentos, móveis ou quaisquer outros objetos de valor.

15.4

Serviria, acaso, para alguma obra? Talvez alguém usasse a madeira da videira como combustível. Se isto ocorresse, logo descobriria que se queima rápida e totalmente. As extremidades e a parte central são consumidas ao mesmo tempo. Ela fornece pouco calor e some completamente. Cf. os vss. 4-5 com Jer. 24.10. Jerusalém, que não prestava para nada, mesmo assim serviria de combustível para o exército babilônico (vs. 6).

> *Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam.*
>
> (João 15.6)

A videira, que nem mesmo serve para combustível, uma vez queimada, é duplamente inútil: suas cinzas não servem para nenhum propósito. Judá é como a videira lançada no fogo, que logo se reduz a nada. Jerusalém logo "sofreria" um fogo devastador.

15.5

Se, estando inteiro, não servia para obra alguma, quanto menos sendo consumido pelo fogo. Quando a madeira da videira está intacta, antes de ser queimada, não presta para nada (vss. 2-3); muito menos prestará, uma vez queimada e reduzida a cinzas. Se houvesse algum valor "antes", estaria perdido no fogo. O autor fala da Judá-Jerusalém que já era inútil quando promovia sua idolatria-adultério-apostasia. Sendo atacada e consumida pelo fogo babilônico, perderia qualquer valor que pudesse ter tido antes. Sua *inutilidade total* é assim comprovada. O profeta fez uma péssima avaliação do valor espiritual da cidade apóstata.

A Explicação da Parábola (15.6-8)

15.6

Assim diz o Senhor Deus. O título divino aqui, *Adonai-Yahweh* (Soberano Eterno), é usado 217 vezes em Ezequiel, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Seu uso neste livro quase sempre se aplica à destruição de Jerusalém, ato que ilustrou o governo moral de Deus para com Seu povo. Suas providências negativa e positiva governam o mundo, segundo as exigências da lei moral. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Soberania* e *Providência de Deus.*

Como o pau da videira... *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) agiu utilizando Seu poder onipotente, cumprindo Seus decretos de aniquilação de Jerusalém, que seria queimada pelo fogo da Babilônia. Cf. Isa. 6.13. Ver também Eze. 5.2 e 10.2, que mencionam literalmente a destruição por fogo. Até o templo foi queimado (Jer. 52.13).

15.7

Ainda que saiam do fogo, o fogo os consumirá. Se Judá-Jerusalém conseguisse escapar ao fogo do ataque babilônico, Yahweh mandaria outros fogos que garantiriam sua destruição *quase total.* Um julgamento se seguiria a outro. A fome e a pestilência seguiriam a espada, e animais selvagens comeriam os poucos sobreviventes. Ver Eze. 5.12 e 17. O capítulo 14 descreve os desastres com detalhes. Cf. Jer. 9.16 e Eze. 12.14. Ver também Eze. 5.4; 11.9; 12.14 e 23.25. Talvez as três deportações estejam incluídas nesta declaração global. Ver Jer. 52.28, onde há notas sobre essas deportações. O terror babilônico chegaria em ondas, como se fossem de um grande mar. Os *fogos* falam de calamidades de todos os tipos (ver Sal. 66.12).

Sabereis que eu sou o Senhor, quando tiver voltado o meu rosto contra eles. Que os homens *conhecerão* melhor a natureza de Adonai-Yahweh, através de seus julgamentos, é um tema constante de Ezequiel. Eles entenderiam claramente a natureza terrível de sua apostasia quando experimentassem os resultados. Entenderiam melhor a santidade de Deus e reconheceriam as exigências das leis morais.

15.8

Tornarei a terra em desolação. As diversas formas de destruição deixariam Judá-Jerusalém desabitada e totalmente desolada. Cf. Eze. 6.14; 12.20; 14.15,21,23. Ver também Isa. 1.7; 6.11; Jer. 2.12; 4.7; 10.22 e 18.16. Os babilônios eram peritos em *genocídio,* mas foi o decreto de Yahweh que acionou a máquina destruidora da Babilônia. Os homens não podem esconder de Deus seu verdadeiro caráter. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* nivela tudo, quando chega a hora apropriada (Gál. 6.7-8).

Cometeram graves transgressões. Portanto, sofreriam conseqüências desastrosas e aniquilação quase total.

Capítulo Dezesseis

A Parábola da Esposa Infiel (16.1-63)

A primeira parábola apresentada por Ezequiel descreve a *madeira inútil* da videira, representando Jerusalém (capítulo 15). A segunda parábola descreve Jerusalém como *esposa infiel* (capítulo 16). Todas as mensagens nos informam

que Jerusalém era um caso perdido. Um julgamento devastador foi decretado por *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno). O tema mais importante destas parábolas é que não houve nenhuma possibilidade de Judá escapar ao julgamento efetuado pelo exército babilônico.

Jerusalém era um infante abandonado, de pais desconhecidos. Ezequiel empregou uma lenda popular, na forma de uma alegoria. A linhagem de Jerusalém era *pagã*, e o povo não tinha nenhuma participação nos pactos com Yahweh. Os cananeus eram residentes semitas que habitaram a Palestina antes da invasão das tribos de Israel, no século 13 A. C. Foram aparentemente uma subdivisão dos amorreus que chegaram ao Crescente Fértil, no segundo milênio A. C. Os hititas eram um povo pagão que residia na Palestina com os cananeus (Gên. 23; Jos. 3.10). Cf. II Sam. 11.3. Não desejada e tendo negados seus direitos de nascimento (como ocorria a crianças do sexo feminino na antigüidade pagã), Judá-Jerusalém tornou-se um prejuízo. Ela foi abandonada para morrer, exposta aos elementos hostis. Mas, pela ajuda divina, conseguiu sobreviver e tornar-se adulta.

Agora, a despeito de sua origem humilde, é uma linda mulher. Casa-se com um rei e torna-se a rainha da terra. Mas logo se prova infiel e ingrata. Toma uma série de amantes e inicia uma vida devassa. Enfeita-se com muitas jóias e ouro e torna-se arrogante e intolerável. Em breve, seus amantes retirariam todas os seus enfeites e a matariam. Os vss. 1-43 parecem ser uma unidade completa, mas os vss. 44-63 aparentemente são de um redator subseqüente, que expandiu o tema original. Estes versículos apresentam a esperança de que Deus, afinal, restauraria as fortunas de Jerusalém e até as de Samaria e Sodoma. O amor de Deus funciona assim, empregando julgamentos severos para purificar e restaurar. Todos os julgamentos de Deus são restauradores, não meramente retributivos.

A relação entre Yahweh e seu povo é representada como a de um homem e sua esposa. Talvez Oséias fosse o primeiro profeta a empregar esta metáfora. Os profetas com freqüência utilizavam-se desta figura de linguagem. Ver Jer. 2.1-3; 3.1-5; Isa. 50.1. Cf. a metáfora de Pai-filho em Êxo. 4.22; Jer. 31.9,20 e Osé. 11.1. Ver também a figura do rei e seu escravo (ou suboficial), um símile muito comum nas Escrituras, em Isa. 41.8-9; 42.1; 43.10; Jer. 20.10; Eze. 28.25.

Cantares foi alegorizado por intérpretes judaicos posteriores, para fazer de Israel a esposa de Yahweh. Mas este livro é somente uma canção que celebra o amor romântico. Por estas parábolas, os autores do Antigo Testamento ensinam certas lições morais e espirituais importantes. Entram obviamente no *antropomorfismo* (ver a respeito no *Dicionário*).

O Infante Abandonado (16.1-6)

16.1

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta expressão comumente introduz novas mensagens ou oráculos neste livro. Ela afirma a inspiração divina do que se segue e indica que Ezequiel era um profeta autorizado por Yahweh. Cf. Eze. 12.21; 13.1; 14.2 e 15.1, onde há notas.

16.2

Faze conhecer a Jerusalém as suas abominações. Ninguém poderia ter orgulho da linhagem do infante. O profeta descreve aquela linhagem como a dos pagãos, na qual reinava uma idolatria grosseira. O infante, produto daquela extração, era corrupto desde o início, e não superaria sua genética, a despeito dos muitos privilégios recebidos. Ela, pagã e abandonada, seria uma rainha pela graça de um rei. Logo se comprovaria pequena demais para ser rainha; embora casada com o rei, tornou-se infiel e arrogante. Israel era o infante terrível; Yahweh era o Rei das graças que o elevou.

Explicando os Pecados de Israel. 1. Originalmente, Israel não tinha nenhuma estatura especial. Não podia reivindicar uma posição especial ante o Rei. Recebeu de graça tudo o que tinha, e seus pecados posteriores revelam sua ingratidão. 2. Israel, o infante terrível, não tinha nenhuma atração em si mesmo. Ele foi feito distinto entre as nações pela pura graça, quando Yahweh deu àquele povo a lei de Moisés (ver Deu. 4.4-8). 3. Como infante terrível, foi exposto aos elementos hostis deste mundo e abandonado, mas a graça de Deus o tirou da miséria. 4. Yahweh compartilhou seus pactos com ele e, figurativamente, tornou-se seu Marido. Mas o infante pagão tornou-se uma adulta pagã, correndo atrás de seus amantes. 5. Yahweh perdeu a paciência com a devassa e a castigou por causa da sua idolatria-adultério-apostasia.

16.3

Procedem da terra dos cananeus; teu pai era amorreu, e tua mãe hetéia. Israel era simplesmente outro produto da Canaã pagã, que fora sempre abominável aos olhos de Yahweh. Para detalhes, ver sobre os nomes desses dois povos no *Dicionário*. Os dois povos eram especialmente proeminentes na Palestina e seus nomes representam, de modo geral, as nações pagãs do lugar. Ver Gên. 15.16; Deu. 1.44; Núm. 14.45; Jos. 10.5; II Reis 21.11. Os patriarcas tinham associações freqüentes com aqueles povos, algumas boas, outras ruins. Ver Gên. 7.46; 23.1-20; 26.34-35 e 28.1-22.

Parábola ou Verdade? O profeta estava dizendo que, literalmente, Israel compartilhava com aqueles povos sua linhagem? É claro que não. A origem de Israel, Ur dos Caldeus, era um fato universalmente conhecido. O profeta proferia uma *parábola* para atacar Israel, como se fosse uma nação pagã. Moral e espiritualmente falando, aquele povo era somente outra nação pagã. Jerusalém, corrupta, era filha de pagãos. Sodoma era sua *irmã* (Eze. 16.46), mas a relação era moral e espiritual, não genética. Jerusalém foi paganizada *por associação*. Foi *adotada* como filha de pagãos, porque agia como eles. Mostrou *afinidade* com as nações abomináveis, mas a afinidade era moral e espiritual, não física.

16.4

Não te foi cortado o umbigo. O infante nascido daqueles pais pagãos nemrecebeu os cuidados que os bebês normalmente têm; o cordão umbilical não foi cortado; o infante não foi lavado; não foi friccionado com sal; não foi ungido com óleo; não foi vestido em roupas apropriadas; sofria frio e fome. Até os pobres da Palestina praticavam essas coisas comuns em favor dos bebês. A criança, segundo os costumes, era friccionada com sal misturado a água e óleo, e embrulhada em faixas de pano, por sete dias. Freqüentemente, as meninas eram expostas aos elementos hostis do tempo, para morrerem; se, por algum milagre, alguma sobrevivesse, era *sinal* de que "merecera" viver.

O infante deste texto conseguiu resistir aos maus-tratos; sua própria vida era um milagre. Provavelmente esta é uma referência aos maus-tratos que Israel recebeu no Egito, por 400 anos. Mas Yahweh entregou Seu filho naquele lugar e lhe deu uma terra agradável e rica.

16.5

Não se apiedou de ti olho algum. Aquela menina indesejada não despertou pena em ninguém; não houve compaixão para com ela, que sofreu privações e fome, foi odiada e exposta aos elementos hostis para morrer. Era costume que meninas saudáveis, deformadas ou doentes sofressem infanticídio. Israel recebeu esse tipo de tratamento, no Egito, e depois na própria terra foi perseguido pelas nações pagãs. Exposto por pais cruéis e enfermeiras indiferentes, foi deixado no campo deste mundo para morrer, entregue ao deserto do ódio humano.

Uma carta de papiro achada por arqueólogos, escrita por um trabalhador egípcio, descreve tais barbaridades praticadas contra meninas. O nome dele era Hilárion e o de sua esposa, Alís. A carta diz: "... se é uma menina, a expõe". Em um tempo posterior, uma carta escrita por um cristão, a *Epístola a Diogneto*, registrou claramente que os cristãos não praticavam essa barbaridade.

16.6

Passando eu por junto de ti, vi-te. *A Parábola Continua.* Yahweh, representado como homem, passou no campo onde a menina estava exposta e escuta seu choro. Encontrou-a em condição miserável, ainda manchada pelo sangue do parto, imunda, fria, com fome e totalmente abandonada.

Vive... ainda que estás no teu sangue, vive. Yahweh, o homem gentil, falou: "Vive!", o que garantiu a vida da criança. Daí, exerceu Seu famoso amor e cuidou da criança. A menina logo ficou alegre e recuperou a saúde. Foi assim que Deus teve compaixão de Israel e resolveu todos os seus problemas. Deu-lhe a lei de Moisés para que lhe servisse de *guia* (Deu. 6.4 ss.); livrou-o de todos os seus opressores, dando-lhe uma vida no seu culto (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). A menina abandonada tornou-se uma criança altamente *privilegiada*.

16.7

Eu te fiz multiplicar como o renovo do campo. A criança tornou-se objeto de muita atenção, gentileza e amor; cresceu rapidamente como uma planta robusta do campo, em meio a muita água e sol.

Cresceste e te engrandeceste e chegaste a grande formosura; formaram-se os teus seios e te cresceram os cabelos. A menina maltratada logo se tornou uma mulher linda, bem formada, com seios admiráveis e atraentes. Era muito cobiçada por homens que procuravam uma esposa extraordinária. Seus cabelos longos, pretos e bem cuidados, atraíam olhares até dos homens mais santos. Ontem estava nua, hoje está coberta de beleza.

16.8

Passando eu por junto de ti, vi-te. Em tempo posterior, o *salvador* da recém-nascida, passando por acaso, a viu, uma mulher bela e madura para ter filhos. Assim, o Marido Divino decidiu casar-se com aquela mulher-milagre. Cumpriu todos

os ritos simbólicos que os costumes exigiam, cobrindo-a com seu próprio manto, escondendo-lhe a nudez, oferecendo-lhe proteção. Fez um contrato de casamento com ela. Como *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno), tinha riquezas e poderes para abençoar ricamente aquela mulher, agora altamente privilegiada. Cf. este pacto de casamento, com Mal. 2.14 e Pro. 2.17. Através desta parábola de casamento, devemos entender o fato de que Israel foi feito participante dos pactos, especialmente do *Pacto Abraâmico* (ver as notas em Gên. 15.18). Outros pactos acompanharam Israel, na continuidade de sua história. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pactos*. Ver também sobre *Pacto Mosaico*, anotado na introdução a Êxo. 19.

Estendi sobre ti as abas do meu manto. "... um ato simbólico de casamento. Ver Rute 3.9 e cf. Deu. 22.30. Este ato simbolizava proteção, possessão e identificação com o marido e com sua família. Davi cortou fora uma porção da vestimenta de Saul, porque sabia que, com ela, seria identificado com a realeza (I Sam. 24)" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

16.9

Em contraste com os pais pagãos da menina, que não tinham coração, Yahweh, o marido potencial, lavou a menina suja de sangue e a ungiu com óleo (a mistura de sal, óleo e água, vs. 4). Assim a criança abandonada tornou-se uma Senhora Eleita. Ver o vs. 6. O escritor ignora aqui as seqüências de tempo da história, enfatizando certos fatos importantes. O vs. 9 informa que as maldades praticadas contra a menina foram revertidas pela bondade de Yahweh. Devemos prestar atenção aos detalhes mais óbvios e não nos distrair com pormenores. Yahweh *lavou* a menina quando a encontrou no campo. A senhora, antes do casamento, tomou o banho tradicional das noivas. As *lavagens* falam da santificação de uma esposa. A senhora estava tornando-se uma rainha. Os cuidados divinos garantiram o êxito do processo. O infante abandonado se tornou a Senhora Eleita, o Israel distinto entre as nações (Deu. 4.4-8).

16.10

Também te vesti de roupas bordadas. O processo de enriquecimento continuava. A Senhora Eleita recebeu as jóias mais finas e as roupas mais caras, bordadas pelas costureiras mais capacitadas do país; usava roupas de linho fino e seda; tinha sapatos de couro importado, até de animais do mar, itens preciosos e raros. Cf. Sal. 45.13-14 e Isa. 61.10. Não houve privilégio que aquela mulher não recebesse, nenhum desejo lhe foi negado.

16.11

Também te adornei com enfeites. Cf. vss. 11-13 com Osé. 2.13 e Isa. 3.18-24. Não houve fim na decoração vistosa que a mulher recebeu. Foi-lhe dado tudo o que ela pediu, ela possuía tudo o que uma mulher podia desejar: jóias de todos os tipos, para o cabelo, o pescoço, os braços, as pernas, os dedos e os pulsos. Ela exagerou. Cf. Gên. 24.22, e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jóias e Pedras Preciosas*.

Este versículo não deve ser usado como um texto-prova de que é legítimo para uma mulher cristã usar muitas jóias como adornos. Ver I Ped. 3.3,5, para a visão cristã mais humilde do vestuário feminino. O presente versículo, metaforicamente, fala de todos os *benefícios e privilégios* que aquela mulher havia recebido. Ela se tornou a Senhora Eleita, pelo poder e bondade de Deus, seu Marido. Deveria ter ficado muito contente, mas estava insatisfeita. Começou a procurar amantes. Ver Rom. 9.4 ss. Israel tinha uma vida espiritual altamente adornada. A lei era seu *guia* (Deu. 6.4 ss.); sua *vida* (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). Israel era *distinto* entre as nações (Deu. 4.4-8).

16.12

Vaidade Feminina. Aquela *Senhora Eleita*, uma vez humilde, mas agora exaltada, tinha anéis até para o nariz, para as orelhas e para os dedos das mãos e pés. Onde havia espaço, ela colocou uma jóia ou um anel de pérola ou ouro. Nada da humilde prata! Então, ela foi coroada rainha do Rei do Mundo e sobre *todo* o mundo. Sua coroa era de ouro puro, com muitas jóias incrustadas. Agora, ela estava sentada em seu trono, lançando olhares de desprezo para os plebeus. Enquanto ainda atravessava o processo do casamento, estabeleceu-se sobre um trono mais alto do que as nuvens. Esta história de Cinderela superou todas as demais histórias. O seu reino era *o mundo*, não uma pequena província de um país no deserto, rico em petróleo. O Targum fala aqui: "... as nuvens de sua glória a cobriram como uma grande sombra". Cf. Êxo. 19.6; Apo. 1.6; Gên. 24.22; Jó 42.11; Pro. 11.22; Isa. 3.21 e Osé. 3.12.

16.13

Mais Exageros. O profeta não podia parar com as suas descrições. Volta a falar de todas aquelas jóias e ornamentos; fala mais ainda dos vestidos finos da mulher, e, finalmente, passa a descrever a sua *alimentação*, que era a mais rica possível, para se igualar aos seus excessos de vestimenta.

A primeira parte deste versículo repete as informações dadas nos versículos anteriores. Agora, aprendemos que sua alimentação incluía itens de luxo, farinhas finas, mel e óleos importados. De modo geral, ela ficou cada vez mais rica, mas *não* mais gorda. Ela preservou sua beleza para melhor seduzir a todos aqueles amantes.

Talvez o texto aluda à *época áurea* de Salomão, quando as riquezas fluíram como o rio Amazonas. Mas, surpreendentemente, no meio de todas aquelas bênçãos divinas, a idolatria rude atacou e venceu o país inteiro. Até o próprio rei, o fiel filho de Davi, tornou-se um idólatra e hedonista desgraçado. Logo o reino se dividiu em duas partes, norte (Israel) e sul (Judá), e a época áurea se perdeu em meio à confusão. A degeneração tomou conta de tudo, começando com o coração de homens descuidados.

Flor de farinha, de mel e azeite. Estes três elementos foram misturados para fazer um bolo rico, um contraste ao pão seco e às cebolas do Egito. Cf. Deu. 32.13-14. Israel começou humilde, floresceu e ficou bonito; prosperou ainda mais e tornou-se um império que dominava os países ao redor.

16.14

Correu a tua fama entre as nações, por causa da minha glória que eu pusera em ti, diz o Senhor. A Senhora Eleita ficou famosa em todo o mundo; histórias, e até lendas, aumentaram sua reputação. A glória e a beleza do Senhor brilhavam nela, e esse foi o segredo de seu estrondoso sucesso. Ela era bela, rica e famosa, tudo o que as mulheres gostariam de ser.

O versículo obviamente ilustra o princípio da *graça*, que está mais elaboradamente descrito no Novo Testamento.

A Queda da Rainha (16.15-34)

"Em contraste com a bondade abundante de Deus, houve o pecado pernicioso da idolatria de Israel. O autor dá uma descrição detalhada nos vss. 15-34. Devemos lembrar que o fruto natural da graça negligenciada resultou em iniqüidade. Israel está representado como o pior dos pecadores, e isto não é mera hipérbole. A graça que não eleva termina criando um povo que vai às profundidades do pecado" (Ellicott, *in loc.*).

16.15

E te ofereceste a todo o que passava. Aquela Senhora Eleita tornou-se uma *prostituta de luxo*. Sua beleza atraiu muitos amantes, o que simboliza as diversas formas de idolatria dos vizinhos de Israel. Sua idolatria incluiu a "prostituição sagrada". As sacerdotisas dos templos pagãos vendiam o corpo a fim de ganhar dinheiro para o sustento dos cultos. Cf. Deu. 32.15 e Osé. 13.6. Talvez este versículo aluda aos exageros de Salomão, especialmente ao harém de mil mulheres que o atraíram para praticar a idolatria de diversas nações.

A *Senhora Eleita* parou de olhar para o seu Marido e ficou obcecada com a beleza de seu próprio corpo. Quis testar seus poderes sobre os homens e logo descobriu que nenhum podia resistir-lhe. Seu *harém* competiu com os haréns de reis. Sua prostituição espiritual está descrita nos vss. 15,21-22,25. Aquela mulher perdeu o controle e não mais fazia seleções entre "candidatos" para sua cama. Jerusalém tornou-se uma "prostituta sagrada"; abandonou seu casamento com Yahweh.

"O termo *prostituição* neste trecho (ver os vss. 15,21-22,25), como no livro de Oséias, implica que Israel se associou a um tipo de idolatria que incluía *ritos sexuais* dos cultos cananeus. A forma verbal da palavra também carrega esta conotação (vss. 16-17,28). Jerusalém tornou-se uma prostituta sagrada, imitando o deboche dos pagãos. Ver Gên. 38; Jer. 2.23-25; 3.1-5; Osé. 4.14-15; 9.1" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

16.16

Atração Diabólica. Roupas lindas fizeram da mulher uma pessoa distinta, naturalmente desejada pelos homens. A Senhora Eleita tornou-se a *Senhora Iníqua* mais notória do país. Ela decorava os altares onde oferecia incenso e sacrifícios, servindo a um sincretismo doentio, que misturava Yahweh com os deuses pagãos. Seus altares eram pontos de atração turística, onde os gentios se misturavam com os judeus. A rainha iníqua estava sempre presente para se oferecer aos "adoradores", honrando a fertilidade e praticando as profundezas da depravação. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lugares Altos*.

> *Tais coisas nunca deveriam ter acontecido e não devem acontecer, nunca mais.*
>
> (NCV)

Altos adornados de diversas cores. O uso de cores, especialmente em tapeçarias, na decoração dos lugares de adoração era universal nas religiões da

antigüidade. O tabernáculo havia empregado essas decorações coloridas. Alguns intérpretes supõem que as prostitutas sagradas adornassem suas tendas com desenhos coloridos, para atrair seus fregueses. Cf. Pro. 7.16-17. Sabemos que as prostitutas decoravam suas camas ricamente e usavam perfumes e outros truques para seduzir homens que já estavam seduzidos no seu íntimo. As adúlteras imitaram as prostitutas, aplicando as mesmas técnicas para enfraquecer os poderes de resistência dos homens, se é que encontravam alguma resistência.

16.17

Fizeste estátuas de homens e te prostituíste com elas. Descendo mais e mais na sua depravação, a Senhora Eleita, agora a Senhora Iníqua, empregou os metais preciosos que seu Marido lhe dera para fabricar ídolos. Esta foi uma ação de deboche inacreditável. A Senhora Caída usou o ouro e a prata de suas jóias para fabricar ídolos e símbolos fálicos.

Estátuas de homens. *Quase certamente* estas palavras falam de objetos fálicos (tipos de pênis), não a imagens na forma de homens, feitos de materiais preciosos. Mulheres que visitavam os altares usavam aqueles itens para se masturbar! O uso de itens fálicos era para o "benefício" das adoradoras, mulheres depravadas que freqüentavam os altares idólatras. Heródoto (*Hist.* liv. ii.c.48,49) nos informa sobre tais práticas em conexão com a adoração de Osíris, Baco e Adônis, deuses e deusas de fertilidade. Os hindus deificaram o *membrum virile,* porque simbolizava a fertilidade do povo, de origem supostamente divina.

16.18

Os teus vestidos bordados. *A Senhora Rainha Iníqua Prostituta* fora coberta pelo manto de Yahweh (vs. 8). Este mesmo manto ela usou para cobrir seus fregueses, para protegê-los do frio! Também utilizou os itens de luxo que seu Marido lhe tinha dado, para satisfazer os desejos deles, isto é, os óleos, para ungir-lhes o corpo, e os perfumes, para excitar-lhes as paixões. Queimou *incenso* para honrá-los, incenso que seu Marido LHE tinha dado para seu uso pessoal. Ver o *óleo sagrado* descrito em Êxo. 30.22-25,32-33. Este versículo informa que os materiais do templo, que pertenciam a Yahweh, eram empregados nos cultos pagãos.

... e as cobriste. falando das imagens, ou dos itens fálicos. Panos especiais, como a roupa das idólatras, foram usados para cobrir e honrar as imagens, em uma cerimônia que não entendemos hoje. Talvez estejam (parcialmente) em vista as imagens fálicas estejam em vista. Cobrir tais itens com uma roupa feminina podia significar o pênis entrando na vagina, símbolo da fertilidade desejada.

16.19

O meu pão que te dei. *Tipos diversos* de ofertas de cereais (as *ofertas de paz*), antigamente direito exclusivo de Yahweh, foram dedicados aos deuses falsos. As mulheres prepararam tapeçarias de muitas cores e as penduraram na corte do templo (II Reis 23.7). Cf. Jui. 8.26-27 e Êxo. 32.2-4. Tapeçarias especiais também eram dedicadas a *Aserá.* Ver *Aserins,* em I Reis 14.15, e, no *Dicionário,* o verbete chamado *Deuses Falsos.* As tapeçarias eram tecidas nas casas de prostituição sagrada, por mulheres capacitadas na arte da costura e dedicadas exclusivamente aos cultos depravados. Provisões dedicadas ao culto do templo e a Yahweh foram usurpadas e utilizadas nos ritos pagãos. O Todo-poderoso Deus, *Adonai-Yahweh,* não toleraria por muito tempo aquele ultraje. O *aroma suave* (ver em Lev. 1.9 e 29.18) agradava os deuses falsos, mas irritou Yahweh, tornando-se um fedor para Ele.

16.20

Tomaste a teus filhos e tuas filhas. *Sacrifício de Crianças.* Sobre este assunto doloroso, ver Eze. 20.26,31; 23.27-29; I Reis 3.27; II Reis 16.34; Jer. 7.31; 19.5-6; 32.55; Miq. 6.7. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Moleque, Moloque.* A barbaridade do povo de Judá nos choca, porque é terrível meramente falar nela, quanto mais vê-la ou praticá-la. Esses atos cruéis supostamente satisfaziam os apetites dos deuses, que gostavam de chupar o sangue de crianças. Somente uma teologia especialmente depravada poderia dar algum valor a essas práticas. Além desses ultrajes, perversões sexuais acompanhavam os ritos. O povo de Judá se perdeu na idolatria-adultério-apostasia. O exército babilônico acabaria com aquela raça reprovada e apóstata.

16.21

Mataste a meus filhos. Pequenas crianças foram forçadas a passar através de fogos e sua morte foi considerada *sacrifício* especial para deuses que nem existiam. Outro método usado era colocar a criança em um tipo de esfera feita de metal; a "bola" era posta no fogo de um altar e a criança era literalmente assada.

A contraparte desta barbaridade era consagrar o filho mais velho a Yahweh, que não exigia sua morte, mas, sim, a *dedicação* de sua *vida.* A vida era a contraparte, do velho judaísmo, para a morte dos pagãos. As crianças queimadas nos cultos depravados tornaram-se *comida* para os deuses famintos. Quando o fogo as devorava, eram os deuses que estavam comendo uma refeição especial. Ainda hoje, alguns povos primitivos utilizam o "andar no fogo" como um de seus ritos mais espetaculares, mas o sacrifício de crianças, associado a tais "andanças", não mais existe. Os peritos nesta atividade conseguem andar no fogo sem se queimar, por forças pouco conhecidas por nós.

16.22

Não te lembraste dos dias da tua mocidade. *Memória Fraca.* A *Senhora Rainha* (Judá) abandonou seu Marido (Yahweh) e se mostrou ingrata. Ela nem lembrou o tempo em que era uma criança abandonada; não lembrou que foi Ele quem cuidou dela (ver os vss. 4,6,9). A ingratidão é uma característica da mente pagã (Rom. 1.21). As pessoas se esquecem de Deus, a fonte de todas as bênçãos. A Senhora Rainha fora, uma vez, um infante abandonado, deixado no sangue e na sujeira, exposto aos elementos hostis para morrer. Ela esqueceu o Rei que a libertou e tão magnificamente a abençoou. Esquecendo as coisas divinas, cometeu os pecados mais reles. Ver o vs. 6, que está por trás do presente versículo.

16.23

Ai, ai de ti! diz o Senhor Deus. *Um Castigo Merecido.* Depois de praticar pecados de todos os tipos, ignorando a lei de Moisés, o povo cometeu crimes bárbaros, como o sacrifício de crianças e a prostituição sagrada; avançou ainda mais em outras formas de deboche e apostasia. Velhas e novas formas de apostasia atraíram a mão pesada de Yahweh, que com a batida do exército da Babilônia acabaria de vez com os depravados.

16.24

Fizeste elevados altares por todas as praças. *Infestação Total. Altares pagãos* infestaram os *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*). O velho culto de Yahweh foi obliterado. Práticas idólatras e adúlteras invadiram o templo (vss. 18-19). Agora, vemos aqueles homens perversos erguendo altares em lugares públicos, nas ruas, nas praças, em prateleiras construídas sobre os muros e até em nichos escavados nos próprios muros. Aonde um homem pudesse olhar, veria altares dedicados a uma multiplicidade de deuses.

O presente trecho nos lembra de Atos 17.2 ss., onde Paulo se queixa da idolatria onipresente de Atenas. O espírito de Paulo se revoltou com o que viu (vs. 16). Da mesma forma, Ezequiel desmaiou sob a visão do desenvolvimento de uma idolatria onipresente em Jerusalém. Aquela idolatria anulava tudo o que Jerusalém representava: a lei de Moisés e as tradições antigas.

Elevados altares. A Septuaginta e a Vulgata fazem, dos *lugares eminentes,* bordéis sagrados. A Atualizada emprega a expressão *elevados altares* para falar daqueles lugares, referência que se repete no vs. 25. A palavra significa, literalmente, *arco* e pode ser qualquer lugar com um teto alto. Esses lugares eram convenientes para a colocação de ídolos, em nichos ou pendurados com cordas. Mas a referência pode ser às câmaras que foram utilizadas como bordéis. Naqueles lugares, eram praticados cultos de fertilidade, como a prostituição sagrada. As prostitutas sacerdotisas praticavam o adultério em nome dos deuses e cobravam por seus serviços. O dinheiro ajudava a sustentar os templos e seus cultos.

16.25

A cada canto do caminho edificaste o teu altar. Cada rua tornou-se lugar apropriado para construir mais um altar. A Rainha Iníqua se mostrou zelosa na construção de altares e lugares de devoção aos deuses inexistentes. Espiritualmente, ela abriu as pernas a todos os que passavam, multiplicando, mais e mais as suas prostituições. Empregou sua beleza (um presente de Deus) para promover iniqüidades. Encontrou vítimas sem-fim para sua cobiça. Tinha suas câmaras públicas, perto de praças principais, para facilitar os encontros com seus clientes. A idolatria de Jerusalém tornou-se versátil e onipresente. O versículo ilustra os caprichos pecaminosos do coração humano.

Abriste as tuas pernas a todo que passava. A Rainha Senhora Iníqua "abriu as pernas" para o ato sexual e qualquer um servia para aquele propósito, indicando que a idolatria de Jerusalém foi universalizada. *Todos os deuses* eram bem-vindos naquela cidade que se tornou um centro pagão. O autor emprega "um eufemismo para indicar a *exposição* das partes privadas de seu corpo, que funcionavam como *isca* para atrair mais clientes" (John Gill, *in loc.*).

16.26

Também te prostituíste com os filhos do Egito. Yahweh salvou "seu filho" daquele lugar (Êxo. 4.22), mas aquele filho voltou espiritualmente para se poluir com

as iniqüidades do Egito. O adultério foi cometido com o Egito, pela adoção de práticas idólatras e também pela formação de alianças políticas e militares com esse país. Os profetas proibiram os dois tipos de idolatria. As alianças mostraram a falta de confiança de Judá em Yahweh, verdadeiro poder e proteção. Ver II Reis 16.7-18; 18.24; Isa. 7.1-25; Jer. 2.18; Osé. 8.8-14. "A revolta contra a Babilônia, de 589 A. C., se iniciou com a promessa de ajuda egípcia (Eze. 17.15). Em um tempo anterior, Senaqueribe (701 A. C.) informa como diminuiu o poder de Ezequias, que lhe havia dado muitas cidades conquistadas dos reis de Asdode, Ecrom e Gaza" (Theophile J. Meek, *in loc.*). As alianças que Israel-Judá formaram com poderes estrangeiros nunca deram certo.

Teus vizinhos de grandes membros. Os egípcios eram o próprio padrão da iniqüidade, um povo totalmente idólatra, sensual, cheio de transgressões de todo o tipo. O texto implica que era um povo sexualmente poderoso, cuja cobiça nunca se satisfez. Algumas versões falam em vizinhos "... grandemente carnais", um eufemismo para o tamanho do órgão masculino. Sem o eufemismo, diríamos, simplesmente, que o Egito tinha um pênis muito grande. Juv. *Sat.* ix. 34 tem uma referência semelhante, que Adam Clarke, *in loc.*, deixa no latim, para não embaraçar o leitor. O bom doutor nos informa que não seria apropriado falar sobre o tamanho do *Pênis do Egito.* O latim fala, mas os leitores leigos não procuram em um dicionário para ver o que significa.

O significado espiritual do versículo é que, como seus membros sexuais eram enormes, também foram grandes as suas idolatrias-adultérios.

16.27

Estendi a minha mão contra ti. O governo moral de Adonai-Yahweh não podia permitir a continuação daquelas corrupções. Por causa dos deboches de Judá, que foram muitos e chocantes, a *mão divina* se preparou para acabar, de vez, com todo aquele pecado. Ver sobre *mão direita,* em Sal. 20.6. A mão de Yahweh seria o exército babilônico, que acabaria com Judá e seus aliados. O golpe administrado seria quase total. Jerusalém ficaria essencialmente desabitada; as cidades de Judá seriam aniquiladas e tudo o que fosse de valor seria levado para a Babilônia. Os filisteus tinham atacado Judá e Jerusalém nos reinos de Jeorão (II Crô. 21.16-17) e Acaz (II Crô. 28.16-19). Eles eram um povo lascivo e violento, campeão de muitas formas de idolatria. Mas a Judá do tempo de Ezequiel chocou até aquele povo indecente. Judá-Jerusalém tornou-se o pior dos piores. Pelo menos, os filisteus foram fiéis às suas tradições, em contraste com os judeus, que abandonaram a lei de Moisés e o culto a Yahweh. A Babilônia seria um *chicote* bem mais poderoso do que os filisteus. Cf. Jer. 2.10-11. Israel-Judá merecia um castigo maior do que o das nações pagãs, porque havia pecado contra uma luz maior e porque errava mais desgraçadamente do que os próprios pagãos.

16.28

Também te prostituíste com os filhos da Assíria. Este povo era bem mais forte e violento do que os filisteus e tornou-se o novo golpeador designado por Yahweh. Atacou o norte e o sul; massacrou, destruiu e levou o que tinha de valor para a Assíria. Devastou o norte e arrasou a sua história como um povo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro Assírio.* Através dessa circunstância, Yahweh forneceu a Judá outra lição, que foi totalmente ignorada. Os pecadores sempre acabam mal, mas Judá-Jerusalém não aprendera a lição. Israel-Judá participou do adultério-idolatria do Egito, da Assíria e dos filisteus. *Insaciável,* tornou-se pior do que os pecadores pagãos. "Procuraram *novos deuses* e novos modos de adoração; prostituíram-se com os seus vizinhos, como uma mulher devassa que nunca se satisfaz, mas vai de um amante para outro, como uma infecção que se espalha pelo corpo, sempre conquistando novo território. Insaciável, perdeu-se no meio de pecados múltiplos" (John Gill, *in loc.*).

16.29

Multiplicaste as tuas prostituições na terra de Canaã até Caldéia. A Rainha Senhora Iníqua correu atrás da Babilônia e, com facilidade, a acrescentou à sua lista interminável de conquistas. Tudo aquilo tinha de parar em algum lugar. O Marido da Senhora estava perdendo a paciência.

Israel-Judá começou com sua idolatria-adultério-apostasia no Egito; foi para Canaã, para a Assíria e para a Babilônia. As viagens de adultério não cessaram. Ela tinha um apetite sexual enorme, e procurava satisfação com uma variedade de parceiros. Yahweh, afinal, foi obrigado a acabar com as vagueações espirituais de seu povo.

> *Na Babilônia, cometeu ainda mais pecados sexuais; eles foram comerciantes. Mas nem aí ficou satisfeita.*
>
> (NCV)

Muito comércio com poderes estrangeiros encorajou empréstimos de seus costumes religiosos e culturais.

16.30

Quão fraco é o teu coração. Judá não tinha mais nenhuma fibra moral; sua vontade desaparecera em meio à promiscuidade. Como Judá era fraca! Seu coração frívolo se envolvera em uma promiscuidade incontrolável. Tendo a lei como *guia* (Deu. 5.4 ss.), deveria ter tido força moral. Mas nasceu para tornar-se uma prostituta. A prostituição estava na sua genética. Ela não tinha poder para se modificar. *Adonai-Yahweh,* contudo, acabaria com isso de modo definitivo. Ele arrasaria a prostituta atrevida.

> *O caminho do Senhor é a fortaleza para os íntegros.*
>
> (Provérbios 10.29)

Mas Judá estava perdida nos atalhos pagãos. A Senhora Iníqua, dominada por uma imaginação depravada, perdeu o controle; perdeu as forças; perdeu a própria vida.

16.31

Desprezaste a paga. Este versículo repete as idéias dos vss. 24-25, onde há notas apropriadas. A Senhora Iníqua agia como prostituta, mas estava tão ansiosa em aproveitar o prazer de seus atos, que freqüentemente se esquecia de cobrar por seus serviços. Talvez ela se prostituísse por pouco dinheiro ou até para receber uma batata ou uma banana. Parte do dinheiro que ela ganhava sustentava os cultos de seus deuses; afinal, era uma prostituta "sagrada". Ela também vivia do lucro de seu negócio devasso. Cf. Isa. 23.17-18; Miq. 1.7. A lei mosaica naturalmente proibia tais práticas (Deu. 23.18), mas há muito tempo o povo não prestava atenção à lei. Judá se vendeu e perdeu a própria vida. Aquela Senhora Prostituta era tão submissa aos desejos perversos que, às vezes, dava dinheiro para seus clientes, a fim de garantir sua cooperação!

16.32

Foste como a mulher adúltera. Judá era uma senhora versátil e, assim, cumpria simultaneamente vários papéis. Como esposa adúltera, cobrava dinheiro de seus amantes ou, às vezes, prestava serviços gratuitamente para satisfazer desejos perversos insaciáveis.

Em lugar de seu marido, recebe estranhos. Ela rejeitou seu Marido, o Grande Benfeitor, e recebeu estranhos que nada tinham que ver com o seu bem-estar. Era cheia de maldades, mas emprestou outras maldades de seus clientes, para aumentar sempre mais o estoque de suas perversidades. Cf. Núm. 5.18; 20.29. Sua vida caiu no ridículo porque, afinal, fora seu Marido que dela cuidara e a tornara rainha, a ela que, antes, fora um infante abandonado. Ver os vss. 6-13. Tão fraca e iníqua, servia os alheios, em vez de servir seu Marido. Ela não tinha *amor* no verdadeiro sentido da palavra, apenas tinha desejos que a controlavam como os ventos do inverno.

16.33

A todas as meretrizes se dá a paga, mas tu dás presentes a todos os teus amantes. Prostitutas comuns ganham dinheiro e presentes de seus clientes, mas aquela Senhora Rainha Decaída era tão corrupta e insaciável, que começou a pagar os seus clientes! Ofereceu subornos para garantir um homem diferente na cama todos os dias; ofereceu favores especiais como isca; depravou-se com alianças estrangeiras, em idolatria e crimes de sangue; gastou suas riquezas para comprar um remoinho que rasgou sua vida em pedaços.

Ezequias, rei de luz extraordinária, mostrou os tesouros do templo para os babilônios que jantaram com ele. A cobiça se levantou no coração deles, que, não muito depois, carregaram aqueles tesouros para a Babilônia. Ver Isa. 39. A rainha prostituta orava para que os deuses estrangeiros a ajudassem, esquecendo que o seu Benfeitor era o seu Marido, Yahweh. Ver II Reis 16.8-9, outro texto que ilustra o presente versículo. Acaz usou os tesouros do templo para comprar a ajuda da Assíria, e o negócio não logrou êxito.

16.34

Nas tuas prostituições sucede o contrário. Este versículo repete a idéia geral dos vss. 31-33. Aquela senhora prostituta era diferente das demais. Dava-se gratuitamente. Judá nada ganhou por sua prostituição com os pagãos. Pelo contrário, terminou perdendo a própria vida. Até subornou seus amantes pagãos para garantir fornecimento contínuo. Judá se tornara uma pecadora ainda pior que seus vizinhos.

A Punição da Mulher Adúltera (16.35-52)

16.35

A Punição Inevitável. "O profeta, tendo descrito até este ponto a depravação de Judá, agora pronuncia a *punição* que aquele povo sofreria (vss. 35-52). A alegoria da meretriz é preservada. Esta porção da profecia se divide, convenientemente, em *duas partes:* 1. A própria punição, descrita como o castigo que uma adúltera ou assassina receberia; 2. Garantia da *justiça* do castigo. Uma comparação com Samaria e Sodoma serve de ilustração" (Ellicott, *in loc.*).

Jerusalém deteriorou-se de rainha a vagabunda. Sua beleza se perdeu no caminho da depravação; com poucos recursos, não podia mais subornar clientes para seu jogo perverso. O próprio Deus lhe ofereceu ajuda, mas sua corrida louca para a destruição continuou; ela recusou as advertências e cometeu suicídio. A hora do julgamento havia chegado.

Ó meretriz, ouve a palavra do Senhor. Um novo oráculo se introduz, com a menção da palavra inspirada de Yahweh. Cf. Eze. 16.1: a palavra era de Yahweh, pois continua com a metáfora da prostituta. O Targum traz aqui: "... cujas obras são aquelas de uma prostituta. Ó congregação de Israel, recebe as palavras do Senhor".

16.36

Assim diz o Senhor. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) fala a palavra de condenação. Este título divino é usado neste livro 217 vezes, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Enfatiza a *Soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*).

A Senhora Rainha Prostituta logo sentirá o golpe divino que porá fim à sua carreira. Recolherá os frutos amargos que semeou, conforme a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

Por se ter exagerado a tua lascívia e se ter descoberto a tua nudez... A senhora escandalosa mostrou os órgãos genitais para seus amantes, a fim de garantir ação. Perdeu todo o sentido de vergonha. O hebraico literal é, "seu bronze fora esvaziado", que significa, segundo os rabinos, o *fundo* de algum objeto, obviamente uma referência aos órgãos genitais da mulher. O profeta fala da *exposição* do "fundo" da mulher. A Bíblia não é exageradamente santa, fala a linguagem do povo, usa expressões que muitas pessoas consideram vulgares. Os hebreus eram um povo amante da canção, do vinho, da dança e do sexo e sempre falou explicitamente das paixões humanas.

O autor dá imediatamente uma explicação para a metáfora. Os ídolos (abominações) são adultério espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Idolatria.* Obviamente existia muito deboche sexual literal, que se misturou com os cultos pagãos. Abusos morais bizarros acompanharam a idolatria. O pior de todos era o sacrifício das crianças no fogo. Ver as notas no vs. 20 do presente capítulo.

Lascívia. Podemos interpretar esta palavra de diversas maneiras: 1. A *genitália feminina,* como interpretado acima. 2. *Dinheiro,* sendo que se usava este metal como dinheiro. Judá gastou sua substância promovendo cultos idólatras adúlteros. 3. *Impureza* e *vilezas,* uma alusão à corrosão do bronze e do cobre. 4. Segundo alguns intérpretes, *doenças venéreas.* O sexo de Judá era cheio de doenças, ou seja, a vida espiritual do povo tornou-se totalmente debochada.

16.37

Ajuntarei todos os teus amantes. Os amantes agora significam a aliança com a Babilônia. Os babilônios se congregaram para executar Judá. Antes de matar, os amantes anteriores da rainha depravada verão seu corpo exposto, mas detestarão a mulher, em vez de serem atraídos pela visão de sua genitália. A rainha amava alguns de seus amantes e detestava outros. Os dois tipos correrão para acabar com a mulher, que, de tão devassa, nem mesmo desejavam mais.

"Os egípcios e os assírios, cuja amizade e idolatria Judá tanto valorizava, juntamente com os filisteus, moabitas e amonitas, liderados pelos babilônios, atacarão a meretriz. O exército caldeu se constituiu de muitas nações" (John Gill, *in loc.*).

Ajuntá-los-ei de todas as partes contra ti. Os amantes tornam-se assassinos. A rainha depravada seria vítima de sua raiva. Antes de morrer, seria exposta publicamente e sofreria uma vergonha singular. Ver Isa. 47.3; Jer. 13.26; Osé. 2.12; Nee. 3.5.

16.38

Julgar-te-ei como são julgadas as adúlteras e as sanguinárias. Adúlteras e assassinos eram executados, segundo as exigências da lei mosaica. Judá perpetrou crimes variados: idolatria, perversões sexuais e crimes de sangue. As pedras de Yahweh (ver Lev. 20.10; Deu. 22.24) a matariam. Assassínio era punido com execução (Êxo. 21.12). Aqueles homens e mulheres, que obrigaram os próprios filhos a passar pelo fogo, também mereciam ser mortos (Lev. 20.1-5). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Moleque (Moloque).* Os idólatras eram executados (Deu. 17.2-5) ou, em alguns casos, banidos (Jer. 8.3; Osé. 8.5-8).

... te farei vítima de furor e de ciúme. A fúria do Marido da devassa causaria sua morte. Imensos ciúmes divinos seriam aliviados somente pela execução. Yahweh se ofendera fatalmente com a promiscuidade de sua esposa. A espada da Babilônia seria o instrumento da matança. O julgamento, a *terrível tríade,* traria o fim de uma nação inteira (ver Eze. 5.12). Ver sobre *ciúmes divinos,* em Deu. 4.24; 5.9; 6.14; 32.16,21.

Melhoramentos? As coisas não têm melhorado muito. Não mais executamos crianças, embora nossas guerras tenham matado um número espantoso delas. Aceitamos condições sociais que matam crianças. Condições inadequadas de higiene também executam crianças. Hoje os deuses que ofendem não são ídolos e ultrajes como Moleque, mas guerras, negligência, fome, violência nas ruas e nas casas e abuso de menores e de mulheres. Falando em termos de *crimes morais,* será que somos melhores que os judeus do tempo de Ezequiel?

16.39

Matança Generalizada. Os amantes matarão a Senhora Rainha Apóstata nos lugares onde uma vez praticaram o adultério com ela; haverá massacres nos lugares altos, nos bordéis sagrados e até no próprio templo, que se tornou um centro de paganismo. Haverá matança nas ruas, nas câmaras secretas e nas câmaras abobadadas. A fúria de Yahweh queimará a terra inteira, sem misericórdia. A Senhora Prostituta perderá primeiro todas os seus enfeites, jóias e roupas finas e, depois, a própria vida. Com estas metáforas, o profeta descreve o fim temível de Judá-Jerusalém. Cf. Eze. 23.36 e Osé. 2.3. As pilhagens, seguidas por massacre geral, significarão o fim definitivo do país. A cidade, de fato, foi reduzida a escombros e queimada. Os poucos sobreviventes foram levados cativos para a Babilônia. Assim terminou a prostituta magnificente.

16.40

Farão subir contra ti uma multidão. As hostes do exército universal da Babilônia (vs. 37) chegarão para apedrejar; um castigo apropriado para uma prostituta ou para uma esposa adúltera. Ver Lev. 20.10 e Deu. 22.24. Agora, o profeta deixa de lado a linguagem figurada e passa a falar sem adornos: a *espada* traspassará muitos homens, mulheres e crianças. Cf. Eze. 23.47, e a *tríade temível* (espada, fome, pestilência) em Eze. 5.12. Cf. Deu. 13.15-16. O mesmo tema se repete no tempo dos apóstolos (Luc. 19.43-44).

16.41

Executarão juízos contra ti, à vista de muitas mulheres. A Senhora Rainha deu mau exemplo para as outras mulheres (nações), e sua humilhação teria de ser pública. Todas observariam o que acontece a perversos como ela, uma mulher que quebrou os votos do casamento e abandonou seu Marido, o Benfeitor universal. Ver Deu. 13.16 e Jer. 52.12. *As mulheres* aqui são as nações amantes de Judá. Elas se regozijariam com a queda da Senhora Prostituta, mas também teriam receio de compartilhar seu castigo. Ver Sal. 137.7, para a zombaria das nações contra Israel-Judá. A mulher devastada pelo julgamento não teria mais recursos para pagar seus amantes. Sua carreira havia terminado.

16.42

Satisfarei em ti o meu furor, os meus ciúmes... Os *ciúmes divinos* (ver as notas em Deu. 4.24; 5.9; 6.15; 32.16,21) foram intensos e, por isso, o fogo vingador seria muito quente. Quando Judá transformar-se em cinzas, os ciúmes de Yahweh se dissiparão. O fogo queima o combustível, mas, quando o combustível for totalmente consumido, o fogo cessará, autodestruído.

Aquietar-me-ei e jamais me indignarei. Uma vez que o calor do ciúme do Senhor se esfriar, Ele ficará calmo e não mais haverá vinganças. O remanescente voltará a Jerusalém, será purificado e estará apto para começar tudo de novo. Os julgamentos de Deus são remediais, não meramente retributivos. Alguns intérpretes não vêem restauração aqui, mas este é um tema constante dos profetas. A ira de Deus opera um *propósito benéfico.* Ver este princípio anotado em I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado.*

16.43

Sumário dos Fatos Relacionados à Senhora Rainha Apóstata:

1. Foi abandonada como bebê recém-nascido.
2. Não tinha linhagem ilustre; de fato, era uma pagã filha de pais pagãos (vs. 3).
3. Foi exposta à morte, ainda suja com o sangue do parto. O cordão umbilical nem foi cortado.

4. Não foi lavada na mistura de sal, água e óleo, como os demais infantes (vs. 4).
5. O Benfeitor, Yahweh, ouviu seus choros e cuidou dela (vs. 6).
6. Ela cresceu e tornou-se uma mulher adulta e linda (vs. 10).
7. O Benfeitor tornou-se seu Marido e lhe deu grandes riquezas em jóias e roupas, fornecendo-lhe farta e saborosa alimentação (vss. 8-11).
8. Mas ela era uma mulher de memória fraca e ignorou tudo o que fora feito em seu favor; tornou-se ingrata, rebelde e arrogante (vss. 15 ss.).
9. A mulher, agora depravada, acrescentou pecados sexuais ao seu estoque de iniqüidades (vss. 15-17).
10. Praticou todos os ritos mais iníquos da idolatria pagã, inclusive a prostituição sagrada, até no templo de Yahweh (vs. 20).
11. Mas não ficou impune. A mão divina abateu-se sobre ela e a destruiu. Sua ingratidão pagã (Rom. 1) terminou destruindo-a. O favor divino foi substituído por vingança divina. A escolha foi dela. Ela se suicidou. Yahweh decretou sua destruição, fazendo um juramento por Sua própria vida (vs. 27).
12. Ela se tornou um contra-exemplo para todas as nações (vss. 37,41).

Israel-Judá deveria ter dado um bom exemplo às nações, mas falhou miseravelmente no seu ofício de professor.

A Família Desgraçada (16.44-52)

"A primeira parte da parábola de Ezequiel (vss. 1-43) apresenta uma analogia entre Jerusalém e uma esposa adúltera. A segunda parte (vss. 44-63) apresenta uma analogia entre Jerusalém e suas irmãs, Samaria e Sodoma. As irmãs de Jerusalém receberam um julgamento à altura de suas ofensas. Como poderia Jerusalém esperar escapar? Ela tinha ficado ainda mais perversa do que as suas irmãs" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

16.44

Tal mãe, tal filha. *A apostasia de Judá* fez o autor se lembrar de um *provérbio popular*. Sabemos que Judá, arrogante, era filha de uma mulher pagã hetéia (ver o vs. 3). O pai dela era amorreu (vs. 3). Sua irmã mais jovem era Samaria e a mais velha, Sodoma. O profeta não podia fazer nada mais humilhante e revoltante do que falar assim da "família de Judá". Não devemos entender relações étnicas, mas espirituais.

Sucessores. "Os judeus foram os sucessores dos cananeus na Terra e, então, imitando-os, adotaram suas práticas abomináveis; Judá era a filha ruim de uma mãe ruim" (John Gill, *in loc.*). A filha recebeu suas características por herança genética e através de imitação. Recebeu um exemplo mau e apresentou-o às nações ao redor.

16.45

Tu és filha de tua mãe... e tu és irmã de tuas irmãs. A mãe da Senhora Rainha era uma hetéia (vs. 3). Seu pai era amorreu (vs. 3). Esta família humilde e depravada também incluiu duas irmãs: Samaria e Sodoma (vs. 46). A mãe teve *nojo* de seu marido, e as irmãs detestaram os maridos e os filhos que tiveram com eles. Devemos entender, dentro do contexto da parábola, que mãe e filhas eram mulheres depravadas e irresponsáveis. Abandonaram seus maridos, homens razoáveis, a despeito de serem amorreus. A Rainha Depravada imitou a mãe e as irmãs, abandonando Yahweh, seu Marido e Benfeitor. Foi ainda pior e caiu em todos os tipos de deboche, pecando contra a sua luz e privilégios. Chegou ao extremo de detestar o próprio Deus (Rom. 1.30) e, portanto, tornou-se detestada por Ele. Judá pecou de maneira mais perniciosa que as suas irmãs, quebrando todos os pactos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos*.

16.46

E tua irmã, a maior, é Samaria. *A Apóstata do Norte.* Samaria era a capital do reino do norte, e nesta parábola significa a irmã mais velha da Rainha Judá. Aquele reino era mais velho que o do sul, e seu território era maior; por isso, a parábola faz dela "mais velha" do que a Rainha. Começando no tempo de Salomão, a idolatria florescia no norte, mas levou mais tempo para tomar conta do sul.

E a tua irmã, a menor... é Sodoma. Nesta parábola, este país significa a irmã mais jovem da Rainha Apóstata. As três "mulheres" eram as promotoras de diversas formas de idolatria e, há muito tempo, apóstatas cujo coração estava longe de Yahweh. A Rainha herdou o deboche, crimes de todos os tipos e barbaridades dos cananeus.

À tua esquerda... à tua mão direita. A *esquerda* significa *norte*, Samaria, e a direita, *sul*, Sodoma. Os orientais, determinando as direções, olhavam para o oriente, e, assim, a esquerda era o norte, e a direita era o sul. O fraco Ló morava em Sodoma, que se tornou símbolo constante de deboche de todos os tipos. Samaria promovia um sincretismo doentio e servia como ilustração de idolatria insensata. O sul, Judá, incorporava em si as características daqueles que serviam como exemplos ruins e foi, de fato, o pior de todos.

"A mão esquerda e a mão direita aqui, provavelmente, significam *norte* e *sul*, respectivamente (a pessoa apontando o rosto para o leste). Samaria tinha o território maior, portanto, é chamada a irmã mais velha de Judá" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

16.47

Ainda te corrompeste mais do que elas. *Imitação e Proeza.* A Senhora Rainha começou *imitando* os maus exemplos, mas terminou pior ainda. Das três irmãs, ela era a pior. Pecou contra a luz e a oportunidade. Negligenciou a lei de Moisés, que era o *guia* (Deu. 6.4 ss.) e a *vida* (Deu. 4.1; 6.33; Eze. 20.1). Aquela lei fez Israel-Judá distintas entre as nações, mas as duas se tornaram somente outros países pagãos, sem nenhuma distinção. Ver em Deu. 4.4-8 a lei como uma força para fazer deles um povo distinto dos demais. Judá tornou-se pior do que a campeã das pecadoras, Sodoma. O Targum fala aqui: "Se tivesse somente andado nos caminhos de Sodoma, praticando suas abominações, seu pecado teria sido pequeno". Cf. Mat. 11.23-24. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Milcom* e *Camos*, para as abominações dos amonitas e moabitas, e cf. I Reis 11.5,7. Ver também no *Dicionário* o verbete *Falsos Deuses*.

16.48

Este versículo repete a mensagem do vs. 47, para enfatizar o fato repugnante de que Judá se tornou pior que os piores exemplos da corrupção. Judá superou suas competidoras abomináveis, no ridículo jogo de "quem será a pior de todas".

Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus. Para enfatizar aquele fato temível, *Adonai-Yahweh* faz um juramento por Sua própria vida, um juramento absolutamente certo e poderoso. O poder divino agirá segundo o juramento e trará destruição para "a pior das pecadoras". Adonai-Yahweh é o Soberano que controla tudo, e Seu julgamento é iminente. Nem Sodoma, na sua terrível iniqüidade, poderia ser comparada a Judá, na sua apostasia.

16.49-50

Esta foi a iniqüidade de Sodoma. Estes dois versículos analisam a situação, dando uma lista de iniqüidades típicas, que certamente não é definitiva. A lista ilustra o deboche total do país, mas obviamente poderia aplicar-se a qualquer grande cidade de hoje: Nova Iorque, Londres, São Paulo, rio ou até mesmo onde o leitor esteja morando neste momento. Todos os pecados desta lista são comuns e foram denunciados pelos profetas. Ver Amós 6.4-5; Est. 3.15; Luc. 16.19-21: pecados dos ricos e abastecidos, dos pobres, dos homens, das mulheres e até das crianças, e, sim, os *nossos pecados*. O evangelho chegou para salvar os *pecadores*, e nós somos altamente qualificados para a salvação, pelo poder e pela graça de Deus.

Os Seis Pecados:

1. *Orgulho* (ver maiores detalhes no *Dicionário*). Cf. Pro. 6.17; 11.2; e 14.3.
2. *Gula* (ver sobre esta palavra no *Dicionário*): comer mais do que o corpo necessita para ser saudável. O texto diz: "fartura de pão".
3. *Prosperidade,* que toma conta da mente e das ações do homem: desejo excessivo de ser rico e, quando realizado, uso abusivo do dinheiro. Ver Apo. 3.17.
4. *Egoísmo.* O homem que possui dinheiro e nada faz em favor dos menos privilegiados. De fato, ele usa o dinheiro para aumentar sua proeza material, em vez de aliviar as necessidades dos outros. Ver Tia. 2.16.
5. *Arrogância.* Ver o vs. 50 e Pro. 15.25; 16.5,18; 18.12; 30.12,32.
6. *Idolatria,* a princesa dos pecados, a *abominação* do paganismo. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre *Idolatria* e *Abominações*. "O povo dos seis pecados" não podia escapar ao julgamento de Yahweh, que tudo governa, segundo as exigências morais da lei. Cf. o vs. 47 e Eze. 22.29; Gên. 13.13 e 18.20.

16.51

Também Samaria não cometeu metade de teus pecados. O profeta não se preocupou em dar uma lista para Samaria, a irmã mais velha. Mas temos a afirmação da grande multidão dos pecados daquele povo, inclusive a idolatria. Mesmo em grande número, contudo, seus pecados não alcançavam nem a metade dos pecados de Judá, que foi a pecadora mais perita e ativa de todas. Ela era tão ruim, que suas irmãs eram santas, em comparação. Samaria adorava o ridículo bezerro, com altares especiais em Dã e Betel, mas Judá adotou o *panteão inteiro* do paganismo. Ver Jer. 2.28; 7.30; Eze. 8.5,10,14,16. Seus pecados se agravaram pelo fato de que aquele país tinha mais luz e mais privilégios espirituais do que os outros.

16.52

Tu, pois, leva a tua ignomínia. Judá merecia julgamento mais severo que o de suas irmãs, tão audaciosos e numerosos eram os seus pecados. Samaria e Sodoma já tinham sofrido punições terríveis, e o sul logo cairia nas mãos zangadas de Deus. Em tempos passados, Judá havia criticado os pecadores dos países vizinhos, mas com o passar do tempo ficou ainda pior que eles. Isto era uma *façanha do diabo.*

Assim justificaste a tuas irmãs. Judá, pior do que Samaria e Sodoma, forneceu uma desculpa para elas pecarem. "Se Judá pode fazer estas coisas, por que nós não podemos?" As irmãs se tornaram superiores a Judá, não por ter virtudes, mas porque Judá se desintegrou tão miseravelmente. O sul ganhou discípulos que imitaram suas perversidades. Sodoma era uma *luz* entre as nações, quando comparada à *escuridão* que era Judá. Cf. Mat. 7.1-2; Rom. 2.1,17-23; Luc. 13.2.

A Restauração (16.53-63)

16.53

Restaurarei a sorte... de Sodoma... de Samaria.... e a tua própria sorte. Cf. esta passagem concernente à restauração das nações pagãs, com Jer. 12.14-17; 46.26; 48.47; 49.6,39. Todas estas profecias vêm do mesmo período. As palavras que se seguem oferecem uma *consolação* considerável. Todas as três irmãs serão restauradas! Isto acontecerá através dos julgamentos de Deus, que são remediais, não meramente retributivos. As irmãs depravadas dos vss. 45-52 são as *restauradas* do presente trecho. Ver os comentários sobre o princípio da restauração através do julgamento, nas notas de I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado.* Ver também no *Dicionário* o artigo denominado *Restauração,* onde há mais detalhes sobre o assunto.

Sorte. As *fortunas* de Sodoma e suas irmãs, as cidades da planície, serão restauradas. Até Gomorra se beneficiará pela administração generalizada da misericórdia e do amor de Deus. A sua sorte, isto é, bênçãos e bem-estar, literalmente, *o retornar do cativeiro,* serão restauradas pela graça pura de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Graça.* Os julgamentos darão lugar às graciosas ações do amor de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor.* Os *propósitos* dos julgamentos serão realizados e um Novo Dia amanhecerá. *Sofrimentos* e *infortúnios* eram chamados *cativeiros,* sendo que o *cativeiro* era o principal sofrimento das nações antigas do Oriente. A palavra tornou-se sinônimo de infortúnios.

Escatologia? Alguns intérpretes acham que as profecias deste trecho são escatológicas, porque somente no milênio e no estado eterno aqueles povos poderiam ser restaurados. E qualquer restauração deveria afetar o estado das almas das pessoas que viviam nos tempos antigos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Descida de Cristo ao Hades.* Cristo teve um ministério no hades e reverteu a sorte de almas perdidas. Obviamente, Judá também participará dos benefícios da graça de Deus, no tempo escatológico. Ver Rom. 11.26: "... todo o Israel será salvo".

16.54

A Necessidade do Julgamento. Não há restauração sem o trabalho purificador do julgamento. Judá, desgraçada, será santificada, e este princípio se aplica a todos os homens. Ela sofrerá vergonha na frente das outras nações e recolherá o que semeou, segundo os princípios morais de Deus, como exibidos na *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

Servindo-lhes de consolação. Aquela nação radicalmente pecaminosa até deu *conforto* às pecadoras de menor estatura. A consolação agora deve vir da *situação endireitada* pelo julgamento. Uma vez restaurada, Jerusalém sentirá profundo remorso pela história de sua rebeldia. Ela jogou com todas as formas do deboche, tendo como companhia suas irmãs pecadoras. O julgamento, purificando todas, reverterá a situação.

16.55

Quanto tuas irmãs... tornarem ao seu primeiro estado. As três irmãs voltarão ao estado abençoado de ontem e compartilharão o bem-estar da restauração. Haverá restauração *coletiva.* Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Mistério da Vontade de Deus,* que garantirá restauração universal. Ver Efé 1.9-10 no *Novo Testamento Interpretado.* As promessas deste texto certamente são escatológicas. A volta dos judeus a Jerusalém, depois do cativeiro babilônico, foi uma pequena amostra do que Deus fará, afinal. O decreto misericordioso de Ciro foi uma pequena demonstração do poder do decreto escatológico de Deus.

O decreto e o Decreto. O decreto de Ciro permitiu a renovação de Judá, um acontecimento isolado e de pequena influência no tempo em que aconteceu. O Decreto de Yahweh restaurará a Criação inteira (Efé 1.9-10). Comparar este versículo com Jer. 23.6; 50.4 e Osé. 5.11.

16.56-57

No seu orgulho hipócrita, Judá nem quis falar de sua irmã Samaria, e muito menos de sua irmã Sodoma, não mencionada no presente trecho. O tempo todo, Judá escondia seus pecados horrorosos e não tinha nenhuma razão para se orgulhar. Yahweh se cansou da farsa e revelou a idolatria-adultério-apostasia. Seu caráter verdadeiro era visto por todas as nações ao redor. As filhas da Síria, e até as filhas dos filisteus, começaram a falar mal de Judá, por ser ela a pior de todas. Sodoma era o próprio modelo da iniqüidade, e um provérbio popular não se cansava em dar aquela informação. Agora Judá torna-se o assunto desse provérbio. As nações odiavam Judá, porque era uma *hipócrita intolerável.* As depravadas detestavam a *depravada hipócrita,* que as superou na maldade. Os outros países de má reputação tinham "o último riso" à custa de Judá. Na classificação dos "maus", até Sodoma perdeu o "primeiro lugar". *O terror,* Judá, tornou-se o cabeça da lista das nações depravadas!

16.58

As tuas depravidades e a tuas abominações tu levarás. Judá carregaria o peso de um julgamento exemplar. Seus adultérios, literais e espirituais, não poderiam escapar da atenção de Yahweh, nem da devida punição. Como Judá encabeçava a lista das depravadas, seria a primeira na lista das castigadas.

A crítica das outras nações era amarga, mas o julgamento de Yahweh seria duplamente amargo. A mão divina aplicaria um golpe fatal, quase total. "Edom regozijava-se na queda de Judá e ajudou os babilônios a efetuá-la. Cf. Sal. 137.7; Eze. 25.12-14; 35.5-6,15. As *filhas* de Edom e dos filisteus eram *Cidades* localizadas naquelas regiões. Jerusalém seria restaurada, mas não antes de um julgamento humilhante e severo. Judá precisava sofrer as conseqüências de seus atos abomináveis" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cf. Eze. 23.48. O julgamento de Yahweh foi justo e corrigiu a situação com precisão. Judá mereceu o que recebeu, de acordo com as leis morais de Deus.

16.59

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* se pronunciou sobre a retidão do julgamento. Este título divino é usado neste livro 217 vezes em Ezequiel, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. O título enfatiza que Yahweh é o *Soberano Eterno* que age com justiça neste mundo, abençoando o bem e punindo o mal. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Soberania de Deus* e *Providência de Deus.*

Eu te farei a ti como fizeste. *A lei da colheita segundo a semeadura* (Gál. 6.7-8) exigiu julgamento completo e efetivo. Afinal, somente aquele tipo de julgamento funcionaria como medida restauradora. Judá seria punida para seu próprio bem, porque o julgamento é um dedo da mão amorosa de Deus. O *castigo* faz a obra de *amor,* é uma vingança, uma retribuição, mas também um ato de misericórdia restaurador.

Como fizeste... invalidando a aliança. Judá quebrou todos os pactos que haviam confirmado seu relacionamento com Yahweh. A *quebradora de pactos* não podia escapar impune. Os pactos incorporaram responsabilidades, não meramente benefícios. Ver Rom. 9.4-5. Ela rejeitou seus privilégios e suas responsabilidades. O *Pacto Abraâmico* fora desprezado (ver a respeito em Gên. 15.18); o *Pacto Mosaico* fora desprezado (ver a respeito na introdução a Êxo. 19). No contexto presente, os pactos representam um *contrato matrimonial.* A Rainha Apóstata, que quebrou os pactos, era uma *esposa adúltera.* Suas abominações a alienaram de Yahweh, seu Marido. Na misericórdia de Deus, toda e qualquer situação pode ser revertida. É assim que funciona a operação do amor de Deus.

16.60

Eu me lembrarei da minha aliança, feita contigo nos dias da tua mocidade. Yahweh, o Marido, julgaria, mas não esqueceria o contrato matrimonial restaurador. A esposa, jovem quando se casara, seria recebida de novo.

Estabelecerei contigo uma aliança eterna. Seria formulado um *novo contrato matrimonial,* um contrato eterno. Uma profecia escatológica entra no quadro. Ver Rom. 11.26. Ver sobre *Pacto Eterno* em Eze. 37.26; Jer. 31.31-33 e Lev. 24.8. Na parábola de Ezequiel, o pacto era uma aliança ou contrato de casamento. O autor aplica pesado *antropomorfismo.* Ver este título no *Dicionário.*

O cabeça das nações seria restaurado e com ele as outras nações, até a humilde Sodoma, campeã das pecadoras. O universalismo do profeta é significati-

vo, considerando-se que ele era judeu. Ver Eze. 11.18-20 e 36.26-28. Provavelmente está em vista o Pacto Abraâmico, pelo fato de que, com este pacto, Israel começou como um povo distinto. Alguns intérpretes vêem aqui o Novo Pacto da igreja, mas devemos lembrar que a doutrina diz que Israel, como nação na terra, será especialmente abençoada. A visão do profeta não alcançou os céus. Ver as notas em Jer. 31.31-34, que têm uma discussão sobre o escopo do Novo Pacto *com Israel*. Cf. também Jer. 50.4-5 e Heb. 8.8-13.

16.61

Então te lembrarás dos teus caminhos. A *Senhora Rainha Prostituta*, envergonhada e humilhada, encontraria um lugar de arrependimento e, por isso, entraria na bênção e provisão do Novo Pacto. Suas irmãs pecadoras, Samaria e Sodoma, tornar-se-iam filhas amadas de uma mãe e esposa fiel. Isto implica que haverá um fluxo de bênçãos divinas do *Centro*, isto é, de *Jerusalém*, que emanará para todas as nações do mundo. Cf. Isa. 54.1 e 60.3-4. Alguns intérpretes vêem aqui a pregação do evangelho e o alcance da igreja cristã, mas Ezequiel não é o livro de Atos. Ver Gál. 4.26.

16.62

Estabelecerei a minha aliança contigo. Está em vista o *Pacto Eterno* (a aliança de casamento) do presente contexto. Ver as notas no vs. 60. O Restaurador dará uma demonstração de sua bondade, pela graça pura que Sua vontade determinou.

Saberás que eu sou o Senhor. Esta expressão ocorre 63 vezes neste livro, normalmente em relação ao julgamento dos pecadores de coração duro, que devem aprender que o Soberano julga. Aqui, a conexão está com o propósito redentor de *Adonai-Yahweh*, o Soberano Eterno, que mostra Sua misericórdia para com os homens.

Este versículo é, essencialmente, uma repetição do vs. 60, acrescentando a questão de *conhecer o Senhor*, de uma maneira diferente e superior.

16.63

Quando eu te houver perdoado tudo quanto fizeste. O *perdão* (ver a respeito no *Dicionário*) dado por *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) não terá limitações nem fraquezas. Anulará o pecado e a desgraça de Israel, em todos os tempos. Somente o *Soberano* tem este poder e autoridade. O perdão está condicionado ao *arrependimento* (ver a respeito no *Dicionário*). A Senhora Rainha Prostituta, lembrando seu passado, sentirá uma imensa vergonha que a confundirá. Mas o perdão será absoluto e limpará a "ficha da criminosa".

Perdão do pecado e paz que dura;
Sua própria presença para alegrar e guiar;
Forças para hoje são proporcionadas,
Esperança brilhante, para amanhã.
Todas as bênçãos são minhas,
E mais dez mil adicionais.

(T. O. Chisholm)

Perdão. Isto é, *expiação*, que, segundo o conceito hebraico, é o ato divino que *cobre* o pecado, escondendo-o do olhar feroz de Deus.

Onde abundou o pecado, superabundou a graça.

(Romanos 5.20)

Capítulo Dezessete

As Divisões do Capítulo. 1. A alegoria (vss. 1-10). 2. A interpretação da alegoria (vss. 11-21). 3. A alegoria messiânica do cedro (vss. 22-24).

O Significado das Imagens. 1. A grande águia: Nabucodonosor. 2. O topo do cedro: a casa de Davi (Jer. 22.5-6,23). 3. O renovo: Joaquim. 4. A terra do comércio: Babilônia. 5. A semente da terra: Zedequias. 6. Outra águia: Pisamético II do Egito (594-588 A. C.). Este rei, aliado a Zedequias e outros, fez oposição à Babilônia.

Os capítulos 15-17 apresentam três parábolas: a da videira inútil (capítulo 15); a da esposa infiel (capítulo 16); e a das duas águias e o cedro (capítulo 17). Esta *terceira parábola* informa a rebelião de Zedequias contra o rei da Babilônia, e a miséria resultante. Yahweh julgou Zedequias e Judá, por esta rebelião, uma vez que tinha ordenado que não houvesse resistência à Babilônia.

Referências Históricas. Cf. II Reis 24.8-20; II Crô. 36.9-13; Jer. 37.1.21 e 52.1-7.

A Parábola das Duas Águias e do Cedro (17.1-24)

A Alegoria das Duas Águias (17.1-10)

Ver uma generalização do conteúdo do capítulo na introdução acima.

17.1

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta declaração ratifica que a mensagem era inspirada por Yahweh e que Seu profeta autorizado era Ezequiel. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 16.1.

17.2

Filho do homem. Este é o *título comum* do profeta no livro (ver as notas em Eze. 2.1).

Propõe um enigma. Yahweh coloca diante do profeta um *enigma*. Esta palavra traduz o hebraico *hidah*, um ditado enigmático de difícil entendimento, um *mistério*. É necessária uma interpretação inspirada para entender o *enigma*, que se apresenta em *parábola* ou *alegoria*, palavra preferida por alguns intérpretes. Esta mesma palavra é usada para o *enigma* de Sansão que precisava ser *decifrado* (Juí. 14.12-19). As *perguntas difíceis* da Rainha de Sabá, feitas para Salomão, derivam do mesmo termo hebraico. Ver I Reis 10.1; II Crô. 9.1.

Parábola. Do hebraico *masal*, que normalmente se usa para significar "provérbio". A palavra designa um ditado curto, esperto e vigoroso. Ver Eze. 12.22 e 18.1. Todavia, pode referir-se a uma declaração mais longa, expressando uma parábola ou alegoria. Segundo o uso moderno, a palavra mais apropriada, como tradução, seria *alegoria*, sendo que *animais* entram no quadro, representando homens. A alegoria não emprega necessariamente animais como símbolos, mas o uso deles é freqüente. A parábola não usa animais como símbolo. A alegoria e a parábola, portanto, se distinguem uma da outra por este uso ou pela ausência dele. Neste versículo, *enigma* e *parábola* são a mesma coisa. A maioria das parábolas ensina lições morais e, por esta razão, este modo de expressão tornou-se um veículo de escritores bíblicos. Segundo o uso moderno de parábolas e alegorias, devemos dizer que Jesus empregou parábolas, não alegorias. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alegoria*, especialmente o ponto 3, *Alegorias na Bíblia*.

17.3

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) apresenta uma alegoria cheia de ameaças que o Seu poder realizará. Normalmente, o título é usado para falar do poder que o Soberano usa no julgamento, mas em Eze. 16.63 esse poder apóia a restauração de Judá e das outras nações, em um tempo futuro. Neste texto, o poder divino controla as atuações das marionetes neste mundo.

Uma grande águia. Esta águia de classe, com suas asas enormes, cheias de plumas de cores variegadas, representa o grandioso rei da Babilônia, Nabucodonosor. É uma ave de rapina implacável. Ela ataca com descidas rápidas, contra as quais não há defesa. Um pobre animal é preso e logo se torna o almoço da ave e de seus filhotes.

Líbano. Este lugar não é mencionado por ser o verdadeiro *lar* do rei de Israel, mas uma localidade onde crescem florestas de cedros nobres. O autor está interessado em dar detalhes à sua alegoria, não em falar com exatidão geográfica. O Líbano é mencionado *como se fosse* o lar do rei. Este país se localizava na fronteira norte, e o ataque da Babilônia começaria lá. Ver Jer. 1.14; 3.18; 25.26. A ameaça chegou "do norte".

17.4

Arrancou a ponta mais alta dos seus ramos. A águia raivosa agarra o ramo e o arranca, levando-o embora. O ramo representa *Joaquim*, rei de Judá. Está em vista a primeira deportação do povo de Judá para a Babilônia. Ver as notas sobre as três deportações, em Jer. 52.28. O vs. 12 dá a interpretação. O ramo é *alto* porque representa um *rei*, o homem no topo da hierarquia de uma nação. A primeira deportação aconteceu em 597 A. C. Cf. II Reis 24.9-16, que dá a informação histórica.

O rei da Babilônia é comparado a uma águia em Jer. 48.40; 49.12 e Dan. 7.4. Ciro era chamado *ave de rapina* em Isa. 46.11. A águia ave tem longas asas, fortes e coloridas. É capaz de longos vôos e descidas poderosas. Tem poder para efetuar muita destruição. Já havia descido em diversos países, em seus ataques

implacáveis; Judá seria somente outra vítima de sua crueldade. A águia está *cheia de penas*, porque incorporou muitos países a seu império; tem *muitas cores*, porque era rica e poderosa, arrogante e gloriosa, a *ave topo* do mundo. Como uma grande e faminta ave, devora muitas presas e leva seus bens para seu ninho (Babilônia).

E a levou para uma terra de negociantes. A águia, forte e sem misericórdia, levou o ramo de cedro arrancado para a Babilônia. Este país distinguia-se como centro comercial, era *uma cidade de comerciantes*. O vs. 12 dá a interpretação. O ramo incorporou renovos *jovens*. Joaquim tinha somente 18 anos quando foi exilado. O renovo foi replantado (vs. 5). O foi fora aprisionado no seu "novo lar", onde permaneceria até morrer.

Cf. Osé. 8.8; Isa. 23.8 e Sof. 1.11. A Babilônia já tinha associações com Canaã, através do comércio; portanto, a Palestina era um lugar conhecido pelo poder do norte. Além de trocar produtos, elas mantinham um intercâmbio de formas idólatras e, assim, eram mutuamente corrompidas.

Do primeiro versículo de Gênesis até este ponto (Eze. 17.4), temos 90% do Antigo Testamento. Assim, cheguei até aqui e dou graças pelas forças físicas, mentais e espirituais que me permitiram completar a maior parte da obra.

Agora levanto meu Ebenézer,
Até aqui por sua ajuda cheguei,
E espero por seu bom prazer,
Chegar seguramente em casa.

(Robert Robinson)

17.5

Tomou muda da terra e a plantou num campo fértil. Realizando a primeira deportação, Nabucodonosor se mostrou totalmente implacável e desumano. Ele levou para a Babilônia o rei de Judá, Joaquim, e deixou uma *semente nativa* na terra, o rei *Zedequias*, que tomou o lugar do outro. Nabucodonosor não forçou sobre Judá um sátrapa de raça babilônica. Assim, Jerusalém ganhou certa autonomia, enquanto Zedequias observava seu tratado com a Babilônia. A semente foi plantada em um lugar fértil, onde poderia florescer, e também haveria abundância de água para garantir uma vida razoável. Foi feito um *pacto* entre os dois (vs. 13). Judá foi humilhada, mas poderia ter sobrevivido com certa prosperidade e bem-estar. Mas Zedequias logo violou o pacto e arruinou tudo. Ele era da *família real* (com conexões históricas com o rei Davi), tio de Joaquim. A linhagem de Davi poderia ter continuado, mas Zedequias perdeu a paciência com a situação "mais ou menos boa" e fez uma aliança com o Egito, para libertar-se do domínio da Babilônia. Cometeu um erro fatal. Mais invasões se seguiram, e Judá-Jerusalém foi reduzida a pó. Ver Eze. 6.4-6.

17.6

Ela cresceu e se tornou videira mui larga, de pouca altura. A videira (renovo) cresceu e mostrou potencial. Espalhou-se, cobrindo o chão, mas não se estendeu para o céu. Tornou-se uma videira de *pouca altura*. Os dias de orgulho terminaram, mas os dias subseqüentes eram razoáveis. O ramo se mostrou para a primeira águia, confirmando sua submissão à Babilônia. Suas raízes ficaram justamente onde a semente fora plantada, nada de grandes expansões. Mas a planta cresceu e produziu muitas folhas saudáveis; floresceu a despeito dos limites impostos pelo inimigo. Jerusalém, sujeita à Babilônia, pagando tributo, teria uma vida de paz e relativa prosperidade. Logo, tudo se transformou com a rebeldia de Zedequias, que avaliou mal as suas forças. A Babilônia era a força irresistível da época.

17.7

Houve outra grande águia. A outra águia era o faraó Hofra, também chamado Pisamético II (reinou de 594 a 588 A. C.). Era uma ave *magnífica*, com grandes asas e plumagem decorativa. Essencialmente, as mesmas descrições foram empregadas para falar tanto da primeira quanto da segunda águia (vs. 3). A videira que se inclinava para a primeira agora se inclina na direção da segunda. Foi feita uma aliança com o Egito, especificamente para terminar com a dominância da primeira águia. Aquela mudança de alianças foi fatal para Judá-Jerusalém. O vs. 15 dá a interpretação. Ver as circunstâncias históricas descritas em II Reis 24.7,20 e II Crô. 36.13. Por determinado tempo, o Egito ofereceu alguma ajuda, mas, no fim, mostrou-se um aliado fraco. Por causa de um ataque egípcio, a Babilônia retirou seu exército de Jerusalém, e isto foi somente uma melhora temporária. O temível exército voltou. O Egito foi totalmente vencido, e a pequena porção de seu exército, que sobreviveu, retornou em pânico para sua terra. Ver Jer. 37.5,7.

17.8

Em boa terra, à borda de muitas águas, estava ela plantada. Este versículo poderia ser um lembrete de que Zedequias, plantado na sua terra nativa, por permissão de Nabucodonosor, tinha o potencial de continuar prosperando em casa, *caso* tivesse observado as condições do pacto com a Babilônia. Ou a videira foi *transferida* para um novo solo, quando o rei fez uma aliança com o Egito. O replantio presumivelmente foi feito no solo egípcio *ou* em Jerusalém, mas *como se fosse* um *novo* plantio. Os intérpretes se dividem entre as duas possibilidades.

17.9

Acaso prosperará ela? não lhe arrancará a águia as raízes...? Este versículo, com suas perguntas retóricas, diz que a videira não florescerá. Muito ao contrário, murchará e se tornará poeira. Jeremias recomendou a Judá que não se revoltasse contra a Babilônia, uma força implacável e irresistível. Quando Judá mudou de alianças, assinou seu próprio certificado de óbito. A Babilônia logo arrancou as suas raízes do chão. O resultado foi a morte de um país inteiro. Zedequias já era fraco e não foi preciso grande esforço para arrancar suas raízes. Jeremias pronunciou o terrível destino do rei e do país (Jer. 27). Ver também Jer. 27.10. O vs. 17 do presente capítulo dá a interpretação. Ver os comentários em II Reis 25.7.

17.10

Desde a cova do seu plantio se secará. O vs. 8 mostra que o replantio resultaria na morte da videira. O vento oriental ressecaria a planta, totalmente. Esta figura *equivale* à retirada das raízes do chão. Assim, Zedequias foi o último rei de Judá e, com ele, terminou a linhagem real de Davi. "O vento oriental do deserto é usado freqüentemente como símbolo de destruição. Ver Eze. 19.12; 17.27; Isa. 27.8; e Osé. 13.15. O vento oriental é Nabucodonosor" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Embora regada pelo Egito, regozijando-se de razoável prosperidade, Judá afinal sofreu calamidade quase total. Zedequias e sua família, os nobres e os principais oficiais foram capturados nas planícies de Jericó e levados para Ribla, onde foram assassinados. O próprio rei foi poupado, mas teve de testemunhar a execução dos próprios filhos e, depois, foi cegado e levado cativo para a Babilônia. Assim terminou a casa real de Davi, que só se recuperou com o Messias, nos tempos escatológicos.

A Interpretação da Alegoria (17.11-21)

17.11

Então veio a mim a palavra do Senhor. Este versículo é a introdução comum para novos oráculos ou mensagens neste livro. A expressão confirma que o oráculo a seguir foi inspirado por Yahweh e que Ezequiel era Seu profeta autorizado. Cf. Eze. 13.1; 14.2 e 16.1. O novo material introduzido é a *interpretação* da alegoria apresentada anteriormente.

17.12

Eis que veio o rei de Babilônia a Jerusalém. *Caracterização Geral.* A primeira águia gloriosa é Nabucodonosor, rei da Babilônia (vs. 3). Yahweh o mandou para castigar a *casa rebelde* de Judá. Ver esta expressão em Eze. 2.5,7-8; 3.9,26,37; 12.2; 24.3; 44.6. A rebelião de Judá se manifestou, essencialmente, na idolatria-adultério-apostasia que resultou em uma variedade espantosa de crimes literais, morais e espirituais. O capítulo 16 fornece uma longa descrição destas condições, empregando a figura da esposa infiel. A Babilônia se apressou em atacar, cumprindo as ordens de Yahweh, e reduziu Judá praticamente a nada. Os poucos sobreviventes foram levados em três deportações (Jer. 52.28), para a Babilônia, onde a matança e a miséria continuaram. A Babilônia, assim, cometeu *genocídio*. Ver II Reis 24.11,12-16. Para maiores detalhes, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico*.

17.13

Tomou um da estirpe real, e fez aliança com ele. Este versículo é paralelo aos vss. 5-6, onde foi feita a exposição essencial. Depois da deportação de Joaquim (a primeira das três), seu tio, Zedequias, foi colocado no seu lugar, por Nabucodonosor. Dessa forma, uma *semente nativa* servia de marionete para governar o que restou de Jerusalém. O "rei" de Judá foi forçado a assinar um pacto com Nabucodonosor. Era um pacto de *não-agressão*. Jerusalém recebeu certa autonomia e pagava tributo. *Se* Zedequias não tivesse se revoltado contra o invasor e *se* não tivesse feito uma aliança com o Egito, para se libertar da opressão, poderia ter continuado em paz, florescendo razoavelmente. Judá foi reduzida à posição de província da Babilônia, sem liberdade, mas também sem guerra. Ver II Crô. 36.13.

17.14

Para que o reino ficasse humilhado, e não se levantasse. O país tornou-se um poder de terceira classe, totalmente humilhado, mas, pelo menos, *existente*. Aquela condição desagradável continuaria enquanto a Babilônia fosse o cachorro topo do mundo. As perspectivas de Judá não eram brilhantes, mas o país continuava existindo em paz e relativa prosperidade. Judá precisava ser uma videira que se arrastava no chão; nada de expandir-se, nada de procurar brilhar ao sol. Ver o vs. 6. Era uma videira de "pouca altura", mas era uma videira.

17.15

Mas ele se rebelou contra o rei de Babilônia. O rei Zedequias sobrestimou seus poderes e tolamente confiou no fraco Egito. Como não suportasse as condições impostas pelo invasor, grandes idéias encheram sua cabeça: ele venceria a Babilônia, feito que nenhum país, até aquele ponto, conseguira. Seria o *herói* do mundo, nocauteando o campeão. Mas, na realidade, era somente um tolo fraco, sonhando impossibilidades. Ver a crítica virulenta de Jeremias contra os planos de Zedequias, em Jer. 34.8-22. O vs. 19 mostra que o rei de Judá tinha feito juramentos, confirmando o pacto com a Babilônia, em *nome de Yahweh*. Nenhum pacto, confirmado assim, poderia ser quebrado, mas Zedequias não hesitou em anulá-lo. Ver II Crô. 36.13.

O grandioso exército do Egito era um tigre de papel. Sua multidão de cavalos não se comprovou efetiva na crise. Ver I Reis 10.28 e Isa. 31.1,3, para a fama que o Egito tinha por causa de seus cavalos. A Babilônia não se preocupou com a "fama" do Egito. No campo de batalha, a reputação adquirida nos *anos passados* em nada ajudou. Judá e seus aliados apresentaram fraca oposição diante da força do norte. Ver o vs. 9, que mostra que não seria necessária grande força para tirar da terra as raízes de Judá.

Juramentos. A mente semita levava o juramento e os pactos muito seriamente, especialmente quando o nome de Deus e/ou de um deus era empregado por garantia. Os gibeonitas fizeram um juramento baseado numa fraude. Mesmo assim, o pacto não foi quebrado. Ver Jos. 9. Quando a aliança foi violada, o resultado foi o severo julgamento de Yahweh (ver II Sam. 21.1-2).

17.16

Tão certo como eu vivo, diz o Senhor. *Adonai-Yahweh* fez o juramento, exercendo Seu poder de *soberano*. Este nome divino ocorre 217 vezes neste livro e significa *Soberano Eterno*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Soberania de Deus*. Seus decretos determinam o destino dos homens, mas são sempre de acordo com as leis morais divinas.

No meio da Babilônia será morto. Zedequias, o quebrador de pactos, foi amaldiçoado por Yahweh. Zedequias, sua família e seus oficiais fugiram, mas os soldados babilônicos os pegaram nas planícies de Jericó. Em Ribla, foram executados, excetuando-se Zedequias, a quem cegaram e levaram para a Babilônia, onde foi para a prisão e nunca saiu. Semeou, ceifou. Ver Jer. 52.10-11. Ele ia de mal a pior, fazendo juramentos falsos. Cf. Eze. 12.13 e Jer. 32.5; 34.3 e 52.11.

17.17

A Delusão. O apóstata foi inspirado a confiar no fraco Egito. A estrela daquele país já se punha atrás do horizonte, enquanto a estrela da Babilônia estava alta, no céu do meio-dia. Os ímpios calcularam mal e terminaram autodestruídos. Judá caiu com o Egito, compartilhando o mesmo triste destino.

Faraó. Aprendemos em Jer. 44.30 que o homem, mencionado aqui era o faraó *Hofra*, chamado *Apries* pelos gregos. Em Jer. 37.5-11, temos a informação de que o exército do Egito cessou temporariamente o ataque contra Jerusalém. Mas a ajuda se mostrou inadequada. Logo Jerusalém foi cercada de novo, e não houve salvação. Foram necessários 30 meses para subjugar a cidade, e a matança reduziu a população a um pequeno grupo que foi levado (em três deportações) para a Babilônia. Uma nação inteira morreu, pois as raízes de Judá foram arrancadas do chão (ver o vs. 9). O vento oriental ressecou a planta até se perder no olvido.

Levantando tranqueiras e edificando baluartes, para destruir. Os babilônios eram peritos no uso das máquinas de guerra, e nenhum poder daquele tempo tinha chance contra eles. Cf. Eze. 4.2. Além de um exército numeroso, também possuíam máquinas que facilitavam suas matanças.

17.18

Desprezou o juramento, violando a aliança. O crime de *quebrar um acto* é mencionado novamente aqui para enfatizar a seriedade do caso. Ver as notas no vs. 15 para detalhes.

Aperto de mão. Um gesto de confirmação de acordo. Cf. II Reis 10.12; Esd. 10.19 e Pro. 6.1. Um juramento e um aperto de mão sancionaram o pacto que Zedequias logo quebrou. Judá ficou sujeita ao poder babilônico e pagou pesado tributo. O rei não agüentou as condições. Ver I Crô. 29.24; II Crô. 30.8 e Lam. 5.6. Zedequias tornou-se culpado de uma leviandade intolerável, segundo os padrões de conduta internacional da época. O juramento foi feito em nome de Yahweh, o que complicou o caso para o rei de Judá.

17.19

O meu juramento que desprezou, e a minha aliança que violou. O pacto foi feito em nome de Yahweh e, provavelmente, em nome de alguns deuses prestigiosos dos babilônios. Foi um pacto "divinizado" pelos juramentos. Quebrar um pacto desta natureza era um ultraje contra os homens e contra Deus ou deuses envolvidos. Um julgamento severo esperava os infratores. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* acertaria as contas (ver este título no *Dicionário*). Cf. o vs. 15 deste capítulo. Uma vingança divina cairia sobre a cabeça dos ímpios de juramentos falsos (ver Sal. 17.15). *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) sentenciou um destino amargo para o infiel Zedequias.

17.20

Estenderei sobre ele a minha rede, e ficará preso no meu laço. O ataque babilônico funcionaria, para Judá, como *rede e laço*, e faria daquele povo uma *presa* para o inimigo. A *presa*, especificamente, era Zedequias, mas Judá compartilharia seu destino amargo. A presa seria levada à Babilônia, para ocupar uma gaiola até o fim de sua vida. Ver Jer. 52.11 e Cf. Eze. 20.36. Esta profecia foi feita três anos antes de sua realização. Cf. Eze. 8.1 com 20.1, para o elemento tempo. Ver também II Reis 24.3-7. Eze. 12.13 é paralelo do presente versículo e suas notas também se aplicam aqui.

17.21

Todos os seus fugitivos, com todas as suas tropas, cairão à espada. Judá sofreria o *destino sombrio* de seu rei. "Os melhores soldados" (NCV) morreriam na batalha. Os sobreviventes, do exército e do povo, seriam espalhados pelos ventos. Alguns fugiriam para o Egito ou para outros países vizinhos de Judá. O restante seria levado para a Babilônia, onde permaneceria por 70 anos. Cf. Eze. 6.8; 11.16-17; 20.34; 28.25; 24.5; 36.19. O *Targum* nos lembra que tudo foi feito pela "palavra de Yahweh".

A Alegoria Messiânica do Cedro (17.22-24)

Esta alegoria é semelhante à de Eze. 31.1-9, que descreve a *árvore cósmica*. Ver especialmente os vss. 5-6,8, onde há semelhanças notáveis. Cf. Dan. 4.10-12, que também é semelhante.

Idéias. 1. Há um conforto para Israel-Judá. 2. Deus, a *Águia Celestial*, agirá para desfazer as ações das duas águias (Eze. 17.1 ss.) que quase destruíram o país. A Grande Águia reverterá a situação. 3. As duas águias (Babilônia e Egito) trouxeram sofrimento para o povo de Judá. A Grande Águia trará paz e prosperidade, afinal. Ver os vss. 3 e 7, para as duas águias humanas. 4. Yahweh exaltará o Ramo, o Messias, e trará um *novo dia*. O Renovo divino e messiânico trará frutos duradouros.

17.22

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) fará uma obra para anular as obras prejudiciais. Na Sua soberania, agirá. Este título divino ocorre 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Significa que Yahweh é o *Soberano* que determina o destino dos homens, individualmente, e das nações.

Tomarei a ponta de um cedro, e a plantarei. *O Ramo, o Messias*. Um título comum do Messias é *ramo (renovo)*. O ramo tem vida e Yahweh tem o poder de replantá-lo onde quiser, e assim garantir a vida de Israel.

Do principal dos seus ramos cortarei o renovo mais tenro, e o plantarei. Cf. a imagem com os vss. 4 e 12, onde há algo semelhante. O *cedro alto* é a casa real de Davi. O *ramo* é o Messias. Era um renovo *tenro*, humilde na Sua encarnação e, aparentemente, fraco. Mas, plantado sobre um monte alto e sublime, seria o maior poder da terra. Comparar a *ternura* do renovo com Isa. 53.2 e Fil. 2.6-8. Zedequias, o ramo do tempo anterior, foi humilhado por Nabucodonosor e era uma videira de pouca altura. Ver o vs. 6. Em contraste, o Messias será exaltado no monte mais alto. O renovo é real e será o Potentado Universal. O Messias será exaltado (ver Fil. 2.9): *"Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome"*.

Outra maneira para interpretar o versículo: 1. O cedro é Israel; 2. O ramo é a casa real de Davi; 3. O *renovo* é o Messias. Este renovo é o *enxerto* que Yahweh planta no monte alto.

17.23

Produzirá ramos, dará frutos e se fará cedro excelente. Este enxerto tem vida em si mesmo e, quando plantado no monte alto (Zion), de súbito se desenvolve num grande e nobre *cedro*. Seus ramos abundantes e saudáveis produzem muitos frutos. Obviamente, os cedros não são árvores frutíferas, mas este Cedro de Deus é altamente frutífero. O autor não se preocupa com exatidão botânica. Sua alegoria traz surpresas. O Reino do Messias trará o novo dia. O cedro é *Israel restaurado*. Este cedro é tão alto, que muitas espécies de aves (as nações) se aninharão nos seus ramos. Animais de toda a sorte habitarão à sua sombra. Israel, assim, será o Cabeça das nações e o centro de atividades comerciais e espirituais.

À sombra dos seus ramos se aninharão aves de toda espécie. O cedro lança uma sombra de conforto que cura as nações que procuram refúgio debaixo dele. Cf. as figuras deste versículo com Dan. 4.20.21 e Mat. 13.32. A *universalidade* das bênçãos do reino messiânico é descrita, contrastando-se com o escopo limitado do Israel antigo. Alguns intérpretes vêem aqui o alcance da igreja cristã, através do evangelho, mas o texto se refere à glória de Israel, na era futura do reino de deus, que alguns identificam com o milênio.

> *... a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.*
>
> (Isaías 11.9)

17.24

Saberão todas as árvores do campo que eu, o Senhor, abati a árvore. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) faz o que quer para as nações. Árvores altas (auto-exaltadas), como Zedequias, são abatidas, enquanto humildes enxertos tornam-se grandes potências, como o Messias dos últimos dias.

A Babilônia era uma árvore alta e exaltada, mas o seu dia logo passou. Este versículo apresenta um princípio geral de como os soberbos são humilhados e os humildes são exaltados pelo poder soberano de Deus. Cf. Luc. 1.52 e I Sam. 2.1-10. Dan. 2.44 tem uma idéia semelhante.

Um Tema Principal. O versículo apresenta um dos temas constantes das Escrituras. O Soberano não tolera por muito tempo os orgulhosos da terra. Também exalta, finalmente, os humildes que são justos. O *Magnificat* de Maria fala do tema, numa poesia emprestada de I Sam. 2.1-10:

> *Derrubou dos seus tronos os poderosos e exaltou os humildes.*
> *Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos.*
>
> (Lucas 1.52-53)

Uma Ilustração Histórica. Um monumento à margem do rio Reno, perto de Bonn, contém uma inscrição em francês: "Aqui, o Grande Exército da Alemanha partiu para conquistar a Rússia". Embaixo foi escrito, também em francês: "Aqui, o exército russo atravessou o Reno para invadir a França". O reverso era um item do governo de Deus neste mundo iníquo.

O autor do presente texto reafirma o mesmo princípio: a árvore verde seca, enquanto a árvore seca fica verde e floresce. Tais reversos acontecem quando Yahweh fala. Seus decretos se realizam fatalmente entre os homens. Ver os versículos que contrastam os orgulhosos e os humildes: Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 18.2; 21.4.

Capítulo Dezoito

Responsabilidade Individual (18.1-32)

Os vss. 1-4 declaram o princípio da *responsabilidade pessoal*, e o restante do capítulo ilustra este princípio. Algumas passagens afirmam que os filhos (descendentes) de um homem podem sofrer e morrer por causa dos pecados paternos. Ver Êxo. 20.5, onde há notas com este princípio. Outras passagens enfatizam a responsabilidade pessoal. Ver as notas expositivas sobre Deu. 24.16 e Eze. 18.20. O conceito de *união da comunidade* era muito forte na mentalidade hebraica; assim, o que os antepassados fizeram, os descendentes compartilham, como se a raça fosse um *único ser* manifestando-se em tempos diferentes. Este conceito era forte entre os hebreus, mas a responsabilidade individual não se perdeu. Os exilados culparam seus antepassados pelas calamidades que sofreram (ver Jer. 31.27-30). Mas qualquer pessoa veria que aqueles ímpios mereciam o que receberam, por causa de suas próprias obras iníquas. A raça compartilhou um pacto, mas cada indivíduo era responsável por agir de acordo com as suas pretensões. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) se aplica às coletividades (às nações), mas também aos indivíduos.

O presente capítulo é paralelo a Eze. 12.21-28, sendo que os dois respondem a um provérbio do povo, que negava a iminência do julgamento de Yahweh. Quando a comunidade é julgada, obviamente os indivíduos também o são. O indivíduo culpado de rebeldia pode sofrer, enquanto a comunidade escapa da mão pesada de Deus. Quem toma as decisões é a mente divina, não a mente manipuladora dos homens.

A *vida* mencionada neste capítulo provavelmente e a vida terrena, física. O homem que observa a lei de Deus vive por mais tempo, com prosperidade, mas os pecadores morrem jovens, em meio à miséria. Alguns intérpretes vêem aqui uma referência a vida além do sepulcro e falam de julgamentos eternos. Não é provável que este trecho de Ezequiel contenha um ensino desta natureza. De qualquer modo, o texto pode ser *aplicado* desta maneira. É precário usar textos do Antigo Testamento para ensinar tais doutrinas.

A Lei Dá Vida. Quer dizer, a lei, quando observada, dá vida física longa e próspera, segundo o conceito hebraico. Ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.11.

Todas as Almas Estão Sujeitas a Yahweh (18.1-4)

18.1

Veio a mim a palavra do Senhor. Com esta *afirmação*, novos materiais são introduzidos pelo autor do livro. Ela afirma a inspiração do que se segue, e declara que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh. O *oráculo* era de Yahweh, e o profeta havia recebido ordem para comunicá-lo. Ver esta declaração introdutória também em Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

Cf. vss. 1-4 a Jer. 31.27-30; Deu. 24.16; II Reis 14.6. Estes trechos provavelmente foram compostos pela mesma escola de profetas, no mesmo período de tempo.

18.2-3

Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram? *Um Provérbio Popular.*

Se os dentes da pessoa não são perfeitos, certas comidas os incomodam. Sabemos que as bactérias cavam nos dentes buracos microscópicos, os quais que estão presentes muito antes de essas cáries serem visíveis. Os buracos microscópios criam uma sensibilidade. Uvas são bastante ácidas e irritam os dentes cariados. Obviamente, os antigos não anteciparam tais explicações científicas, mas nem por isso deixaram de sofrer conseqüências desagradáveis pelos dentes cariados.

O povo inventou o absurdo de que o filho do homem que comeu uvas verdes sofreria os resultados da acidez que perturbou o pai! Dizer que os filhos sofrem por causa *dos pecados* dos pais é, espiritualmente, semelhante absurdo. O provérbio comum contém interpretação de textos como Êxo. 20.5. O presente capítulo anula tanto o ensino de Êxo. 20.5 como a sua interpretação popular. Que os intérpretes lutem com a reconciliação dos dois ensinos. O autor aqui não se preocupa com harmonia teológica.

Conclusão. O remanescente no exílio da Babilônia continuava sofrendo terrores, às mãos de seus capturadores. Antes, haviam sofrido os ataques violentos do inimigo. Sofreram porque "os pais pecaram". Estavam ceifando o que semearam. Judá era o próprio modelo da idolatria-adultério-apostasia, e Yahweh perdeu a paciência com suas vagueações morais e espirituais.

Para a verdade que possa estar presente em tais declarações, como em Êxo. 20.5; 34.6-7 e Deu. 5.9, ver as notas nestes lugares. O apóstolo Paulo fala algo semelhante em Rom. 5.12 ss. Como o próprio autor do presente trecho não se preocupou em reconciliar as idéias opostas, representadas por Êxo. 20.5 (de um lado) e o presente texto (do outro), também não me preocupo aqui em tentar uma reconciliação. As minhas notas, na introdução ao capítulo 18 do presente livro, e os trechos mencionados, entram no problema.

Os Pecadores Morrem; os Justos Vivem (18.4-9)

18.4-5

Eis que todas as almas são minhas. O fato de todas as almas *pertencerem* a Yahweh é prova de que todas são igualmente responsáveis diante dele. Cada alma é responsável por si, não pela grande coletividade (uma nação, por exemplo). Se ela influenciou outra alma que pecou, então é responsável por isto.

A alma que pecar, essa morrerá. Yahweh é o Criador, portanto é também o Juiz de todas as almas. Além disto, é o grande Legislador. Sua lei (a lei mosaica)

é o próprio padrão da justiça e dos pecados. A lei *obedecida* promete uma vida longa e cheia de prosperidade. O transgressor, todavia, *morrerá*. Alguns intérpretes acham que tal ensinamento inclui a morte espiritual depois do sepulcro, mas outros pensam que Ezequiel não tinha uma teologia suficientemente avançada para incluir esta idéia. O próprio escritor deixa suas palavras sem definição. Dan. 12.2-3 olha para além do sepulcro e vê a lei moral da colheita segundo a semeadura operando aí, mas fez com que a *ressurreição* mediasse castigos e recompensas, não a imortalidade da alma. As definições foram melhoradas nos livros apócrifos e pseudepígrafos, no período entre o Antigo e o Novo Testamento; o Novo Testamento melhorou ainda mais os nossos entendimentos.

De qualquer maneira, a *morte* do vs. 4 é, certamente, uma referência à matança que o exército babilônico traria a Jerusalém. O país inteiro sofreria morte *prematura*. O que mais pudéssemos ver no texto, ficaria duvidoso. A *vida* prometida é a sobrevivência física, a libertação do massacre babilônico, que seria proporcionada mediante arrependimento sincero. Os vss. 5-9 dão um breve sumário da natureza do homem justo que sobreviveria em meio à matança.

18.6

Este versículo mistura, de maneira curiosa, as leis morais e cerimoniais, mas é bom lembrar que os hebreus não faziam distinção entre elas. Todas as leis cerimoniais eram, para eles, altamente morais. O cristianismo fez a distinção entre os dois tipos de leis, aplicando outra mentalidade.

Idolatria, Adultério e Menstruação. Para os cristãos, idolatria e adultério são transgressões radicais de leis morais. Mas manter relações sexuais com uma mulher, durante a menstruação, pertence às leis cerimoniais. Para os judeus, todavia, os três atos eram pecados morais, especialmente detestados. O homem justo não teria comunhão com os cultos idólatras que anularam o yahwismo e desonraram as velhas tradições. Por uma emenda, "nos altos" torna-se "com o sangue", referindo-se à ingestão de sangue com comida. A lei cerimonial proibiu qualquer tipo de ingestão de sangue. Ver Eze. 33.25; Lev. 7.26-27; 19.26; Deu. 12.16. Se esta emenda for correta, então a idolatria é seguida por uma lei cerimonial (segundo os cristãos entendem o termo). Daí, o adultério é seguido por uma lei cerimonial contra sexo com uma mulher menstruada. Ver Lev. 15.19-30; 18.19; 20.18. O cristianismo não proibiu a ingestão de sangue como comida (se não fosse uma ofensa aos judeus) nem o sexo com uma mulher menstruada. Alguns cristãos obviamente retêm atitudes judaicas. Calmet, por exemplo, declarou que crianças concebidas durante o ciclo menstrual freqüentemente nascem leprosas, monstruosas ou deformadas, idéia que é uma verdadeira tolice.

18.7-8

Não oprimindo a ninguém. A lei contra a opressão é, obviamente, uma lei moral segundo qualquer fé religiosa. Um exemplo de opressão é o uso e abuso de dinheiro. Há muitas práticas desonestas associadas ao dinheiro. Um homem que cobrasse juros excessivos era considerado um transgressor da lei. Ver Lev. 25.36-37; Nee. 5.7,10; Sal. 15.5; Isa. 24.2; Jer. 15.10. Se um homem oferecesse penhor (alguma possessão ou item importante para quem o havia dado) para garantir o pagamento de um débito, quando o dinheiro fosse pago, o penhor tinha de ser devolvido. Um judeu não podia exigir juros de outro judeu. O uso correto do dinheiro figurava entre as condições razoáveis de uma justiça social. O homem bom é generoso, jamais ganancioso. O homem bom é aquele que alivia sofrimentos dos outros, por privações econômicas. O judaísmo sempre enfatizou estes princípios. É difícil aprender estas lições neste mundo eternamente egoísta. As pessoas que as aprendem precisam continuar nesta vereda.

Cf. Tia. 2.15-16. Santidade prática deve seguir uma teologia teorética. O homem bom, no nome somente, não o é na realidade. Nossas igrejas evangélicas são fracas na caridade, enquanto a igreja romana católica é forte neste ponto.

Desviando a sua mão da injustiça. Esta é uma declaração geral contra qualquer forma de corrupção. O bom homem não machuca outros, é gentil e benevolente. Nunca é violento. Ele promove a justiça entre os homens, dentro e fora das cortes da lei. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Crimes e Castigos*.

18.9

Andando nos meus estatutos. *O Andar Espiritual.* Cf. Amós 5.4. O bom homem anda segundo as exigências da lei, observando tanto as leis morais quanto as cerimoniais que faziam parte da espiritualidade do Antigo Testamento. Ver a *tríplice* designação da lei, em Deu. 6.1. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Andar*, que desenvolve essa metáfora. O bom homem, que pratica a lei, viverá muitos anos e gozará prosperidade (Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.11); terá a lei como *guia* da sua vida (Deu. 6.4 ss.); será um homem *distinto* dos pecadores (Deu. 4.4-8). Se está em vista a vida eterna (além de uma vida física longa), então é óbvio que, de acordo com a mentalidade judaica, essa vida também procede da lei.

O Novo Testamento modificou algumas idéias teológicas principais do Antigo Testamento. Ver Gál. 3.21: "... se fosse promulgada uma lei que pudesse dar vida, a justiça, na verdade, seria procedente de lei". Assim falou Paulo, mas é ridículo projetar no Antigo Testamento idéias revolucionárias da época cristã. Segundo o judaísmo, *a lei era tudo*, inclusive a doadora de vida, material ou espiritual.

Procedendo retamente o tal justo certamente viverá, diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) declara que o homem justo terá vida *pela lei*.

O Filho Ímpio de um Homem Justo Morrerá (18.10-13)

18.10

Se ele gerar um filho ladrão... A espiritualidade que dá vida não é hereditária nem genética. O bom homem que obedece à lei e que *viverá* (vss. 5-9) não terá automaticamente um filho justo que obedecerá à lei, para ganhar, com isso, a vida. O *ideal* de Pro. 22.6, nem sempre funciona: "Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho, não se desviará dele".

Sabemos hoje que 1.800 características são transmitidas dos pais para os seus filhos, geneticamente. Entre estas, figuram atitudes e inclinações morais e espirituais. Sabemos que existe a *mente criminosa* que não surge do meio ambiente. Pode ser de um cérebro defeituoso, de um espírito corrupto, espiritualmente herdado, mas não necessariamente dos pais. Uma alma pecaminosa (seja preexistente ou não) logo influencia o homem físico a andar erradamente. E este andar pode não ter nada que ver com a educação que a criança recebeu em casa. Claro, o exemplo dos pais é importante, mas essa consideração é somente *um fator* do desenvolvimento do filho. Devemos *ensinar* o caminho justo, mas o ensino não é garantia absoluta. Os estudos mostram o seguinte: 1. Se nossos filhos tornam-se bons homens, justos e espirituais, devemos receber *menos crédito* do que havíamos recebido antes. 2. Se nossos filhos tornam-se rebeldes e entram no caminho ímpio, devemos receber *menos culpa* do que havíamos recebido antes.

O texto aqui diz que um bom homem pode produzir um filho moral e espiritualmente podre. O que acontece com nossos filhos é complexo e não aceita nenhuma explicação simplista. Um jovem que entrou numa vida de deboche, incluindo o uso de entorpecentes, falou para seu pai, consternado: "Pai, tudo isto não é sua culpa". Aquele filho recebeu os ensinamentos a vida inteira, mas isto não o salvou do dilúvio do pecado. Um dos piores assassinos da história dos Estados Unidos era filho de um devoto evangélico. De fato, filhos de pais devotos e sinceros se envolvem em crimes pesados de sangue, roubos e outras desgraças. Soube de um caso, em São José dos Campos, São Paulo. O filho de um evangélico proeminente começou a andar com maus companheiros. Ouviram dizer que uma família daquela cidade tinha recebido grande soma de dinheiro; foram para a casa e exigiram o dinheiro. Quando souberam que não havia dinheiro em casa, mataram, por raiva, um deficiente físico que estava confinado a uma cadeira de rodas. O filho "podre" de um bom homem terminou na prisão por assassinato!

18.11-13

Os Pecados do Filho Rebelde. Estes três versículos repetem, quase palavra por palavra, os vss. 6-8, com algumas omissões insignificantes. Tudo o que era odioso para Yahweh, aquele fanático do pecado praticou. Nos vss. 6-8, vemos o bom homem evitando tais pecados; aqui, o filho iníquo pratica tudo o que seu pai detestava. Ele quebrou todas as regras e costumes dos anciãos: roubou, praticou a idolatria, adulterou, perpetuou abusos sociais e foi um homem totalmente perverso que trouxe vergonha para os pais. Terá ele uma vida longa e próspera? O texto responde com um enfático *não*. Terá a vida eterna? O texto *implica* um *não*. O homem perverso teve um bom pai, mas nada adiantou; esta circunstância não era nenhuma garantia. O filho desobediente terminou apedrejado.

O seu sangue cairá sobre ele. Isto significa que ele, sozinho, fora *responsável* pelo que acontecera. Cf. Eze. 3.18,20; Lev. 20.9,11,13,16,27. A frase implica que o homem perverso sofrerá morte violenta e prematura; ele poderia ser executado pela lei; poderia contrair uma doença fatal; poderia sofrer um acidente mortal. De qualquer maneira, Yahweh estaria por trás do golpe, aplicando justiça, segundo as exigências morais da lei.

> *O que guarda o mandamento guarda a sua alma; mas o que despreza os seus caminhos, esse morre.*
>
> (Provérbios 19.16)

Idéias. 1. A retidão do pai não se transferiu para o filho, embora esforços heróicos tivessem sido feitos. 2. Cada homem carrega sua própria culpa e condenação. 3. O provérbio do vs. 2 foi comprovado como falso. 4. A verdade do vs. 4 se comprova: a responsabilidade pessoal determina o destino das pessoas.

Semeai um hábito e colhereis um caráter.
Semeai um caráter e colhereis um destino.
Semeai um destino e colhereis... Deus.

(Prof. Huston Smith)

O Filho Justo de um Pai Ímpio Viverá (18.14-20)

18.14

Se ele gerar um filho que veja todos os pecados que seu pais fez, e... não cometer cousas semelhantes... O discurso sobre a responsabilidade pessoal continua. Este jovem não recebeu os ensinamentos da lei de seu pai; não teve um bom exemplo. O pai deve a seu filho *três coisas*: exemplo, exemplo, exemplo. Este jovem não teve nenhuma vantagem no lar, mas venceu na vida espiritual. Ele recebeu maus exemplos, mas não sentiu inclinação para imitar o pai iníquo. Em vez disso, cultivou no seu coração o temor ao Senhor, que o guiou. Ver Pro. 1.7 e Sal. 119.38, onde há notas sobre "o temor do Senhor".

O temor do Senhor é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino.

(Provérbios 1.7)

O filho, sem um bom exemplo do pai biológico, tinha o exemplo e os ensinamentos do Pai Celestial. Considere-se Josias, filho do terrível Amom, e o bom Ezequias, que era filho do deplorável Acaz. Ver II Reis capítulos 16,18,21-22. Por outro lado, o iníquo Manassés, um dos reis mais perversos da história dos reis de Judá, era filho do piedoso Ezequias!

18.15-17

Estes versículos repetem o material dado nos vss. 6-8, com omissões insignificantes. Ver as notas dadas ali, que também se aplicam aqui. O bom filho observa todas as exigências da lei, tanto morais quanto cerimoniais. A lei será para ele o *guia* (Deu. 6.4 ss.). Esse homem não morrerá como seu pai, ímpio; não morrerá como um transgressor da lei. Pelo contrário, viverá, porque terá guardado a lei. Viverá, por ter tido o temor ao Senhor, que não o deixará vaguear nos caminhos do pecado. Ver as notas no vs. 4, para definições de "vida" e "morte" do presente contexto. "Este homem não será infeccionado pelos crimes de seu pai, como aquele pai não fora influenciado pela retidão do pai dele" (Adam Clarke, *in loc.*). "Ele viverá na sua própria terra e gozará as coisas boas da vida. Influenciado pelo temor ao Senhor, e transformado por Sua graça, procurando a glória do Senhor, viverá eternamente, embora tivesse um pai ímpio" (John Gill, *in loc.*).

18.18

Quanto a seu pai..., ele morrerá por causa de sua iniqüidade. O homem pecador não receberá nenhum crédito por ter um bom filho. De fato, ele fez tudo para corrompê-lo: roubou, adulterou, praticou idolatria, cometeu crimes de sangue, praticou extorsão, foi ganancioso e deu péssimos exemplos para o filho.

O autor, neste versículo, não repete todos os pecados já enumerados no texto. Sua lista representativa basta. O contexto apresenta três listas de pecados que são essencialmente iguais: 1. vss. 6-8; 2. vss. 11-13; 3. vss. 15-17. O provérbio do vs. 2, que o povo gostava de repetir, é mostrado como enganador.

"Este *terceiro caso* foi especialmente apropriado para ilustrar o propósito do profeta: mostrar a falsidade do provérbio. Este pai comeu as uvas verdes, mas os dentes do filho não foram afetados (vs. 2)" (Ellicott, *in loc.*).

A Morte de Judá. Não devemos esquecer que o profeta tenta justificar a morte que o país sofreu, às mãos do exército babilônico. Os princípios que se aplicam aos indivíduos são válidos para a coletividade.

18.19

Guardou todos os meus estatutos e os praticou, por isso certamente viverá. O autor sagrado enfatizou novamente a *responsabilidade* pessoal de cada homem. Os vss. 19-20 formulam uma doutrina resultante da discussão anterior. O povo continuava insistindo na "verdade" do provérbio (vs. 2). Todas as ilustrações do profeta comprovaram a falsidade do ditado. O princípio, aplicado às circunstâncias imediatas de Judá, mostra que aquele povo iníquo morreria por causa de seus próprios pecados, não por causa das falhas "dos pais" da nação. A tese do povo era falsa e perniciosa. O povo que promovia a idolatria-adultério-apostasia sofreria as conseqüências drásticas de seu caráter perverso. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) garantiu o péssimo destino de toda a nação e de todos os pecadores que a constituíam. O profeta refutou a "ortodoxia" da doutrina de Êxo. 20.5, ignorando que poderia ter *alguma* verdade. Ele não quis enfraquecer seu argumento, portanto não se preocupou com reconciliações de teologias em conflito. Ver as notas sobre aquele versículo.

18.20

A alma que pecar, essa morrerá. *A Doutrina.* Agora o profeta chega à *conclusão* da discussão anterior: a responsabilidade pessoal opera na vida de todas as pessoas e na vida coletiva de uma nação. A alma que pratica o pecado morrerá; a coletividade que pratica a maldade morrerá; a alma que pratica o bem viverá; a coletividade que pratica o bem viverá.

O salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna.

(Romanos 6.23)

A doutrina de Ezequiel é uma afirmação poderosa da lei moral da colheita segundo a semeadura. Ver Gál. 6.7-8, no *Novo Testamento Interpretado*. O filho inocente de um pai corrupto viverá (vss. 14-17); o bom pai não participará dos resultados dos pecados de um filho rebelde (vss. 10-11). O bom homem terá a proteção de Yahweh e terá vida longa e próspera e, depois, da morte biológica, a vida eterna. Mas o homem maldoso enfrentará a ira de Deus. O seu sangue será sobre ele (vs. 13). Esta conclusão é lógica e verdadeira, e concorda plenamente com o princípio anunciado no vs. 4. Yahweh, o Criador de todas as almas, é também seu Juiz. Além disto, é o Legislador que deu sua lei como *guia*, tornando os homens responsáveis, porque tinham *luz* para o caminho.

O texto ensina responsabilidade moral e espiritual de todos os indivíduos, e também ensina responsabilidade da nação de Judá inteira. As duas manifestações são os dois lados da mesma moeda.

Os pais não serão mortos em lugar dos filhos, nem os filhos, em lugar dos pais; cada um será morto pelo seu pecado.

(Deuteronômio 24.16)

O Homem Mau que se Torna Justo Viverá (18.21-24)

Este trecho demonstra que certos casos podem ser *revertidos*. Um bom homem pode tornar-se corrupto; o homem corrupto pode tornar-se bom. Casos revertidos provocam destinos revertidos.

18.21

Mas se o perverso se converter de todos os pecados... A experiência mostra que situações morais e espirituais podem sofrer reversos. O arrependimento está disponível para o pecador; o bom homem está sujeito à influência da maldade e pode cair, anulando sua vida justa.

Certamente viverá. O homem mau de ontem se arrepende de seus erros e começa a seguir a lei, como o *guia* de sua vida (Deu. 6.4 ss.). O resultado desta mudança de vida é que ele *viverá* (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). A idéia original sobre esta *vida* era certamente a vida física, esperançosamente longa e próspera. No judaísmo *posterior*, a vida pós-túmulo entrou na questão, embora não tenhamos certeza do ponto ao qual a teologia de Ezequiel chegou. Mesmo que sua teologia falasse sobre a vida pós-túmulo, suas declarações dificilmente podem ser aplicadas à doutrina da vida eterna. Nossa teologia já avançou muito além do Antigo Testamento, portanto fiquemos com os Apóstolos, para definir tais questões. O artigo sobre o problema da segurança do crente, no *Dicionário*, apresenta uma discussão ampla.

Kimchi, representando o judaísmo posterior, comenta: "Viverá neste mundo e não morrerá no mundo que vem". "O pecador penitente é tratado de acordo com a sua nova obediência" (Fausset, *in loc.*).

Segurança Eterna do Crente? Obviamente, este texto tem sido empregado na controvérsia sobre a *segurança eterna do crente*. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo sobre este assunto. Ali são apresentados os dois lados dos conflitos, com seus textos de prova favoritos. Na minha opinião, é duvidoso empregar versículos do Antigo Testamento nesse debate, pois nem mesmo temos certeza de que o profeta Ezequiel quis entrar na questão de uma vida pós-túmulo e das condições que poderiam governar essa vida. Mesmo tocando nesse assunto, a luz do Antigo Testamento não seria suficiente para esclarecer tais questões.

18.22

Não haverá lembrança contra ele. O que o homem mau fez no passado é anulado. Yahweh, esquecendo as velhas transgressões do pobre pecador, olha somente para o presente justo daquele homem e o abençoa. A graça de Deus age assim, portanto não devemos surpreender-nos com a anulação de toda a

grande massa de pecados. Todos temos grande quantidade de iniqüidades para anular e esquecer. O homem, ontem tão miserável, hoje vive uma nova vida, pelo poder do Espírito que transformou (e está transformando) o seu coração. A mudança no homem é completa; o perdão de seus pecados é completo. Ele tem um *novo coração*. A lei de Moisés tornou-se efetiva na sua vida. Se o homem não esquecer a lei, cumprindo seus requisitos (Pro. 3.1), então Deus esquecerá sua vida anterior de pecados.

> *De todos os pecados que cometeu não se fará memória contra ele; juízo e justiça fez; certamente, viverá.*
>
> (Ezequiel 33.16)

18.23

Acaso tenho eu prazer na morte do perverso? diz o Senhor Deus. Yahweh não é um sádico celestial que sente prazer em ver o pobre pecador sofrer e, finalmente, morrer. É *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) que se declara contra o princípio de achar prazer na tragédia que traz sofrimento. Este título divino se encontra 217 vezes neste livro, mas somente 103 no resto do Antigo Testamento. Ele enfatiza a *soberania* de Deus. O *Soberano,* em última análise, é o *Salvador,* não o Destruidor. Até Seus julgamentos são expressões de Seu amor, pelo fato de que têm a intenção de restaurar, não de aniquilar. Vemos a soberania de Deus perdoando o pecado e esquecendo o passado do pecador. Deus prefere que o homem viva. O versículo é contra o calvinismo radical e sua doutrina de *reprovação* (ver a respeito no *Dicionário*), que certamente é blasfema. Cf. I Tim. 2.4 e também II Ped. 3.9. E não devemos esquecer João 3.16, a luz mais brilhante no céu do pecador.

Deus é amor (I João 4.8). Desejar ou achar prazer na morte do pecador é contra a natureza divina. Pessoalmente, sou contra toda doutrina de reprovação, ativa ou passiva. Considero ambas contrárias à natureza divina e à missão do Salvador.

18.24

Desviando-se o justo da sua justiça... acaso viverá? Este único versículo contrasta com os vss. 20-23. Todos conhecemos casos de pessoas santas que se corromperam. Tais pessoas ficam sujeitas à condenação de Deus, seja no presente seja na vida além. Não sabemos se a teologia do profeta tinha avançado para considerações pós-túmulo. De qualquer maneira, o mesmo *princípio* se aplica à vida agora e à vida pós-túmulo. Mas não devemos esquecer o poder de Deus, que é dedicado à salvação. O homem que volta para o pecado sofrerá, mas a graça de Deus o restaurará, afinal, ainda nesta vida ou na vida pós-túmulo. Jesus pode alcançar homens onde quer que estejam, nesta vida ou além. O presente versículo é uma declaração arminiana, sem dúvida, mas nenhuma declaração deste tipo governa a eternidade. Haverá outros reversos. O homem que realmente começou na trilha espiritual pela atuação do Espírito terminará entre os salvos, a despeito de suas vagueações. O mesmo propósito redentor o seguirá; a vida é uma só. E, para o homem genuinamente bom, o propósito opera até *efetuar* o resultado desejado. Assim corre a minha fé. Entro em detalhes no artigo sobre a *Segurança do Crente,* no *Dicionário.* Haverá um *dia final,* quando a graça de Deus deixará de funcionar, terminando com a missão redentora do Logos? Acho que não. Assim correm meu sonho e minha doutrina, confiantes na graça de Deus para superar todas as negativas que os homens tanto apreciam. A porta do inferno se fecha do lado de dentro, e pode ser aberta pela mudança da alma que recebe a graça de Deus. Sempre haverá a possibilidade de reversos. Ver as notas sobre Efé. 1.9-10, no *Novo Testamento Interpretado*, onde apresento evidências das Escrituras que favorecem as minhas idéias. Ver também, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* o verbete intitulado *Mistério da Vontade de Deus* e, no *Dicionário,* o artigo chamado *Restauração.*

De qualquer modo, o texto ensina o princípio de "libertação do passado". Até a porta do inferno, o Espírito chama os homens; sim, até no próprio hades, o Espírito chama os homens. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Descida de Cristo ao Hades.* Até no Hades há uma porta que conduz os homens para os céus. Deste evangelho (boas novas), eu tenho orgulho. Do evangelho pequeno, que tão freqüentemente se prega nas igrejas, tenho vergonha.

O Caminho do Senhor é Justo (18.25-29)

O autor, contradizendo a antiga lei de Êxo. 20.5, que ensina a responsabilidade moral e espiritual dos indivíduos, achou necessário *vindicar* a justiça divina, que exige uma reação humana à lei moral. Voltará a este tema em Eze. 33.17-20.

18.25

Dizeis: O caminho do Senhor não é direito. Este versículo fornece uma resposta à objeção do povo, que não gostou do discurso do profeta sobre a responsabilidade pessoal. Aqueles pecadores tinham a coragem de declarar-se *inocentes* e não merecedores dos "maus-tratos" de Yahweh (administrados pelo exército babilônico). Continuavam culpando seus antepassados, cujos pecados supostamente excitaram a ira do Senhor, que reagiu empregando o chicote babilônico. O profeta os acusa de andar em *caminhos tortuosos.* Eles transgrediram as leis do Senhor e acusaram o próprio Deus de não seguir um *caminho direito* em relação a eles. Sendo culpados de pecados gritantes, proferiram blasfêmias no rosto de Yahweh! Os vss. 6-9 já ilustraram sua condição perversa, mas as palavras do profeta caíram em ouvidos surdos. Todavia, ouviram o estrondo do ataque do exército babilônico.

Ouvi agora, ó casa de Israel. O reino do norte fora obliterado pela Assíria em 722 A. C. O cativeiro babilônico reduziu Judá a quase nada, de 596 em diante. O restante daquela nação foi chamado de "Israel" e, na restauração, começou tudo de novo. "Aquela casa", no cativeiro, não abandonou seu caminho ímpio; neste versículo, ouvimos suas queixas contra os alegados maus-tratos de Yahweh, a Causa de todos os seus sofrimentos. Ver Eze. 2.5, onde a "casa de Israel" é chamada "a casa rebelde". Este uso se repete em Eze. 3.1; 4.3; 6.11; 8.6.

Não é o meu caminho direito? não são os vossos caminhos tortuosos? A palavra *direito* vem de uma raiz que fala sobre *pesagem,* ou *equilíbrio.* No uso metafórico, está em vista a *justiça.* A *casa rebelde acusou Yahweh* de fazer *pesagem inexata,* isto é, de praticar *injustiça,* castigando-a com o chicote babilônico, quando era inocente. A afirmação divina é que o castigo era exatamente de acordo com os merecimentos do povo. "Sua declaração afirma que Ele recompensa ou pune de acordo com os princípios justos e imutáveis da lei moral. Cada homem recebe o que semeou" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Rom. 2.5-10 e Gál. 6.7-8.

18.26

O profeta ilustra sua tese, repetindo o caso do homem justo que abandona o caminho reto, tornando-se ímpio. Sua maldade anula o bom passado e ele fica sujeito às *punições justas* de Yahweh. Morrerá de morte prematura (fisicamente) e talvez (na mente do profeta) sofrerá a *ira de Deus* além-túmulo. O vs. 26 é uma declaração abreviada do vs. 24, onde apresento as notas mais detalhadas. A justiça de Deus é *vindicada,* quando Ele castiga o pecador severamente, mesmo se *no passado* o homem (nação) tivesse sido bom.

18.27

A justiça de Deus é *demonstrada e vindicada* também quando o homem mau de ontem é o homem bom de hoje. O passado é anulado pelo presente; uma mudança de conduta reverte a avaliação divina. Este versículo repete, de modo mais abreviado, o que vemos nos vss. 21-22, onde há notas expositivas completas.

18.28

Este versículo expande as idéias dadas nos vss. 21-22 e 27. O pecador de ontem pode ser o santo de hoje. O homem abandona seu caminho ímpio e o temor do Senhor começa a guiá-lo (ver em Pro. 1.7). Este homem estuda a lei e termina vivendo segundo as suas exigências. Assim, ele ganha *vida* (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). A justiça de Deus se vindica quando o homem mau de ontem recebe vida hoje, através do arrependimento e da mudança de vida. Contraste-se o caso de Judá, que fora boa ontem, mas corrupta hoje.

18.29

A Vindicação Continua. A justiça do caminho do Senhor é clara e irrecusável. Mas os ímpios insistem em que houve abuso no tratamento severo de Yahweh. Suas acusações comprovaram mais e mais sua natureza depravada. Este versículo repete o vs. 25, onde há notas detalhadas. Cf. Miq. 2.7 e Mat. 11.18-19.

O Novo Coração e o Novo Espírito (18.30-32)

Este trecho é igual a Eze. 11.17-21 e 36.24-32. Ver, também, Jer. 31.31-32. As operações do Espírito dependem do arrependimento humano e da graça divina, que se unem para efetuar o bem. Este texto demonstra que o entendimento do Antigo Testamento sobre *justiça* e *espiritualidade* não se limitou à obediência formal da lei. O *dever* alia-se ao *coração transformado* pelo Espírito. De fato, o homem que realmente guarda a lei só pode fazê-lo por forças espirituais além de suas próprias capacidades. O poder de Deus precisa agir, para que o homem não permaneça nas suas fraquezas e deficiências.

18.30

Eu vos julgarei, a cada um segundo os seus caminhos. Este versículo descreve o lado humano da questão. A moeda tem dois lados: o humano e o

divino. Os dois se unem para efetuar a obra de Deus na alma humana. O *arrependimento* (ver a respeito no *Dicionário*) exige do homem uma mudança verdadeira e abre a porta para o poder transformador do Espírito. O homem mau de ontem, cansado de seus caminhos perversos, procura uma vida nova. Ele segue um caminho que o leva para o Alto. No caminho, o amor de Deus o encontra e fortalece seu propósito. O homem é espiritualmente transformado. Claro, até o desejo de se *arrepender* depende do Espírito, porque o homem totalmente depravado procura mais depravações.

Adonai-Yahweh (o Soberano Eterno), o agente do lado divino, tem poder de transformar qualquer pecador. O Senhor recompensa e castiga, segundo os merecimentos dos homens, mas também abre um caminho para o bem-estar da alma humana. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. A transgressão se dirige para a ruína, porque o decreto de Yahweh determina este resultado. Mas seus decretos também garantem a felicidade do homem que caminha segundo a lei. Yahweh pode ser Juiz, Destruidor, Salvador e Restaurador, dependendo das reações humanas à direção divina. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Livre-arbítrio*. Cf. Eze. 11.19 e 36.26.

"Morrerá? Eis a pergunta que exige uma resposta. A compaixão de Deus espera nossa reação ao ministério do Espírito" (E. L. Allen, *in loc.*).

18.31

Criai em vós coração novo e espírito novo. Quando o homem lança fora suas transgressões e mostra desejo de caminhar num novo trilho, o Espírito se aproxima e lhe dá um novo coração e um novo espírito. O novo coração conduz o homem (ou a nação) a uma transformação espiritual:

> *E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.*
>
> (II Coríntios 3.18)

Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Transformação segundo a Imagem de Cristo.* O texto fala daquilo que está além do alcance natural do homem. Sem o Espírito não há transformação. Mas o homem faz a sua parte, resultando na união do divino e do humano, no mesmo processo: o livre-arbítrio humano coopera com o poder divino. Segundo as idéias do Antigo Testamento, o homem transformado terá longa vida, cheia de bênçãos e prosperidade; viverá além da morte biológica e compartilhará a glória do Senhor.

"A vida ou a morte do povo depende de suas reações ao ministério do Espírito. Aqueles que continuam se rebelando, morrerão; aqueles que se arrependem, viverão" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

18.32

Não tenho prazer na morte de ninguém. Este versículo repete o que é dito no vs. 23, onde há notas. "Então, vamos correndo para ele. Nunca acharemos nenhuma injustiça nos Seus caminhos (vs. 29). Ele nunca manda embora um homem que tem fome ou sede, o homem que está procurando a justiça de Deus. Ver Mat. 5.6" (Fausset, *in loc.*).

Cf. Jer. 9.24 e Pro. 1.26. "Você pode duvidar da *sinceridade* divina? Pode duvidar da Sua *capacidade?* Pode você duvidar da Sua eficácia? Pode duvidar das provisões de Seus pactos?" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Quando andamos com o Senhor,*
> *Na luz de Sua palavra,*
> *Que glória Ele faz brilhar no nosso caminho.*
> *Enquanto fazemos a Sua boa vontade,*
> *Permanece conosco e com todos*
> *Que confiam e obedecem.*
>
> (J. H. Sammis)

Capítulo Dezenove

As Alegorias da Leoa e da Videira (19.1-14)

Estas alegorias assumem a forma de lamentações e cantos fúnebres.

Detalhes da Primeira Alegoria. 1. Israel é a leoa. 2. Um de seus filhotes (Jeoacaz) foi capturado e levado para o Egito (II Reis 23.30-34) 3. Outro filhote (Jeoaquim) foi levado para a Babilônia (II Reis 24.8-16). 4. A história deixa fora qualquer informação sobre o rei que reinou entre aqueles dois, por não ter contribuído para a mensagem da alegoria. 5. Uma tradição posterior diz que Jeoaquim sofreu exílio (II Crô. 36.6; Dan. 1.2) e morreu em Jerusalém (II Reis 24.1-6). Se isto for verdadeiro, ele não poderia ser o segundo filhote. De qualquer maneira, a leoa é símbolo apropriado para Judá. Ver Gên. 49.9 e Miq. 5.8. Os reis de Judá se sentaram no trono decorado com leões (I Reis 10.18-20). 6. Ver o leão como parte do simbolismo real, em Pro. 19.12; 20.2; II Sam. 1.23. Um selo de Jotão, encontrado em Eziom-Geber, tem a imagem de um leão embutida nele.

A Segunda Alegoria. Os vss. 10-14 apresentam a *segunda lamentação,* que fala de Israel como uma videira. A videira foi arrancada e transplantada num deserto. A referência é à *primeira deportação* (de três), que aconteceu em 586 A. C. Esta deportação incluiu a tragédia pessoal de Zedequias, sua família e oficiais. Ver Jer. 52.7-11, para detalhes. Cf. o capítulo 17, que também apresenta a alegoria de uma videira.

Com estas alegorias, o autor conclui a seção (capítulos 12-19), que trata de *otimismo falso.* Esta é a primeira de cinco lamentações. Cf. também Eze. 26.17-18; 27.1-36; 28.12-19; 32.1-16. Três lamentações foram dirigidas contra Tiro e a quarta foi contra o Egito (32.1-16). Estas lamentações são cantos fúnebres que normalmente celebravam as boas qualidades do defunto e lamentavam a perda que sua morte representava para a comunidade. Cf. II Sam. 1.17,27.

Circunstâncias que Dificultam a Interpretação das Alegorias. 1. As diversas transliterações dos nomes próprios hebraicos, nas traduções em português, dos reis em pauta, são suficientemente diferentes para confundir o leitor. 2. Houve quatro reis durante o período histórico descrito pelo autor, mas ele menciona somente três, deixando em dúvida as identificações. 3. O autor mistura os acontecimentos, atribuindo, ao reino de um rei, experiências de outro. 4. O texto não segue perfeitamente dados históricos da vida dos três reis. Exigir uma interpretação histórica perfeita desaponta o intérprete.

A Primeira Alegoria (19.1-9)

O Destino Amargo de Jeoacaz (19.1-4)

19.1

Os príncipes de Israel. *Esta lamentação* inclui três reis específicos: Jeoacaz, Jeoaquim e Zedequias, com quem a história de Judá, relacionada com a Babilônia, terminou. De fato, ele era o último rei da linhagem de Davi, e com ele terminou a casa de Davi, isto é, a *casa real* que dele descendeu. Os vss. 2-9 tratam do primeiro "príncipe". Ver II Reis 23.30-34. Ele foi capturado e levado para o Egito. Outro príncipe foi levado para a Babilônia (II Reis 24.8-16). Seu destino amargo é descrito nos vss. 5-9. Então, os vss. 10-14 falam de Zedequias. Os cantos fúnebres "celebram" o fim dos três. O destino deles foi amargo, por causa da operação da lei moral da colheita segundo a semeadura que determina o destino dos homens, bons ou maus.

19.2

Quem é tua mãe? Uma leoa entre leões. Judá fora uma grande potência, a rainha das bestas, uma leoa orgulhosa e poderosa. O leão simboliza o reino de Judá, como mostrado na introdução ao capítulo. A leoa cuida bem de seus filhotes; qualquer um que observe as cenas de famílias de leões sabe que há *amor.* A leoa cuida de todas as necessidades dos filhotes, até adquirirem sua independência. Nesta alegoria, essa circunstância indica que os filhotes da leoa se tornaram reis, líderes poderosos, e a leoa se sentiu orgulhosa, pois foi o trabalho dela que propiciou esta façanha. Mas a glória da realização logo caiu na desgraça e destruição. A leoa criou "reis decaídos". O autor entoa cantos fúnebres para lamentar a morte dos três filhotes.

O vs. 10 torna a leoa mãe de *toda a teocracia,* o norte e o sul. Os dois reinos afundaram no suicídio de idolatria-adultério-apostasia.

Entre leões. Possivelmente temos aqui uma alusão ao fato de que a leoa fez alianças com poderes estrangeiros, que a prejudicaram no final. A leoa tinha filhotes (leãozinhos). A NCV fala de "leões jovens". Eles se tornaram reis, e o país prosperou com o seu poder notável.

19.3

Leãozinho. *O Filhote Jeoacaz.* Ele foi criado com cuidado e tornou-se um grande leão. Mas foi capturado e levado para o Egito (II Reis 23.30-34). Não se deve levar muito seriamente as descrições que exaltam este homem. Os vss. 6-7 não descrevem acuradamente as realizações de Jeoaquim. O autor emprega a *licença poética* para melhorar suas descrições. Afinal, o rei era um *leão* que inspirou certo exagero na descrição. Não há nenhuma referência aqui às mães biológicas dos reis. A leoa é Judá, a Mãe Universal.

19.4

As nações ouviram falar dele. O faraó Neco II colocou *Jeoaquim* no trono de Jeoacaz. Foi obrigado a seguir uma política pró-Egito para manter seu poder;

isto quer dizer que ele se opôs à Babilônia. Ver as profecias de Jeremias sobre o infeliz Jeoacaz (Jer. 22.10-12). Ele também profetizou contra os outros reis e suas alianças (Jer. 13.18-10; 22.24-30). Os assírios caçavam leões por esporte. A caça era proclamada por grandes barulhos, homens batendo em tambores, soprando trombetas, gritando e, de modo geral, preparando-se para matar os pobres animais "por diversão". Neco II agia assim, praticando um esporte do-entio em relação ao rei de Judá.

Foi ele apanhado na cova... e levado com ganchos para a terra do Egito. Os *ganchos* aqui, são literalmente *anéis de nariz.* Outras versões falam em *cadeias.* Ver as notas sobre o vs. 3 para detalhes. Ver II Reis 23.33 e II Crô. 36.4. O pobre homem foi levado para o Egito e confinado numa *cova,* como se fosse um animal. Antes de habitar naquela cova, foi apanhado na "cova da caça": o buraco era coberto com ramos de árvores e arbustos; os caçadores perseguiam o animal em direção à cova; ele caía e ficava à mercê dos caçadores cruéis. Os cachorros tinham a sua parte neste "esporte", latindo e assustando o animal, e guiando os caçadores através de seu infalível olfato.

Jeoacaz foi deposto pelo faraó Neco II. O pobre rei de Judá foi levado com ganchos no nariz, para evitar qualquer resistência. O gancho era ligado a uma corda, e um escravo (ou soldado raso) tinha a tarefa de conduzir o rei, à força. Cf. o vs. 9. Uma vez no Egito, foi colocado numa jaula. Ele morreu no cativeiro (II Reis 23.31-34; Jer. 22.11-12). Ver suas ações de leão no vs. 6.

O Amargo Destino de Jeoaquim (19.5-9)

19.5

Tomou outros dos seus cachorrinhos. Outro filhote da Magnífica Mãe, Judá, a leoa, era Jeoaquim. Ele recebeu tratamentos lastimáveis da Babilônia, um leão mais poderoso do que ele. Vendo o destino amargo do primeiro leãozinho, a mãe se mostrou frustrada e perdida (desconcertada, RSV); não foi diferente no caso do segundo. O primeiro estava perdido. Quando ele não voltou para a cova, a mãe preparou outro para assumir o poder. Mas o segundo, *Jeoaquim,* foi capturado e levado para a Babilônia. Reinou somente três meses, antes de seu cativeiro. Zedequias não pode estar em vista, como alguns intérpretes argumentam. Ele foi feito rei por Nabucodonosor, não pela leoa. Ver o relato em II Reis 23.34. Restritamente falando, Jeoaquim foi designado rei por Neco II, um poder estrangeiro, mas nesta alegoria a leoa fez o serviço. Jeoacaz e Jeoaquim eram irmãos e sofreram destinos semelhantes.

19.6

Licença Poética. O profeta exerce, de novo, sua licença poética, glorificando o segundo leão, "andando entre os leões" e presumivelmente fazendo façanhas. Mas o pobre homem reinou somente três meses e não teve tempo suficiente para distinguir-se. Foi levado para a Babilônia e morreu numa prisão miserável (segundo algumas tradições). Não teve tempo para realizar conquistas militares. No seu curto reinado, mostrou-se forte na opressão social, e alguns intérpretes acham que isto está em vista, mas tal interpretação é forçada. Ver Jer. 22.13-17. As tradições em relação a este homem são confusas. Algumas falam de seu exílio e morte na Babilônia. Outras dizem que morreu em Jerusalém. Ver as notas sobre este problema, na introdução ao capítulo. Cf. II Reis 24.1-6. Alguns intérpretes substituem Jeoaquim por Zedequias, afirmando que, de fato, ele é que foi levado para a Babilônia e ali morreu. O profeta apresenta uma história abreviada, ignorando alguns detalhes que poderiam esclarecer o assunto. Sua alegoria não tinha a intenção de relatar, com precisão, a história envolvida.

19.7

A Licença Poética Opera Novamente. Este rei reinou somente três meses e não poderia ter feito o que se relata aqui. Não conquistou cidades nem fez muitas viúvas, matando soldados inimigos. De novo, alguns intérpretes falam das opressões sociais que fizeram viúvas, mas o que isto tem que ver com a conquista de *cidades*? O profeta exerce sua licença poética, descrevendo *proezas reais* que fizeram parte da alegoria, mas não da realidade histórica.

19.8

Então se ajuntaram contra ele as gentes das províncias. A Babilônia dispunha de um *exército internacional,* uma força que Judá-Jerusalém não tinha chance de vencer. Com metáforas sobre caçadas, o autor descreve essa força irresistível: 1. Era como laços colocados em toda a parte, para pegar um grande número de animais. 2. Era como uma rede que pegaria o rei de Judá. 3. Era como uma cova preparada para capturar o rei.

E foi apanhado na cova que elas fizeram. Uma variedade de infortúnios destruiu Jeoaquim. Ele ficou encarcerado na Babilônia, durante 37 anos, até que, finalmente, foi liberado. A partir daí, ele foi favorecido pelo resto da vida, mas nunca voltou a seu país. Ver II Reis 24.8-17; 25.27.30; e Jer. 52.31-34, para as circunstâncias históricas.

A aliança babilônica era formada pela Babilônia, Síria, Moabe e Amom (II Reis 24.2). Muitos mercenários e soldados de outras nações foram forçados a lutar. Aquele exército servia de chicote nas mãos de Yahweh, para efetuar seus julgamentos.

19.9

Com gancho meteram-no em jaula. Depois do ataque inicial, o rei, desamparado, foi levado com ganchos no nariz, acompanhado por um jugo de pescoço (hebreu, *sugar*). Nessa condição deplorável, foi levado cativo para a Babilônia. Ficou na prisão 37 longos anos, até que *Evil-Merodoque* (ver a respeito no *Dicionário*) o libertou. Ele era filho de Nabucodonosor. O rei de Judá recebeu favores no final da sua vida, mas nunca saiu da Babilônia. Ver II Reis 25.27 ss.; Jer. 52.31-34. Ver *ganchos de nariz,* em Eze. 29.4 e Isa. 37.29. No lugar de *jugo de pescoço* (gancho), alguns falam em "gaiola", seguindo o vocábulo acadiano *sigaru,* que fala de uma *gaiola* para veados capturados, cães, leões ou qualquer outro animal confinado. Assurbanipal jactava-se de ter confinado o rei da Arábia numa gaiola e, assim, tê-lo humilhado totalmente (ver Lukenbill, II, 314, *Ancient Records of Assyria and Babylonia*).

Para que não se ouvisse mais a sua voz. *A voz do leão* não foi ouvida mais em Judá. O leão de Judá não mais assustou os animais da floresta. Seu rugido foi silenciado para sempre. O leão tornou-se um cachorro numa gaiola, humilhado, desamparado.

A Alegoria da Videira Arruinada: O destino Lastimável de Zedequias (19.10-14)

19.10

Tua mãe... era qual videira. Entra em cena o terceiro leãozinho da Magnífica Mãe (Judá). Outro canto fúnebre "celebra" o fim daquela potência, isto é, *Zedequias.* Mas agora, numa nova alegoria, a leoa torna-se uma videira. Assim, temos *a alegoria da videira arruinada.*

Plantada junto às águas. *A videira* foi bem regada e floresceu. Era cheia de vida, gozava de muitos prazeres e tinha uma vida produtiva. O rei, chefe daquele país, compartilhava todas essas vantagens. Cf. a alegoria deste texto com a metáfora de Eze. 17.5,8 e Jer. 17.5-8. A *uva* era um dos produtos mais importantes da Palestina, e é natural que tenha sido empregada várias vezes, nas Escrituras, para falar do povo de Deus. Ver Isa. 5.1-7; Eze. 15.1-8; Mat. 21.33-41 e João 15.1-8.

Videira no Seu Sangue. Assim diz o texto massorético, literalmente. Estas palavras têm consternado os intérpretes, que oferecem uma variedade de emendas e explicações. Talvez signifique que ela "vivesse no sangue" de seus filhos, isto é, "nas suas vidas". Talvez a leitura seja corrupta. A RSV simplesmente substitui as palavras por "na sua videira". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético.*

Possivelmente a referência é a Zedequias, e "no seu sangue" quer dizer "no sangue real", a fonte da autoridade dos reis de Judá.

19.11

Tinha varas fortes para cetros dominadores. *A haste* mais forte da videira foi empregada para fazer um cetro para o rei. Mas note-se bem o plural: *varas.* Isto fala dos muitos reis fortes de Judá. O último dos cetros elevou-se acima dos outros. O povo admirava sua imensa altura. Isto fala do passado glorioso, quando Israel-Judá tinha muitos líderes poderosos, e de Zedequias, o *último* deles. De fato, este homem foi o último representante da linhagem real de Davi. O cativeiro babilônico acabou com a casa real de Davi.

Alguns intérpretes fazem a própria videira elevar-se acima dos ramos, o que significa que Judá se exaltou sobremaneira, só para ser, afinal, humilhado diante de todos os reinos do mundo.

Espessos ramos. Literalmente, *nuvens,* expressão hiperbólica para indicar a *excelência* de Israel. A videira glorificada e seus ramos espessos não foram suficientes para enfrentar o exército babilônico, a maior força da época. Aquele era o dia da Babilônia, como mostram os versículos seguintes.

19.12

Mas foi arrancada com furor. A fúria do exército babilônico arrancou a videira do chão, com terrível violência. Depois, o *Vento Oriental* (ver a respeito no

Dicionário) eliminou qualquer vestígio de vida que restasse na videira. Aquele vento secou a planta totalmente. Apenas a morte sobrou. A videira não tinha mais vida, não tinha mais utilidade e, assim, foi jogada ao fogo e totalmente consumida. Alguns intérpretes acham que este ato se aplica, especialmente, a Zedequias e seu fim triste. Ele era a *haste principal* de Judá nos seus dias finais. Cf. Eze. 17.9-10. Ver também II Reis 24.14-16. A ira de Yahweh estava por trás de todas as ações do exército babilônico. Era o dia de julgamento de Judá-Jerusalém, a grande apóstata. O pouco que sobrou do país foi transplantado para o deserto (significando o *cativeiro*). Ver o vs. 13.

19.13

Agora está plantada no deserto, numa terra seca e sedenta. A videira, uma vez próspera, saudável e gozando de uma abundância de água que sustentava sua vida privilegiada, foi arrancada do chão com suas raízes e transplantada para o deserto, um lugar extremamente seco que não podia sustentar a vida. Com esta metáfora, o autor fala do *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*). A Babilônia, *rica* para seus próprios habitantes, era um *deserto* para o pequeno remanescente de Jerusalém. Até no cativeiro, a espada continuava sua matança (ver Jer. 9.16; Eze. 12.14). A vida tornou-se insuportável. Era a vingança de Yahweh contra a idolatria-adultério-apostasia de Judá–Jerusalém.

19.14

Das varas dos seus ramos saiu fogo. O fogo se espalhou da haste principal para os ramos, consumindo tudo no seu caminho.

Já não há nela vara forte que sirva de cetro para dominar. Quando Zedequias se revoltou contra a Babilônia, atraiu o fogo todo-consumidor. Ele e todo o país foram consumidos no meio de agonia e desespero. Nenhuma haste escapou e foi impossível para o país sobreviver. Nenhum rei surgiria. Zedequias foi o último rei da linhagem da casa real de Davi. Somente o Messias poderia reverter essa situação. A casa real de Davi voltará, mas somente no *dia escatológico*.

Esta é a lamentação. O profeta entoou o canto fúnebre e os poucos sobreviventes o acompanharam. "Até o dia de hoje, Israel está sujeito àquela lamentação" (Adam Clarke, *in loc.*). Não haverá mais fruto em Israel, até o Messias vir tomar conta daquele país, quando "todo o Israel será salvo" (Rom. 11.26).

Capítulo Vinte

A Apostasia e a Restauração de Israel (20.1-49)

Na Bíblia hebraica, o capítulo 20 se constitui dos vss. 1-44, enquanto os vss. 45-49 fazem parte do capítulo 21.

Os vss. 1-44 naturalmente se dividem em duas unidades: 1. *Vss. 1-31:* a descrição da apostasia de Israel-Judá. 2. *Vss. 32-44:* a restauração do país.

A história inteira de Israel-Judá era corrupta. Cada geração caiu em suas próprias formas de apostasia, e cada geração sofreu, conseqüentemente, as devidas punições. Somente o grande amor de Yahweh poderia ter preservado um povo em meio às destruições múltiplas. Esse amor funcionava todas as vezes, efetuando seu ministério de salvação. Os vss. 1-44 são, essencialmente, um sermão para o benefício da *diáspora*, encorajando o povo a ter esperança na restauração, que viria, afinal.

Lições Importantes. As profecias dos capítulos 20-24, contra Judá-Jerusalém, relatam certos episódios históricos, tirando deles importantes lições morais e espirituais. Cf. os capítulos 16 e 21, que são parabólicos. Os capítulos 20 e 23 não empregam parábolas ou alegorias, mas falam diretamente com palavras fáceis de entender. Lições apropriadas são oferecidas por uma variedade de métodos.

O tema principal desta seção (também o principal do próprio livro) é uma severa advertência da destruição iminente que pegaria de surpresa a pecaminosa Judá. A apóstata não sobreviveria. A queda de Jerusalém era iminente, e sua delusão de segurança logo se comprovaria insensata.

Israel-Judá Sempre Rebelde, Sempre Apóstata (20.1-32)

O passado do país não fora brilhante, muito menos o seu presente.

O Oráculo aos Anciãos (20.1-4)

20.1

No quinto mês do sétimo ano, aos dez dias do mês. A data indicada neste versículo é primeiro de setembro de 590 A. C. Outros calculam o dia 13 de agosto de 591 A. C. Alguns intérpretes supõem que originalmente essa data estivesse relacionada às circunstâncias descritas em Eze. 20.45-49. Sua colocação, neste caso, seria duvidosa. Ver o paralelo em Eze. 14.1-11. Os anciãos aqui não são o corpo-governador de Judá, mas os líderes do pequeno remanescente do povo cativo na Babilônia. Houve uma relação ruim entre aqueles homens e o profeta. Eles não aceitaram de bom grado os ataques contra seus pecados e corrupções. Eram os hipócritas de sempre. Yahweh mandou o profeta condenar aqueles homens falsos e iníquos (vs. 4). Cf. Eze. 22.2 e 23.36. O texto não informa sobre o que aqueles líderes perguntaram ao profeta, mas provavelmente tinha alguma coisa que ver com "restauração" ou "vida melhor". Podemos ter certeza de que eles não tinham interesse no arrependimento nem na espiritualidade. Queriam tudo sob suas próprias condições, não segundo as condições impostas por Yahweh. Não se mostraram dignos de consultar Yahweh e perguntar coisa alguma a Seu profeta autorizado. Ficaram num estado abominável, moral e espiritualmente falando.

Cf. os capítulos 8 e 14. Os oráculos foram provocados em todos estes casos mencionados pela inquirição dos anciãos.

O capítulo 20 relata a história de Israel, repetindo advertências tão freqüentemente dadas pelos profetas. Cf. Nee. 9 e Sal. 78. Ver também o discurso em Atos capítulo 7, que é semelhante. Essencialmente, este capítulo repete, com palavras não-metafóricas, o que foi falado na alegoria do capítulo 16.

20.2

Então veio a mim a palavra do Senhor. Esta declaração comumente introduz novos materiais ou oráculos, em Ezequiel. Lembra que era Yahweh a fonte das mensagens; portanto, houve inspiração divina. Também ressalta que Ezequiel era profeta autorizado, merecedor do respeito de todos. Cf. Eze. 13.1; 14.2 e 16.1.

20.3

Filho do homem. Yahweh sempre utilizou este título para dirigir-se ao profeta. Ver Eze. 2.1,3,6,8; 3.1; 4.1; 5.1; 7.2; 12.2.

A Indignidade dos Líderes. Os líderes não mereciam nenhuma mensagem de Yahweh. Já haviam rejeitado Suas revelações, na lei de Moisés e nas declarações dos profetas. Ouvir uma única comunicação: "O julgamento é iminente". Não receberiam nenhuma palavra encorajadora. Cf. Eze. 14.1,3-4. O profeta não informa a natureza da pergunta, mas podemos ter certeza de que se relacionava ao "bem-estar" esperado pelos homens reprovados. Quiseram restauração e bem-estar, sem cumprir as condições da justiça de Yahweh, sem obedecer à lei de Moisés. Quiseram ouvir uma "boa palavra" do profeta, mas o que ele falou não era bom para eles. Sua idolatria-adultério-apostasia não podia continuar. Quiseram benefícios sem o devido arrependimento. Desejaram o fim do cativeiro, para pecar mais livre e abundantemente. A restauração chegaria em 70 anos, mas aqueles miseráveis líderes não veriam esse dia. Ver Jer. 25.11. Talvez seus filhos fizessem melhor do que eles e recebessem a bênção de Yahweh, no Novo Dia em Jerusalém.

Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) fez um juramento por sua própria vida, isto é, um juramento verdadeiro, poderoso e de realização garantida. Este título divino fala da *Soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). Yahweh controlava e controlará tudo, inclusive o destino de indivíduos e de nações. Em vez de responder a uma pergunta específica, a resposta de Yahweh era um *discurso condenador*, que revisava a história deplorável de Israel.

20.4

Julgá-los-ias tu, ó filho do homem? O profeta traria uma sentença contra aqueles homens perversos, cumprindo seu ofício de juiz e advogado. Representava o Juiz celestial que se cansara da perversidade daqueles apóstatas hipócritas. O Juiz falou a palavra de condenação, não uma palavra de encorajamento.

Faze-lhes saber as abominações de seus pais. Yahweh já tinha perdido a paciência. O profeta entregou uma mensagem de condenação. Judá-Jerusalém continuaria sofrendo pelo chicote dos estrangeiros; no fim, seria "devorado pelos monstros". Os pais daqueles homens tinham sido abomináveis, e eles continuaram com as mesmas práticas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Abominação*. Esta palavra normalmente se refere à prática da idolatria acompanhada por todo o tipo de degradação.

"O capítulo inteiro é um relato da história da infidelidade, ingratidão, rebelião e idolatria dos hebreus. Segue a linha toda da história triste dos pais até o dia do profeta Ezequiel. Esta passagem vindica os julgamentos de Deus sobre *todos eles*" (Adam Clarke, *in loc.*). O capítulo ilustra a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). O profeta funcionava como um advogado da prossecução. Era o promotor público designado por Yahweh para examinar o caso.

A Apostasia no Egito (20.5-8)

20.5

No dia em que escolhi a Israel... Israel começou como nação no cativeiro no Egito. Antes do êxodo naquele lugar, Israel tornou-se uma nação numerosa, com cerca de 6 milhões de pessoas. No início, *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) favoreceu Jacó e seus descendentes. Usou Sua soberania de modo positivo e benéfico. Houve o *Pacto Abraâmico* (anotado em Gên. 15.18) que deu poderosas promessas à nação, condicionadas pela obediência às direções divinas, concretizadas (num tempo posterior) na lei de Moisés. Yahweh formou aquela nação para ser um povo *distinto* (ver Deu. 4.4-8), que tinha o destino de ser o professor espiritual do mundo. Todas as nações seriam abençoadas em Israel.

A *mão* de Yahweh tirou o povo do Egito e o guiou no deserto; deu a lei para ser o seu *guia* (Deu. 6.4 ss.). Ver sobre *mão* (o agente divino), em Sal. 81.4; e sobre *mão direita,* em Sal. 20.6.

Escolhi a Israel. A idéia da *raça escolhida* começou no *Pacto Abraâmico* e continuou no *Pacto Mosaico* (ver na introdução a Êxo. 19), tornando-se parte permanente da mentalidade dos judeus. Cf. Deu. 4.37; 7.6-7; 10.15; 14.2; Jer. 23.24; Isa. 48.

O Ato Soberano. O texto deixa claro que o Poder do Alto agia em favor de Israel, ou nada de especial poderia ter acontecido. Israel existia porque Yahweh agiu; Israel continuava porque Yahweh agiu. A mão poderosa do soberano deu um golpe severo no Egito, e o "filho" de Yahweh foi libertado (ver Êxo. 4.22). Ver Êxo. 3.11-17 e 6.2-8, que mencionam a mão divina. A libertação e o *juramento divino* garantiram a realização da vontade de Deus. O êxodo era a porta aberta para a Terra Prometida, uma terra abençoada, rica em recursos, que manava leite e mel (Êxo. 3.8,17; Lev. 20.24).

Levantei-lhes a minha mão. 1. Para golpear; 2. para fazer um juramento; ou para os dois. Cf. Heb. 6.17-18.

20.6

Jurei. Yahweh fez Seu juramento com a mão levantada, segundo o costume dos antigos. O Egito seria julgado e Israel seria libertado. Moisés seria o instrumento principal que Yahweh utilizaria para efetuar Seu propósito. A libertação do Egito significou também a entrega da Terra Prometida para eles como lugar de habitação. Aquela terra tinha a reputação de ser fértil e rica; era um lugar altamente desejável para se morar.

Mana leite e mel, coroa de todas as terras. Cf. o vs. 15 e Êxo. 3.7-8,17; Lev. 20.24; Deu. 6.3; 11.9; 26.15. Para a *mão levantada*, ver Eze. 20.5 (duas vezes),15,23,42; Êxo. 6.8; Nee. 9.15; Sal. 106.26; Eze. 36.7; 44.12; 47.14.

A Palestina é representada como a melhor das terras. Cf. Deu. 8.7-8; Dan. 8.9; 7.14; era a "terra agradável". O Targum, aqui, tem: "... era o louvor de todas as províncias". Segundo a opinião nacionalista do autor, era a "coroa de todas as terras", a mais agradável, elevada e abençoada por Deus, o *rei* da terra.

20.7

Lance de si as abominações de que se agradam os seus olhos. "Não era receio que os hebreus tinham dos egípcios que os forçaram a adotar a idolatria daquele lugar; era a cobiça tola do próprio coração deles. Eze. 6.9; 18.6" (Fausset, *in loc.*).

Não vos contamineis com os ídolos do Egito; eu sou o Senhor vosso Deus. *Do Início.* Quando a nação *começou*, já estava infeccionada com a idolatria egípcia. *Abundantes* deuses falsos eram adotados pelos hebreus, cada um escolhendo seu "deus favorito" e os ídolos que pertenciam ao culto. Suas práticas tornaram-se "odiosas" para Yahweh. A nação inteira ficou *imunda*. Ver no *Dicionárlo* o artigo chamado *Limpo e Imundo*. O povo *cobiçou* as abominações do Egito. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) deu advertências adequadas para evitar desastres, mas nada impressionou aquele povo. A nação escolhida tornou-se *imunda*. Os imundos ficaram *rebeldes*. Yahweh, o Benfeitor, tornou-se o Juiz e Destruidor. A Ele, deviam dez mil obrigações, mas absolutamente nada "aos deuses" falsos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deuses Falsos* e, também, *Idolatria*. Estes artigos ilustram bem a doença do politeísmo dos antigos.

20.8

Rebelaram-se contra mim. A cobiça de seus olhos logo transformou aqueles apóstatas em *rebeldes* notórios. Eles deixaram de ouvir as palavras da lei; pararam de cultivar o culto a Yahweh; envolveram-se em todo o tipo de deboche; adotaram os cultos dos deuses inexistentes, os "deuses do nada". Mudaram sua lealdade de Yahweh para as abominações, provocando sofrimentos que podiam ter evitado. Parte da filosofia da história de Israel deve-se a esta crença firme: o que Israel sofreu durante o curso de sua existência dependeu, em parte, da rebelião do povo no Egito e no deserto. Somente as misericórdias de Deus salvaram a nação naquele tempo. O *Pacto Abraâmico* não foi anulado somente porque *Yahweh* preservou e, ao longo do caminho, repetidamente, restaurou o povo rebelde. Cf. Eze. 16.3,19, que confirmam que Israel era uma nação idólatra no Egito, isto é, no início de sua existência como nação.

A Apostasia no Deserto (20.9-26)

20.9

O que fiz, porém, foi por amor do meu nome. Prosseguindo com a história de Israel, chegamos ao deserto. Vemos as coisas piorando a cada ano que passa. O amor divino não permitiu que nenhum julgamento *fatal* caísse, mas muitos julgamentos e sofrimentos castigaram o povo rebelde. O *nome* de Yahweh estava em jogo. Fora Ele quem criara e confirmara o *Pacto Abraâmico*. Era o cosignatário do Pacto. Seu nome não podia ser profanado entre as nações. Ele havia libertado Israel do Egito e o protegera no deserto, a despeito de suas inumeráveis infrações e abominações. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Nome,* e ver também Sal. 31.3. Ver sobre *Santo Nome,* em Sal. 30.4 e 33.21. O *nome* representa a pessoa e suas qualidades e atributos. O ato de *pronunciar* o nome Yahweh, para o hebreu devoto, significava a capacidade de realizar praticamente qualquer façanha. Cf. os vss. 14 e 22, que são essencialmente iguais ao presente versículo.

Cf. Êxo. 32.12; Deu. 9.28 e 32.27-28.

"Eu os agüentei, e não os castiguei fatalmente, para que as nações não pensassem que *quebrei* as promessas que fiz a eles, ou que não tivesse o poder para realizá-las" (Adam Clarke, *in loc.*).

20.10

Tirei-os da terra do Egito e os levei para o deserto. A despeito de suas falhas horrorosas, Yahweh tirou Seu povo do Egito e, gentilmente, o dirigiu no deserto, onde começou a *segunda fase* da história de Israel. Aquele povo enfrentaria nova série de provações e tentações e seria totalmente aniquilado sem a presença de Yahweh. Este período incluiu as vagueações no deserto, a doação da lei, o estabelecimento do tabernáculo e do culto de Yahweh e um pacto legal (ver as notas sobre o *Pacto Mosaico* na introdução a Êxo. 19).

Eles obtiveram libertação de *maneira espetacular*. Foram guiados de *maneira milagrosa;* foram preservados no meio de forças destrutivas poderosas. Mesmo assim, abandonaram repetidamente Yahweh e Seu culto, e caíram na descrença e nas abominações dos pagãos.

20.11

Dei-lhes os meus estatutos. A lei de Moisés foi dada para fazer de Israel-Judá um povo *distinto* (Deu. 4.4-8). Todas as provisões exigiram obediência aos estatutos (mandamentos) e às prescrições (observações rituais, cerimoniais). Toda a lei era altamente moral para os judeus. Ver a designação *tríplice* da lei, em Deu. 6.1. O Targum menciona que a lei *dá vida* (ver Deu. 4.1; 5.22; 6.2; Eze. 20.11). O Targum assegura que isto é válido tanto para a vida física como para a vida eterna. Originalmente, no Pentateuco, a *vida* era longa e próspera, evitando a morte prematura, que tanto assustava a mentalidade hebraica. Somente nos Salmos e Profetas, a idéia da existência e sobrevivência da alma começou a entrar. Não sabemos até que ponto a teologia de Ezequiel chegou. Cf. Deu. 30.15-20. Ver os artigos chamados *Imortalidade* e *Alma,* no *Dicionário* e, também, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

20.12

Também lhes dei os meus sábados. O *sábado* era o *sinal* do *Pacto Mosaico* (anotado na introdução a Êxo. 19). O povo de Israel era *santificado* pela lei, de modo geral, e especificamente pela observação do sábado. Cf. Êxo. 31.13-17. O sábado era consagrado e, com ele, também o povo. Ver Lev. 20.8; Jer. 17.19-27. Nenhum pacto do Senhor podia funcionar sem um povo santificado; por sua vez, o povo exigiu um dia da semana para uma observação especial do culto a Yahweh. Ver Eze. 23.38; Nee. 13.17-18. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sábado*, para maiores detalhes. A observação do sábado fazia parte dos dez mandamentos originais (Êxo. 20.8). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Dez Mandamentos.*

Para que soubessem que eu sou o Senhor que os santifica. Este versículo enfatiza que Yahweh se torna conhecido quando Seu povo é santificado e pratica Seu culto. Yahweh tornou-se *conhecido* universalmente através de Seus julgamentos e restaurações subseqüentes. Ver este assunto anotado na última parte da exposição do vs. 26.

MUGIDOS E BALIDOS INSENSATOS

Que mugidos e balidos insensatos são esses?
Quem trouxe esses touros ruidosos
E essas cabras berradoras
Até a porta do santuário?
A esta porta do santuário de minha alma?

Que ruídos estranhos são esses que
Desviam a minha mente dos céus?

Os prazeres mundanos, sua fama, suas vantagens
São apenas touros ruidosos e cabras berradoras;
Ruidosos e fedorentos, exigem admissão,
Saltitando loquazmente à porta,
A presença fragrante de Deus e do bem
Não tardarão a dissipar.

Russel Norman Champlin

OS DEVERES E A REBELIÃO

Dei-lhes os meus estatutos, e lhes fiz conhecer os meus juízos, os quais cumprindo-os o homem viverá por eles.

...

Mas a casa de Israel se rebelou contra mim no deserto, não andando nos meus estatutos e rejeitando os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles; e profanaram grandamente os meus sábados. Então eu disse que derramaria sobre eles o meu furor no deserto, para os consumir.

Ezequiel 20.11,13

20.13

A casa de Israel se rebelou. Os estatutos e prescrições (vs. 11), que tinham a função de dar vida, não foram obedecidos, e a morte nacional foi o resultado do ultraje. A *rebelião* "quebrou as costas" da lei que dá vida. Os rebeldes chegaram ao absurdo de "detestar" a própria lei e as tradições antigas. Eles *poluíram* o culto a Yahweh com a adoção da idolatria dos pagãos. Violaram o *sinal* que os separava das demais nações, não observando o sábado. No deserto, rebelaram-se contra tudo o que o yahwismo simbolizava. Ver Êxo. 32.1-25; Núm. 11.1-3; 12.1-16; 14.1-45; 16.1-50; 21.4-9; Lev. 10.1-2. Adoraram o ridículo ídolo do bezerro de ouro e os deuses pagãos em Sitim (Núm. 25.1-15). O trecho de Sal. 106.6-39 elabora o assunto da rebelião de Israel e sua idolatria pagã. Jer. 2.1-3 descreve as vagueações no deserto como um tempo de lealdade a Yahweh, mas esse texto está em oposição ao registro histórico.

Meu furor. A ira de Yahweh se excitou contra os rebeldes, mas a misericórdia e o amor de Deus não permitiram nenhuma destruição aniquiladora. O ataque babilônico foi terrível e quase total. Ver a violação do sábado durante o tempo das vagueações, em Êxo. 16.27 e Núm. 15.32. Ver a *fúria* do Senhor, em Êxo. 16.27; 32.10 e Núm. 15.12,32.

20.14

O que fiz, porém, foi por amor do meu nome. Este versículo repete os sentimentos do vs. 9: o *Nome* de Yahweh tinha de ser *honrado* perante todas as nações, e não ridicularizado e profanado, o que aconteceria se Israel tivesse sofrido uma queda fatal e definitiva no deserto. A mão do julgamento não provocou uma queda fatal. Era a mesma mão que libertou o povo do Egito, operando outra maravilha. O *Nome* tirou o povo do Egito. O *Nome* representa tudo o que uma pessoa é, com suas características e atributos. Ver no *Dicionário* esse título.

Uma demonstração de poder e misericórdia se manifestou no deserto, mostrando que Yahweh não tinha a fraqueza de não cumprir Seus propósitos e promessas. Ele era *vindicado* pelos acontecimentos, agindo com sabedoria.

20.15

Levantei-lhes no deserto a minha mão. Ver esta expressão comentada no vs. 6. O autor emprega um *antropomorfismo* (ver a respeito no *Dicionário*), ao falar de Deus como falaria de um homem, atribuindo-Lhe emoções e ações tipicamente humanas. Os homens, fazendo juramentos, levantaram a mão, em sinal da sinceridade das declarações feitas.

Jurei. Yahweh jurou que aquela geração apóstata não entraria na Terra Prometida, de leite e de mel, mas morreria miseravelmente no deserto. Somente Josué e Calebe entraram na Terra. Até Moisés, por causa do pecado (ver Núm. 20.12; Deu. 1.37; 3.23,26; 4.21), não entrou. Ver declarações semelhantes em Sal. 95.11 e 106.26. Cf. Heb. 3.11 e Núm. 14.23-30.

Mana leite e mel, coroa de todas as terras. Estas palavras são repetições do vs. 6, onde há as notas.

20.16

Rejeitaram os meus juízos. Este versículo repete, de forma abreviada, o vs. 13, onde dou as notas expositivas.

O seu coração andava após os seus ídolos. Aquele povo chegou a ponto de *dedicar-se* a formas pagãs de adoração, abandonando totalmente o culto ao Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Idolatria*. Os filhos de Abraão violaram o *Pacto Abraâmico*.

> *Porque o coração deles não era firme para com ele, nem foram fiéis à sua aliança.*
>
> (Salmo 78.37)

20.17

A Tentação Divina. Yahweh contemplou a *aniquilação* daquela geração apóstata. Mas, olhando para aquelas pessoas fracas e humildes, sentiu pena, a despeito de suas inumeráveis transgressões. Assim, Seu *olhar de ira* foi bloqueado e um julgamento fatal foi evitado. Muitas rebeliões se seguiram, porque nenhum ato de misericórdia impressionou aquele povo de coração duro. Mesmo assim, as apostasias foram corrigidas sem um julgamento aniquilador. A *longanimidade* de Deus sempre entrou no quadro para evitar o pior. Ver. Sal. 78.38 e Jer. 30.11. A *velha geração*, todavia, pereceu no deserto, mas sua posteridade avançou para a Terra Prometida. O propósito divino continuou, apesar das vagueações morais e espirituais do povo. A tolice humana não venceu a sabedoria de Deus. O *Pacto Abraâmico* continuava intacto.

20.18

Não andeis nos estatutos de vossos pais. A geração que nasceu e cresceu no deserto tinha a vantagem da posse da lei de Moisés e uma identificação com o culto a Yahweh, a despeito das falhas do povo em geral. Os filhos dos apóstatas receberam a palavra divina, com suas advertências severas contra uma imitação dos rebeldes. Seu *andar* tinha de ser diferente do "dos velhos". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar*. A lei governava qualquer andar correto, aplicando as exigências de seus estatutos e prescritos. A *contaminação* da idolatria era restritamente *proibida*. A entrada do paganismo arruinaria a nova geração, como havia arruinado a velha. Os jovens precisavam de uma nova atitude, baseada num novo coração, de onde um andar santo resultaria. Ver Pro. 4.23, para a *religião do coração.*

20.19

Eu sou o Senhor vosso Deus. *Yahweh-Elohim* (o Eterno, Todo-poderoso Deus) deu as ordens e direções que se basearam na lei de Moisés. Aquela lei guiava o homem na vereda certa, oferecendo violento contraste às poluições dos deuses falsos, cujos cultos corrompem a alma e aniquilam um andar correto.

> *De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem.*
>
> (Eclesiastes 12.13)

A Espiritualidade do Antigo Testamento. Obediência à lei, com coração sincero, no temor ao Senhor. Ver Pro. 1.7 e 4.23. Esta obediência resultaria *na vida* material e espiritual. Ver Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.11. A lei era o *guia* (Deu. 6.4 ss.), o fator que distinguia um homem de outro (Deu. 4.4-8).

> *Criai em vós coração novo e espírito novo; pois, por que morrereis, ó casa de Israel?*
>
> (Ezequiel 18.31)

20.20

Santificai os meus sábados, pois servirão de sinal entre mim e vós. Para a nação ser restaurada, o sábado tinha de ser observado com perfeição, segundo as direções da lei mosaica. Um povo distinto seria restaurado em Jerusalém, mais uma vez. A mentalidade hebraica fez da observação do sábado o *termômetro* da espiritualidade nacional.

Foi *Yahweh-Elohim* (o Eterno, Todo-poderoso Deus) quem deu a ordem. Note-se bem que este nome divino é o mais comum em Deuteronômio, o livro da repetição da lei. A obediência à lei seria a fonte de bênçãos divinas. Tendo o *sinal* de obediência, o povo supostamente observaria o restante da lei. Cf. Jer. 17.22. A negligência do sinal significaria a negligência do total. "Precisamos de um dia para o reconhecimento de Deus, a fim de que todos os dias possam ser consagrados a Ele" (E. L. Allen, *in loc.*).

Um Sábado Cristão? O domingo do cristão obviamente não é um sábado, porque esse povo não está sob a mesma lei. Mas um dia especial, embora não obrigatório, consolida a adoração da igreja. Um dia de comunhão e associação com outros na mesma fé tem uma função importante. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sábado*, onde, além de informações gerais, há uma discussão sobre o modo como o cristianismo se relaciona com o sábado.

Para que saibais que eu sou o Senhor vosso Deus. Yahweh é *conhecido* através de Seus julgamentos e restaurações. Ver as notas na última parte do vs. 26. Yahweh ficaria conhecido como o Deus do povo que guarda o sábado, isto é, um povo distinto, dedicado ao yahwismo.

20.21

Um Sumário. Este versículo sumaria os versículos imediatamente anteriores, não acrescentando nada de novo. Ver os vss. 11 e 13. De fato, é um tipo de remanejamento do vs. 13. Ver as notas sobre esse versículo. A lei ofereceu ao povo o *guia* espiritual, um livro de regras que governava a vida em todos os seus detalhes. O sábado era o sinal do livro-guia. Se o homem guarda o sábado, significa que está observando o restante da lei. Quando os hebreus andaram no caminho dos pagãos, naturalmente negligenciaram o sábado e toda a lei. Perderam sua *singularidade* entre as nações, tornando-se iguais a elas.

Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

(Romanos 12.2)

20.22

Outra Repetição. Este versículo repete as idéias essenciais dos vss. 9 e 14, onde há notas. A *mão* divina que operava em favor do povo tornou-se a mão de julgamento. Mas Yahweh não destruiria o Seu povo, apesar de ter anulado o propósito redentor do Pacto Abraâmico. Mesmo assim, julgamentos severos foram necessários, com o propósito de santificar e restaurar o povo. Yahweh agiu com misericórdia, não segundo os merecimentos dos rebeldes, que persistiram nos caminhos maldosos, a despeito de tudo.

Detive a minha mão, e o fiz por amor do meu nome, para que não fosse profanado diante das nações. A *reputação divina* não poderia ser deturpada. Os propósitos tinham de ser cumpridos.

20.23

Os julgamentos do povo reprovado, embora não-aniquiladores, eram adequadamente severos para ensinar lições importantes sobre o comportamento espiritual e as exigências de Yahweh. O povo rebelde pouco aprendeu, tema que os profetas repetem com consternação. O livro de Juízes descreve a síndrome da *apostasia-julgamento-restauração,* que aconteceu repetidamente naquele período da história de Israel. De certa maneira, a síndrome *era* a história daquele povo rebelde.

Jurei espalhá-los. Provavelmente, esta declaração é uma alusão ao cativeiro assírio do reino do norte, que acabou de vez com aquela nação. Estava prestes a acontecer outra dispersão, o cativeiro babilônico, que quase liquidaria de vez com o reino do sul (Judá). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Cativeiro Assírio* e *Cativeiro Babilônico*. No Pentateuco há referências proféticas àqueles cativeiros. Ver Lev. 26.23; Deu. 4.27 e 27.64. A dispersão era *um* dos muitos julgamentos de Yahweh contra os hebreus perversos. Houve outras manifestações da ira do Senhor.

20.24

Porque não executaram os meus juízos. *A Razão da Dispersão.* Este versículo repete o vs. 13 de forma mais abreviada, acrescentando uma declaração na segunda parte.

E os seus olhos se iam após os ídolos de seus pais. Os jovens perpetuaram a idolatria dos velhos, que, por sua vez, perpetuaram a idolatria *dos pais*. Combinaram-se numa nação, antiga e moderna, imitando os piores pagãos. O reino do norte foi totalmente perdido. O reino do sul enfrentava potencialmente o mesmo destino, tendo praticado os mesmos pecados. Não executaram os juízos, rejeitaram os estatutos, profanaram os sábados e fixaram seus olhos nos ídolos ridículos das nações vizinhas.

A rebelião perniciosa, que começou no Egito, persistia através da história daquele povo persistente no mal.

20.25

Pelo que também lhes dei estatutos que não eram bons. Agora vemos, com surpresa, *o próprio Yahweh* entregando aos apóstatas leis perversas e ordenanças malignas, para garantir sua morte! Também vemos o próprio Yahweh encorajando o povo a praticar coisas horrendas, típicas dos piores pagãos (vs. 26). Estes dois versículos deixam os intérpretes consternados, porque fazem de Yahweh a fonte da perversão. Diversas interpretações surgem: 1. Alguns intérpretes vêem aqui a velha doutrina hebraica de Deus como a *única causa*. Se não existem causas secundárias (como os homens de má vontade), então Deus é a causa do mal, não somente do bem. A despeito deste fato óbvio, esta doutrina persistia entre os hebreus. A teologia deles era fraca quanto a causas secundárias. Alguns versículos em Eclesiastes promovem abertamente a noção de Deus como a única causa. O calvinismo radical é culpado do mesmo erro. 2. Ou o versículo é *irônico*, declarando hipoteticamente coisas que o autor não esperava que seus leitores levassem ao pé da letra. 3. Ou o versículo fala da *vontade permissiva* de Deus. Os rebeldes atraíram sobre si a morte, caminhando na trilha da perversidade. Yahweh deixou-os continuar no caminho da destruição, pois era o que mereciam. A soberania de Deus retirou qualquer ação preventiva e, de certa maneira, *causou* a circunstância que prevaleceu. A vontade permissiva de Deus respeita o livre-arbítrio do homem, que é, de fato, uma causa do bem e do mal neste mundo. 4. Ou temos aqui um exemplo temível da *cegueira judicial* de Deus (ver este título no *Dicionário*). O povo, que recusava ver, ficou cego pela ordem de Yahweh, totalmente *incapaz* de modificar o comportamento que o levou à morte. Deus os entregou perversamente para sofrer o que eles tão ardentemente cultivaram. A *cegueira judicial* é uma aplicação radical da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

Juízos pelos quais não haviam de viver. Ao desobedecer à lei de Deus que dá vida (Deu. 4.1; Eze. 20.11), o povo terminou obedecendo às leis pagãs que produzem a morte. Os rebeldes foram entregues àquilo que tanto desejaram. Foram a *causa original* de sua miséria, sendo Yahweh a *causa confirmadora*.

Vida e Morte. Sobre os significados destas palavras em Ezequiel, ver as notas em Eze. 18.4.

A lei de Moisés era, de fato, um *agente da morte* (um conceito do Novo Testamento). Mas o presente contexto não tem nada que ver com essa idéia. Sobre este assunto, ver o capítulo 7 de Romanos, especialmente Rom. 7.9.

20.26

Dons sacrificiais. Ofertas para uma divindade deveriam ser positivas, mas os sacrifícios dos pagãos eram abominações. Israel, participando da idolatria, poluiu seu sistema de sacrifícios. O sagrado tornou-se imundo. As coisas pioraram ainda mais, quando Israel incorporou, ao seu culto, o sacrifício de crianças. Isto nos mostra o ponto radical a que a idolatria de Israel tinha chegado. Ver essa prática incrivelmente bárbara, em II Reis 21.6; II Crô. 28.3; 33.6; Jer. 32.35; Eze. 16.20-21 e Lev. 20.1-5.

O Sacrifício Original. O sacrifício original dos hebreus era o sacrifício simbólico do primogênito, a Yahweh, que era um *sacrifício vivo*, no espírito de Rom. 12.1:

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.

Ver Êxo. 13.2; 22.29 e 34.20. Por seus pecados inefáveis, Yahweh os fez *desolados* através dos dois cativeiros. O norte foi obliterado, e suas terras passaram às mãos de estrangeiros. Judá-Jerusalém ficou essencialmente desabitada. Ver Isa. 1.7; Jer. 10.22,25; Eze. 6.4,6.14.

Para horrorizá-los a fim de que soubessem que eu sou o Senhor. *Através das desolações*, o povo conheceria Yahweh como o Senhor que, na Sua soberania, controla o destino dos indivíduos e das nações; castigando o mal e recompensando o bem. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teísmo*. O teísmo bíblico ensina que o Criador não abandonou Sua criação, mas está presente para castigar ou recompensar, segundo os méritos dos homens. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*. A providência divina opera negativa e positivamente, sempre de acordo com a lei moral. A idéia de *conhecer o Senhor* ocorre 63 vezes neste livro, normalmente em conexão com seus julgamentos. Cf. Eze. 12.15 e contrastar com Eze. 16.62, onde o povo conhece Deus como o *Restaurador*.

As Apostasias em Canaã (20.27-29)

20.27

Cf. Eze. 6.13; 34.6; Deu. 12.2-3 e Jer. 3.6. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno), que tem autoridade sobre todas as coisas, e cuja vontade determina os acontecimentos terrestres, ordena ao profeta entregar uma mensagem de *condenação*.

Os pais profanaram o nome de Yahweh e desprezaram Suas leis. Adotaram as práticas nojentas de seus vizinhos e praticaram todo o tipo de abominação. O autor dá uma lista representativa de suas práticas maléficas. Estas maldades foram praticadas pelo povo, antes de sua entrada na Terra. Chegando em Canaã, as coisas pioraram e a apostasia cresceu. No Egito, nas vagueações no deserto, e, finalmente, na Terra Prometida, Israel tornou-se cada vez pior, abandonando as velhas tradições e a lei mosaica. O povo ganhou um *novo lugar*, mas não um *novo coração*. De fato, corromperam seu novo lugar com o velho e profano coração. Os vss. 27-29 falam abreviadamente do período da conquista da terra até o tempo dos reis dos dois reinos. Este foi o quarto período que o profeta descreveu no seu longo discurso sobre as apostasias de Israel-Judá.

20.28

O Poder e a Graça de Yahweh. Somente estes dois fatores, trabalhando juntos, poderiam ter trazido os rebeldes para a Terra Prometida, fornecendo-lhes benefícios sem-fim. Yahweh agiu para cumprir Sua parte do Pacto Abraâmico, mas Israel sempre negligenciou sua parte. Ver as notas sobre este pacto em Gên. 15.18.

Chegando à terra, quase imediatamente, Israel começou a oferecer sacrifícios aos deuses sem vida, nos *Lugares Altos* (ver a respeito no *Dicionário*) e em outros lugares. Perto do fim, até o próprio templo tornou-se um lugar de cultos pagãos. Ofereceram sacrifícios perante *árvores sagradas;* queimaram *incenso*; praticaram a prostituição "sagrada"; apresentaram libações a um número incalculável de deuses. No seu sincretismo doentio, incorporaram Yahweh ao seu panteão. O culto a Yahweh ficara limitado e, finalmente, fora suplantado. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Sacrifícios e Ofertas.*

Árvores Sagradas. Os antigos do Oriente acreditavam que as árvores eram praticamente divinas e lugares ideais para cultos religiosos. As árvores apontam para o céu, como o pináculo de um templo. Heródoto (*Euterpe.* 1,2c,138) informa sobre o respeito exagerado que eles tinham pelas árvores, especialmente certos tipos nobres, como o cedro e o carvalho. O templo de Diana, em Bubastis, no Egito, foi localizado em um lindo bosque de árvores. O homem, segundo Heródoto, poderia sentir ali a presença dos deuses. Ele falou das *árvores que se estendem para o céu.*

20.29

Que alto é este, aonde vós ides? Yahweh, em tom acusador, questionava o povo sobre os lugares altos que eles freqüentavam. Um daqueles lugares era chamado *Bamá,* que significa "lugar alto". Mas a origem da palavra parece significar "alguém que entra", um eufemismo para o ato sexual. Cultos orgiásticos foram praticados em tais lugares, como o nome sugere. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Bamá.*

Yahweh Recusa Dar uma Consulta (20.30-31)

O Senhor recusou que o povo O consultasse por causa de inúmeras poluições e ultrajes espirituais (vs. 31). Os líderes, entre outros, sofrendo problemas, como a ameaça da invasão da Babilônia, queriam respostas (oráculos) no culto a Yahweh, através de profetas ou sacerdotes, inclusive Ezequiel. Ver o vs. 3. Os líderes apóstatas procuravam por um novo dia, mas sem arrependimento. Queriam o favor de Yahweh, sem, contudo, agradá-Lo. Supostamente, o vs. 30 nos leva ao vs. 3, ou pode estar referindo-se a qualquer um que quisesse informação através dos oráculos de Yahweh.

20.30

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) tinha pronunciado um decreto contra os pecadores apóstatas. Assim, na hora de sua provação, eles não encontrariam o Soberano para os socorrer. Nenhuma palavra encorajadora sairia do culto de Yahweh, a respeito de Seus altares, templo ou outros lugares sagrados.

Contaminai-vos a vós mesmos...? Aqueles reprovados não tinham imaginação. Simplesmente copiaram os cultos pagãos e introduziram parte do culto a Yahweh. A mistura era nojenta para o Senhor. No Egito, copiaram as idolatrias egípcias; no deserto, levaram seus deuses e acrescentaram outros que encontraram ao longo de suas vagueações. Cada nova localidade trazia outras abominações.

Prostituís. É como diz a versão portuguesa; a RSV dá "vaguearam". Mas a palavra hebraica assim traduzida pode ter a idéia de girar para aquilo que é *poluído,* com tons sexuais. Provavelmente, está em vista a prostituição sagrada, embora não exclusivamente.

Os vss. 30-32 constituem o *quinto* e último período histórico que o autor examina, encontrando, em cada um, transgressões numerosas de Israel. O povo foi "infiel" (NCV) do início até o fim.

20.31

Ao oferecerdes os vossos dons sacrificiais... O pecador, imerso na sua idolatria-adultério-apostasia, não podia esperar que Yahweh ouvisse suas petições e aliviasse seus sofrimentos autocausados. Eles estavam praticando os males mais perversos, inclusive o sacrifício de suas próprias crianças, no fogo, para satisfazer a cobiça de deuses-do-nada. *Três atos* sumariam suas iniqüidades: 1. *Sacrifícios de crianças* (ver o vs. 26 para detalhes). 2. *Dons de sacrifícios* (ver o vs. 26). Os dons principais ofertados aos ídolos foram suas próprias crianças. 3. *Idolatria ampla,* que incorporou muitos deuses (diversos versículos deste capítulo; ver o vs. 28). Estes pecados foram representantes de muitos que o autor não se preocupou em listar. Yahweh os abandonou para que fossem julgados a fim de terminar com aquela história desgostosa e intolerável. Yahweh não ouviu mais suas orações. Tinha uma única mensagem para comunicar: julgamento.

A Purificação de Israel (20.32-39)

20.32

Dizeis: Seremos como as nações... servindo ao pau e à pedra. Aquele povo depravado quis ser, desesperadamente, como as outras nações. Não tinha paciência para com o fato de ser distinto delas (ver Eze. 4.4-8). Seu jogo idólatra foi interrompido pelo poder de Yahweh, cujos julgamentos efetuariam (idealmente) uma purificação. O povo se tornara pagão, porém esta seria uma condição temporária. As condições do Pacto Abraâmico seriam restabelecidas (ver Gên. 15.18). Tudo isto aconteceria pelo ato soberano de Yahweh, porque a iniciativa nunca sairia do povo. Ver o vs. 33. O Senhor acabaria com sua tentativa de assemelhar-se a outras nações (cf. Eze. 25.8-11 e Jer. 10.2). *Adonai-Yahweh* cansou-se daquela atitude ridícula e agiu com mão pesada para efetuar mudanças.

20.33

Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus... hei de reinar sobre vós. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno) fez um juramento por Sua própria vida, um juramento certo, poderoso, efetivo. Sua soberania governaria o povo, em termos absolutos, afinal. Israel, segundo a vontade divina, deveria ser uma nação distinta das demais que haviam mergulhado na idolatria.

Mão forte, com braço estendido. o instrumento do Senhor para cumprir seus propósitos. Ver sobre *mão,* em Sal. 88.14, e sobre *mão direita,* em Sal. 20.6. A mão representa *os meios* de ação. Sua mão age e Seus julgamentos rugem. Yahweh seria o rei de um povo distinto dos demais, Israel gostando ou não.

Sua *poderosa mão* e seu *braço estendido* levaram Israel para fora do Egito (Deu. 5.15; 7.19; 11.2; Sal 136.13), de forma suficientemente poderosa para efetuar o plano de redenção, depois do cativeiro babilônico, e no dia escatológico. A ira de Deus seria seguida pela restauração. A ira restaura, não meramente retribui. Disciplina e libertação foram as palavras do dia.

20.34

Tirar-vos-ei dentre os povos. Os desastres de Israel foram autoprovocados. A restauração seria promovida por Deus. Todos os julgamentos de Deus são restauradores, não meramente retributivos. O reconhecimento do povo seria *através* da ira, como deixa claro este versículo. Provavelmente o versículo é escatológico, olhando além da restauração do remanescente do cativeiro babilônico, para a restauração de Israel no reino de deus (no milênio?). Este versículo é deuteronômico. Cf. Deu. 5.15; 7.19; 26.8; Jer. 21.5; 27.5; 32.21. A assimilação de Israel com as nações pagãs deve terminar em algum lugar, em algum tempo. O Israel deve ser o agente para ensinar e guiar as outras nações, conduzindo-as para a adoração e glorificação de Yahweh. Este versículo descreve um *novo êxodo,* que exigirá a operação da mão divina, como foi o caso no primeiro êxodo.

> *A terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.*
>
> (Isaías 11.9)

20.35

Entrarei em juízo convosco. Somente uma nação preparada, disciplinada e purificada poderia cumprir o papel que Yahweh tinha reservado para Israel. Aquele povo deveria passar primeiro pelo deserto de sofrimentos e angústias. O decreto de Yahweh operava para efetuar aquele propósito. A alusão é ao deserto sírio-árabe, mas provavelmente há também uma referência à *diáspora.* Realizar-se-á um *segundo êxodo,* depois das vagueações de Israel entre as nações do mundo.

Cf. Isa. 11.15-16; Osé. 2.14-16, que vêm do mesmo período histórico dos escritos de Ezequiel. A *diáspora* (ver a respeito no *Dicionário*) aconteceu (nos seus primeiros passos) na Babilônia, no Egito, em Amom e Moabe. Houve restauração depois do cativeiro babilônico, mas os romanos (132 D. C.) efetuaram a maior de todas, que está sendo revertida somente nos nossos próprios dias. Em tais diásporas, Yahweh implora para que Seu povo abandone as causas de seus sofrimentos. Também face a face Ele julga. O arrependimento significa restauração, mas o coração de pedra não é capaz de ouvir qualquer apelo.

A Corte Divina. Este versículo se baseia na metáfora da corte. Yahweh é o Advogado de prossecução e também o Juiz que decidirá a sentença para o culpado. Uma antiga decisão do Juiz era mandar Judá apóstata para a Babilônia, através de três deportações (Jer. 52.28). Mas a deportação de Roma seria *universal* e muito duradoura.

20.36

A Mistura de Acontecimentos Históricos. O Egito é representado como um deserto onde Yahweh entrou em juízo com Seu povo. Historicamente falando, a

vagueação no deserto veio *depois* da libertação do Egito. De certa maneira, o povo, tanto no Egito quanto fora dele, vagueava no deserto. Houve *deserto no Egito* e fora dele. Israel tornou-se um povo do deserto. As experiências do deserto resultaram das perversidades do povo. O deserto do Egito tornou-se um tipo do deserto da Babilônia, onde Israel sofreu outro cativeiro. O pior de todos se seguiria, o do império romano. Em todas essas experiências, Yahweh implorou para que o povo abandonasse as causas de seus sofrimentos.

Na tristeza vagueava, meu espírito oprimido,
Uma alma em desespero, nas baixadas de conflito.
Mas agora, ando com o Rei, aleluia!
Não vagueio mais; minha alma está em casa.
Ando e falo com o Rei.

(James Rowe)

20.37

Far-vos-ei passar debaixo do meu cajado, e vos sujeitarei à disciplina da aliança. A vara de punição é também a vara do Pastor. As ovelhas passaram sob aquela vara para serem contadas (Jer. 33.13). Cada uma que passava pertencia ao Pastor. O Grande Pastor, embora punisse severamente as ovelhas teimosas, também as amava e protegia. O autor emprega outra metáfora: *a aliança,* que pode referir-se especificamente ao Pacto Abraâmico (Gên. 15.17) ou a todos os *pactos* (ver a respeito no *Dicionário*). De qualquer modo, as ovelhas devem sujeitar-se às condições de disciplina e lealdade exigidas pelos pactos.

Adonai-Yahweh (o Soberano Eterno) fala, e Sua palavra é garantida; Ele determinará o destino de Israel sob Suas condições, não sob as condições inventadas pelos homens. Ele é soberano para julgar e para restaurar. O siríaco tem "a disciplina do pacto". Ver a *vara de contagem,* em Lev. 27.32 e Jer. 33.13. "Se quiser ou não, será contado como meu, e será sujeito à minha disciplina, para que, afinal, seja salvo como um povo escolhido (Miq. 7.14; cf. João 10.27-29)" (Fausset, *in loc.*) "... selecionado e constituído o povo dos pactos, o povo de Deus" (Ellicott, *in loc.*).

A Septuaginta tem: "Entrarei em julgamento contigo" (deixando fora a menção aos pactos). Alguns intérpretes supõem que esta tradução represente o original.

20.38

Separarei dentre vós os rebeldes. O Pastor divino separa as ovelhas desejadas das não desejadas, utilizando sua vara-cajado. Às ovelhas irrecuperáveis (perdidas na apostasia) não seria permitido retornar a Jerusalém para participar da restauração. Um pequeno remanescente voltaria, disciplinado e recuperado. O povo reconheceria quem é Yahweh, por Sua ação de separação.

Não entrarão na terra de Israel; e sabereis que eu sou o Senhor. A expressão "conhecer o Senhor" ocorre 63 vezes neste livro, normalmente associada à idéia de julgamento de Deus. Às vezes, porém, a associação se faz com a idéia de restauração. Esta expressão é usada seis vezes neste capítulo: vss. 12,20,26,38,42 e 44.

20.39

Assim diz o Senhor Deus. Novamente é usado o nome divino, *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus). Na Sua soberania, Ele decreta o que deve acontecer. Faz um juramento garantindo a realização de Sua vontade. O povo poluído não pode ficar assim interminavelmente. Os bons serão separados dos maus. Haverá uma restauração dos obedientes.

Não me quereis ouvir; mas não profaneis o meu santo nome com as vossas dádivas e com os vossos ídolos. *O Reverso Prometido.* Este versículo é semelhante ao vs. 25, onde há interpretações mais detalhadas. O próprio Yahweh dá ordem aos rebeldes para que continuem poluindo-se com a idolatria dos pagãos. Aquelas depravações, todavia, não escreveriam o último capítulo da história de Israel. O autor divino tinha outros planos. O fogo do alto pegaria os idólatras, no meio de seus cultos ímpios, e queimaria suas corrupções. Haveria uma purificação, sendo a ira de Yahweh o instrumento da restauração. O *santo nome* não seria profanado indefinidamente.

Lava-me por fora e por dentro; purifica-me com fogo, se for necessário. Aplica qualquer medida para fazer o pecado morrer em mim.

(W. Chalmers Smith)

20.40

No meu santo monte, no monte alto de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sião.* Jerusalém servirá para *unificar* o culto a Yahweh num só lugar santo, evitando a pluralidade contaminadora. Cf. Eze. 28.14; Deu. 9.16,20; 11.45; Isa. 11.9; 56.7; 65.25; Joel 2.1; 3.17; Oba. 16.

Toda a casa de Israel me servirá. *A Reconquista.* Quando Yahweh exercer Seus poderes, tomará possessão do território conquistado pelo inimigo. Recolocará Seu culto nas montanhas, onde os apóstatas adoraram ídolos mortos e vazios de significado. Cf. o vs. 28. Mais especificamente, fará um Sião restaurado substituir todos os outros lugares, alegadamente sagrados. Israel-Judá O servirá e trará a Ele dádivas e sacrifícios, honrando o Seu culto. Ver os vss. 31 e 39.

Toda a casa de Israel. A expressão indica: 1. O novo Israel, Judá restaurado depois do cativeiro babilônico. O pequeno remanescente tornar-se-á o Novo Israel, extremamente fraco, humilde, mas viável como núcleo de uma nova nação. 2. Ou está em vista o Israel do Reino do Messias, uma realização ainda futura. Cf. Eze. 2.3 e 4.3.

Requererei as vossas ofertas. Elas servirão como parte do sistema de sacrifícios, do culto a Yahweh, e para o sustento da casta sacerdotal. Ver Eze. 45.1 e 48.8-10. Talvez também possa haver aqui uma alusão à porção de Yahweh, o sangue e a gordura. Ver Lev. 22.12 e Núm. 6.9. Este versículo afirma que o culto, em todas as suas características, será restaurado. Os cultos pagãos se perderão absolutamente. Alguns intérpretes vêem aqui a realização do milênio. Os mais radicais supõem que o sistema de sacrifícios será restaurado nesse tempo, quando um Novo Judaísmo surgirá. Não haverá restauração do sacrifício de animais, idéia à qual o Novo Testamento é totalmente contrário.

20.41

Agradar-me-ei de vós. Aquele povo tornar-se-á um sacrifício agradável para Yahweh. Terá o *aroma suave* que a carne produz quando está sendo cozida. Ver sobre *aroma agradável* em Lev. 1.9; 29.18. O autor emprega uma figura antropomórfica bastante crua, mas utilizada com freqüência no Antigo testamento. Deus inala o cheiro da carne sendo cozida e sente uma satisfação como a de um homem faminto. A carne cozida era comida pelos sacerdotes e convidados, que realizavam uma festa depois da formalidade dos sacrifícios. Todos esses sacrifícios (menos os holocaustos) foram ocasiões de refeições comunitárias. Os textos do Antigo Testamento sempre representam Yahweh como participante destas refeições, recebendo a melhor parte, o sangue e a gordura (ver as leis sobre o sangue e a gordura em Lev. 3.17).

Israel pode ser um sacrifício para Yahweh, se for *purificado.* Yahweh não aceita ofertas podres e malcheirosas. Empregando esta metáfora, o autor fala da necessidade do arrependimento e da restauração do país ao yahwismo.

Aroma suave. Ver uma aplicação metafórica destas palavras no Novo Testamento, em Efé. 5.2; Fil. 4.18. A expressão fala da aceitação total do povo. Finalmente Israel, transformado, agradará a Deus.

Serei santificado em vós perante as nações. O sacrifício será um ato público. O povo, outrora poluído por idolatria, está purificado e torna-se um sacrifício agradável ao Senhor.

Apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é vosso culto racional.

(Romanos 12.1)

Este acontecimento notável se realizará somente quando Deus separar o Seu povo das nações, efetuando uma restauração, revertendo as dispersões. O Santo Deus receberá um santo povo, distinto das demais nações.

20.42

Sabereis que eu sou o Senhor. Em Eze. 16.62, "conhecer o Senhor" se associa a uma restauração, enquanto normalmente a associação se faz com o julgamento. Israel conhecerá Yahweh como um *Fiel Parceiro* nos pactos que serão realizados depois do cativeiro babilônico, na restauração que se seguirá, e no dia escatológico, quando todos os pactos alcançarão seus objetivos. O Juiz também é o Benfeitor. Ver o vs. 38. "Yahweh ser conhecido" inclui o reconhecimento de que Ele é o *Soberano* que determina o destino dos indivíduos e das nações. Haverá um *novo êxodo,* seguido pela *restauração* do dia escatológico, quando os planos de Deus, de todas as épocas, se consolidarão. Todas as nações verão a grande mudança histórica que estes acontecimentos iniciarão. Cf. Isa. 66.18 e Zac. 14.16-19.

O que acontece se realiza, porque o Senhor honra Seus juramentos feitos a Abraão. Ver sobre o *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18. E ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos.*

20.43

Tereis nojo de vós mesmos. O passado ímpio de Israel será uma vergonha para o povo restaurado. Os restaurados sentirão *nojo* de seu passado. O povo glorificado verá claramente a verdadeira natureza de seu passado podre, e sentirá nojo de si mesmo. Ver declarações similares em Eze. 6.9; 11.17-19; 16.61,63; 36.31 e 39.26-27.

> *Eles terão nojo de si mesmos, por causa dos males que fizeram em todas as suas abominações.*
>
> (Ezequiel 6.9)

A vergonha, entre outros fatores, levará Israel a um arrependimento sincero, que operará uma mudança radical não somente em Israel, mas também no mundo inteiro.

O pecado parece *odioso* quando colocado ao lado do amor perdoador de Deus. Ver Esd. 9.6,8 e Eze. 16.53.

> *Quem é um Deus que perdoa como Tu?*
> *Quem tem uma graça tão rica e livre como a Tua?*
> *Digo eu, quem tem uma graça tão rica e livre como a Tua?*
>
> (Samuel Davies)

"A humilhação de Judá (Nee. 9) é um tipo da penitência futura da nação inteira. Ver Osé. 5.16; 6.1; Zac. 12.10-14. A bondade de Deus, entendida pelo pecador, é a única força que guia ao verdadeiro arrependimento". Ver Osé. 3.5; Luc. 7.47-48" (Fausset, *in loc.*).

20.44

Sabereis que eu sou o Senhor. Ver no vs. 42 as notas expositivas sobre esta declaração, que ocorre seis vezes neste capítulo (vss. 12,20,26,42,44) e em um total de 63, no livro inteiro. Eze. 16.62 e o vs. 42 deste capítulo ligam a expressão à idéia de *restauração*: o povo reconhecerá a natureza graciosa de Deus, quando Ele os restaurar. O presente versículo associa a expressão com o fato de Yahweh ser o *Benfeitor* universal. Nota-se aqui que a graça de Deus supera os pecados e anula o julgamento. A graça opera por causa do *Nome* de Yahweh, que deve ser exaltado e honrado entre todas as nações. A obra se realiza a despeito dos muitos pecados do povo. Até os julgamentos aplicados eram restauradores, não meramente retributivos. As nações blasfemariam contra aquele Deus que destruiria Seu próprio povo, não procurando medidas para superar as dificuldades. Foi absolutamente necessário para Yahweh guardar Suas promessas, especialmente aquelas contidas nos pactos. Cf. os vss. 9 e 22 deste capítulo. Deus é amor (I João 4.8).

> *Que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça, que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos.*
>
> (II Timóteo 1.9)

Senhor Deus. *Adonai-Yahweh*, o Soberano Eterno Deus, no exercício de Sua soberania, garantiu a realização do propósito benéfico. Este título é usado 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Enfatiza a soberania de Deus, que opera através de julgamentos, mas também através de uma bondade eficaz. De qualquer maneira, no final o amor de Deus vencerá.

Nota Histórica. João Calvino, chegando a este versículo, nos seus comentários sobre o antigo Testamento, sofreu um ataque (derrame?). Foi colocado no seu leito, de noite, e não se recuperou. Hoje, dou graças a Deus, porque fui capacitado a comentar a Bíblia inteira, versículo por versículo, e terminei a obra ainda com boa saúde. De fato, terminei o trabalho sentindo-me tão forte como um touro.

Na Bíblia hebraica, o capítulo 20 termina aqui, e os outros versículos fazem parte do capítulo 21.

Oráculo contra o Sul (20.45-49)

20.45

Veio a mim a palavra do Senhor. A declaração padrão utilizada para iniciar novos trechos introduz a mensagem. Essa declaração lembra que foi Yahweh quem deu as mensagens, por inspiração, através de Seu profeta autorizado, Ezequiel.

Cinco mensagens se seguem, uma do capítulo 20 e quatro do capítulo 21. Judá, a nação do sul, receberá o que merece, um castigo de Yahweh administrado através do inimigo do norte (a Babilônia). O castigo chegará como um grande incêndio florestal. A destruição será por fogo e espada.

20.46

Volve o teu rosto para o Sul. Três palavras hebraicas indicam o sul: 1. *Temanah*, "o que está no seu *lado direito*, quando se olha para o oriente". Os orientais indicavam suas direções dando a face para o oriente. Quando esta palavra era usada na forma nominal (*Teman*), indicava uma cidade em Edom. *Teman* estava localizada ao *sul* de Judá, e o presente texto talvez aluda àquele lugar, mas o *sul* aqui é Judá-Jerusalém, o reino do sul. 2. *Darom*, termo usado para falar do *templo ideal* de Ezequiel. Ver Eze. 40.24,27-28,44-45; 41.11; 42.12-13,18. Esta palavra talvez fale do *vento* do sul. É de derivação incerta. 3. *Neguebe*, "o território do sul". O uso no presente versículo não é esse, mas lembra *o sul*. A raiz da palavra é *seco*, uma característica das terras ao sul de Jerusalém. O vs. 47 fala de *florestas* naquela área; talvez, essa palavra aluda aos *habitantes* de Jerusalém. De qualquer maneira, no tempo de Ezequiel, houve na Palestina muitas florestas, que não existem mais.

Os três "sul" (Judá) são ameaçados por ordens dadas ao profeta.

Volve o teu rosto. O profeta dirige seu rosto contra Judá-Jerusalém, com um *olhar zangado.*

Derrama as tuas palavras contra ele. Yahweh manda um *dilúvio* destrutivo contra aquele território. Lava vulcânica desce como um rio, sobre o lugar.

Profetiza contra o bosque. Finalmente, uma *profecia de condenação* é pronunciada contra o sul. O fogo da ira de Yahweh queimará o território todo. As palavras do profeta eram *fogosas*, aptas para destruir totalmente.

20.47

Dize ao bosque do Sul. A *floresta do sul* (o bosque do vs. 46), a terceira designação, provavelmente significa os *habitantes* de Judá-Jerusalém. Naturalmente, a referência poderia ser extensa o bastante para incluir as coisas materiais do sul, até os animais. *Tudo* existente naquele território estará sujeito a destruição devastadora. A *temível tríade* (ver em Eze. 5.12: espada, fome e pestilência) aniquilará tudo.

Um fogo que consumirá. A devastação varrerá o território como um incêndio florestal, devorando todas as árvores; queimando todas as coisas verdes; destruindo a agricultura e aniquilando os ímpios. As pessoas de todas as classes serão reduzidas a cinzas: os *jovens* (verde); os *prósperos* (verde); os *velhos* e pobres (seco); todos os *rostos* (pessoas) serão eliminados sem misericórdia.

Árvore verde... árvore seca... Estas palavras podem contrastar *classes* distintas de pessoas, mas em Eze. 21.3 elas aparentemente falam dos *justos* e dos *ímpios*.

... se queimarão todos os rostos. A palavra *rostos*, neste versículo, demonstra que a floresta significa essencialmente *seres humanos*. Enquanto a conflagração avança, haverá rostos de terror, de desespero, de confusão. Depois existirão somente rostos queimados. O fogo procederá com imparcialidade, queimando tudo no seu caminho. Cf. esta descrição com Eze. 21.3-4 e Luc. 23.31.

20.48

Todos os homens verão que eu, o Senhor, o acendi. O fogo que consumirá a *floresta do sul* é *divino*. Suas chamas serão vistas a grandes distâncias. Todos os vizinhos de Judá verão o incêndio e tremerão. A vontade de Yahweh terá acendido o fogo e jogado Judá-Jerusalém no meio dele, para ser o seu combustível. Somente o poder divino pode apagar as chamas. A terra inteira será consumida sem misericórdia, e quase todos os habitantes perecerão. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Fogo*, seções VII e VIII, que descrevem os usos metafóricos da palavra.

O fogo deste texto é tanto literal como figurativo. Como metáfora, fala da *tríade temível:* espada, fome e pestilência, os chicotes divinos usados para castigar os desobedientes. Ver as notas em Eze. 5.12. Yahweh garantirá a eficácia do ataque do exército da Babilônia e de outros fatores operarão contra os rebeldes.

20.49

Eles dizem de mim: Não é ele proferidor de parábolas? O povo, sentindo terror por causa da mensagem ameaçadora, escondeu seu temor com palavras zombeteiras: "Ele está somente falando sobre histórias inventadas" (NCV).

Recusaram ligar a mensagem com a vida deles, porque preferiam acreditar nos falsos profetas que não se cansavam de dizer: "Paz! Paz!" (*Jer.* 6.14; Eze. 13.10). "Voluntariamente fecharam os seus olhos. Deus retaliou, selando-os na sua escuridão" (Adam Clarke, *in loc.*). Acreditaram no que quiseram, para manter seu *status quo*. Acusaram o profeta de não falar claramente, usando sempre alegorias e parábolas para dificultar o entendimento. Mas a verdade é que eles se recusaram a acreditar na mensagem que era suficientemente clara.

O capítulo 21 evita qualquer linguagem figurada, falando diretamente, fortemente, até brutalmente, do destino amargo que esperava o povo. A aniquilação era iminente.

Capítulo Vinte e Um

As Quatro Mensagens da Espada (21.1-32)

"Tendo o povo recusado entender a mensagem de Ezequiel sobre o *fogo* no território do sul (20.45-49), ele transmitiu *quatro mensagens*, interpretando o que tinha falado anteriormente. Nestas mensagens, o profeta substituiu *fogo* por *espada*, e Neguebe tornou-se Judá e Jerusalém" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Os *capítulos 20-24* formam uma unidade. Ver informações sobre este arranjo, na introdução ao capítulo 20.

As Seções. 1. vss. 1-7; 2. vss. 8-17; 3. vss. 18-27; 4. vss. 28-32. Cada seção traz uma representação da espada com os seus simbolismos. O uso da espada é um *símile*, tal como o fogo, mas ninguém podia entender o que *aquela* palavra significava.

A Espada Tirada da Bainha (21.1-7)

21.1

Veio a mim a palavra do Senhor. Este primeiro versículo introduz os símiles da espada, com a declaração comum que apresenta novos materiais. A expressão é freqüentemente usada neste livro (três vezes neste capítulo: vss. 1,8,18) para indicar que a mensagem veio por inspiração de Yahweh e que Ezequiel era Seu profeta autorizado. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1 e 16.1.

21.2

Este versículo combina frases já vistas: 1. Yahweh fala com o profeta, utilizando seu título comum, "filho do homem" (ver as notas em Eze. 2.1). 2. O profeta recebeu a ordem para "volver (dirigir) seu rosto contra o sul (Jerusalém)". Ver Eze. 20.46. O profeta lançou um olhar severo contra o lugar da apostasia. *Jerusalém* substitui *sul*. 3. O profeta deve "deixar cair" uma palavra pesada sobre Jerusalém, como uma bomba aniquiladora. Esta metáfora substitui o "pregar" ou "profetizar", de Eze. 20.46-47. A expressão "terra de Israel" toma o lugar de "território do sul". É evidente, então, que a maioria das figuras de Eze. 20.46 é substituída com declarações diretas e claras, que todo o mundo entenderia sem necessidade de interpretação.

21.3

Eis que sou contra ti, e tirarei a minha espada da bainha. A espada tirada da bainha ameaça os ímpios do sul, isto é, o território do sul, agora designado "terra de Israel". Está em vista *Judá*, que se tornou Israel, depois do cativeiro assírio que liquidou o reino do norte (as dez tribos). Yahweh profere a mensagem temível da espada, olhando-os com fogo nos olhos, levantando Sua espada para cortá-los em pedaços. Seu fim seria iminente. Seguiriam o destino do norte. O exército babilônico era o instrumento da destruição; a espada simboliza o *fogo* de Eze. 20.46-49. Representa uma parte da *temível tríade*: espada, fome e pestilência (ver Eze. 5.12). A espada não respeitará pessoas; despedaçará tanto justos quanto ímpios, sem distinção. Os *poucos* justos cairão com os pecadores. Os intérpretes questionam a justiça desta ação indiscriminada. Condições desta natureza fazem parte do *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*): por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem? Guerras sempre trazem matança, e os inocentes caem junto com os impiedosos. Existem algumas respostas para o problema do sofrimento, mas muitos enigmas permanecem. Os *rostos* de Eze. 20.47 agora são *seres humanos*, assim a parábola cede à literalidade.

21.4

Hei de eliminar do meio de ti o justo e o perverso... desde o sul até ao norte. A espada não respeita classes e condições, nem distingue entre o bem e o mal. Golpeou a terra de norte a sul, porque a invasão babilônica começou no norte e desceu para o sul. O texto, todavia, reverte as designações direcionais.

O *dia do Senhor* chegou, e a devastação seria inexorável. Adam Clarke, *in loc.*, *conforta-se em relação à morte dos justos*, lembrando que, pela morte, o justo chega mais rapidamente à "glória". Esta declaração me faz lembrar de uma história que se originou num campo de batalha, durante a Primeira Guerra Mundial. Um soldado, com somente 19 anos de idade, foi atingido por uma bala. Sangrando, quase morto, implorava para que Deus lhe salvasse a vida. Afinal, tinha apenas 19 anos e queria viver. Assim, clamava e chorava a Deus. Mas morreu. Fez a viagem para o mundo de luz, escapando aos muitos sofrimentos que iria enfrentar. A misericórdia de Deus o salvou! Claro, falando do *Problema do Mal*, precisamos lembrar a dimensão eterna, a vida além-túmulo. Mesmo assim, enigmas permanecem no problema do sofrimento.

21.5

Saberão todos os homens que eu, o Senhor, tirei da bainha a minha espada. *O Resultado do Julgamento Universal.* Foi proporcionada uma dura lição sobre a justiça de Deus. Os homens aprenderam para onde o pecado os leva. Os rebeldes são esmagados. Todos *reconhecerão* Deus como o Juiz que é, que não tolera eternamente os abusos dos homens. "Conhecer Deus" é um tema que se repete 63 vezes neste livro, normalmente associado a castigos, como neste caso. Em Eze. 16.62 e 20.42 este "conhecer" se associa ao tema da *restauração*. A restauração, de qualquer modo, opera através de julgamentos que purificam. A espada de Yahweh ficará desembainhada até que a espantosa tarefa se complete. A espada, como o *fogo* de Eze. 20.48 (ver as notas), não será embainhada até terminar o seu trabalho. Isto significa que o exército babilônico não voltaria para seu país, até que executasse a nação inteira. Era a vontade irresistível de Deus.

21.6

À vista deles suspira de coração quebrantado e com amargura. Vendo aquela cena deplorável, o profeta começa a gritar, chorar, gemer e lamentar. Seus gritos e choros implicam que, afinal, o povo gritará e chorará. O profeta participa de antemão dos sofrimentos dos habitantes de Jerusalém. Seu coração está "partido" (RSV), em desespero amargo, não SE pode controlar e cai em lamentações ruidosas.

Coração. literalmente, no hebraico, *lombo*, a parte do corpo entre a última costela e o osso principal do quadril. Os hebreus falavam dessa parte do corpo como o lugar das forças do homem. Ela foi debilitada pelo sofrimento, e o profeta caiu em fraqueza total. Talvez haja uma alusão ao parto da mulher, no qual ela agoniza. "O lombo era considerado a sede das forças do homem (Jó 40.16) e, sendo quebrado, expressa prostração total. Cf. Sal. 66.1; 69.23; Isa. 21.3 e Nee. 1.10. A expressão 'todo coração desmaia' (vs. 7) é semelhante" (Ellicott, *in loc.*). Ver também Jer. 30.6.

21.7

O Significado da Encenação. O profeta tinha apresentado uma "parábola viva". O povo não entendeu e perguntou o "porquê" da peça teatral.

Por que suspiras tu? Por causa "das novas", a destruição iminente de Jerusalém; por causa do sofrimento que não poupará ninguém: 1. O coração deles derreterá, queimado pelo fogo divino. 2. Suas mãos se afrouxarão, totalmente inúteis (cf. Eze. 7.17). 3. Seus joelhos tornar-se-ão como água, literalmente, "giram água", por causa de sua fraqueza total provocada por temores e horrores. Cf. Eze. 7.17, onde temos a mesma expressão. 4. O ditado (profecia) é certo e irrefragável, porque foi pronunciado por *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus), que controla o destino dos homens e das nações. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Soberania de Deus*. Ver também sobre *Providência de Deus*, a qual, funcionando negativa e positivamente, governa tudo.

A Espada é Afiada (21.8-17)

Esta é a *segunda mensagem* sobre a espada de Yahweh. Ver as notas na introdução ao capítulo. Este oráculo é um tipo de *canção poética*, cujo tema é o julgamento. A espada afiada efetuará uma matança terrível.

21.8

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta é a declaração comum que introduz novos materiais. Ela fala sobre a inspiração divina da mensagem e afirma que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

21.9

A Urgência da Mensagem. Ezequiel deveria transmitir imediatamente as ordens, porque foram dadas pelo Senhor e Ele tinha urgência em iniciar a matança.

Profetiza, e dize. Yahweh manda; fala tudo; não retenhas nada; não tenhas misericórdia; o tempo é agora. A espada está afiada e polida, preparada para cumprir seu trabalho espantoso. Haverá guerra, fome e pestilência. O exército babilônico trará ondas de grande terror. Existirá somente uma lei, a da espada.

Nenhuma lei, senão a espada, desembainhada e descontrolada.

(Rudyard Kipling)

A matança caça suas vítimas em toda a terra; no meio da fúria e destruição, Deus trabalha. É a espada do Senhor (Deu. 32.41; Jer. 12.12).

21.10

Afiada para matança. A espada afiada corre para a matança; é polida e brilha ao sol, e, como relâmpago, mutila os habitantes de Jerusalém. É rápida e efetiva; não descansará enquanto não completar sua tarefa.

Não chore,
A velha violência não é tão velha
Que não possa gerar novos valores.

(Robinson Jeffers)

Israel diz: Alegremo-nos! O cetro do meu filho despreza qualquer outro pau. Talvez este trecho contenha algum tipo de confusão ou erro primitivo. Os intérpretes procuram deduzir o significado: deve comunicar alguma coisa como "Tu, Judá, não estás feliz com este castigo terrível. Mas, meu filho, Judá, tu não te modificastes, quando foste surrado somente com uma vara" (NCV). Julgamentos preliminares foram ineficazes, portanto, a *espada* de Yahweh avançou sobre os rebeldes.

Qualquer outro pau. "Toda árvore" (KJV); ou, "tudo com madeira". Estão em vista as *varas de disciplina* feitas de madeira, contrastando com espadas de metal. Tendo rejeitado a primeira, Judá recebeu outra. Mas alguns intérpretes acreditam que a figura é a de uma *espada* que corta *árvores* (isto é, os habitantes de Jerusalém). Cf. Eze. 20.47. As árvores verdes e secas (todas as classes sociais e os justos e os ímpios) serão massacradas.

21.11

Está afiada e polida. Yahweh preparou Sua espada com cuidado, afiando-a e polindo-a. Ficou pronta para efetuar o serviço. Yahweh coloca nas mãos de Nabucodonosor o instrumento de terror, e ele, por sua vez, o dá a seu exército. A *causa* do massacre era Yahweh, e a Babilônia, Seu instrumento. O Targum traz: "Ele deu a vingança para as mãos do rei da Babilônia". Cf. Apo. 19.15. O vs. 19 deste capítulo informa diretamente que o rei da Babilônia foi designado executor de Judá.

21.12

Grita e geme. Este versículo volta ao vs. 6: os gemidos e as lamentações proferidos pelo profeta, porque seu coração estava "partido". Agora, ele dá pancadas na *coxa*, um gesto de consternação e desespero. Todo o povo, inclusive os líderes, cairão juntos, numa *massa de carne mutilada*.

Coxa. Alguns traduzem *peito*, para fazer a declaração concordar com a expressão moderna. Cf. Jer. 31.19.

21.13

Qualquer tradução deste versículo é hipotética, já que o hebraico é obscuro e provavelmente corrupto.

Idéias. 1. O tempo da grande provação chegou; a espada ultrapassará a vara em muito (assim diz o KJV). 2. O que está por vir não será meramente um tempo de provação, mas uma *finalidade*. Houve muitos castigos; haverá uma só finalidade (assim diz a RSV). 3. A provação virá fatalmente, e Judá, detestada pelo exército da Babilônia, não durará muito (assim diz a NCV). 4. A *vara*, aqui, é o cetro de Israel que não agüentará o ataque e desaparecerá. A linhagem real, davídica, cessará.

Diz o Senhor Deus. Embora o significado do versículo seja duvidoso, é claro que *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) efetuará Sua vontade no massacre de Judá. Sua soberania determina o destino dos homens, indivíduos e nações. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

21.14

Bate com as palmas uma na outra. *Cumprimento das Profecias Amargas.* Yahweh ordenou a Ezequiel bater palmas. O barulho serviria de *sinal* para a matança começar. Aquele gesto era de raiva e daria início ao massacre. A ira de Yahweh não mais se conteve. Era a hora da queda de Judá. A espada existe para matar e golpeará uma, duas, *três vezes*, para garantir o massacre completo de praticamente todos os habitantes de Jerusalém. Os poucos sobreviventes serão levados à Babilônia, em *três* deportações (Jer. 52.28). O ataque babilônico chegará em ondas, cada uma mais temível que a outra.

Até aqueles que se esconderem, em câmaras secretas e cavernas nas colinas, serão descobertos e mortos. "Uma grande matança os cercará" (RSV). A versão portuguesa traz: *terror* cercando as vítimas, "rodeando-as". Cf. Jer. 52.5-6,12,30.

21.15

Para que desmaie o seu coração. Cf. o vs. 7 deste capítulo.

Ela foi feita para ser raio. *A espada* polida e brilhante se movimenta como o relâmpago, flamejando com cada golpe, derretendo corações e espalhando terror. Os invasores avançam através dos portões quebrados, em cima dos muros, através de buracos nos muros, correndo nas ruas e matando homens, mulheres, crianças e até animais, indiscriminadamente.

Está afiada para matar. A espada sendo "embrulhada" para a matança provavelmente significa "na mão do matador" que a utiliza. A NCV dá "segurada, pronta para matar". A Atualizada interpreta: "Está *afiada* para matar". Esta tradução segue o texto à *margem* da Bíblia hebraica. O Targum diz: "polida"; a RSV adota a leitura que exige uma emenda do texto.

21.16

Ó espada, vira-te com toda a força... para onde quer que o teu rosto se dirigir. O hebraico representa Yahweh falando com a espada, dando direções de como agir. Ela corta para a esquerda, para a direita, corta ao redor, com a maior facilidade, e parará somente quando não houver mais vítimas para destruir. O castigo de Deus determinou a matança dessa maneira.

Esquerda e *direita* podem significar *norte* e *sul*, quando alguém olha para o oriente. Ver Eze. 20.46. Isto significa que o massacre dominaria o país inteiro, de fronteira a fronteira. *Uma nação* estava sendo executada.

21.17

Também eu baterei as minhas palmas. Aqui Yahweh faz o gesto, enquanto no vs. 14 é o profeta que o emprega para dar o alarme que inicia a matança. A fúria do Senhor o inspira a bater palmas, como se estivesse golpeando as vítimas do massacre ou aplaudindo os instrumentos que efetuam a matança.

Desafogarei o meu furor. A fúria de Yahweh se satisfará somente quando o povo estiver quase aniquilado. Yahweh fez um juramento de destruição e o cumpriu. O *Targum* registra: "Eu trarei fúria sobre fúria". Cf. Eze. 5.13 e 16.42. A raiva divina estará desassossegada enquanto houver uma vítima viva. Adonai-Yahweh se satisfará com o sofrimento e a morte de Seu povo, um holocausto sobre o Seu altar!

A Espada da Babilônia contra Jerusalém (21.18-27)

Este é o *terceiro oráculo* sobre a espada. Ver a introdução ao capítulo para comentários a respeito das "parábolas da espada". A espada de Yahweh entra em ação drástica. Nabucodonosor está em dúvida sobre a quem atacará em seguida (vs. 21). Yahweh colocou a espada nas suas mãos e falou: "Vai atrás de Judá!". A ordem divina interveio, porque o rei da Babilônia estava empregando diversos modos de adivinhação para tomar sua decisão. A palavra de Yahweh aproveitou a situação e deu uma direção absoluta. O Senhor entrou no meio das adivinhações, obrigando-as a dar a indicação certa. Aprendemos, de novo, que *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) controla o destino dos homens e das nações.

21.18

Veio a mim a palavra do Senhor. Este versículo apresenta a declaração comum que introduz novas mensagens ou oráculos. Ela ensina que as mensagens foram dadas por inspiração divina e que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1 e 16.1.

21.19

Propõe dois caminhos. "Em ações simbólicas, o profeta demonstra que Deus guiou Nabucodonosor sobrenaturalmente para derrotar Jerusalém" (Charles H. Dyer, *in loc.*). O que parecia governado pelo acaso, ou pela decisão caprichosa

do rei (inspirada por adivinhações vazias), estava realmente sob o controle do Soberano. O *teísmo bíblico* ensina que Deus intervém na história dos homens; o Criador é também o Controlador. Governa segundo as Suas leis morais, castigando o mal e recompensando o bem. O *deísmo*, por contraste, ensina que a Força Criadora (pessoal ou impessoal) abandonou Sua criação, deixando-a ao controle das leis naturais. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teísmo* e *Deísmo*. Ver, também, *Providência de Deus* e *Soberania de Deus*.

Os dois caminhos começam na Babilônia, mas para Yahweh houve somente um pelo qual o rei poderia seguir: aquele que ia diretamente para Judá.

21.20

A Encruzilhada. Embora fosse o homem mais poderoso do mundo, Nabucodonosor, chegando à encruzilhada, não teria certeza de qual caminho seguir. Naquele ponto, precisaria da direção divina para prosseguir. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Um caminho ia na direção de Rabá, de Amom, e o outro para Jerusalém, em Judá. Jerusalém era muito fortificada, e esse fato pode ter influenciado o rei a ir na outra direção, levando a grande espada do Senhor, pronta para cometer genocídio. Tendo devastado Rabá ou Jerusalém, em outra ocasião, ele iria atrás da outra, mas Yahweh tinha pressa de acabar com Jerusalém e, assim, deu direções apropriadas para cumprir aquele propósito.

Rabá era a capital de Amom, moderna Amam, capital da Jordânia. Amom participava da aliança contra a Babilônia e seria um alvo natural. Ver Jer. 27.3. Anteriormente, a cidade (e país) tinha sido aliada da Babilônia (II Reis 24.2), mas antes de 589 mudou de lealdade.

21.21

O rei de Babilônia pára na encruzilhada. Para resolver o dilema, *três formas* de adivinhação foram empregadas: 1. Foram usadas *flechas*. Provavelmente eram colocadas dentro da aljava e, então, sacudidas. Cada uma continha uma mensagem escrita, e a flecha "puladora", com sua mensagem, determinaria a decisão. Ou, um general, com os olhos fechados, tiraria uma flecha da aljava com a mensagem. Os árabes utilizavam essa forma de adivinhação, à qual chamavam de *belomancia*. 2. Ou *terafins* (ver a respeito no *Dicionário*) foram utilizados. Não sabemos como a consulta dos ídolos era feita. Os ídolos em pauta eram pequenos como os que pessoas guardam em casa. As pessoas levavam consigo estes pequenos ídolos, esperando deles direção e proteção sobrenaturais. Ver Gên. 31.34. 3. Ou *fígados* de animais serviam como *agentes reveladores*. Esta forma de adivinhação, a qual os antigos do Oriente apreciavam, chama-se *hepatoscopia*. Muitos fígados-moldes têm sido encontrados pelos arqueólogos, ilustrando o assunto. As linhas e dobras tinham significados para os praticantes desta "arte", bem como as linhas e dobras em mãos humanas servem hoje à *quiromancia*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Adivinhação*.

21.22

Caiu-lhe o oráculo para a direita, sobre Jerusalém. *As Duas Direções*. No lado direito (sul) se situava Jerusalém; no lado esquerdo (norte), Amom. Ou o texto quer dizer que "dentro da mão direita veio a sorte" (NIV). Como ela chegou aí, o texto não explica. De qualquer maneira, as adivinhações foram feitas, e a sorte caiu sobre Jerusalém, a escolha absoluta. Presumivelmente as três formas (do vs. 21) indicavam a mesma coisa. A máquina de guerra da Babilônia foi preparada para a longa marcha, e logo Judá passaria para a história.

Com ordens de matar, para lançar gritos de guerra, para colocar os aríetes contra as portas, para levantar terraplenos, para edificar baluartes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Guerra*, que explica como os antigos conduziam aquele triste negócio e quais instrumentos empregavam. *A escolha foi feita*, e a máquina da guerra já descia a estrada para Jerusalém. Todas as preparações foram feitas; os espíritos de ódio acompanharam o exército. Sede de sangue já controlava a mente dos soldados.

O Comandante Sanguinário

Não é mau. Que toquem.
Que os canhões estrondem e os aviões bombardeiem,
Proferindo suas prodigiosas blasfêmias.
Não é mau, é chegado o tempo.
A violência ainda é do comandante para
Gerar valores neste mundo.
Quem se lembraria do rosto de Helena,
Se lhe faltasse o terrível halo de lanças?
...
Não choreis, deixai-os brincar,
A velha violência não é antiga demais
Para não poder gerar novos valores.

(Robinson Jeffers)

21.23

Possíveis Significados Deste Versículo. 1. Os babilônios ficaram surpresos com a escolha feita pelos modos diferentes de adivinhação. Duvidaram da escolha, mas, em obediência aos deuses, prosseguiram com o plano, esperando que estivessem fazendo o que era certo. Mas *Yahweh* garantiu-lhes que haviam escolhido bem e que Seu poder os ajudaria. 2. Ou os líderes de Judá-Jerusalém, que tinham feito alianças contra a Babilônia, acharam as adivinhações falsas. O próprio Yahweh garantiu que a decisão fora Dele e logo Seu castigo cairia sobre eles, por causa de muitos pecados. 3. Ou os juramentos feitos aqui se referem àqueles depois da primeira deportação. Zedequias e seus generais "quebraram a fé"; a ira de Yahweh estava pronta para puni-los, porque violaram o acordo de *não-agressão* que fizeram com a Babilônia. Talvez Zedequias e seus generais acreditassem que as adivinhações de Nabucodonosor fossem falsas; confortados por um falso senso de segurança, não procuraram a ajuda de Yahweh, arrependidos de sua idolatria-adultério-apostasia.

Os intérpretes e tradutores manuseiam o texto de maneiras diferentes, porque o hebraico é obscuro. A Atualizada escolhe a segunda possibilidade.

21.24

Visto que me fazeis lembrar da vossa iniqüidade... Yahweh não podia mais ignorar a condição lamentável daquele povo. "Seus velhos pecados, juntamente com os novos, contra Yahweh e contra o rei da Babilônia, entregariam Jerusalém às mãos do destruidor" (John Gill, *in loc.*). O *Targum* traz: "Será entregue às mãos do rei da Babilônia", que servia de chicote. Seu falso senso de segurança seria abalado. A matança seria muito grande e a pilhagem, completa. Os poucos sobreviventes seriam levados, em três deportações, para a Babilônia.

A espada os seguiria para continuar o massacre (Jer. 9.16; Eze. 12.14).

Iniqüidade... transgressões... pecados... Uma tríplice descrição procura expressar a *imensidade* da apostasia de Judá-Jerusalém. Nenhum arrependimento os salvaria. O dia da graça havia passado; o julgamento era iminente.

21.25

Ó profano e perverso, príncipe de Israel. A referência é a Zedequias, que violou seu juramento feito em nome de Yahweh. Quebrou o pacto de não-agressão que tinha feito com a Babilônia e que promovia uma aliança com o Egito, para acabar com a ameaça do norte. O *ímpio príncipe* provocou a destruição quase total de seu país. Houve três deportações, que se seguiram à onda de ataques que o exército babilônico lançou contra Jerusalém. "Zedequias é chamado *profano*, por ter quebrado seu juramento, e *perverso* por ter feito oposição a Yahweh e seu profeta" (Adam Clarke, *in loc.*). Um dia fora designado para a destruição daquele homem, e o decreto do Senhor não podia falhar. O dia da misericórdia tinha passado. Ver o vs. 29. A taça da iniqüidade estava cheia, e a retaliação divina era iminente e inevitável.

21.26

Tira o diadema, e remove a coroa. Zedequias perderia seu diadema e sua coroa, símbolos da autoridade real. Cf. estas palavras sobre o diadema com Lev. 8.9. Ver também Êxo. 28.37 e 29.6.

Será exaltado o humilde, e abatido o soberbo. Os líderes ricos e poderosos seriam humilhados; os humildes ganhariam poder e prestígio. Ver este tema anotado em Pro. 3.34. No *Novo Testamento Interpretado*, ver as notas sobre Luc. 1.15; Tia. 4.6 e I Ped. 3.5. Os orgulhosos e humildes são contrastados em Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 21.4 e 30.12.

O reverso descrito neste versículo supostamente aconteceu quando o pequeno e humilde remanescente voltou a Jerusalém, para começar o novo Israel. Os corpos dos poderosos e orgulhosos apodrecem no chão, numa humilhação final. Alguns intérpretes vêem aqui uma profecia do Reino do Messias, que reverterá tais fortunas. Ver Mat. 5.5 e Isa. 53.2.

21.27

Ruína! Ruína! A ruínas a reduzirei. *A ameaça*, repetida três vezes, é enfática. A palavra hebraica traduzida por ruína significa literalmente "derrubar" ou "reviravolta". Haverá total reverso de fortuna, de poder, de prestígio, de bem-estar; os fortes descerão; os fracos subirão. Depois do cativeiro, Jerusalém ressurgiria com nova liderança. Talvez a profecia seja escatológica, como supõem alguns intérpretes.

A ruína reinará, até que venha Aquele a quem pertence o direito de reinar. Cf. Zac. 9.9; Mat. 21.1-11; Apo. 19.11-16; "Cristo cumprirá as exigências da profecia

de Ezequiel. *Ele* será o Rei de Israel" (Charles H Dyer, *in loc.*). Cf. Gên. 49.10, outra profecia do Messias, de longo alcance.

O Amargo Destino dos Amonitas (21.28-32)

21.28

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) fala através de seu representante, Ezequiel. Esse título é usado 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Yahweh é o Deus que faz o que quer, cuja *soberania* determina o destino dos homens ou das nações. Ele age baseado em Sua lei moral. Os amonitas foram culpados de pecados grosseiros e se tornaram alvo da espada do Senhor.

Acerca dos filhos de Amom. A espada golpeará Judá primeiro, mas logo depois cortará Amom em pedaços. Seguirá a *outra* estrada (vs. 21). Comparar este oráculo contra Amom com Eze. 25.1-7. Ver também Jer. 49.1-6 e Sof. 2.8-11. "Como em Eze. 25.3,6, talvez haja aqui uma alusão aos eventos que cercaram a morte de Gedalias (Jer. 40.13-41.18). Note-se o papel que os amonitas desempenhavam no tempo de Neemias (Nee. 2.10,19; 13.1-3; 23.27)" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

A espada. Esta é a *quarta* profecia sobre a espada. Ver a introdução ao capítulo, para as outras, e os versículos que elas ocupam. Cada seção é uma apresentação separada sobre a espada e seus simbolismos.

A espada é descrita como antes (vss. 9-10): afiada e polida, preparada como uma arma temível e eficaz, que golpeia como o relâmpago. Ver as notas mais completas nos versículos citados anteriormente.

21.29

Falsos Profetas de Amom. Aqueles mentirosos agiram como seus contrapartes de Jerusalém. Pronunciaram falsos oráculos, prevendo "paz e prosperidade". Cf. Jer. 6.14; 8.11 e Eze. 13.10,16. A despeito de seu otimismo, a espada cairia sobre os profetas mentirosos e também sobre os tolos que acreditaram em seus oráculos ridículos. O dia da vingança se aproximava rapidamente. Adonai-Yahweh (o Soberano Eterno Deus) governava todas as nações, não meramente Israel, chamado o *Seu povo*. O mundo inteiro é o povo de Deus, responsável perante Ele. Cf. Jer. 27.3,9.

21.30

Torna a tua espada à sua bainha. Este versículo é bastante obscuro no hebraico, dando licença para os intérpretes inventarem possíveis explicações: 1. Aquele que recebe a ordem para colocar sua espada de volta na bainha é *Nabucodonosor*. Ele completara seu "serviço" em Amom, cometendo genocídio, e voltara à Babilônia. Lá sofreu um período de insanidade, deixando o "serviço ativo" por algum tempo. Outros tiranos continuaram as suas matanças. Ver Dan. 4.22. 2. Ou devemos entender a expressão como uma pergunta: "Será que vou mandar o matador embainhar sua espada?". A resposta é um retumbante *Não!* Amom será julgada *a la Jerusalém*, sendo quase aniquilada. A espada cortará *Zoar* em pedaços.

No lugar em que foste formado, na terra do teu nascimento, te julgarei. O pai de Amom nasceu nesse lugar, que servia como capital do país. O julgamento cairia sobre o lugar onde o rei nascera. Ele morreria "em casa", não em campo de batalha. Os poucos sobreviventes seriam levados para a Babilônia, como aconteceu no caso de Jerusalém.

21.31

Assoprarei contra ti o fogo do meu furor. O fogo foi derramado como um rio de lava. Yahweh *soprou* neles feito vento do deserto oriental. As palavras talvez aludam ao processo metalúrgico de fundição de metais. Amom foi colocado no forno da ira de Deus. Cf. Eze. 22.30.21. O sopro divino aumentou o calor do fogo. Alguns intérpretes vêem aqui um incêndio de floresta intensificado pelo vento. Ver Eze. 22.21 e cf. Eze. 20.45-49.

E te entregarei nas mãos de homens brutais, mestres de destruição. Os babilônicos eram hábeis exterminadores de raças. Seu esporte não era a guerra comum, mas o genocídio. A matança era, de fato, a ira *de Yahweh* limpando aquela parte do mundo, com Sua vassoura, a Babilônia. Yahweh havia escolhido um instrumento capacitado, composto de homens cruéis e ansiosos por ver o sangue correr.

21.32

Servirás de pasto ao fogo. O país inteiro tornar-se-á combustível para o fogo, e disso resultará grande conflagração. A imagem muda de novo para o *fluxo do sangue* provocado pela espada cruel. Os companheiros, o fogo e o sangue, farão tão grande devastação, que ninguém lembrará que Amom existiu um dia. O autor emprega uma hipérbole oriental para enfatizar sua mensagem. O *Targum* lembra que tudo isso aconteceu porque o *decreto* de Yahweh operou exatamente com essa finalidade.

Adonai-Yahweh (o Soberano Eterno Deus) empregou Seu poder soberano para garantir o colapso total de Amom. O dia da vingança divina chegou e aniquilou os depravados.

Capítulo Vinte e Dois

Três Mensagens Concernentes à Poluição e ao Julgamento de Jerusalém. Acusação contra a Cidade (22.1-31)

Este capítulo contém *três* novos oráculos: 1. *Vss. 1-16:* a acusação contra Jerusalém, uma cidade sem-vergonha, cheia de crimes de sangue. Os habitantes desse lugar tenebroso serão espalhados entre as nações. 2. *Vss. 17-22:* o fogo de Yahweh será como o do fundidor. Jerusalém será testada; ficará comprovado que a cidade se consistia de *escória* somente. O autor não menciona a pequena porção de prata que seria separada da escória e usada para começar o novo Israel depois do cativeiro. 3. *Vss. 23-31:* todas as classes sociais serão justiçadas por causa de suas transgressões intermináveis. A indignação de Yahweh acabará com elas e com suas infrações. A *justiça* de Yahweh será demonstrada claramente. A *ira* de Deus será vindicada. Tudo acontecerá de acordo com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

A Cidade de Sangue Frio: Acusação Formal contra a Cidade (22.1-16)

22.1

Esta seção nos dá a *acusação geral* de Yahweh contra Jerusalém, com o propósito de demonstrar a justiça das punições administradas. O catálogo de pecados, neste trecho, nos faz lembrar de Eze. 18.5-18; os termos empregados provavelmente foram emprestados de tais passagens, como Lev. 18.6-9,17,20; 19.3,16,20,30,33; 20.9,10-14,17. Houve o terror do sacrifício humano, crimes de sangue, opressão social, violência e extorsão, o uso da corte para esconder e promover crimes. Cf. Eze. 7.23; 11.6-7; 18.10; 23.37,45; 24.6-9; 33.25 e 37.18.

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta é a declaração comum que introduz novos materiais ou oráculos. Enfatiza a inspiração divina ao que se segue, e afirma que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh, o Revelador.

22.2

Faze-lhes conhecer, pois, todas as suas abominações. A tarefa do profeta era *julgar* Jerusalém, em nome de Yahweh, condenando-a, pelas informações que o oráculo traria e por sua própria constatação das abominações do povo. Era uma cidade de assassínios (cidade de sangue) e idolatria variegada (abominações). Estes dois pecados eram os mais conspícuos, mas representavam grande multiplicidade de infrações da lei moral de Yahweh. Ezequiel agiria como um "advogado" contra a cidade, apresentando um caso convincente. Os pecadores não mais poderiam fingir inocência. Cf. Eze. 20.4 e 23.36.

22.3

Assim diz o Senhor Deus: Ai da cidade que derrama sangue... e faz ídolos. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) apresenta ao profeta a condenação que deve verbalizar. Seu título indica que a *soberania* de Deus será aplicada (negativamente) à situação. O soberano condena o pecado de *assassinato*, infração violenta e crassa da lei de Moisés (Êxo. 20.13). Os poderosos haviam matado para aumentar suas fortunas e ganhar mais poder. Utilizaram a corte para executar homens inocentes. O segundo pecado mais destacado é a *idolatria* de Judá-Jerusalém, que incorporava diversos cultos pagãos. A paciência divina se esgotara. O "tempo designado" (RSV) da destruição da cidade chegara. A oportunidade de arrependimento (e reverso) já tinha passado.

22.4

Fizeste chegar o dia do teu julgamento e o término de teus anos. O vs. 4 repete, essencialmente, os vss. 2-3, acrescentando o fato de que o "dia designado" do julgamento agora é *iminente*. O tempo de sua punição está perto" (NCV).

Eu te fiz objeto de opróbrio das nações. O versículo também acrescenta que Judá-Jerusalém, por causa de seus pecados crassos, ganhou reputação de desonra até entre seus vizinhos pagãos. Cf. este tema com Eze. 5.14-15. O trecho de Êxo. 20.3-4,13 proíbe estes dois pecados, crimes de sangue e idolatria, que exigiram execução judicial.

22.5

Escarnecerão de ti. Até os pagãos, próximos ou distantes, totalmente corruptos e violentos, ridicularizaram Jerusalém, chamando-a de cidade "infamada, cheia de inquietação". A Cidade Santa tornou-se a Cidade Sem Lei. Cidades pagãs, localizadas às fronteiras de Judá, habitações de Moabe, Edom e Filístia, souberam da ruindade de Jerusalém, e sua péssima reputação chegou até a Babilônia e outros lugares distantes, como cidades do império medo-persa.

22.6

Nada mais intentam senão derramar sangue. *O Esporte de Matar.* Os *líderes* da cidade assumiram o comando no esporte de executar homens inocentes. Tinham muito a ganhar com a morte de seus rivais e inimigos. Fizeram comércio de assassinato, satisfazendo a mente perversa de seus companheiros. Empregaram assassinos para não sujar suas mãos de sangue; subornaram cortes da lei para executar seus oponentes. Até o rei e os seus conselheiros foram culpados de tais crimes e ficaram sempre *impunes*, acima das leis hipotéticas do país, há muito tempo inativas. Ver os casos de Manassés (II Reis 21.6) e Jeoaquim (II Reis 24.4).

22.7

Outros Pecados de Jerusalém. A locomotiva que levava o *trem-pecado* era *assassinato-idolatria.* Seguiram-se muitos vagões. O texto lista os *três* principais, neste versículo, e muitos outros se seguem.

1. Os pais foram tratados *com desrespeito* por seus filhos; não houve autoridade familiar; o lar era um lugar de abuso. A lei que proibia tais condutas havia sido violada. Ver Êxo. 20.12.
2. Os *estrangeiros*, que não tinham residência permanente no país, mas estavam passando por ali, foram maltratados, saqueados e até mortos. Sofreram extorsão e abuso econômico. A Septuaginta tem uma tradução que faz alguns deles *prosélitos* do judaísmo. Sendo verdade, os crimes foram ainda mais horripilantes. A lei proibia a opressão dos estrangeiros (Lev. 19.33-34). Israel também foi estrangeiro entre outras nações e por isso maltratado. Deveria ter aprendido a lição da necessidade de tratar bem os menos privilegiados.
3. Perseguiram os membros mais fracos da sociedade, explorando-os. Os *órfãos e as viúvas* foram oprimidos; suas poupanças foram confiscadas; suas propriedades, roubadas e alguns deles, executados, quando protestaram. A lei proibia tais barbaridades (Êxo. 22.22,24; Deu. 10.18; 14.28; 16.11; 24.17; 27.19). Alguns destes versículos também regulam o tratamento dado a estrangeiros. A lei de Moisés condenava enfaticamente os *abusos sociais.*

Estes três pecados figuram entre os *mais pesados*, mas houve inumeráveis infrações das leis e dos costumes hebreus, como vemos nos versículos seguintes.

22.8

Desprezaste as minhas cousas santas. Na sua apostasia, Judá-Jerusalém nem respeitou as coisas santas de sua fé antiga. Eles violaram e negligenciaram as prescrições e leis do código mosaico; poluíram os sacrifícios e ofertas. Não observaram o sábado, o sinal do *Pacto Mosaico* (ver as notas na introdução a Êxo. 19). Ver uma discussão sobre a profanação do sábado, em Lev. 19.30 e Eze. 23.38.

22.9

Três Outros Pecados. A apostasia de Jerusalém era multifacetada.

1. *Acusações falsas* eram uma prática comum nas cortes; falsas testemunhas apoiavam as acusações e homens inocentes eram condenados e executados "por ordem do Estado". Houve também difamações particulares que prejudicaram pessoas inocentes. A lei da selva reinava.
2. Eles participavam de festividades e sacrifícios (refeições comunais) que honravam a deuses pagãos, celebrando ritos nos *Lugares Altos* (ver a respeito no *Dicionário*) e em todas as localidades do país onde existiam altares pagãos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Idolatria,* onde é ilustrada a grande variedade que essa prática assumiu.
3. Formas variegadas de *perversões sexuais* fizeram parte dos hábitos daqueles ímpios. Eles praticaram a *prostituição sagrada,* pagando as prostitutas sacerdotisas para seus serviços. O dinheiro sustentava aquelas mulheres e os cultos idólatras. Foram adúlteros públicos e privados, praticantes de *perversidade*, uma palavra geral que fala de todo o tipo de deboche: adultério, fornicação, incesto, que os vss. 10 e 11 descrevem.

22.10

Perversidades Sexuais. Este versículo fornece detalhes sobre as perversidades do vs. 9.

1. *Incesto.* Alguns daqueles homens perversos usaram sexualmente as esposas plurais e concubinas de seus pais. "Descobrem a vergonha de teu pai" é um eufemismo para praticar relações sexuais com mulheres que pertenciam a seus pais (daquela sociedade altamente polígama). O hebraico literal é "nudez" dos pais, isto é, a nudez (mulheres) *que pertencia* aos pais, já que o ato sexual se pratica com mulheres nuas. Cf. Gên. 35.22. O versículo pode implicar que o incesto foi praticado com a *própria mãe* daqueles depravados, pelo fato de que esse tipo de incesto sempre era comum, e ainda é. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Incesto.* Ver também Lev. 20.11, que trata da forma de incesto mencionada no presente versículo. Lev. 18 e 20 descrevem e proíbem alguns tipos de incesto. No capítulo 18, um *gráfico* ilustra o assunto.
2. O sexo com mulheres durante a menstruação era restritamente proibido (Lev. 18.19; 20.18; Eze. 18.6) e classificado como um crime sério. O cristianismo, rejeitando a lei cerimonial, o *descriminou.* Devemos lembrar que a mentalidade hebraica considerava o período de menstruação da mulher mais uma doença do que um ciclo normal. Além disso, praticar o sexo com uma mulher nesse período era considerado *excesso.* O homem que insistia em praticar sexo nesses dias estaria *aproveitando-se* da mulher, porque ela não poderia engravidar nesse período. Tal homem não respeitava a dignidade das mulheres. Finalmente, o sangue da menstruação era considerado *imundo.* A própria mulher ficava "imunda" nesses dias, bem como tudo em que ela tocasse. As pessoas imundas não podiam participar do culto a Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Limpo e Imundo,* e o tópico denominado *Menstruação,* no artigo *Enfermidades,* I.22, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

22.11

Mais Três Pecados de Jerusalém:

1. *Adultério* (ver a respeito no *Dicionário*): sexo com a esposa de outro homem, a violação do sétimo mandamento (Êxo. 20.14). Ver as notas expositivas para maiores detalhes.
2. *Incesto* com uma nora. Ver Lev. 18.5 e 20.12.
3. *Incesto* com uma irmã ou meia-irmã. Ver Lev. 18.9 e 20.17. Os trechos de Lev. 18.7-20 e 20.10-21 dão informações completas sobre as leis hebraicas contra o incesto, inclusive as punições administradas contra os infratores. Ver também Deu. 22.22-23,30; 27.22.

O incesto praticado com a permissão da mulher era um crime; o incesto praticado por estupro era crime especialmente depravado e condenado pela lei. Em Jerusalém, os ímpios não observavam nenhuma lei.

22.12

Outros Quatro Pecados de Jerusalém:

1. *Assassinatos* "comprados" e cometidos por assassinos profissionais, que ganhavam dinheiro, posição, propriedades etc. de seus empregadores. Alguns *subornos* nas cortes da lei "compraram" a morte de homens inocentes. Houve execuções legais, compradas. "*... pessoas recebem dinheiro para matar pessoas*" (NCV).
2. *Juros exorbitantes* eram cobrados dos pobres, humilhados por sua necessidade financeira. O hebreu não podia cobrar juros de outros hebreus, mas a prática era comum, em violação à lei (Êxo. 22.25; 25.36; Deu. 23.19; Eze. 18.13). A última destas referências ameaça o homem que cobra juros altos, de *morte prematura*, tão receada pelos hebreus. Mas quem não teme esse fenômeno?
3. *Extorsão.* Obter dinheiro, propriedades, bens etc., por meio de ameaças, violência, opressão ou abuso de autoridade. Extorsão é uma forma de roubo.
4. *Esqueceram Yahweh.* Desobedeceram às Suas leis, negligenciaram Seus cultos; ignoraram o "temor ao Senhor", a espiritualidade do Antigo Testamento. Ver Sal. 119.38 e Pro. 1.7. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Temor.* Cf. Deu. 32.18; Jer. 2.32 e 3.21. Um caso radical de esquecer Deus é o *ateísmo*, teorético e prático. Muitas pessoas acreditam em Deus, mas não conduzem sua vida de acordo com essa crença, agindo como se Ele não existisse.

22.13

Bato as minhas palmas com furor. O julgamento necessariamente cairia sobre aquelas perversões, cumprindo as exigências da lei moral. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Este versículo especifica apenas *dois pecados:* ganho desonesto e assassinato, que nos fazem lembrar da lista que os precedeu. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Vícios*, que arrola inúmeros pecados, descritos detalhadamente.

22.14

Estarão fortes as tuas mãos, nos dias em que eu vier a tratar contigo? "Ainda serão corajosos e bravos quando eu os julgar? Eu, o Senhor, tenho falado

e agora agirei" (NCV). Yahweh perdera a paciência com aqueles grandes pecadores. O exército babilônico já estava descendo a estrada para Judá; haveria matança e pilhagem, sofrimento e desespero. Judá-Jerusalém logo perderia a coragem ao enfrentar uma força destruidora implacável. Seus braços frouxos cairiam, inúteis para os defender. Reconheceriam Yahweh como Juiz e Destruidor.

Eu, o Senhor, o disse, e o farei. Um juramento acompanha e fortalece a ameaça. O Targum tem: "Eu tenho decretado por minha palavra e a cumprirei". Cf. Eze. 21.7, que apresenta um quadro mais completo sobre os terrores do julgamento que virá.

22.15

Espalhar-te-ei entre as nações. Depois do massacre e da pilhagem efetuados pelo exército babilônico, os poucos sobreviventes seriam levados cativos para a Babilônia. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro Babilônico.* Alguns intérpretes acham que o texto tem alcance maior, atingindo a dispersão romana de 132 D. C. Se assim for, então a profecia tem aspectos *imediatos* (em relação à Babilônia) e *escatológicos* (em relação à Roma). Cf. Deu. 4.27; 28.25 e Eze. 12.14-15. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiros* e *Diáspora.*

22.16

Serás profanada em ti mesma. Assim lê a Septuaginta, o Siríaco e a Vulgata, que alguns estudiosos consideram o original, antes de ter sido modificado pelo texto massorético, o texto padronizado do Antigo Testamento hebraico. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Devemos lembrar que as versões foram traduzidas de manuscritos hebraicos e, às vezes, preservam leituras originais que o texto hebraico padronizado perdeu. Ver também sobre *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento,* que dá informações gerais, incluindo indicações sobre como leituras corretas são escolhidas quando há variantes. Judá-Jerusalém será profanada pela ordem de Yahweh, por palavras adversas e zombeteiras dos pagãos.

Terás uma herança em ti mesmo... Assim diz o texto hebraico, substituindo a leitura dada anteriormente. Estas palavras talvez indiquem que aquele povo perderá a herança prometida no Pacto Abraâmico e terminará somente com suas próprias pessoas como herança. Se esta variante representa o original, então as palavras são *irônicas.* Suas próprias pessoas logo seriam mutiladas pela invasão dos babilônios. Em vez da herança divina, teriam uma herança de carne mutilada.

À vista das nações. As calamidades que esmagarão Judá-Jerusalém chocarão as nações ao redor. Perguntarão: "Por que seu Deus não os protegeu?". Suas palavras serão irônicas, porque sentirão prazer com os sofrimentos dos judeus. Desprezarão, escarnecerão de Yahweh e profanarão o Seu nome. Mesmo assim, Yahweh ficará conhecido universalmente, especialmente para Judá. O Juiz universal será exaltado porque Sua lei moral derrubará as montanhas de corrupção.

Saberás que eu sou o Senhor. O tema de "conhecer o Senhor" ocorre 63 vezes neste livro, normalmente associado a Yahweh como Juiz. Às vezes, Ele se torna conhecido por causa de Seus atos de *restauração* (ver Eze. 16.62).

O Fogo da Ira de Yahweh (22.17-22)

Aqui começa o *segundo* dos três oráculos do capítulo. Ver as notas de introdução no início do capítulo. Esta segunda mensagem descreve a fundição da casa de Israel no forno de Yahweh. A indicação é a de que aquele povo se tornou escória, sem nenhuma prata redentora. Cf. Isa. 1.26-36; Zac. 13.9 e Mal. 3.3, onde o processo de fundição é para purificar o minério, obtendo dele algo útil. O profeta aqui não espera nenhum resultado positivo. A despeito disto, sabemos que os julgamentos de Deus são restauradores, não retributivos.

22.17

Veio a mim a palavra do Senhor. Este versículo tem uma declaração comum que introduz materiais ou mensagens novos. Lembra-nos de que a inspiração divina entregou a mensagem e de que Ezequiel era Seu profeta autorizado.

22.18

Filho do homem. Yahweh revela Sua mensagem ao profeta, que comumente recebe este título no livro de Ezequiel (ver notas em Eze. 2.1).

A casa de Israel se tornou para mim em escória. O Senhor acusa a "casa de Israel" de muitas infrações. Ver "casa de Israel", em Eze. 3.1,5,7,17; 4.3-4; 5.4. Judá tornou-se Israel, depois que as Dez Tribos pereceram no cativeiro assírio (em 722 A. C.).

Escória. Judá, seguindo a trilha dos ímpios do norte, tornou-se *escória,* isto é, inútil. Seus dias de utilidade terminaram. O processo normal de refinação produz ouro, prata, ferro ou chumbo. Mas, quando Judá-Jerusalém foi refinado, só saiu escória. Aquele povo perdeu todo o valor na sua idolatria-adultério-apostasia. Judá tornou-se um joão-ninguém, na hierarquia de valores de Yahweh; ele, que fora o príncipe das nações. Ver a metáfora de refinamento em Isa. 1.25; Jer. 6.29; Zac. 13.9 e Mal. 3.3. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Refinar, Refinador,* para maiores detalhes. A *escória* não tinha nenhum valor e foi jogada no lixo do minério. Judá foi reduzido à escória, pelo exército babilônico, e o que restou foi jogado na pilha de lixo da Babilônia.

Aqui, o fogo é símbolo do *julgamento.* Na teologia de alguns, este fogo tornou-se escatológico e reteve sua literalidade; um erro, sem dúvida. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Fogo, Símbolo do,* e *Fogo,* VII, VIII.

22.19

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) pronunciou um juramento, garantindo o triste fim daqueles rebeldes. Este título divino é usado 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Fala da soberania de Deus, que determina o destino dos homens e das nações.

Eu vos ajuntarei no meio de Jerusalém. O Soberano reunirá todos os habitantes de Jerusalém e irá jogá-los no forno do Refinador. Ficará evidente que não havia nada de valor na cidade. O processo só servirá para revelar a *verdade:* aqui não existe nada de valor. Na sua idolatria-adultério-apostasia, Jerusalém tornou-se *escória* mesquinha.

22.20

Os refinadores procuraram purificar o minério, retirando algum metal de valor: ouro, prata, cobre, ferro, chumbo etc. O calor do fogo era aumentado pelo uso de um assoprador, instrumento especializado. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Refinar, Refinador,* para detalhes do processo. O minério deve ser *derretido* para se extrair o metal. A escória sobe para a superfície e é retirada. O que é útil fica. O processo era *radical,* porque exigia muito calor, assim *refinar* é uma figura apropriada para o julgamento, e o fogo é o agente do processo. Supor que o fogo literal será o agente do julgamento além-túmulo é falta de imaginação, tomando a figura crassa.

22.21

Assoprarei sobre vós o fogo do meu furor... e sereis fundidos. Jerusalém tornar-se-ia o forno do refinador, o exército babilônico, nas mãos do Grande Refinador, Yahweh. O julgamento é o ideal para a tarefa. Cada metal atinge determinado ponto de temperatura no qual se derrete. O refinador sabe exatamente quando essa temperatura é atingida. Assim, Jerusalém seria derretida para sofrer exatamente o que havia merecido. A cidade e o templo seriam literalmente queimados. Cf. Jer. 52.13.

22.22

Como se funde a prata no meio do forno, assim sereis fundidos. Yahweh procurava, em vão, um pouco de prata no meio da escória. Prata é um metal precioso e, sem dúvida, a escolha desse metal foi proposital neste texto. Porém, a preciosa prata já havia desaparecido da massa de pedra inútil. O minério de Jerusalém não tinha valor. No processo de refinamento, aquele povo reconheceria Yahweh como o Refinador, e assim teria mais conhecimento do Altíssimo. O Refinador é o Juiz, mais bem conhecido por experiência amarga. Mas em Eze. 16.62, Ele é conhecido como o *restaurador.* Ver as notas no vs. 16.

Um processo esmerado de refinação exigia a aplicação do calor por sete vezes. Cada uma produzia uma prata mais pura, mais nobre. Ver Sal. 12.6. Mas Judá-Jerusalém tornou-se tão corrupta e inútil que, cada vez que foi submetida ao processo de refinamento, mostrou ser apenas escória.

Todas as Classes São Acusadas (22.23-31)

Eis *o terceiro* dos três oráculos do capítulo. Ver as notas de introdução no início do capítulo. Estes versículos mostram que todas as classes sociais se tinham corrompido totalmente e as acusações contra elas eram justas. O vs. 31 descreve a queda de Jerusalém, e os vss. 29-30 fornecem detalhes sobre a causa da queda: as muitas transgressões da cidade. "Este trecho nomeia os recebedores do julgamento: os príncipes (vs. 25); os sacerdotes (vss. 26-27); os profetas (vs. 28); e o povo em geral (vs. 29)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

22.23

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta é a declaração comum que introduz novos materiais ou oráculos. Indica que o que segue foi inspirado por Yahweh, e que Ezequiel era Seu profeta autorizado. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1 e 16.2.

22.24

Tu és terra que não está purificada, e que não tem chuva. As águas do céu purificam. O texto não fala em seca material, mas em seca espiritual. A Septuaginta traz *chuva,* em vez de *purificar,* fazendo a primeira declaração paralela à segunda. O hebraico registra *purificação,* na primeira frase, e logo nos explica que a *chuva* efetua esta limpeza. Talvez aluda às purificações das cerimônias, exigidas pela lei mosaica, que o povo, de modo geral, estava negligenciando. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo.* Judá estava *imunda,* moral e cerimonialmente (cheia de pecados que foram infrações da lei de Moisés). As chuvas do céu não limparam a imundície. Talvez haja alusão a uma seca literal, simbolizando a seca espiritual. Ver Amós 4.7-8; Jer. 3.3; I Reis 17.1, para aquela condição que servia de castigo.

Alguns intérpretes vêem uma referência à *limpeza* da terra, que precedeu o cultivo. Nesse caso, as iniqüidades poluíram a terra de tal maneira que não havia possibilidade de um cultivo espiritual. Isto igualou Judá às nações pagãs vizinhas.

As *chuvas* podem simbolizar as bênçãos de Deus retiradas do povo por causa da grande multiplicidade de seus erros.

22.25

Conspiração dos seus profetas. A Septuaginta registra *príncipes* aqui como a classe atacada, em lugar de "profetas", que é o que diz o hebraico. Mas essa classe figura no vs. 28, portanto provavelmente *príncipes* é correto aqui. De qualquer maneira, era intenção do autor repreender as diversas classes do povo, tanto civis quanto religiosas. A liderança era totalmente corrupta e o povo, podre. Eles quebraram todas as leis morais e cerimoniais; desprezaram as "coisas santas": os sábados, os sacrifícios, de fato, todas as obrigações da lei mosaica. Cometeram infrações contra a justiça social, contra as viúvas e os órfãos e contra os estrangeiros. Não respeitaram nada nem ninguém. Agiram como leões que despedaçam as presas, fazendo de Jerusalém um campo de caça. Apoderaram-se do dinheiro do tesouro do templo, usando parte dele para promover a idolatria dentro do próprio templo. Abusaram das viúvas e, constantemente, eram os responsáveis pela morte de seus maridos. A cobiça era seu Deus. A ganância governava todas as suas ações. Cf. Osé. 6.9; Sof. 3.3,5 e Mat. 23.14.

22.26

Os seus sacerdotes transgridem a minha lei. Podemos ter certeza de que a liderança, civil e religiosa, compartilhava as mesmas iniqüidades e vícios, explorando os mais fracos. Mas os sacerdotes abusaram de tudo, inclusive das coisas sagradas que deveriam ter protegido.

1. Em vez de dar exemplos de como a lei de Moisés deveria ser respeitada e observada, eram seus principais infratores. Violaram-na, repetidamente, quebrando os dez mandamentos.
3. Profanaram as *coisas santas* (vs. 8), as coisas sagradas do templo, seus rituais e sistema de sacrifícios; profanaram o templo, trazendo para dentro seus ídolos.
3. Não fizeram nenhuma distinção entre o limpo e o imundo, ignorando totalmente a lei cerimonial. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Limpo e Imundo.*
4. Entre as *coisas santas,* figurava o sábado que não era mais observado, a despeito de ser o próprio sinal do Pacto Mosaico (vs. 8).
5. Eram pecadores privados e públicos, praticando maldades longe da vista dos homens, mas também poluíram o nome de Yahweh publicamente. Cf. o vs. 16, onde vemos o nome de Yahweh sendo profanado à vista das nações ao redor. "Em todas as coisas eram infiéis. Cf. Miq. 3.11 e Sof. 3.4" (Ellicott, *in loc.*). A lei de Deus era profanada; Suas instituições eram poluídas; Seus sábados, negligenciados; blasfemaram contra o próprio Yahweh. O Targum diz: "Minha vontade era profanada entre eles".

22.27

Os seus príncipes... são como lobos. Eles foram acusados de ser como leões (vs. 25) e agora são comparados a outro predador, o *lobo.* No tempo de Ezequiel, a Palestina era infestada de lobos, que caçavam em grupos e faziam muitas vítimas, tanto humanas quanto animais. Os príncipes, *como lobos,* destruíram muitas vidas humanas em busca de vantagem própria. Cf. os vss. 12 e 25.

Para derramarem o sangue, para destruírem as almas. *Vida,* no hebraico, *nephesh,* era identificada com *sangue,* como acontece em Gên. 9.4; Lev. 17.11,14 e Deu. 12.23. *Almas* eram devoradas (vs. 25) e destruídas (vs. 27). Está em vista a *vida física.* Em tempos posteriores, o hebraico *nephesh* era usado para indicar a alma humana, o espírito imaterial.

A injustiça e violência foram temas comuns nas acusações aos profetas. Eles esqueceram totalmente a justiça e a eqüidade. Aqueles reprovados tornaram-se notórios por suas barbaridades cruéis (Miq. 3.2-3; 9.11; João 10.12).

22.28

Os seus profetas lhes passam caiação, tendo visões falsas, profetizando mentiras. Os profetas fingiram possuir espiritualidade, entregando ao povo visões piedosas (mas falsas). Cf. Eze. 13.10-16. Ver também Eze. 2.4; 3.11,27. Os trechos de Eze. 13.10,14 e 16 falam de caiar muros com *argamassa não-temperada* (RSV). Seus edifícios tinham a aparência de fortes, mas por dentro eram defeituosos. Logo ruiriam, pois seus materiais estavam desintegrando-se. Os líderes pecaram levianamente, praticando até crimes de sangue, adultério e apostasia. Os profetas lideraram cultos idólatras, guiando o povo para a destruição. Tinham coragem de falar em nome de Yahweh, misturando Seu culto com os dos pagãos, num sincretismo doentio. Inventaram visões mentirosas e tinham experiências psíquicas que não eram espirituais. Continuaram falando em *paz e prosperidade,* enganando o povo, porque uma destruição total estava às portas. Ver Jer. 6.14 e Eze. 13.1. Não tinham a autoridade de Yahweh; suas missões eram *auto-inventadas.* Deixaram Jerusalém despreparada. Nunca falaram do arrependimento nem da reforma moral do país. Proferiram palavras doces, deixando a nação inteira dormir na hora da crise.

22.29

O povo era tão corrupto quanto seus líderes; era corrompido e corrompia a outros; era ímpio e cheio de doenças espirituais; praticava opressão contra os pobres e fracos, imitando os líderes; perseguia as viúvas, os órfãos e os estrangeiros (vss. 7,12,25). Praticava roubos e extorsão; crimes de sangue e todo tipo de iniqüidade (vss. 12,25). O autor fornece um sumário dos pecados do povo, sem se esforçar em mencionar alguma coisa nova. Aprendemos que os príncipes, os profetas e o povo eram totalmente corruptos, ímpios e poluídos, e entendemos por que o julgamento tornou-se inevitável.

22.30

Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha. A busca revelou um fato surpreendente: não havia nenhum justo. Nem Deus pôde encontrar um justo. Nenhum homem como Moisés, que podia salvar o povo, foi encontrado; nenhum homem, como Abraão, procurou salvar os ímpios do fogo da ira de Deus. Jerusalém tornou-se uma Sodoma irrecuperável. Cf. Jer. 5.1-6, que fornece mais detalhes sobre este tema. Ver também Eze. 13.5, que é um paralelo direto. Sal. 106.23 descreve algo semelhante. Sem dúvida, havia alguns justos em Jerusalém, mas nenhum *líder* foi capaz de reverter a situação desesperadora, abrindo um novo caminho. Cf. o caso de Abraão em Gên. 20.7, e o de Moisés, em Êxo. 32.11. Ver também Núm. 16.48.

Não há justo, nem sequer um.

(Romanos 3.10)

22.31

Derramei sobre eles a minha indignação. Todas as condições foram contrárias, e o resultado foi a ira de Yahweh derramar-se sobre os rebeldes, como o fluxo de lavas de um grande vulcão. Seu fogo consumiu o povo, como lenha seca ou madeira apodrecida. As maldades deles alimentaram o fogo e as brasas lhes caíram sobre a cabeça. A *Lex Talionis* (retribuição de acordo com a gravidade do crime; ver a respeito no *Dicionário*) foi satisfeita. Ver Gál. 6.7-8, para a lei da colheita segundo a semeadura. Eze. 9.10 é um paralelo direto; as notas oferecidas naquele texto se aplicam aqui, também. Os trechos de Eze. 11.21 e 16.43 são semelhantes. Ver Eze. 21.31, para o fluxo da ira de Yahweh. No *Dicionário,* o artigo chamado *Fogo, Símbolo de,* acrescenta idéias. Ver também o verbete intitulado *Fogo,* seções VII e VIII. Outros versículos que se relacionam ao tema do versículo são Pro. 1.31; Isa. 3.11 e Jer. 6.19. O castigo provinha da *temível tríade:* espada, fome e pestilência; o cativeiro acrescentou seus próprios terrores, que funcionavam como agentes de purificação. Ver sobre a *temível tríade* em Eze. 5.12.

Capítulo Vinte e Três

Contra as Esposas Infiéis de Yahweh (23.1-48)

"A alegoria das irmãs Oolá e Oolibá (cf. o capítulo 16). Os vss. 1-4 descrevem a apostasia de Israel, iniciada no Egito (ver Eze. 20.5-9). Existe um trocadilho com os nomes: *Oolá* (ela que tem uma tenda, significando Samaria) e *Oolibá* (minha tenda está dentro dela, isto é, em Jerusalém). A alegoria sugere que, embora Samaria tivesse um *santuário* (tenda), o verdadeiro santuário de Yahweh se situava em Jerusalém. Este fato ressaltou a enormidade da apostasia de Judá. Ou há uma alusão aos santuários pagãos (Eze. 16.16), que se encontravam nos

dois reinos, norte e sul. Sobre o fato de se casar com duas irmãs, cf. Gên. 31.41 e Lev. 18.18" (*Oxford Annotated Bible*, introdução ao capítulo).

As Duas Divisões do Capítulo. 1. *Vss. 1-35:* Oolá e Oolibá representam Samaria e Jerusalém, respectivamente; são irmãs que se casam com Yahweh. "Oolá, a mais velha, entregou seus favores aos assírios. Por causa de sua infidelidade, Yahweh a entregou àquelas mesmas pessoas, para ser maltratada e finalmente morta. Oolibá não aprendeu coisa alguma com o contra-exèmplo da sua irmã e manteve relações primeiramente com os assírios, e depois com os babilônios, tornando-se pior do que sua irmã. O resultado foi a destruição da esposa infiel, pelos babilônios" (Theophile J. Meek, *in loc.*). 2. *Vss. 36-49:* Estes versículos descrevem os julgamentos que Oolá e Oolibá sofreram, e dão informações adicionais sobre seus pecados, a *causa* das punições.

Introdução (23.1-4)

23.1

Parece fora de lugar colocar as duas irmãs *no Egito,* falando da sua apostasia naquele lugar, enquanto ela se realizou em Samaria e Jerusalém. Todavia, devemos lembrar o fato de que a *apostasia nacional* começou no Egito, logo depois do nascimento da nação de Israel, bem antes da divisão do país em norte (Israel) e sul (Judá). O autor pretendia dar-nos uma *prospectiva histórica.*

Veio a mim a palavra do Senhor. Este versículo apresenta a declaração comum que introduz materiais e oráculos novos. Indica que o oráculo foi dado por inspiração divina, sendo Ezequiel o profeta autorizado por Yahweh. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

23.2

Filho do homem. Yahweh dirige-se ao profeta com o título comum empregado neste livro. Ver sobre este uso em Eze. 2.1.

Duas mulheres. O profeta é informado sobre as características das mulheres da alegoria: foram filhas da mesma mãe, destinadas a tornar-se esposas do mesmo "homem" (Yahweh); mulheres graciosas da raça judia; Abraão e Sara foram seus "pais" distantes; elas tinham grandes privilégios e oportunidades; foram elevadas acima das outras.

"Ezequiel apresentou outra parábola para ilustrar a infidelidade de Judá e a inevitabilidade de seu julgamento. O capítulo 23 parece ser uma redeclaração do capítulo 16. Ambos tratam da infidelidade de Judá, mas o capítulo 16 coloca isto no contexto de sua confiança em outros deuses, enquanto o capítulo 23 fala de sua confiança em outras nações" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

23.3

Prostituíram-se na sua mocidade. As duas nações (norte e sul) se originaram de uma só, o Reino Unido (Israel, 12 tribos). No início de seu reinado, Salomão começou a sacrificar aos ídolos de suas muitas esposas. Mas, antes disto, no Egito, logo depois de seu surgimento, a nação já praticava a idolatria egípcia. Portanto, desde o início, a nação era torta, pervertida e doente, praticando a *prostituição* espiritual (a idolatria). O Targum diz: "Elas erraram no Egito, adorando os ídolos daquele lugar, e foram corruptas nas suas obras". Cf. Jer. 2.2 e Osé. 2.16. Ver também Eze. 20.4-12. Figurativamente falando, as duas irmãs foram promíscuas e filhas de uma mulher promíscua. Eze. 20.8 e 23.19 descrevem a idolatria de Israel no Egito.

As mulheres promíscuas permitiram a praticamente qualquer um tocar em seus seios, um eufemismo para o ato sexual. As virgens logo perderam sua virgindade e, sendo já corruptas, tornaram-se esposas infiéis.

23.4

Oolá, a mais velha. *Oolá* (Aolá em algumas traduções) significa *sua tenda* e fala de Samaria, a capital do reino do norte, depois da divisão do Reino Unido. O norte preparou seu próprio santuário para competir com o de Yahweh, em Jerusalém, e assim perpetrou profunda apostasia. Jeroboão estabeleceu santuários apóstatas em Betei e Dã e, de propósito, desprezou o templo e o culto a Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo sobre ele.

Oolibá, sua irmã. *Oolibá* (Aolibá em algumas traduções) significa *minha tenda*, referindo-se ao templo de Jerusalém, o santuário *de Yahweh.* Este fato automaticamente elevou Oolibá acima de Oolá. Mas privilégios maiores em nada contribuíram para Judá-Jerusalém ser fiel ao yahwismo. Samaria e Jerusalém eram as capitais dos dois reinos, e as irmãs as representam.

Adultério de Oolá (23.5-10)

23.5

Prostituiu-se Oolá, quando era minha. As duas irmãs se tornaram as esposas de Yahweh. Sendo infiéis, logo começaram a dar seus favores aos poderes que as destruiriam: a Assíria e a Babilônia, que se tornaram seus amantes. De fato, elas *amaram* os amantes e desprezaram o Marido.

Oolá amava seu amante, a Assíria, com extremos de loucura, não percebendo que isso a mataria, afinal. Sua dedicação logo acendeu o ódio do "homem", inspirando-o a executar a "mulher". Ele quis livrar-se dela. Naquele tempo, a Assíria controlava a Síria, compartilhando a fronteira norte de Israel; assim, dizer que a Assíria confinava com Israel é correto. Ver alguns detalhes históricos em II Reis 15.19-20. Antes de ser destruído, o norte pagava pesados tributos ao "amante".

23.6

Guerreiros Ferozes. A Assíria era o poder do momento, o principal ator no palco dos absurdos humanos. Era um lugar rico, cujos bens foram adquiridos especialmente através das pilhagens de outras nações; mas a tola Oolá ignorava a fonte das riquezas de seu amante e foi atraída estupidamente por seu dinheiro, poder e excessos.

Os militares e oficiais civis da Assíria se vestiam com roupas finas de púrpura; eram belos, jovens e fortes; tinham os melhores cavalos e todas as vantagens que o dinheiro podia comprar. A *Senhora do Sul*, embora casada, não pôde resistir ao amante do norte e caiu nos seus braços, adotando suas práticas religiosas. Agora, ela é uma adúltera feliz (por enquanto). Desprezou seu Marido, Yahweh, e corrompeu-se totalmente nas delícias da infidelidade. Além da evidência bíblica, temos informações arqueológicas. O *Obelisco Negro* do rei assírio, Salmaneser III (c. 841 A. C.), menciona *Jeú*, o filho de Omri, como sujeito à Assíria, pagando-lhe pesado tributo. Um desenho mostra aquele infeliz rei trazendo seus bens ao poderoso estrangeiro. A prostituta-esposa-infiel terminou dando bens para seu amante, em lugar de recebê-los. Tornou-se escrava dele e o romance acabou. Ver II Reis 15.19.20; 17.3-4. Oséias (c. 760-720 A. C.) repreendeu Israel (o norte) por depender da Assíria, em vez de depender de Yahweh (Eze. 5.13,14; 7.11; 8.9; 12.1). Israel do norte ficou totalmente sujeito à Assíria e continuava pagando tributo. Mesmo assim, o "amante", zangado com a "mulher", a destruiu. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro Assírio.*

23.7

Cometeu ela as suas devassidões. A prostituta-esposa-infiel perdeu o controle e começou a dar seus favores a um número considerável de homens poderosos da Assíria. Tornou-se imunda na sua prostituição (idolatria). Envolveu-se em todo o tipo de *abominação* (ver a respeito no *Dicionário*). No início, aquela senhora sentia alegria e satisfação em sua vida de deboche. Inflamou-se com os prazeres que os amantes lhe proporcionavam, e eles se inflamaram com ela. Era um esporte delicioso, quente demais para se esfriar. Todavia, os amantes se cansaram dela, porque, afinal, havia muitas outras mulheres correndo atrás deles. Tudo se deteriorou.

Com todos os seus ídolos se contaminou. O hebraico literal é *deuses das pilhas de esterco,* expressão de *desprezo* absoluto. A Senhora se contaminou com o esterco da idolatria pagã.

23.8

Com ela se deitaram na sua mocidade, e eles apalparam os seios da sua virgindade, e derramaram sobre ela a sua impudicícia. A senhora, ainda inocente, começou a se interessar pelo *adultério* do Egito. Flertava, era tentada e mais fraca do que alguém pudesse acreditar; logo caía. Os adúlteros confirmados sabiam como tentar e inflamar a mulher.

A Bíblia, como sempre, fala aberta e francamente sobre relações sexuais, que aqui tratam de *idolatria.* O rio de deboche, uma referência ao sêmen, derramava-se sobre ela e a poluiu. Os comentaristas coram, aqui. Adam Clarke, *in loc.*, não explica, mas fala de *expressões indelicadas.* As alianças de Israel com o Egito eram formas de adultério espiritual. A mulher terminou tendo muitos amores. Recebendo um novo amante, não largou dos outros e foi acumulando parceiros. A mulher promíscua tornou-se escandalosa como uma prostituta que caçava parceiros na rua.

23.9

Por isso a entreguei na mão dos seus amantes. A senhora, agora totalmente corrompida, recebe o que merece. Seus amantes eram homens violentos, e ela se tornou uma vítima deles, como freqüentemente acontece com mulheres dessa profissão. O próprio Yahweh a entregou para que dela abusassem. Ela deu favores a seu amante assírio, mas ele logo se cansou dela. Em vez de pagá-la

com dinheiro, pagou com ódio e escárnio e, na última sessão de amor, a estrangulou e queimou. Pul abusou dela, daí foi a vez de Tiglate-Pileser, depois de Salmaneser, todos reis da Assíria. Ver detalhes históricos em II Reis 14.19-29 e 17.5-18. Finalmente, a vingança de Yahweh caiu sobre ela. "Homens" que ela aceitou como amigos, nos quais confiou, foram os instrumentos da sua destruição. Cf. Esd. 4.2,10. "Foi o *pecado* dela que procurou tais amantes; foi sua punição, pois eles mesmos a liquidaram" (Fairbairn, *in loc.*).

23.10

Descobriram as vergonhas dela. Os amantes destruidores tiraram toda a sua roupa; praticaram muitos atos de adultério com ela; expuseram-na a todo o tipo de vergonha, destruindo-a moral e espiritualmente. No dia em que se cansaram, a mataram. A *temível tríade* (espada, fome e pestilência) foi o instrumento usado para a matança.

Ela se tornou falada entre as mulheres. Ela foi reduzida a uma *piada,* que as mulheres gostavam de repetir. O *provérbio* que repetiam contava a história inteira: uma história da ascensão e queda de uma esposa-prostituta. O norte caiu em 722 A. C., para nunca mais se levantar. Ver II Reis 17.5-6,18-20.

As mulheres de toda parte falaram de como ela fora castigada.

(NCV)

O Adultério de Oolibá (23.11-21)

23.11

O profeta traz o caso de Judá para nossa atenção. Oolibá (Aolibá) significa "minha tenda", uma referência ao templo ou santuário em Jerusalém. Esta jovem formosa era a favorita de Yahweh, mas tornou-se ainda mais corrupta do que sua irmã (Oolá, o norte). Recebeu oportunidades superiores. Era o território do rei Davi, da casa de Davi, que incorporava Jerusalém e seu templo e era uma expressão ampla do culto a Yahweh. Terminou pecando contra maior luz e maiores oportunidades do que sua irmã tivera. Ela se encheu de paixões sexuais e correu atrás de muitos amantes, principalmente a Babilônia, o "glorioso homem" do norte. Naquela época, ele era o mais bonito e poderoso homem do mundo, para não falar sobre todo o dinheiro que enchia seus cofres.

Alianças Adúlteras. "As alianças com a Assíria são bem ilustradas no reino de Acaz (II Reis 16.7-9; Isa. 7.1-8.22). Ezequias se mostrou fiel à Assíria (II Reis 18.1-36), como também Manassés, depois de seu exílio por Esar-Hadom (cf. II Crô. 33.10-13). Ezequias também fez alianças com os babilônios (II Reis 20.12-21; Isa. 39.1). Seguindo os conselhos de Jeremias, Zedequias adotou uma política pró-babilônica, mas em 589 se revoltou contra aquele poder (Jer. 27.-22; 29.1-3)" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Foi assim que Judá pulou de um amante, Assíria, para outro, Babilônia; adotando as idolatrias dos dois, tornou-se ainda pior do que sua irmã. Os vss. 12 e 14 informam sobre os dois amantes e sobre como ela se entregou generosamente a eles. Pecou contra seus privilégios e vantagens (Eze. 16.47,51; Jer. 3.11).

23.12

Jovens de cobiçar. O profeta ridicularizava a alegada beleza dos amantes. As mulheres ficam loucas quando vêem um homem "bonito", que para elas é automaticamente "perfeito". São capazes de perder de vista todos os seus defeitos. Até o *malandro* bonito ganha o favor de boas mulheres. O velho ditado nos lembra de que "A beleza tem a profundidade da grossura da pele", quer dizer, é *superficial.* Os vizinhos ao norte atraíram as irmãs com seu físico forte, belas roupas e muito dinheiro, coisas que comumente chamam a atenção feminina. A Senhora do Sul nem percebeu a feiúra de espírito dos amantes e imediatamente adotou suas idolatrias e corrupções. A Senhora lançou para eles olhares cheios de cobiça; que homem a rejeitaria? Ninguém a rejeitou, mas eles eram cobras prontas para atacar e matar. Oolibá seguiu a mesma estrada destrutiva de Oolá, e ambas terminaram mal. As duas irmãs foram *fascinadas* com o esplendor dos poderes do norte. Era a terra de governadores e comandantes, e de soldados vestidos em seus uniformes impressionantes; até seus cavalos atraíam a atenção das nações humildes ao redor.

23.13

Vi que se tinha contaminado. Yahweh não gostou do que viu: Oolibá flertando com seus amantes e indo para a cama com eles. Ela se tornou totalmente corrupta em sua idolatria-adultério-apostasia. O Marido perdeu a paciência e insuflou, na mente de seus amantes, a idéia de matar.

23.14

Aumentou as suas impudicícias. Cf. Eze. 8.10. Oolibá se corrompeu mais do que Oolá, o que não foi fácil. Só em ver "aqueles homens bonitos" desenhados nas paredes, inflamou-se seu desejo de ter relações sexuais com eles (vs. 16). Ela enviou mensageiros para fazer uma "proposta indecente". Ela já estava pronta, esperando por eles, deitada na cama e com pensamentos eróticos (vs. 17).

Homens pintados na parede. As paredes representavam homens fortes e bonitos, pintados em tons predominantemente vermelhos, acompanhados com uma mistura de azul e preto. A arqueologia tem mostrado tais decorações com suas descobertas. Esculturas eram feitas em pedra e tijolos e depois pintadas assim. Virgílio (*Eclog.* 10) menciona pinturas de deuses em vermelho. Plínio (*Nat. Hist.* 1.33.c.7) fala do rosto avermelhado de Júpiter. Imagens que o representaram foram assim decoradas nos dias de festividades. Os romanos, na época de seus *triunfos,* se pintavam de vermelho, porque consideravam essa cor *nobre.* Talvez o fogo divino fosse assim representado.

23.15

Comparar as descrições deste versículo com as dos vss. 6 e 12, que são semelhantes. As pinturas representavam oficiais, governadores e guerreiros no seu esplendor. Tinham os lombos cingidos. Seus cintos especiais eram sinais de autoridade, fazendo parte dos uniformes militares. Seus turbantes e coroas esplendorosos atraíam os olhares de admiração feminina. Eles eram muito atraentes, exibindo força e superioridade, em relação aos "peões". Só a visão da representação daqueles homens nas pinturas de parede fora suficiente para inflamar a adúltera, Oolibá. Ela tinha ficado totalmente depravada no seu "sexo livre", a idolatria descontrolada, que honrava um panteão de deuses pagãos. O popular ditado de que "a roupa faz o homem" se aplicava ao caso daquela senhora perversa. Todos nós sabemos como os uniformes militares são atraentes. O mesmo homem que atrai uma mulher quando vestido de uniforme, pode desagradá-la quando em roupa comum (cf. I João 2.16).

Tais coisas são *valores falsos,* mas os homens e as mulheres, pateticamente fracos em suas corrupções, valorizam o que tem pouco ou nenhum valor. Judá-Jerusalém escolheu o que era atraente e assim perdeu a bênção do futuro.

23.16

Inflamou-se por eles. A descrição desgostosa continua. O profeta não nos poupa. Os olhos da adúltera se encheram de cobiça, ela ficou superexcitada. Enviou mensageiros para convidar seus amantes potenciais a visitá-la o mais prontamente possível. O texto fala de alianças estrangeiras (uma forma de adultério espiritual). Ver os comentários no vs. 11. A mensagem principal é a de que a *idolatria* poluiu a senhora, que abandonou seu Marido.

Um ditado popular diz que os homens são excitados pelo que vêem, mas as mulheres, pelo toque. Aquela adúltera se excitava pelos olhos *e* pelo toque. Filmes e livros pornográficos têm-se demonstrado atraentes para as mulheres, o que surpreendeu seus produtores, que acreditaram no velho ditado. O dinheiro agora está rolando como o rio Amazonas.

Judá-Jerusalém, pela graça de Deus, escapou de seu amante, a Assíria (II Reis 19.35-27), mas não voltou para o Marido. Correu para outro amante, a Babilônia. Antes disto, tornou-se sujeita ao Egito, seu primeiro amante. Os babilônios derrotaram os egípcios em Carquêmis, em 605 A. C. Jeoaquim mudou de lealdade e foi correndo para a Babilônia. O namoro não durou muito. Ele ficou sob a autoridade de Nabucodonosor e pagava tributo pesado. Ver II Reis 24.1 e contexto. Para o pano de fundo histórico, ver II Reis 23.29-30 e Eze. 16.29.

23.17

Vieram ter com ela os filhos de Babilônia. Os amantes potenciais aceitaram prontamente a proposta indecente de Oolibá e a corromperam com sua idolatria e costumes pagãos. De fato, assumiram controle sobre a mulher, tornando-a escrava. Ela foi "possuída" em todos os sentidos. Afinal, tentou fugir daqueles perversos, porque sentiu náusea, mas seu desejo de mudança radical chegou tarde demais. Ela já "pertencia" a eles. Zedequias fez um pacto solene com a Babilônia, o qual logo foi quebrado, formando uma aliança com o Egito, outro amante. O Homem Forte do Norte, furioso, desceu a Judá-Jerusalém, tornando tudo uma ruína fumegante. Ver Jer. 52, para a história. Todas as maçãs do diabo têm vermes. Cf. II Reis 24.1,7,20 e Jer. 37.5,7.

23.18

Tendo ela posto a descoberto as suas devassidões e a sua nudez. A adúltera fez uma exposição completa de sua sensualidade, deixando seus amantes de boca aberta, *temporariamente.* Nem mesmo eles agüentaram a profanação da mulher. O Marido, Yahweh, a repudiou e planejou executá-la, de acordo com

as provisões da lei mosaica. Enquanto os planos divinos destruidores estavam sendo elaborados, a senhora prostituta continuava com sua prostituição. Ela não era nada discreta, praticava seus atos abertamente. Tomou-se adúltera de reputação internacional. Desprezou os Pactos Abraâmico e Mosaico (ver Gên. 15.18 e a introdução a Êxo. 19, respectivamente).

23.19

Multiplicou as suas impudicícias, lembrando-se dos dias da sua mocidade. Oolibá tinha uma história sexual sórdida, desde os dias da sua mocidade no Egito. Ela nunca se arrependeu, nunca mudou, nunca sentiu remorso, nunca assumiu as responsabilidades de uma mulher casada. Tornou-se uma meretriz sem-vergonha, desgraçada e desprezível. Cf. os vss. 3,7-8 e 16.26. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Idolatria*, onde é descrita a versatilidade da imaginação pagã. Tornando-se somente outra nação idólatra, Judá-Jerusalém perdeu sua posição distinta entre as nações (ver Deu. 6.4 ss.).

23.20

Inflamou-se pelos seus amantes, cujos membros eram como o de jumento. Aquela senhora gostava de homens que se comportavam como animais, cheios de desejos proibidos e perversos. Não tinha tempo para homens decentes, dignos e discretos, pois estes eram "chatos". Quanto mais bestial fosse o homem, melhor para ela. Ela gostava de pênis grande, e seus amantes eram dotados como jumentos que, sabe-se, têm o pênis tão grande que se arrasta no chão, parecendo um aspirador de pó. A Bíblia sempre fala aberta e francamente sobre sexo. Os hebreus eram um povo sensual, assim, a Bíblia hebraica freqüentemente nos choca com suas descrições pouco discretas. Os intérpretes enrubescem, mas o profeta não. O tamanho dos membros sexuais dos amantes da mulher nos deixa atônitos, e a cobiça sexual da mulher deixou seus amantes atônitos. Tudo isto não podia durar. John Gill, *in loc.*, tem a coragem de dizer: "... *carne, isto é, o membrum virile*, que nos asnos é muito grande.

O asno era dedicado ao deus *Priapus* pelos pagãos". O líquido espermático daquela besta é extremamente copioso, e os cavalos também produzem grandes quantidades desse líquido. Os amantes da mulher tinham fluxo seminal como os do jumento e do cavalo. Adam Clarke nem comenta os versículos "indiscretos" deste capítulo; corando, passa adiante. Sua colaboração é enfraquecida neste trecho por causa de sua vergonha. A língua inglesa tem uma palavra especializada para descrever esta atitude: *prudish*, que os dicionários em português tentam, em vão, definir.

O cavalo é um animal de paixões acentuadas. Sua avidez sexual é notória. Os amantes da senhora eram como os cavalos e ela, como uma prostituta de rua, *insaciável*. Cf. Jer. 5.8. Os hieróglifos egípcios utilizaram a imagem do cavalo para representar uma pessoa de desejos sexuais exagerados.

23.21

Os do Egito apalpavam os teus seios. O seio da mulher é propriedade comum. O que é mais exibido na nossa sociedade do que o seio da mulher? Todos os homens são malandros e todas as mulheres são exibicionistas. O próprio sinal do sexo é a manipulação do seio da mulher.

Os hebreus chamavam uma noite de sexo de "uma noite de seios". A palavra "apalpavam", aqui, é, no hebraico, *machucar* ou *pressionar*. O seio é uma característica sexual secundária, mas na nossa sociedade, o que é tão primário? O seio tornou-se um símbolo de sexo descontrolado. O profeta usou linguagem audaciosa não para impressionar seus leitores, mas para chocá-los e fazê-los repensar sua condição de prostituta internacional. A senhora vulgar cairia de seu trono de cobiça. Sua degradação atrairia os julgamentos do Marido enfurecido.

As Alianças Adúlteras. A senhora perversa corria de amante para amante. Nos últimos 14 anos da sua história (600-586 A. C.), Judá tentou firmar alianças com o Egito para ajudar na revolta contra a Babilônia. Depois da derrota do Egito pelos babilônios (II Reis 24.1), Jeoaquim continuou rebelando-se contra o inimigo do norte. O Egito se provou fraco, e Judá não era mais o mesmo. A revolta contra a Babilônia terminou em 588 A. C. O massacre inevitável se realizou com muitas perdas de vidas e sofrimento cruel. Tais alianças eram adúlteras, segundo a avaliação dos profetas.

Primeiro Oráculo: O Amargo Destino de Oolibá (23.22-27)

Esta seção, dividida em quatro subseções, tem como tema geral o fato de os amantes da senhora adúltera serem justamente aqueles que a destruiriam. Cada subdivisão começa com a mesma declaração: "... assim diz o Senhor". Ver os vss. 22,28,32 e 35. Yahweh se prepara para terminar com o show doentio da adúltera (Judá-Jerusalém).

A punição das irmãs (Eze. 23.22,35) se expressa em quatro oráculos. Cada um é introduzido com as palavras do Soberano, que traz as mensagens de destruição. Os quatro oráculos declaram o mesmo tema de julgamento, de maneiras diferentes.

23.22

Assim diz o Senhor. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) anuncia o fim de Judá-Jerusalém, que ocorrerá imediatamente. Sua soberania controla o destino dos homens e das nações.

A *Lex Talionis* (retribuição de acordo com a gravidade do crime; ver no *Dicionário*) se aplicará aos rebeldes. Os amantes tornar-se-ão instrumentos para a execução de Jerusalém. O dia do arrependimento passara, tendo-se perdido no meio do caos do pecado.

Eis que eu suscitarei contra ti os teus amantes. Os amantes das irmãs foram muitos. Jerusalém, portanto, seria atacada de todas as direções, pelo exército universal da Babilônia. O ataque seria irresistível e fatal. O jogo sujo acabara.

23.23

Os amantes não mais seriam desejáveis, quando atacassem a prostituta. Os executores não figuram entre as pessoas favoritas da sociedade. Todos aqueles que eram tão atraentes, os governadores, comandantes e guerreiros, tornar-se-iam destruidores. Pecode, Soa e Coa são, normalmente, identificados com Puqudu, Sutu e Qutu, tribos aramaicas que habitaram a região a leste do rio Tigre. Tabletes em caracteres cuneiformes as mencionam. A Vulgata e diversos comentários entendem os nomes mencionados, neste versículo, como os de comandantes do exército, isto é, generais notáveis. Nosso conhecimento moderno tem extrapolado essa interpretação.

Essas tribos fizeram parte do Império Babilônico, que contava com um exército universal, incorporando muitos povos e mercenários. Soldados capturados foram empregados para ampliar as suas fronteiras. Um exército combinado logo aniquilaria Jerusalém. Era *o mundo* contra aquela cidade. Os judeus resistiriam 30 meses, mas depois a matança e a pilhagem reduziriam Jerusalém a uma pilha de escombros. A Babilônia era perita em genocídio e já tinha executado um bom número de povos.

23.24

Virão contra ti do Norte. O exército do norte será brutal, sem misericórdia e eficaz. Trará o melhor equipamento de guerra: inumeráveis cavalos, carruagens de carga e guerra, arietes, material para fazer rampas para subir nos muros e para fazer torres, espadas, dardos, lanças, paveses, capacetes, arcos e flechas, equipamento completo para um exército de grande número de soldados.

Norte. Ver Jer. 1.14; 3.18; 4.6; 10.22. Cf. Eze. 26.7 e 32.30. A tradução *norte* vem da Septuaginta. A palavra hebraica empregada aqui não tem significado conhecido atualmente. Provavelmente, a tradução *norte* é hipotética, sendo que outras Escrituras têm essa anotação.

O Fator Decisivo. O *próprio Yahweh* era o general principal e a força unificadora do exército babilônico. Assim, a vitória era absolutamente *garantida* e isso significou o fim de Judá. Os dias da Prostituta do Sul estavam contados.

23.25

Eles te tratarão com furor. *Barbaridades.* Aquele exército não meramente matava, mas mutilava suas vítimas antes e depois de executá-las. Cortava fora narizes, orelhas, línguas e mãos. Era um exército multilador-executor. Fez questão de massacrar homens de todas as idades, mulheres (inclusive as grávidas), crianças e até animais. Estuprou as virgens, as solteiras e as casadas. Matando, zombava de suas vítimas. Os poucos sobreviventes foram levados (em três deportações) para a Babilônia. O remanescente foi perseguido e maltratado na Babilônia e a morte continuou reinando. A espada foi atrás daqueles miseráveis (Jer. 9.16; Eze. 12.14).

Cortar-te-ão o nariz e as orelhas. Esta bárbara punição era comum entre os persas e babilônios. Adúlteras eram punidas da mesma maneira, marcadas para sempre como elementos sem-vergonha.

> ***Quem foi que te aconselhou cortar fora o nariz das adúlteras?***
>
> ***(Martial)***

Os registros do Egito mostram que os egípcios praticavam a mesma "arte". Os *adúlteros* naturalmente escaparam.

Quem ainda restar será consumido pelo fogo. Além das mutilações, os invasores empregaram *fogo* (Jer. 52.13). Mutilada e queimada, a senhora pecadora esquecerá seus amantes. Naquela condição, quem a desejaria?

23.26

Despojar-te-ão. A senhora adúltera perderá todas as suas jóias e roupas finas. Isto fala da pilhagem do país pelos soldados, que não deixariam nada de valor. A festa para aquela mulher havia acabado de modo definitivo. Os cativos foram desnudados e roubados. Não levaram nada para a Babilônia. Os "salários" dos soldados antigos era a pilhagem que conseguiam de suas vítimas. Exércitos modernos seguem a mesma prática e cometem as mesmas barbaridades.

23.27

Farei cessar em ti a tua luxúria. A pobre senhora pecadora, antes tão alegre e elegante, agora está diante de nós nua, mutilada e reduzida a nada. Não tem mais jóias preciosas e roupas finas; nem todo o rosto conseguiu reter. Pagou o preço de ter tido selvagens por amantes, abandonando suas velhas tradições e a lei mosaica. Não fará mais alianças com os idólatras. Nenhum amante a procurará. *Seu dia acabou.*

A tua prostituição proveniente da terra do Egito. A senhora começou seus adultérios no Egito que, neste versículo, representa *todos* os seus amantes.

"O cativeiro obrigou os judeus a repudiar a idolatria, não somente depois da sua volta da Babilônia, mas nos dezoito séculos que se seguiram" (Fausset, *in loc.*, que escreveu estas linhas no século 19).

Segundo Oráculo: Detalhes da Punição (23.28-31)

23.28

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) inicia este segundo oráculo com sua palavra de autoridade. Ver as notas no vs. 22. Este título divino encabeça as subdivisões, garantindo que os oráculos foram dados por inspiração divina.

Eu te entregarei na mão daqueles a quem aborreces. O tema geral é o *julgamento temível* que cairia sobre Jerusalém, aquela senhora adúltera, cheia de desejos proibidos (a esposa adúltera do capítulo 23). A senhora prostituta, antes amante do Homem Forte do Norte, de súbito percebeu seu verdadeiro caráter e, desejando uma mudança radical, o odiou e procurou escapar dele. Yahweh, todavia, sabia que não tinha havido verdadeiro arrependimento, somente uma conveniência interesseira. O ódio, que agora enchia o coração da mulher, nada valeria para deter o avanço do exército babilônico. Contraste-se este versículo com o vs. 14, que descreve as paixões descontroladas que a mulher sentiu por seus amantes. Cf. os vss. 17-18 e 16.37.

23.29

Eles te tratarão com ódio. A paixão intensa da mulher foi substituída por um ódio fervente. Tudo que Judá-Jerusalém tinha acumulado de riquezas e bens, e sua própria vida, estava em jogo. A nação, com todas as suas instituições, estava ameaçada. O país logo recolheria os frutos amargos que havia semeado. A senhora adúltera seria despida, sua nudez ficaria exposta aos olhos de todos ao redor. Seu caráter verdadeiro seria visto e as pessoas sentiriam nojo dela. Ela se tornara imunda em todos os sentidos, até segundo os padrões dos pagãos.

"Este versículo nos dá um amontoado de palavras para expressar a natureza grosseira da mulher idólatra. Seu verdadeiro caráter fora exposto publicamente, afinal" (John Gill, *in loc.*).

As mulheres cativas (freqüentemente) eram levadas totalmente nuas por seus opressores, e este versículo aparentemente faz uma alusão a esse fato.

23.30

Estas cousas te farão. *A Ceifa.* O que aconteceu foi *autoprovocado.* A senhora lasciva era imunda e desprezada por todos. Ela sofreu por causa da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). A Septuaginta e a Vulgata dizem: "Estas coisas fizeram contra ti (Yahweh)", mas o sujeito é a senhora imunda. Yahweh era a *causa* daquele sofrimento. A mulher O obrigou a agir contra ela, aplicando um julgamento devastador.

O *Targum* registra: "Os seus pecados causaram todas estas coisas".

23.31

Andaste no caminho de tua irmã. *Oolá,* a irmã de Oolibá (vs. 4), já tinha sofrido seu julgamento aniquilador às mãos dos assírios. Os poucos sobreviventes foram levados para a Assíria, para nunca mais voltar. A taça de vinho da ira de Deus era amarga. O norte bebeu o vinho e desapareceu. Agora, a taça passa para o sul. *Oolibá* sofrerá destino semelhante. Ver as notas sobre a *taça da ira* de Yahweh, em Jer. 25.15-29; 49.12-13; 51.6-7; Lam. 4.21; Isa. 51.17-23; Zac. 12.2; Hab. 2.16; Sal. 11.6; 75.8 e Apo. 14.20. O conteúdo da taça é um vinho amargo e venenoso, que acaba com a própria vida. "Sua culpa era como a de Israel, assim sua punição seria semelhante" (Fausset, *in loc.*).

Terceiro Oráculo: O Fim Iminente de Judá-Jerusalém (23.32-34)

23.32

Assim diz o Senhor Deus. Adonai-Yahweh introduz a terceira mensagem. Na Sua soberania, promete o fim iminente da senhora adúltera. Ver as notas de introdução aos *quatro* oráculos, no vs. 22.

Beberás o copo de tua irmã. O vinho da ira de Deus não era somente amargo, também intoxicava rapidamente, como um veneno fatal. É a taça "de horror e desolação" (RSV); e "de temor e ruína" (NCV). É larga, profunda e cheia de morte. Judá-Jerusalém beberá até a última gota e, assim, morrerá. As nações, observando o processo da execução, dela zombarão. Sentirão prazer nas suas agonias finais. Os castigos serão amargos, e o resultado será a destruição total. A crueldade do homem contra o homem é uma realidade terrível. Os homens continuam bebendo o vinho da taça das barbaridades, mas ela nunca se esvazia.

23.33

Encher-te-ás de embriaguez e dor. O vinho natural tem a tendência de fazer o homem feliz, embora seja uma felicidade falsa e enganadora. O vinho da ira de Deus traz desespero total. É a taça de espanto e desolação. Devastou Oolá e devastará Oolibá. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ira de Deus,* e as referências dadas ao fim da exposição do vs. 31.

> *Este vinho te fará miserável e bêbada. É a taça do temor e da ruína.*
> *É a taça de sua irmã, Samaria.*
>
> (NCV)

Sobre a desolação de Judá, depois do ataque do exército babilônico e o cativeiro que se seguiu, ver Jer. 4.7-27; 7.34; 10.22. Cf. Eze. 6.14; 12.19.

23.34

... te rasgarás os peitos. A consternação de ter bebido aquele vinho fará a senhora arrancar os cabelos e cortar os próprios seios profundamente. Os magníficos seios da mulher foram, uma vez, objetos de cobiça de homens lascivos (vs. 21), mas agora, mutilados, não atraem mais ninguém. Seu deboche trouxe-lhe uma reviravolta radical da fortuna. O siríaco traz: "Vai tirar absolutamente seu cabelo e cortar fora os seus seios". Uma punição que as adúlteras costumavam sofrer era o corte dos cabelos.

Quarto Oráculo: O Pecado Cardinal (23.35)

23.35

Como te esqueceste de mim, e me viraste as costas... A fonte de todos os pecados da senhora devassa era o abandono de seu Marido, Yahweh, quebrando os pactos estabelecidos (metaforicamente, as promessas solenes do casamento). Cf. Eze. 22.12. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) entrega a quarta mensagem. Ver as notas no vs. 22, sobre os *quatro oráculos.* Esquecendo Yahweh, a senhora adúltera correu atrás de seus amantes (idolatria). Chegou a hora de suportar as conseqüências de sua loucura. Ver sobre a lei da colheita segundo a semeadura, nas notas em Gál. 6.7-9, no *Novo Testamento Interpretado.* Os amantes da senhora prostituta se aproximam para matar sua "amada". Cf. Nee. 9.26; Isa. 5.24; Jer. 2.32 e 13.25. A lei de Moisés era seu *guia,* mas ela entrou em caminhos espúrios. Ver a lei como guia em Deu. 6.4 ss.

Conclusão (23.36-39)

"Nesta seção final, Ezequiel fornece um sumário dos pecados de Samaria e Judá. Ele descreveu, separadamente, a história e julgamento desses povos (vss. 1-35) e, então, combina os dois povos para fazer uma comparação. Os pecados principais eram a idolatria (vss. 36-39) e as alianças estrangeiras (vss. 40-44). Seus julgamentos serão iguais: vss. 45-49" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

23.36

Filho do homem. Yahweh falou, utilizando o título de sempre, com o qual se dirigia ao profeta (anotado em Eze. 2.1).

Julgarás tu...? O profeta momentaneamente assume o lugar de Yahweh, tornando-se o Juiz que acusará a senhora culpada. Demonstrará o envolvimento

dela em atos abomináveis que exigiram um julgamento severo. Ver Eze. 20.4, onde o profeta também é designado Juiz.

23.37

Os Pecados Mais Conspícuos do Povo. Os versículos que se seguem fazem um sumário da triste atuação espiritual das duas nações: adultério (literal e metafórico: a idolatria); crimes de sangue; prostituição (física e sagrada); sacrifício de crianças no fogo de deuses pagãos, que fizeram de suas crianças uma "comida" para os deuses. Cf. Eze. 16.16,20-21,28,36,45; 20.26,31, para listas semelhantes. Nada de novo é apresentado. Os pecados eram pesados, e o julgamento também o seria. A lista demonstra que o julgamento, embora severo, será justo e inevitável.

23.38

No mesmo dia contaminaram o meu santuário e profanaram os meus sábados. Desonraram os sábados do Senhor; encheram o templo com ídolos, tornando-o imundo; sacrificaram aos deuses pagãos, até no santuário de Yahweh; no mesmo dia, sacrificaram suas crianças (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Moleque, Moloque*). O texto informa que aqueles homens cometeram uma série de pecados pesados, *no mesmo dia*, e não sentiram remorso nenhum. Praticaram suas profanações nos dias designados pela lei para honrar a Yahweh.

No mesmo dia em que sacrificaram suas crianças para ídolos absurdos, entraram no templo, com o sangue delas ainda nas mãos, e a fumaça dos sacrifícios impregnada nas roupas, e assim profanaram a casa do Senhor com sacrifícios pagãos. Sua própria presença profanava o templo.

23.39

O Fundo do Poço. Aqueles homens chegaram ao limite do deboche. Sacrificaram suas crianças de maneira cruel e, com os gritos delas ainda ressoando nos ouvidos, foram profanar o templo. Provavelmente praticaram tais abominações em pleno *sábado*, o dia dedicado ao culto de Yahweh, fazendo de seus atos uma ofensa múltipla. Cf. Jer. 7.9-10,30.

23.40

Cf. este versículo com o vs. 16, onde há declaração semelhante. Aqueles homens ímpios igualaram seu adultério espiritual com a variedade física. Os dois países fizeram *alianças* com forças estrangeiras, o que os profetas sempre condenaram. Emprestaram de dois países pagãos seus deboches, inclusive a prostituição sagrada. Pagaram as sacerdotisas por seus serviços de adultério literal, e o dinheiro foi utilizado para sustentar o culto idólatra. As prostitutas sagradas se vestiam em roupas finas, multicoloridas; convidavam os "fregueses" para suas câmaras de iniqüidades; banhavam-se diante de seus olhos e se preparavam para o ato sexual. Boquiabertos, os fregueses observavam a cena e se inflamavam. Ver sobre prostitutas pintadas, em Jer. 4.30. Para as *camas* do adultério, ver Pro. 7.16 e Osé. 7.14. Ver Isa. 57.9, para detalhes destas preparações, e para pintura dos olhos, ver II Reis 9.30. Tinta preta era usada para cobrir as pálpebras e salientar o branco dos olhos.

23.41

E te assentaste num suntuoso leito. Os fregueses se sentavam a uma mesa, bebendo vinho para aumentar sua cobiça sexual e remover qualquer inibição. Observavam a preparação da mulher e, finalmente, lá estava ela, nua, deitada na cama, falando palavras obscenas, um velho (e atual) truque para provocar desejo. Fazia gestos sugestivos e, em pé na cama, dançava, enquanto os olhos dos homens se enchiam de cobiça.

O incenso sagrado (tirado do templo!) queimava, emitindo odores agradáveis, para excitá-los ainda mais, se isto fosse possível. De fato, para algumas pessoas, cheiros de perfume e incenso são importantes como estimuladores da paixão. Havia também os óleos sagrados (tirados do templo!) para ungir os corpos daqueles depravados. Nada faltava e, com gemidos de prazer, os participantes praticavam seus deboches. E, quando olharam pelas janelas, o sol já se levantava. Fora uma noite delirante e eles perderam qualquer senso da passagem do tempo. Assim, o profeta, sem nenhuma vergonha, descreveu a cena do adultério, literal e metafórico, de Israel-Judá. A Bíblia sempre fala francamente sobre tais coisas.

23.42

Com ela se ouvia a voz de muita gente que folgava. Houve muitos parceiros, muitos amantes, muitas noites de iniqüidades. Oolá e Oolibá eram donzelas ocupadas. Elas convidavam qualquer um que passasse na rua, até os bêbados e homens das classes mais baixas.

Bêbado. A palavra hebraica utilizada é *sabeanos*, que tem um significado duplo: 1. Um *povo* assim chamado. 2. *Beberrões.* Aquela gente era um povo semicivilizado, bravo e violento, que tinha reputação de conduta debochada. As duas irmãs gostavam dos tipos mais bestiais, para satisfazer seus desejos depravados. Provavelmente o texto faz alusão às festividades dos pagãos, que sempre incluíram muita música, bebida e dança e mulheres; eram os "carnavais" antigos. Um comportamento promíscuo sempre resultou disso, porque, afinal, o carnaval é um convite à promiscuidade. O que pode ser mais *carnal* do que *carnaval*?

Alguns homens vis se vestiam regiamente para tais ocasiões. Afinal, iam para a cama com mulheres sofisticadas. As mulheres finas se enfeitavam com jóias raras e roupas caras, exalando delicioso cheiro de perfumes importados, tudo para excitar as paixões daqueles ímpios.

Puseram braceletes nas mãos delas e, na cabeça, coroas formosas. Foram os homens que enfeitaram as mulheres já deitadas na cama, todos rindo e falando piadas de baixo calão.

23.43

Envelhecida em adultérios. A NIV chama as mulheres de "desgastadas", porque se enfraqueceram de tanto praticar adultérios com seus muitos parceiros, e acrescenta: "*Deixe-os usá-la como prostituta, porque uma prostituta é só o que ela é*".

Continuará ela em suas prostituições? Esta é uma pergunta retórica que espera uma resposta negativa: Não! As irmãs se cansaram de seus deboches (NCV). E Yahweh falou: "Deixe a mulher continuar no seu adultério; é somente uma prostituta" (NCV).

O hebraico deste versículo é obscuro e interpretado de diversas maneiras. Aquelas irmãs eram mulheres casadas que se perderam no meio da carnalidade. O Marido, Yahweh, de Sua posição privilegiada nos céus, observava "as esposas", enfurecendo-se mais e mais. Logo, Ele destruiria toda aquela multidão com um único golpe de Sua espada (o exército babilônico).

23.44

Passaram a estar com ela, como quem freqüenta a uma prostituta. Embora rainhas, as irmãs lascivas se reduziram à posição de prostitutas de rua comuns, recebendo qualquer um. Perderam todo o auto-respeito, se desgastaram e se tornaram "prostitutas velhas" e obsoletas, que ninguém mais procurava. Não havia amor, só paixões desenfreadas. Não existia nada de nobre envolvido (cf. Eze. 23.3). As descrições aqui apropriadamente representam Israel e Judá como *devassas* que procuraram as nações pagãs, abandonando o Marido.

23.45

Nas suas mãos há culpa de sangue. As prostitutas velhas, da representação do profeta, envolveram-se em crimes de todo o tipo: de sangue, de roubos, de extorsão. Não eram meramente mulheres de prazeres; eram criminosas desprezíveis, prostitutas sangrentas que fizeram muitas vítimas. Mas eram esposas do Rei! Os homens bons não sentiram nenhuma atração por elas e as acharam obnóxias. No vs. 36, Yahweh designou o profeta para Juiz daquelas senhoras, tomando o Seu lugar. O juiz descobriu somente coisas negativas e, assim, as condenou. Yahweh, aceitando sua avaliação, logo passará a sentença contra elas. Os babilônios serão o instrumento da vingança.

23.46

Farei subir contra elas grande multidão. Yahweh passou a sentença. As mulheres serão *executadas* pela multidão. A adúltera sofria execução legal por apedrejamento (Lev. 19.20-22; Lev. 20.10; Deu. 13.10; João 8.5). As adúlteras tiveram uma morte agonizante às mãos das pessoas ao redor. A *multidão*, aqui, é o exército babilônico. As senhoras prostitutas foram executadas publicamente, à vista das nações pagãs, que aplaudiram a execução como *justa*.

23.47

A multidão as apedrejará e as golpeará com as suas espadas. Como as adúlteras, que eram apedrejadas, assim seriam executadas as senhoras adúlteras, mas as pedras seriam as *espadas* do exército estrangeiro.

A seus filhos e suas filhas matarão. A *temível tríade* devastará as senhoras e todos os seus filhos e filhas, isto é, a população inteira. Ver a *temível tríade* (espada, fome e pestilência) anotada em Eze. 5.12. O Targum tenta aqui preservar a imagem das pedras, falando da *funda* dos babilônios como instrumento da destruição. Havia também máquinas de guerra especializadas em lançar grandes pedras, que destruíam muitas vidas.

Suas casas queimarão a fogo. O *fogo* era também empregado pelos exércitos antigos como elemento devastador. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Fogo.* Não há nenhuma alusão ao fogo do julgamento além do sepulcro, neste texto. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Fogo, Símbolo de.*

23.48-49

Assim farei cessar a luxúria da terra. O exército pagão terminará efetivamente com a vida das duas senhoras ímpias. As outras mulheres (nações), observando o temível acontecimento, aprenderão a lição para não agir erradamente. Arrepender-se-ão (se isto for possível). De qualquer maneira, o ataque babilônico e o cativeiro subseqüente acabariam absolutamente com a idolatria israelense para todo o sempre. "Daquele tempo até hoje, os judeus nunca se envolveram mais com a idolatria" (Adam Clarke, *in loc.*).

Todo o Israel ouvirá e temerá, e não se tornará a praticar maldade.

(Deuteronômio 13.11)

Sabereis que eu sou o Senhor Deus. Esta expressão é usada usa 63 vezes no livro, normalmente associada ao *julgamento.* Algumas vezes é associada à idéia de *restauração.* Ver as notas em Eze. 16.62. Todos os julgamentos são remediais, não meramente retributivos. Ver a respeito desse tema nas notas em I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado.*

Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus), exercendo Sua soberania, determinará o destino das duas senhoras, e o resultado certamente será amargo. O *teísmo bíblico* persiste no livro de Ezequiel. O Criador não abandonou Sua criação; está presente para intervir, castigar as maldades e recompensar a bondade, segundo as Suas leis morais. O *deísmo,* por contraste, ensina que a Força Criadora (pessoal ou impessoal) abandonou Sua criação aos cuidados das leis naturais. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teísmo* e *Deísmo.*

O *show doentio* de Israel-Judá acabou no desmantelamento do palco e na queda de todos os atores. As duas senhoras apresentaram um show pornográfico (idolatria-adultério-apostasia) que Yahweh não pôde tolerar.

Capítulo Vinte e Quatro

A Caldeira sobre o Fogo (24.1-14)

Os julgamentos de Yahweh são agora profetizados sob outras figuras. Primeiro, temos a metáfora da caldeira sobre o fogo, vss. 1-14; depois, o sinal ilustre da morte da esposa de Ezequiel, vss. 15-27.

Este capítulo conclui a *terceira série* de julgamentos pronunciados contra Judá: 1. capítulos 4-11; 2. capítulos 12-19; 3. capítulos 20-24.

O capítulo 24 funciona como o ápice, enfatizando a *inevitabilidade* da punição. Judá demorara demais nas suas poluições, exaurindo a paciência divina. A oportunidade para arrependimento estava perdida.

"*O Início do Fim.* A alegoria da caldeira (cf. Jer. 1.13-19) combina os dois temas (talvez dois oráculos, originalmente). Na *caldeira,* isto é, em Jerusalém (Eze. 11.3-12), todos os bons e os maus (Eze. 21.4; Miq. 2.2-3) serão fervidos, enquanto homens farão pilhas de madeira (equipamentos de guerra) ao redor dela. O conteúdo da caldeira será totalmente fervido. Depois, ela será esvaziada (o cativeiro depois do ataque). Os ossos que resistirem à água fervente serão queimados (uma referência à pilhagem que se seguirá ao ataque). Os vss. 6 e 11 introduzem o novo tema de *corrosão,* referindo-se ao passado sangrento de Jerusalém (Eze. 22.2-12; Gên. 4.10-11)" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução ao capítulo).

24.1

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta declaração garante que a mensagem foi inspirada por Yahweh, e que Ezequiel era o Seu profeta autorizado. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1. Ver as notas sobre as *três deportações* de Judá para a Babilônia, em Jer. 52.28.

O nono ano, no décimo mês, aos dez dias do mês. A data indicada neste versículo é o dia 15 de janeiro de 588 A. C., início do ataque a Jerusalém. Cf. II Reis 25.1 e Jer. 52.4. As profecias finais de Ezequiel, sobre a destruição da cidade, foram pronunciadas no nono ano do exílio de Jeoaquim, rei de Judá. O dia exato era o décimo do décimo mês. Esse foi um dia de calamidade singular na história de Jerusalém. Grande parte dos últimos livros do Antigo Testamento foi dedicada ao tema.

24.2

Filho do homem. Ver as notas sobre esta expressão em Eze. 2.1. Yahweh normalmente usava este título quando se dirigia ao profeta.

Escreve o nome deste dia. Justamente aquele dia foi escolhido por Yahweh para o ataque babilônico; era o início do fim de Jerusalém. Logo a cidade seria uma pilha de escombros fumegantes. Ezequiel começara a falar a respeito daquele acontecimento fazia quatro anos, mas Suas palavras caíram em ouvidos surdos. O povo nem quis saber das "profecias de aniquilação". Ninguém se arrependeu nem mudou de conduta. Cf. II Reis 25.1; Jer. 39.1 e 52.4. A autoridade de Ezequiel como profeta era comprovada. Talvez ele estivesse presente para ver pessoalmente o acontecimento temível. Mais provavelmente estava 1.400 km distante, com os cativos em Quebar, Babilônia (II Reis 25.1; Jer. 39.1). Ele recebeu o oráculo que descrevia a calamidade, no mesmo dia em que tudo aconteceu!

24.3

Propõe uma parábola à casa rebelde. *O Dia Temível.* A alegoria da caldeira sobre o fogo, ou da panela no fogo, com água fervente, ilustra o dia da *calamidade* de Jerusalém. Cf. Jer. 1.13-19, onde é descrito algo semelhante. Ver também Eze. 11.3,11. A referência indica um tipo de pote feito de metal ou barro. O vs. 6 fala de *corrosão,* que mostra que este pote era de cobre. A arqueologia descobriu uma variedade bastante grande de potes. O tipo descrito neste texto tinha a boca larga e servia para ferver uma quantidade razoável de água ou comida.

Nesta alegoria, a *própria Jerusalém* é o pote (panela ou caldeira). Dentro dele, será fervida a população, os bons e os maus, sem distinção. O cerco da cidade durou 30 meses; os ataques chegaram em ondas; três deportações levaram os poucos sobreviventes para a Babilônia e, até lá, a espada os alcançou e continuou a matança. A ira de Yahweh só se esgotou quando não restava mais nada para destruir.

Casa rebelde. Esta é uma referência comum para Israel-Judá, que toma o lugar de "a casa de Israel" ou "a casa de Judá". Cf. Eze. 2.5-8; 3.9,26-27; 12.2; 17.12; 44.6.

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus), pelo exercício de Sua *soberania,* era a causa daquele dia temível. Nada acontece por acaso. Este título divino ocorre 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Enfatiza que a soberania de Deus determina o destino da humanidade, tanto dos indivíduos quanto das nações, agindo segundo as exigências da lei moral. Os decretos divinos são as causas de tudo quanto acontece, embora existam também *causas secundárias,* especialmente as maldades dos homens que criam tanto caos neste mundo. A *Providência de Deus,* tanto negativa quanto positiva, é o agente ativo por trás dos eventos humanos. Ver esse título no *Dicionário.* Ver também os artigos denominados *Soberania de Deus* e *Teísmo.* Ver as notas em Gál. 6.7-8, no *Novo Testamento Interpretado.*

Põe ao lume a panela, põe-na, deita-lhe água dentro. O triste fim de Jerusalém fora selado com aquele decreto.

24.4

Ajunta nela pedaços de carne, todos os bons pedaços. *Os cortes nobres* da carne eram cozidos no pote; a alusão é àquelas partes que pertenciam a Yahweh, o sangue e a gordura (ver as leis sobre isto em Lev. 3.17). Os sacerdotes também recebiam oito porções especiais (ver Lev. 7.11-23; 26.1-46; Núm. 18.8 e Deu. 12.17,18). O restante ia para a festividade (refeição comunal), da qual participavam as pessoas que haviam levado os sacrifícios. Os "bons pedaços" eram a liderança do país, oficiais do exército, governantes civis e sacerdotes. Ver sobre os *bons pedaços* em I Sam. 2.13-17. O massacre de Jerusalém tornou-se um *sacrifício a Yahweh,* um culto sagrado e uma festividade macabra.

24.5

O Sacrifício Continua. Seria coisa temível quando Judá-Jerusalém fosse sacrificado pelos babilônios, que se tornam os sacerdotes de Yahweh, na alegoria. O hebraico deste versículo é obscuro e diversas interpretações hipotéticas se apresentam: 1. Alguns colocam *os ossos* embaixo da caldeira para serem queimados, servindo como combustível. Os ossos provavelmente significam o *povo comum.* 2. Outros substituem *ossos* por *madeira.* Cf. o vs. 10. 3. Os nobres do país são representados pelas *ovelhas escolhidas,* que seriam sacrificadas no altar de Yahweh. Estas substituem os *cortes nobres* do vs. 4. 4. Ou tanto os ossos quanto as ovelhas escolhidas estão *dentro* do pote e serão cozidos até ficarem totalmente dissolvidos. Não resistirão ao calor da ira de Deus. A punição continuará destruindo até que nada reste. Os mais fortes (os ossos duros) serão enfraquecidos e finalmente obliterados por causa da severidade dos ataques do exército babilônico.

24.6

Assim diz o Senhor Deus: Ai da cidade sanguinária, da panela cheia de ferrugem. É o soberano que efetua Sua vontade no sacrifício de Jerusalém. A panela enferrujada significa a corrupção de Jerusalém, ou o cobre está corroído, afirmando a mesma coisa. A cidade sangrenta, ímpia, iníqua, adúltera, idólatra, escandalosa, pecaminosa, obscena, abusiva, devassa, apóstata, violenta, rebelde, miserável não escapará à vingança de Deus.

Adonai-Yahweh (o Soberano Eterno Deus) aplicará Seu poder à situação e reduzirá a cidade a nada. Seu decreto de ira queimará os perversos.

Ferrugem. A palavra assim traduzida no hebraico é, literalmente, doença. É curioso que peritos na metalurgia moderna chamem a corrosão do cobre de "doença de cobre". A *violência* da cidade era uma das suas muitas doenças crônicas. Todas as cidades modernas sofrem da mesma enfermidade. O autor menciona apenas algumas das mais virulentas. Cf. Eze. 22.3; 23.37 e o vs. 9. Jerusalém era uma cidade *repleta de ferrugem.*

Pedaço por pedaço. A carne cozida será tirada do pote, pedaço por pedaço, indicando que a destruição será completa, nada escapará à ira de Yahweh. Todos terão seus lugares no sacrifício de vingança. *Pedaço por pedaço* talvez indique, também, que a destruição acontecerá aos poucos, em estágios. Haverá espada, fome e pestilência, a *temível tríade* em operação (ver Eze. 5.12). Nenhum pedaço será favorecido; nenhuma mágica ocorrerá. Nenhuma *escolha* será feita, isto é, não haverá discriminação.

Sem parcialidade, favores ou respeito a pessoas, todos, culpados de grandes males, sofrerão grandes males, pois terão o mesmo destino amargo. A devastação será *nacional* e de *proporções gigantescas.* O Targum salienta aqui as deportações que se seguiram às ondas de ataques. Ver Jer. 52.28, para as *três* deportações.

24.7

A culpa de sangue está no meio dela. Cf. a história de Caim e Abel, em Gên. 4.10-11. O texto enfatiza que Jerusalém era uma cidade de crimes de sangue (vs. 6). Quando um homem morria violentamente, boa parte de seu sangue era absorvido no chão e se perdia. Mas uma rocha não podia absorvê-lo. O sangue se espalharia por toda a parte e seria visível a todos. O olho de Yahweh observava as cenas de violência e constatou todo aquele sangue sobre as rochas. A porção absorvida clamava para ser vista e também vingada. Uma lei levítica exigia que sangue derramado fosse *enterrado* (Lev. 17.13); a lei se aplicou ao sangue de homens e animais. O sangue gritava contra a cidade sangrenta. Personificado, fica em pé, em cima da rocha polida, para ser visto e ouvido. Crimes de violência se acumularam em Jerusalém. Ver Eze. 22.12-13; 23.37. A cidade ficou indiferente à violência, mas Yahweh, não.

24.8

Para fazer subir a indignação, para tomar vingança. O sangue descoberto não podia ser ignorado. Estava lá, chamando a atenção de Deus; exigia vingança contra os assassinos. Cf. Gên. 4.10; Lev. 17.13-14 e Jó 16.18.

Pus o seu sangue numa penha. Adonai-Yahweh colocará sobre uma rocha o sangue derramado pela cidade sangrenta. Afinal, como vingança divina, a cidade será inundada *com seu próprio sangue,* quando o exército babilônico abrir as veias de toda a sua população com a espada. O sangue não será absorvido pela terra, mas ficará visível aos olhos de todos.

24.9

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) aplicará Sua soberania à situação que não mais podia ser ignorada. Seu poder controla o destino das nações.

Também eu farei pilha grande (de lenha). Seu decreto exigiu o fim da cidade violenta. Yahweh pronunciou uma maldição contra ela. Jerusalém será destruído pelo fogo (metafórico, de Yahweh, e literal, do exército babilônico). O fogo embaixo da caldeira ficaria extremamente quente, porque Deus continuaria alimentando-o com mais combustível. A água no pote ferverá furiosamente, porque a ira de Deus é furiosa. O fogo purificará o lugar. O pote ficará tão quente que seu cobre se tornará candente (vs. 11).

O grande fogo, bem suprido com combustível, queimará por muito tempo, até se completar a tarefa de "cozinhar a carne". Os habitantes da cidade pecaram por longo tempo, e o fogo igualará sua atuação.

24.10

Amontoa muita lenha. A pilha se estenderá aos céus e terá potencial ilimitado para queimar. O fogo não falhará por falta de combustível; ficará mais quente e furioso, para cumprir a tarefa de acabar com a cidade. Um sacrifício está sendo preparado para Yahweh, que se satisfará com a carne cozida. Ela será *bem* cozida; receberá condimentos para ficar mais apetitosa. Yahweh consumirá tudo, porque será Sua refeição sacrificial. Estas preparações significam que os ataques do rei da Babilônia seriam bem planejados e executados, obtendo êxito absoluto. A catástrofe será a primor; a ruína será grande e as calamidades, devastadoras.

Engrossa o caldo. Usando condimentos e farinha de trigo, para deixar a refeição mais deliciosa. A Septuaginta substitui estas palavras com "esvazia o caldo", que teria o efeito de deixar o conteúdo do pote queimar-se totalmente ou ser derramado diretamente nas chamas, consumindo-se. O pote vazio seria purificado pelo fogo.

24.11

Porás a panela vazia sobre as brasas. A panela vazia será colocada diretamente no fogo, sem nenhum líquido para diminuir o calor. O cobre do pote ficará candente e, esperançosamente, sua corrosão (vs. 6) será destruída. Mas ai! Até mesmo o fogo superaquecido não teria efeito *nenhum* sobre a corrosão (depravações da cidade). As iniqüidades da cidade permaneceriam intactas, mesmo com o cobre candente. O Targum diz aqui: "Eu deixarei a terra desolada, para que os habitantes fiquem desolados. Aqueles que operam imundícia serão consumidos; os portões da cidade serão obliterados, e aqueles que praticam obras sórdidas, na cidade, serão derretidos".

24.12

Trabalho inútil! Todo aquele trabalho de Yahweh não conseguiu seu alvo ideal: purificar a cidade apóstata. Yahweh desistiu de ter misericórdia. A devastação total da cidade vem logo, sem possibilidade de redenção do povo.

Os antropomorfismos do texto são fortes por causa do dilema da linguagem humana. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Antropomorfismo.* Ver também *Antropopatismo* (atribuir a Deus emoções humanas). A paciência de Deus se esgotou. O dia do julgamento havia chegado. Yahweh não teria piedade, e Jerusalém ceifaria o que havia semeado. Cf. Isa. 43.24 e Mal. 2.17.

24.13

Na tua imundícia está a luxúria. Agora o autor informa claramente o que quis dizer com a *corrosão* do pote. A *doença do cobre* significa as doenças do povo, suas corrupções, violência, adultérios, rebeldia, idolatria e apostasia. As duas irmãs, *Oolá* e *Oolibá* (Israel e Judá, respectivamente; ver o capítulo 23), afundaram-se nas suas perversões e foram além das nações pagãs. Recusaram qualquer purificação ou reforma. Yahweh reagiu furiosamente e aplicou Sua ira através do exército babilônico. Um pequeno remanescente seria levado para a Babilônia e o sofrimento continuaria por 70 anos (Jer. 25.11-12). O pequeno remanescente seria *refinado.* Adonai-Yahweh encontraria uma pequena porção de prata, para começar tudo de novo, depois do cativeiro. Haveria um Novo Israel, humilhado e pobre, mas viável como uma nação em regeneração.

Yahweh demorou longo tempo para aplicar o julgamento, esperando uma mudança no comportamento do povo, mas aqueles homens rebeldes nem souberam o significado da palavra "arrependimento". A misericórdia de Deus fora de longa duração, mas, afinal, o julgamento tornou-se inevitável e urgente. Cf. II Ped. 3.8-10. Onde a misericórdia falhou, a punição devastadora obteria êxito. Abominações, escolhidas *de propósito* pelo povo, seriam anuladas por um julgamento escolhido de propósito por Deus.

24.14

Eu, o Senhor, o disse: será assim, e eu o farei. Este versículo intenso fala da *vontade divina:* 1. A palavra de Yahweh (seu decreto) e Seu juramento garantem que o julgamento será efetivo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Juramento.* 2. O resultado triste será inevitável, porque o dia do arrependimento se perdera no caos do pecado. O fogo de Yahweh purificará o povo e depois o curará. Os julgamentos de Deus são restauradores, não meramente retributivos. 3. Yahweh diz "Eu o farei", portanto, a obra é divina, cumprindo as exigências da lei moral de Deus. 4. O *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*) continua sendo um conceito importante de Ezequiel: o Criador não abandonou Sua criação, mas está presente para intervir, castigando os maus e recompensando os bons. 5. Não haverá arrependimento divino até a tarefa se completar. Ver sobre o arrependimento de Yahweh, nas notas expositivas sobre Êxo. 32.14. 6. Os homens recolhem o que semeiam. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* 7. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) é o Juiz, cuja soberania governa tudo; Dele depende o destino das nações e dos indivíduos. Este título é usado 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Soberania de Deus.*

O Sinal da Morte da Esposa do Profeta (24.15-27)

Este novo oráculo se divide em duas partes: 1. A morte da mulher (vss. 15-19). 2. A parábola (sinal) derivada do acontecimento (vss. 20-27).

A esposa de Ezequiel morreu, mas Yahweh o proibiu de realizar os ritos comuns relacionados à morte, como lamentar-se por diversos dias, desfigurar-se, cortar o cabelo, sentar em cinzas, andar descalço e vestir-se em pano de saco. Cf. Jer. 16.5-9 e Miq. 1.8, que falam sobre os sinais de tristeza associados à morte de um ente querido. A dor interior do profeta não podia ser revelada. Jerusalém morrerá, mas ninguém lamentará o acontecimento.

24.15

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta é a declaração comum que introduz novos materiais ou oráculos. Afirma a inspiração divina da mensagem que se segue e garante que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh.

24.16

Filho do homem. Yahweh fala com o profeta utilizando seu título comum (anotado em Eze. 2.1).

Não lamentarás, nem chorarás, nem te correrão as lágrimas. O Controlador do destino humano decidiu tirar a vida da esposa do profeta. Ele amava a mulher, "a delícia" dos olhos dele, mas não podia expressar nenhuma tristeza.

Ela morreu às súbitas, talvez de derrame, acidente ou qualquer outra doença. O golpe fora rápido e fatal. O profeta não teve tempo para se preparar, nem para orar pedindo misericórdia. De manhã, ela estava bem; ao meio-dia, morta. A situação tornou-se pior pela proibição das lamentações. Jerusalém devassa não será lamentada quando morta pelo exército babilônico. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lamentação*; cf. Jer. 16.5-7. Ver também II Sam. 15.30; Jer. 14.3; 22.18; 34.5 e Osé. 9.4.

A mulher representava, especificamente, o templo e, por extensão, toda a cidade. O templo era valioso e espiritualmente útil, fazendo de Judá um povo distinto entre as nações (Deu. 4.4-8). Por causa de sua idolatria-adultério-apostasia, cairá morta num dia designado por Yahweh. O golpe será súbito, brutal e fatal.

A morte da esposa é o único acontecimento *pessoal* da vida do profeta registrado neste livro. Até esse evento foi colocado no contexto do trabalho dele. O profeta trabalhou arduamente e com tanta intensidade, que não lhe sobrava tempo para participar dos pequenos prazeres da vida. Sua vida era dedicada, totalmente, ao Ser divino.

24.17

Geme em silêncio, não faças lamentação pelos mortos, prende o teu turbante, mete as tuas sandálias nos pés, não cubras os teus bigodes e não comas o pão que te mandam. *A Vida Continua.* O profeta recebeu ordens para conduzir sua vida como se nada tivesse acontecido: nada de lamentações ou de sinais de tristeza.

Para detalhes completos, ver no *Dicionário* o artigo sobre *Lamentação*. Ezequiel enrolou na cabeça um tipo especial de turbante, talvez semelhante ao dos sacerdotes, mas não o do sumo sacerdote, que ele não o era. Descobrir a cabeça era sinal comum de lamentação. Os sacerdotes comuns podiam tirar seus turbantes em tempos de lamentação, mas o sumo sacerdote, não. Todavia, quando um parente *muito próximo* morria, essa regra (proibição) era relaxada (Lev. 10.6-7). O lamentador cobria o lábio superior com um pano ou com a mão, em sinal de dor. Os amigos do lamentador levariam para ele uma refeição humilde, que o aliviaria da necessidade de preparar comida nesse tempo de crise. O costume de *festas fúnebres* pertencia a uma época posterior e ainda persiste em alguns países do mundo moderno. O profeta continuou uma vida normal; não observou nenhum rito e nenhum vizinho trouxe comida para ele.

24.18

Falei ao povo pela manhã. No dia em que a esposa morreu, o profeta continuava suas pregações ao povo. Seria outro dia de rotina, mas, à tarde, a mulher faleceu. A rotina prosseguiu, como se nada de anormal tivesse acontecido. A previsão de Yahweh correu com exatidão. Assim Jerusalém será morta e ninguém lamentará, embora fosse "amada" durante toda a sua história. O profeta encenava uma *parábola viva*, cumprindo as ordens de Yahweh nos mínimos detalhes.

24.19

Não nos fará saber o que significam estas cousas...? A notícia da morte da esposa do profeta se espalhou. O povo observava o profeta conduzindo sua vida normalmente, não lamentando e (aparentemente) não se importando com o acontecido. Na sua curiosidade, perguntaram o "porquê" de seu comportamento estranho, considerando-se as circunstâncias. Ezequiel, homem piedoso, negligenciando seus deveres como judeu? Sua conduta, segundo os padrões na nação, era impiedosa. A lamentação figurava entre os *deveres* de qualquer pessoa decente de Judá.

Respeito aos Mortos. As pessoas, freqüentemente, respeitam aos mortos mais do que aos vivos. Sempre procuram falar alguma coisa boa sobre eles, mesmo que, quando vivos, os detestassem. De qualquer maneira, a morte nos ajuda a esquecer as trivialidades da vida, para contemplar as questões mais sérias. Esquecemos as coisas irritantes que as pessoas praticaram quando vivas. Até procuramos deixar nas mãos de Deus a *crítica*, a avaliação do valor da vida que se foi. Em vez de criticar, nós nos esforçamos para dizer alguma coisa positiva. De fato, ritos fúnebres freqüentemente incorporam palestras pouco realistas sobre as alegadas virtudes do defunto.

Um pastor, conduzindo um rito fúnebre de um homem de má reputação, esforçou-se para dizer algo positivo sobre ele. Falou: "Este homem não era tão mau, em certas ocasiões, como o era em outras".

A Explicação da Parábola Viva (24.20-27)

24.20

Eu lhes disse: Veio a mim a palavra do Senhor. A declaração deste versículo é a mesma que introduz novos materiais ou oráculos, neste livro. Lembra-nos de que Yahweh havia inspirado as palavras a Ezequiel, Seu profeta autorizado.

O profeta recebeu um oráculo especial para explicar bem a parábola viva da morte de sua esposa.

24.21

O meu santuário, objeto do vosso mais alto orgulho, delícia dos vossos olhos e anelo de vossa alma. A *esposa amada* representava o *templo amado*. O templo era "a delícia dos olhos" de Jerusalém, da mesma maneira que a esposa o era para o profeta (vs. 16). Fora também o "anelo das suas almas", mas o profanaram e, assim, garantiram o fim do Tesouro. Como a *esposa* do profeta fora subitamente removida pela morte, em certo dia determinado por Yahweh, assim aconteceria com o *templo*. O golpe divino nivelou os dois. O povo, atônito, permaneceu em silêncio.

Vossos filhos e vossas filhas... cairão à espada. Nunca mais os gritos alegres das crianças se ouviriam nas ruas. Jer. 52 relata a história temível. Os judeus, já no cativeiro, não terminariam seus dias em paz. Perseguição e matança os alcançariam. Os poucos sobreviventes seriam levados à força, da cidade, enquanto os corpos de seus amados seriam espalhados na rua, sem um enterro decente. Era terrível só ouvir, quanto mais seria participar da realização desses fatos.

> *Achas que o templo dá forças para ti;*
> *Tens orgulho dele. Ele dá alegria para ti.*
>
> (NCV)

24.22

Fareis como eu fiz. Tudo o que aconteceu a Ezequiel, no seu dia de calamidade, acontecerá a Jerusalém no seu dia de punição. As pessoas levadas cativas para a Babilônia não terão a oportunidade de cuidar dos mortos, providenciar enterros decentes e realizar os ritos de lamentação. O cadáver-Jerusalém ficaria deitado numa rua abandonada. Este versículo dá um pequeno sumário sobre a lamentação vista no vs. 17, onde há notas. Os sobreviventes de Jerusalém agirão exatamente como o profeta agiu, quando da morte de sua esposa. A dramática parábola viva se tornará a realidade da cidade.

Os judeus, já na Babilônia, evitariam toda demonstração pública de aflição. Simplesmente se desgastariam no cativeiro, por causa de seus pecados. Gemeriam intimamente, mas expressões públicas de lamentação seriam restritamente proibidas pelo governo babilônico. Eles não receberiam nenhuma gentileza da parte de seus mestres. Ninguém traria comida para eles (vs. 17).

24.23

Este versículo acrescenta itens que já vimos no vs. 17, tornando a informação do vs. 22 mais completa. Os judeus no cativeiro não mostrarão sinais normais de lamentação, imitando o profeta, mas continuarão apodrecendo em seus pecados, com gemidos interiores que não podiam expressar publicamente. Ficarão angustiados, mas os chefes do trabalho na Babilônia não lhes permitirão retirar a sandália, mostrando sua dor pela destruição de Jerusalém. Os lamentadores tiravam

as sandálias, ficando com os pés nus em sinal de tristeza. Os cativos na Babilônia andarão com os pés calçados, para trabalhar e melhor servir os estrangeiros.

24.24

Servirá Ezequiel de sinal. O profeta servia de *sinal*, um padrão para se imitar. O que havia acontecido com ele se daria com os judeus e com Jerusalém.

Sabereis que eu sou o Senhor. Percebendo a miséria da parábola viva, aquele povo conhecerá *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) melhor, como Juiz e Destruidor. Esta expressão ocorre 63 vezes no livro, normalmente associada ao julgamento, mas, às vezes, à restauração. Ver Eze. 16.62, quanto a esse uso. A soberania de Deus controlava os eventos finais da cidade.

Notícias da Queda de Jerusalém (24.25-27)

Sumário. "Quando as notícias da queda de Jerusalém alcançassem os exilados na Babilônia, a boca do profeta seria aberta. Não mais ficaria em silêncio. O profeta tinha recebido ordem para ficar quieto diante de seus companheiros do cativeiro, menos, ocasionalmente, pronunciando uma palavra de julgamento (ver Eze. 3.25-27). Sua mudez por tempo parcial terminaria quando as profecias que tinha entregado se cumprissem; cf. Eze. 33.21-22" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Em Eze. 33.21-22, o *fugitivo,* anunciando o desastre, chegou seis meses depois da queda da cidade. A passagem indica que as notícias chegaram no mesmo dia da calamidade, obviamente uma impossibilidade. Só de avião alguém teria atravessado 1.400 km no mesmo dia. Alguns dizem que o anúncio foi feito *por visão*, mas outros confessam a discrepância. De qualquer maneira, é inútil aplicar esforços heróicos para "explicar" tais problemas. Nossa fé não depende de harmonia a qualquer custo (que é, normalmente, a honestidade). Também não é necessário localizar o profeta em Jerusalém, recebendo a notícia lá, de alguém fugindo da cidade.

24.25

Este versículo repete, essencialmente, o vs. 21, sobre a destruição do templo e da cidade. Repetição é uma característica literária do autor, que fica evidente nas minhas próprias repetições de temas comuns. A informação, aqui, acrescenta "a alegria de sua glória", referindo-se à *casa* (templo), onde a glória de Yahweh (o *Shekinah*) se manifestou. Ver sobre esta palavra no *Dicionário*. Jerusalém perdeu sua glória quando o templo foi queimado. Sua apostasia foi a causa dessa calamidade. Cf. Isa. 60.7. Jerusalém era altamente fortificada, mas se comprovou fraca como a água, diante do ataque do exército babilônico. Ver Jer. 5.17.

24.26

Nesse dia virá ter contigo algum que escapar. O fugitivo conseguiu escapar ao massacre e viajou toda a distância de Jerusalém até a Babilônia, cerca de 1.400 km. É claro que não fez a viagem num só dia, como está implícito no vs. 27 (ver as notas no vs. 25). O fugitivo demonstrou que o profeta teve razão o tempo todo e que os profetas mentirosos, que não se cansaram de dizer "Paz e prosperidade em nossos dias", eram instrumentos do diabo. Cf. Eze. 33.21.

24.27

Nesse dia. Isto é, o dia da queda, afirmando que, no *mesmo dia* em que Jerusalém caiu, Ezequiel recebeu a notícia. Ver a discussão sobre o problema do tempo no vs. 25. Os harmonistas colocam o profeta em Jerusalém, para receber a notícia, ou lhe imputam uma visão do fugitivo, mas o próprio texto não afirma nada disso.

Abrir-se-á a tua boca. *No mesmo dia*, o profeta, livre do silêncio imposto, está falando aos exilados em Quebar. No lugar de procurar harmonia a qualquer custo, é melhor aceitar certas discrepâncias, sem pensar que essas trivialidades tenham alguma coisa que ver com a fé.

A mudez imposta por Yahweh terminou naquele mesmo dia. Ver explicações no vs. 25, no *Sumário*. Cf. Eze. 3.36-37; 29.21 e 33.22.

Capítulo Vinte e Cinco

Oráculos contra as Nações Estrangeiras (25.1 – 32.32)

Oráculos contra Amom, Moabe, Edom e Filístia (25.1-17)

Esta seção apresenta uma *coleção* de oráculos. Isaías (capítulos 13-23) e Jeremias (capítulos 46-51) têm coleções semelhantes. Há um *motivo escatológico* por trás destas coleções: somente quando aquelas nações fossem derrotadas, Israel poderia obter seu lugar apropriado na era do reino.

Esta seção fala de *sete* nações que serão julgadas, número que certamente simboliza a eficácia divina.

Os oráculos provavelmente foram escritos em tempos pós-exílicos e continham esperanças para um Novo Israel, em futuro distante (no Reino do Messias).

Judá não escapou da terrível punição de Yahweh. Por outro lado, um propósito restaurador estava operando. As nações ao redor também não podiam escapar à pesada mão de Yahweh. Todas as nações daquela parte do mundo compartilharam degradações, provocando a paciência divina. As punições das nações seriam também restauradoras. A graça de Deus supera Sua ira, ou *melhor*, Sua ira é um instrumento de Sua graça, porque muda situações para melhor. A restauração generalizada foi prevista no Pacto Abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18). Em Abraão, *todas as nações* devem ser abençoadas. Cf. Eze. 36.1-5; Oba. 12-14; Sal. 137.7-9 e Nee. 2.19; 4.3.

Depois do castigo de Israel, sete nações deveriam sofrer calamidades semelhantes. Isto acontecerá antes da restauração de Israel (Eze. 36.5-7).

As Nações Denunciadas pelos Oráculos: Amom, Moabe, Edom, Filístia, Tiro, Sidom e Egito. Cf. Deu. 7.1. Do ponto de vista escatológico, estas nações tornam-se tipos de um julgamento em todo o mundo, sobre todas as nações. Uma queda universal do paganismo deve acontecer antes da restauração de Israel, como condição *sine qua non* do novo dia. O Reino do Messias aparecerá depois de um julgamento completo, também restaurador.

Oráculo contra Amom (25.1-7)

O conflito entre Israel e Amom era muito antigo. Começou no tempo dos Juízes (ver 10.1-11.40) e houve vitórias e derrotas, mas a questão nunca se resolveu completamente. As velhas hostilidades se renovavam constantemente. Quando os assírios derrotaram Israel (o norte), os amonitas migraram para o oeste e tomaram o controle de Gade (Jer. 49.11). Atacaram Judá em 600 A. C., mas se aliaram às forças contra a Babilônia, no tempo de Zedequias (Eze. 21.19-20; Jer. 27.3). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amom*, para detalhes completos.

Ezequiel já tinha anunciado o julgamento sobre Amom (Eze. 21.28-32). Agora esse país é apontado como o principal objeto da vingança de Yahweh. Durante breve tempo, os amonitas se uniram a Judá para participar da revolta contra a Força do Norte. A Babilônia atacou Judá primeiro e, logo depois, Amom. Ver Eze. 21.18-27. Amom não correu para ajudar Judá na sua hora de crise; pelo contrário, alegrou-se com suas calamidades, esperando ganhar territórios (ver Jer. 49.1). Mas, com a Babilônia atrás dos bens de Judá, ninguém ganhou coisa alguma, por muito tempo.

25.1

Veio a mim a palavra do Senhor. Este versículo repete a declaração comum que introduz novos materiais e oráculos. Afirma a inspiração do que se segue e que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh.

25.2

Filho do homem. Ver as notas sobre esta expressão em Eze. 2.1. Yahweh normalmente usava este título para dirigir-se ao profeta.

Volve o teu rosto contra os filhos de Amom. Yahweh pronunciou um oráculo contra Amom. Sua determinação em julgar aquele país, por suas iniqüidades, inicia com a ordem para o profeta *volver o rosto contra os filhos de Amom.* Entendemos que um olhar severo será seguido por um julgamento severo. Sua *carranca* significou que a ira de Yahweh logo cairia sobre o lugar. Ver sobre a expressão do *olhar severo* em Eze. 4.3; 6.2; 13.17; 15.7; 20.46; 21.2; 29.2 e 35.2. A Septuaginta e o siríaco têm "fortalece seu rosto contra...", que expressa a mesma coisa com palavras diferentes. Os amonitas descenderam do incesto de Ló com sua filha mais jovem; foram inimigos constantes de Israel durante vários séculos.

25.3

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) pronunciou Sua palavra de poder contra aquele povo. Seu poder soberano realizaria seu ato retributivo, porque é *Ele* quem determina o destino dos homens e das nações. Este título divino ocorre 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Fala da soberania de Deus em ação entre os povos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Soberania de Deus* e *Teísmo.*

Bem feito. No hebraico, literalmente "ah!", uma exclamação de alegria. A NCV traz "ficaram felizes". Amom aplaudiu o ataque ultrajante contra Judá. Regozijou-se com cada calamidade: 1. quando o templo foi pilhado; 2. quando o templo foi reduzido a escombros e queimado (Jer. 52.13); 3. quando Judá ficou

desolada (Isa. 1.7; Jer. 4.7; 9.11; 10.22; 18.16); 4. quando os poucos sobreviventes foram levados cativos para a Babilônia. Os amonitas procuraram tirar proveito dessas desgraças. Regozijar-se nos infortúnios dos outros é uma perversão agravada, porque quebra violentamente a lei do amor.

25.4

Filhos do Oriente. Provavelmente trata-se de uma referência aos povos do deserto. Cf. Juí. 6.3,33; 7.12; I Reis 4.30; e Isa. 11.14.

Acampamentos. Fala das habitações temporárias típicas de povos nômades. As tribos bárbaras do deserto atacariam Amom e criariam uma situação de caos, agindo como instrumentos nas mãos de Yahweh para efetuar vingança contra os "abominadores judeus". Alguns intérpretes, antigos e modernos, vêem a Babilônia, neste versículo, como o vingador; outros dizem serem os medos e persas, mas a idéia das tribos do deserto é o que, certamente, está em vista. "... homens do Oriente, literalmente, filhos do leste, isto é, tribos nômades que habitaram os desertos do oriente" (Ellicott, *in loc.*). Os homens do oriente atacaram Amom, em nome de Yahweh, o Vingador. Cf. Eze. 21.28.

25.5

Farei de Rabá uma estrebaria de camelos. A *principal cidade* dos amonitas era *Rabá* (ver a respeito no *Dicionário*). Ela foi reduzida a nada e tornou-se um lugar de pastagem de gado, camelos etc. Neste local as tribos vitoriosas construíram estábulos para os seus animais, especialmente para os veículos do deserto, os camelos. Os amonitas perderam seu território, tal como aconteceu a Judá. As cidades foram abandonadas e tornaram-se lugares de pastagem. Cf. Isa. 17.2; 32.14; Sof. 2.14-15. Rabá era a única cidade importante de Amom. As "cidades" mencionadas nos registros históricos eram somente vilas rurais. Assim, "as habitações" caíram nas mãos dos ratos do deserto.

Sabereis que eu sou o Senhor. Por suas atitudes anti-semíticas, sofreram a penalidade. Ficaram conhecendo melhor Yahweh, por tudo o que sofreram; esta declaração freqüente neste livro se relaciona a um julgamento sofrido ou, ocasionalmente, à idéia de restauração. Ver Eze. 16.62.

25.6

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus), no exercício de Sua soberania, não deixa nada passar, castigando os merecedores e recompensando os poucos bons.

Visto como bateste as palmas e pateaste... Os amonitas bateram palmas e patearam, regozijando-se por causa da dor de Judá, o que enfureceu Yahweh, embora Ele próprio fosse a causa do sofrimento dos judeus. Ver o vs. 3. Para nós, bater palmas é um gesto comum para expressar alegria, mas não patear; contudo, entendemos que o era para os amonitas. Os mesmos gestos demonstravam *consternação* (Eze. 6.11). Talvez, aqui, o verbo *patear* signifique "dançar", donde teríamos um paralelo moderno. Cf. Isa. 55.12; Lam. 2.15; Jer. 47.27. Ver também Eze. 21.20.

25.7

Eis que estendi a minha mão contra ti. *A Mão de Yahweh.* 1. Estendeu-se contra aquele povo, ameaçando punição. 2. Efetuou grande massacre e pilhagem. 3. Matou quase todos, "cortando-os fora" da terra dos vivos. 4. Mandou os poucos sobreviventes para a Babilônia, duplicando o exílio de Judá. 5. Deu a terra deles para os ratos do deserto, as tribos do oriente (vss. 4-5).

A *mão* é o instrumento de ação, para o bem ou para o mal. Ver esta palavra no *Dicionário*. Ver as notas sobre *mão,* em Sal. 81.14; sobre *mão direita,* em Sal. 20.6; e sobre *braço,* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Todas estas expressões são antropomórficas, devido à fraqueza da linguagem humana, que não consegue falar com precisão sobre Deus, Sua natureza e atributos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Antropomorfismo.*

As tribos do deserto foram utilizadas pela mão de Yahweh para satisfazer às exigências da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

Eliminar-te-ei dentre os povos, e te farei perecer dentre as terras... e saberás que eu sou o Senhor. Como Israel, os amonitas conheceram melhor Yahweh, através de seus sofrimentos, que foram um julgamento de Deus. Esta declaração ocorre 63 vezes neste livro, normalmente em conexão com o julgamento, mas, às vezes, associada à restauração (ver Eze. 16.62). Cf. Jer. 48.47 e 49.6,39, onde as nações pagãs são restauradas, aparentemente para participar do culto a Yahweh, depois de serem purificadas por punições. O Reino do Messias está em vista nessas profecias.

Oráculo contra Moabe (25.8-11)

Ver a introdução ao presente capítulo, onde listo as *sete nações* contra as quais o profeta pronunciou oráculos.

Os moabitas, já no tempo de Moisés, entraram em choque com Israel (ver Núm. 22-24, onde temos a história de *Balaque*). As hostilidades entre os dois povos às vezes se manifestaram em guerras abertas como no tempo do rei Omri, de Israel, e Mesa, de Moabe. Esta disputa também é mencionada na *Pedra Moabita* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Moabe, Moabitas,* para detalhes.

25.8

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) pronunciou o oráculo contra Moabe e, na Sua soberania, garantiu os castigos merecidos.

Como dizem Moabe e Seir. A Septuaginta e a Vulgata omitem *Seir,* que está fora de lugar, sendo que pertencia a Edom, não a Moabe. Se a palavra fez parte do texto original, então foi um erro de descuido do autor original.

Eis que a casa de Judá é como todas as nações. Os moabitas insultaram Judá sarcasticamente. Obviamente, os judeus tornaram-se pagãos e perderam sua distinção entre as nações, como nação moralmente superior. Ver Israel *distinto* entre as nações, por causa da possessão e obediência à lei de Moisés (Deu. 4.4-8). Todavia, podemos ter certeza de que a escória de Moabe contra os judeus era um anti-semitismo em ação, não meramente uma observação moral. Além disto, maldizer Israel não era direito deles. Cf. Núm. 24.17; e Isa. 15.1-16.14, onde temos outros oráculos contra Moabe. Ver também Jer. 48 e Amós 2.1-3.

Moabe ilustrou o tipo *racionalista do* anti-semitismo que recusa ver qualquer fator bom num inimigo. Este tipo reduz o oponente a nada, vendo tudo o que é mau e sendo cego a qualquer virtude. É uma atitude ignorante que, normalmente, tem a autoglorificação como alvo, à custa de outro.

25.9

A Vingança Divina. As cidades que protegeram Moabe seriam atacadas e vencidas, deixando o país vulnerável. Este versículo nos dá os nomes de três cidades principais que tinham a função de proteger o país. Forneço artigos no *Dicionário* sobre cada uma. O flanco seria cortado, deixando uma chaga aberta que debilitaria o povo. O autor usa uma metáfora de caça: um animal ferido seriamente perde as forças e logo, a vida, porque os caçadores o alcançam e matam. O Talmude usa "força", no lugar de flanco, o que nos informa o significado da metáfora. "A fronteira oriental tinha uma linha de fortificações agrupadas de tal maneira, que podiam ser vistas umas pelas outras. As colinas também tinham fortificações que tornavam Moabe um lugar difícil de derrotar. Foi atacado o flanco ao norte, onde o país era mais fraco. As três cidades mencionadas se localizavam nessa fronteira.

25.10

Dá-las-ei aos povos do Oriente. Os "filhos do oriente" (vs. 4) tomariam conta da maior parte de Moabe, da mesma maneira que possuíram Amom. Moabe, tendo perdido suas fortalezas e cidades principais, ficou desabitada. Os babilônios devastaram o país, e as tribos do deserto se aproveitaram da situação. Logo, as tendas dos ratos do deserto estavam espalhadas por toda a parte. As histórias de Amom e Moabe correram paralelamente, e o texto fala, essencialmente, as mesmas coisas dos dois povos.

25.11

Executarei juízos contra Moabe, e saberão que eu sou o Senhor. Os julgamentos serão severos e a retribuição, completa, tomando *Adonai-Yahweh* bem conhecido como Juiz e Destruidor, tema que se repete 63 vezes neste livro. Ver as notas no vs. 7.

A restauração destes povos é um tema de Jeremias, capítulos 25 e 26; Ezequiel omitiu a esperança.

"Embora os caldeus e árabes fossem os instrumentos da ruína daqueles povos, a destruição veio de Yahweh. Foi a mão divina que os golpeou, foi a vingança de Deus que executou aqueles povos. Eles tinham falado coisas duras contra o povo de Deus" (John Gill, *in loc.*).

A noite escura está cobrindo a terra,
Mas a esperança brilha nas trevas.
Que alegria, quando Ele apaga todos os pecados.

(Adaptado de Avis B. Christiansen)

Oráculo contra Edom (25.12-14)

Ver a introdução ao capítulo, para as *sete* nações que os oráculos de Yahweh condenaram.

O antagonismo entre Edom e os hebreus começou nos dias de Jacó e Esaú (Gên. 25.1-33.20); continuou nos dias descritos em Núm. 20.14-21. Tanto Malaquias quanto Obadias falam sobre o tema. Comparar os vss. 12-14 a Eze. 35; Isa. 34.1-17; 63.1-6; Jer. 49.7-22; Amós 1.11-12; Obadias (o livro inteiro) e Mal. 1.2-5. Ver detalhes das relações de Israel com Edom, no artigo do *Dicionário* chamado *Edom, Idumeus*.

"Em Edom, temos o espetáculo lastimoso de um anti-semitismo que se baseou numa relação de sangue. As duas nações eram aliadas por laços ancestrais. Jacó e Esaú eram gêmeos (Gên. 25.21,26). Animosidades dentro de famílias freqüentemente são as mais severas e irracionais" (E. L. Allen, *in loc.*).

25.12

Assim diz o Senhor Deus: Visto que Edom se houve vingativamente para com a casa de Judá. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) pronunciou um julgamento contra aquele povo para garantir-lhe castigo. Eles foram culpados de crimes de sangue contra o seu irmão, uma forma virulenta de anti-semitismo. O versículo refere-se às circunstâncias históricas, quando Edom ajudou a Babilônia a derrubar Judá. Por ter ajudado a Babilônia a destruir Judá, Yahweh ajudaria a Babilônia a destruí-lo, afinal. Ele, o Soberano, tinha poder para efetuar Sua vontade e logo o utilizaria. "Edom não manifestou simples ódio, mas um ódio profundo, irracional e implacável" (Fausset, *in loc.*). Cf. Sal. 137.7 e Oba. 12-13.

25.13

Assim diz o Senhor Deus. Repete-se o título divino de poder, *Adonai-Yahweh*, Soberano Juiz. Este título é encontrado 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Enfatiza a soberania de Deus.

Estenderei a minha mão contra Edom. Desolação total reduziria Edom a nada. A mão do Senhor se levantara contra o lugar. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mão*, e em Sal. 81.4; ver sobre *mão direita*, em Sal. 20.6, e sobre *braço*, em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1.

Desde Temã até Dedã. Ver os nomes próprios deste versículo no *Dicionário*. *Temã* talvez seja o moderno Tawilan, uma habitação não muito longe de Sela (Petra). *Dedã* é localizada em Edom, mas sua posição geográfica é desconhecida atualmente. Houve outra vila, na Arábia, com o mesmo nome (Eze. 27.20; 38.13). *Temã* significa *sul*, assim chamada porque se situava naquela parte do país. Ver Jer. 49.20; Hab. 3.3. *Dedã* é, aparentemente, uma referência à fronteira mais distante, portanto representa o país inteiro que ficaria desolado. Edom perdeu quase todo o seu território e, com isto, sua identificação nacional. Todavia, Israel continuava.

25.14

Exercerei a minha vingança contra Edom. Haverá vingança sem restauração. Jeremias, entretanto, viu uma restauração para Edom, afinal (Jer. 48.47; 49.6,39). Os intérpretes ficam perplexos com a declaração de que o próprio Israel efetuaria a vingança que, historicamente, não aconteceu. Alguns procuram localizar o acontecimento na história, mas nenhuma sugestão os satisfaz. É verdade que João Hircano forçou a conversão daquele povo ao judaísmo. Mas Herodes, descendente daquela raça, reinou em Israel como fantoche de Roma! Alguns intérpretes acham que a profecia se cumpriu na era cristã, quando aquela área foi absorvida pelo poder do evangelho, mas esta interpretação erra longe. Provavelmente, o texto simplesmente significa que a Babilônia, agindo como se estivesse *no lugar de Israel-Judá*, se vingaria. Yahweh dispunha de instrumentos humanos para efetuar Sua vontade. Certamente, não está em vista o tempo dos macabeus (Jos. *Ant.* I.xiii.c.17; I Macabeus 5.6; II Macabeus 10.16).

Oráculo contra a Filístia (25.15-17)

Evidências históricas (escritas) e arqueológicas demonstram que os filisteus entraram na Palestina em cerca de 1200 A. C. Desde o início, Israel lutou contra aquele povo. Ver Juí. 3.31; 14.1-16.31; II Crô. 26.6-7. Para maiores detalhes, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Filisteu, Filístia*. "Os livros históricos do Antigo Testamento contêm referências constantes descrevendo as hostilidades dos filisteus" (Ellicott, *in loc.*). Aquele povo exibiu um anti-semitismo aberto e violento. Seu modo de vida contrastava violentamente com o de Israel, e eles se ofenderam com a presença dos judeus na "sua terra". Assim, contínuas guerras sacudiram a localidade. Houve grandes matanças dos dois lados e nenhuma trégua de paz.

25.15

Os filisteus se houveram vingativamente, e com desprezo de alma executaram vingança. Ódio e violência se expressaram em todas as ações dos filisteus. A destruição de Israel tornou-se uma obsessão na mente deles. A devastação *total* de Israel era seu alvo. Eles cultivam um anti-semitismo o tipo de Hitler.

Cf. os vss. 15-17 com Isa. 14.29-31; Jer. 47; Amós 1.6-8; Sof. 2.4-7 e Zac. 9.5-7.

25.16

Estendo a minha mão contra os filisteus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) fez um pronunciamento violento contra aquele povo violento. Seu poder soberano não permitiria que obstáculo algum impedisse o golpe divino. Uma retribuição obliteraria o inimigo. Sua *mão* seria pesada. Ver Sal. 81.14, para a *mão divina* que efetua a vontade de Yahweh. Ver sobre o *braço* do Senhor, em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Deus é o Deus da *intervenção*. O Criador não abandonou Sua criação, mas intervém, castigando ou recompensando, dependendo dos méritos dos homens. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teísmo*.

Quereteus. Ver a respeito deste povo no *Dicionário*. A palavra, um sinônimo para filisteus (ver I Sam. 30.1-14; Sof. 2.5), talvez tenha vindo de *Creta*, o *Captor* da Bíblia (ver Amós 9.7). "Ezequiel usou a palavra *quereteus*, em lugar de filisteus, para produzir um trocadilho interessante: Deus *cortaria fora* (hebraico, *hicrati*) os *quereteus* (hebraico, *keretim*, uma palavra de som semelhante)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

A Filístia persistia como nação, através dos ataques e cativeiros da Babilônia, mas desapareceu no período entre o Antigo e o Novo Testamento. Cf. Jer. 25.20 e Isa. 20.1. "Os quereteus foram uma porção dos filisteus que habitaram a costa do sul (I Sam. 30.14; Sof. 2.5). Às vezes, este nome é usado para indicar o país inteiro" (Ellicott, *in loc.*).

25.17

Saberão que eu sou o Senhor, quando eu tiver exercido a minha vingança contra eles. O julgamento de *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) contra os filisteus seria fulminante, porque eles agiram fulminantemente contra Israel. A soberania divina estava por trás do fogo destruidor. O Senhor ficaria *conhecido* através da destruição do lugar.

O tema de conhecer melhor Adonai-Yahweh ocorre 63 vezes neste livro, associado às idéias de julgamento e restauração, atos principais da vontade de Deus. Os capítulos 25-32 o utilizam freqüentemente, mostrando que as *sete nações* golpeadas pela mão do Senhor reconhecerão a autoridade Dele nos seus sofrimentos. Cf. Sal. 9.16. A maioria das nações condenadas pelos oráculos de Yahweh deixara de existir, como resultado de Seus julgamentos.

"Nenhuma outra nação tem sofrido tantos infortúnios e hostilidades como Israel. Mesmo assim, tem continuado como um povo, muito além do tempo de seus rivais. Fica em pé ao lado dos túmulos daqueles que os tentaram destruir" (E. L. Allen, *in loc.*).

Capítulo Vinte e Seis

Os *capítulos 25-32* formam uma unidade que constitui o pronunciamento de julgamento contra as *sete nações* que se opuseram a Israel. Não há nenhuma divisão entre os capítulos 25 e 26. Ver a introdução geral a esta unidade, no início do capítulo 25. O trecho de Eze. 26.1-28.19 apresenta a *tirada* contra Tiro. Então, em Eze. 28.20-26, há o pronunciamento contra sua irmã, Sidom. Os capítulos 29-32 condenam o Egito e, com este país, completam-se os pronunciamentos contra as sete nações. As sete nações condenadas são Amom, Moabe, Edom, Filístia, Tiro, Sidom e Egito. Seria impossível realizar o Reino do Messias com os inimigos de Israel ainda ativos. A vingança de Yahweh deve destruir a oposição antes de trazer a *época áurea*. As profecias proferidas cabem tanto dentro de contextos históricos como dentro dos tempos remotos do Reino do Messias, tendo implicações de curto e longo prazos.

Diversos Oráculos contra Tiro (26.1-21)

Ver a história inteira no artigo sobre *Tiro*, no *Dicionário*. Este capítulo naturalmente se divide em *quatro partes:* 1. *Vss. 1-6:* o destino amargo de Tiro. 2. *Vss. 7-14:* a Babilônia será o instrumento da destruição exigida por Yahweh. 3. *Vss. 15-18:* lamentações dos príncipes do Mar. 4. *Vss. 19-21:* a descida de Tiro ao hades. Cada seção começa com a declaração comum: a palavra de Yahweh veio para ser cumprida. Ver as notas no vs. 1, segundo parágrafo.

O Amargo Destino de Tiro (26.1-6)

Tiro fala do *império fenício* que, no tempo de Ezequiel, era a cidade mais poderosa da região. Esta seção segue a fórmula de Ezequiel, vista no capítulo 25: porque / portanto / saberá. O pecado principal de Tiro era sua ganância, a qual inspirou muitos atos de violência. Esse povo também se regozijou com a queda de Jerusalém, dizendo: Bem feito (ah!). Ver as notas em Eze. 25.3, onde explico o hebraico envolvido. Tiro aumentou sua fortuna com a destruição de Jerusalém, seu rival comercial, pois dominava os caminhos lucrativos das caravanas que se dirigiam ao mar e a Tiro. Esse povo era comerciante ganancioso, que lucrava com a queda de um rival, e sentiu muito prazer na miséria de Jerusalém.

26.1

No undécimo ano, no primeiro dia do mês. Este oráculo foi entregue no décimo primeiro ano, no primeiro dia do mês, calculando-se desde o início do exílio de Jeoaquim. Ezequiel não especifica o mês, mas sabemos que o ano era 587-586 A. C. Jerusalém caiu no dia 18 de julho de 586 A. C.

Provavelmente, o oráculo foi inspirado pelo colapso de Jerusalém. A mente do profeta foi agitada para ver "outro colapso", não muito distante, de um rival de Jerusalém (Tiro).

Veio a mim a palavra do Senhor. O restante do versículo é a declaração comum do livro, que introduz materiais ou oráculos novos. Afirma que o que se segue foi inspirado por Yahweh, sendo Ezequiel o Seu profeta autorizado. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

26.2

Filho do homem. Falando com Ezequiel, *Yahweh* utiliza seu título comum (anotado em Eze. 2.1). *Adonai-Yahweh* se pronuncia contra aquele comerciante ganancioso, Tiro.

Bem-feito! Está quebrada a porta dos povos. Quando Jerusalém caiu, gritaram, "Bem-feito", exclamação de alegria no hebraico (ver as notas em Eze. 25.3). Jerusalém dominava os caminhos lucrativos de caravanas que se dirigiam para o mar e para Tiro. Os negócios e, conseqüentemente, os lucros de Tiro aumentaram bastante com Jerusalém em escombros. Jerusalém é chamada aqui "a porta dos povos", porque grande quantidade de produtos, de todas as nações ao redor, passava através daquele centro comercial. Ela se enriqueceu com o intercâmbio.

Eu me tornarei rico, agora que está assolada. *Dinheiro* é um dos deuses mais persistentes na história do mundo. Algumas políticas se baseiam praticamente em questões comerciais. O deus *dinheiro* abandonou Jerusalém e foi "passar uma temporada" em Tiro, que dominou o comércio depois da queda de Jerusalém. Dizem que o dinheiro não pode comprar a felicidade, mas Tiro estava muito feliz com todas as riquezas que acumulou. Todavia, o fim da festa era iminente.

> *Buscai, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.*
>
> *(Mateus 6.33)*

26.3

Assim diz o Senhor Deus: Eis que estou contra ti. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus), empregando o poder de Sua soberania, pronunciou-se contra os povos que abusaram de Israel, com atos ou com palavras. Aquela boca-de-trovão, Tiro, não se regozijaria por muito tempo. Ela tinha um anti-semitismo comercial, uma ganância notória que sentia prazer nas dificuldades de seus rivais comerciais. Esta nação abusava de seus rivais, às vezes com forças militares e sempre com opressão econômica.

Farei subir contra ti muitas nações, como faz o mar subir as suas ondas. Yahweh se preparou para a vingança, pelo abuso cometido contra Seu povo. Inimigos chegariam, como ondas do mar, contra Tiro, o rei do mar. *Ondas* são figuras comuns para *nações.* Cf. Isa. 17.12-13. Provavelmente está em vista o exército universal da Babilônia. Assim interpreta o Targum: "Trarei contra ti um exército de muitas nações". Somente a Babilônia, naquela época, tinha tal tipo de exército.

"... *muitas nações*, que por seu grande número e barulho e por sua fúria, são comparadas às ondas furiosas do mar" (John Gill, *in loc.*). "Tiro conheceu o mar Mediterrâneo melhor do que todas as outras nações. Por isso, o profeta empregou a metáfora de uma tempestade, para falar dos julgamentos de Deus. Nações invasoras chegariam como ondas do mar e eliminariam todas as defesas do país, esmagando suas torres e muros" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

26.4

Elas destruirão os muros de Tiro, e deitarão abaixo as suas torres. As fortificações de Tiro nada seriam perante o ataque babilônico (e o de Alexandre, numa *época posterior*). A cidade seria reduzida a um deserto desabitado. A camada superior da terra seria retirada, deixando somente rocha. A agricultura não mais existiria. Aqui temos um trocadilho interessante. *Tiro* significa rocha (hebraico, *cur*). Aquela rocha ou *pedra dura* seria deixada como simples *pedra* (hebraico, *cur*) ao lado do mar. Toda a vida seria obliterada. Historicamente, tudo isso aconteceu. As ruínas originais estão embaixo da água, perdidas para sempre. A cidade, uma vez tão rica, foi reduzida a uma pobreza *irrecuperável.* Tiro foi designada "a rocha", porque foi construída sobre o alicerce de uma grande extensão de pedra. A cidade, destruída, foi reduzida ao seu alicerce.

26.5-6

No meio do mar virá a ser um enxugadouro... Suas filhas, que estão no continente, serão mortas à espada. Tiro se situava numa ilha, a cerca de 800 metros da costa. Havia um subúrbio no continente, mas a parte principal era separada pelo mar Mediterrâneo. A cidade era chamada de "a Rainha do Mar". Suas "filhas que estão no campo" eram os subúrbios e vilas associados à cidade principal. O complexo formava uma cidade-estado. Tiro era, essencialmente, invencível até o tempo de Alexandre, o conquistador grego. Nem os babilônios foram capazes de derrotá-la totalmente. A parte da cidade no continente foi facilmente vencida, mas a Rainha do Mar resistiu. Alexandre construiu um caminho para a ilha, enchendo o espaço entre o continente e a ilha com pedra, terra e entulho. Com uma "estrada" indo para lá, foi fácil para ele acabar com a cidade. Tiro tornou-se um lugar de pesca. A sua glória e toda a sua população desapareceram. O império comercial foi aniquilado. A causa secundária foi a espada da Babilônia, aperfeiçoada pela espada de Alexandre. Todavia, a Causa Principal foi Yahweh, usando os homens como Seus instrumentos.

E saberão que eu sou o Senhor... Yahweh ficou conhecido pela destruição de Tiro, Sua obra de vingança contra um povo arrogante e violento. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) cansou-se do deus *dinheiro* e acabou com ele. A soberania de Yahweh exigiu uma mudança radical naquela parte do mundo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Soberania de Deus.*

Nabucodonosor, o Destruidor de Tiro (26.7-13)

26.7

Eis que trarei contra Tiro a Nabucodonosor. O rei da Babilônia era o *servo* de Yahweh. Cf. Jer. 25.9 e 27.6. Ele realizou muitas tarefas de destruição que eram atos de julgamento ordenados por Adonai-Yahweh. Entre as suas muitas façanhas, estava a destruição de Tiro, completada, historicamente, por Alexandre.

O exército universal da Babilônia (vs. 3) inundaria Tiro como ondas do mar. Nabucodonosor comandava uma força irresistível, porque, afinal, era o "rei dos reis" da época. O inimigo do norte (Jer. 46.20) fez o que quis e ninguém pôde resistir-lhe. O título "rei dos reis" aparentemente se originou com os assírios. Outras pessoas aplicaram a expressão a seus reis (cf. Dan. 2.37 e Esd. 7.12). A arrogância de Tiro não duraria. Aquele povo pagaria um preço muito alto por ter zombado de Jerusalém e sentido prazer com sua dor. Depois de derrotar Jerusalém, o "rei dos reis" levou seu exército para Tiro (585 A. C.). Massacrar Tiro, *do continente* e vilas ao redor, foi uma tarefa fácil. Mas derrotar Tiro, do mar (a Rainha do Mar), levou 13 anos. Foi impossível para Nabucodonosor cortar os suprimentos que continuavam chegando à ilha, nos muitos navios de Tiro. No caso de Jerusalém, o cerco babilônico cortou todos os suprimentos alimentares, e a cidade resistiu somente 30 meses. Mulheres começaram a comer os próprios filhos e, finalmente, a cidade se rendeu. Foi impossível cercar Tiro por causa de sua marinha poderosa. Todavia, Nabucodonosor persistiu até cumprir sua tarefa.

O artigo *Tiro*, no *Dicionário,* descreve os diversos invasores da cidade. Somente Alexandre acabou, de vez, com ela.

26.8-9

A Babilônia, perita em guerra, conduziu a campanha contra Tiro com precisão matemática. Todos os seus inúmeros instrumentos de guerra foram utilizados; eles mataram com a espada; levantaram baluarte; ergueram montes de terra e um telhado de paveses; empregaram aríetes contra os muros e, com seus ferros, derrubaram as torres. O exército da Babilônia era composto de homens sanguinários, cruéis e sem consciência. Só a visão daquele bando de assassinos aproximando-se era o suficiente para matar a maioria dos homens. Sistematicamente, o exército do norte pulverizou seus inimigos. O alvo era nada deixar, fazendo um *holocausto* dos povos patéticos, para o oferecer aos seus deuses.

Ver os instrumentos de guerra descritos em Eze. 4.2; 17.17; 21.22. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Guerra,* para informações adicionais.

Telhado de paveses. Também traduzido como "tranqueira" ou "telhado de escudos" (RSV), é uma referência obscura. Heródoto (*Hist.* ix.61,99,102) oferece uma explicação: "... um tipo de telhado feito de escudos foi utilizado por invasores para se defenderem dos mísseis do inimigo". Os persas também usaram defesa semelhante.

Embaixo daquele "telhado", os invasores construíram montes de terra, para passar por cima dos muros, ou para realizar outras manobras que exigiam proteção especial.

26.10

Pela multidão de seus cavalos te cobrirá de pó. Os babilônios atacarão com uma cavalaria maciça, e os cavalos levantarão tanta poeira, que Tiro será "enterrada". A vibração dos soldados do exército avançando ruirá os muros e as casas, sendo desnecessário o uso dos arietes. A cidade será aberta com a espada e ninguém sobreviverá. O poder de Yahweh estará por trás de tudo, garantindo a destruição total.

O vs. 10 obviamente descreve a devastação de Tiro II (Tiro Nova), a cidade no continente. Somente um exército "de terra" poderia produzir tais efeitos. O vs. 12 poderia aludir ao caminho artificial que Alexandre construiu para atacar Tiro I (Tiro Velha). Esse "caminho" pertencia a um tempo posterior, mas a discussão geral talvez pode incluir "o grande quadro" da destruição da cidade. O escritor, possivelmente, não tenta distinguir os dois estágios dos ataques. Ver as notas em Eze. 26.4-6.

26.11

Este versículo continua a descrição da invasão do exército babilônico: o temível barulho do avanço dos inumeráveis cavalos, a poeira levantada pelos pés dos soldados, avançando e gritando, a matança da espada sem respeito a ninguém. Os corpos de homens, mulheres, crianças e até de animais cobrem as ruas e o sangue corre nas sarjetas. As *fortes colunas* (torres de defesa ou aparelhos idólatras?) caem por terra, destruindo homens e deuses. Heródoto (*Hist.* ii.44) nos informa sobre as colunas de ídolos. Algumas eram feitas de ouro, outras, de esmeralda, e outras, de mármore, ricamente trabalhadas e decoradas para honrar deuses que nunca existiram.

26.12

Roubarão as tuas riquezas. O ataque seguiu o padrão normal do exército do norte, não poupando nada nem ninguém. O lugar ficou quase totalmente desabitado, e tudo o que era de valor, incluindo os bens acumulados do comércio marítimo, as riquezas roubadas de outras nações etc., foi levado para a Babilônia. O exército recebeu um "salário" considerável naquele dia. Os palácios dos ricos foram pilhados, tal como o foram os templos dos deuses. O templo de Hércules, com suas colunas de ouro, esmeralda e mármore, foi uma vítima especial.

O teu pó lançarão no meio das águas. Os soldados lançaram os destroços no mar, num ato de desprezo e ódio. Alguns intérpretes vêem aqui a construção feita por Alexandre de um caminho para a ilha. Os gregos utilizaram entulho, pedra e terra para encher o espaço entre o continente e a ilha (fato ocorrido em 322 A. C.). O caminho artificial deixou a Velha Tiro tão vulnerável quanto a Nova, no continente, e as duas foram esmagadas por Alexandre. A ilha se situava a cerca de 800 metros do continente. A tarefa era muito pesada, mas não para Alexandre. Tiro, ainda que destruída, conseguiu sobreviver, mas nunca mais foi a mesma, pois não recuperou as riquezas, os poderes e a fama de antigamente.

26.13

Farei cessar o arruído das tuas cantigas. A cidade rica era alegre, dada à canção e dança. O exército babilônico acabou com a festa. Alegria se expressa em canções e dança. Ninguém cantou mais; ninguém dançou mais; não havia nada para celebrar e nenhuma razão para alegrar-se. O que sobrou foi uma luta dura pela sobrevivência. Houve lamentação pelos mortos e a necessidade de enterrar inumeráveis corpos. Também houve a luta contra a fome e o frio do inverno, sem a proteção das casas destruídas. Tiro havia sido uma cidade de júbilo (Isa. 23.7). Cf. a profecia de Apo. 18.22. Ver também Jer. 7.34.

Note-se a repetição do pronome "Eu" (oculto em "Farei"). Era *Yahweh* a causa de tudo quanto aconteceu; Ele utilizou instrumentos humanos implacáveis para cumprir a temível tarefa. Yahweh esmagou o anti-semitismo comercial de Tiro, punindo a cidade por suas iniqüidades intermináveis.

26.14

Farei de ti uma penha descalvada. Ver os comentários sobre o trocadilho que envolve o nome *Tiro* (A Rocha), que foi fundada sobre uma *rocha*. A metrópole, antes próspera, tornou-se uma rocha nua sobre a qual nada poderia crescer; uma pedra dura e infrutífera; uma pedra morta. Em vez de centro comercial, tornou-se um lugar de assombração, para pescadores espalharem suas redes, onde antes palácios brilhavam ao sol. As águas, orgulhosas com os navios de um império poderoso, agora são humilhadas pelos barquinhos de pescadores. Tiro nunca foi completamente aniquilada, como ocorrera a Jerusalém, mas sua devastação foi *quase* total. O decreto de Yahweh fez seu trabalho vingador. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* estava servida. Ver este título no *Dicionário*.

Porque eu, o Senhor, o falei. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) decretou, agiu e destruiu, porque tinha o poder e aplicou Sua soberania, intervindo e castigando os orgulhosos. Hoje, esse centro comercial, outrora poderoso e importante, deita-se em ruínas embaixo da água. Tornou-se testemunha silenciosa da ira de Yahweh, que controla o destino das nações.

As Lamentações dos Vizinhos de Tiro (26.15-18)

A fonte das riquezas acabou; os satélites de Tiro lamentaram a morte da Mãe, a Rainha do Mar. Tiro era o cabeça de um comércio internacional enriquecido por inumeráveis navios que levavam e traziam produtos de todos os portos do mar Mediterrâneo. Seus vizinhos agonizaram com a visão da Mãe morta, a flutuar nas águas, pelo fato de perderem seus meios de sustento e fonte de riquezas; receavam ser vítimas da mesma Praga do Norte. A queda de Tiro espalhou ondas de choque através daquela parte do mundo. Ver Eze. 27.28-36, que é um paralelo.

26.15

Assim diz o Senhor Deus a Tiro: Não tremerão as terras do mar com o estrondo da tua queda...? Esta seção se inicia com a declaração comum de que *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) estava entregando Sua mensagem. Ele ainda tinha mais para falar. Seu poder soberano ainda não tinha partido do lugar. Ainda não havia paz; os vizinhos de Tiro sofreriam terrores semelhantes aos da Mãe. Todas as cidades próximas tremeriam com o estrondo da queda de Tiro, gemeriam traspassadas com a mesma espada; sofreriam espantosa matança. As ilhas e cidades da costa participaram do terremoto que sacudiu Tiro. Aquele império tinha colônias: Útica, Cartago, Leptis, Gades, Tarso e Társis. A vida sem a Mãe seria péssima, e suas respectivas destruições eram iminentes. Muitas outras habitações, à borda do mar, também ficariam no caminho do invasor, embora não estivessem ligadas diretamente a Tiro, o poder fenício.

26.16

Todos os príncipes do mar descerão dos seus tronos. Os orgulhosos príncipes, ricamente vestidos, não tinham razão para serem felizes. Sua grande fonte de renda de súbito fora cortada. Assim, aqueles orgulhosos desceram de seus tronos e se misturaram aos plebeus. Tiraram seus mantos finos, despiram suas vestes bordadas e se sentaram nas cinzas, vestidos com pano de saco, sentindo a fumaça da destruição de Tiro nas suas narinas. De fato, uma situação muito séria, quando o dinheiro se esgota. Ver a postura dos lamentadores comentada em Jó 2.11-13. Cf. os vss. 16-17 e Apo. 18.9-10. Provavelmente, esta última referência se baseia no presente versículo. Os mantos e as vestes bordadas deveriam ser itens importados, produtos do comércio com Tiro. Cf. Eze. 27.35; 28.19 e Lev. 26.32, quanto à natureza apavorante do acontecimento.

26.17

Levantarão lamentações sobre ti. Tudo foi perdido. A lamentação da perda ecoava sobre as águas, atingindo todas as habitações da costa. Os aliados e parceiros de Tiro choraram em uníssono. Como um império poderoso e rico, fortificado e orgulhoso, poderia cair tão completa e miseravelmente? Tiro esvaneceu; o povo próspero e feliz se afundou no mar; seu poder, tão recentemente imposto sobre toda a costa, dissipou-se num instante. O dinheiro sumiu, e o deus *dinheiro* sofreu enorme derrota na confrontação com Yahweh, o Soberano. Ontem, o terror da Mãe dominava os povos como as ondas do mar, mas agora *ela* se afunda embaixo das águas. O terror foi aterrorizado.

Lamentações. O hebraico é *qinah*, que significa *canto fúnebre*. Cf. II Sam. 1.17-27 e 3.33-34. Cantos fúnebres lamentaram as mortes de Saul, Jônatas e Abner. Ver também a lamentação sobre Israel em Amós 5.1-12, e cf. Jer. 7.29 e 9.9.

26.18

Estremecerão as ilhas no dia da tua queda. Este versículo repete, essencialmente, o vs. 16, onde há uma exposição. A cidade partiu da terra dos vivos e esvaneceu da face da terra (vs. 17). Yahweh estendeu Sua mão poderosa e afundou Tiro no mar. Cf. Apo. 18.11,15,17. Ver também Isa. 23.6.

Ver uma lista das colônias de Tiro, nos comentários do vs. 5. Possivelmente, as *ilhas* mencionadas aqui se referem às colônias, mas podemos ter certeza de que todas as habitações ao redor do mar Mediterrâneo sentiram as ondas do choque do terremoto que destruiu a Mãe comercial.

A Descida de Tiro ao Hades (Seol) (26.19-21)

Sumário de Idéias. "As analogias são semelhantes àquelas do Egito, no mundo inferior (seol); ver Eze. 31.14-18; 32.17-32. A expressão é prosaica e cheia de repetições. A cidade se tornou ficou uma ruína, uma pilha de escombros, ver Eze. 29.12 e 30.7. Os habitantes desceram à *cova* do seol (cf. Eze. 31.14-18; 32.17-32; Isa. 14.19; 38.18; Sal. 88.4; 143.7). Os povos da antiguidade nos lembram de Lam. 3.6; e as ruínas primevas refletem Jer. 25.9 e 49.13. Ver também Isa. 58.12" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

Tiro desceu à cova (seol) e nunca mais subirá. O oceano da ira de Yahweh a cobriu para sempre (vs. 3). O grande poder do mar foi "perdido no mar", um fenômeno tão temido por marinheiros. Tiro se afogou no próprio mar que lhe havia trazido tanta riqueza, e agora lhe trouxe a morte, o fim das riquezas e prazeres. Segundo a teologia dos hebreus, a cova do seol era um lugar final, do qual ninguém poderia voltar. A doutrina do seol passou por uma evolução. A teologia hebraica mais primitiva (do Pentateuco) não contemplou uma alma imaterial que sobreviveria à morte do corpo biológico. *Seol* era um lugar sem habitantes, o *sepulcro*. Daí, fantasmas começaram a voar ao redor, mas não eram "pessoas", e sim meras sombras sem memória e sem raciocínio. Finalmente, elas ganharam inteligência e tornaram-se almas. Começando nos Salmos e Profetas, encontramos algumas indicações de uma crença na sobrevivência da alma. Os livros pseudepígrafos e apócrifos desenvolveram esta doutrina e o Novo Testamento a ampliou ainda mais. seol não era um inferno, segundo as definições cristãs, mas um tipo de prisão. No início, todos os fantasmas (e depois as almas) compartilharam condições *iguais* no seol, ignorando-se o que as pessoas tinham feito na terra. Depois, o lugar foi dividido em dois compartimentos, um para os justos e outro para os maldosos. Luc. 16 reflete este estágio da doutrina. Ver textos no Antigo Testamento que mostram avanços na doutrina do seol: Sal. 88.10; 139.8; Isa. 14.9; 29.4 e Pro. 5.5.

No Novo Testamento, em I Ped. 3.18-4.6, vemos esperança de salvação levada ao hades pela descida de Cristo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes intitulados *Descida de Cristo ao Hades* e *Hades*.

26.19

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) pronuncia desastres e Seu poder soberano os efetuará. Este título divino é usado 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Enfatiza a soberania de Deus e como o destino dos homens e das nações é determinado pelo decreto divino.

Quando eu fizer vir sobre ti as ondas do mar, e as muitas águas te cobrirem. O dinheiro fluía em Tiro como o *rio Amazonas*, mas embaixo da água não houve fluxo nenhum. Todas as riquezas do império se perderam no mar. As *muitas águas* se referem às águas do abismo primordial, o *tehom*, o *abismo* da teologia hebraica primitiva. O seol está em vista. Cf. Apo. 17.15-16.

26.20

E te farei habitar nas mais baixas partes da terra. Tiro se afundou nas águas do mar Mediterrâneo e depois nas águas do abismo, o seol. Esta linguagem é figurativa. Não há, no texto, nenhuma indicação de um julgamento pós-túmulo, doutrina que se desenvolveu bem mais tarde. Ver a discussão sobre o desenvolvimento da doutrina do hades no vs. 19. A Rainha do Mar se ajuntou aos povos da antiguidade que já estavam no abismo, a *cova horrenda* do olvido (ver Lam. 3.6).

Com os que descem à cova, para que não sejas habitada. A vida no império acabou e não foi renovada, de modo algum, no *tehom*, chamado aqui de "as mais baixas partes da terra", a câmara embaixo da superfície da terra, a cova implacável, a terra do esquecimento.

Este versículo fala figurativamente da ruína "final e irreversível" dos maus, mas não ensina nada sobre qualquer julgamento pós-túmulo. Este ensino estava entre os estágios finais do desenvolvimento da doutrina do hades, que se tornou um lugar de tormentos, *a la* Luc. 16. Os eruditos sabem que os fogos do hades foram acesos no livro de I Enoque, onde encontramos o "rio de fogo" que se tornou "o lago de fogo" de Apocalipse (ver 19.20; 20.10). Cf. o presente texto com a descida do rei da Babilônia para o *mundo inferior*, em Isa. 14. A palavra *cova* comumente fala do abismo, seol, que, afinal, no desenvolvimento posterior da doutrina, tornou-se o lugar dos espíritos dos mortos. Cf. Jó 17.16; 33.18,24,30; Sal. 28.1; 30.3 e 88.4,6,10. No Novo Testamento, hades torna-se um lugar de *esperança*, justamente o que podíamos ter esperado da graça e do amor de Deus. Ver I Ped. 3.18-4.6.

26.21

Quando te buscarem, jamais serás achada. *Adonai-Yahweh* terminaria a história de Tiro, trazendo o dia de terror e aniquilação. Se algum homem procurasse a cidade-estado, ficaria desapontado, pois nada encontraria. Cf. Apo. 18.21. Os povos sentiram saudades do Império que distribuía tanta riqueza. Ai!, a cidade ficou irrecuperavelmente perdida. Sua destruição era uma obra-prima de Yahweh, que nivela os lugares da iniqüidade, impiedosamente.

Esta passagem, todavia, não ensina nada sobre o estado da alma nos mundos pós-túmulo. De qualquer maneira, a missão *tridimensional* de Cristo trouxe luz até o hades, onde o destino dos homens pode ser revertido. A missão *tridimensional* de Cristo, o Logos (na terra, no hades e nos céus), é a resposta a este mundo desesperado. Deixemos a graça e o amor de Deus fluir na nossa teologia. Chega de "teto baixo"!

Capítulo Vinte e Sete

Os capítulos 25-32 formam uma unidade, representando uma *coleção* de oráculos contra as *sete nações* que tinham alguma coisa que ver com Israel. Aquelas nações mereciam julgamentos severos às mãos de Yahweh, o Juiz e Destruidor. Ele usou instrumentos humanos para destruir; normalmente, o exército babilônico foi o escolhido nesse período. Ver a introdução ao capítulo 25, onde identifico as nações envolvidas e dou outras informações importantes para o entendimento da seção. Os capítulos 26-28 apresentam a tirada contra Tiro. Então, Eze. 28.20-26 falam contra a sua irmã, Sidom, outra cidade fenícia importante da época. Os capítulos 29-32 terminam a unidade pronunciando palavras de fogo contra o Egito.

Lamentação sobre Tiro (27.1-36)

Esta lamentação é um *canto fúnebre*. Ver um paralelo em Eze. 26.15-18. No último parágrafo das notas em Eze. 26.17, explico a natureza da lamentação, no hebraico, *qinah*. O canto fúnebre deste capítulo é realmente uma lamentação intercalada na outra, pois o capítulo contém duas lamentações. Ver o vss. 32-36, para a segunda delas.

"O bom navio, Tiro, foi construído com materiais de primeira qualidade; assim, ele falou: 'Sou o navio perfeito' (cf. Eze. 28.2-10). *Púrpura real* era o produto mais importante do comércio de exportação da Fenícia. De fato, o termo *Fenícia* vem da palavra grega para *púrpura*. A palavra *Canaã* também significa *púrpura*. *Senir*, deste texto, é o monte Hermom (ver Deu. 3.8) e Basã fica ao oriente do mar da Galiléia. *Elisá* provavelmente significa Chipre. *Arvade*, como Tiro, era uma cidade localizada numa ilha a cerca de 3 km da costa. *Gebal*, em tempos posteriores, se chamava *Biblos*" (*Oxford Annotated Bible*, introdução ao capítulo 27).

A destruição de Tiro era inevitável e terrível, portanto o canto fúnebre já começara. Tiro, aquele grande navio, afundaria logo, trazendo o fim do império. Muitas cidades morreram ou ficaram moribundas com ela; as filhas compartilharam a morte da Mãe. Este capítulo menciona uma série de cidades que compartilharam o destino amargo da Rainha do Mar. Tiro era uma cidade-estado formada por colônias, as quais são nomeadas Eze. em 26.5. Muitas outras cidades cercaram o império, com quem mantinham relações econômicas. Sua vida dependia da saúde da Mãe.

27.1

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta é uma repetição da declaração comum que introduz novos materiais e oráculos neste livro. Afirma que a mensagem a seguir é inspirada por Yahweh e que Ezequiel é o Seu profeta autorizado. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

27.2

Filho do homem, levanta lamentação sobre Tiro. Yahweh fala com o profeta, utilizando seu título comum (anotado em Eze. 2.1). Ao profeta é ordenado entoar um *canto fúnebre* (hebraico, *qinah*, anotado em Eze. 26.17, último parágrafo). Não houve boas notícias para Tiro, o navio nobre, o império, a Rainha do Mar. O seu dia acabara, e ela, como um navio sem sorte, estava afundando, para nunca mais ser vista. Yahweh pronunciou Seu temível decreto e preparou Sua vingança. Um dos pecados pesados cometidos por Tiro era sua forma especial de anti-semitismo, um *semitismo comercial*. Ver as notas em Eze. 26.3.

27.3

Tiro, que habita nas entradas do mar e negocia com os povos em muitas terras. *Adonai-Yahweh* tinha uma mensagem de terror para a Rainha do Mar, aquela mulher vaidosa, autoglorificada, rica, impia. Sendo uma cidade-esta-

do, possuía muitos filhos e filhas que pereciam com ela. O Poder Soberano perdera a paciência com a festa no mar e logo afogaria o império.

A Rainha do Mar era a ditadora do Mediterrâneo, todos a obedeciam, mas isto não impressionou o Poder dos Céus. Muitas cidades dependiam de Tiro para sua sobrevivência, mas ela dependia exclusivamente do favor divino para continuar. Este favor não lhe fora dado. Seu sol estava desaparecendo no horizonte; seu barco estava afundando. Os primeiros tons do canto fúnebre começavam a soar.

Assim diz o Senhor Deus. O título *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) é usado 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Fala da *soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*) que determina o destino dos homens e das nações.

Tu dizes: Eu sou perfeita em formosura. Assim Tiro falou sobre si mesma, e nenhum homem teria coragem de contradizer a sua palavra. Mas a palavra de Yahweh anulou toda a jactância.

A Rainha do Mar era, realmente, a Mãe Adúltera das águas, cheia de pecado, opressão, desonestidade, crimes de sangue e impiedades inumeráveis; eis a razão do julgamento que logo poria fim à história dessa cidade. Cf. as jactâncias do Egito, em Eze. 29.3 e 32.2. Para a expressão *perfeição em beleza*, ver Eze. 28.12; 32.19 e Lam. 2.15. O pecado principal de Tiro era seu *orgulho* (cf. Isa. 47.8-10). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Orgulho*. Ver também as notas expositivas em Pro. 11.2; 13.10 e 14.3, e sobre *olhos altivos*, ver Pro. 6.17.

27.4

No coração dos mares estão os teus termos. Tiro estava *em casa* no *alto-mar* (NCV). Suas fronteiras eram as águas, porque era um poder marítimo, não estando limitada à terra. Era uma ilha cercada pelo mar, mas não confinada por ele. A Rainha do Mar era perita na construção de navios, seus instrumentos de riqueza.

"Utilizando-se da alegoria de um belo *navio*, o profeta, aqui e nos versículos seguintes, descreve a glória daquela cidade antiga. Horácio falou em termos semelhantes a respeito de Roma, em seu Carm. Liv. 1 c. xiv" (Adam Clarke, *in loc.*).

Ver abaixo parte da descrição de Horácio:

> *Ó filha nobre da madeira pôntica,*
> *Agora pode jactar-se de seu nascimento conspicuo*
> *No corredor da fama...*
> *Mas tenha cuidado para que uma tempestade não venha*
> *A levar todas as suas glórias para o fundo do mar.*

27.5

Fabricaram todos os teus conveses de ciprestes de Senir. O riquíssimo império fez tudo com um toque de classe. Construiu navios com os mais nobres cedros do Líbano e os augustos pinheiros de *Senir* (ver a respeito no *Dicionário*). A Rainha do Mar era como seus navios: rica, bela e nobre. De fato, seus navios a simbolizavam.

Senir. Isto é, o monte Hermom. Senir era o nome amorreu para Hermom. O nome fenício era *Sirion*. Cf. Can. 4.8, onde Senir e Hermom aparentemente referem-se a picos distintos da mesma extensão montanhosa. Os picos estavam localizados próximos um do outro, como os seios das mulheres. Cf. Deu. 3.9. A área apontada era rica em pinheiros de qualidade. A, aproveitando este dom da natureza, materiais para construir navios. Os tirianos (a história informa) foram os inventores da navegação, mas é difícil comprovar esta "informação". De qualquer modo, no tempo de Ezequiel eles eram os mestres absolutos dos mares. Hirão forneceu a Salomão estas madeiras nobres, para a construção do templo (I Reis 6.15). A madeira era leve, durável e livre de parasitas e doenças.

Trouxeram cedros do Líbano para te fazerem mastros. Os cedros do Líbano foram utilizados para construir mastros, móveis e certos objetos para decorar os navios, dando-lhes um toque de classe. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cedro*. Os melhores materiais foram usados para construir os navios; a própria Tiro era forte, bela e nobre como seus navios. O cedro era utilizado para fazer os mastros, por causa de seu grande porte e durabilidade. Esta espécie cresce reta, sem as curvas que baixam a dignidade e o valor de outras árvores. Os cedros do Líbano eram valorizados por sua altura, força, resistência e beleza natural e eram um item importante de exportação, devido ao seu alto valor em comparação com outros tipos de madeira. Cf. Reis 4.33; 5.6; I Crô. 17.1-7 e Isa. 2.13.

27.6

Fizeram os teus remos de carvalhos de Basã. Seus remos eram feitos de carvalho importado de Basã, lugar famoso por esse tipo de árvore. Aquela área se situava ao oriente do Mar da Galiléia. Ver Isa. 2.13 e Zac. 11.2. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Carvalho*, para maiores detalhes. Os conveses também eram feitos com essa madeira dura, de boa aparência, ou com pinheiros de Senir, e eram embelezados com marfim embutido. O autor está dizendo que Tiro tinha os barcos mais finos de todo o mundo, como a própria Tiro era a princesa da terra, singular em sua formosura. Sua *beleza*, todavia, não anularia o julgamento de Yahweh, que estava prestes a cair, porque, para o Poder dos Céus, o lugar era pobre e feíssimo.

Teus bancos fizeram-nos de marfim engastado em buxo das ilhas dos quiteus. *Quitetus*, o povo de *Quitim*, isto é, de *Chipre*. Ver sobre este nome alternativo no *Dicionário*. Ver também o artigo intitulado *Marfim*.

27.7

De linho fino bordado do Egito era a tua vela. *O linho* mais fino, normalmente empregado para fazer as melhores roupas, foi usado na fabricação das velas dos navios fenícios. A NCV fala de "desenhos" costurados nas velas, feitas do material mais fino e ornamentadas com trabalho artístico. Pareciam bandeiras de países importantes. Qualquer pessoa, vendo um belo navio construído com a melhor madeira e com as velas decoradas, logo saberia que era de Tiro. Nos conveses era instalado um tipo de toldo ou cobertura, tingido com tintas de cor púrpura e azul, para proteger os marinheiros do sol e das tempestades. Somente os ricos se preocupavam com coisas artísticas para agradar aos olhos, mas os olhos divinos, todavia, não viram ali beleza alguma, porque Tiro, embora rica, era decadente e cheia de corrupções. Plínio (*His. Nat.* L.19.c.1) informa que o Egito produzia quatro tipos de linho, cada um sendo a especialidade de uma província daquele país. Esses linhos eram identificados com os nomes das províncias de origem: Tanitas, Pelusiac, Butico e Tentirítico. O linho mais puro e durável era o de Pelusiac, usado para confeccionar roupas finas que somente as senhoras mais ricas podiam comprar. As *velas* dos navios de Tiro eram feitas de linho fino do Egito!

Das ilhas de Elisá era o teu toldo. Elisá provavelmente significa *Chipre*, ou outra ilha importante próxima. Ver a discussão sobre esta palavra no *Dicionário*. Cf. Gên. 1.4 e I Crô. 1.7.

27.8

Os moradores de Sidom e de Arvade. Tiro empregou os tripulantes mais experientes que existiam, de *Arvade* (ver a respeito no *Dicionário*), uma ilha fenícia a 3 km da costa. O nome moderno do lugar é *Erwade*. Alguns deles eram de *Sidom* (ver no *Dicionário* a respeito), a irmã de Tiro, uma das principais cidades fenícias. Outros eram de *Zemer* (texto da Septuaginta). O hebraico traz: "homens capacitados". *Zemer* (ver a respeito no *Dicionário*) tem o nome moderno de Tell Cazel. Sidom era um porto não muito distante de Tiro e um centro comercial marítimo entre os mais antigos do mundo. Ficava a 30 km de Tiro e, durante sua história, às vezes, foi mais importante do que Tiro. As duas irmãs (Tiro e Sidom) eram as cidades-estados mais importantes do império fenício.

Barcos Fenícios. Os mais antigos empregavam 50 remadores, conseguindo considerável propulsão. Posteriormente, os maiores empregavam 200 remadores, situados em três níveis. Estes eram os mais velozes do mundo e conseguiram chegar até a América do Norte, como a arqueologia já demonstrou.

A Mensagem do Versículo. O autor nos informa que tanto os navios como seus tripulantes eram de primeira qualidade, os melhores do mundo, como a própria Tiro era "a melhor cidade-estado do mundo". Mas o padrão empregado era a riqueza, controlada por *dinheiro*, o principal deus daquele povo. A avaliação de Yahweh, que se baseou em considerações espirituais, era bem diferente. Os navegadores de Tiro eram os melhores conhecedores de todos os caminhos marítimos, de todos os portos, para visitar e barganhar, de todas as ilhas e habitações ao longo da costa. Aqueles homens, entretanto, pouco sabiam sobre o *caminho de Deus*, e se entregavam ao naufrágio moral e espiritual, em meio à destruição física de tudo quanto tinha valor para eles.

27.9-11

Os anciãos de Gebal e os seus sábios foram em ti os teus calafates. *Construção de Navios.* Tiro empregava somente os mais experientes construtores do mundo. Entre eles estavam homens capacitados de *Gebel* (chamado, em tempos posteriores, *Biblos*). Naquele tempo foram utilizadas as madeiras mais finas e duráveis na fabricação de navios. A arte de utilizar metais se desenvolveu somente em tempos modernos. Às vezes, era necessário consertar os navios em alto-mar, e homens treinados acompanhavam as viagens justamente com esse propósito. Gebel tinha a reputação de ser o lar de tais homens, que ganhavam bem, praticando sua arte. Esta cidade ficava localizada na costa do mar Mediterrâneo. No *Dicionário*, o artigo sobre a cidade fornece detalhes abundantes.

Entre os tripulantes incluíam-se *comerciantes*, que negociavam peças e agiam como fornecedores de produtos para os portos. Estes comerciantes fornecedores enriqueceram Tiro e suas filhas. Tiro até empregou homens especializados da Pérsia, Lude e Pute, que eram, sem dúvida, aliados militares e comerciais do *império* de Tiro, a Rainha dos Mares.

Tiro desenvolveu um subimpério constituído de aliados militares e comerciais, e todos eles enriqueceram com a iniciativa da Mãe. Até os estrangeiros ajudaram a proteger Tiro e suas possessões, agindo como militares protetores. Os lídios eram o povo de *Lude*, provavelmente *Cirene*, ao oriente da Líbia. Homens de *Gamade* (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Gamaditas*) cuidaram de suas torres e fortificações. Provavelmente está em vista um lugar na Síria, presumivelmente a moderna *Kumidi*. As cartas de *Tell El-Amarna* (ver a respeito no *Dicionário*) mencionam o lugar. Alguns eruditos dizem que se trata de *Gomerim* (Eze. 38.6; Gên. 10.2-3). *Arvade* já foi vista no vs. 8; *Heleque*, segundo algumas traduções, provavelmente indica *Cilícia*. Alguns traduzem a palavra como "seu exército", que talvez seja o significado da palavra hebraica envolvida. Os muros eram guardados por nativos e estrangeiros, unidos na proteção de *Muito Dinheiro*, outro nome possível para Tiro. O lugar era *quase* invencível.

Penduravam os seus escudos nos teus muros em redor; aperfeiçoavam a tua formosura. Quando os soldados penduravam seus escudos nas paredes dos palácios, produziam uma visão belíssima, acrescentando um toque estético ao que já era magnificente. Alguns escudos eram feitos de metais preciosos ou tinham *superfícies* de ouro ou de prata. Tais excessos faziam parte do jogo do dinheiro e da ostentação. Cf. Apo. 18.19.

Lugares com os Quais Tiro Mantinha Intercâmbio Comercial (27.12-25)

Esta seção nos dá uma lista extensiva de lugares que eram parceiros de Tiro no comércio. Artigos sobre eles, no *Dicionário*, dão detalhes que permitem um tratamento abreviado aqui, sem a necessidade de se criar um pequeno *Dicionário* da Bíblia. Ver o *gráfico* que acompanha esses artigos, para maiores detalhes e informações essenciais.

O propósito da lista é exaltar Tiro e seus aliados bélicos e comerciais. O autor ilustra a *grandeza* do império para mostrar, afinal, quão grande foi a sua *queda*. O lugar esplêndido caiu com o peso de suas próprias iniqüidades.

A avaliação divina não levou em conta a trivialidade das riquezas de Tiro, mas suas qualidades morais e espirituais, que eram "nulas", em contraste com a abundância de suas riquezas materiais. Tiro tinha *orgulho* das coisas banais (diversas formas de riqueza material); mas esqueceu o tesouro dos céus.

> *Os gentios é que procuram todas estas cousas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas.*
>
> (Mateus 6.32-33)

27.12-25

Observações:

1. A lista de cidades segue uma ordem geográfica, começando com o oeste extremo das terras ao redor do mar Mediterrâneo, movimentando-se para o leste e chegando à Grécia; daí, avança para a Ásia Menor. Nesse ponto, gira para o sul e, então, vai para o norte, chegando em Edom; passa através da Palestina, alcançado Damasco. Finalmente, vai para a Arábia e termina na Mesopotâmia.
2. O gráfico que acompanha este livro lista 23 cidades e suas localizações. São especificados os principais produtos com que cada uma contribuiu para o comércio do império. Podemos afirmar, com precisão, que o mar Mediterrâneo daquele tempo era "o lago de Tiro", como depois tornou-se "o lago de Roma".
3. A Fenícia tinha um exército razoável, mas sua grandeza dependia de suas riquezas. Possuía um exército gigantesco de *comerciantes*, que fazia guerra para melhorar a renda, proteger o comércio e garantir o fluxo constante do dinheiro. O império era idólatra, mas, de certa maneira, monoteísta, porque, na prática, tinha um deus só: *o dinheiro*.
4. Esta lista mostra a influência universal de Tiro, a cidade-estado que controlava a área Mediterrânea com sua vasta economia. Na terra, obviamente, outros poderes econômicos dominavam o comércio, mas a Rainha *do Mar* era Tiro.
5. Os navios de *Társis* (vs. 12) eram os principais carregadores dos produtos comerciais do império (vs. 25). Eles cantavam bem a canção do dinheiro, o que alegrava a todos os membros da confederação. Cf. os navios de Hirão e de Salomão, que trouxeram riquezas para Israel (I Crô. 9.21; 20.26-27; Isa. 2.16).
6. Note-se bem o arranjo que o profeta fez de seu material:

a. *Primeiro*, temos a descrição da construção perita dos navios, os instrumentos do comércio (vss. 1-8).
b. *Segundo*, recebemos informações sobre a extensão e o sucesso do comércio. Entendemos como Tiro e seu império fenício ficaram tão ricos, bem como a glória que o dinheiro lhes trouxe (vss. 10-25).
c. *Terceiro*, temos o anticlímax: o afundamento catastrófico da frota do Império (vss. 26-36). A mão de Yahweh estava naquele acontecimento: Ele afundou a frota tiriana. Ele se vingou daquele povo orgulhoso que se aproveitara de Israel e o maltratara. A destruição chegou ao *lar* de Tiro, isto é, ao *alto-mar* (ver o vs. 4). O mar agitado pelo vento oriental quebrou em pedaços os navios soberbos. Uma tempestade violenta, enviada por Yahweh, surpreendeu os orgulhosos do mar. As ondas engoliram tudo, e as riquezas desceram para o fundo das águas. No outono e no inverno, viagens pelo mar Mediterrâneo eram perigosas. Cf. Atos 27.9-26. Yahweh aumentou ainda mais o perigo, que se tornou universal, varrendo o império em todas as direções. Um vento forte podia levar um navio para o mar aberto, onde havia pouca chance de sobrevivência. O vento do oriente, a Babilônia, soprou o império de Tiro para o mar aberto, onde ele se perdeu nas ondas.

7. Aprendemos, de novo, a lição do *Teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Yahweh, o Criador, não abandonou Sua criação, mas intervém, castigando o mal e recompensando o bem. Contraste-se com o *Deísmo*, que ensina que a Força Criadora (pessoal ou impessoal) abandonou Sua criação aos cuidados das leis naturais.
8. Os vss. 12-23 oferecem uma visão geral das nações com as quais Tiro tinha conexões comerciais, omitindo aquelas mencionadas em passagens anteriores. Como um bom escritor, o profeta utiliza sinônimos para variar o texto.

Tiro, o Navio Nobre, Afundado (27.26-36)

Note-se bem a ordem da apresentação dos materiais no capítulo: 1. *Vss. 1-9:* a construção perita dos navios e sua beleza. 2. *Vss. 10-25:* um comércio de sucesso extraordinário. 3. *Vss. 26-27:* o naufrágio do navio-Tiro, a Mãe dos Mares.

Os navios de Társis (vs. 12) assumiram o controle do lago de Tiro (o Mediterrâneo). Yahweh decidiu transferir o poder e o dinheiro para a Babilônia, que logo arrasaria o império de Tiro, o capitão da Fenícia.

27.26

Os teus remeiros te conduziram sobre grandes águas. Os navios tirianos eram equipados com 200 remadores; os chefes dos tripulantes eram peritos em navegação, comercialização de produtos e reparo e conservação dos navios. Os tirianos eram, nas águas, o povo mais poderoso e rápido. Mas o vento oriental, mais rápido e poderoso do que eles, os pegou de surpresa. Esse vento era a Babilônia, que se cansou de seu rival e decidiu tomar todas as suas riquezas.

"O vento oriental freqüentemente é empregado nas Escrituras como o agente de destruição de Yahweh: cf. Eze. 17.10; 19.12; Sal. 48.7; Jer. 18.17; Osé. 13.15; Jon. 4.8" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

Remos eram o principal de propulsão naquele tempo, quando o uso de velas ainda não possuía tecnologia avançada. Tiro era o "rei" dos navios movidos a remo. O Targum diz aqui: "O rei que é tão forte como o vento oriental quebrou Tiro no meio dos mares".

27.27

... se afundarão no coração dos mares no dia da tua ruína. O profeta, laboriosamente, repete todos os elementos que contribuíram para fazer de Tiro o poder que era, para nos dizer, afinal, que era tudo uma fraude, que tudo caiu aos pedaços; que tudo se desintegrou miseravelmente; que tudo foi para o fundo do mar. O vento oriental acabou por completo com o que supostamente era invencível. Ver os vss. 8-11, que descrevem os tripulantes que operavam os navios: marinheiros, comerciantes, consertadores dos barcos e soldados; juntos, eles obtiveram um grande sucesso, mas juntos também foram reduzidos a nada. O time que trouxe tanta riqueza afundou com seus barcos ricos e se afogou. O grande time do norte (a Babilônia) ganhou o jogo e terminou o lucrativo esporte do império.

O vs. 34 repete a informação dada aqui, mencionando as classes de Tiro que pereceram juntas. As *classes* eram os *tripulantes* do navio-Tiro. Cf. Eze. 26.4,12,14, para a destruição de Tiro, sem a metáfora do navio.

O Grande Aventureiro. O império de Tiro não receava os mares, como seus vizinhos; com coragem notável, os dominou e deles tirou riquezas. O aventureiro, Tiro, velejava maravilhosamente bem, até que o vento oriental o pegou. Daí, acabou a aventura. O mar que tanta riqueza dera engoliu o aventureiro.

27.28

Ao estrondo da gritaria dos teus pilotos tremerão as praias. *Os gritos* dos pilotos afundando ecoaram sobre as águas e sobre as terras; até as praias do mar tremeram. O afundamento do barco do estado de Tiro era como um terremoto que começou no leito do mar e rapidamente se espalhou para a terra, assustando todos os habitantes do Mediterrâneo. Um maremoto tornou-se um terremoto, e os dois, juntos, devastaram tudo.

A figura fala da grande dor do império, quando a mão de Yahweh o golpeou. Da dor emanava profunda tristeza, que permeava o império e seus aliados. Toda a esperança de ganho havia acabado. Houve perda universal e perda particular, e a lamentação era o sol daquele dia. Cf. Esd. 4.1-3; Jó 1.20; 2.8 e Jer. 6.26.

O EXTENSO COMÉRCIO DE TIRO (EZEQUIEL 27.12-15)

Centros de Comércio	Nomes Modernos	Produtos
Társis	Espanha (?)	Prata, ferro, latão, chumbo
Grécia	Grécia moderna	Escravos, instrumentos de bronze
Tubal	Leste da Turquia	Escravos, instrumentos de bronze
Meseque	Turquia central	Escravos, instrumentos de bronze
Togarma	Leste da Turquia	Trabalho e cavalos de guerra, mulas
Dedã (Heb.)	Rodes moderna	Marfim, ébano
Rodes (Sept.)		
Síria (Arão, Edom, nos manuscritos sírios)	Síria moderna e/ou Jordão	Turquesa, tecidos roxos, trabalhos bordados, linho fino, corais, rubis
Judá (duas tribos)	Palestina	Trigo, azeite de oliva, bálsamo, mel
Israel (dez tribos)	Palestina	Vinho, lã
Damasco	Síria	Ferro batido, cássia, cálamo
Vedã	Aden (?)	Ferro batido, cássia, cálama
Gregos de Uzal	Iêmen ou sudeste da Turquia	Cobertores de seda
Dedã	Arábia	Ovelhas, carneiros, bodes
Arábia	Arábia	Ovelhas, carneiros, bodes
Quedar	Arábia	Temperos, pedras preciosas, ouro
Sabá	Sul da Arábia	Temperos, pedras preciosas, ouro
Raamá	Sul da Arábia	Tecidos azuis, trabalho bordado,
Harã, Cane, Eden Seba, Assíria, Quilmade	Mesopotâmia	tapetes multicoloridos

Observações:
O texto exibe considerável variação de nomes de locais, tanto nos manuscritos hebraicos como nas versões. As traduções modernas refletem tais variações.

O JULGAMENTO DE TIRO

> No tempo em que foste quebrada nos mares, nas profundezas das águas se afundaram os teus negócios e toda a tua multidão no meio de ti... Os mercadores dentre os povos assistiam contra ti; vens a ser objeto de espanto e jamais subsistirás.
>
> Ezequiel 27.34,36

> O que semeia para a sua própria carne, da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito, do Espírito colherá vida eterna.
>
> Gálatas 6.8

27.29-30

No meio da catástrofe, "todos que manejaram os remos abandonarão seus navios. E os marinheiros de outros navios, na terra, chorarão... (NCV). Chorarão amargamente, observando o que tinha acontecido no mar. Aquilo perturbou os homens, na terra, que lamentaram com brados agonizantes. Talvez este versículo fale dos tripulantes que conseguiram alcançar a terra, depois de abandonar seus navios. Olhando para trás, viram seus barcos desaparecer nas águas. Tudo o que era precioso para eles pereceu. Seu meio de ganhar a vida afundou com os barcos. Eles gostavam de velejar e de ajuntar aquele bom dinheiro que lhes permitia comprar prazeres. De fato, é agonizante quando o dinheiro se esgota. Cf. Apo. 18.17. As pessoas que ficavam em casa, em terra firme, se beneficiavam com o comércio marítimo. A lamentação era generalizada.

Os marinheiros, antes orgulhosos e corajosos, tornar-se-ão *lamentadores* do naufrágio do *navio-Tiro.* Chorarão amargamente e praticarão os ritos da lamentação.

Lançarão pó sobre as cabeças, e na cinza se revolverão. Ver no Dicionário o artigo intitulado Lamentação, para detalhes. O show da lamentação era o último do império, que por tanto tempo fora o ator principal no palco das vicissitudes e loucuras dos homens. Cf. Esd. 4.1-3; Jó 1.20; 2.8 e Jer. 6.16. Miq. 1.10 fala algo semelhante.

Seu grito foi o canto fúnebre que disse o "adeus" ao império antes tão orgulhoso. Ver este canto registrado nos vss. 32-36.

27.31

Chorarão sobre ti com amargura de alma. Aqueles homens arrancaram o cabelo e cortaram a barba, ficando praticamente calvos; vestiram-se em pano de saco, jogando fora, para sempre, suas roupas finas. Alguns lamentadores eram profissionais, como as mulheres empregadas que ofereciam um bom show de demonstração de "tristeza", com gritos, choros e gemidos. Mas os marinheiros choraram de coração. Tudo o que era precioso para eles havia acabado. Cf. Apo. 18.19. O costume fenício de raspar *todo o cabelo* como demonstração de dor foi proibido para os hebreus pela lei de Moisés (Deu. 14.1), porque era considerado uma forma de mutilação.

Eis! toda a sua pompa de ontem
Se uniu com Nínive e Tiro!
Ó Juiz das nações, poupa-nos
E lembra-nos destas dores,
Para não esquecermos;
Para não esquecermos.

(Rudyard Kipling)

O Conteúdo do Canto Fúnebre (27.32-36)

27.32-36

Vemos em passagens anteriores os marinheiros e todos os tripulantes do navio-Tiro chorando e gemendo, seus sons lamentadores ecoando na costa do mar Mediterrâneo (ver os vss. 28-30). O império morreu e o canto fúnebre está sendo entoado. Os vss. 32-36 sumariam o seu conteúdo. Os sobreviventes do império e da federação dos comerciantes, todos os que contribuíram e cooperaram com seus esforços para o enriquecimento de Tiro, e vice-versa, lamentam a queda da Rainha do Mar.

Seis comentários descrevem pormenorizadamente o conteúdo do canto fúnebre:

1. A destruição de Tiro foi um *fenômeno singular,* porque ocorreu a um poder marítimo que tinha assumido controle sobre todo o Mediterrâneo e áreas adjacentes. No auge do poder, de súbito, Tiro foi afundado pelo vento oriental (a Babilônia). O *Targum* traz, aqui: "Quem é como Tiro? Não há nenhum poder igual a ele no meio dos mares". Cf. Apo. 18.22. Houve alguma coisa mais temível, na queda de Tiro, do que na de outros poderes: era um império tão rico, tão belo, tão orgulhoso, tão exaltado, tão poderoso, tão abrasador. Mas, num momento, a mão de Yahweh o afundou.
2. Foi Tiro, o enriquecedor dos povos de uma vasta área, que caiu. Como nenhum homem é uma ilha, também nenhuma nação o é. Quando o império caiu, muitos povos perderam seu sustento, a riqueza que vinha do mar. Muitos povos tinham *satisfação* (RSV) nas riquezas geradas por Tiro. A vida de toda a área dependia do poder do império. Um império doente tornou o mundo Mediterrâneo também doente; mas um império ainda mais forte executou seu rival. O afundamento da Rainha do Mar foi o naufrágio do comércio sustentador de muitas nações. O dinheiro acabou; a vida acabou. Milhares de pessoas perderam seus meios de sustento; o povo passaria fome.

Tu satisfizeste as necessidades de muitas nações.

(NCV)

3. O temível naufrágio foi efetuado pelo *vento oriental,* o exército babilônico, instrumento de devastação da mão de Yahweh. Aquele vento poderoso pegou o *navio-Tiro* de surpresa, e o mar tornou-se seu sepulcro. O mar, que ontem havia produzido riquezas para todos, hoje é o destruidor das esperanças das nações.
"O exército caldeu avançou sobre eles como as ondas do mar (Eze. 26.3) e os dominou, humilhou e destruiu" (John Gill, *in loc.*).
4. Todos os tripulantes, com seus produtos, afundaram no esquecimento do mar. *Finis* foi escrito sobre o maior poder marítimo que o mundo jamais viu. O navio-Tiro desapareceu e, com ele, as esperanças de muitos povos.
"O comércio cessou e os comerciantes de todas as regiões do mundo viram o fim de seu orgulho. Os nativos do lugar pereceram; os marinheiros, os soldados, todas as pessoas de todas as classes, posições sociais, idades e sexo sofreram o mesmo destino amargo. Era a mão de Deus agindo no meio das multidões. O Targum diz: "Todos os seus exércitos". Abendana sugere que esteja em vista a destruição de Tiro, por Alexandre, o Grande" (John Gill, *in loc.*).
5. Todos os habitantes das costas ficaram aterrorizados com o acontecimento. Foi difícil entender o tamanho e extensão da catástrofe e suas conseqüências abrangentes. Os reis tremeram, seus "rostos manifestando temor" (NCV). O desastre de Tiro era também o seu próprio desastre; a queda do império era também a sua queda. O inimigo do norte logo viria atrás deles, para acabar com o pouco que restara. Perderam todo o seu dinheiro; perderão suas vidas. Cf. Apo. 18.9,10.
6. Os mercadores que não foram afetados pelo desastre *assobiam* contra Tiro, zombando de seu poder, regozijando-se em sua queda, exibindo uma atitude maliciosa. Estavam felizes porque o império havia morrido e celebraram com júbilo. Alguns eruditos traduzem a palavra hebraica envolvida (*assobiam*, em algumas traduções) como "grito". Eles gritaram com espanto, vendo o navio-Tiro afundar nas águas. Nesse caso, o texto fala da grande *consternação* sofrida pelas nações. Para o *assobio* de zombaria, ver Eze. 26.2. Tiro escarneceu quando Jerusalém caiu, e agora teve sua vez para ser escarnecido. A retribuição foi justa; Yahweh vingou-se de Seu povo; a *Lei Moral Da colheita segundo a Semeadura* se aplicou ao caso de Tiro. Ver no *Dicionário* este título.

Capítulo Vinte e Oito

Os capítulos 25-32 formam uma unidade, que constitui o pronunciamento de julgamento contra as *sete nações* inimigas de Israel-Judá. Não existe nenhuma interrupção entre os capítulos 27 e 28. Eze. 26.1-28.19 apresentam a tirada contra Tiro. Então, Eze. 28.20-26 falam contra sua irmã, *Sidom* (ver o artigo no *Dicionário,* para detalhes). Finalmente, os capítulos 29-32 apresentam a tirada contra o Egito e, com isto, a unidade se completa. As sete nações atacadas são Amom, Moabe, Edom, Filístia, Tiro, Sidom e Egito. Alguns intérpretes entendem estas profecias como escatológicas, não meramente históricas. O Reino do Messias não pode realizar-se até que os inimigos de Israel sejam humilhados. Uma vez que isto aconteça, Israel se levantará como Cabeça das nações, e o milênio (alguns afirmam) se iniciará.

Profecias contra Tiro e Sidom (28.1-26)

Este capítulo se divide naturalmente em quatro partes: 1. *Vss. 1-10:* O oráculo contra Tiro; os príncipes devem morrer, especialmente *o príncipe,* que se representou (estupidamente) como um deus. 2. *Vss. 11-19:* A alegoria (parábola) da queda do príncipe. Ele é representado como um ser perfeito, no Éden, que pecou e, conseqüentemente, foi expulso de seu paraíso. 3. *Vss. 20-23:* O oráculo contra Sidom, a irmã de Tiro. 4. *Vss. 24-26:* Esta seção, em prosa, fala da restauração de Israel e do julgamento dos estados vizinhos.

Oráculo contra Tiro (28.1-10)

Yahweh tinha muito para falar contra aquele lugar. Eze. 26.1-28.19 contêm palavras amargas condenatórias, prevendo punições horrendas às mãos dos babilônios. Tiro se exaltou como um deus, mas logo comprovaria ser somente um pobre coitado, humano, mortal e frágil, sujeito a todas as calamidades humanas. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) garantirá sua queda (vss. 6-7).

"Este oráculo contra Tiro aparentemente emprega alguns temas mitológicos, inclusive a história cananéia de Dan'el (ver Eze. 14.2-23). O príncipe era um juiz sábio e justo, tratando bem as viúvas e os órfãos. Mas seu orgulho cresceu tanto que ele começou a pensar em si como um deus. Ele se levantou e se sentou no conselho dos deuses (cf. Isa. 14.13-14). Sua morte, entretanto, está próxima. Ele será aniquilado pela Babilônia, a mais temível das nações (Eze. 30.10-11), e assim chegará a um fim ignominioso (a morte dos não-circuncidados) no seol (Eze. 31.14-15)" (*Oxford Annotated Bible,* introdução aos vss. 1-10).

Daniel (bíblico) parece estar em vista, tendo conseguido a reputação de ser um homem especialmente sábio; no entanto, a referência pode ser à figura mitológica. Naturalmente, os intérpretes se dividem quanto a esta questão.

28.1

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta é a declaração comum que introduz novos materiais e oráculos, neste livro. Lembra-nos da inspiração de Yahweh e de que Ezequiel era Seu profeta autorizado. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1. Yahweh é chamado por seu título soberano (vs. 10), *Adonai-Yahweh.* O que acontece entre as nações se origina dele.

28.2

Filho do homem. Yahweh fala com o profeta, utilizando seu título comum (anotado em Eze. 2.1).

Dize ao príncipe de Tiro: Visto que se eleva o teu coração... O *príncipe* (rei) de Tiro, naquele tempo, era *Ito-baal*, chamado *Itobal*, por Josefo. Entendemos através do texto que aquele homem estava exaltando-se como um deus, uma prática comum da época, naquela parte do mundo. De fato, venerar o rei, como se fosse um deus ou filho de um deus, era doutrina padrão no Egito. Cf. Isa. 14.12-25 e Sal. 82.

Dizes: Eu sou Deus, sobre a cadeira de Deus me assento. Para a *cadeira* (ou *sede)* dos deuses, ver Isa. 14.13-14. A *cadeira* do deus *El* (o poder) se localizava, na mente popular, sobre alguma montanha *do norte.* O trono de *El,* na mitologia ugarítica, estava "nas alturas do norte". No presente texto, a ilha-Tiro tornou-se a "montanha dos deuses". Na mitologia grega, existia o monte Olimpo, o lar dos deuses. De algum monte alto, os deuses se transferiram para uma região nos céus, além da terra, e assim nasceu o conceito de "céu". Os céus ficaram mais e mais remotos, os deuses perderam interesse pelos homens e, então, nasceu o conceito de *transcendência.* Lado a lado, imanência e transcendência vivem nas nossas teologias.

Meros homens começaram a pensar si mesmos como deuses, semideuses ou filhos dos deuses. Os "deuses" se casaram, e deuses e filhos de deusas nasceram na teologia. As doutrinas se desenvolveram e um rei podia ser relacionado a uma variedade de conceitos. As mitologias misturaram homens e deuses numa salada extravagante; logo, deuses estavam produzindo semideuses, filhos de mulheres mortais. Todas estas farsas seriam expostas, e o deus de Tiro corria para encontrar seu destino amargo (vss. 6-10). Ver Eze. 28.6,9, para uma renovação da reivindicação de divindade entre os homens.

28.3

Daniel. A referência, talvez, seja à mitologia cananéia que fala sobre *Dan'el,* um deus-homem especialmente sábio, um juiz que tratava bem os menos privilegiados, como as viúvas e os órfãos. Alguns intérpretes, rejeitando a idéia de que o profeta empregaria um item da mitologia de um povo pagão, crêem estar em vista o *Daniel bíblico.* Apontam textos como Dan. 1.17-20; 2.48 e 4.8-9 como provas da sua interpretação. As tradições judaicas colocaram Daniel entre os mais sábios homens de todos os tempos. Chegaram ao absurdo de declarar: "Se todos os sábios de todas as nações fossem colocados num lado de uma balança, e Daniel no outro, ele pesaria mais do que todos eles juntos".

O *príncipe* de Tiro, considerando-se um deus, se achava mais sábio do que Dan'el ou Daniel, uma jactância escandalosa. Aquele falso deus pensava conhecer todos os mistérios da terra e dos céus, mas de fato, sua sabedoria era meramente comercial e simplesmente o enriqueceu materialmente.

Daniel, um Contemporâneo. "Daniel tinha estado na corte de Nabucodonosor, por 25 anos, quando Jerusalém caiu, e o sítio de Tiro aconteceu cinco anos depois" (Ellicott, *in loc.*). Obviamente, então, houve tempo suficiente para Daniel ganhar ampla reputação como homem sábio, e isto podia ter-se espalhado até Tiro. Ou o próprio autor simplesmente inventou um bom cenário para o oráculo, utilizando o nome de Daniel para embelezar sua apresentação.

28.4

O Deus-rei. Esta personagem exaltada aplicou sua sabedoria extraordinária na tarefa de ganhar mais e mais dinheiro e, nesse empreendimento, teve um sucesso singular. Quase todos concordam que ter dinheiro é sábio e saudável, e que ser pobre é a condição dos ignorantes. Os bons profissionais estão no topo da hierarquia financeira; não se deve esquecer que o *líder* dos homens tem a *porção do leão* do dinheiro. Além disso, dinheiro é poder e compra poder. O rico é naturalmente poderoso, como a chama é naturalmente quente. O empreendimento para ganhar dinheiro, obtendo-se êxito, é uma realização divina. *Dinheiro* é o deus mais popular do povo. Mas ai! O homem não pode servir ao mesmo a Deus e ao dinheiro. As massas, entretanto, nunca ficam convencidas deste fato. As religiosas adoram tanto Mamão (riquezas) como deus. Ver Mat. 6.24.

> *O amor ao dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.*
>
> (I Timóteo 6.10)

Ver Rom. 13.7; II Cor. 8.9; Mat. 6.4,34, versículos que discursam sobre o dinheiro, seus usos bons e maus. Naturalmente, o dinheiro é como um *sexto sentido,* sem o qual é difícil aproveitar completamente os outros cinco. Todavia, no jogo dos seis sentidos, o espírito freqüentemente se perde. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dinheiro.*

28.5

Este versículo é uma reapresentação do vs. 4, com leves mudanças. Muito dinheiro no banco tende a tornar uma pessoa *orgulhosa,* que é a idéia adicional do vs. 5. Com o sucesso na tarefa de ganhar mais e mais dinheiro e poder, o príncipe-deus de Tiro se exaltou. Ver as notas em Pro. 6.17; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12; 21.4; 30.12,32, que contrastam os humildes aos orgulhosos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Orgulho.*

O asno-deus de Tiro tornou-se independente de Deus. Esqueceu totalmente a Providência de Deus, a verdadeira fonte de todos os bens. Achou-se a fonte de todas as bênçãos. *Ito-baal* considerou-se o *senhor (baal),* mas era, na verdade, simplesmente um ator ridículo no palco das vicissitudes e iniqüidades dos homens. Sua encenação logo. A morte fez parte de seu show.

> *Se as vossas riquezas prosperam, não ponhais nelas o coração.*
>
> (Salmo 62.10)

Cf. Apo. 18.7.

28.6-7

Assim diz o Senhor Deus... Eis que eu trarei sobre ti os mais terríveis estrangeiros. Empregando Seu título, *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus), o Deus verdadeiro dos céus repreende o deus autocriado de Tarso, o ridículo Ito-baal. Este título divino é usado 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Enfatiza a soberania de Deus e como Ele determina o destino dos homens. O pequeno deus ito-baal sofreria as conseqüências de seu orgulho; sua arrogância havia provocado a ira de Yahweh. Um exército estrangeiro (da Babilônia) nivelaria o trono de Tiro e as pretensões de divindade que se tinham espalhado como doença naquele lugar. A sabedoria do rei demonstraria ser mera tolice humana. A Babilônia não ficou impressionada com "o deus" de Tiro e logo mostrou como era fácil vencer um "deus".

> *A soberba do teu coração te enganou, ó tu que habitas nas fendas das rochas, na tua alta morada, e dizes no teu coração: Quem me deitará por terra?*
>
> (Obadias 3)

Ver a lista de referências que contrastam os humildes aos orgulhosos, no vs. 5.

28.8

Eles te farão descer à cova. A alusão é ao *Seol* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver também as notas em Eze. 26.20, onde Tiro já está associada ao mundo inferior, às *mais baixas partes da terra.* A doutrina do seol passou por uma evolução, durante os séculos. Ver Eze. 26.19-20, para explicações detalhadas. Aqui seol provavelmente fala só do sepulcro, a *morte biológica,* provocada violentamente. Por certo, não há nenhuma ameaça de castigo num mundo imaterial além do sepulcro, doutrina que se desenvolveu bem mais tarde. *Descer à cova* fala de ser enterrado no chão. Em tempos posteriores, a expressão se referia à câmara sob a superfície terrestre, o lugar dos espíritos dos mortos. Cf. Eze. 31.14-18; 32.18-32; Isa. 14.15. O artigo *Hades,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* descreve o desenvolvimento histórico da doutrina.

Morrerás da morte dos traspassados no coração dos mares. A morte de *marinheiros* no mar era vergonhosa. Os corpos eram simplesmente atirados ao mar para serem comidos por tubarões. Tiro, embora elevada no seu orgulho, tornou-se comida para peixes. Assim terminaram suas reivindicações de divindade. Tiro e seu príncipe, um falso deus, encontrariam morte prematura, recolhendo o que haviam semeado. O hebraico traz o plural *mortes:* uma multidão pereceria. O julgamento de Adonai-Yahweh seria completo e final.

28.9

Dirás ainda diante daquele que te matar: Eu sou Deus? *Ilustração.* Certo rei de Roma, ferido mortalmente numa batalha, vendo correr seu sangue vermelho,

de homem, surpreendeu-se com o fato. Foi autodeluído, acreditando fielmente na sua divindade. Assim, o príncipe, o falso deus de Tiro, enfrentando a morte física, a espada da Babilônia, esqueceria a história de ser um deus. O homem era mortal, frágil, passível de tremor e morte, tudo o que um deus não poderia ser. A queda de Ito-baal aconteceu em 573-572 A. C. Ele pagou um preço alto por sua atuação ridícula.

28.10

Da morte dos incircuncisos morrerás. Os fenícios praticavam a circuncisão, mas espiritualmente eram pagãos incircuncisos. O pobre Ito-baal sofreria a morte do incircunciso, isto é, do *profano.* Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Circuncisão,* onde são comentados os usos metafóricos da palavra. A morte de um *incircunciso* era lamentável e vergonhosa, segundo a mentalidade dos hebreus. Ver Eze. 32.30 e I Sam. 17.26-27. Aquele rei orgulhoso seria humilhado com uma morte ignóbil, demonstrando claramente a falsidade de suas tolas reivindicações. Cf. Eze. 31.18; 32.19-21,24-28.

Por intermédio dos estrangeiros. Foi muito fácil matar o grande deus-rei, príncipe da Rainha dos Mares; os estrangeiros desprezados impuseram o sofrimento a que nenhum homem decente de Tiro deveria ter sido submetido, muito menos o "deus" desse lugar.

> *... morrerá como uma pessoa imunda. Estrangeiros o matarão.*
>
> (NCV)

Lamentação sobre o Rei de Tiro (28.11-19)

Temos aqui uma alegoria (parábola) que celebra a queda do príncipe de Tiro. "Esta lamentação se baseia em uma variante da história do Éden. O homem, criado como um ser perfeito, morava no paraíso do Éden, coberto com pedras preciosas. Cf. este item com as pedras preciosas do peitoral do sumo sacerdote, em Êxo. 28.17-20. Ver também a descrição da Jerusalém celestial, em Apo. 4.1-6; 21.15-21. Foi o *orgulho* que provocou o banimento do rei de seu paraíso, pelo querubim" (*Oxford Annotated Bible,* introdução ao vs. 11).

A Versão Mesopotâmica da História da Criação. O jardim do Éden era habitação de um deus e de sua esposa-deusa. Esta versão é compatível com o deus-homem, o príncipe de Tiro. Os detalhes essenciais se duplicam em Gênesis, menos os fatores de homem-mulher versus deus-deusa. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Éden, Jardim do,* especialmente a seção II, "Interpretações liberais e alegóricas sobre o Éden e Éden nos mitos mesopotâmicos". Alguns cristãos, seguindo a interpretação do judaísmo posterior, encontram Satanás no jardim, no símbolo da serpente. Outros vêem Satanás atrás do deus-homem de Tiro, inspirando-o, mas esta interpretação é anacrônica, pertencente ao judaísmo que existiu muito tempo depois da época de Ezequiel. É totalmente desnecessário supor que houvesse um *deus* (demônio, espírito mal, Satanás etc.) inspirando o falso deus de Tiro. O texto de Ezequiel reflete um paganismo puro: a reivindicação de um homem ser deus. A passagem é mais do que uma expressão poética de um homem poderoso que era *como* um deus.

O deus do Éden foi lançado fora e humilhado e, finalmente, sofreu morte miserável. Daí reduziu-se a cinzas (vs. 18). Não podemos dizer tais coisas sobre Satanás, o demônio etc. Estão em vista a destruição do príncipe de Tiro e da própria Tiro, não um acontecimento cósmico como o julgamento de Satanás. De qualquer modo, a cidade está sob consideração, mas não sem o seu rei. Afinal, os dois eram um só.

28.11

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta é a declaração comum para introduzir novos materiais ou novos oráculos. Lembra-nos da inspiração divina da mensagem e de que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh. Ver Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

28.12

Filho do homem. Yahweh fala com Ezequiel, utilizando seu título comum (anotado em Eze. 2.1).

Levanta lamentações contra o rei de Tiro. Adonai-Yahweh manda o profeta levantar o *qinah,* o *canto fúnebre,* porque Tiro, a cidade-estado, morreu. Ver as notas em Eze. 19.1. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus), utilizando Seu poder incomparável, acabará logo com Tiro e seu rei, a despeito de suas glórias anteriores. Ontem, eles foram o próprio epítome da perfeição, mas este fato não os ajudará hoje, o dia da crise. Também não devemos esquecer que aquela perfeição era fruto da avaliação dos homens, da própria Tiro e de seus aliados, que não concordavam com a realidade definida por Yahweh.

Tu és o sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura. Estas palavras parecem descrever Satanás, o Príncipe das Trevas, mas o texto não tem nada que ver com ele, como se fosse o poder por trás do trono de Tiro. As perfeições do diabo, antes da queda, não se expressam neste texto. Cf. Isa. 14.12 ss.

Uma de minhas fontes insiste na teoria de que se trata de Satanás, mas a interpretação apresentada baseia-se num judaísmo posterior, não na teologia da época de Ezequiel. Precisamos evitar anacronismos, ao tentar explicar o texto. O que algum judeu teria entendido deste oráculo, no tempo de Ezequiel, aplicando-o à teologia da época? Não encontraríamos o Príncipe das Trevas naquela época, mas sim, o príncipe de Tiro, o deus-homem, isto é, o homem que dizia ser um deus.

O texto fala poeticamente sobre o deus-rei de Tiro, que logo seria reduzido a cinzas (vs. 18) pelo ataque da Babilônia.

Sinete. Um manuscrito hebraico, a Septuaginta, o Siríaco e a Vulgata registram, no lugar desta palavra, *selo,* que traduz uma palavra hebraica semelhante. Ver o rei como o *selo,* em Jer. 22.24. Cf. Ageu 2.23. Alguns eruditos preferem *selo* como representante do texto original, que o texto massorético supostamente perdeu. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Este é um texto padronizado. As versões, às vezes (talvez 5%), preservam o original contra o texto hebraico padronizado. Ver também no *Dicionário* o artigo *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento,* que, além de dar informações gerais, comenta o problema de como as leituras certas são escolhidas, quando há variantes.

28.13

Estavas no Éden, jardim de Deus; de todas as pedras preciosas te cobrias. O deus-rei era *como* um deus, ou ser angelical, habitando no Éden, vestido em esplendor, com muitas jóias e vestimentas finas. No *Dicionário,* forneço ao leitor curioso um artigo sobre *Pedras Preciosas,* assim não comento cada uma aqui. Cf. a lista do presente texto com aquela que trata do peitoral do sumo sacerdote, em Êxo. 28.17-20 e 39.10-13. Nessas descrições temos doze pedras, enquanto o texto hebraico, aqui, lista somente nove. A Septuaginta, influenciada pelos textos de Êxodo, dá todas as doze. As pedras preciosas representam a beleza, a perfeição e a glorificação de Tiro e de seu deus-rei. Há certa *fascinação* pelas pedras preciosas, que as valoriza para a mente humana. Tiro, a jóia do mar, encantou o mundo antigo. Alguns intérpretes vêem o papa e toda a sua pompa, aqui, mas esta interpretação é ridícula.

Engastes. Podemos entender, da palavra hebraica por trás desta tradução, *instrumentos musicais* de sopro, que, quando tocados, dariam uma atmosfera agradável ao Éden do deus-rei. A presença de instrumentos musicais talvez aluda ao dia da ascensão do deus-rei ao trono, ocasião celebrada com música, dança e vinho.

28.14

Tu eras querubim da guarda ungido. O falso deus-rei tinha a aparência de um deus glorioso ou de um ser angélico esplendoroso. Foi *ungido* para seu alto ofício, e seu trono era como uma montanha alta, exaltada, o monte dos deuses, ou de Deus: Tiro exaltada no seu trono. O deus-rei andava no meio do brilho das pedras celestiais fogosas e era glorioso no seu aspecto. As pedras preciosas são sua própria fonte de luz ou refletem a glória do deus-rei. Alguns intérpretes encontram *Satanás* aqui, na sua glória antes da queda, mas devemos rejeitar esta interpretação como supérflua e anacrônica. Ver a discussão sobre esta idéia, nos comentários dos vss. 11-12. Está em vista o glorioso Ito-baal e suas reivindicações absurdas concernentes à alegada divindade.

Querubim da guarda. A alusão é ao querubim "que cobriu" o propiciatório, a tampa da arca da aliança, situado no Santo dos Santos. O rei era como aquele anjo especial e seleto, imitando o Poder de Deus no santuário. A ironia continua. O autor não fala seriamente, mas zomba da glória pretensiosa do deus-rei. Aqui, ele é comparado ao anjo que protegia o Poder do santuário. Era como o querubim que guardava os portões do paraíso, protegendo a árvore da vida. Se a passagem é irônica, então não está descrevendo Satanás, que tinha uma glória real antes da sua queda. Cf. Êxo. 24.10,17.

28.15

As descrições do "maravilhoso" deus-rei continuam. Não são as de Satanás antes de sua queda, como insistem alguns intérpretes. Ver as notas nos vss. 11,12,14, que não são repetidas aqui. O versículo, em tom irônico, continua descrevendo o falso deus de Tiro. *Orgulho* era a iniqüidade principal daquele homem, alegado deus. Cf. esta idéia com os vss. 2 e 6. O coração do homem era auto-exaltado nas suas reivindicações absurdas.

Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniqüidade em ti. *Como Satanás,* houve um dia quando o ridículo-falso- deus-rei fora inocente. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Orgulho* e cf. Pro. 6.17; 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,12; 18.12; 21.4; 30.12,32. O orgulho destruiu a inocência do homem que se tornou um deus, segundo sua própria avaliação.

A Ironia. 1. Ele era *como* um deus ou um anjo exaltado (vs. 14). 2. Era mais exaltado do que Moisés e mais sábio do que Daniel (vs. 3). 3. Sua farsa foi revelada, afinal. Era somente um homem cheio de iniqüidades e pretensões absurdas. Era o homem do naufrágio (capítulo 26). 4. Tiro era como um *paraíso perdido.*

28.16

Na multiplicação do teu comércio se encheu o teu interior de violência. Este versículo se opõe a qualquer interpretação que sugere que o texto fala de Satanás. Quando é que Satanás se envolveu no comércio para enriquecer? Isto descreve o falso deus-rei Ito-baal, de Tiro, que construiu um império poderoso, adorando o deus *dinheiro.* O comércio se aliou à violência, porque onde o dinheiro flui, os criminosos entram em ação. O falso deu fora lançado do seu trono alto (Tiro); tornou-se totalmente profano e corrupto. Era *como* o anjo da guarda do paraíso, mas Deus fechou os portões daquele lugar e apagou a sua glória. As pedras fogosas pararam de glorificar o deus-homem. A luz do paraíso se apagou. O anjo foi lançado na rua, e seu paraíso foi fechado. É ridículo ver aqui *as pedras de fogo* representando as estrelas, e estas significando *seres angelicais* que caíram com *a Estrela,* Satanás (ver Apo. 12.4). É igualmente ridículo ver as estrelas fogosas como crentes verdadeiros que, afinal, foram corrompidos e jogados para fora do paraíso, com o papa.

> *Porque comercializou com países distantes, aprendeu a ser cruel e pecou; assim, atirei-te em desgraça da montanha de Deus. E os querubins que o protegeram o obrigaram a sair do lugar dos rubis de fogo.*
>
> (NCV)

28.17

Elevou-te o teu coração por causa da tua formosura. O orgulhoso deus-rei pagou um alto preço por suas agressões e crimes. Tendo grande beleza e riquezas, encheu-se de *orgulho* (ver a respeito no *Dicionário*) e não estava mais apto a ocupar o trono no monte de Deus (Tiro). Seu orgulho servia como fonte de muitos outros pecados. Se possuísse alguma sabedoria verdadeira, teria evitado os caminhos da destruição.

Lancei-te por terra, diante dos reis te pus. Sendo lançado fora de seu trono (Tiro), foi humilhado perante os outros reis do mundo e terminou lamentando seu destino, nas cinzas, vestido em pano de saco. Os reis o contemplaram nas cinzas e zombaram dele. O julgamento foi mundano. Não temos aqui nenhuma referência a um julgamento num mundo imaterial, além do sepulcro. O julgamento não foi *cósmico* (não sendo o de Satanás).

28.18

Muitos Santuários. Tiro era "um religioso fanático" que tinha muitos santuários ao redor do mundo; na realidade, era *monoteísta,* adorando o deus dinheiro. Os outros deuses eram supérfluos em seu culto. Seus santuários não eram *santos,* como tais lugares devem ser. Os muitos crimes de Tiro anularam qualquer manifestação de santidade. Seu comércio marítimo gerava muito dinheiro e muitos crimes. Por causa destas condições, Deus incendiou a cidade-estado, Tiro. O fogo era o ataque do exército babilônico, que *reduziu a cidade a cinzas.* Isto dificilmente poderia falar de Satanás. Não é uma interpretação correta fazer, dos santuários, o santuário de Yahweh. Sem dúvida, Satanás pecou contra a luz que tinha (Rom. 1.21), mas esta idéia não está em vista aqui. O profeta, por licença poética, permite que os tirianos tivessem alguma coisa de valor, sem dizer claramente que sua palavra não representava a verdadeira avaliação de sua condição.

O *Targum* traz: "Eu trarei um povo tão forte como o fogo por causa dos pecados de seu orgulho". A referência é, obviamente, à Babilônia.

28.19

Repetições. Uma característica literária do autor deste livro é a repetição, que minhas notas imitam. Este versículo repete coisas vistas em trechos anteriores. Aqueles que viram o fim do império ficaram amedrontados pela visão desse acontecimento (Eze. 27.35). Aquele império nunca se recuperará, sofrendo um fim temível (Eze. 27.36). Ver as notas nestes versículos, para detalhes.

As nações ficaram *chocadas;* a punição foi *terrível;* o império *sumiu* (traduções da NCV).

Oráculo contra Sidom (28.20-23)

Os capítulos 25-32 formam uma unidade, atacando, com palavras amargas, *sete nações:* Amom, Moabe, Edom, Filístia, Tiro, Sidom e Egito. Todas elas tinham algo que ver com Israel e praticaram atrocidades contra o povo de Deus.

Agora, o autor ataca Sidom, a irmã de Tiro. Simplesmente ajunta uma série de frases já utilizadas em outras tiradas, seguindo seu costume literário de repetição. Esta seção é abreviada, enquanto aquela contra Tiro é extensiva. O profeta não sentiu necessidade de repetir detalhadamente todos os pecados de Sidom, como fez no caso de Tiro. Estava atacando o *império fenício,* utilizando o nome de outra cidade principal daquela unidade. Não há diferença substancial entre as tiradas contra Tiro e Sidom, sendo a segunda uma espécie de *sumário* de primeira.

28.20

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta é a declaração comum que introduz novos materiais e novos oráculos. Lembra que a inspiração divina operava nas palavras do profeta e que ele era um ministro autorizado por Yahweh.

28.21

Filho do homem, volte o teu rosto contra Sidom. Yahweh fala ao profeta utilizando seu título comum (anotado em Eze. 2.1). Manda o profeta "volver seu rosto contra", expressão comumente empregada neste livro. Ver também Eze. 4.3; 6.2; 13.17; 14.8; 15.7; 20.46; 21.2; e 25.2. A *carranca divina* significava que Sidom logo sofreria um julgamento vingador. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sidom,* para detalhes que não ofereço aqui. Localizava-se a 30 km de Tiro (ao norte). Nas Escrituras, com freqüência, Sidom é mencionada juntamente com Tiro (ver Jer. 25.22; 27.4; Joel 3.4; Zac. 9.2; Luc. 6.17; 10.13-14). As duas cidades eram aliadas no mesmo império, na vida, nos pecados e na morte.

28.22

Assim diz o Senhor Deus: Eis-me contra ti, ó Sidom. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) decretou o fim de Sidom; assim, a catástrofe estava prestes a acontecer. O Soberano escreveu *finis* sobre a cidade. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.* O título divino deste texto se encontra 217 vezes no livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Fala da soberania de Deus e de como ela determina o destino dos homens e das nações. Neste livro, o título é constantemente associado aos julgamentos decretados contra vários lugares, mas especialmente contra a própria Jerusalém.

Logo o exército babilônico bateria na porta de Sidom, trazendo uma máquina de guerra aniquiladora, para nivelar a cidade, que conheceria Yahweh como Juiz e Destruidor que age segundo a lei moral.

Saberão que eu sou o Senhor, quando nela executar juízos e nela me santificar. Esta expressão é usada neste livro 63 vezes, associada às idéias de julgamento e restauração (ver Eze. 16.62). O Juiz será glorificado na Sua vingança contra o pecado e se mostrará justo. A cidade, uma pecadora de reputação internacional, merecia seu julgamento.

"Sidom, por longo tempo, teve possessão do império marítimo e de toda a Fenícia. Tiro era uma das suas colônias. Com o passar do tempo, a *filha* ficou mais poderosa do que a mãe" (Adam Clarke, *in loc.*). Mãe e filha sofreram o mesmo destino amargo, porque compartilharam as mesmas iniqüidades. Comparar este versículo com Sal. 9.15-16.

28.23

Enviarei contra ela a peste, e o sangue nas ruas. Dois tipos distintos de destruição praticamente aniquilariam Sidom: a *espada* (guerra) e as *pestilências* (doenças). Ver a *tríade temível* (espada, fome e pestilência) anotada em Eze. 5.12. O massacre seria espantoso: cadáveres encheriam as ruas, poucas pessoas sobreviveriam, porque não haveria lugar onde se esconder.

Saberão que eu sou o Senhor. O Juiz Divino ficaria conhecido por Sua obra de julgamento que vindicaria Sua justiça. Esta expressão é usada 63 vezes neste livro, associada ao julgamento ou à restauração. Os julgamentos de Deus são restauradores, não meramente vingativos. Haveria uma manifestação do poder e da glória de Yahweh no meio da cidade pagã. Cf. Eze. 20.41; 36.23; 38.16 e 39.13.

A Restauração da Casa de Israel (28.24-26)

"Temos aqui uma alusão típica à *diáspora,* muito difundida em Israel. A promessa de que, afinal, a casa de Israel habitará *seguramente* na Terra (Palestina) é um tema repetido nas escrituras. Cf. Eze. 34.28; 38.11,14; 39.26. O *código de santidade* (parte do Pentateuco) prometeu vida aos que guardam a lei e estatutos de Yahweh. Ver Lev. 25.19; Deu. 4.1; 6.2; Eze. 20.11; ver também Jer. 23.7; 32.37; 33.16; Zac. 14.11" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

28.24

Para a casa de Israel já não haverá espinho que a pique. Cf. Núm. 33.35 e Jos. 23.13. Não existirão mais agitações e provocações que farão Israel pecar e cair na idolatria. Não haverá mais obstáculos à prática do yahwismo. Não haverá mais destruidores para ferir ou assustar o povo. O Targum diz: "Nenhum rei ou governador chegará para praticar maldades, ferir ou pilhar Israel". Não existirão pecados e corrupções internos que atrapalharão o povo de Deus. A providência divina positiva controlará a vida de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus.*

Saberão que eu sou o Senhor Deus. Por causa de Sua providência benéfica e por Seus julgamentos; por Seus atos restauradores, por Suas ricas bênçãos conferidas ao povo restaurado, Yahweh será mais bem conhecido por Israel. O juiz é restaurador e benfeitor, e os homens O conhecerão em todas estas categorias.

28.25

Assim diz o Senhor Deus. O Todo-poderoso *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) pronunciou Seu *decreto restaurador* e assim será. Este título divino (usado 217 vezes neste livro) fala da operação da soberania de Deus, que determina o destino dos homens e das nações.

Quando eu congregar a casa de Israel... Haverá o recolhimento da *diáspora* (ver a respeito no *Dicionário*). Historicamente, isto se refere à volta do remanescente dos cativos da Babilônia, a Jerusalém, para começar tudo de novo. Profeticamente (escatologicamente), refere-se à restauração dos últimos dias, no Reino do Messias. O primeiro recolhimento serviu como primícias para o segundo. O recolhimento será uma manifestação da *santidade* de Yahweh. Ele agirá em favor de Seu povo, para santificá-lo, separando-o das nações, a fim de produzir uma nova criação. Os filhos imitarão o Pai na Sua justiça e santidade, e serão transformados pelo Espírito. Retomarão a antiga terra que lhes foi prometida no *Pacto Abraâmico* (ver notas em Gên. 15.18). A possessão da Terra era uma das principais provisões do pacto, sem a qual a nação não poderia sobreviver. Ver Gên. 13.14-17 e 15.17-21. O pacto foi renovado com Jacó (Gên. 35.11-13) e nunca revogado, a despeito da triste história de Israel, que sempre praticou grande número de pecados.

Os antigos comentaristas discutiram o problema da restauração de Israel, querendo saber se os textos de restauração deveriam ser entendidos literal ou metaforicamente. A história sustenta a interpretação literal. Em nossa própria época, Israel foi restaurado em sua Terra, terminando o exílio romano que começou em 132 D. C. Uma restauração mais completa e mais espiritual, que incluirá a conversão de Israel ao cristianismo, pertence ao futuro.

> *Todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador e ele apartará de Jacó as impiedades.*
>
> *(Romanos 11.26)*

A maior realização da restauração de Israel permanece como tema principal da teologia escatológica.

28.26

Habitarão nela seguros. Haverá uma *vida normal,* marcada por uma agricultura próspera e pela construção de casas permanentes, indicando o fim da peregrinação de Israel nos países estrangeiros. Israel chegará em casa, afinal. Os julgamentos de Deus libertarão o povo dos espinhos (vs. 24) e de todas as dores que poderes alheios provocaram. Os "abominadores de Israel" serão derrotados. Israel se levantará e será o cabeça das nações. Habitará em segurança e felicidade, em prosperidade material e espiritual.

E saberão que eu sou o Senhor. Este acontecimento revolucionário tornará Yahweh conhecido universalmente. A obra será, obviamente, divina. Israel será *distinto* entre as nações, o que era, o tempo todo, o *ideal* (ver Deu. 4.4-8). Yahweh ficará conhecido como Juiz, Restaurador e Benfeitor; todas as nações se beneficiarão, segundo as promessas do *Pacto Abraâmico.* Cf. Jer. 23.6 (habitando seguramente e sendo salvo).

Capítulo Vinte e Nove

Oráculos contra o Egito (29.1 – 32.32)

Os capítulos 25-32 formam uma unidade, contendo oráculos contra *sete* nações: Amom, Moabe, Edom, Filístia, Tiro, Sidom e Egito. Ver a introdução ao capítulo 25.

O Egito é elaboradamente denunciado através de *sete* oráculos. O capítulo 29 contém dois deles: vss. 1-15, o oráculo contra o faraó; vss. 17-21, a profecia de que Nabucodonosor destruirá o Egito, utilizando seu exército internacional. Os eruditos datam o primeiro oráculo: 6 de janeiro de 587 D. C.; e o segundo: 16 de abril de 570 ou 26 de abril de 571.

Oráculo contra o Faraó (29.1-16)

Hofra, faraó do Egito, atacou Nabucodonosor na primavera de 588 D. C., esperando entregar Jerusalém ao cerco do exército babilônico; o êxito alcançado durou pouco e, depois desse acontecimento, o Egito se mostrou um aliado fraco. Ver os vss. 6-9 e Jer. 37.1-10. Um grande *dragão* simbolizava o faraó (hebraico, *tannin;* ver Isa. 27.1 e Jó 41). Yahweh facilmente o capturou, o matou e deixou seu corpo exposto para servir de comida para as aves de rapina (Eze. 32.1-8). Seus *riachos* são o Nilo e seus canais, especialmente o Delta. Os peixes são os egípcios e seus comerciantes. O dragão naturalmente refere-se ao monstro mitológico, *Caos,* como menciono na exposição no vs. 3 deste capítulo.

29.1

No décimo ano. Isto é, muitos anos depois do cativeiro de Jeconias. Ver Jer. 52.28, onde descrevo as *três* deportações que Judá sofreu. Jeconias e alguns outros foram os primeiros cativos a serem levados para a Babilônia. Esta deportação veio um ano depois do primeiro ataque contra Jerusalém (Eze. 24.1-2).

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta declaração sempre introduz novos materiais e oráculos. Lembra-nos de que as mensagens e oráculos eram inspirados por Yahweh, e de que Ezequiel era Seu profeta autorizado.

29.2

Filho do homem, volve o teu rosto contra o Faraó, rei do Egito. Yahweh fala com o profeta usando seu título comum (anotado em Eze. 2.1). O faraó Hofra (também chamado Apries) é o objeto desta tirada que promete um fim triste. Ele pertencia à XXVI dinastia e reinou de 588-569 A. C. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Egito* e *Faraó.* O oráculo contra o faraó era, ao mesmo tempo, contra o Egito, seu reino, como deixa claro o versículo. "... sua destruição e a do território inteiro estão em vista" (John Gill, *in loc.*).

Ver sobre a *carranca* do profeta, que indica a ira de Yahweh, nas notas no vs. 3, último parágrafo.

29.3

Assim diz o Senhor Deus: Eis-me contra ti, ó Faraó. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) estava controlando o Egito e cumpriria Sua vontade em relação a Hofra e ao seu povo. Este título divino mostra que Yahweh exerceu Sua soberania no caso do Egito e continua controlando o destino dos homens. Seu ato de poder colocaria o faraó e o Egito nos seus devidos lugares, pois sofreriam a força destrutiva da Babilônia e pagariam por todas as suas iniqüidades. Hofra não escaparia ao julgamento prestes a limpar o Egito.

Crocodilo enorme. Esta "tradução" da Atualizada é, realmente, uma interpretação. Embora alguns detalhes do monstro marinho correspondam ao crocodilo comum, outros são mitológicos. *Caos* é o monstro, que era chamado por uma variedade de nomes. Ele é cósmico, não meramente terrestre. Representava o faraó Hofra, cujo território era infestado de crocodilos que lembrariam ao povo o Monstro-caos. O faraó, na sua posição elevada, exaltada e poderosa, era *como* o temível Leviatã ou *Tannin.* O Monstro era poderoso e assustador, mas a *carranca* de Yahweh o espantaria. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) garantiu a destruição deste monstro, através da aplicação de Seu julgamento (pelo exército babilônico). A *carranca* do profeta (vs. 2) era a *ira de Yahweh* em ação contra um inimigo específico. Ver sobre o *rosto feio* do profeta em Eze. 4.3; 13.17; 14.8; 20.46.

O título "grande dragão" fala do faraó Hofra, utilizando a figura de *Tannin,* o dragão mitológico, o *Monstro-caos,* que o *Criador* confinava e controlava no mar. Ver Isa. 27.1 e o *leviatã* de Jó capítulo 41. Ver as notas de introdução ao presente capítulo e, também, o artigo *Leviatã,* no *Dicionário.*

O nome hebraico era *Raabe*. Ver Sal. 84.7; 89.10; Jó 9.13; Isa. 51.9-10. O nome babilônico era *Tiamate*. Textos ugaríticos registram *Tehom*.

Seus rios. Isto é, o Nilo e seus canais. Cf. Isa. 19.6; Êxo. 7.19.

Hofra jactava-se de que o *rio* pertencia a ele, mas logo aprenderia que Yahweh é o dono deste mundo, a força por trás da história humana (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teísmo*). O suposto dono e arquiteto do Egito logo perderia tudo, inclusive a própria vida. Ver as notas no vs. 9.

29.4

Porei anzóis em teus queixos. A *grande besta* seria controlada por um gancho na boca, que tiraria dela a bravura. Textos antigos informam que o crocodilo era controlado dessa maneira cruel. Mas, para controlar o Monstro-caos, haveria o gancho divino.

Representações. O Monstro é o faraó; os *peixes* são seus oficiais e súditos. O povo, de modo geral, ficaria grudado às escamas da besta, quando retirada dos *riachos* (o Nilo e seus canais); o faraó controlado significa um povo controlado pela soberania de Deus. Todos juntos "foram tirados da água" e, assim, sem resistência alguma, seriam julgados, como informam os versículos seguintes. "O faraó não pode cair sozinho. Arrastará consigo todo o seu povo e, juntos, irão para uma destruição comum" (Ellicott, *in loc.*). O faraó era considerado um deus no Egito, mas sua divindade não o ajudaria na hora da crise, quando Yahweh o pegasse com Seu *gancho* (poder soberano).

29.5

Lançar-te-ei para o deserto, a ti e a todo peixe dos teus rios. O faraó e o seu povo serão retirados da sua habitação natural e lançados no deserto, expostos ao sol para morrer; mortos, não serão enterrados, uma desgraça temível segundo a mentalidade antiga. Os peixes, já malcheirosos, atrairão as aves de rapina e as bestas da terra, que compartilharão um almoço real. As aves e as bestas representam o exército babilônico, que massacrará os seres vivos e pilhará todos os bens do país. O texto indica que sua vitória será fácil, porque o gancho (soberania) de Yahweh fizera o trabalho mais árduo. O Poder Divino confundiu as estratégias do Egito, facilitando o avanço da Babilônia. Comparar este texto com a descrição do destino amargo de Tiro, em Eze. 28.18. Jeremias usou linguagem semelhante ao falar da queda de Jeoaquim, em Jer. 22.18-19; 36.30; ver também Eze. 32.4-5; 39.4-5.

"O *deserto* refere-se dos desertos da Líbia e Cirene, onde a batalha entre Hofra e Amasis se realizou, e onde o exército egípcio foi aniquilado" (John Gill, *in loc.*).

29.6-7

E saberão todos os moradores do Egito que eu sou o Senhor. Esta expressão é usada 63 vezes neste livro, normalmente associada aos julgamentos de Deus, mas, às vezes, ao Seu ato restaurador (ver Eze. 16.62 e 28.26). A *grande catástrofe* ilustra a soberania de Yahweh, que controla os acontecimentos da história humana e o destino dos homens.

Pois se tornaram um bordão de cana para a casa de Israel. Judá, tolamente, dependia do Egito para ajudá-lo a livrar-se do domínio babilônico. O Egito tornou-se um bordão de cana para a casa de Israel. No entanto, na hora da crise, a cana quebrou. O Egito era uma muleta fraca que deixou Judá em apuros. O hebraico literal, aqui, é *cana*, ou *junco*. Os juncos, ao longo do rio Nilo, eram inumeráveis, mas eram fracos demais para servir de muleta. Judá estupidamente confiou no apoio egípcio, abandonando Yahweh, sua Fortaleza e Apoio verdadeiro, seu Defensor e Escudo. Cf. Êxo. 2.3,5 e Isa. 19.6. Ver também II Reis 18.21 e Isa. 36.6.

"O Egito era um aliado ineficiente e traidor" (Adam Clarke, *in loc.*).

Que comunhão é a minha, que alegria divina,
Inclinando-me sobre os Braços Eternos.
Que bem-aventurança, que paz é a minha,
Inclinando-me sobre os Braços Eternos.

(E. A. Hoffman)

"A cana quebrou, sob o peso do homem que se inclinava sobre ela, e um fragmento atingiu o seu ombro, infligindo um corte profundo; em consternação, o homem treme" (Ellicott, *in loc.*). Abandonados, os judeus enfrentaram a Babilônia, sem o apoio de aliados. Era o julgamento de Deus operando entre os homens, ajeitando as circunstâncias das vicissitudes da vida humana.

29.8

Eis que trarei sobre ti a espada. O exército faria uma obra rápida na batalha contra o Egito. Tanto os homens como os animais seriam cortados em pedaços e logo o Egito seria pilhado. Yahweh-Elohim (o Soberano Eterno Deus), aplicando Seu poder ilimitado, decretou o fim do Egito, e assim seria. Ver no *Dicionário* as notas sobre este título divino, no artigo *Deus, Nomes Bíblicos de*.

O exército egípcio foi vencido e os soldados se rebelaram contra Hofra, lançando-o fora de seu trono. Pouco depois, o executaram, e um novo partido político assumiu o controle do país. O sol do Egito se pôs; era a hora da Babilônia.

29.9

A terra do Egito se tornará em desolação e deserto. O país tornou-se um deserto, quando do avanço do exército babilônico, que destruía e pilhava. A *tríade temível* (a espada, a fome e as pestilências; ver Eze. 5.12) fizera bem o seu serviço, deixando uma pilha de escombros.

E saberão que eu sou o Senhor. Pelo terror, Adonai-Yahweh ficou mais bem conhecido, um tema que se repete 63 vezes neste livro. Hofra jactou-se de que o rio lhe pertencia, de que ele era o dono do Egito, mas seu ato, no palco internacional, acabou de súbito, e outros atores continuaram o show de vicissitudes e catástrofes. O *orgulho* do homem sofreu grande derrota.

29.10

Fim da Jactância. Adonai-Yahweh irou-se contra o faraó orgulhoso, o suposto dono do Nilo e do Egito. Sua propriedade tornou-se um deserto, ele perdeu seu trono e logo depois a própria vida. Desolação reinava desde Migdol até Sevene, que compartilhava uma fronteira com a Etiópia. O lugar outrora fértil perdeu suas qualidades de vida e não mais sustentaria um grande povo. *Sevene* (ver a respeito no *Dicionário*) ficava ao *sul* extremo do Egito, na altura da primeira catarata do Nilo. O moderno Aswan (cf. Eze. 30.6) marca a localidade. *Migdol* (que significa *torre*, o moderno Tell el-Heir) localizava-se ao sul de Pelusium, no *extremo* norte do país. Estes dois nomes tinham a mesma função, no Egito, como Dã e Berseba, em Israel, e, indicando as fronteiras mais distantes do país, designavam o *país inteiro*. A desolação reinaria em todo o território do Egito, cumprindo o decreto de destruição de Yahweh.

29.11

Nem será habitada por quarenta anos. Cf. Eze. 32.13,15; ver também Eze. 26.20. "Quarenta anos nos lembra dos anos da punição de Israel nas suas vagueações no deserto (Núm. 14.33; Sal. 95.10)" (Theophile J. Meek, *in loc.*). *Quarenta* representa o número bíblico de punição e provação. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Quarenta*, onde há explicações detalhadas. A história nos mostra que o Egito, começando em Migdol e estendendo-se a uma boa distância, foi devastado, mas a destruição se aplicou essencialmente ao oriente do país, deixando o resto intacto. O profeta, por hipérbole oriental, fez a destruição parecer maior do que realmente foi. A história não informa sobre um cativeiro de sobreviventes, prática comum da Babilônia. Se houve exílio de egípcios, provavelmente os cativos voltaram ao Egito, pelo decreto generoso de Ciro, que libertou os judeus da Babilônia. O decreto de Ciro se realizou 33 anos depois do ataque de Nabucodonosor, que nivelou uma porção considerável do Egito. Trinta e três é quase 40, e não é necessário inventar maneiras de harmonizar os dois números. É inútil tentar extrair da história uma cronologia exata, e defender uma desolação absoluta do Egito, que não aconteceu. Também é um erro transferir esta profecia para o fim dos tempos, para ter sua realização completa. Em se tratando de profecia, não devemos procurar precisão absoluta. Aqueles que a procuram serão desapontados.

29.12

Tornarei a terra do Egito em desolação, no meio de terras desoladas. Entre todas as desolações, a do Egito seria a maior. Este versículo expande o tema ventilado nos versículos anteriores. Os babilônios eram peritos em genocídio, e o Egito não escapou à perícia deles. A última parte do versículo prevê um cativeiro de egípcios na Babilônia, sendo essa a nossa única referência. Temos uma *alusão* ao fato, em Josefo (*Ant.* 1.10.c.11). Não há nenhuma razão para duvidar do acontecimento, embora não seja documentado nos registros do Egito.

Quarenta anos. Ver as notas no vs. 11.

29.13

Assim diz o Senhor: Ao cabo de quarenta anos ajuntarei os egípcios dentre os povos. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) havia causado o

cativeiro e também poderia anulá-lo e devolver os egípcios ao seu país. Provavelmente, devemos entender que o decreto de Ciro, que libertou os judeus, também abrangeu os egípcios e outros cativos na Babilônia. Alguns intérpretes, aplicando este versículo ao Reino do Messias, vêem uma restauração extensiva de povos, no milênio, depois da provação mundial (os *40* anos simbólicos que falam da provação de todos os povos). Esta idéia é certamente uma verdade, mas provavelmente não figura no presente texto. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Restauração.*

O Egito, embora restaurado em certo grau, nunca mais alcançou as glórias antigas, e assim o castigo de Yahweh sobre este país continua até hoje. Cf. Jer. 46.26.

29.14

... os farei voltar à terra de Patros. Ver sobre este título no *Dicionário.* O próprio Egito é identificado com *Patros*, concordando com a declaração de Jer. 44.15. Este lugar se situava no Egito Superior (Eze. 30.14; Jer. 44.1,15). Segundo a tradição, o Egito, como nação, começou naquele lugar, que era a Mãe-terra. Alguns intérpretes acham que o texto implica que o Egito Inferior ficou desabitado, uma suposição desnecessária. Patros simplesmente representa a totalidade do país. A versão portuguesa fala do lugar como a terra de origem do Egito, e a RSV diz "a terra natal".

Embora humilhado, o Egito continuará uma nação viável. Levará muito tempo para que os erros do passado sejam anulados.

29.15

Uma Medida de Graça. Embora recebendo uma medida de graça para ser restaurado, o Egito "nunca" (segundo a visão limitada do profeta) se aproximaria da sua glória anterior. De fato, seria um poder de terceira classe, humilhado entre os mais excelentes. Não é necessário considerar esta profecia absoluta, pois se aplica aos tempos antigos. Os ptolomeus exaltaram o Egito, embora não ao grau em que o fizeram os faraós antigos. Existem poucos contrastes mais significativos entre a *glória de ontem* e a *humildade de hoje*, do que o apresentado pelo Egito. Naturalmente, hoje o número dos cóticos (descendentes dos egípcios originais) é pequeno. O Egito de hoje é um país árabe, não cótico. Invasões do deserto determinaram o tipo de raça que ocupa o Egito.

29.16

Já não terá a confiança da casa de Israel. *Israel* nunca mais dependerá de um aliado tão fraco. O povo sempre lembrará como o Egito o deixou em apuros para enfrentar uma força esmagadoramente superior. Além disso, o Egito, por longo tempo, não terá forças suficientes para enfrentar uma potência de primeira ou de segunda classe. Sendo assim, Israel será *forçado* a depender de Yahweh. A lição principal que Israel aprendeu, de sua experiência com o Egito, foi a de que a nação deve depender de Yahweh e não de alianças com estrangeiros. Tais alianças eram sempre denunciadas pelos profetas, mas Israel-Judá nunca dera ouvidos às advertências. Os egípcios, vencidos pelo exército babilônico, não mereciam mais a atenção de Israel.

Derrota do Egito pela Babilônia (29.17-21)

O Segundo Oráculo. Os capítulos 29-32 apresentam *sete* oráculos contra o Egito; dois deles são descritos no capítulo 29, onde se podem ver as notas de introdução a respeito. O Egito, totalmente derrotado, será apresentado a Nabucodonosor como um *salário.* Os exércitos da antiguidade não recebiam dinheiro do Estado, mas faziam das pilhagens seu salário. A Babilônia *ganharia bem*, pilhando os imensos tesouros do Egito. Cada soldado ficaria praticamente rico, e o Estado teria um aumento considerável de riquezas, para encher ainda mais suas tesourarias já gordas. O exército babilônico invadiu o Egito no trigésimo sétimo ano do reinado de Nabucodonosor (c. 568-567 A. C.). O próprio império egípcio não foi incorporado ao império babilônico, como aconteceu com outros países, mas as perdas para o Egito e os ganhos para a Babilônia foram imensos. Jeremias previu a destruição do Egito em termos semelhantes aos de Ezequiel. Ver Jer. 43.8-13; 44.30-46.25. Todavia, a destruição não se comparava, em magnitude, à de Judá, mas fora suficiente para tirar do Egito sua glória e colocá-lo entre as nações mais fracas (ver o vs. 16).

Este segundo oráculo contra o Egito é o último de Ezequiel, que foi datado em 25 de abril de 571 A. C. Chegou logo depois que o faraó, obrigado, tornou o general Amosis II seu co-regente. Hofra, não muito tempo depois, foi forçado a deixar totalmente o poder e acabou estrangulado pelos conspiradores.

Nabucodonosor não recebeu grande "salário" na pilhagem contra Tiro, porque aquela vitória despendeu grande parte de seus recursos. Em comparação, o salário recebido pela derrota do Egito recuperou as perdas da companha contra Tiro.

"Esta profecia foi escrita logo depois da derrota de Tiro (572 A. C.). Nabucodonosor levou treze anos para conquistar o império do mar" (Charles ' '. Dyer, *in loc.*). Foi assim que o exército trabalhou duro e longamente para receber um salário relativamente pequeno. A situação foi revertida no caso da campanha contra o Egito. Antes de sua derrota, Tiro mandou embora boa parte de sua riqueza para portos distantes do mar Mediterrâneo. Outros se beneficiaram, deixando a Babilônia com lucro relativamente pequeno. O caso do Egito foi diferente. A Babilônia levou tanta riqueza daquele país, que praticamente não houve onde armazenar tudo.

29.17

No vigésimo sétimo ano. Isto é, muitos anos depois do cativeiro de Jeconias, o primeiro, proveniente das três deportações dos judeus para a Babilônia. Aquele ano era o décimo quinto depois da queda de Jerusalém, e o trigésimo sétimo do reinado de Nabucodonosor. Ver as três deportações comentadas nas notas de exposição em Jer. 52.28, onde há um gráfico ilustrativo. Ver a introdução à presente seção, para outras notas.

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta segunda parte do versículo é a declaração comum que introduz novos materiais e oráculos. Lembra que as mensagens foram inspiradas por Yahweh e que Ezequiel era Seu profeta autorizado.

29.18

Nabucodonosor, rei de Babilônia, fez que o seu exército me prestasse grande serviço contra Tiro. A guerra contra Tiro durou treze longos anos e Nabucodonosor fez seu exército trabalhar arduamente. A fricção dos capacetes em suas cabeças fê-los calvos, porque nunca foi aliviada, já que a guerra continuava. Os ombros dos homens, que carregavam materiais para fazer montes de sítio (para passar por cima dos muros), perderam a pele por causa de tanto peso e fricção. Alexandre, continuando a guerra (numa época posterior), gastou enorme energia, construindo seu caminho artificial para ligar a ilha com a costa. Os corpos dos soldados se alquebraram com tão pesada labuta, porque Tiro não cedeu facilmente. O esforço feito por Alexandre naturalmente foi posterior e não está em pauta neste versículo, mas ilustra como foi difícil derrubar a capital do império fenício.

Não houve paga de Tiro para ele. Tudo era extremamente cansativo e rendeu pouco em "salários" para os soldados e o estado babilônico. E, quando os soldados finalmente conseguiram derrubar os tirianos, encontraram pouca coisa na ilha para pilhar. Os navios já tinham levado tudo o que era valioso para portos distantes ao redor do mundo mediterrâneo. A campanha contra Tiro, do ponto de vista econômico, não valeu a pena. Nabucodonosor fez o trabalho de Yahweh, destruindo os ímpios de Tiro, mas em termos de salário, Yahweh ficou-lhe devendo. A pilhagem no Egito reverteu a situação e, nesse caso, Yahweh pagou salários muito altos, para a alegria de seus "empregados".

Josefo (*Contra ap.* 1.21) informa que Nabucodonosor conquistou toda a Síria e Fenícia; teve êxito militar, mas, economicamente, lucrou pouco. Em contraste, foi muito mais fácil vencer o Egito, e a vitória rendeu-lhe muitos lucros.

29.19

Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu darei a Nabucodonosor... a terra do Egito. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) pagou excelentes salários aos Babilônios por seu trabalho no Egito; afinal, podia ser generoso, porque Sua soberania controlava toda aquela situação. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Soberania de Deus*, bem como o verbete chamado *Teísmo.* A *Providência de Deus*, negativa ou positiva, determina todas as finalidades deste mundo.

Ele levará a sua multidão. A Babilônia levou todas as *riquezas* do Egito. O hebraico literal é *multidão.* A Atualizada preserva o hebraico literal, enquanto a RSV registra *riquezas.*

Esperando a Ceifa. Este versículo nos ensina que: 1. Deus opera Sua vontade entre os homens. O Criador não abandonou Sua criação, está presente para intervir, para castigar os maus e recompensar os bons. Isto é o *Teísmo* bíblico. Ver sobre este título no *Dicionário.* 2. Haverá uma ceifa, quando os homens colherão o que semearam. Há uma *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). 3. Os homens podem substituir a vontade de Deus com "viagens" do ego humano, enganando-se em afirmar que estão servindo a Deus. 4. A vontade de Deus é revelada àqueles que querem obedecer. Esta revelação vem através das profecias, das Escrituras, das experiências místicas e intuitivas e das circunstâncias. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

29.20

Este versículo repete, em essência, a mensagem do vs. 19, acrescentando enfaticamente que Nabucodonosor era o servo de Deus, nas suas conquistas mundiais. Yahweh estava limpando aquela parte do mundo. Jer. 25.9 e 27.5

chamam Nabucodonosor de *servo* de Yahweh, porque ele tinha a tarefa de efetuar os julgamentos de Deus sobre as nações ímpias. "Porque tinha realizado os desígnios de Deus contra Tiro, recebeu a promessa de galardão pela pilhagem do Egito" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Jer. 25.9.

29.21

Farei brotar o poder na casa de Israel. Enquanto as outras nações recebem "salários" de Yahweh, por serviços prestados, é Israel-Judá que, afinal, será grandemente beneficiada no Reino do Messias. Alguns intérpretes entendem este versículo escatologicamente. Outros acham que a referência é à restauração, depois do cativeiro babilônico, possibilitada. pelo decreto misericordioso de Ciro.

Poder. *Poder* é, literalmente, o *chifre*, símbolo de poder e de um reino. Também pode significar o *próprio rei*, e alguns acreditam que a referência aqui é ao Messias. O animal usa seu *chifre* para atacar e defender-se, assim é um símbolo apto para poder, reino ou rei. Cf. I Sam. 2.1; II Sam. 22.3; I Reis 22.11 e Jer. 48.25.

E te darei que fales livremente. Ezequiel era o profeta autorizado para entregar a mensagem, e seu ofício seria validado pelos acontecimentos. Os oráculos do profeta eram-lhe intuídos e ele próprio era inspirado para entregá-los.

E saberão que eu sou o Senhor. Normalmente, esta expressão, usada 63 vezes neste livro, se associa aos julgamentos do Senhor. *Adonai-Yahweh* ficará *conhecido* pela restauração de Israel (ver Eze. 16.62 e 28.25-26).

Eze. 24.27 é semelhante ao presente versículo e as notas oferecidas ali também se aplicam aqui.

Capítulo Trinta

Os capítulos 29-32 contêm *sete* oráculos contra o Egito, acompanhados por alguns suboráculos. Os capítulos 25-32 denunciaram *sete nações* com os oráculos de Adonai-Yahweh, o último dos quais era o Egito. *Sete outros oráculos* apresentam uma denúncia detalhada contra aquele país. Ver a introdução ao capítulo 25; e a introdução ao capítulo 29 contém materiais de pano de fundo. Obviamente, não é acidental que haja dois grupos de *sete* oráculos cada. Yahweh, em Sua perfeição, revela o plano divino incomparável para as nações. Sua soberania se expressa constantemente em todo o universo.

O Destino Amargo do Egito (30.1-26)

Este *grande oráculo* de Yahweh contra o Egito tem quatro suboráculos nos vss. 1-19 deste capítulo. Eles se apresentam em forma poética. Um quinto oráculo (em prosa) se apresenta nos vss. 20-26. Os braços do faraó serão quebrados, simbolizando o fim do seu poder. O exército babilônico fará a tarefa, servindo a Yahweh.

"O dia do Senhor (vss. 2-5), desde o tempo de Amós (Eze. 5.18-20), falava do dia do julgamento (com ou sem uma referência escatológica). Ver Eze. 15.5; Isa. 2.12; Jer. 30.7; Zac. 1.14-18. Mais tarde, a expressão se aplicou à restauração de Israel, mas também indicava o destino amargo dos gentios" (*Oxford Annotated Bible,* introdução à seção).

Este oráculo não recebe uma data, em contraste com os anteriores. Cada um é introduzido com a declaração "Veio a mim a palavra do Senhor", revelando a inspiração das mensagens: 1. vss. 1-5; 2. vss. 6-9; 3. vss. 10-12; 4. vss. 13-19; 5. vss. 20-26.

Primeiro Oráculo: o Dia do Senhor (30.1-5)

30.1

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta é a declaração comum que introduz novos materiais ou oráculos. Lembra-nos de que eram inspirados por Yahweh, sendo Ezequiel Seu profeta autorizado. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

30.2

Filho do homem, profetiza. Yahweh fala com o profeta utilizando seu título comum (anotado em Eze. 2.1). O profeta recebe outra mensagem para ser entregue, cumprindo o ofício divino para o qual fora ungido. Este é um oráculo de amargura:

> *Gemei, Ah! Aquele dia! "Gritai e dizei, o dia terrível está chegando".*
>
> (NCV)

O Egito logo encontraria o julgamento merecido. A devastação seria grande e as perdas, inumeráveis. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) havia pronunciado o decreto e Sua soberania seria efetuada. Este título divino é o nome mais comum de Deus, neste livro, aparecendo 217 vezes.

30.3

Está perto o dia. *O dia temível está perto*; é o dia terrível de Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Dia do Senhor.*

A profecia pode ser *escatológica*, falando de restauração e salvação, mas, no presente texto, não tem estas implicações. Será um dia de nuvens e relâmpagos, chuvas torrenciais, dilúvios descontrolados, aniquilamento. O dia do pecado acabou; a rebelião contra Deus será esmagada; a terra será limpa. Alguns intérpretes vêem aqui uma referência escatológica e supõem que o Egito simbolize todas as nações gentílicas, que devem ser humilhadas, antes da ascensão de Israel como cabeça das nações, no Reino do Messias.

Dia nublado. As nuvens, metaforicamente, são figuras freqüentes de ruína e sofrimento. Ver o vs. 18; Eze. 23.7-8; 34.2; Joel 2.2; Sof. 1.15. Os julgamentos futuros de Deus são chamados de "o dia do Senhor" (Isa. 13.6-16; 34.8; Mal. 4). O *dia* neste presente texto é *específico*, isto é, o dia tão devastador que aniquilará o Egito. Ver Eze. 22.3; 35.5; Jer. 8.12; 27.7.

30.4

A espada virá contra o Egito. O dia do Senhor, pronunciado contra o Egito, será quando o exército babilônico atacar o Egito e causar desolação quase total. Será o dia da angústia da Etiópia; um dia de matança generalizada e pilhagem cobiçosa; um dia de ruína das fortificações do Egito, deixando-o exposto às brutalidades arbitrárias do inimigo. O Egito nunca mais se recuperaria para gozar os dias gloriosos do passado, quando os faraós haviam sido os maiores poderes na face da terra. Ver Eze. 29.14-15.

Etiópia. Isto é, *Cuxe*. Ver sobre os dois nomes no *Dicionário.* Estão em vista, em termos modernos, o sul do Egito, Sudã, e o norte da Etiópia moderna (Esd. 1.1; Jer. 46.9; Eze. 27.10). Quando o Egito cair, seus aliados entrarão em pânico, sabendo que o seu dia de destruição também está próximo. Com a Mãe massacrada, o aniquilamento das filhas não pode estar distante.

Grande dor. Isto é, *angústia*, palavra hebraica freqüentemente usada para falar das dores do parto, mas aqui referindo-se às dores da morte. Estão em vista os grandes sofrimentos que vêm *de súbito.*

30.5

O dia do Senhor surpreenderá o Egito e seus aliados com uma fúria singular, resultando em conseqüências devastadoras. Os aliados serão despedaçados pela mesma espada que terá sacrificado a Mãe.

Etiópia. Ver as notas, no vs. 4, e o artigo no *Dicionário.*

Pute. A moderna Líbia (Isa. 66.19; Jer. 46.9; Eze. 27.10).

Lude. Habitantes da costa oeste da Ásia Menor. Cf. Eze. 27.10. A Septuaginta, o Siríaco e a Vulgata trazem *Líbia.* O hebraico literal é *Cube* (kub.). Se Cube for o correto, então não sabemos qual terra está em vista. Ver sobre este título no *Dicionário.*

Arábia. O deserto povoado por tribos nômades, no sul. Uma emenda textual dá "os povos mistos", que poderia indicar populações estrangeiras (para incluir soldados mercenários) que moravam no Egito, ou que foram seus aliados. Ver Jer. 25.20.

Outros aliados. "E o meu povo" (NCV) talvez seja uma referência a Judá que cairá, com os outros mencionados, por ter feito alianças com o odioso Egito. Alguns intérpretes afirmar estar em vista os judeus que moravam no Egito. Ver Jer. 42.16-18; 19.22; 44.1-14. De qualquer maneira, a profecia é clara: o Egito e todos os seus aliados encontrarão o mesmo destino amargo, a mesma ruína.

Segundo Oráculo: O Egito e Seus Aliados Devem Cair (30.6-9)

30.6

Também cairão os que sustêm o Egito. Yahweh pronunciou Seu decreto e Sua promessa ameaçadora: todos os que apoiaram o Egito devem cair com a guerra e compartilhar o destino amargo da Mãe. O exército babilônico fará um serviço completo, aniquilando a todos. Haverá poucos sobreviventes, e muitos

serão levados cativos para a Babilônia, para que o sofrimento continue. *Todo* o Egito será esmagado, de fronteira a fronteira, de *Sevene a Migdol*, o que vemos em Eze. 29.10, com as notas principais.

Será humilhado o orgulho do seu poder. O *orgulho* do Egito será baixado à poeira. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Orgulho*. Suas fortificações (torres) ruirão. A máquina de guerra da Babilônia, a melhor do mundo, será efetiva e fará um trabalho rápido e completo.

30.7

Serão desolados. O Egito será devastado e todos os territórios ao redor sofrerão o mesmo destino, por terem apoiado o império ímpio. O Egito fundou muitas cidades e assumiu controle sobre outras, pela força. No fim, perderá tudo, tornando-se uma pilha de escombros. Cf. Eze. 29.12, que tem descrições semelhantes e notas mais completas. Heródoto (*Euterpe*. 1.2.c.177) informa que o Egito era uma terra de muitas maravilhas, com inumeráveis cidades e obras magníficas. Diodoro Sículo afirma que, no seu auge, o Egito contava com 18 mil cidades e vilas. Heródoto diz que, quando Amasis era o faraó (aquele, depois de Hofra), o lugar tinha 20 mil cidades e vilas. Ptolomeu Lago elevou o número para 30 mil e Teócrito (*Idyl*. 17.v.82), para 33.339! A hipérbole oriental está obviamente operando nestas estatísticas. De qualquer maneira, o Egito era um lugar magnífico, o paraíso do mundo antigo. Os babilônios arrasaram tudo isso, porque seu exército era mais poderoso e porque o decreto de Yahweh ordenou um basta! O *império da iniqüidade* tinha de cair.

30.8

Saberão que eu sou o Senhor. Na devastação, *Yahweh ficará conhecido*, e de maneira singular, no Egito e nos territórios de seus aliados. Esta expressão é usada 63 vezes neste livro, normalmente associada aos julgamentos divinos, mas, às vezes, à idéia de restauração (como em Eze. 16.62; 28.25-26 e 29.21). A justiça de Deus vencerá. Yahweh tinha Suas razões para castigar aqueles povos; Seus julgamentos satisfizeram as exigências da lei moral de Deus. Era preciso coibir o pecado. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Ver também a exposição em Gál. 6.7-8, no *Novo Testamento Interpretado*.

30.9

Em navios. O texto hebraico descreve os mensageiros espalhando a notícia "em navios", o que tem perturbado os intérpretes. A Septuaginta e o Siríaco mudaram *navios* para o adjetivo *rápidos*, descrevendo a urgência dos mensageiros na realização de sua tarefa. Normalmente, leituras difíceis são simplificadas por escribas subseqüentes; este princípio, sem dúvida, esteve em ação neste caso. Não há nenhuma explicação clara e suficiente para o texto hebraico, neste lugar. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento*, para informações gerais, que explicam como as leituras certas são escolhidas, quando há variantes no texto.

Será que os *navios* subiriam ou desceriam o Nilo, para espalhar a mensagem, ou fariam viagens mais longas no mar Vermelho ou no Mediterrâneo, para fazer uma divulgação universal?

Eis que já vem. O julgamento chegará inesperadamente, será rápido e cruel como a dor que pega a mulher que vai dar à luz. Logo, mensageiros trarão as notícias temíveis: o Egito caiu, com todos os seus aliados! A espada os deixará como *carne mutilada*. A notícia temível se espalhará rapidamente e todas as nações tremerão.

Terceiro Oráculo: Nabucodonosor Esmagará o Egito (30.10-12)

30.10

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) garante o bom resultado; governando tudo na Sua soberania universal, honrará Sua promessa. Os homens ceifam o que semeiam. O título divino utilizado aqui ocorre 217 vezes no livro e enfatiza a soberania de Yahweh, que opera segundo as exigências da lei moral. A vontade divina não é arbitrária, como o assevera *voluntarismo*. Ver este título na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. O voluntarismo é a idéia falaciosa de que a vontade de Deus opera independentemente da razão, ou das leis morais, como os homens as entendem. O calvinismo extremo assevera que uma variedade de fatos advêm do voluntarismo, fazendo de Deus a Única Causa, e que Sua vontade esmaga a todos, menos os eleitos, esquecendo que a *soberania* de Deus está por trás *de Seu amor:* "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho... ".

Eu, pois, farei cessar a pompa do Egito. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) pronunciou outro oráculo com *notícias péssimas* para o Egito. Logo haverá um fim para o Egito e toda a sua riqueza e orgulho. Nabucodonosor fará o serviço por Yahweh e receberá um salário espetacular através de pilhagem. As tesourarias da Babilônia se encherão e transbordarão. Armazenar tudo seria um problema para os babilônios. A campanha contra Tiro havia rendido pouco; isto seria compensado pelo salário imenso que a Babilônia ganharia no Egito. Ver Eze. 29.18-20.

30.11

Desembainharão as suas espadas contra o Egito, e encherão de traspassados a terra. *O Exército Universal*. A Babilônia tinha uma máquina de guerra gigantesca e diversificada, incorporando representantes de muitos povos. Prisioneiros de guerra (os melhores soldados) foram forçados (e/ou sujeitados) a batalhar ao lado dos babilônios nativos. Também houve mercenários de todo o mundo. O Egito, embora um dos poderes principais do mundo, não tinha nenhuma chance contra a Babilônia. A todo-poderosa espada da Babilônia agiria sem misericórdia e discriminação, cortando tudo e todos em pedaços: homens, mulheres, velhos, jovens, crianças e até animais. O povo orgulhoso e idólatra pagaria por seus inumeráveis crimes. A lei moral de Yahweh seria servida (Gál. 6.7-8). A Babilônia, embora a força mais temível da época, em breve cairia ante uma força ainda mais *esperta* e poderosa: o império medo-persa.

Aquele reverso histórico chegaria tarde demais para ajudar o Egito. A terra ficaria essencialmente despovoada, e os sobreviventes seriam levados para a Babilônia (Eze. 29.12). Uma grande pilhagem transferiria os tesouros do Egito para o norte. Deus escolheu a Babilônia, a mais cruel das nações, como instrumento de Seu poder (ver. Eze. 28.7; 30.10-11; 32.12). "Verdadeiramente, aquele povo maltratava seus cativos" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

30.12

Repetições. Uma característica literária do autor deste livro é a repetição. Assim, este versículo segue o padrão, repetindo itens vistos anteriormente.

Secarei os rios. O Nilo e seus canais (ver Eze. 29.3; Isa. 7.18 e 19.6), ficarão secos, perdendo seu poder sustentador de vida. O Nilo transbordava periodicamente, trazendo fertilidade para o solo, mas sem ele, não haveria agricultura, o coração da vida de qualquer país. Sem o Nilo, o Egito não era nada. O fim do Nilo significava o fim da própria vida do país. O "Nilo seco" é uma *metáfora* para "por fim à vida".

Não houve seca literal, devastadora, naquele tempo. A terra seria "vendida" para estrangeiros; o Egito perderia o controle de tudo. *Desolação* seria a palavra do dia, como visto no vs. 7. O instrumento da ruína seria o exército babilônico (ver Eze. 7.21; 11.9; 28.7,10 e 30.12). Ver também Isa. 19.5-10. Tudo aconteceu por decreto de Yahweh, a verdadeira *Causa* do que acontece aos homens. Sua palavra deve ser cumprida.

Quarto Oráculo: Yahweh é o Destruidor (30.13-19)

30.13

Destruirei os ídolos. Não há, neste livro, tema mais repetido que este. A Babilônia seria o instrumento do poder de Yahweh, mas *Yahweh* era a causa do que aconteceria. O Poder destruidor por trás das cenas era divino. Para dar uma noção completa da destruição que ia acontecer, este oráculo enumera diversos lugares do Egito que sofreriam. Certamente, nenhuma cidade principal escaparia ao destino terrível que Yahweh planejara. Será que o Egito tinha 20 mil cidades, como falou Heródoto? Ou 30 mil, como afirmou Ptolomeu Lago? Ou 33.339, como disse Teócrito? Uma hipérbole oriental operava nas estatísticas, mas podemos ter certeza de que a devastação seria grande. Cf. o vs. 7.

A idolatria egípcia, uma das mais desgraçadas do mundo, seria o objeto principal da destruição. Os deuses do Egito sofreriam um péssimo dia.

Adonai-Yahweh (o Soberano Eterno Deus) não podia tolerar mais os egípcios e suas muitas *abominações*. Deus, aplicando Sua soberania (como o título divino aqui sugere), acabaria com as iniqüidades do lugar, inclusive a mais conspícua, a idolatria. Os babilônios realizariam o trabalho por Yahweh, até o último detalhe.

Darei cabo das imagens em Mênfis. *Nofe* (o hebraico literal) significa *Mênfis* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. Osé. 9.6. Este lugar era famoso por sua idolatria, adorando um verdadeiro panteão de deuses. O deus *Serápis* tinha um templo magnífico naquela cidade. *Isis* e *Osíris* estavam no topo da lista dos deuses e deusas. Havia templos numeráveis em todo o país, honrando uma variedade doentia de deuses que nem existiam. Mênfis incorporava em si a idolatria de todo o país e, por isso mesmo, mereceu repreensão especial.

Mênfis havia sido a primeira capital do país (c. 3200 A. C.). Deixou de ser a capital, mas reteve sua importância. Houve uma colônia de judeus naquele lugar (Jer. 44.1). Ver outros detalhes no artigo correspondente, no *Dicionário*.

O profeta assevera que os principais centros populosos seriam os objetos escolhidos para sofrer a devastação, mas a destruição atingiria também os lugares de menos proeminência. O autor não se cansou de enumerar todas as cidades e vilas que sofreriam. Alguns locais referidos serviam ao propósito de mostrar a *grandeza* da destruição.

Ampla Aniquilação. A vassoura de Nabucodonosor varrerá a terra inteira, e os homens do Egito tremerão, antecipando o terror iminente. O rei da Babilônia substituirá os governantes do Egito por homens especialmente escolhidos para a tarefa.

Não haverá príncipe na terra do Egito, onde implantarei o terror. O pouco que sobraria do Egito seria governado por estrangeiros, uma circunstância humilhante, um toque final da desgraça generalizada.

30.14

Mais *três lugares principais* representam o país inteiro que seria devastado.

Patros. Área mais ou menos central, entre Cairo e Aswan; o nome servia de sinônimo para o Egito inteiro. O termo, em tempos posteriores, indicou o Egito Superior. Ver as notas sobre o lugar, em Eze. 29.14. Ver também Isa. 11.1; Jer. 44.1 e o artigo correspondente, no *Dicionário*.

Zoã. Residência real localizada na região do Delta. Os gregos a chamaram *Tânis* (ver Sal. 78.12,43; Isa. 19.11,13 e os artigos correspondentes, no *Dicionário*).

Nô. Esta palavra hebraica se refere a *Tebes*, que se situava ao sul (Egito Superior), a 650 km do Cairo. A moderna *Carnaque* representa a localidade antiga. Jeremias também previu sua ruína (Jer. 46.25). Ver o artigo no *Dicionário*, para detalhes.

30.15-16

São especificados *mais lugares*, que serão destruídos, mostrando a natureza generalizada da devastação efetuada pelo exército babilônico.

Derramarei o meu fluxo. Tal qual o fluxo ardente de lava de uma explosão vulcânica, ou como um rio que inunda tudo. "... atearei fogo no Egito e exterminarei..." (vs. 16).

Sim. Isto é, Pelúsio, sofreria ataque direto do fogo divino. A *ira* de Yahweh não poupou nem aquele lugar. *Pelúsio* estava localizada no Delta, mais ou menos a 2 km do mar Mediterrâneo. Era essencialmente uma fortaleza militar que protegia o norte do Egito contra intrusões estrangeiras. Os babilônios, todavia, não teriam nenhum problema em anular esta fortaleza e todas as outras do Egito, deixando-as sem defesa.

Exterminarei. A RSV diz "cortar fora", com a espada, ou como um animal que despedaça sua vítima com os dentes.

Mênfis terá *angústia contínua*, porque os ataques virão repetidamente. Com suas descrições, o autor abrange uma área considerável, porque os lugares citados são distantes uns dos outros, representando todo o Egito, não somente uma área daquele país. O texto enfatiza a *universalidade* dos ataques.

Expressões de Sofrimento. 1. *fogo* é derramado como a lava de um vulcão. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Fogo, Símbolo de.* 2. *Golpes cortantes* da espada; os pedaços, como se cortados pelos dentes de animais selvagens, matariam e mutilariam as massas. O massacre eliminaria boa parte da população. 3. O *fogo* volta (vs. 16), como um *incêndio florestal*, atingindo uma área considerável do país. 4. Os *ataques* são contínuos e trazem *angústia*.

30.17

O profeta cita mais duas cidades por ilustração.

Avén. Ou *On*, que significa *iniqüidade*. O nome dado a esta cidade, em Jer. 43.13, é *Bete-Semes*, que significa "a casa do sol". Era ali que o deus-sol, *Re-Herakhti*, era adorado. Potífera, sogro de José, era um sacerdote em On (Heliopólis) (Gên. 41.45,50; 46.20). O nome grego era *Heliópolis* (ver o artigo no *Dicionário* para detalhes). Era uma importante cidade comercial, militar e religiosa. A Babilônia não respeitaria homem ou deuses, mas varreria tudo, efetuando extensiva devastação.

Pi-Besete. Esta cidade, situada ao noroeste da área do Cairo moderno, no Egito Inferior, não seria poupada. Sua principal divindade adorada era *Bast*, a deusa com cabeça de gato. Os gregos chamavam o lugar de Bubastis.

As duas cidades, Áven e Pi-Besete, eram a flor do Egito. Os jovens fortes seriam massacrados pela espada, perdendo a vida no auge da juventude. Os poucos sobreviventes seriam levados cativos para a Babilônia. Alguns poucos homens, mas principalmente mulheres e crianças, constituiriam os exilados, como aconteceu com Judá. Cf. Eze. 29.12. As melhores e as mais belas mulheres aumentariam o número de concubinas nos haréns, e as outras tornar-se-iam escravas, limpando as casas das senhoras da Babilônia. Alguns homens seriam enviados como escravos, para trabalhar nas fábricas e fazendas.

30.18

Aqui termina a lista de cidades representativas que simbolizam o Egito inteiro.

Tafnes. Localizava-se perto do Canal e ali os faraós tinham um palácio (Jer. 43.8). Provavelmente foi este o fato principal que inspirou o profeta a mencioná-la em último lugar; ele quis mostrar que nem os santuários dos reis estariam isentos da destruição; o faraó e seus príncipes estariam incluídos entre as vítimas. Jeremias condenou esta cidade em companhia de Mênfis (Jer. 43.7-8).

... se escurecerá o dia. A mensagem foi clara: as cidades principais cairiam; os santuários não escapariam; as classes do Egito, das mais altas às plebéias, tornar-se-iam vítimas do exército babilônico. A escuridão tomaria conta do país; a pompa e a glória do império seriam apagadas. Nuvens encheriam os céus; os poucos sobreviventes iriam para o cativeiro. Para o símbolo do *dia escuro* (calamidade), cf. o vs. 3; 32.8; Isa. 3.10; Joel 2.10,31; 3.16; Amós 8.9 e Mat. 24.29.

Quando eu quebrar ali os jugos do Egito. O Egito, que tinha escravizado outros povos, sujeitando-os a tratamentos cruéis, ele mesmo receberia esse tratamento, cumprindo a *Lex Talionis* (retribuição de acordo com a gravidade do crime; ver a respeito no *Dicionário*).

Suas filhas cairão em cativeiro. As filhas são mencionadas para indicar *todos* os habitantes, mas nos lembram dos sofrimentos *de mulheres* indefesas que seriam maltratadas, encheriam os haréns dos babilônios e tornar-se-iam escravas de homens irracionais e brutais.

30.19

Executarei juízo no Egito. Fica claro que a longa lista de cidades tinha a função de falar sobre o país inteiro, sendo meramente representativa.

Os escravos que o Egito tinha feito seriam libertados, e o país se tornaria escravo de um poder estrangeiro; haveria grande devastação, com a perda de inumeráveis vidas.

E saberão que eu sou o Senhor. *Yahweh ficará conhecido* por Seus julgamentos, tema que se repete 63 vezes neste livro. Às vezes, a expressão se aplica à restauração, falando de Yahweh como o Benfeitor, mas normalmente a idéia é de julgamento. Cf. Eze. 16.62; 28. 25-26 e 29.21. A tirania egípcia terminará, um tirano tomará conta do Egito e de seus tesouros e maltratará os poucos sobreviventes.

Quinto Oráculo: os Braços do Faraó Serão Quebrados (30.20-26)

Os outros quatro oráculos foram escritos em forma poética, mas este está em prosa. Sua data foi o dia 19 de abril de 586 (ou segundo alguns, 29 de abril de 587). Este oráculo é o principal dos cinco e pode ser considerado o *quarto* dos *sete* dos capítulos 29-32. Os outros são suboráculos. Ele foi dado quase quatro meses depois da primeira profecia de Ezequiel contra o Egito (Eze. 29.1). O décimo primeiro ano foi o número de anos depois do exílio de Jeconias. Ver Jer. 52.28, onde anoto as *três* deportações. Os capítulos 25-32 têm *sete* oráculos que condenam *sete nações*: Amom, Moabe, Edom, Filístia, Tiro, Sidom e Egito. Os capítulos 29-32 contêm *sete oráculos* que, elaboradamente, condenam o Egito.

O número *sete* fala da fonte divina dos oráculos, que são perfeitos, completos e certos. Inevitavelmente, Yahweh *intervirá*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teísmo*.

30.20

Veio a mim a palavra do Senhor. Além de nos informar a data do *quinto oráculo*, este versículo apresenta a declaração comum que introduz novos materiais ou oráculos. A declaração lembra que os oráculos foram inspirados por Yahweh e que Ezequiel era o Seu profeta autorizado.

30.21

Filho do homem, eu quebrei o braço de Faraó. Yahweh fala com o profeta utilizando seu título comum (anotado em Eze. 2.1). O *braço* (poder) do faraó será quebrado. Aquele braço, que havia causado tanto sofrimento, sempre administrando

golpes cruéis, estava chegando ao fim de sua carreira. Agora, o *braço* de Nabucodonosor acabará com o show do Egito. Seu tempo para sair do palco está próximo. Seu dia de dominação logo acabará, e iniciará o tempo de tornar-se escravo de outro poder. A espada do Egito cai no chão, porque o braço do faraó se pendura inutilizado. O faraó em vista é Hofra, que governou o Egito de 598 a 570 A. C. "Os braços dos ímpios serão quebrados" (Jer. 48.25). O Egito foi derrotado em Carquêmis, na primeira de uma série de batalhas que trouxeram reversos agonizantes para o país. A queda total foi o resultado da acumulação de perdas. Ver Jer. 37.5,7 e II Reis 24.7.

30.22

Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu estou contra Faraó, rei do Egito. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) pronunciou Seu decreto, com o poder para efetuá-lo; o decreto era contra o Egito; sua hora de desastre e fim de carreira havia chegado.

Eu. O *braço aniquilador* é de Yahweh, embora usasse um instrumento humano.

Quebrar-lhe-ei os braços. O plural (braços) substitui o singular do vs. 21. O Egito e seu rei serão totalmente *inutilizados*, e ficarão sem a mínima chance de defender-se ou reagir contra o inimigo. A espada cairá da mão do faraó; o dia dos massacres do Egito, infligidos contra outros povos, acabaria. Haveria vingança e retaliação. A *Lei da Colheita segundo a Semeadura* estaria satisfeita. Ver este título no *Dicionário*.

Nabucodonosor quebrou um braço de Hofra, em Carquêmis; terminou quebrando o outro em batalhas subseqüentes. Cf. Eze. 29.1-16.

30.23

Espalharei os egípcios entre as nações. Depois da devastação do Egito, os poucos sobreviventes foram espalhados entre as nações ao redor; alguns fugiram para os estados vizinhos, mas a maioria terminou na Babilônia, no cativeiro. Vemos a mesma informação em Eze. 29.12, um paralelo direto, cujas notas também se aplicam aqui. A *espada do Senhor* operava através de instrumentos humanos; Yahweh, exercitando Sua soberania entre as nações, agia segundo a lei moral. A dispersão do Egito é mencionada novamente no vs. 26.

30.24

Fortalecerei os braços do rei de Babilônia. Poderes caíram e outros subiram. Yahweh, tendo quebrado os braços do Egito, fortaleceu os da Babilônia; é a soberania de Deus determinando o destino das nações.

Gemerá como geme o traspassado. O Egito, recebendo o golpe mortal, agonizará. A crueldade sempre foi o deus do campo de batalha; agora era a vez de o Egito gemer, pois fizera muitos povos gemer com sua crueldade. O faraó Hofra, assassinado por outros egípcios, emitirá o gemido mais horripilante.

30.25

Repetições. Uma característica literária deste livro é a repetição. Este versículo é composto totalmente de itens vistos em outras passagens. Os braços do faraó penderão inúteis, e os da Babilônia se levantarão; o agente de tudo é Yahweh; a *espada* dos babilônios será o instrumento das calamidades.

Saberão que eu sou o Senhor. Yahweh *ficará conhecido* através desses atos de julgamento. O Juiz efetuará Sua vontade entre os homens. O mundo inteiro receberá uma visão mais nítida do poder e da justiça de Adonai-Yahweh, um tema que se repete 63 vezes neste livro. Cf. o vs. 19.

30.26

Este versículo repete os vss. 23 e 19: a dispersão do Egito (vs. 23) e o fato de que Yahweh será conhecido através dos acontecimentos (vs. 19). A lei da colheita segundo a semeadura será satisfeita (ver as notas explicativas em Gál. 6.7-8, no *Novo Testamento Interpretado*).

Capítulo Trinta e Um

Os capítulos 25-32 contêm *sete* oráculos contra *sete nações* que tinham relações com Israel. Então, os capítulos 29-32 têm *sete* oráculos contra o Egito, a sétima nação da série composta por Amom, Moabe, Edom, Filístia, Tiro, Sidom e Egito. Os *sete* oráculos dificilmente poderiam ser arbitrários. Os julgamentos de Yahweh são divinos, perfeitos e completos, operando Sua vontade neste mundo.

Ver as introduções aos capítulos 25 e 29, para mais detalhes. O presente capítulo ilustra a similaridade entre a Assíria e o Egito. Os dois eram países de poder extensivo, mas sofreram quedas fatais, pela força divina que funciona neste mundo. Ambos eram pecadores orgulhosos e auto-exaltados, embora sua auto-exaltação não os tivesse ajudado no dia da calamidade.

Similaridades entre o Egito e a Assíria (31.1-18)

Este capítulo se divide naturalmente em duas partes: 1. O Egito como um grande cedro, alegoria que ensina que os orgulhosos, inevitavelmente, têm uma queda temível, pelo poder dos Céus (vss. 1-9). 2. O Egito cairá e terminará no próprio seol (vss. 10-18).

O Egito como o Grande Cedro (31.1-9)

"*A Alegoria do Cedro* (cf. o capítulo 17). A data deste oráculo foi o dia 21 de junho de 587 A. C. Ezequiel empregou um mito antigo da Babilônia para apresentar seu tema, como no caso de Tiro (Eze. 28.1-5): a causa da queda do Egito era o seu *orgulho* e irresponsabilidade política, Eze. 29.6-8" (*Oxford Annotated Bible*, comentando o vs. 1).

31.1

No undécimo ano, no terceiro mês, no primeiro dia do mês. Ver a data citada acima. O mesmo ano está em vista, assim como em Eze. 30.20, mas dois meses depois. O ano décimo primeiro se conta a partir do ano em que o rei Jeconias, de Judá, foi exilado na Babilônia. Houve três deportações. Ver as notas sobre estes fatos em Jer. 52.28.

Veio a mim a palavra do Senhor. O restante do versículo repete a declaração comum que introduz novos materiais e oráculos, informando que as mensagens eram divinamente inspiradas e que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

31.2

Filho do homem, dize a Faraó, rei do Egito, e à multidão do seu povo. Yahweh fala com o profeta utilizando seu título comum (anotado em Eze. 2.1). Este oráculo seria entregue ao *faraó* e à sua *multidão*, o país inteiro. Está em pauta o faraó Hofra, que reinou no Egito de 589 a 570 A. C. Ele e seus homens poderosos (os príncipes) se sentiram seguros pelo fato de serem como um cedro alto, forte e exaltado perante todas as nações.

A quem és semelhante na tua grandeza? O contexto mostra que os assírios eram semelhantes aos egípcios em sua grandeza, orgulho e poder, mas também, em sua queda. Os orgulhosos terminam no mesmo abismo.

31.3

A Assíria era como um cedro no Líbano. O Líbano era famoso por causa de seus muitos cedros nobres, mas o *mais nobre* e exaltado era a Assíria. O cedro era uma árvore apta para a alegoria, por ser alto, forte, ter ramos abundantes e uma beleza singular, e por estar livre de doenças. "O seu topo estava entre as nuvens" (NCV). O hebraico traz *ramos grossos*, mas a Septuaginta fala dos "ramos nas nuvens", que alguns eruditos consideram o texto original. O texto não quer fazer do Líbano a sede do império assírio, mas declara simplesmente que aquele império era *como* os cedros daquele lugar. De fato, a Assíria era o cedro *mais nobre* entre muitos nobres e fortes. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cedro*, que dá detalhes interessantes.

O cedro, na Assíria, era considerado uma árvore sagrada, fato que possivelmente inspirou a alegoria do cedro deste texto. Cedros, cercados com anéis de bronze, se localizavam nos lados do templo principal da capital de Sargom. Provavelmente estes cedros tinham um significado cósmico na mente dos assírios. Os antigos, das terras mencionadas na Bíblia, tinham um respeito exagerado concernente às árvores. Eles acreditavam que havia algo de divino nelas e os santuários eram sempre decorados com árvores nobres.

31.4

As águas o fizeram crescer. Água, tão vital à vida, fluía abundantemente na Assíria. O cedro-Assíria tinha raízes profundas e cresceu para o alto, mostrando sua beleza e altura augusta para serem vistas por todos. Além das águas fluindo ao redor, havia *poços profundos* (NCV) que aguavam as raízes do glorioso cedro. A árvore contava até com rios fluindo ao redor, garantindo uma vida farta. Com tudo sob controle e nada faltando, a Assíria tornou-se o maior império do mundo de seu tempo. Devemos entender que a história do Egito é paralela à da Assíria,

todas as coisas se duplicando nele também. O Egito tinha o poderoso Nilo e seus muitos canais para garantir o bem-estar. Até aquele dia, a Assíria fora o único poder da Mesopotâmia que conseguira invadir o Egito, tendo destruído sua capital, Tebes. Cf. Naum 3.8-10. Outro poder da Mesopotâmia derrubou a Assíria (a Babilônia) e também invadiu o Egito. Provavelmente essas associações históricas influenciaram a escolha da alegoria desta seção. Assíria e Egito tinham os fluxos dos bens de outros países aumentando seu bem-estar e riqueza. Os riachos (nações) foram fornecedores, forçados ou voluntários, de riquezas e benefícios. O Targum traz: "Pelos povos ele era multiplicado; por seus auxiliares tornou-se forte".

31.5

... se elevou a sua estatura sobre todas as árvores. Com toda a ajuda de outros povos, a Assíria cresceu e tornou-se orgulhosa, como um glorioso cedro no meio de humildes pinheiros. Nos cedros (Assíria e Egito), foram construídos muitos ninhos de aves, significando que outras nações ficaram sujeitas e dependentes das Mães. Devemos entender, constantemente, que o que se fala da Assíria também se aplica ao Egito, que "era como" o outro (vs. 2).

Os dois cedros eram iguais no poder, na glória, na riqueza e na exaltação. A Assíria tinha o rio Tigre, o Egito, o Nilo, símbolos de rico fornecimento de todas as coisas boas. O Targum traz: "... ele foi elevado, no seu poder, acima dos reis da terra, e seu exército se multiplicou. Seus auxiliares prevaleceram sobre muitos povos, através de suas vitórias".

31.6

Todas as aves do céu se aninhavam nos seus ramos, todos os animais do campo geravam debaixo da sua fronde. As árvores atraem as aves e os animais, por serem "lares" convenientes, fornecendo frutos, sombra e folhagem que os protege contra os ventos e tempestades. Como os animais dependem das árvores e de seus dons gratuitos, assim muitos povos se aliaram à Assíria e ao Egito, voluntária ou forçosamente. Suas economias se uniram; houve intercâmbio e interdependência. Os animais silvestres se reproduziram à sombra das árvores, assim a população cresceu e a riqueza aumentou. A árvore lança uma sombra de proteção e conforto, e os animais correm para aproveitar essa circunstância. Poder sobre outros e prosperidade à custa de todos, são principais as idéias desta parte da alegoria. O Targum registra: "Por seu exército subjugou todas as torres fortes e sob seus governadores sujeitou todas as províncias da terra; à sua sombra, povos numerosos habitaram". Cf. Eze. 17.23 e Dan. 4.12,21. Ver também Mat. 13.32.

31.7

A sua raiz estava junto às muitas águas. As raízes procuraram uma vida farta e se saturaram com as águas abundantes; como resultado, o cedro cresceu rapidamente e ficou grandioso. Tinha ramos extraordinariamente longos, com folhagem grossa e rica. Adquiriu todas as características de beleza e grandeza. Era o Cedro Real, a inveja de todos os reinos da terra. Dominou todas as outras árvores da floresta, que, obviamente, lhe eram inferiores.

31.8

Os cedros no jardim de Deus não lhe eram rivais. *Hipérbole Oriental.* Tão grandioso era aquele cedro, que se exaltou até acima das árvores do Jardim de Deus, o Éden, o lugar onde *Deus* plantou a Sua glória e manifestou Sua presença. Cf. Eze. 28.11-19. Presumivelmente, o *Éden* não tivesse rivais, pois pertencia à época da inocência, antes que o pecado arruinasse tudo. Mas o Cedro Pagão, cheio de iniqüidades, conseguiu *superar* o Éden, o Jardim de Deus! "Esta árvore tão grandiosa não se igualava a nenhuma outra árvore de Deus. De fato, era a *inveja* de todas as árvores do próprio Éden" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Éden, Jardim do,* para materiais que podem ilustrar o presente texto. A localidade tradicional do Éden é dentro das fronteiras da Assíria, fato que pode ter influenciado a utilização deste item na alegoria.

31.9

Todas as árvores do Éden... tiveram inveja dele. *Repetições.* Este versículo repete as idéias apresentadas em outros trechos, acrescentando o fato de que as outras árvores sentiram *inveja* do grandioso Cedro Assírio (e, então, do magnífico Egito). Certamente, no seu dia de glória, o Egito era o Príncipe dos cedros. As outras nações o invejavam e o imitavam, esperando compartilhar algo da sua eminência. Note-se bem que *Yahweh* deu aos cedros sua majestade, pois a vontade de Deus determina o destino das nações. A Assíria, depois o Egito, completaram seus dias de importância e caíram no esquecimento. O poder de Yahweh levantou *outros cedros* que teriam seu tempo de poder. O Targum traz: "Fui eu quem o fez belo pela multidão de seus poderosos; todos os reis do Oriente tremeram perante o trono que Yahweh lhe deu".

A Assíria e o Egito superaram até mesmo as árvores do Éden, o jardim de Deus, e *elas* invejaram os dois Cedros Nobres. O autor fala em termos superlativos, aplicando sua hipérbole oriental. As árvores "quiseram ser como ele" (NCV). Houve inveja e emulação.

A Queda do Egito e Sua Descida para o Seol (31.10-18)

O Cedro Nobre, que tinha sua cabeça nas nuvens (vss. 3 e 10), de súbito foi lançado para baixo da superfície da terra, isto é, para o *Seol* (ver a respeito no *Dicionário*). A maioria das referências ao seol, no Antigo Testamento, fala meramente do *sepulcro,* mas aos poucos a doutrina se desenvolveu e o lugar passou a ser descrito como uma câmara sob a superfície da terra. A alma dos bons e a dos maus habitariam aquele lugar, sem distinção de posição. Finalmente, a câmara foi dividida em dois compartimentos, um para os maus e outro para os bons. Para o desenvolvimento da doutrina, ver o artigo denominado *Hades,* no *Dicionário* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Ver os vss. 14 e 16 do presente capítulo. Não é provável que o presente texto faça referência a um julgamento pós-túmulo, doutrina que pertence a uma época posterior. Devemos evitar interpretações anacrônicas. O texto fala do fim *físico* de um grande império, não de sofrimentos de almas no mundo inferior.

O Poderoso Orgulhoso não poderia reter sua posição no mundo, porque Yahweh castigaria seu orgulho, que fora também a principal ofensa de Tiro (Eze. 28.17). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Orgulho.*

Os vss. 10-18 formam a segunda parte do oráculo contra o *Cedro* (Egito). Cf. este texto com a queda da Babilônia para o seol (Isa. 14.1-32). Ver também Eze. 26.19-21, a descida de Tiro para o mesmo lugar.

Os *vss. 1-9* descrevem a exaltação, o poder e a glória do cedro; os *vss. 10-18,* o julgamento que tirou do Egito seus privilégios e sua própria vida.

Vss. 10-18. "Deus derrubará o Cedro; a vida que o Cedro protegeu será dispersada, e ele mesmo descerá para o seol (cf. Eze. 28.8-10). Naquele lugar, o Cedro deitará, não com os mortos honrados, mas com aqueles que sofreram morte prematura e desonrada. Na morte, o Cedro será distinguido dos cedros nobres do Éden. Mais tarde, surgirá a Árvore-Mundo (a árvore da vida), tema que se tornou comum no pensamento apocalíptico do Oriente Próximo" (*Oxford Annotated Bible,* introdução à seção).

31.10

Assim diz o Senhor Deus. Esta frase fala de um *decreto* de Yahweh. O título *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) é usado 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Ele enfatiza a soberania de Deus que está por trás do destino dos homens e das nações. Esta soberania não suporta o orgulho humano.

Como sobremaneira se elevou... O *orgulho* do Egito foi a principal causa da sua queda (ver os vss. 10-11; 28.1-5; 29.3; 32.2; Deu. 4.30). O cedro auto-exaltado, com a cabeça nas nuvens, atraiu a atenção divina e logo foi decepado (ver o vs. 3). O Egito tinha um coração arrogante, uma mente exaltada e era cheio de presunção.

Cf. os *olhos altivos* de Pro. 6.17. Ver os humildes e os orgulhosos contrastados em Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12; 21.4; 30.12,32. Ver o orgulho de Judá em Eze. 16.56, e o de Tiro, em Eze. 27.3; 28.2. Cf. Isa. 10.8-15; 36.18-20; 37.10-13, onde temos idéias paralelas.

31.11

Eu o entregarei na mão da mais poderosa das nações, que lhe dará o tratamento segundo merece a sua perversidade. O Cedro Arrogante (Egito) será cortado e aniquilado pelo machado de Yahweh (a Babilônia). Nabucodonosor ainda estava no "meio-dia" de seu poder, mas a carreira do Egito logo acabaria na escuridão. O julgamento obedeceu à lei da colheita segundo a semeadura (Gál. 6.7-8). Seguiu as exigências da lei moral, que nunca é arbitrária. Devemos rejeitar o *Voluntarismo* (ver a respeito no *Dicionário*), que supõe que a vontade de Deus opere irracional e imoralmente (segundo os homens definem estes termos). Os julgamentos de Deus são sempre racionais e morais, em termos que os homens podem entender, porque, afinal, a lei foi dada *aos homens* por Deus, o Padrão da Moralidade.

Lançá-lo-ei fora. A árvore foi lançada fora do jardim, uma metáfora desajeitada mas perfeitamente inteligível. A alusão obviamente é à história de como Adão e Eva foram lançados fora do jardim do Éden. Nabucodonosor, no seu primeiro ano como rei da Babilônia, venceu a arrogante Assíria (o Primeiro Cedro) e não teria nenhuma dificuldade em cortar e derrubar o Segundo Cedro (Egito). O rei, mais velho e mais experiente na arte (?) da guerra, tornou-se uma força irresistível. Cf. Eze. 28.7; 30.11; 32.12 e ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Babilônia.*

31.12

Os mais terríveis estrangeiros das nações o cortaram. O *Cedro Magnificente* será derrubado e abandonado. As aves do céu e os animais da floresta, que tinham feito seus lares nos ramos densos, fugirão, tentando salvar a sua vida, o que mostra que os aliados do Egito procurarão outras alianças, abandonando o pai *derrotado*. Esta árvore gigantesca, cujos ramos cobriram as montanhas e os vales, não terá mais acesso às águas abundantes da vida, morrerá e secará, encolhendo-se para o nada. Onde ontem houve vida abundante e próspera, hoje há morte. Cf. os vss. 6 e 17. Os *madeireiros* serão os estrangeiros desprezados, os peritos em genocídio. Não haverá misericórdia. Como a Assíria, também o Egito, pelas mãos dos mesmos *madeireiros,* cairá.

31.13

Todas as aves do céu habitarão na sua ruína. Os aliados correm para salvar a vida: primeiro fugirão e logo voltarão para habitar nas ruínas, esperando aproveitar alguma coisa que não tivesse sido destruída. Os aliados da Assíria, depois os do Egito, voltarão, procurando faturar na pilhagem do que restou. "Não há nenhuma inconsistência entre este versículo e o anterior. À queda do Egito, todas as nações fugirão, tentando evitar a catástrofe. Mas, uma vez que a poeira se assentar, voltarão para ver se podem obter algo do tronco e dos ramos, que porventura tivesse escapado à ruína quase total" (Ellicott, *in loc.*).

Recentemente, através das notícias, fomos informados de como os bancos da Suíça se aproveitaram da agonia dos judeus na Segunda Guerra Mundial, confiscando dinheiro, ouro e itens valiosos, que foram depositados por eles na hora de sua provação. Aprendemos que até certos judeus ricos (distantes da guerra) fizeram a mesma coisa com o dinheiro dos menos afortunados. As aves de rapina e as bestas selvagens não sentiram a dor daqueles que sofreram, mas, com olhos de cobiça, confiscaram seus bens.

"As aves vêm e pousam sobre os ramos, colhendo o que podem, e as bestas, embaixo dos ramos, procuram qualquer coisa de valor" (John Gill, *in loc.*).

31.14

As árvores orgulhosas, auto-exaltadas, elevam a cabeça às nuvens e não sabem que logo serão derrubadas pelo poder vingador de *Adonai-Yahweh*. Depois da queda dos dois Grandes Cedros (a Assíria e o Egito), outras árvores seguiram seus maus exemplos, ignorando, de propósito, o fim do drama dos dois, que foi uma morte vergonhosa. Elas também terminarão na cova, o seol. Lá se ajuntarão aos mortos que os precederam.

Com os que descem à cova. "Tinham descido aonde os mortos estão" (NCV). Não sabemos dizer até que ponto da evolução da doutrina do seol chegara o pensamento do profeta. Este versículo pode falar meramente da *morte* física, ilustrada pela metáfora de "descer embaixo da terra", para uma câmara aí. Ou talvez o profeta já tivesse alcançado o estágio no qual os judeus começaram a pensar que *almas* habitam a câmara. Originalmente, *Seol* significava somente a morte biológica, sob a figura de uma *metáfora* (indo para baixo da superfície da terra, como no sepultamento). Segundo o desenvolvimento posterior, fragmentos de seres humanos, *fantasmas* sem razão ou vida real, voavam ao redor da câmara subterrânea. Eles não eram considerados *almas* (como o termo se definiria mais tarde). Não tinham memória nem autoconsciência, porém eram mais do que nada. Aos poucos, os fantasmas tornaram-se almas, verdadeiros seres, mas todas as almas habitavam a mesma câmara, sob as mesmas condições miseráveis. Mais tarde, a câmara (nos livros apócrifos e pseudepígrafos) se dividiu em dois compartimentos, um para as almas boas e o outro para os ímpios. Lucas 16 se insere nesse estágio da doutrina. Em I Enoque, os fogos de castigo foram acesos; houve um *rio de fogo* que no apocalipse tornou-se o *lago de fogo* (Apo. 19.20; 20.10). Neste estágio, *o castigo* começou no seol. I Ped. 3.18-4.6 melhorou a doutrina, informando que Cristo teve uma missão redentora no *Hades* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver também na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Descida de Cristo ao Hades.*

A Evolução da Doutrina. Podemos seguir a trilha do desenvolvimento da doutrina, em Sal. 88.10; 139.8; Isa. 14.6; 29.4 e Pro. 5.5. Lucas 16 preserva o desenvolvimento da doutrina, que se realizou entre os Dois Testamentos, nos livros apócrifos e pseudepígrafos.

Ezequiel não fornece um quadro claro sobre o que ele pensava a respeito do seol, mas ensina que os homens maus terminam mal. Cf. Eze. 26.20; 28.8; 32.18,24-25,29-30.

31.15

Assim diz o Senhor Deus... fiz eu que houvesse luto. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) decretou um dia de lamentação para comemorar a morte do Poderoso Cedro que está agora deitado no chão. Está ali postado, mas não abandonado, porque seus aliados anteriores estão pilhando tudo o que podem (vs. 13). As outras nações lamentam a sua queda, agora no seol. Até a cova, o próprio seol, lamentará a queda do gigante (segundo a leitura da Septuaginta). O hebraico literal, que confunde os eruditos, é "cobrirei a profundeza por ele". A NCV fala dos *riachos profundos*, possível referência ao abismo das águas que, supostamente, serviam de alicerce para a terra. As águas do abismo serão confinadas, deixando a terra seca e improdutiva. Nessa condição, as árvores não se desenvolverão. As águas pararam, participando da lamentação do Cedro, recusando produzir mais cedros como ele. Yahweh fechou o fluxo das águas, secou a terra, e julgou todos os orgulhosos já formados e aqueles em estágio de formação. O Líbano, que produziu os cedros magníficentes, se ajunta à lamentação generalizada. Seu "filho" mais glorioso foi derrubado e está no seol, acompanhando os mortos que habitam aquele lugar. Outros cedros também descerão para o seol, para fazer companhia ao Grande Cedro (vs. 16). Este será o resultado da seca de Yahweh, que acaba com a vida dos orgulhosos.

31.16

Fiz tremer as nações. O choque da queda do grande Cedro foi tão violento e seu peso foi tão imenso, que um *terremoto* resultou, sacudindo todas as nações da terra. O *som* de sua queda era horripilante e fez tremer todos os homens. De fato, os horríveis sons do terremoto assustam os que estão perto. O cedro desce para o seol, acompanhado por árvores mais humildes, todas elas orgulhosas e ímpias. Até as árvores do Éden terminarão no abismo. As melhores compartilharão o triste destino do Cedro magnífico.

A implicação da primeira parte deste versículo é que a *divisão* da câmara, em dois compartimentos, não fora contemplada na doutrina do profeta. Mas o restante do versículo fala de *consolo*, cujo significado intérpretes se debatem para encontrar.

... se consolarão nas profundezas da terra. O decreto divino forneceu algum tipo de conforto no seol, mas como defini-lo testa os nervos dos eruditos, que oferecem uma variedade de explicações:

1. Existem *dois compartimentos* no seol, um para os ímpios e outro para os justos (as árvores, a fina flor e as melhores do Líbano).
2. Isto *implica* que os maus sofrem algum tipo de julgamento ao qual os bons escapam. Implica também que o conceito de *almas,* no seol, está sendo antecipado, mas a declaração é imperfeita e não permite muitas explanações.
3. O Targum diz especificamente que os "mortos são confortados no seol", mas devemos lembrar que esse documento reflete um judaísmo posterior.
4. O texto não deve ser reduzido à idéia de que o "conforto" é um tipo *perverso*: as árvores melhores são confortadas porque o Grande Cedro sofre, e elas não. Isa. 14.9-10 poderia implicar essa idéia.
5. O *motivo de descidas* ao Hades é universal entre as nações e, nas lendas, encontramos *esperança* para as almas no abismo tenebroso. Parece que Ezequiel compartilhava desse aspecto do ensino sobre o seol.
6. Alguns acham que o presente versículo antecipa I Ped. 3.18-4.6, onde vemos o Cristo levando o evangelho redentor ao Hades.

> *Pois, para este fim, foi o evangelho pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus.*
>
> (I Pedro 4.6)

Não é provável que Ezequiel antecipasse uma doutrina tão gloriosa que pertence ao Novo Testamento, mas nem por isto ela deixa de ser uma verdade. Que a luz da redenção brilhe. Cristo tinha uma missão *tridimensional:* na terra, no hades e nos céus, e sua missão continua em todos estes lugares. Obviamente, *toda* a missão de Cristo é redentora.

31.17

Os poderes menores, que eram subordinados à Assíria e ao Egito, desceram ao seol para acompanhar os dois Grandes Cedros, sob cujos ramos antes tiveram lar e proteção (vs. 6). Aqui temos uma descrição geral da queda e do destino temível de todas as nações que se esquecem de Deus. Cf. os vss. 17-18 com Eze. 32.20-32. Amigos se encontram no seol! Os ajudantes e os instrumentos de tirania se ajuntam com seus mestres, por prejudicarem tantas pessoas. Estes "braços" (instrumentos do poder) dos tiranos não escapam ao seu destino, quando os homens pagam o preço de suas iniqüidades. O braço e o corpo têm o mesmo destino.

> *São passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, como também aprovam os que assim procedem.*
>
> (Romanos 1.32)

31.18

A Aplicação da Alegoria do Grande Cedro. A Assíria e o Egito compartilharam as mesmas características e, finalmente, o mesmo destino sombrio.

A quem, pois, és semelhante em glória, e em grandeza entre as árvores do Éden? A resposta é *ao Egito*: "... o faraó e toda a sua pompa...". O Egito era o segundo Grande Cedro, que imitava o primeiro tão bem, alimentando-se de águas abundantes; as aves do céu e os animais da floresta corriam para construir lares entre os seus ramos, e à sombra dele se multiplicaram. Eram protegidos e prosperaram, compartilhando dos tesouros do Egito.

Neste versículo temos a *conclusão* da alegoria. O capítulo inteiro se completa aqui: o Egito, como a Assíria, tão glorioso e orgulhoso, impressionante para os homens, terminou sob o julgamento divino, pagando por suas iniqüidades. Yahweh comprovou que os dois eram realmente apenas pagãos incircuncisos (ver x 28.10), profanos e desprezíveis, homens distantes da aprovação de Deus, sem direito a nenhuma provisão dos pactos de Yahweh, como o *Pacto Abraâmico* (ver Gên. 15.18). Em vez de obter aprovação e glória do Senhor, desceram para o seol sombrio. Aqueles que eles mataram os esperavam no abismo para lhes fazer companhia.

O vs. 18 nos traz de volta ao vs. 2: o faraó se coloca antes da alegoria e depois dela. A Assíria e o Egito foram, metaforicamente, companheiros na alegoria e na vida real. Viveram como rebeldes contra a vontade de Deus e compartilharam o mesmo destino desesperador.

Capítulo Trinta e Dois

Os capítulos 29-32 apresentam *sete oráculos* contra o Egito, a *sétima* e última das nações condenadas nos capítulos 25-32 (Amom, Moabe, Edom, Filístia, Tiro, Sidom e Egito). Os dois *sete* dificilmente são acidentais: falam do julgamento perfeito e completo de Yahweh contra os pagãos. Ver as introduções aos capítulos 25 e 29. O capítulo 32 apresenta o *sexto* e o *sétimo* oráculos (vss. 1-16 e 17-32, respectivamente).

Lamentação contra o Faraó e o Egito (32.1-32)

O *primeiro oráculo* é um *canto fúnebre* sobre o faraó. Era como um dragão prestes a ser capturado e aniquilado por Yahweh. Embora o faraó se considerasse um *leão* (símbolo de poder; cf. Eze. 19.1-9), era somente um monstro marinho que Yahweh facilmente capturou com sua rede e, então, matou implacavelmente. A história nos lembra da lenda babilônica da captura de *Tiamate* por Marduque (ver Eze. 31.4). O corpo do monstro serviria de alimento às aves de rapina e aos animais selvagens (cf. Eze. 29.1-16). Os vss. 7-8 nos lembram do *dia do Senhor* (ver Eze. 30.1-5; Isa. 13.10; Joel 2.2), no qual Deus, afinal, vence tudo e todos, estabelecendo Sua soberania, universal e cósmica. A espada de Yahweh se mostrou muito ativa, um tema constante de Ezequiel (ver os vss. 1-12; 21.1-32; 30.25; Cf. também Lev. 26.33; Isa. 34.5-6 e Jer. 12.12). O Egito tornar-se-á um deserto sem vida e inabitável. O profeta aplica uma hipérbole oriental para nos impressionar com a desolação do lugar, depois que sofresse o golpe da mão pesada de Yahweh.

Sexto Oráculo contra o Egito (32.1-16)

Ver as notas anteriores, que oferecem uma introdução apropriada a esta seção.

32.1

No ano duodécimo, no duodécimo mês, no primeiro dia do mês. "A *sexta profecia* contra o Egito foi dada no *décimo segundo* ano (depois do cativeiro de Jeconias), no décimo segundo mês, no primeiro dia, isto é, o dia 3 de março de 585 A. C., dois meses depois que a notícia da queda de Jerusalém chegou aos cativos em Quebar (cf. Eze. 33.21). A destruição do Egito era absolutamente correta, assim Ezequiel recebeu a ordem para iniciar a lamentação pelo faraó, o canto fúnebre cantado quando alguém estava sendo enterrado" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Ver as notas em Jer. 52.28, para as *três* deportações de Judá, onde as datas são registradas.

Veio a mim a palavra do Senhor. *A segunda parte* do versículo é a declaração comum que introduz novos materiais e oráculos. Lembra que as mensagens foram divinamente inspiradas e que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh. Ver Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

32.2

Filho do homem, levanta lamentações contra Faraó, rei do Egito. Yahweh fala com o profeta utilizando seu título comum (anotado em Eze. 2.1). O faraó logo morreria, pois o exército babilônico estava às portas. Ele se orgulhava de seu poder e se exaltou como um deus.

Foste comparado a um filho de leão entre as nações, mas não passas de um crocodilo. O faraó o *leão* do Egito, o animal feroz que devorara muitas vítimas inocentes. Mas, na realidade, era o monstro marinho que Yahweh tão facilmente capturaria e mataria, deixando seu corpo exposto para servir de comida às aves de rapina e às bestas selvagens. Talvez haja uma alusão ao crocodilo e seus hábitos, mas a referência é ao monstro *Tiamate*, que representava o *Caos* nas mitologias da região, especialmente a babilônica. O deus principal dos babilônios, Marduque, foi representado como o poder que capturou o monstro e o destruiu. O Egito era uma besta orgulhosa, mas apenas uma *besta*. O monstro agitava as águas de todo o mundo, fazendo muitas vítimas e apavorando todos os povos. Subjugou outras nações que se tornaram seus escravos. Mas o seu dia havia acabado, e uma força maior do que ele, agindo por Yahweh, acabaria com a história de Tiamate. O poder passaria para o norte, para começar um novo ciclo de futilidades, deboches e crueldades dos homens. Cf. Eze. 31.4, que é um paralelo direto.

32.3

Assim diz o Senhor Deus: Estenderei sobre ti a minha rede. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus), exercendo a Sua soberania, não terá nenhuma dificuldade em capturar e aniquilar o monstro temível. Aprendemos que Yahweh controla o destino dos homens e das nações. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania de Deus.*

Minha rede. Instrumento apto para capturar o Monstro do Mar, simboliza o exército babilônico dirigido pelo decreto de Yahweh, ao qual nenhum homem ou nação poderia resistir. Os decretos divinos funcionam de acordo com a lei moral, não sendo nunca arbitrários, injustos ou irracionais.

Muitos povos. Isto é, o exército universal e internacional da Babilônia, composto de diversas raças: "Utilizará um grande número de pessoas" (NCV). As conquistas babilônicas entregaram a Nabucodonosor os melhores soldados do mundo, que tinham batalhado em muitos lugares; eram estrangeiros *de classe,* que aumentaram o número e o poder do exército da Babilônia. Alguns serviam de boa vontade, outros eram forçados. Era considerado o melhor exército do mundo, contra o qual o Egito, relativamente fraco, não tinha nenhuma chance de sair vitorioso.

32.4

No campo aberto te lançarei. Apanhado na rede, o monstro marinho será tirado de seu hábitat natural e lançado no chão, deixado ali para tremer e morrer. As aves do céu, lá de cima, observam a agonia do monstro e, vendo a morte dele, descem para ter um farto almoço. As bestas selvagens sentem o seu cheiro e vêm correndo para pegar a sua parte.

Farei morar sobre ti as aves do céu; e se fartarão de ti os animais de toda a terra. As aves e as bestas se encherão a ponto de estourar. Não é sempre que *um rei* é o prato do dia. A cena fala da matança e pilhagem efetuadas por um exército enlouquecido. Diversos poderes do mundo devorarão o Egito. Será uma "refeição internacional". É errado reduzir as figuras vivas deste versículo à captura e matança do humilde crocodilo. As figuras são *cósmicas*, não naturais.

32.5

Porei tua carne sobre os montes. O monstro marinho, como o Cedro, era *gigantesco*. Cf. o capítulo 31, especialmente os vss. 3 e 12. Era tão grande que, quando morto e espalhado no chão, cobria as montanhas e os vales. Sua altura enchia os vales, embora a Vulgata registre "vermes" enchendo o monstro (que exige uma pequena emenda do hebraico). A RSV dá *carcaça*, seguindo o siríaco.

Encherei os vales da tua corpulência. A mensagem nojenta que se comunica é a de uma imensa carcaça fedorenta cobrindo a terra, que presta só para alimentar as aves de rapina e as bestas selvagens da floresta. O Egito valerá somente isto, uma vez que a Babilônia termine com ele.

32.6

Com o teu sangue que se derrama regarei a terra até aos montes. O monstro imenso, morto por muitos ferimentos de espada, sangrará sobre a terra inteira, molhando-a completamente. Como rios, o sangue fluirá sobre as montanhas, e os vales serão inundados. A alusão naturalmente é ao Nilo e a suas inundações periódicas. O Nilo torna-se sangue, na metáfora deste versículo, que nos lembra da *primeira praga* que o Egito sofreu nos dias de Moisés (ver Êxo. 7.20-24). Cf. também Apo. 16.3-4.

32.7

Encobrirei o sol com uma nuvem, e a lua não resplandecerá a sua luz. *A Figura Cósmica.* O texto adquire aspectos cósmicos e mitológicos. Fazendo o monstro desaparecer, Yahweh escureceu o próprio céu e fez sumir as estrelas. Ele envia uma escuridão total, apagando o Monstro Caos. Este versículo nos faz lembrar da *nona praga* do Egito, nos dias de Moisés (ver Êxo. 10.21-29). O Monstro dos Céus, o *Caos*, é destruído no dia do Senhor (Eze. 30.1-5; Isa. 13.10; Joel 2.2,30-32; 3.15). Ver *Dia do Senhor* no *Dicionário*. *Tannin*, o deus do caos e da escuridão, é dissipado pela Luz de Deus. Mas aqui é Yahweh quem apaga o brilho do Egito.

32.8

Vestirei de preto todos os brilhantes liminares do céu, e trarei trevas sobre o teu país, diz o Senhor Deus. Coletivamente, *todas* as estrelas do céu do Egito serão apagadas, e este país, sendo devastado, tornar-se-á uma terra de morte e escuridão.

Adonai-Yahweh (o Soberano Eterno Deus) é a Causa dos acontecimentos, exercendo Sua soberania. Ver o vs. 3, para este título divino, usado 217 vezes neste livro. Muitos povos terão o coração angustiado pelas notícias da queda do Egito. Muitas nações (as estrelas do céu do Egito; vs. 8) serão destruídas simultaneamente, suportando a mesma vingança divina sofrida por aquele país. Os poucos sobreviventes do massacre serão levados para a Babilônia, como cativos, onde tornar-se-ão escravos.

32.9

Quando se levar às nações... a notícia da tua destruição. Mensageiros velozes espalharão as notícias da queda do Egito. A Etiópia e outros aliados e vizinhos ficarão angustiados, sabendo que seu tempo de calamidade se aproxima. Participaram das riquezas do Egito, mas a espada cortará o intercâmbio de vantagens econômicas. Cf. Eze. 30.4-5. Até as nações que tivessem pouco conhecimento do Egito sentiriam receio, sabendo que a Babilônia não pararia com o massacre naquele lugar. O Perito em Genocídio nivelaria muitos outros povos. O profeta continua dando notícias do cativeiro do Egito, embora fontes de informações egípcias não as confirmem (vs. 20). A Septuaginta, neste versículo, dá uma notícia de seu cativeiro, que talvez seja a leitura original.

32.10

Farei que muitos povos fiquem pasmados a teu respeito, e os seus reis tremam sobremaneira, quando eu brandir a minha espada. A espada era versátil e universal, sendo a máquina de guerra daquele país a melhor do mundo antigo daquele tempo. Golpeou o Egito e ficou elevada para golpear outras nações. Nenhuma nação teria o poder para lhe resistir; nenhuma nação escaparia à ameaça. Assim, as nações próximas e distantes compartilharam as mesmas ansiedades, amedrontadas pela cena da destruição do Egito. Uma tremedeira descontrolada atacou todas elas, porque receavam que, no fim, não houvesse sobreviventes. A arqueologia tem encontrado imagens de Baal segurando sua espada e ameaçando todo o mundo. Uma espada divina é assustadora, e devemos lembrar que a da Babilônia era a espada do Senhor. Cf. Lev. 26.33; Jos. 5.13; Juí. 8.20; Sal. 7.12, Isa. 34.6; 66.16; Jer. 12.12; 47.6.

32.11

Assim diz o Senhor Deus. Esta fórmula comum introduz um suboráculo que enfatiza que a espada temível da Babilônia era a espada do Senhor. O título *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) reforça a idéia, lembrando que é a *soberania* de Yahweh que determina o destino dos homens e das nações.

O *teísmo bíblico* ensina que o Criador não abandona Sua criação, mas intervém, castigando os ímpios e recompensando os justos. A providência divina controla os acontecimentos humanos. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Teísmo* e *Providência de Deus*.

32.12

Farei cair a tua multidão com as espadas dos valentes. As *multidões estrangeiras* (o exército universal da Babilônia) acabarão logo com a contramultidão do Egito, sendo superior em todos os sentidos.

Eles destruirão a soberba do Egito. Aquele exército era o mais poderoso, cruel, devastador e selvagem de todos. O Egito, orgulhoso e perverso, com toda a sua pompa, será humilhado na poeira. Era um Grande Cedro que tinha a cabeça nas nuvens (Eze. 31.3), acima de todas as outras árvores (Eze. 31.5); elevou-se em *orgulho* (Eze. 31.10), mas logo seria reduzido a nada. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Orgulho*; ver *olhos altivos*, em Pro. 6.17, e os humildes contrastados com os orgulhosos, em Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 16.6,18; 18.12; 21.4; 30.12,32.

32.13

A devastação do Egito foi tão grande que não somente os seres humanos, mas também os animais do lugar foram aniquilados. Os canais se encheram com sangue. O fornecimento de água, em alguns lugares, secou ou estava poluído, resultando na morte em massa de homens e animais.

O Egito ficou incapacitado de agitar as águas internacionais, como fizera em anos anteriores; também não podia poluí-las com as suas agitações na lama. Um agitador e poluidor maior o substituiu.

Os babilônios comerão os animais domésticos, deportarão os cavalos e matarão o que sobrou, tanto animais quanto homens. Alguns intérpretes acham que os *animais* simbolizam os aliados do Egito que comeram à sua mesa. Todas as atividades de dar e de receber bens terminarão. O Egito ficará um deserto. Ver Eze. 29.9-10; 30.7,14; 32.15.

32.14

Farei assentar as suas águas; e farei correr os seus rios como o azeite. As águas, não mais perturbadas pelos pés dos animais ou pelos baldes dos homens, correrão limpas, fluindo como azeite, muito suavemente; haverá paz total, o Egito ficará como um túmulo. As águas do Egito ficarão em paz, não inundando mais seus vizinhos; os ataques cessarão. O país não seria mais o temido hipopótamo que perturbava a vida dos outros, invadindo, matando e pilhando. Um hipopótamo maior (a Babilônia) substituiria o Egito, como poder devastador de nações mais fracas. Foi *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) que o feriu e o substituiu, exercendo Sua soberania em todo o lugar, irresistivelmente.

O Egito parou de poluir as águas internacionais com sua lama, sendo substituído por um poluidor ainda mais sujo.

32.15

Então saberão que eu sou o Senhor. Quando o Egito for desolado; quando a terra for desnudada e toda a sua riqueza for aniquilada; quando o país for despovoado, então Yahweh ficará *conhecido* como o Juiz dos homens. Este tema se repete 63 vezes neste livro, normalmente, como aqui, em conexão com o julgamento, mas, às vezes, associado à idéia de restauração (Eze. 16.52; 28.25-26e 29.21). Ver o vs. 13, que mostra como o Egito perderia, essencialmente, sua população.

32.16

Sobre o Egito e toda sua pompa se lamentará. Haverá grande *lamentação* (ver a respeito no *Dicionário*), efetuada não somente por mulheres profissionais, mas por todos os angustiados tanto dentro quanto fora do Egito. Esta lamentação é um *canto fúnebre*. O presente versículo marca o fim daquele canto que começou no vs. 2. O Senhor assim pronunciou o *sexto oráculo* contra o Egito. Agora começa o *sétimo* (vs. 17), que se estenderá até o vs. 32. Ver a respeito das mulheres profissionais em lamentação, descritas nas notas de II Sam. 1.24; Jer. 9.17-18; 49.3 e Eze. 8.14.

Diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) pronunciou o decreto de destruição que foi cumprido implacavelmente. As exigências da *Lei da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) foram satisfeitas. Ver Gál. 6.7-8; Cf. Eze. 19.14, que contém uma mensagem semelhante.

Sétimo Oráculo contra o Egito (32.17-32)

O Egito Lançado no Seol. Cf. Eze. 31.15-18, que descreve essencialmente a mesma mensagem. Os capítulos 29-32 têm *sete oráculos* contra o Egito e, no presente texto, a série se completa.

"O Egito no submundo (seol), como Tiro (Eze. 28.10), se juntará aos que sofreram morte prematura e violenta. Não terão o privilégio de gozar a posição dos mortos honrados, enterrados apropriadamente (vs. 27). No seu falecimento desonrado, O Egito se juntará a outros que foram os objetos da ira de Deus (Isa. 14.9-11), como a Assíria (Naum 1.1-3.19); Elão (Jer. 49.34-39) Meseque e Tubal (Eze. 38.2; Gên. 10.2); Edom (Eze. 25.12-14); Sidom (Eze. 28.20-23); os príncipes do norte (Eze. 5.20) e diversos reis da Fenícia e da Síria não designados por nome" (*Oxford Annotated Bible*, introdução à seção).

Esta seção (como Eze. 31.16) talvez implique certa diferença de posição entre os mortos no seol; mas não há aqui nenhuma delineação de uma doutrina de julgamentos além do sepulcro, como temos em Lucas 16, que representa um desenvolvimento da doutrina formulada no período entre os Dois Testamentos, nos livros apócrifos e pseudepígrafos. Ver as notas em Eze. 31.14 e 16, que ilustram os passos da *evolução* da doutrina do seol.

32.17

No ano duodécimo, aos quinze do primeiro mês. A *data* fornecida aqui praticamente é a mesma do vs. 1, embora não mencione o décimo segundo mês. Provavelmente esta omissão tenha sido um descuido do autor e não tem nenhum significado. O vs. 1 traz o *primeiro dia*, enquanto aqui, é o *décimo quinto*, presumivelmente, do mesmo mês.

Veio a mim a palavra do Senhor. A segunda parte do versículo é a declaração comum que introduz novos materiais e oráculos. Lembra-nos da inspiração divina dos oráculos e de que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

32.18

Filho do homem, pranteia sobre a multidão do Egito. Yahweh fala com o profeta utilizando seu título comum (ver as notas em Eze. 2.1).

Às profundezas da terra. Isto é, a cova ou seol. Os antigos acreditavam que havia uma câmara subterrânea para receber a alma dos homens. Antes de chegar *àquela* crença, a doutrina do submundo (seol) passou por considerável evolução. Ver as notas em Eze. 31.14 e 16, onde há um *sumário* que não repito aqui. Alguns versículos do Antigo Testamento que representam estágios do desenvolvimento da doutrina são: Sal. 88.10; 139.8; Isa. 14.6; 29.4; Pro. 5.5. O Evangelho de Nicodemos (um evangelho pseudepígrafo do Novo Testamento) representa Jesus como *esvaziando* o Hades, no intervalo entre sua morte e ressurreição. I Ped. 3.18-4.6 informam que Cristo trouxe a esperança da salvação para o Hades.

Para as idéias dos judeus sobre a *natureza do cosmos* (que inclui a idéia de uma câmara embaixo da superfície da terra), ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Astronomia,* que tem um gráfico ilustrativo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Hades.*

O presente texto não contém nenhuma descrição autoritária sobre a vida além do sepulcro e não deve ser utilizado como um texto de prova. Entendemos que o profeta antecipou uma miséria total. Ele não previu uma descida misericordiosa do Messias naquele lugar. Nem por isso devemos esquecer a esperança que a evolução da doutrina trouxe. A evolução ultrapassou Ezequiel, como aconteceu com muitas doutrinas do Antigo Testamento, superadas pelo Novo Testamento.

32.19

A quem sobrepujas tu em beleza. Cf. Eze. 28.7-9. A *jactância* do Egito era ilusória e enganadora. O fim daquele país anularia seus anos de glória e beleza; compartilharia o destino comum dos homens, no tenebroso seol, fazendo sua cama final com os *incircuncisos.* No seol, nenhuma grandeza ou beleza dos homens brilha. Yahweh não era seu Deus, e eles não participaram das provisões do *Pacto Abraâmico* (ver Gên. 15.18). O presente texto não trata da descida ao seol dos *circuncidados* (Israel). Se tivesse tratado, talvez houvesse diferença em relação ao seu estado, como em Eze. 31.16. Lucas 16 faz uma distinção clara, visionando o hades dividido em dois compartimentos, um para os ímpios e outro para os justos. Em um deles há alegria, no outro, miséria e tormento. Mas esta visão do seol foi emprestada da teologia judaica do período entre o Antigo e o Novo Testamento; aplicá-la aqui seria anacronismo.

O Targum diz: "Vai lá para se ajuntar aos pecadores", mas não representa o seol do texto como o "lar" de *almas* humanas; tão-somente o apresenta como o *sepulcro* do corpo, que era a idéia original associada à doutrina.

Os egípcios, de fato, praticavam a circuncisão, mas o profeta está falando da circuncisão espiritual, não física. Cf. Rom. 2.25-26. A circuncisão era o *sinal* do Pacto Abraâmico. A expressão *incircuncisos* era sempre derrogatória. Ocorre dez vezes no presente capítulo: vss. 19,21,24-30,32. A espada babilônica foi atrás dos incircuncisos e os lançou no seol.

32.20

No meio daqueles que foram traspassados à espada, eles cairão. Isto é, o Egito descerá ao seol e ficará entre aqueles que já haviam feito a temível viagem. A espada babilônica despacharia praticamente um país inteiro para aquele lugar. Mas por trás da espada estava o decreto de Yahweh, o "assim diz o Senhor". Houve morte comum para todos os ímpios de eras diferentes. O Egito era somente um caso entre muitos e, a despeito de sua glória e poder anteriores, não se distinguiu entre os mortos. A espada e o seol devastaram o país e anularam toda aquela jactância. Seu dia de orgulho e glória terminou, de súbito e para sempre (na visão do profeta).

32.21

A Comissão de Recepção. Não sabemos dizer se o profeta falou metafórica ou literalmente, quando representou o seol tendo líderes (literalmente, *chefes*) que eram grandes reis da terra em tempos anteriores. Aquelas pessoas formaram uma comissão de recepção amarga e pouco respeitosa e aproveitaram para zombar do recém-chegado. O Egito agora é humilhado. Na terra, aquele povo era o "cachorro no topo", como diz a expressão, mas no seol era somente outro desonrado, humilhado e desgraçado. Naquele lugar temível não havia qualidade nenhuma que o distinguisse; todos eram incircuncisos, desprezíveis e amaldiçoados. Cf. Eze. 31.11. Há algo semelhante em Isa. 14.9, onde temos o quadro da descida do rei da Babilônia para o seol. A *lição óbvia* do texto é que a morte é uma *niveladora.*

> *A morte nivela todas as coisas.*
>
> (Claudian)

A grandeza terrestre é ilusória e não pode ser transferida para o mundo pós-túmulo. A câmara embaixo da terra não se interessa pelas condições anteriores de seus habitantes. Até os *chefes* do lugar não eram, realmente, distintos dos outros, mas descritos como se fossem mais exaltados para a conveniência da história. O chefe (Egito) se ajuntou aos chefes (de tempos anteriores), e todos foram engolidos pelo seol, a câmara do esquecimento.

32.22

Exemplos de "grandes" que deixaram de ser grandes. O Egito se juntou à companhia dos "ontem grandes", que são os "hoje humilhados".

Ali está a Assíria com todo o seu povo... todos eles foram traspassados e caíram à espada. A Assíria era o Cedro Alto da alegoria do capítulo 31. O Cedro conseguiu meter seu nariz nas nuvens dos céus, mas sua grandeza anterior não o ajudou em nada no seol. A espada babilônica o derrubou e o mandou para a câmara subterrânea. Por diversas vezes, a espada era a *chave* do seol para os povos do mundo antigo. Os cedros altos e baixos não escaparam à violência e à imunidade de homens contra homens. O seol, com boca grande, engole os homens infelizes.

32.23

Aqueles reprovados espalharam o terror enquanto dominaram os homens, mas logo a espada da Babilônia encurtou sua carreira como o mestre do mundo. A Assíria foi mandada "para as partes profundas" (NCV), a câmara subterrânea que engole todo o orgulho humano. A Assíria foi assim *enterrada* no abismo, com todo aquele seu vasto exército, bravo e cruel. Aqueles que causaram desespero terminaram no desespero, cumprindo a *Lex Talionis* (retribuição de acordo com a gravidade do crime). A KJV fala de seus sepulcros como embutidos nos lados da cova, uma alusão ao modo egípcio de enterrar corpos em nichos de cavernas subterrâneas. O autor descreve o seol como se fosse um gigantesco *cemitério,* uma figura grotesca que não devemos entender literalmente. Os chefes do seol têm autoconsciência e memória, isto é, qualidades *de almas.* Não sabemos se o profeta quis projetar estes elementos como condições *reais* do seol, ou se foram mencionados apenas para construir uma história razoável que ilustrasse o julgamento "dos grandes".

32.24

Ali está o Elão com todo o seu povo. Elão (ver a respeito no *Dicionário*) era outro grandioso tolo que se distinguiu na terra, mas não no seol. Este país desceu para o seol com seu vasto exército. Para ele, a *espada* serviu como chave da câmara subterrânea, tema que se repete nos casos de todos "os grandes". Também era uma nação *incircuncisa,* desonrada, humilhada e ímpia. Ver as notas no vs. 19. Espalhou terror na terra e foi aterrorizada no seol. Suas façanhas anteriores não a ajudaram a escapar da temível cova.

"Elão era uma nação antiga, importante, no Oriente Próximo, que, freqüentemente, era inimiga da Assíria. Tornou-se província do império persa. Sua capital era Susa, que foi também a capital do império. Cf. Nee. 1.1 e Dan. 8.2" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Elão,* para detalhes.

Levaram a sua vergonha com os que descem à cova. *Sofrer vergonhas* implica autoconsciência e memória. Ver os comentários no vs. 23. Se esta vergonha era consciente, segundo a avaliação doutrinal do profeta, então temos o início de "sofrimentos" no seol. Quantos destes detalhes se deviam à tentativa de apresentar uma boa história, e quantos fizeram partes reais do sistema doutrinal do profeta, é difícil dizer. Ele não podia ter falado seriamente do seol como um tipo de cemitério, com corpos embutidos em nichos nas paredes da caverna! Pelo menos, tais detalhes eram metafóricos, itens de uma boa apresentação, não elementos de doutrina.

32.25

De novo, o profeta fala sobre a *câmara subterrânea* como se fosse um cemitério gigantesco, onde os corpos daqueles traspassados eram embutidos em nichos nas paredes da caverna. Ver as notas no vs. 23, onde é descrita esta noção grotesca. Elão estava *no meio* daquele cemitério nojento, mas o texto não explica como. O campo onde os corpos são enterrados agora se chama *uma cama*, porque os mortos descansarão para sempre. O seol é, portanto, como uma cova nas profundezas da terra; sepulcro, câmara subterrânea e cama. O caixão, de fato, é um tipo de cama, muito estreita! As "almas" aí sofrem *vergonha*, como já visto nas notas do vs. 24. Note-se que as supostas *almas são representadas como* corpos, que refletem o pensamento cru que o texto está expondo. Estes corpos-almas são traspassados! Esta é outra descrição grotesca que dificilmente pode representar um ensinamento.

Incircuncisos. Ímpios, pecadores imundos, pessoas que não podiam participar do Pacto Abraâmico. Este termo é usado dez vezes no presente capítulo: vss. 19,21,24-30,32. Está em vista incircuncisão espiritual; cf. Rom. 2.25-26. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Circuncisão*, para detalhes.

O autor mistura o físico e o espiritual, sem nenhuma tentativa de distinguir um do outro. A teologia dele não visionou uma alma *imaterial*.

32.26

Ali estão Meseque e Tubal com todo o seu povo. Meseque e Tubal são as próximas estrelas do show subterrâneo. As interpretações sobre estes dois nomes são intermináveis, e uma escatologia pesada os cerca nos capítulos 38 e 39. Historicamente, estão em vista povos ao sul do mar Negro. Distinguiram-se como matadores das massas, mas no seol não havia nenhuma distinção entre eles. Estavam entre os *incircuncisos* (ver o vs. 25). Em todos os versículos, as descrições dos "mortos" no seol são praticamente iguais; todos tinham reputação de ser poderosos, mas desceram para a cova dos fracos, desgraçados, aterrorizados, humilhados e envergonhados. Ninguém se distinguiu naquele buraco miserável.

32.27

E não se acharão com os valentes de outrora. "O negativo, *não*, provavelmente deve ser omitido como o fazem a Septuaginta e o Siríaco; de outra maneira, devemos entender que os valentes de Meseque e Tubal, por serem enterrados com honra e dignidade, obtiveram posição favorável no seol, como possivelmente não tendo sido posicionados tão profundamente na cova com os outros *grandes*" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

Podemos evitar a omissão de *não*, entendendo que a declaração é uma pergunta retórica que espera uma resposta negativa. Alguns poderiam ter recebido um enterro decente, mas isso não os ajudaria em nada, pois na câmara escura todos são iguais.

Desceram ao sepulcro com as suas próprias armas. Isso implica que eles receberam o enterro honrado de bons soldados. "Era prática antiga, em diversas nações, enterrar com o soldado os seus instrumentos de guerra" (Adam Clarke, *in loc.*). A prática honrosa era realizada, mas os honrados da terra eram desonrados na cova, nas profundezas da terra, na câmara subterrânea, na cama dos mortos, que são os nomes diversos que designam o seol.

32.28

Também tu serás quebrado no meio dos incircuncisos, e jazerás com os que foram traspassados à espada. *Conclusão.* Meseque e Tubal sofreram o mesmo destino amargo dos outros *grandes*, sendo incircuncisos como eles, ímpios, pecadores imundos, pessoas que não podiam participar do Pacto Abraâmico.

Também tu. Uma referência possível, coletivamente, a Meseque e Tubal, ou o assunto agora é o Egito. O Egito compartilhará o mesmo destino horripilante dos outros. Não obterá nenhuma vantagem entre os ímpios que terminaram pagando um alto preço por suas iniqüidades. Deitarão nas suas camas infernais, quebrados e imundos.

32.29

Ali está Edom. Outro grande tolo era *Edom*, uma estrela falsa no céu do mundo dos homens, uma entidade que possuía uma glória fictícia. Também eram matadores das massas e, tendo usado a espada, morreram pela espada. Esta era a *chave* principal para abrir os portões do seol. Homens violentos morrem violentamente (Mat. 25.12-14) e enfrentarão um destino amargo na câmara embaixo da terra. Poderosos exércitos mataram inúmeras pessoas, e os matadores e suas vítimas descerão juntos na cova temível, para compartilhar o mesmo destino.

Homero fala algo semelhante:

> *Há um lugar aonde os enterrados*
> *E não-enterrados vão,*
> *Onde Agamenom não é melhor do que Irus,*
> *Onde deitam o bonito Aquiles e Tersites,*
> *Iguais na sua nudez, pobreza e seca.*

"Na terra, os homens violentos aterrorizam seus companheiros; mas, depois, o próprio Deus aterroriza os violentos" (Fausset, *in loc.*). "... a cova, o receptáculo comum de todos os mortos" (John Gill, *in loc.*).

32.30

Ali estão os príncipes do Norte. Estes constituem o último "grande" da lista. A referência é vaga, mas deve estipular diversos países ao norte da Palestina, como os assírios, babilônios e sírios, ou, segundo alguns intérpretes, a Fenícia (Tiro, Sidom etc.). Diversas cidades-estados pertenciam ao império fenício, homens ricos, poderosos, cruéis e matadores de massas. Seu destino não será melhor do que aquele dos outros grandes. As mesmas descrições servem tanto para o seu caso, como o dos demais. Ver as notas nos vss. 28 e 29, que não repito aqui. A espada continua sendo a chave dos portões da cova (seol).

32.31

Faraó os verá, e se consolará com toda a sua multidão. *O Faraó e suas multidões*, descendo para a cova, nas profundezas da terra, não obterão nenhuma vantagem sobre os outros, mas serão consolados com um tipo perverso de conforto: ficarão felizes em ver que, pela espada, mandaram outros para aquele lugar terrificante. Aqueles mortos estão nas suas camas infernais em toda a parte. Embora não fossem melhores do que os *outros grandes*, também não ficaram em estado pior, outro conforto perverso. Cf. Eze. 31.16. "Tal conforto é conforto pobre, de fato! (John Gill, *in loc.*). Todos os *poderes* que terminaram no seol ficaram impotentes na câmara escura, compartilhando o mesmo destino amargo.

"O faraó, que se representou como um *deus*, terminou como os mortos vulgares, na cova" (Adam Clarke, *in loc.*).

32.32

Pus o meu espanto na terra dos viventes. O Egito, que espalhou espanto na terra dos viventes, se acalmou na sua cama no meio dos incircuncisos no seol; se ajuntou àqueles que mataram outros com a espada, compartilhando o mesmo destino sombrio.

Sendo incircunciso e agindo como selvagem, devia compartilhar os mesmos castigos e condições, na cova, que os outros receberam. A definição de *grande*, neste texto, que descreve os ímpios, é "ser grande destruidor". A espada era o instrumento usado por Yahweh para abrir-lhes o seol, o que era justo, segundo a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

Adonai-Yahweh (o Soberano Eterno Deus) controlava a situação e se vingou, trazendo Seus julgamentos para os perversos. Os reprovados tinham cometido os mesmos crimes e compartilharam, afinal, a mesma punição. A *soberania* de Deus não deixou nada escapar de Sua atenção.

"Assim, termina esta cantiga lúgubre, um canto fúnebre ou lamentação composta e cantada contra o faraó, cumprindo o decreto de Yahweh, que garantiu sua destruição" (John Gill, *in loc.*).

Alguns Ensinamentos ou Implicações do Texto. 1. A doutrina do seol estava desenvolvendo-se além do conceito de simples *sepulcro*. Ver Eze. 31.14 e 16, para esclarecimentos. 2. A obra efetiva da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* é destacada. 3. A *necessidade de justiça* para salvar o mundo do caos. Emanuel Kant desenvolveu um argumento em favor da existência de Deus e da alma do homem, baseado na necessidade de a justiça ser o guia da vida humana. É claro que, neste mundo, a justiça não é feita. Portanto, para sua realização, deve haver uma vida além, onde Deus (um Poder Suficiente) castiga o mal e recompensa o bem. O ser humano deve estar lá para receber o que merece, portanto a alma deve existir e sobreviver à morte biológica. Se a vida humana não terminar assim, na *justiça*, então o verdadeiro deus deste mundo é o *Caos*. 4. O seol de Ezequiel não tem *fogo*. O fogo castigador do seol entrou no livro pseudepígrafo, I Enoque. Como os eruditos dizem, "O fogo do inferno se acendeu em Enoque". Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Fogo, símbolo de*.

Capítulo Trinta e Três

Os capítulos 33-39 formam uma seção distinta do livro, que trata da *restauração de Israel*. Temos aqui uma *coleção* de oráculos, todos inspirados por Yahweh e comunicados por Seu profeta autorizado, Ezequiel.

Embora julgado por suas iniqüidades, Israel não pode ficar para sempre sob o desprazer divino, o que anularia o *Pacto Abraâmico* (descrito em Gên. 15.18). Este pacto prometeu um futuro glorioso para Israel, e o decreto de Yahweh não pode ser anulado. Deve haver o Reino do Messias e a realização de todas as profecias antigas. Judá (Israel) morreu na matança e no cativeiro da Babilônia, mas um pequeno remanescente começou tudo de novo, depois dos 70 anos. Nova vida surgiu e surgirá no futuro para criar o Novo Israel escatológico.

> *Todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador e ele apartará de Jacó as impiedades.*
>
> (Romanos 11.26)

Ver as notas sobre esse versículo, no *Novo Testamento Interpretado.*

Ezequiel como o Atalaia (33.1-33)

O capítulo 33 se divide naturalmente em *cinco seções:* 1. Vss. 1-9; 2. Vss. 10-20; 3. Vss. 21-22; 4. Vss. 23-29; 5. Vss. 30-33.

Ezequiel Designado o Atalaia de Israel (33.1-9)

Os vss. 1-9 retratam o profeta como o atalaia de Israel, e os vss. 10-22 descrevem seus deveres. Os vss. 7-9 aplicam os ensinamentos especificamente a Ezequiel. Os profetas funcionaram como atalaias, como vemos também em Isa. 21.6; 56.10; Jer. 6.17 e Hab. 2.1. O atalaia divino deve advertir os homens ímpios em uma tentativa de mudar seu modo de pensar e agir. Se assim proceder, ficará *livre de seu sangue*, isto é, da *responsabilidade* do castigo que sofrerão, afinal, segundo as exigências das leis morais de Yahweh. Se não agir corretamente como atalaia, será *culpado de seu sangue*, isto é, será responsável pela punição que sofrerão, afinal. Cf. Eze. 3.17-21.

"A primeira comissão que Ezequiel recebeu se referia a julgamentos, mas aquele ministério já se completou. Depois, Yahweh o designou *atalaia* pela segunda vez (ver. Eze. 3.17-21). Agora sua mensagem é diferente, mas ainda focaliza a responsabilidade individual. O objeto da responsabilidade, todavia, neste texto, se relaciona à restauração de Israel" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

33.1

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta é a declaração comum que introduz novos materiais ou oráculos. Lembra que as mensagens eram inspiradas por Yahweh e que Ezequiel era o Seu profeta autorizado. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

33.2-3

Filho do homem. Yahweh fala com o profeta utilizando seu título comum (anotado em Eze. 2.1).

Quando eu fizer vir a espada sobre a terra... Uma *espada* (guerra) está chegando contra a terra, pelo decreto de Yahweh, e o povo precisará de um *atalaia* para ajudá-lo, dando advertências apropriadas à situação, tocando a trombeta e avisando os habitantes de Israel de perigos iminentes. Se agir assim, cumprirá seu dever e se libertará da responsabilidade da punição que o povo sofrerá. Qualquer um que, recebendo a advertência, a ignorar, será culpado e merecerá a punição, porque a responsabilidade pessoal determina o destino dos homens.

A Espada como Símbolo da Guerra. Cf. Eze. 32.30-32. Ver o símbolo do *atalaia* em II Sam. 18.25; II Reis 9.17-18; Isa. 21.6,11; e Jer. 51.12.

Os primeiros *dez* versículos do capítulo 33 são, essencialmente, iguais a Eze. 3.17-12, onde há notas mais detalhadas. A repetição é uma característica do livro de Ezequiel. Cf. os vss. 2-3 com Eze. 3.17.

33.4

Se aquele que ouvir o som da trombeta, não se der por avisado... *O ímpio e tolo* não escuta as advertências do atalaia, porque sua mente é perversa, e ele está corrompido por muitas iniqüidades. A espada vem e o alcança, tirando-lhe a vida. *Ele* sofrerá a culpa do que aconteceu, porque, afinal, existe a responsabilidade individual.

O atalaia está livre de culpa, porque tocou a trombeta e deu uma advertência clara; chamou o homem para o arrependimento, mas o tolo nem sabia o significado daquela palavra. O pecador perverso e descuidado terminará no seol (Eze. 32.17-32). Este versículo repete, essencialmente, o que já vimos em Eze. 3.19. A culpa cairá sobre aquele homem. O atalaia estará livre de qualquer responsabilidade. Para ser "culpado de sangue", ver Eze. 3.18,30. Cf. também Eze. 1.13; 22.12-13; 36.18. Podemos ver um ensinamento semelhante em Gên. 4.10 e 37.26.

A Metáfora. A metáfora deste versículo vem do sistema sacrificial. Os sacerdotes que sacrificavam os animais deitavam as mãos sobre a cabeça dos animais, implorando que sua culpa (seus pecados) fosse transferida para os sacrifícios, libertando-os dos resultados inevitáveis de seus erros.

33.5

Mas o que se dá por avisado salvará a sua vida. Cf. Eze. 3.19,21, onde temos os elementos essenciais apresentados aqui. Com uma emenda do texto (que alguns acham representar o original), obtemos a tradução: "Ele que deu a advertência salvou a vida dele" (do pecador que se arrependeu).

> *Sabei que aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados.*
>
> (Tiago 5.20)

> *Socorre aquele que perece, cuida dos moribundos, tira-os, em misericórdia, do pecado e do sepulcro.*
>
> (Fanny J. Crosby)

Ou a idéia é a de que a vítima, escutando as advertências, salvou sua própria vida de passar por conseqüências desastrosas.

33.6

Mas se o atalaia vir que vem a espada, e não tocar a trombeta... *O atalaia* que não age fielmente, negligenciando seus deveres, provoca uma reação em cadeia, que termina com conseqüências muito desagradáveis. A espada vem e mata alguns; foi a culpa do atalaia infiel. O pecado arruina a vida de outras pessoas, porque não receberam nenhuma advertência; o atalaia negligente arruinou e será arruinado, finalmente. Ele morrerá prematura e violentamente. Cf. Eze. 3.18 que é, essencialmente, igual. O pecador, avisado ou não, morrerá por seus pecados e deve ser abatido com os outros ímpios. Todavia, se o atalaia pregou sua mensagem de arrependimento, então não compartilhará a culpa do náufrago. A ignorância não liberta o pecador; até a falta de conhecimento de pecado não o ajudará no dia da crise (ver Osé. 4.1,6).

33.7

A ti, pois, ó filho do homem, te constituí atalaia. A mensagem geral se aplica ao profeta e à sua missão entre os cativos que moravam perto de Quebar. *Ele* é o atalaia que não deve negligenciar a missão. O Espírito deve dominar a sua mente. Seu "rebanho" era a "casa de Israel"; neste contexto, Judá, cativa na Babilônia. A "casa de Israel" (ver Eze. 3.1,4-5,7; 4.3; 5.4; 6.11) tornou-se a "casa rebelde" (Eze. 2.8; 3.8) e até uma *abominação* para Yahweh (Eze. 6.11; 8.10). Mesmo rebelde, tinha sabedoria suficiente para desejar um atalaia; seu homem era Ezequiel, aprovado pelos homens e por Yahweh. Além de ser aprovado, recebeu uma *comissão divina* de Yahweh. Será que este homem escolhido salvará a casa rebelde da espada e dos abusos da Babilônia? O Targum traz: "Eu te designei um mestre, um atalaia espiritual". Cf. II Tim. 4.5 e Heb. 13.17.

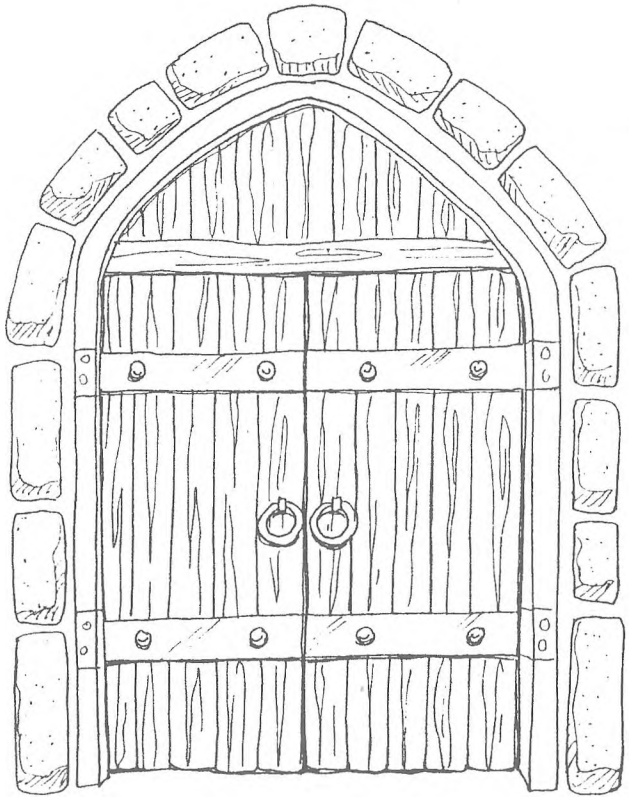
> *Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma.*
>
> (Hebreus 13.17)

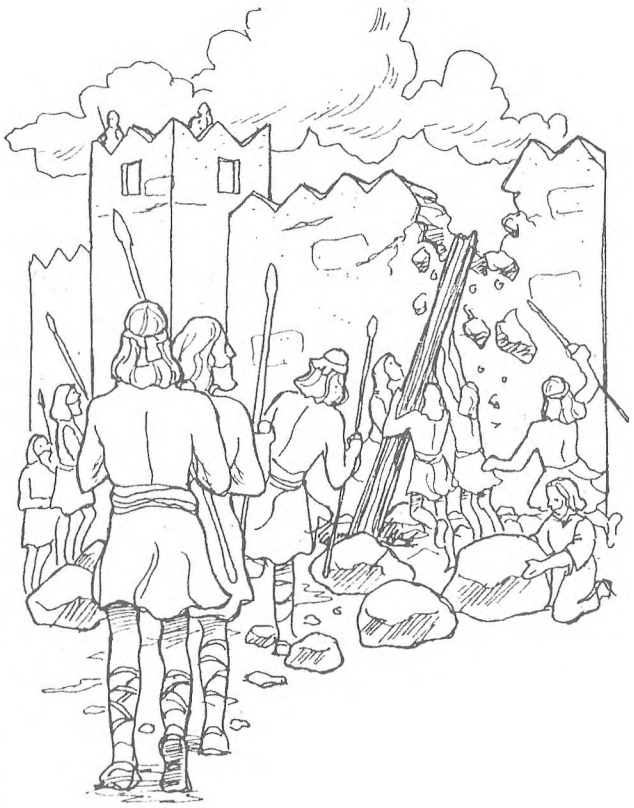
> *Há um irmão que alguém deve salvar,*
> *Um irmão de alguém!*
> *Quem ousará lançar para ele o salva-vidas?*
>
> (Edward S. Ufford)

33.8

Este versículo repete as mesmas coisas ditas no vs. 6. A morte aqui, provavelmente, é um falecimento prematuro e violento, que a mente judaica tanto receava. O profeta não está falando dos castigos de uma vida além do sepulcro, embora alguns intérpretes dêem esta idéia. Este versículo duplica Eze. 3.18, cujas interpretações se aplicam aqui. É possível que o autor tivesse em mente a questão das almas no seol (Eze. 32.17-32), ou talvez tenha empregado esta idéia abertamente, no presente texto, para enfatizar seu argumento sobre o dever do atalaia. "A morte aqui provavelmente é a morte física prematura dos ímpios, em contraste com a vida longa e próspera prometida aos justos. Cf. Eze. 18.1-32" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

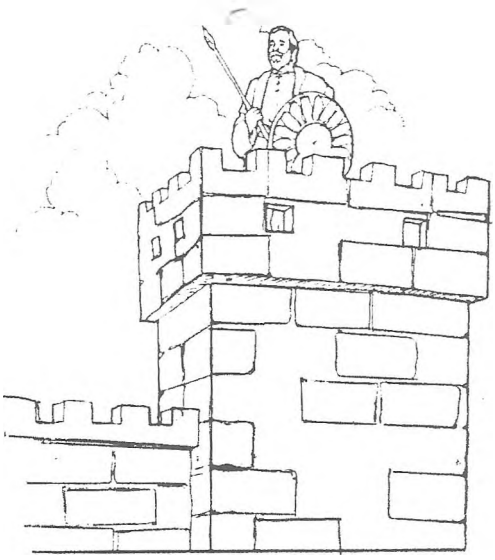
FORTIFICANDO CIDADES





A primeira linha de defesa era o muro. A Babilônia tinha dois muros, mais um "muro de água", um fosso-canal. Os muros tinham portões altamente fortificados, feitos de madeira grossa reforçada com metal e pedras. Mesmo assim, inimigos a atacaram com êxito, empregando rampas e pilhas de terra para subir e atravessar o muro. Usaram também o aríete para derrubar o muro.

EZEQUIEL, O ATALAIA



O vigia era fundamental para a defesa de uma cidade. Do topo do muro, ele podia observar o avanço do inimigo e dar o alerta para permitir uma preparação de defesa. Ezequiel era designado o vigia espiritual de Judá.

Quando eu fizer vir a espada sobre a terra, e o povo da terra tomar um homem dos seus termos, e o constituir por seu atalaia; e vendo ele que a espada vem sobre a terra, tocar a trombeta e avisar o povo; se aquele que ouvir o som da trombeta, não se der por avisado, e vier a espada, e o abater, o seu sangue será sobre a sua cabeça.

Ezequiel 33.2-4

33.9

O autor continua suas repetições, trazendo à nossa atenção afirmações oferecidas nos vss. 4-5. Eze. 3.19 é praticamente igual e as notas dadas ali se aplicam aqui.

Sim, Jesus levou meu peso
Que não podia mais carregar.
Sim, levou meu peso, respondendo
Às minhas orações.
Meus temores ansiosos se acalmaram,
Meu espírito se fortaleceu, pois,
Jesus levou meu peso,
E deixou-me com uma canção.

(Johnson Oatman, Jr.)

Novo Oráculo sobre a Responsabilidade Individual (33.10-20)

O povo, coletivamente, foi culpado de muitas infrações da lei de Moisés, aprofundando-se mais e mais em sua idolatria-adultério-apostasia. O julgamento golpearia as massas, mas alguns indivíduos escapariam e participariam da restauração, após os 70 anos de cativeiro na Babilônia. A mensagem do presente texto se aplica, essencialmente, aos cativos, que ainda tiveram de enfrentar a violência de seus mestres; a espada os perseguiu até mesmo naquele lugar (Jer. 9.16; Eze. 12.14). Uma mudança de coração podia salvar alguns, enquanto a maioria morreria no estrangeiro e nunca veria o Novo Dia.

Cf. Eze. 18.21-23. O vs. 11 é semelhante a Eze. 8.23, o vs. 13 a Eze. 18.24; os vss. 14-15 a Eze. 18.21-22; e os vss. 17-20 a Eze. 18.25-30. O ofício profético incluía tanto advertências como uma palavra de consolação para os reformados.

33.10

Filho do homem. Yahweh falou com o profeta utilizando seu título comum (ver notas em Eze. 2.1). A *casa de Israel* (ver o vs. 7) era também a *casa rebelde* (Eze. 2.8; 3.9) que se tornou até uma *abominação* para Yahweh (Eze. 6.11; 8.10). Ezequiel nunca desistiu de advertir aquela casa. Seus pecados pesados a estavam afundando no abismo, seol, a câmara subterrânea. Segundo a mente hebraica, guardar a lei trazia vida (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.11) e desobedecer-lhe significava a morte. A *vida* se refere a uma vida física longa e próspera; a *morte*, a um falecimento prematuro e violento. O povo, querendo viver, tinha de abandonar a prática de iniqüidades e correr atrás da lei de Moisés, para conhecê-la e obedecer-lhe. Aquela era a substância da espiritualidade dos judeus, entendendo naturalmente a ação do Espírito para inspirar os esforços. O objetivo imediato era sobreviver ao *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*) e participar da restauração além. Cf. Eze. 37.11: os ossos secos que ganham nova vida. Ver também Mat. 11.28. Lev. 26.39 é um paralelo direto do presente versículo.

33.11

Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) faz um juramento por Sua própria vida: o que diz deve ser a verdade, e esta deve efetuar Sua vontade entre os homens. Este título divino ocorre 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Enfatiza a soberania de Deus, que determina o destino dos homens.

Não tenho prazer na morte do perverso. O Soberano não sente nenhum prazer na morte de um homem, desejando, contrariamente, sua vida, através do arrependimento e da anulação de suas iniqüidades. Quando os homens abandonam suas abominações, eles ganham "vida". O arrependimento é uma mudança de coração, não meramente uma intenção. Ver Pro. 4.23 e, no *Dicionário*, o artigo chamado *Arrependimento*.

Cf. Eze. 18.23,32 e II Ped. 3.9, onde temos idéias semelhantes. O tênue desejo de ver uma mudança se manifesta neste texto. Exige, todavia, justiça e uma vida positiva de espiritualidade. O desespero é anulado com uma segurança que somente o arrependimento verdadeiro pode dar.

Ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.

(II Pedro 3.9)

O livre-arbítrio do homem se une com o Poder transformador de Deus, para fazer um novo homem, apagando o passado de inumeráveis infrações.

33.12-13

A Responsabilidade Individual. Yahweh fala com a comunidade, mas não ignora nenhum indivíduo. A mesma mensagem se aplica a todos. Este versículo é paralelo a Eze. 3.20 e 18.4, onde forneço as notas expositivas essenciais. A bondade do passado não salva o pecador de hoje; o pecado do passado não condena o arrependido de hoje. O julgamento vem sobre os pecadores de hoje, e Deus não se lembra do passado. Este versículo naturalmente tem sido aplicado à questão da segurança eterna do crente, mas o assunto não está em vista aqui. A salvação evangélica não é o assunto, mas, sim, o problema babilônico, o julgamento temporal e a possibilidade de escape. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado A *Segurança Eterna do Crente*. Cf. Pro. 10.2 e 11.4. A responsabilidade pessoal é enfatizada. A lei moral de Deus é o instrumento que mede a qualidade espiritual da vida do homem.

33.14-15

O homem mau de ontem, impressionado pelos ensinamentos morais e espirituais, pode reverter seu caminho e salvar sua vida, embora, por longo tempo, vivesse como pecador. Mas não é suficiente *falar* sobre a vida espiritual: o homem deve possuir um novo coração e modificar radicalmente a sua vida, entrando num *novo caminho*, guiado pela lei de Moisés e inspirado pelo Espírito. O *homem bom* atual deve compensar as maldades praticadas. Se roubou, deve restaurar; se machucou, deve curar; se semeou miséria, deve semear bondade para o bem-estar dos outros. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Reparação (Restituição)*.

Empréstimos eram feitos com "segurança", através de penhores, coisas de valor dadas para garantir o pagamento. Alguns homens sem caráter retinham os penhores quando o empréstimo já tinha sido pago. O profeta condena esta prática e exige liberalidade para com os outros, em qualquer situação.

O homem deve viver pelas regras justas da vida, não meramente discursar sobre elas. Agindo assim, o pecador anula um passado de iniqüidades e ganha nova vida. Cf. Eze. 20.11 e 13. Paralelos diretos deste versículo são Eze. 3.18-19; 18.7 e 27.27. Atos manifestos de caridade são exigidos do homem verdadeiramente bom. O ladrão, segundo a legislação mosaica, tinha de devolver 400 ou 500% do que havia roubado (Êxo. 22.1). O homem bom é generoso; é impossível ser bom e mesquinho ao mesmo tempo. Cf. Eze. 5.7.

33.16

De todos os seus pecados que cometeu não se fará memória contra ele. Cf. Eze. 18.22, um paralelo direto, cujas notas também se aplicam aqui. O homem ímpio de ontem, que é o homem bom e generoso de hoje, anula seu passado de pecados e caminha para um futuro brilhante. Assim funciona a graça de Deus.

33.17

Dizem: Não é reto o caminho do Senhor, mas o próprio caminho deles é que não é reto. Este versículo duplica, essencialmente, Eze. 18.25,29, onde apresento as notas. O sentimento se repete no vs. 20 do presente capítulo. Aprendemos que são as leis espirituais que governam a conduta do homem, e esta conduta, aprovada divinamente, conduz a pessoa para a verdadeira vida. O homem verdadeiramente espiritual faz do caminho do Senhor o seu caminho, participando da santidade divina, não inventando sua própria justiça. Ele *anda* no caminho de Yahweh. Ver no *Dicionário* a metáfora do *Andar*.

33.18

Desviando-se o justo da sua justiça... morrerá nela. Este versículo repete, numa forma mais abreviada, os vss. 12-13 deste capítulo. Eze. 18.26 é um paralelo direto. Ver as notas explicativas sobre estes versículos.

33.19-20

O profeta continua com *muitas repetições*, pois essa era uma característica de seu estilo literário. Os vss. 19-20 são, essencialmente, iguais aos vss. 14 e 17 deste mesmo capítulo. A *casa de Israel* (vs. 7) será julgada pela multidão de seus pecados, e cada homem sofrerá o devido castigo, de acordo com as exigências das leis morais de Deus. Paralelos diretos destes versículos são Eze. 18.27 e 30. "A ênfase continua na responsabilidade individual, mas isso faz parte do tema geral da restauração potencial da casa de Israel" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

O Fugitivo Traz Notícias da Queda de Jerusalém (33.21-22)

Esta terceira parte do capítulo apresenta um *interlúdio histórico*. "Oito manuscritos hebraicos, alguns da Septuaginta e do Siríaco, têm: 'no décimo primeiro ano'. Alguns eruditos aceitam esta leitura como original; mas, supondo que o *décimo segundo* ano seja correto (que é a leitura do hebraico), então o

fugitivo chegou um ano e meio depois da queda da cidade, que tinha acontecido no quarto mês do décimo primeiro ano. Entretanto, utilizando o calendário outonal, o décimo mês do ano duodécimo ocorreria em menos de seis meses depois do quarto mês do décimo primeiro ano... A data aqui seria, então, o dia 8 de janeiro de 585 A. C. Seis meses parece um tempo longo demais para as notícias chegarem da Babilônia. Esdras levou somente quatro meses para fazer a viagem, mesmo acompanhado por grande multidão (Esd. 7.9 e 8.31). Naturalmente, Eze. 24.26-27 são interpretados para significar que o fugitivo chegou no mesmo dia da queda de Jerusalém. Se este for o caso, o que é impossível, devemos ignorar as notícias cronológicas dos presentes versículos e presumir que o trecho foi escrito por um editor (não o escritor de Eze. 24.26-27)" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Ver as notas em Eze. 24.26-27, para alegadas soluções do problema.

33.21

No ano duodécimo. Isto é, o número de anos depois da deportação de Jeconias, a primeira de três (ver Jer. 52.28).

33.22

A mão do Senhor estivera sobre mim. As amargas profecias de Ezequiel, sobre a destruição de Jerusalém, provaram-se acuradas e, portanto, inspiradas. Não havia mais necessidade de ficar calado. Sua boca foi aberta pelo Espírito e um dilúvio de mensagens fluiu. O Espírito lhe deu uma elocução, libertada justamente na noite antes da chegada do fugitivo. Durante sete longos anos ele permanecera calado, por ordem de Yahweh (Eze. 3.26-27). O profeta terminou falando muitas profecias que eram, afinal, publicadas, sendo, quase todas, o conteúdo do presente livro. Cf. Eze. 24.27, um paralelo direto do presente versículo. Provavelmente, a ação do Espírito em sua mente já tinha revelado a queda de Jerusalém. Aquela informação foi *confirmada pela chegada do fugitivo.*

O Orgulho e a Punição dos Sobreviventes que Ficaram em Judá (32.23-29)

É espantoso que os poucos sobreviventes dos ataques da Babilônia, deixados em Judá, mantivessem a vida pecaminosa que tinham antes do desastre. Aqueles reprovados afundaram mais e mais em suas atitudes e atividades perversas, a despeito do golpe divino. Eles não aprenderam nada com a experiência catastrófica. A bondade de Deus não conseguiu direcioná-los para o arrependimento (Rom. 2.4), nem mesmo o sofrimento agudo. Por longo tempo, foram prisioneiros da sua idolatria-adultério-apostasia, nunca se libertaram, nem com a ajuda direta de Deus.

33.23

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta é a declaração comum que introduz novos materiais e oráculos. Lembra que as mensagens eram divinamente inspiradas e que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh. Ver Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

33.24

Abraão era um só, no entanto possuiu esta terra; ora, sendo nós muitos, certamente esta terra nos foi dada em possessão. Aqueles homens reprovados se orgulhavam de ter Abraão como pai ancestral e supuseram vaidosamente que uma conexão biológica os salvasse no dia do desastre. Acharam que continuariam possuindo a Terra que foi prometida pelo *Pacto Abraâmico* (ver Gên. 15.18), mesmo que não compartilhassem a espiritualidade do pai. Até tinham um argumento do "menor para o maior", supondo que Abraão, tendo sido somente *um* homem, possuiu a Terra Prometida, portanto eles, sendo muitos, a segurariam ainda mais firmemente. Mas o *pacto* exigia uma *obediência* que eles nunca seguiram. Não eram filhos espirituais de Abraão, e as provisões do pacto não lhes pertenciam. Os apóstatas anularam o pacto e perderam sua participação nele. Foram expulsos da Terra (Jer. 43.1-7), e os cativos na Babilônia, voltando, começaram o Novo Israel, no novo dia. A Terra Prometida era uma *herança* dada aos filhos espirituais. A biologia não deu nenhuma vantagem aos ímpios. Ver os capítulos 16, 18, 26-27 e 32-34 do livro de Números.

Nos vss. 23-29, o profeta condena os *dois grupos:* os deixados em Judá e os levados para a Babilônia. Alguns indivíduos escaparam à condenação, mas, de modo geral, os judeus, dentro e fora de Judá, não aprenderam muita coisa com a experiência babilônica. Permaneceram em seus caminhos perversos e rebeldes. Os vss. 30-33 condenam o segundo grupo, sediado na Babilônia. Eles praticavam as mesmas e velhas perversidades. Abraão recebeu o que Yahweh prometeu, através da obediência baseada no coração limpo. Aqueles pecadores horríveis não imitaram o pai e não receberam parte da herança prometida.

33.25

Assim diz o Senhor Deus:... porventura haveis de possuir a terra? *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) deixou claro que aqueles culpados de transgressões pesadas não participariam das bênçãos dos justos que fluíram do Pacto Abraâmico. Eles comeram carne ainda com sangue, que não fora apropriadamente drenada, e eram culpados de crimes de sangue. Esses dois exemplos de pecados serviam para representar a grande massa. Eles já estavam sofrendo a desolação, mas veriam ainda mais.

Com sangue. Uma emenda leve produz "nas montanhas", em referência aos lugares altos onde era praticada a idolatria. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lugares Altos.* Ver a proibição contra comer carne ainda saturada de sangue, em Lev. 17.10-14. *Crimes de sangue* foram proibidos pelos *Dez Mandamentos* originais. Ver Êxo. 20.4-6. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus), no exercício de Seu poder ilimitado e efetivo, golpearia os ímpios apóstatas e os deixaria atônitos. Certamente, eles nunca seriam os donos da Terra Prometida, que passou para outros.

33.26

Possuireis a terra? *Outros Pecados Pesados dos Apóstatas.* Aqueles homens desprezíveis, violentos, perversos e tolos quebraram todos os *Dez Mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário*) e mereciam execução legal, não uma herança de terra. Praticaram todo o tipo de males, atos violentos e anti-sociais. Adulteraram com todas as mulheres casadas do acampamento. Yahweh não lhes daria o privilégio de reconstruir Jerusalém.

Estes homens violentos dependiam de suas espadas para conseguir o que queriam. A espada de Yahweh acabaria com eles.

33.27

Assim diz o Senhor Deus: Tão certo como eu vivo. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) pronunciou um decreto de aniquilação que, precisamente, seria cumprido.

Os que estiverem em lugares desertos, cairão à espada, e o que estiver em campo aberto o entregarei às feras, para que o devorem, e os que estiverem em fortalezas e em cavernas morrerão de peste. *A Destruição Versátil.* Eles eram pecadores caprichados e seriam aniquilados caprichosamente. Aqueles homens, naquele momento, habitavam as terras de Judá, que se tornou praticamente um deserto desabitado; mesmo no meio da desolação, não se arrependeram e continuaram pensando num *reverso de fortuna* que os favoreceria. Sentiram *arrogância* na possessão do que sobrou de Judá, como se fossem melhores do que aqueles massacrados e exilados. Dias piores, entretanto, os esperavam.

"Aqui há um comentário do Antigo Testamento relacionado a Mat. 3.9. Ezequiel está falando aos sobreviventes da catástrofe de 587 A. C., entre eles os seguidores de Ismael, que talvez tenha matado o infeliz Gedalias (Jer. 41). A despeito da despovoação da terra, sentiram-se seguros, porque eram descendentes de Abraão" (E. L. Allen, *in loc.*). Do coração perverso deles, brotou uma esperança ridícula.

33.28

Tornarei a terra em desolação e espanto. Destruição avassaladora acabaria com o remanescente orgulhoso, que não aprendera nada da experiência babilônica, mas continuava com sua vida anterior de deboche e violência.

Os montes de Jerusalém ficarão tão desolados que ninguém passará por eles. Cf. Jer. 4.27; 12.11; 44.2,6,22; Eze. 36.34-35. A agricultura acabou e, com ela, o povo. O país tornou-se lugar de "assombração" para animais selvagens e homens que pilhavam e matavam. Os matadores não respeitavam as caravanas, que eram meras presas para eles. Nenhum turista ousou chegar perto do lugar. Afinal, o *orgulho* terminou. Ver as notas no vs. 29.

33.29

Então saberão que eu sou o Senhor. Judá tornou-se uma terra devastada pelo decreto de *Adonai-Yahweh,* o Soberano que controla o destino dos homens. A Mente Divina não suportou mais a idolatria-adultério-apostasia do lugar. Através de um julgamento devastador, Yahweh tornar-se-á conhecido, um tema que se repete 63 vezes neste livro, normalmente associado aos julgamentos divinos, mas, às vezes, à restauração (ver Eze. 16.62; 28.25-26 e 29.21). Conhecendo Yahweh melhor *como Juiz,* os orgulhosos serão humilhados. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Orgulho;* sobre *olhos altivos,* ver Pro. 6.17.

Ezequiel, Cantor de Canções de Amor (33.30-33)

A despeito das profecias amargas de Ezequiel se terem mostrado acuradas e divinamente inspiradas, o remanescente de Judá, na Babilônia, não se arrependeu; até zombou das mensagens, ridicularizando os oráculos, dizendo que somente um tolo prestaria atenção àquelas "canções". Ninguém encara seriamente os cantores de canções de amor, que falam de um mundo ilusório e falsamente ideal (vs. 32). Jeremias, o cantor, tinha uma bela voz, mas não valia a pena ouvir suas canções. As pessoas que falaram tais coisas foram os cativos na Babilônia, onde o profeta tinha sua missão principal. Tornaram-se reprovadores duros e estúpidos. Nenhuma lição, não importando quão clara e enfática, atraiu a sua atenção. A história ilustra bem a natureza humana. Aquelas pessoas escutaram somente o que quiseram ouvir, recusando o resto com piadas. Mas "as palavras de amor" de Deus logo se tornariam severas palavras do julgamento. O uso da palavra "canção" aqui provavelmente indica que os oráculos eram cantados, ao menos em certas ocasiões.

33.30

Os filhos do teu povo falam de ti. Este versículo implica que Ezequiel desenvolveu um discipulado *popular*. As pessoas gostavam de ouvir seus discursos eloqüentes. Enquanto a situação ficou só em palavras, não se perturbaram, nem com as mensagens cortantes. Suas palavras eram como *canções frívolas de amor*, belas mas inconseqüentes. O profeta cantava e tocava bem um instrumento, mas era tudo ilusório. Ezequiel tinha discípulos, mas eles não eram sérios. Em outras palavras, eram hipócritas que não tinham nenhuma intenção de modificar sua conduta. Disseram que "Yahweh" falava através do profeta, mas não acreditavam realmente na afirmação. O profeta recebeu uma advertência para não se impressionar com a aparente popularidade e a suposta complacência do povo em relação às suas exigências.

Junto aos muros e nas portas. Isto é, *publicamente,* falavam bem do profeta, mas dentro de suas casas a conversa tornava-se zombaria "daquele louco". O profeta era o sujeito de palavras cortantes e triviais.

33.31

Eles vêm a ti. *Ezequiel Atraiu a Multidão.* Nunca faltava gente quando o profeta fazia um discurso. as pessoas gostavam de sentar-se na "escola" dele, ouvir seus oráculos cantados, acompanhados com o belo som de um instrumento musical. Mas nunca se preocupavam em pôr em prática qualquer coisa que ele recomendava. Até expressavam *amor* por ele, mas realmente estavam atrás do dinheiro e do poder entre os homens. A NCV faz o objeto de seu amor *Yahweh.* Falavam do amor, mas seus atos eram perversos. Empregavam meios desonestos e até violentos para adquirir o que queriam. Ouvir o profeta era uma "diversão", um modo de aliviar as pressões do dia com alguma coisa leve, como um show de música e palestras. Aqueles homens eram a terra *cheia de espinhos* de Mat. 13.22. Cf. Amós 8.5. O Targum diz que eles "brincaram com jogos de boca".

> *Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não ouvintes somente, enganando-vos a vós mesmos.*
>
> (Tiago 1.22)

33.32

Tu és para eles como quem canta canções de amor. Muitos salmos eram cantados com o acompanhamento de instrumentos musicais, e a mesma prática se aplicava aos oráculos. Ver I Sam. 10.5; II Reis 3.15. Havia cantores profissionais e certas pessoas adquiriam considerável habilidade com instrumentos musicais. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Música, Instrumentos Musicais.* Aparentemente, o profeta tinha a reputação de ser um bom músico, e as pessoas sempre se reuniam para ouvi-lo. Suas profecias eram pronunciadas com e sem música, e ele se tornou uma figura popular, mas o povo o tratava de maneira frívola, como simples músico de canções de amor, não como um profeta que realmente previa desastres.

Ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra. Eles gostaram do show, mas não puseram em prática as instruções espirituais.

"Vocês costumam dizer: 'Porventura não conhecemos certos homens que se têm assentado por muitos anos aos pés de algum filósofo, sem terem adquirido o menor verniz de sabedoria?'. Naturalmente, reconheço que existem homens assim. Na verdade, existem cavalheiros persistentes, que se mostram constantes; e, no entanto, não os considero discípulos dos sábios, mas meros *acocorados.* Essa classe de gente, como é fácil de ver, constitui um contingente muito numeroso entre os ouvintes" (Sêneca).

33.33

Saberão que houve no meio deles um profeta. Aqueles homens eram ouvintes das palavras, mas não praticantes (Tia. 1.22), e um destino desastroso estava prestes a nivelá-los, como o profeta tinha dito diversas vezes. Conhecerão o Senhor melhor, quando as profecias de calamidade se realizarem, um tema constante deste livro. Neste versículo, é *o profeta* que ficará conhecido; seu verdadeiro caráter se manifestará: verão que era um *profeta de Yahweh,* não meramente um bom cantor de canções de amor.

> *Eu tencionava chegar até Deus,*
> *E para Deus eu me apressei deveras;*
> *Pois no seio de Deus, meu próprio lar,*
> *Chegaram multidões em glória ofuscante,*
> *E por fim fiz ali descansar o meu espírito.*

Esse tipo de atitude era incompreensível para aqueles perversos, que gostavam de ouvir uma bela voz e palavras eloqüentes, mas não levavam a sério o que lhes era comunicado. Em breve eles saberiam, experimentalmente, o preço da negligência espiritual.

Capítulo Trinta e Quatro

O *tema unificador* deste capítulo é o de que existem *falsos pastores* que se contrastam com o futuro *Verdadeiro Pastor.*

O capítulo se divide naturalmente em cinco partes: 1. Vss. 1-10; 2. Vss. 11-16; 3. Vss. 17-22; 4. Vss. 23-24; 5. Vss. 25-31. No início de cada seção, há um título e um parágrafo introdutório. Os vss. 23-24 falam especificamente do *Messias-Rei,* que é o Verdadeiro Pastor de Israel e, neste tema, a passagem encontra seu auge. O autor se prepara para apresentar o tema principal dos capítulos 31-39, a *restauração de Israel.* O Messias-Rei é descrito como o *Servo* de Yahweh (vs. 23). Os falsos pastores serviam a si mesmos, rejeitando a responsabilidade de ser servos do povo. Deixaram as ovelhas a vaguear e, por esta razão, sofreriam um julgamento temível de Deus. O tema do Verdadeiro Pastor se apresenta também em Jer. 10.21; 23.1-4; 25.34-38 e 50.6. Cf. Miq. 5.5; Zac. 10.2-3; 11.3-8; I Reis 22.17. Passagens análogas são: Jer. 23.1-6; 31.9-10; Zac. 11.4-17; 13.7; Sal. 80.1 e 95.7. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pastor.*

Julgamento dos Falsos Pastores (34.1-10)

É fato temível receber uma missão espiritual significativa e tratá-la de maneira trivial, ou pior, usá-la como meio de ganhar dinheiro, fama e posição. Foi assim que os falsos pastores agiram, com resultados desastrosos para as ovelhas, que se tornaram corruptas e se espalharam nos campos da vida, sem nenhuma direção ou propósito firme. Os pastores, além de negligentes, eram falsamente motivados por seus próprios prazeres e interesses, envolvendo-se em crimes pesados. Eles se alimentaram e deixaram as ovelhas morrer de fome (vs. 8).

34.1

Veio a im a palavra do Senhor. Esta é a declaração comum que introduz novos materiais ou oráculos. Lembra que as mensagens foram inspiradas divinamente e que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

34.2

Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel. Yahweh fala com o profeta utilizando seu título comum (anotado em Eze. 2.1). Mandou-o repreender os profetas desviados de Israel-Judá. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) pronuncia um oráculo ameaçador e, como Soberano, tem o poder para efetuá-lo. Os líderes perversos, alimentando-se fartamente, deixaram as ovelhas passar fome. O padrão de seu serviço era o *interesse próprio,* não o bem-estar do povo. Realizando seu jogo perverso, logo caíram em infrações sérias, inclusive crimes de sangue.

"Os vss. 2-4 apresentam a verdadeira atitude profética em relação aos líderes ímpios (cf. Jer. 22.13-17; Osé. 1.4; 7.7; I Sam. 8.1-22" (Theophile J. Meek, *in loc.*). O falso pastor considera o rebanho somente como um meio para ganhar algo de valor para si mesmo. Obviamente, devem existir poder e liderança em qualquer sociedade, mas não sem a responsabilidade que vise o bem-estar coletivo.

"Os líderes freqüentemente foram chamados *pastores.* Ver Sal. 78.70-72; Isa. 44.28; Jer. 23.1-4; 25.34-38. Ezequiel expôs primeiramente os pecados dos falsos pastores e depois pronunciou um julgamento justo contra eles (vss. 7-10)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

34.3

Comeis a gordura. Quando um animal era sacrificado, as "delicadezas" (segundo a mente hebraica), o *sangue e a gordura*, pertenciam a Yahweh, sendo queimados no Seu altar. Ver as leis sobre o *sangue e a gordura* em Lev. 3.17. Então, oito porções (os melhores cortes da carne) pertenciam aos sacerdotes. O restante era dividido entre os adoradores que haviam trazido os sacrifícios. Uma *refeição comunal* terminava o rito, cada um comendo sua porção apropriada.

Aqueles perversos e presunçosos falsos pastores tomavam para si mesmos o melhor, que pertencia exclusivamente a Yahweh! Na mente hebraica, tal ação configurava um ato de traição que anulava a lei mosaica e merecia execução legal. Os perversos, então, se apossavam das outras partes dos animais, para comer e fazer roupas. Fartavam-se e engordavam, deixando o povo sem nenhuma provisão de comida ou de roupa. Aqueles homens eram tiranos gananciosos, explorando o povo. "Os pastores (isto é, reis, oficiais etc.) abusaram do povo (Jer. 23.13-17) e o espalharam (Jer. 10.21; 23.1-4). Este oráculo reforça a doutrina da *responsabilidade pessoal* (Eze. 18.5-22). Os líderes, supostamente, eram sujeitos às leis de Deus (II Sam. 12.1-15), mas, de fato, eram rebeldes e perversos" (*Oxford Annotated Bible*, introdução à seção).

Em vez de alimentar as "ovelhas", usaram-nas para alimentar a si mesmos! Eles as abatiam, roubavam, praticavam crimes de sangue, pervertiam a lei de Moisés, promoviam injustiças sociais, utilizando as primícias para seu próprio benefício, impondo pesados impostos sobre os menos afortunados, enquanto o dinheiro se acumulava em suas tesourarias pessoais. O Targum diz, simplesmente, em um sumário sucinto: "Vós comeis o que é bom", implicando que somente o ruim ficou para as *ovelhas*. "Foram como cachorros famintos que nunca se satisfazem, como Isa. 56.11 diz" (Fausset, *In loc.*).

> *Tais cães são gulosos, nunca se fartam; são pastores que nada compreendem.*
>
> (Isaías 56.11)

> *"Egoísmo é a característica principal dos pastores infiéis. Cf. João 10.1-17"*
>
> (Ellicott, *in loc.*).

34.4

A fraca não fortalecestes, a doente não curastes, a quebrada não ligastes, a desgarrada não tornastes a trazer e a perdida não buscastes. Entre o povo comum, sempre existem os fracos e os doentes, os indefesos e os totalmente dependentes, que podem ser facilmente explorados. Tais pobres almas, aqueles violentos desprezaram e exploraram, lucrando com cada ato perverso. Governaram com força excessiva, castigando com impostos absurdamente altos, intimidando, extorquindo, perseguindo, fazendo leis injustas que só serviam às classes mais altas, à custa do *povo*. Não tinham coração nem consciência, agiam como *lobos*. Aqueles ímpios não eram passivos; agiam com vigor, sempre machucando os fracos, espiritual e fisicamente. Cf. Êxo. 23.4. O líder verdadeiro leva seriamente os deveres para ajudar seu povo:

> *Nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória.*
>
> (I Pedro 5.3-4)

34.5

Assim se espalharam, por não haver pastor. Os líderes não foram pastores, mas *tiranos*. Não protegeram o rebanho, mas o exploraram. Seus atos violentos espalharam as ovelhas, deixando-as desprotegidas e sem nenhum verdadeiro pastor. Perdidas nos campos, elas se tornaram alimento para as feras que vigiavam aqueles lugares, sempre famintas, sempre matando, sempre esperando para devorar mais uma vítima.

Os vss. 5-6 mencionam três vezes a *dispersão* das ovelhas, ressaltando que aquela ação figurava entre suas ofensas principais. O dever do pastor era o de não permitir justamente *aquilo*. Mas os falsos pastores tinham uma regra só: servir a si mesmos.

"Eles não mereciam o nome *pastor;* era um ultraje aplicar esse título augusto a eles (I Reis 22.17; Mat. 9.36). Cf. Mat. 26.31, onde também vemos a *dispersão* das ovelhas, porque o verdadeiro Pastor fora morto" (Fausset, *in loc.*). O povo se envolveu em pecados pesados como idolatria, adultério, explorações dos fracos, atos anti-sociais, opressões, porque não tinha líderes para instruir e guiar em caminhos retos. O Targum explica que a maior dispersão era justamente o *cativeiro babilônico,* que o povo sofreu por causa da infinidade de suas transgressões. Provavelmente, o vs. 6 inclua esta idéia.

34.6

As minhas ovelhas andam desgarradas por todos os montes. O povo pecador tornou-se iníquo seguindo os maus exemplos dos líderes. Logo, os *lobos* atacarão para devorar líderes e liderados, que compartilharão o mesmo destino catastrófico. Os *lobos* internacionais eram os soldados babilônicos, sempre famintos, à procura de vítimas. Algumas poucas ovelhas que sobreviveram aos ataques dos lobos esconderam-se nas ravinas das colinas, em cavernas, em câmaras secretas. Algumas fugiram para países vizinhos e sofreram exílio permanente. A maioria dos sobreviventes foi levada cativa para a Babilônia, onde a miséria continuou.

"Lá fora" não houve ninguém que cuidasse das ovelhas perdidas e doentes. Nenhum homem se preocupava com as suas almas. Chaucer falou de ovelhas perdidas "orientadas" por pastores perdidos:

> *Ele mesmo sendo um vagabundo, deixando*
> *O caminho estreito,*
> *Não era nenhuma maravilha, e suas ovelhas tolas*
> *Também erraram o caminho.*

As minhas ovelhas. Note-se que Yahweh as chama de "minhas ovelhas", a despeito de seus pecados. Ele era o Pastor, mas aqueles designados subpastores foram negligentes e abusaram de seus deveres, descumprindo sua missão. *Nunca* a missão de alguém deve servir a si mesmo.

> *Foram espalhadas sobre toda a face da terra. Ninguém se preocupou em procurá-las.*
>
> (NCV)

Por contraste, o Verdadeiro Pastor veio para procurar e salvar o que foi perdido (Luc. 19.10).

34.7-8

Tão certo como eu vivo, diz o Senhor. Yahweh (vs. 7), isto é, *Adonai-Yahweh* (vs. 8), o Soberano Eterno Deus, dirigiu Sua palavra de ira contra aqueles ímpios que não cumpriram sua missão em favor de Judá. Fez um juramento "por sua própria vida", garantindo a realização da ameaça. Por falta de liderança espiritualmente adequada, as ovelhas caíram em uma idolatria-adultério-apostasia. Os lobos do campo devoraram as ovelhas desprotegidas. Houve lobos no Egito, Edom, Amom e na Babilônia, esperando a chance de devorar uma ovelha descuidada. "As bestas selvagens das nações exploraram Judá, especialmente os babilônios" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

O Targum, sobre este versículo, lembra que os "pastores" eram os governadores, os civis e os religiosos, as pessoas de autoridade. Eram homens sem escrúpulos, violentos, destruidores, implacáveis, desumanos, como já visto nos vss. 2-4.

34.9-10

Ouvi a palavra do Senhor. Yahweh exige que aqueles líderes miseráveis escutem o seu decreto. De novo, *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) fala, ameaçando agir com Seu poder soberano. Um julgamento severo é o tema do decreto, que começará com a liderança do país e descerá a todos os níveis daquela sociedade corrupta. Os pastores infiéis serão removidos de seus ofícios. Perderão sua missão nobre.

Estou contra os pastores, e deles demandarei as minhas ovelhas; porei termo no seu pastoreio. Eles serão levados para a Babilônia como cativos, para serem vítimas de abuso de "outros líderes". O lobo-Babilônia os devorará como eles devoraram o rebanho de Yahweh; a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* será satisfeita. O Senhor Soberano deve intervir para garantir a realização do Pacto Abraâmico, pois Judá estava sob ameaça de total extinção. Esta mensagem concorda com o *teísmo bíblico*: O Criador não abandonou Sua criação, mas intervém, castigando os maus e recompensando os justos. Contraste-se esta declaração com o *deísmo,* que diz que o Criador (pessoal ou impessoal) abandonou Sua criação ao comando das leis naturais. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Teísmo* e *Deísmo*. Considere-se o que aconteceu com Zedequias e seus filhos e príncipes (Jer. 52.3-11)!

Yahweh como o Bom Pastor (34.11-16)

O texto é claro: *Yahweh* é o bom Pastor, mas esta seção pode ser interpretada messianicamente, prevendo o Messias agindo como instrumento do Deus Eterno.

Paralelos. Em espírito, esta seção é paralela a João 10.1-18; Heb. 13.20; I Ped. 2.25; 5.4. Cf. Mat. 10.6 e 25.32. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pastor*, e ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Pastor (Ofício da Igreja).*

"O que os falsos pastores não realizaram por causa de sua ganância (vss. 1-10), Yahweh realizará; cuidará de Seu rebanho (vss. 11-16); garantirá justiça entre as ovelhas (vss. 17-24); estabelecerá um *pacto de paz* (vss. 25-31)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). A figura do pastor se eleva ao ofício do *Rei-Pastor*, o Messias, nos vss. 23-24.

34.11

Assim diz o Senhor Deus: Eu mesmo procurarei as minhas ovelhas. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus), exercendo Seu poder divino e soberano, assumirá o ofício do Pastor e providenciará para suprir as necessidades do rebanho. Este título divino é usado 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Exalta a soberania de Yahweh, cuja vontade deve ser realizada entre os homens. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Soberania de Deus* e *Providência de Deus.* As provisões de Yahweh reverterão os danos cometidos pelos pastores infiéis. O rebanho dispersado será recolhido; a *diáspora* (ver a respeito no *Dicionário*) terminará. O próprio Adonai-Yahweh procurará Suas ovelhas e as salvará dos lobos.

Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido.

(Lucas 19.10)

O bom pastor dá a vida pelas ovelhas.

(João 10.11)

O *vs. 11* é mais do que histórico (o reverso do cativeiro babilônico); é também *escatológico*, uma promessa de reversão da diáspora, para que o Reino dos Céus se realize neste mundo. A restauração de Judá, depois do cativeiro babilônico, seria uma pequena amostra da verdadeira, que ainda jaz no futuro:

Todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador e ele apartará de Jacó as impiedades.

(Romanos 11.26)

"O próprio Deus é o Bom Pastor (Isa. 40.11; Jer. 31.10) que recolherá o rebanho disperso e machucado. Esta passagem sugere a volta da teocracia (Osé: 8.4; I Sam. 8.7)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando o vs. 11).

34.12

Buscarei as minhas ovelhas. Tanto o cativeiro babilônico quanto a diáspora serão revertidos. Yahweh, o Bom Pastor, salvará o rebanho dos lobos-nações e de todos os lugares de trevas, do dia do temor, do dia de nuvens e tempestades. Na hora de sua maior necessidade, Yahweh encontrará Seu povo e resolverá todos os problemas, aliviando suas angústias.

Salvador, como um Pastor nos guia,
Tanto precisamos de Seus cuidados,
Nos Seus pastos agradáveis nos alimenta,
Para o nosso uso Seu aprisco prepara.

(William B. Bradbury)

No dia de nuvens e de escuridão. Cf. Sal. 97.2; Joel 2.2 e Sof. 1.15. "... em tempos de desespero e perseguição, o Pastor está especialmente vigilante" (Adam Clarke, *in loc.*). O texto fala de "uma gloriosa libertação do futuro" (Ellicott, *in loc.*).

34.13

Apascentá-las-ei nos montes de Israel, junto às correntes, e em todos os lugares habitados da terra. *O Rebanho Seguro no Aprisco.* Somente uma obra divina poderia salvar aquele rebanho, disperso e rebelde, longe da terra que lhe fora prometida no Pacto Abraâmico (ver em Gên. 15.18). A libertação e a salvação acontecerão nas colinas de Jerusalém, onde o rebanho encontrará seu lar, afinal. Haverá reversão total nas colinas antigas da terra-lar. A volta dos cativos da Babilônia será um pequeno antegozo do milagre da Era do Messias. A obra será realizada não nas ravinas do austero Sinai, mas nas graciosas colinas de Jerusalém. A lei não dará a vida, mas onde ela falhou abundará a graça. O rebanho se dispersou ao pôr-do-sol e desapareceu nas trevas de uma longa noite. Mas a luz de um Novo Dia dispersará a melancolia da derrota. Cf. Eze. 28.25; 36.24; 37.21-22; Isa. 65.9,10 e Jer. 23.3.

34.14

Apascentá-las-ei em bons pastos, e nos altos montes de Israel será a sua pastagem. Assim será quando o Bom Pastor assumir o controle da situação, fazendo violento contraste com os maus-tratos dos falsos pastores. Todas as suas necessidades serão satisfeitas, em pastos ricos e verdejantes, onde a sombra da fome não atinge ninguém. O rebanho estará em descanso e plenitude, e suas ansiedades esvanecerão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.*

O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.

(Salmo 23.1)

Nós somos Teus, nosso Amigo Tu seja;
Seja o Guardião do nosso caminho;
Guarda Teu rebanho, do pecado nos defende,
Procura-nos quando vagueamos.

(William B. Bradbury)

34.15

Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas, e as farei repousar. Este versículo repete os dois elementos principais do vs. 14: a *alimentação* do rebanho e sua *segurança* e plenitude em ricos pastos.

Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso.

(Salmo 23.2)

Cf. Eze. 20.28. O Targum traz: "Governará o meu povo e o farei habitar seguramente". A Septuaginta e o árabe acrescentam o familiar "... e saberão que eu sou o Senhor", que ocorre 63 vezes neste livro.

34.16

A perdida buscarei, a desgarrada tornarei a trazer, a quebrada ligarei e a enferma fortalecerei. O Bom Pastor reverterá todos os atos e situações prejudiciais: a negligência e a exploração dos falsos pastores serão anuladas e substituídas por ações divinas benéficas. O *amor de Deus* será o tema do dia da restauração.

Mas a gorda e a forte destruirei. Por contraste, um julgamento merecido cairá sobre os pastores perversos. Engordaram à custa do rebanho e passarão dias magros. Enriqueceram-se, mas empobrecerão até o ponto de angústia. Eram orgulhosos, mas serão humilhados; prejudicaram os fracos, mas sofrerão fraquezas. "Eu destruirei aquelas ovelhas que ficaram gordas e fortes" (NCV).

Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do meu pasto! diz o Senhor.

(Jeremias 23.1)

Cf. Jer. 50.6; Sal. 147.3; Isa. 61.1; Mat. 9.35; I Cor. 11.30. Can. 2.5 e 5.8 têm declarações semelhantes.

Separação das Boas Ovelhas das Más (34.17-22)

34.17

Eis que julgarei entre ovelhas e ovelhas, entre carneiros e bodes. Cf. esta seção ao Novo Testamento, que retrata o ato de separar as ovelhas dos bodes (Mat. 23.32). Todas as ovelhas pertenciam ao mesmo rebanho, mas não eram iguais em valores morais e espirituais. De fato, algumas eram destruidoras de outras. A maioria se dedicara à idolatria, ao adultério e a grande número de perversidades. O texto enfatiza novamente a responsabilidade pessoal (individual).

Alguns intérpretes vêem aqui em ação captores estrangeiros, aqueles que perseguiram o rebanho disperso entre as nações. Talvez o texto seja suficientemente amplo para incluir esta idéia. Note-se que carneiros, cordeiros, bodes e novilhos representam estrangeiros perseguidores, em Eze. 39.18. Todavia, a idéia do presente texto é que, justamente dentro do rebanho de Judá, algumas ovelhas maldosas prejudicaram outras. O tema dos *pastores infiéis* de Eze. 34.1-10 continua.

Talvez a profecia seja escatológica, à maneira de Mat. 26.31-46: algum dia as boas ovelhas serão separadas das más; somente as boas entrarão no Reino do Messias (milênio?). Os vss. 20 e 22 repetem o tema.

O Targum traz: "Eis, julgarei entre homem e homem, pecadores e piedosos".

34.18

Não vos basta...? Os animais gananciosos, profanos e selvagens (os profetas falsos e ímpios) aproveitaram o bom pasto, enchendo-se com todas as boas coisas. Não satisfeitos com suas vantagens, também pisaram o pasto que não puderam utilizar, para não deixá-lo para os outros. As classes pobres passam fome, enquanto os ricos participam de banquetes todos os dias. Os pastores profanos beberam águas limpas e, de propósito, turvaram aquelas de que não precisavam, para que outros não as bebessem. A alusão é às bestas que invadem o pasto, que pisam as plantas e turvam as águas, deixando o restante impróprio para o sustento das ovelhas. Mas estas bestas são outras ovelhas, não lobos e leões. São "ovelhas-lobos-leões", os pervertidos e deturpados.

Significado Espiritual. Homens do rebanho de Yahweh tornaram-se os corruptores do povo, promovendo sua idolatria-adultério-apostasia, levando um país inteiro à beira da extinção. Tais homens abusaram dos poucos fiéis e destruíram as massas.

34.19

Este versículo expande levemente o que o vs. 18 expõe. O rebanho de Yahweh (os poucos fiéis) que continuara o culto divino, segundo os padrões da lei de Moisés, foi roubado de seus pastos e águas, sendo explorado e perseguido pelos monstros-pastores. Eram tratados brutalmente, suas propriedades foram confiscadas, seus animais domésticos furtados, comidos ou vendidos. Os falsos pastores agiram como um bando de urubus, e seu apetite nunca se satisfez. As boas ovelhas foram, afinal, corrompidas, ajuntando-se às corruptas. Uma nação inteira ficou à beira da extinção, quando a ira de Yahweh acabou com aquela situação irreversível. Os vss. 18-19 falam de abuso e exploração e também das muitas vagueações da liderança do povo.

34.20

Diz o Senhor Deus: Eis que eu mesmo, julgarei entre ovelhas gordas e ovelhas magras. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) tem o poder para fazer o que deve. Ele intervirá em Judá, trazendo o fogo dos céus para limpar esse lugar, mudando os caminhos tortos em retos, e separando o bom do mau. As ovelhas gordas representam as pessoas que tinham vantagens de todos os tipos, inclusive financeiras; tinham suas mãos sobre o país inteiro, controlando tudo e aproveitando seu poder para enriquecer. Oprimiram as ovelhas magras; exploraram os fracos; abusaram dos doentes.

Yahweh pegou Sua espada e a colocou nas mãos de Nabucodonosor, um guerreiro perito em genocídio. Sua espada cortará as ovelhas gordas em pedaços e fará delas um sacrifício para seus deuses. As poucas não sacrificadas, no campo de batalha, serão levadas para a Babilônia, para satisfazer os gananciosos daquele lugar.

O Targum faz das ovelhas gordas, os *ricos,* e das magras, os *pobres,* o que simplifica demais o texto, porque todos os tipos de perversidade eram propriedades das gordas.

34.21

Com os chifres impelis as fracas até as espalhardes fora. "Ver Zac. 1.18-21, onde os *chifres* representam aqueles que dispersaram Judá" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Aqui, os chifres representam perseguição e abuso. Os chifres são os meios violentos que os perseguidores usaram contra as suas vítimas. As "bestas-falsos-profetas-liderança-abusiva" avançam contra as ovelhas como um bando de touros enfurecidos, derrubando-as, pisando, machucando e matando. Os sobreviventes dos ataques foram dispersos e privados de seus direitos ao pasto de Yahweh. O Poder do Alto deveria agir para evitar a total extinção de Seu povo. Logo, os babilônios, com seus chifres impiedosos, avançarão contra as ovelhas gordas e acabarão com sua raça. Se uma delas sobreviver, será levada à Babilônia para servir de refeição.

34.22

Eu livrarei as minhas ovelhas. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) intervirá para salvar o que restar de Seu rebanho. Aqueles que comeram as ovelhas inocentes, *eles mesmos* servirão de refeição para os estrangeiros. A sentença justa de Yahweh garantirá este resultado. As ovelhas boas serviram de alimento para as águias da liderança do país, mas os abusadores serão alimento para os urubus do norte (o exército babilônico). As más ovelhas serão expulsas do pasto do Senhor. Alguns sobreviventes voltarão do cativeiro, para começar tudo de novo. Este versículo repete, essencialmente, o que é dito nos vss. 17 e 20.

O Messias-Rei Será o Novo Pastor (34.23-24)

Esta pequena seção ensina que Davi, ressuscitado, voltará a ser o rei de Israel, no Reino do Messias, um tipo de vice-rei do próprio Messias, como ensinam os dispensacionalistas. Antes, haverá um Novo Rei que restaurará o trono davídico. Será "uma só cabeça", como afirma Osé. 1.11. O autor, segundo seu costume, usa a palavra *príncipe*, para significar "rei". Cf. Eze. 37.25; 44.3; 46.2. Ele é o *servo* de Yahweh, como o próprio Davi era chamado (II Sam. 3.18; 7.5; II Reis 8.19; Sal. 89.3,20). Os sobrescritos dos Salmos 18 e 36 também usam este título para designar Davi. O Cristo, o Bom Pastor (João 10.11-18), descendente da linhagem de Davi (Mat. 1.1), reinará e cuidará das ovelhas escatológicas.

34.23

Suscitarei para elas um só Pastor. Cf. Osé. 1.11; João 10.16. Será um Pastor de absoluta dedicação ao bem-estar das ovelhas; elas não sofrerão necessidade ou perigo. Será o Novo dia do Novo Israel.

> *O Senhor é o meu pastor; nada me faltará. Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida, e habitarei na Casa do Senhor para todo o sempre.*
>
> (Salmo 23.1,6)

O Deus da Bíblia. O Deus da Bíblia é o Deus que escuta os gritos dos necessitados e manda o Bom Pastor para curar os doentes, alimentar os famintos e proteger os perseguidos. Buscará o vagueador e o trará para casa.

34.24

Eu, o Senhor, lhes serei por Deus. *Yahweh será o Deus do Novo Israel,* quando o Messias assumir o controle do trono de Israel. O juramento divino decretou, e isto será cumprido. *Príncipe* significa *rei*, como no vs. 23 e, normalmente, nos escritos de Ezequiel. O Targum traz: "Eu, o Senhor, tenho decretado isto através da minha Palavra". Ele mesmo decretou o bem-estar de Seu povo e o realizará como provisão do pacto estabelecido com Israel. O Messias virá, cumprindo Sua vontade e a do decreto de Yahweh. Cf. Sal. 40.7-8; Isa. 42.1; 49.3,6; 53.11; Fil. 2.7. Ver também Atos 13.36.

O Pacto de Paz (34.25-31)

Cf. esta seção com Lev. 26.6.

34.25

Farei com elas aliança. No hebraico literal, "cortar uma aliança", alusão à prática de cortar o animal de sacrifício da cerimônia do pacto, em duas partes iguais. Isto era realizado dividindo o animal ao longo da espinha. As duas partes iguais eram separadas, deixando um espaço através do qual os participantes da aliança passavam, como sinal de que guardariam as condições do pacto. Cada participante tinha responsabilidades iguais; no caso do presente texto, Yahweh, de um lado, e Israel, do outro. Ver Gên. 15.18, que têm notas sobre o *Pacto Abraâmico.* Ver o *Pacto Mosaico,* explicado na introdução a Êxo. 19. Cf. Jer. 31.31-34.

Acabarei com as bestas-feras da terra. Neste versículo, há também a promessa de que a Terra será libertada de bestas selvagens. Provavelmente, o autor espera que entendamos os dois tipos de feras: literais e figuradas. Ver sobre *Pacto de Paz,* em Eze. 37.26 e Isa. 54.10. Segundo os dispensacionalistas, temos aqui o famoso reino *milenar* de paz. A contenda universal se acalmará na presença de Deus, quando o Messias se manifestar. Cf. esta idéia com Heb. 13.20.

34.26

Eu farei bênção. Eles (o Novo Israel) tornar-se-ão uma bênção universal para todas as nações (como também foi prometido no Pacto Abraâmico): "Em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gên. 12.3).

Farei descer a chuva; a seu tempo, serão chuvas de bênção. A referência é às *chuvas anteriores* (do outono) e *posteriores* (da primavera), que garantiam o sucesso da agricultura. Cf. Lev. 26.4; Deu. 11.14; 28.12; Jer. 5.24; Osé. 6.3. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Chuvas Anteriores e Posteriores.* A chuva é um símbolo vivo de bênçãos de todos os tipos, porque nada poderia existir sem a água dos céus.

> *Derramarei água sobre o sedento e torrentes, sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção, sobre os teus descendentes.*
>
> (Isaías 44.3)

Eze. 34.26 (o presente versículo) inspirou o belo hino *Chuvas de Bênçãos:*

Haverá chuvas de bênçãos, é a promessa do amor;
Haverá estações refrescantes, mandadas do Salvador.
Chuvas de bênçãos, chuvas de bênçãos precisamos.
Gotas de misericórdia ao redor estão caindo,
Mas pelas chuvas imploramos...
Haverá chuvas de bênçãos, preciosa revivificação;
Sobre as colinas e nos vales,
O som da abundância de chuva.

(El Nathan)

34.27

A terra dará a sua novidade. A *agricultura* florescerá sobremaneira; haverá ceifas abundantes de todos os tipos de produtos. O Pão da Vida satisfará todos e não haverá fome. A *Nova Era* será um tempo muito especial, espiritual e materialmente. Cf. Osé. 2.22; Joel 3.18; Amós 9.13-14; Zac. 8.13 e Jer. 27.1-28.17.

Estarão seguras na sua terra. Haverá *segurança* espiritual e física. O povo nunca mais receara os ataques de inimigos, guerras e contendas externas e internas. O Pacto de Paz é a garantia absoluta de uma longa era de tranqüilidade. Cf. Jer. 23.6. A presença do Messias acalmará a contenda universal.

Quando eu quebrar as varas do seu jugo... Não haverá nenhuma forma de *escravidão.* Yahweh a obliterará, quebrando as cadeias e libertando os cativos. O espírito do homem não mais será amarrado, nem mesmo por pecados e defeitos.

Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.

(João 8.32)

O poder de Satanás será quebrado e as almas serão libertadas. Cf. Luc. 1.74-75; Jer. 22.13; 25.14; Gên. 15.13 e Êxo. 1.14.

34.28

Não servirão de rapina aos gentios, e as feras da terra nunca mais as comerão. As nações, que caçaram Israel como um animal e o cativaram nas suas armadilhas, serão aniquiladas. As bestas da terra, literais e figurativas, não mais terão poder para machucar e fazer recear (ver o vs. 25). Israel habitará a terra em segurança (vs. 25); viverá sem temores, porque os seus agentes sumirão de cena. A *repetição* é um elemento do estilo literário do autor, e este versículo segue o padrão. Cf. Jer. 23.6. O vs. 8 do presente capítulo apresenta um contraste. Ver também Jer. 30.10 e 46.27, que repetem elementos deste versículo.

34.29

Levantar-lhes-ei plantação memorável. A *agricultura abundante* (vs. 27) volta como tema deste versículo.

Nunca mais serão consumidas pela fome. A fome, física e espiritual, não mais assustará o povo, que será alimentado pelo pão dos céus (João 6.22 ss.). As plantações de plenitude são as *plantações de paz,* que é a leitura da Septuaginta e do siríaco. Essa leitura exige uma mudança de posição das consoantes na palavra hebraica, que poderia representar o texto original. A RSV adotou a declaração da Septuaginta.

Nem mais levarão sobre si o opróbrio dos gentios. Israel nunca mais servirá de zombaria. Não mais será insultado nem perseguido. Cf. Jer. 6.10; 20.8; 23.40; 24.9-10; 44.8; Eze. 5.14-15. Será o Cabeça das nações, e Jerusalém tornar-se-á a capital religiosa do mundo.

34.30

Saberão, porém, que eu, o Senhor seu Deus, estou com elas. Yahweh ficará conhecido entre eles, um tema que se repete 63 vezes neste livro, usualmente em associação ao julgamento, mas às vezes referindo-se à restauração e ao favor especial de Deus, como no presente versículo. Cf. Eze. 16.63; 28.25-26; 29.21. Este conhecimento é um poder ativo, não meramente a acumulação de dados cerebrais. Seu povo antigo tornar-se-á Seu povo moderno, na era da paz, quando o Pacto Abraâmico se realizar. Yahweh estará com eles; Sua presença os engrandecerá.

Casa de Israel. Judá-Israel reunificado, no Novo Israel, tomará o lugar da *casa rebelde apóstata.*

Diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) faz a afirmação escatológica e, pelo exercício de Sua soberania, será como Ele falou. Cf. o vs. 24. O Pacto Abraâmico florescerá no Novo Pacto.

34.31

Vós, pois, ó ovelhas minhas. O *seu povo* é o *seu rebanho* (vs. 30), porque ele é o Bom Pastor (afirmado em dois oráculos: vss. 11-16 e 23.24). *Adonai-Yahweh* (título divino usado 217 vezes neste livro) decretou o benefício para o Novo Israel. Ele é *Elohim,* o Poder, e Sua vontade não pode falhar. O destino dos homens e das nações é determinado por Ele. Cf. Sal. 100.3 e João 10.11.

Homens sois, mas eu sou o vosso Deus. O capítulo termina com uma declaração firme e benéfica, apontando o objeto da linguagem figurada que a antecedeu: a comunhão de Yahweh com o Seu povo, no Novo Dia escatológico, quando os propósitos divinos se cumprirão. Assim, o abismo entre Deus e Seu povo se fechará e haverá acesso ao divino. Yahweh deita uma ponte sobre as águas perturbadas.

Capítulo Trinta e Cinco

Oráculo contra o Monte Seir (35.1-15)

O profeta já entregou um oráculo contra Edom (Eze. 25.12-14), então por que outro? E por que o novo oráculo foi registrado no meio do texto que trata da *restauração de Israel?* Provavelmente Edom representa todas as nações pagãs que devem ser rebaixadas, antes que Israel possa levantar-se como chefe das nações. A destruição de Edom talvez seja um *sinal* do início dos julgamentos de Deus contra o mundo pagão. O julgamento se baseará em como cada nação tratou Israel (entre outros fatores). Cf. Gên. 12.3: "Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra".

Repetições. De acordo com seu estilo literário, o autor continua produzindo muitas repetições: vs. 2 (= 6.2; 25.2); vs. 3 (= 5.8; 6.14); vs. 4 (= 12.20); vs. 5 (= 21.25; 25.12,15); vs. 6 (= 11.8; 22.4); vs. 7 (= 14.13,17,19); vs. 8 (= 6.3; 31.17-18); vs. 11 (= 20.5,9); vs. 12 (= 15.4; 33.24; 36.4).

É bem provável que este oráculo tenha sido colocado aqui para contrastar com o capítulo 36 (a restauração de Israel e a derrota de seus inimigos). O capítulo 35 é um tipo de prelúdio do outro tema. O oráculo contra Edom reflete a animosidade crescente entre os dois estados. Na hora de sofrimento, às mãos dos babilônios, os idumeus aproveitaram a situação para ocupar parte do sul de Judá (Jer. 49.7-22). Em contraste com o Egito (Eze. 29.13-16), não há promessa de restauração para Edom, que ficará para sempre desolado.

O *monte Seir* (ver a respeito no *Dicionário*) se eleva do planalto, a leste de Arabá. Nesta região estava situada Sela, a capital de Edom. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Edom, Idumeus.*

35.1

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta é a declaração comum que introduz novos materiais e oráculos. Lembra-nos da inspiração das mensagens e de que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

35.2

Filho do homem. Yahweh falou com o profeta utilizando seu título comum (anotado em Eze. 2.1).

Volve o teu rosto contra o monte Seir. Esta é uma expressão comumente usada no livro para exprimir o aborrecimento de Yahweh contra os homens. Sua *ira* estava prestes a desolar o lugar. A carranca do profeta prevê desastres semelhantes aos de Eze. 6.2 e 25.2.

Monte Seir. Título comum posterior de Edom, uma característica geográfica principal do território. Era (é) uma extensão de montanhas a leste do wadi Arabá, ao sul do mar Morto. Aquela porção do país era desolada, e Yahweh tornaria o território inteiro de Edom igual a ela. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Seir,* para detalhes. Deu. 1.2; 2.1,5; I Crô. 4.42; e Gên. 25.25 acrescentam informações. *Seir* significa *desgrenhado,* aludindo às colinas ásperas da localidade.

35.3

Assim diz o Senhor Deus:... Estenderei a minha mão contra ti. A mão poderosa de *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) está prestes a golpear Edom e reduzi-lo a pó, deixando-o totalmente desolado.

O Soberano, que determina o destino dos homens e das nações, usa Sua *mão* poderosa em cada situação que exige mudança. Ver sobre *mão,* em Sal. 81.14; e no *Dicionário;* ver sobre *mão direita,* em Sal. 20.6; e sobre *braço,* em Sal. 98.1. Com estes termos antropomórficos, o profeta comunica sua mensagem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo.* Cf. Jer. 49.17.

Farei desolação e espanto. Literalmente, no hebraico, uma *desolação de desolado,* isto é, *absolutamente* desolado. Edom perderia sua identidade nacional, deixando de ser uma nação distinta, e seus territórios seriam invadidos e habitados por estrangeiros. Os poucos sobreviventes do ataque babilônico se misturariam com os novos habitantes.

A profecia é também escatológica, empregando a palavra *Edom* para representar coletivamente as nações pagãs. Todos os povos fizeram Israel sofrer e deveriam pagar o preço por ter violado o povo do Pacto Abraâmico. Ver Gên. 12.3.

35.4

Farei desertas as tuas cidades. As cidades de Edom serão objetos especiais para as forças de aniquilação. A ira de Yahweh terá alvos específicos que, sendo destruídos, deixarão a própria nação reduzida a nada.

Saberás que eu sou o Senhor. Tornando-se uma terra devastada, Edom *conhecerá Yahweh melhor,* especificamente como Juiz, uma expressão que ocorre 63 vezes neste livro, normalmente associada à idéia de julgamento, como aqui. Às vezes, o mote é a restauração, como em Eze. 16.62; 28.25-26; 29.21 e 34.30.

35.5

Guardaste inimizade perpétua. A regra do jogo era *odiar* uns aos outros; as hostilidades entre Israel e Edom eram constantes e amargas. O programa do ódio começou com Jacó e Esaú, irmãos gêmeos, os pais distantes de Israel e Edom, respectivamente. A inimizade de outras nações contra Israel era forte. Amom, Moabe e Filístia sempre o detestaram e o prejudicaram, mas o ódio de Edom era mais profundo e irracional. Ver Gên. 25.22 e 27.41. O profeta Amós comenta sobre este *ódio maligno* em Amós 1.11, como também Obadias (vss. 10-15). Naturalmente, Israel não era nada inocente, sempre dando suas contribuições maléficas. Salomão explorou os recursos desse país e o reduziu à escravidão (ver II Sam. 8.14-14; I Reis 9.26-28). Até no deserto as hostilidades floresceram (Núm. 20.14-21). Quando a Babilônia atacou Judá, Edom aproveitou a oportunidade para ocupar parte do sul do território judeu. Ver Jer. 49.7-22. A destruição de Jerusalém deixou Judá "de costas", e Edom voou para lá, como um urubu faminto, para devorar o que podia. Cf. Eze. 21.25,29.

35.6

Tão certo como eu vivo, eu te fiz sangrar. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) fez um juramento por "sua própria vida", que Edom sofreria uma devastação fatal e final. O seu destino fora determinado e as hostilidades contra Israel tinham os seus dias contados. O texto da NCV é vívido aqui:

> *Por minha vontade será assassinado; assassínio te caçará; não detestou assassinos e assim vão correr atrás de ti.*

A referência é aos assassinos da Babilônia, o exército especializado em genocídio. A palavra hebraica para sangue é *dam,* que tem som semelhante a *Edom,* que significa *vermelho,* a cor do sangue. O autor brinca com as palavras. Edom, com suas montanhas vermelhas, ficará cheio de sangue. Sangue atrai sangue; é Edom sofrendo o mesmo destino sangrento que fez Judá agonizar. O hebraico literal é gráfico: "Far-te-ei sangue". Amou o sangue e cheio de sangue será.

Sangue te perseguirá. Note-se a repetição da palavra *sangue,* para falar da *guerra,* o que garante que o sangue sempre flui. Violência, matança, massacre, assassinato são os demônios que governam o campo de batalha.

35.7

Farei do monte Seir extrema desolação. Edom (o monte Seir), aniquilado pela Babilônia, ficará absolutamente desolado (vs. 4). Haverá poucos sobreviventes no território desabitado.

Eliminarei dele o que por ele passa, e o que por ele volta. *Os comerciantes* não se interessarão pelo território, por falta de compradores para seus produtos. Os circuitos do comércio cairão em desuso. Cf. esta declaração com Apo. 18.11. Edom era uma terra de tribos nômades que promoviam o comércio para sobreviver; havia caminhos para as caravanas, as quais produziam bastante riqueza, mas tudo isto terminou. O comércio entre o Egito e a Índia não mais passava por Edom. Outros caminhos substituíram os velhos, e o intercâmbio continuava sem a participação dos idumeus. Animais selvagens assombravam os lugares onde antes o dinheiro fluía.

35.8

Encherei os seus montes dos seus traspassados. Os cadáveres estavam espalhados em toda parte, poluindo o país com fedor e perigosa decomposição bacteriológica. Nenhum lugar fora poupado: as cidades estavam cheias de carniça, assim como as montanhas e os caminhos do deserto. Não houve sobreviventes suficientes para enterrar os mortos, nem água no país para limpar as ruas de tanto sangue. A evidência da ira de Yahweh estava clara e não haveria restauração, afinal. Cf. a descrição de Eze. 39.4-5 e do Apo. 16.3-4; 19.18-19. Edom ficaria essencialmente *desabitado,* informação que recebemos em Eze. 6.3 e 31.17-18. Ver também Eze. 32.20-32 e 36.6.

35.9

Em perpétuas desolações te porei. Edom nunca mais se recuperaria, em contraste com o Egito, que sofreu golpes pesados, mas sempre voltou para uma glória razoável (ver Eze. 29.13-16). O ódio de Edom era especialmente violento e seu julgamento seria efetuado segundo esse padrão. "Terá desolação perpétua, porque seu ódio fora perpétuo" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Mal. 1.4. Edom era como uma pedra de moinho lançada ao mar: afundou, desapareceu; *finis!* Ver Apo. 18.21.

Conquistas nunca permanecem. O que o conquistador obtém hoje, perderá amanhã. O destino é assim, sempre intercambiando com a sorte dos homens. Mas Edom foi uma exceção; caiu e não se levantou mais; perdeu-se nas páginas do livro da história.

Assim sabereis que eu sou o Senhor. Os poucos sobreviventes conhecerão Yahweh como Juiz, tema constante neste livro. Ver as notas no vs. 4 deste capítulo.

35.10

Os dois povos. Israel e Judá, contra quem Edom guerreou do início até o fim. Edom cobiçava os dois territórios, mas a presença de Yahweh, vigiando, não permitiu a realização de seus planos sombrios. Mesmo quando Judá estava no exílio na Babilônia, seu território foi protegido para que o pequeno remanescente pudesse voltar e começar tudo de novo no "lar" histórico. Em nossa própria época, os judeus voltaram a possuir sua terra, depois de séculos de vagueações entre as nações estrangeiras. A *presença* divina os protegia, porque o propósito de restauração continuava firme. O futuro verá uma restauração ainda maior e mais gloriosa, que é o tema dos capítulos 33-39. O Pacto Abraâmico nunca será ab-rogado. Houve e haverá futuro para Israel.

E as duas terras serão meus. Ver a apropriação da terra de Judá, a porção no sul, por Edom, quando o cativeiro babilônico estava em efeito, em Eze. 36.5 e Oba. 13. Para a *presença protetora,* cf. Eze. 48.35; Sal. 48.1; 132.13-14. A Terra pertencia a Yahweh e foi *Ele* quem a deu a Israel. Nenhum homem tinha o direito de perturbar aquela circunstância; ninguém podia reverter a condição e anular a vontade de Deus. O velho problema continua no conflito entre os judeus e os árabes, mas a palavra de Deus não pode ser quebrada; Israel reterá seu território.

35.11

Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, procederei segundo a tua ira e segundo a tua inveja, com que, no teu ódio, os trataste. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) outra vez faz um juramento por "sua própria vida" e, no exercício de Sua soberania, realizará o que quiser. Edom será julgado segundo a *Lex Talionis* (retribuição de acordo com a gravidade do crime; ver a respeito no *Dicionário*).

Serei conhecido no meio deles. *Yahweh ficará conhecido* como o Juiz que aplicou a *Lex Talionis* (retribuição de acordo com a gravidade do crime) rigidamente, para acabar com a raça de Edom. O tema sobre Yahweh ficar conhecido repete-se mais uma vez no vs. 12. Cf. os vss. 4 e 9.

Procederei segundo a tua ira e segundo a tua inveja. *Antropomorfismo.* Este versículo, como muitos outros da Bíblia, retrata Deus como possuidor de atributos e emoções humanas, uma imposição da fraqueza da linguagem humana. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo.*

35.12

Edom, ímpio e perverso, quis *devorar* as montanhas de Israel, isto é, *todo o Israel*, retratado como pessoas adorando Yahweh no monte Sião (ver Deu. 3.25). A boca de Edom estava cheia de ameaças e maldições, e Yahweh, ouvindo todo aquele "falar duro", se irritou e pegou Sua espada para fechar a boca do blasfemador. Edom quis desolar Judá e, depois, devorá-la como um animal devora uma besta menor que encontra na floresta. Yahweh não permitiu aquele ato e o devorador foi devorado. Assim, temos um quadro vívido da operação da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Yahweh *ficou conhecido* como o Juiz Destruidor, um tema constante no livro de Ezequiel.

Alegria na Violência. Edom se divertia com seus planos de assumir controle de parte do território de Judá, enquanto o remanescente estava na Babilônia, pois gostava do sofrimento que tornou essa circunstância possível. Seus pensamentos o divertiam, mas Yahweh traria o "segundo pensamento" que, segundo os gregos, *é mais sóbrio*. Cf. Apo. 11.10.

35.13

O que se praticou contra Israel, foi praticado contra Yahweh. A identificação era absoluta como "Pai-filho" (Êxo. 4.22). "Deus considera o que se faz contra Seu povo como feito contra Ele" (Fausset, *in loc.*). Ver Mat. 25.45 e Atos 9.1,4-5, que anunciam o princípio. "Julgará as nações do mundo de acordo com o seu tratamento dado a Israel (Mat. 25.31-36). Serão valorizadas ou desvalorizadas, segundo suas ações em relação a Israel" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Ver também Gên. 12.3 e Jud. 15, que têm idéia semelhante.

35.14

Ao alegrar-se toda a terra eu te reduzirei à desolação. O hebraico deste versículo tem sofrido alguma corrupção, fazendo os intérpretes produzir diversas interpretações. Parece que o significado é: a alegria que Edom sentiu, vendo os sofrimentos de Israel, era *contagiosa* e infeccionou outras nações. Mas outros interpretam como a NCV: "Toda a terra se regozijará quando eu fizer de ti uma ruína desolada".

Yahweh é retratado como a Causa tanto da queda de Edom quanto da alegria que se manifestou entre as nações.

35.15

Como te alegraste com a sorte da casa de Israel... assim também farei a ti. Com *antropopatismo ousado*, o autor agora retrata o próprio Yahweh sentindo prazer na aniquilação de Edom. De fato, Yahweh exulta com a queda daquele país que havia humilhado Judá e agora está humilhado na poeira da terra. Quando Edom sofrer suas desgraças tão merecidas, Yahweh rirá.

> *Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles.*
>
> (Salmo 2.4)

Utilizar tais descrições para falar de Deus é, de fato, precário. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Antropopatismo*. A linguagem e a teologia humana, ambas tão fracas, se unem para produzir declarações duvidosas sobre Deus.

> *Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor?*
>
> (Romanos 11.33-34)

"Mais cedo ou mais tarde, Edom aprenderá que o que parecia ser só outro deus tribal era, de fato, o poderoso Yahweh, Senhor de toda a terra. O que algumas pessoas acham ser conversa leve sobre justiça e direitos humanos, é vital na ordem moral que deve governar as nações. O profeta invoca a ordem moral que, desobedecida, esmaga aqueles que a rejeitam" (E. L. Allen, *in loc.*).

"O capítulo inteiro inculca esta máxima: trate os outros como quer que os outros tratem você; não faça a outros o que não quer que seja feito a você" (Adam Clarke, *in loc.*, aludindo a Mat. 7.12). Cf. Oba. 12,15.

Capítulo Trinta e Seis

Restauração das Montanhas e do Povo de Israel (36.1-38)

Este capítulo se divide naturalmente em seis partes: 1. vss. 1-7; 2. vss. 8-15; 3. vss. 16-21; 4. vss. 22-32; 5. vss. 33-36; 6. vss. 37-38. Cada seção é iniciada com um título e parágrafo introdutório que apresentam a essência do que vem a seguir.

O capítulo 36 é uma antítese do anterior. Deus deve intervir em favor de Seu povo e, quando agir, rebaixará os inimigos de Israel, como Edom e as outras nações hostis. Ver Eze. 35.1-3,8. As montanhas dos inimigos de Israel, como o *monte Seir* (que representava Edom inteiro), devem ser julgadas e niveladas. Contrariamente, as montanhas de Israel devem ser restauradas (Eze. 36.1). "Nos vss. 1-7, Edom representa todas as nações pagãs que procuraram prejudicar Israel (ver os vss. 5 e 7)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

"Os vss. 1-15 apresentam um contraste deliberado com Eze. 35.1-15, que é o oráculo contra o monte Seir. Como o *inimigo* se regozijava com a queda das montanhas de Israel e as reivindicara por sua possessão, sofrerá a punição de Yahweh (vss. 1-7). Mas as montanhas de Israel serão novamente frutíferas, e suas cidades serão habitadas (vss. 8-15)" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

Montanhas. As colinas de Jerusalém (incluindo o monte Sião, onde se localizava o templo) representam Israel inteiro, sendo o santuário o coração do país, sem o qual ele não tinha nenhuma distinção.

Julgamento sobre as Nações Gentílicas (36.1-7)

Edom, opressivo, representa todas as nações gentílicas hostis a Judá-Israel. Contrariando as perseguições, Yahweh fala confortavelmente *às montanhas* de Seu povo. A alusão é ao monte Sião, que contrasta com o monte Seir do capítulo 35.

36.1

Filho do homem, profetiza aos montes de Israel. Yahweh fala com o profeta utilizando seu título comum (citado em 2.1). Este oráculo é de conforto, visando a volta do povo do cativeiro babilônico e a restauração subseqüente, mas profeticamente destaca o Reino do Messias e a paz que Ele trará.

"A profecia das montanhas: a restauração de Israel. *Vss. 1-7*: as montanhas de Israel e os planaltos representam o país inteiro (Deu. 3.25). Embora enfrentando as hostilidades de Edom (Eze. 35.1-15) e perdendo a Terra Prometida, perseguido pelas nações durante séculos, Israel será restaurado à sua herança (Mal. 1.2-5). A terra será produtiva, ultrapassando qualquer período de sua história antiga, inclusive os anos imediatamente depois da libertação do Egito. Ver Osé. 11.1-4 e Jer. 2.1-3" (*Oxford Annotated Bible*, introdução ao capítulo).

36.2

Judá foi massacrada e os poucos sobreviventes foram levados para a Babilônia. Edom, aproveitando a oportunidade, se apossou de parte do sul do país. O Poder Supremo, *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) não permitiria que aquela situação continuasse. Ele preparou um julgamento severo e decisivo contra Edom (e as nações de modo geral). Os inimigos zombaram do povo dizendo "Ah!", uma exclamação de prazer perverso, que a Atualizada traduz, simplesmente, como "Bem feito!". Os poderes hostis meteram a mão nos "eternos lugares altos", isto é, nas colinas ao redor de Jerusalém, inclusive no monte Sião, a localidade do templo onde o culto a Yahweh se realizava. Estão em vista o santuário e as colinas ao redor, não os *lugares altos* idólatras (ver a respeito no *Dicionário*). O *monte Sião* contrasta, violentamente, com o monte Seir, onde Yahweh não era honrado. Ver as *colinas eternas* da profecia de Jacó (Gên. 49.26).

36.3

O Plano Diabólico Desfeito. Yahweh não permitiu (por muito tempo) a ocupação da Terra Prometida por forças alheias, antes preservou-a para Seu povo, depois do cativeiro babilônico. A história se repetirá antes do tempo do Reino do Messias, quando Israel recuperará todas as suas terras, segundo a promessa do Pacto Abraâmico. Historicamente, Edom era o ofensor principal, mas outras nações também tinham planos diabólicos em relação à Terra Prometida. Cf. Esd. 9.1; Nee. 2.19; 4.1-3; 13.23. O povo esmagado (Judá) tinha potencialmente o que restou; sua terra. De qualquer maneira, todas as vitórias contra Israel eram, por natureza, temporárias, porque Yahweh sempre controla o destino das nações.

> *De um só fez toda raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação.*
>
> (Atos 17.26)

Os tempos e as terras estão nas mãos de Yahweh, que controla cada nação, sua história, a terra que ocupa e suas finalidades. O nome dele é *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) e este título já nos informa que Sua *soberania* prevalecerá. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania de Deus*.

36.4

Assim diz o Senhor Deus aos montes e aos outeiros... *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) pronunciou uma maldição contra os ofensores que maltrataram Israel. Este título divino ocorre 14 vezes neste capítulo e 217 no livro inteiro. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* O Soberano fala com as montanhas de Israel-Judá (ver o vs. 1), personificando-as. Elas representam Israel, assim como Seir representa Edom (capítulo 35). O culto a Yahweh se realizava nas colinas, onde o monte Sião estava situado. Aqui, as colinas se associam a correntes de águas, vales, lugares desolados, cidades desamparadas, termos que falam também de Israel, o objeto de escárnio das nações pagãs. Não podiam continuar as condições adversas, nem os atos dos perseguidores e destruidores.

Houve pilhagem do que sobrou depois do ataque babilônico, da mesma maneira que um caminhão tombado na estrada atrai os "urubus" de pilhagem (pessoas desonestas que se aproveitam das tragédias dos outros).

36.5

Assim diz o Senhor Deus: Certamente no fogo do meu zelo falei. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus), vendo o que estava acontecendo, pronunciou um julgamento severo contra aqueles criminosos. Seu ciúme era *quente,* porque o *Seu povo* estava sendo explorado, e a Terra que Ele lhes havia dado estava sendo confiscada. Ver sobre *Deus ciumento,* em Deu. 4.24; 5.9; 6.15; 12.16,21. O uso é, obviamente, antropopatético, atribuindo a Deus sentimentos humanos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropopatismo.* Os planos diabólicos contra Israel eram também contra o seu Deus, o Soberano. A terra foi pilhada com alegria perversa, emanada de corações cruéis. Yahweh logo acabaria com aquele ultraje. A terra seria ocupada temporariamente; a vitória passaria em breve para o lado de Judá. Cf. Oba. 12-14.

36.6

Eis que falei no meu zelo e no meu furor. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) continua com seu juramento-profecia, expressando ira e intenção de acabar com o jogo sujo dos inimigos de Israel. O profeta cuidadosamente repete as diversas designações de Israel, produzindo uma lista semelhante à do vs. 4, e fala com "aquele povo" (dos montes, correntes, vales etc.). Promete que a pilhagem, o escárnio e o opróbrio daqueles reprovados não continuarão. O prejuízo seria temporário, porque o desígnio divino visava a restauração e não o *finis,* para Israel. O *finis* se aplicava a Edom, não a Judá (como deixa claro o oráculo do capítulo 35). Cf. Sal. 123.3-4.

36.7

Jurei que as nações que estão ao redor de vós, levem o seu opróbrio sobre si mesmas. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus, título divino usado por 14 vezes neste capítulo e 217 vezes no livro inteiro) levanta a mão direita e faz um juramento solene: aqueles que cometeram ultrajes logo sofrerão o opróbrio divino na forma de desolação para suas terras e massacre de seus povos. Yahweh aplicará a *Lex Talionis* (retribuição de acordo com a gravidade do crime; ver a respeito no *Dicionário*). Cf. Gên. 12.3; Eze. 20.5 e Mal. 1.2-5. Nesta última referência, a destruição de Edom se apresenta como evidência do amor de Deus para com Israel. O triunfo pagão terá vida curta e fim violento. Aqueles perversos haviam semeado o vento e ceifariam o remoinho (ver Osé. 8.7).

A Restauração das Montanhas de Israel (36.8-15)

36.8

Ó montes de Israel, vós produzireis os vossos ramos. Embora recentemente devastadas, as *montanhas* (país) de Israel logo se recuperariam, a agricultura floresceria e produziria abundância de alimentos, com produtos de todos os tipos para o povo recém-chegado do cativeiro babilônico. Yahweh tocou o coração de Ciro, que decretou a liberdade de Judá (e de outros povos). Coisas impressionantes acontecem quando Yahweh toca o coração dos homens. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Alguns intérpretes acham que a profecia aqui é de longo alcance, descrevendo o Reino do Messias (e o milênio?). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Milênio.* Quando a profecia foi pronunciada, cerca de 58 anos, dos 70 do cativeiro, tinham passado (ver Jer. 25.11-12). A restauração histórica estava às portas, e logo se cumpririam as grandiosas promessas de Yahweh. Antes da restauração histórica, o julgamento de Deus nivelaria os inimigos de Israel; o mesmo se aplica à restauração escatológica.

Israel tornar-se-á como uma árvore florida, ou uma *videira frutífera,* símbolos de vida e de plenitude. Sua volta, depois do cativeiro babilônico, representará as primícias de uma realização histórica e escatológica de grandes proporções: a diáspora será totalmente revertida, preparando o caminho para o Reino do Messias.

36.9

Porque eis que eu estou convosco. Yahweh se declara ao lado de Israel, fazendo Sua parte: favorecendo-o, abençoando-o ricamente, protegendo-o com o poder de Sua soberania; cultivando suas montanhas, aguardando a Terra Prometida com as chuvas anteriores e posteriores, nas estações certas, garantindo uma ceifa abundante.

36.10

Multiplicarei homens sobre vós. A terra produzirá todas as coisas necessárias para a vida, de maneira extraordinária; o povo favorecido terá vida abundante e cheia de paz. As velhas contendas serão acalmadas; as cidades abandonadas terão novamente grandes populações de pessoas felizes; o som da música e da dança voltará, substituindo as lamentações. Os lugares devastados serão restaurados.

Haverá grande *restauração,* um tema favorito dos profetas que nunca cansaram de transmitir oráculos sobre o assunto. A volta da Babilônia seria um antegozo de maravilhas escatológicas.

Israel. Normalmente este livro fala de *Judá,* utilizando esse título, mas provavelmente está em vista aqui "todo o Israel do futuro, o Novo Israel". Cf. Eze. 3.1,4-5,7; 4.3; 5.4. Ver também Isa. 58.12; 51.4 e Amós 9.11-12,14.

36.11

Multiplicarei homens e animais sobre vós. Tanto homens como animais multiplicar-se-ão de maneira assustadora, enchendo o país com criaturas vivas, como se fosse uma gigantesca *nova criação,* a fim de garantir um magnífico Novo Israel.

Fá-los-ei habitar-vos como dantes. Uma referência à possessão da Terra Prometida depois da libertação do Egito, ou de modo geral, aos bons tempos quando Israel era uma grande nação. Cf. Osé. 11.1-4; Jer. 2.1-3,6-7. Depois do cativeiro, provavelmente as terras de clãs e famílias seriam restauradas aos seus donos, na medida do possível. Mas a restauração do texto é também escatológica e não permitirá os obstáculos e as restrições do passado. Será, verdadeiramente, um *Novo Dia.*

Sabereis que eu sou o Senhor. Através da restauração, Israel *conhecerá melhor Yahweh,* tema repetido 63 vezes neste livro, normalmente associado à idéia de julgamento, mas aqui à restauração (cf. Eze. 16.63; 28.25-26; 29.21; e 34.30).

36.12

Farei andar sobre vós homens. As montanhas abandonadas terão, de novo, uma grande população espalhada sobre elas. As multidões possuirão as colinas e a herança será repossuída. Os pagãos as pisaram ilegalmente; os novos habitantes serão seus amigos, estabelecendo ali lares permanentes. "Em vez de serem desertos cruéis com seca, fome e morte, os territórios de Israel tornar-se-ão regiões de bênçãos divinas. As condições adversas anteriores serão anuladas. Ver Lev. 26.18-22; Núm. 13.32; Deu. 28.20-24. Isto se realizará quando Israel possuir sua Terra no reino milenar de Cristo" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

36.13

Visto que dizem: Tu és terra que devora os homens... *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) continua Seu discurso "às montanhas". 1. Outros povos se queixaram contra "as montanhas de Israel", acusando-as de ter pisado outros povos, devastando-os e matando-os. 2. Ou o significado é que as montanhas (sendo invadidas) terminaram devastando o próprio povo. 3. Ou o julgamento de Deus fez as montanhas perseguir, matar e mandar embora os judeus apóstatas que nelas habitavam. Provavelmente esta terceira idéia é correta. As montanhas são descritas poeticamente como *expulsoras* do povo de Israel.

Quando os bons tempos voltarem, todas as catástrofes e ultrajes do passado serão anulados. A terra, personificada, é descrita como causadora ativa de tudo quanto aconteceu. As montanhas foram como uma mãe desnaturada que devorou os próprios filhos.

36.14

Não devorarás mais os homens. Todo aquele sofrimento deve cessar; as montanhas não podem mais devorar seus próprios habitantes, suas *filhas.* Houve um tempo de julgamento refinador; esse tempo passou e um novo dia chegou; a purificação alcançou seus objetivos. Todos os julgamentos de Deus são restauradores, pois o julgamento é um dedo na mão amorosa de Deus. Ver este princípio comentado nas notas em I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado.*

36.15

Não permitirei jamais que ouças a ignomínia dos gentios. Os insultos dos pagãos devem cessar; Israel não pode mais ser perturbado; o opróbrio dos povos deve parar; os inimigos de Israel não podem mais pisotear o povo de Yahweh. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) decreta paz. O passado, tão cheio de abusos e desastres, teve seu dia e desapareceu. As *abominações* cometidas causaram todo aquele sofrimento (Eze. 33.29). Yahweh removeu o câncer e o paciente se recuperou totalmente. A *temível tríade* (espada, fome e pestilência, ver Eze. 5.12) completou seu trabalho de vingança, purificando o povo sofrido. Ela não voltará para espalhar terror. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Abominação*.

Israel Punido por Suas Maldades (36.16-21)

Este oraculo volta para revisar, uma vez mais, o passado de falhas de Judá, suas muitas iniqüidades e perversidades; sua idolatria-adultério-apostasia. O encorajamento do oráculo anterior, sobre a restauração, silencia, enquanto a tirada contra os pecados continua. Quando os oráculos se apresentaram, Israel ainda estava em meio a seus sofrimentos autoprovocados. As *razões* dos reversos do povo são revisadas. O prestígio de Yahweh estava em jogo, por não permitir a restauração. Entretanto, a restauração estava prestes a acontecer e, com ela, o prestígio de Yahweh seria recuperado. O nome santo do Senhor seria vindicado, porque os ímpios devem pagar o preço de suas tolices. O nome do Senhor é também um nome de amor, a restauração exaltaria Seu nome. Yahweh age com misericórdia e graça, sem as quais Seu nome não impressiona ninguém. De qualquer modo, a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* deve produzir os efeitos desejados: punição, vingança e, finalmente, purificação e restauração. Deve existir um lugar onde o Deus que puniu pronuncie: Basta! Que seja uma cura; que seja salvação.

36.16

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta é a declaração comum que introduz novos materiais e oráculos. Lembra que as mensagens foram inspiradas e que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

36.17

Sua terra, eles a contaminaram com os seus caminhos e as suas ações. O ataque do exército babilônico puniu e purificou. Israel-Judá habitava a Terra Prometida de modo descuidado, maldoso, pervertido e ímpio, poluindo tudo e todos. Foram quebrados todos os Dez Mandamentos, repetidamente, contrariando a lei de Moisés, que era o guia do povo (ver Deu. 6.4 ss.).

Como a imundícia de uma mulher em sua menstruação, tal era o seu caminho perante mim. Os hebreus encaravam a menstruação da mulher como uma doença, não como um processo natural. A mulher e tudo que ela tocava ficavam *imundos* naquele período. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Limpo e Imundo*. A idéia aqui é que nenhuma nação poluída poderia manter posição distinta entre as nações. De fato, Israel, imunda, tornou-se a pior das nações e passível de julgamento. A lei tinha a intenção de tornar Israel um povo distinto (Deu. 4.4-8). Imunda, a nação não tinha nem o poder de manter seu lar e foi expulsa por forças estrangeiras. A terra "vomitou" a imunda prostituta, o Israel apóstata. A senhora doente foi isolada em quarentena na Babilônia. Cf. Lev. 15.19.

36.18

Derramarei, pois, o meu furor sobre eles, por causa do sangue... e por causa dos seus ídolos. Os dois pecados pesados, o assassinato e a idolatria, tão largamente praticados na Judá pré-cativa, representavam a totalidade das iniqüidades que anularam a lei mosaica entre o povo. A depravação persistente provocou a ira de Yahweh. O julgamento seria furioso e esmagaria aquele povo abominável. O autor continua com seu *antropopatismo*, aplicando a Deus emoções humanas. A linguagem e a teologia dos homens são fracas, compelindo-os a contentar-se com tais descrições improváveis da pessoa de Deus. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo*. Os *Dez Mandamentos* (também no *Dicionário*) tinham orientações específicas contra os pecados referidos no presente texto. Ver Êxo. 20.4-5,13. Cf. Eze. 16.36,38 e 23.37.

36.19

Espalhei-os entre as nações. Depois do massacre terrível, efetuado pelo exército babilônico, seguiu-se o cativeiro. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico*. Assim, a mulher menstruada, sendo considerada imunda, era separada de seu lar e sofria o isolamento da quarentena naquele lugar (ver o vs. 17). Cf. Eze. 22.15.

"Foram dispersos, soprados fora como o palhiço, condenados e punidos por causa de seus caminhos ímpios e de suas obras maldosas, o que satisfez as regras da justiça" (John Gill, *in loc.*).

36.20

Profanaram o meu santo nome. Aqueles homens reprovados profanaram o santo nome de Yahweh. Até no cativeiro na Babilônia persistiam em suas poluições, mostrando-se rebeldes contra as velhas tradições da lei mosaica. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Nome* e ver também Sal. 31.3. O nome implica tudo o que a pessoa é, inclusive sua natureza e atributos. Ver sobre *Nome Santo*, em Sal. 30.4 e 33.21. Ver sobre a *profanação* do nome divino, em Eze. 20.9; cf. Lev. 18.21; 19.12 e 20.3.

Pois deles se dizia: São estes o povo do Senhor, porém tiveram de sair da terra dele. Os inimigos zombavam dos israelitas. Era uma situação absurda de contradição, que incitava o escárnio dos pagãos. O povo de Yahweh era tudo o que Yahweh não era. Ver as notas sobre "o povo do Senhor", em Êxo. 6.7; Lev. 20.24,26; Deu. 4.20 e 7.6. A congregação de Israel era chamada de "assembléia de Yahweh" (Núm. 16.3; 20.4; 27.17; 31.16). Sua associação os separou das demais nações, como povo distinto, mas eles continuamente violaram seus privilégios e posição. Tornaram-se piores do que as nações ao redor, afundando-se mais e mais nas suas corrupções.

O Targum diz: "Se estas pessoas são o povo de Yahweh, como é que eles saíram da Terra da casa da Majestade?".

36.21

Tive compaixão do meu santo nome. Yahweh se preocupou com a reputação de seu santo nome, por serem as condições em Israel tão adversas. A má reputação do povo se refletiu na de Yahweh, "sujando" Seu nome. Os incrédulos não podiam entender como "o povo de Deus" se afundara em tão lamentável estado. Assim sendo, foi necessário que Yahweh reagisse, demonstrando que o julgamento de Seu povo, embora extremamente severo, era justo. Depois, a misericórdia entraria para consolidar o ganho trazido pela punição. O presente versículo naturalmente é uma declaração unilateral, que exclui momentaneamente de que modo a misericórdia e o amor de Deus salvariam o povo no meio de sua angústia. Cf. Eze. 20.9 e 14, que são quase iguais.

A Restauração de Israel (36.22-32)

Yahweh deve vindicar seu santo nome, agindo contra todas as perversidades de Seu povo. Entretanto, agindo assim, não esqueceria de aplicar Sua misericórdia e Seu amor, tão logo o julgamento atingisse Seus objetivos. Julgar–restaurar, eis a obra do Deus da Bíblia.

> *Santificado seja o teu nome; venha o teu reino.*
>
> (Mateus 6.9-10)

Yahweh, por causa de Seu nome, que a casa de Israel profanou entre as nações, vindicará Sua santidade e depois devolverá Israel à Terra Prometida. Criará um novo coração no povo, transformando-o para conformar-se à Sua imagem. A Terra, alegrando-se, produzirá em abundância, e Israel detestará *o que fora*, quando praticara obras abomináveis. Assim aconteceria, e Yahweh "implora" para que os rebeldes reconheçam sua conduta depravada. como primeiro passo do arrependimento.

36.22

Assim diz o Senhor Deus: Não é por amor de vós que eu faço isto... mas pelo meu santo nome. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) continua falando à casa de Israel (ver as notas no vs. 17). Relativamente, a restauração de Israel seria devida ao amor de Yahweh, porque aquele povo nada fizera para merecê-la; mas Ele, numa obra unilateral, exigia somente o arrependimento. A obra agradaria a vontade de Deus e seria boa aos olhos divinos. Graça e misericórdia administradas para aqueles que não as merecem, está de acordo com o atributo de Deus: o amor (I João 4.8). A moeda é, de um lado, o julgamento vingador purificador e, do outro, misericórdia-amor; ambos trabalham juntos para cumprir os mesmos propósitos. Por enquanto, o autor ignora o lado misericórdia-amor e se preocupa com a reputação de Yahweh, Seu santo nome que deve ser vingado. É por causa de Sua misericórdia que não somos aniquilados, Lam. 3.22. O santo nome é vingado porque a punição golpeia o deboche, mas o exercício do outro lado da moeda é essencial para a obra completa e efetiva de Deus. Cf. Eze. 20.41; 28.22,25; 38.16; 39.27. Israel continuará cumprindo as exigências do Pacto Abraâmico e Yahweh sabe como garantir tal continuidade, com uma variedade de ações severas e misericordiosas. Israel deve continuar na sua *Terra*, ou as promessas em relação à *nação* não poderão ser cumpridas.

36.23

Vindicarei a santidade do meu grande nome. É função do julgamento vindicar, portanto, a punição do povo iníquo é inevitável. Também o castigo deve ser suficientemente grande, para tomar Yahweh *conhecido* entre as nações. "Deus deve ser santificado aos olhos do próprio povo de Israel e, então, perante as outras nações" (Ellicott, *in loc.*); assim, ficará conhecido como o Juiz justo, que não deixa os ímpios governar este mundo. Este tema se repete 63 vezes neste livro, sendo um item básico da teologia do Antigo Testamento, não somente de Ezequiel.

36.24

Tomar-vos-ei de volta de entre as nações. A volta de Judá do cativeiro pelo poder de *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) se realizará, porque haverá arrependimento e mudança de conduta. No processo de julgamento-arrependimento-recuperação, o santo nome de Yahweh será vindicado, honrado e louvado. Quando o nome divino for *glorificado,* seu povo também o será. A realização maior do ideal deste versículo será no Reino do Messias, no dia escatológico.

36.25

Aspergirei água por sobre vós. Um ato de santificação e purificação, em que Israel é visto como sacrifício vivo oferecido a Yahweh.

> *Apresentai o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.*
>
> (Romanos 12.1)

O arrependimento do remanescente será genuíno e duradouro, efetuado pelo Espírito e simbolizado pela *aspersão* com água. O arrependimento resultará em mudança radical de vida; a conduta do remanescente será ideal, de acordo com as exigências da lei mosaica. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Arrependimento* e *Santificação.*

... vos purificarei. A aspersão com sangue é anotada em Êxo. 24.6; Lev. 17.16; Núm. 19.17-19. Forneço notas explicativas sobre as *lavagens rituais,* em Êxo. 30.17-21; Lev. 14.52; Núm. 19.17-19. Aqueles ritos simbolizam realidades espirituais que foram realizadas no remanescente, depois da volta do cativeiro babilônico. Uma realização mais significativa acontecerá no Reino do Messias, na restauração de Israel, nos últimos dias. Cf. Heb. 9.13; 10.22; Efé. 5.26; Tito 3.5.

> *Aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura.*
>
> (Hebreus 10.22)

"Purificação de todo tipo de abominação, interna e externa: purificação dos deuses falsos (da idolatria); da adoração falsa; das doutrinas falsas; das esperanças falsas" (Adam Clarke, *in loc.*).

36.26

Dar-vos ei coração novo. Os elementos vitais chegarão ao *coração* do povo, como visto em Eze. 18.30-32. Ver as notas nesse lugar e em Eze. 11.19. O *coração de pedra* da casa rebelde de Israel (Eze. 2.6,8) será substituído por um coração que agrada Yahweh. O texto fala de uma *mudança profunda* no povo. As promessas escatológicas incluem uma série de novas realidades: nova canção; novo nome; novo coração; nova terra; novo céu. Ver Isa. 42.9-10; 43.19; 48.6; 62.2; 66.22; Jer. 3.17; 31.22; 33.16; Sal. 96.1. Cf. II Ped. 3.13; Apo. 5.9 e 21.1,5, no Novo Testamento.

O Targum traz aqui: "... através de um coração e um espírito tementes, quebrarei os ímpios cujo coração é tão duro como pedra". O coração de carne (ver Eze. 11.19) é mole, em comparação com o de pedra, insensível à palavra de Deus. O Espírito dirige o coração sensível, transformando o homem à imagem divina. O coração duro detesta a justiça e a pureza, mas o coração mole está cheio do amor de Deus.

Jeremias usou a terminologia *Pacto Novo* (Eze. 31.31-33) para descrever a renovação espiritual e as condições divinas que trarão o novo dia. O presente texto ilustra "a responsabilidade humana e a graça soberana de Deus, coexistindo. O homem não pode fazer, por si mesmo, um novo coração; Deus o capacita a obter esta realização (Fil. 2.12-13)" (Fausset, *in loc.*).

> *Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.*
>
> (Filipenses 2.13)

36.27

Porei dentro em vós o meu Espírito. Haverá mais em operação do que o velho pacto e a lei de Moisés, que guia (Deu. 6.4 ss.). Haverá atividade incomum do Espírito Santo, que inspira e transforma os homens, criando um *novo andar.* Ver no *Dicionário* sobre a metáfora do *Andar.* O povo, inspirado e capacitado pelo ministério do Espírito, andará nos estatutos e guardará os juízos divinos.

O profeta não abandona as velhas descrições, mas dá um papel importante à operação direta de Deus no coração do homem.

O Novo Pacto exigirá um novo *modus operandi* de espiritualidade, mas a igreja cristã não está em vista aqui, como supõem alguns intérpretes. *Israel,* na sua restauração, é o assunto do texto. Existe uma realização ainda mais alta, em Cristo, que transforma os homens à Sua própria imagem (Rom. 8.29); neste processo, o homem redimido participará da natureza divina (II Ped. 1.4), de modo finito, *mas real.*

Cf. Isa. 42.1 e 44.3. Ver também o derramamento do Espírito, em Joel 2.28-29. "A idéia da possessão do homem, pelo Espírito, tem uma longa história. Ver Gên. 41.38; Êxo. 31.3; I Sam. 10.10; 11.6; Mat. 12.18; Atos 2.17-18. O Espírito entrou em Ezequiel (Eze. 2.2; 3.24; 8.3)" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

36.28

Habitareis na terra que eu dei a vossos pais. O *novo povo* possuirá a velha Terra, que será um *novo lar* para os exilados. A possessão da Terra como lar era (é) parte integral do Pacto Abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18). Os dois cativeiros (na Assíria, o norte; na Babilônia, o sul) foram interrupções temporárias. A diáspora romana também não podia durar para sempre. *Restauração* é a palavra que fala de duração e condição permanente.

Vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus. Esta é a condição *sine qua non* da história de Israel. Cf. Jer. 30.22; Eze. 11.20; 37.27. "A promessa de restauração terrestre deve ser, afinal, cumprida literalmente" (Ellicott, *in loc.,* que escreveu no século 19, quando a restauração de Israel, à sua Terra, parecia improvável, mas o homem tinha fé na sua realização). No século 20, temos visto uma restauração que é um antegozo de maiores coisas, na agenda de Deus, que fatalmente chegarão.

36.29

Israel, libertado de sua idolatria-adultério-apostasia, habitará seguramente na Terra que será extremamente fértil como um sinal da aprovação de Deus. Cf. Eze. 34.27. Não haverá mais fome, um instrumento divino de punição. Cf. Eze. 5.12; Mat. 1.21; Rom. 11.26; Sal. 115.16; Eze. 34.29; Zac. 8.12 e 9.17. O povo santificado terá todas as suas necessidades satisfeitas.

> *O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.*
>
> (Salmo 23.1)

36.30

Este versículo reitera a idéia do vs. 29: haverá abundância e não existirá mais fome. Haverá multiplicação divina de recursos, não meramente um bom ciclo agrícola. A fome era uma desgraça, um sinal do descontentamento de Deus com o Seu povo. O Israel ímpio sofreu *vergonha* (NCV) entre as nações, porque nem comida suficiente tinha. A punição caçava os pecadores. Cf. Eze. 34.27.

36.31

Então vos lembrareis dos vossos maus caminhos. Israel-Judá, lembrando-se de suas abominações do passado, lamentará, porque ter agido com tanta estupidez, que custou ao povo muito sofrimento. Sentirão *ódio por si mesmos* devido a seus feitos odiosos. O arrependimento interromperá o ciclo vicioso de apostasia-castigo-restituição, trazendo verdadeira e duradoura renovação. Israel será curado de seus grandes pecados e levado a um nível de espiritualidade mais alta. "O povo purificado nunca esquecerá a cova horrível e a lama da qual foi libertado. Detestar-se-á por causa de seu passado rebelde" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Eze. 16.61,63; Lev. 26.39. Ver também Eze. 6.9 e 20.43.

Tereis nojo de vós mesmos. O siríaco traz "seu rosto será enrugado", isto é, contorcido em desgosto por causa do passado pouco louvável. O Targum diz: "Gemerá quando se lembrar de seus pecados anteriores e de suas abominações".

36.32

Não é por amor de vós, fique bem entendido, que eu faço isto. Voltamos ao vs. 22. Yahweh restaurou e purificou Seu povo, essencialmente por causa de

Seu santo nome que estava sendo desgraçado. A justiça de Deus deve ser vindicada na punição de maldades. Um subproduto será a restauração do povo; a obra principal será a preservação da reputação de Deus entre os homens. Seu caráter santo deve prevalecer neste mundo de tantas perversidades; o santo nome deve ser protegido. O povo restaurado lembrará seu passado vergonhoso e continuará no novo caminho, para reverter o ontem debochado. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) controla as circunstâncias, efetuando o que deve ser feito. Sua soberania santifica o Seu próprio nome e o Seu povo, ao mesmo tempo. Cf. Deu. 9.4-6.

Este versículo ensina o princípio *da graça*. Yahweh fez o que fez por causa de Seu amor e autovindicação, não por causa dos merecimentos do povo. Graça inesperada tem o poder de realizar o que o princípio legal nunca poderia efetuar.

As Cidades e Lugares Desolados Serão Restaurados (36.33-36)

36.33

A restauração vem através da purificação, como *sine qua non*, e inclui naturalmente a reprovação da Terra. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) decreta o que deve ser feito e, com Seu poder ilimitado, faz o que fala. Um ato de graça salva o dia e restaura o povo rebelde, transformando-o para ser compatível com o padrão divino.

Será Yahweh, não o homem, que trará a história para a sua consumação. O texto visa a Nova Era, nos últimos dias, que completará a obra divina, anulando o passado baixíssimo. Cf. Dan. 12.2 e o vs. 10 do presente capítulo, que é essencialmente igual. Os comentários dados ali se aplicam aqui também.

36.34-35

Lavrar-se-á a terra deserta, em vez de estar desolada aos olhos de todos os que passavam. A terra desolada ganhará de novo alta produtividade agrícola, o suficiente para todas as necessidades do povo.

Esta terra desolada ficou como jardim do Éden. O autor aplica uma hipérbole oriental, ou está em vista a era do Reino do Messias, quando o deserto florescerá como a rosa (Isa. 35.1). Como o Éden antigo, o Novo Israel, livre de seus pecados, gozará de extraordinária fertilidade, que será o fim de toda a necessidade. A maldição antiga será levantada. Cf. Isa. 51.3. O golpe de Satanás será substituído pela bênção de Yahweh. O texto está descrevendo um dia realmente novo, o dia escatológico.

36.36

As nações que tiverem restado ao redor de vós saberão que eu, o Senhor, reedifiquei as cidades destruídas. Qualquer homem, observando a cena, saberá que algo sobrenatural, "divino", acontecera. Nenhuma força humana poderia fazer do deserto um Novo Éden. Yahweh decretou restauração e plenitude e nada pôde obstruir Seus propósitos. O julgamento de Yahweh criara um deserto; Sua restauração fez do deserto um novo Éden. Cf. Eze. 17.24; 22.14 e 37.14.

Uma População Grandemente Aumentada (36.37-38)

36.37

Multiplique eu os homens como rebanho. Esta passagem nos remete ao simbolismo *do rebanho* (capítulo 34). Ontem Yahweh não permitiu nem a consulta de homens ímpios, cheios de pecados graves (ver Eze. 14.3; 20.3,31). Hoje as coisas são diferentes: Yahweh está acessível ao Seu povo reformado e trabalha em favor deles. Ele os multiplicará e reedificará suas cidades. Cf. Isa. 49.19; 54.1-3; Zac. 2.4. O pecado cortou o acesso a Deus; a santificação abriu novamente o caminho, e o povo se beneficiou sobremaneira. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Acesso*. A fertilidade e o aumento de população foram *sinais* da bênção do Senhor, como temos também em Gên. 12.2; 15.1-6; I Sam. 1.5-6; 2.1-11; Zac. 8.4-5 e Eze. 34.23.

36.38

Como o rebanho dos santos. A *comparação*, aqui, é com os rebanhos de animais sacrificiais que foram trazidos para Jerusalém no tempo das festas anuais. O propósito da declaração é dar uma idéia do *número de pessoas* que habitarão a Terra.

As cidades desertas se encherão de rebanhos de homens; e saberão que eu sou o Senhor. A figura do rebanho traz naturalmente à nossa mente a metáfora de Yahweh como o Bom Pastor do povo. Cuidados ternos e proteção eram (são) Suas especialidades. "Lemos que 30 mil cordeiros e 3 mil novilhas foram sacrificados numa ocasião só, pelo rei Josias, e mais um número indeterminado, contribuição de seus príncipes, II Crô. 37.7-9. Esta abundância de animais sacrificiais serve para ilustrar a repovoação de Israel nos últimos dias. Haverá um Novo Éden, um novo dia, uma nova nação, um novo pacto. Yahweh ficará conhecido por causa dessas obras de graça. Cf. Eze. 16.63; 28.25-26; 29.21; 34.30.

Capítulo Trinta e Sete

Este capítulo contém o oráculo do Vale de Ossos Secos (vss. 1-14) e o oráculo dos Dois Paus (vss. 15-28). Estas duas seções ilustram o tema da *restauração de Israel*. Historicamente, visam a volta dos exilados do cativeiro babilônico; profeticamente, visam a restauração no Novo Israel, no dia escatológico, quando o Reino do Messias se realizará. O capítulo 37 ilustra as promessas do capítulo 36: a restauração da Terra; a repovoação; uma agricultura superprodutiva; uma vida renovada como aquela no jardim do Éden. O Israel no cativeiro estava *morto* e espalhado, como uma multidão de ossos secos sobre toda a terra. Yahweh se mostrou capaz de reajuntar todos os ossos secos para fazer um Novo Homem. Somente Deus pode efetuar tal obra.

A Visão do Vale de Ossos Secos (37.1-14)

Vale, ou Planície. Cf. Eze. 3.22 e 8.4. Os *ossos* são os exilados na Babilônia, o remanescente sem esperança de ressuscitar para o recomeço do Reino de Judá. Quem poderia fazer, de ossos secos de mortos, novos seres? Essa obra seria tão difícil quanto restaurar Israel na sua Terra, trazendo uma nação de volta da morte.

O texto informa que o poder de Yahweh era suficiente para efetuar essas duas obras e quaisquer outras. Judá, no cativeiro, perdeu as esperanças, mas o decreto misericordioso de Ciro mudou sua mente. Eles começaram a pensar que o que era considerado impossível poderia ser feito. Levou tempo para que o propósito fosse realizado, mas, no fim, foi cumprido. Levará tempo para trazer Israel para a restauração do Reino do Messias, mas isso será realizado, afinal.

37.1

Ele me levou pelo Espírito. A mão de Yahweh agiu para dar ao profeta a visão dos ossos secos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mão*, e em Sal. 81.14. Ver sobre *mão direita*, em Sal. 20.6, e sobre *braço*, em Sal. 77.15 e 98.1. A mão poderosa do Senhor levou Ezequiel para certo vale, em visão, naturalmente. Cf. o vale de Eze. 3.23, que talvez estivesse na mente do autor quando compôs este texto. Aquele vale tornou-se um *lugar de revelação*. O profeta enfrentou uma cena horripilante da morte. Desastres tinham tomado conta de Judá quando o exército babilônico a aniquilou. Uma nação inteira tornou-se uma massa de ossos secos sob os raios do sol implacável que os secava e branqueava. Os ossos estavam mortos, em todos os sentidos da palavra.

37.2

E me fez andar ao redor deles. Ezequiel fez um circuito no vale. Os ossos secos não foram empilhados, mas espalhados sobre uma área considerável. Assim, o profeta levou algum tempo para atravessar aquela área. O que ele viu foi uma coisa só: morte e destruição, inumeráveis ossos dos mortos ressecados e branqueados pelo sol. O desespero reinava naquele lugar miserável. Não havia nenhum potencial de vida. Os ataques e cativeiros da Babilônia haviam conseguido a quase extinção de Judá, e o profeta, vendo o vale, teria dito que a extinção do povo fora absoluta. Somente a obra especial da graça de Deus poderia reverter aquela situação. Afinal, a salvação provém da graça, embora exija a cooperação do homem para aceitá-la.

Conduza, Luz Gentil, dentre a negra escuridão
Conduza-me à frente.
A noite está escura e longe de casa estou,
Conduza-me à frente.
Mantenha os meus pés; não peço para ver
A distante cena;
Um passo apenas, o bastante para mim.

(John H. Newman)

37.3

Acaso poderão reviver estes ossos? Todos nós, de vez em quando, nos encontramos em armadilhas, como aquele pequeno remanescente cativo na Babilônia. Judá estava absolutamente impotente. As circunstâncias eram

desesperadoras. Às vezes, nós nos vemos em circunstâncias totalmente além do nosso potencial de modificação. Sim, às vezes, entramos no vale de ossos secos, um limbo de desolação, sem nenhum raio de luz. Então, *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) entra em cena e opera um milagre que nos surpreende. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Este título divino é usado 217 vezes neste livro, indicando que há um Soberano que age neste mundo, modificando as coisas que, supostamente, não podem ser mudadas. A Providência de Deus é capaz de tudo. O Criador não abandonou Sua criação, mas está presente para intervir. Realizar obras inesperadas é a Sua especialidade.

37.4

Profetiza a estes ossos. Yahweh mandou Ezequiel "profetizar sobre os ossos" (o hebraico literal), significando "o que vai acontecer com eles". A profecia carregava com ela o poder do Senhor e, certamente, seria cumprida. Os ossos secos (Judá na Babilônia) ouviriam logo a palavra de poder que os entregaria à sua "morte viva".

A Vida que Vem da Morte. A seção de abertura deste capítulo figura entre as mais importantes da Bíblia. O pregador voltará a ela repetidamente, porque é rica em sugestões e porque a inspiração de Deus brilha nela. O que o profeta falou, aconteceu e pode ser comprovado historicamente, embora na época de seu pronunciamento esperar a realização da profecia fosse ato de uma imaginação ativa. Mas o fato é que o Poder de Deus entrou na história e mudou seu curso.

"Por causa do poder inerente da Palavra Divina para cumprir seus propósitos, *os profetas*, pronunciando aquela palavra, eram capazes de efetuar maravilhas (Jer. 1.10)" (Fausset, *in loc.*).

37.5

Assim diz o Senhor Deus:... Farei entrar o espírito em vós, e vivereis. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) coloca Sua força todo-poderosa por trás de Suas palavras. Como Soberano, no dia da criação, soprou no barro e fez uma criatura viva, assim agora, soprando sobre os ossos secos, os fará viver. *Um novo ato criativo* animará os ossos mortos. O Criador intervém na Sua criação, um fator principal da doutrina do *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Em contraste, o *deísmo* ensina que o Criador (uma força pessoal ou impessoal) abandonou Sua criação ao governo das leis naturais. Cf. Gên. 2.7; 6.17 e 7.22. Ver Eze. 37.14, onde a palavra hebraica *ruah* (sopro, espírito) refere-se ao Espírito de Deus. Nova vida é o trabalho do Espírito. Ver também Sal. 104.30.

37.6-8

A Notável Lição Espiritual. Os mortos podem ser reanimados pela palavra de poder de Yahweh, e isto se aplica a nações e indivíduos. Estes versículos não falam diretamente sobre a imortalidade da alma, nem sobre o tema geral da ressurreição, mas o milagre no Vale de Ossos Secos *apóia* ambas as doutrinas. Há vida depois da morte biológica. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Alma, Ressurreição* e *Imortalidade.* Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Imortalidade.*

Sabereis que eu sou o Senhor. Yahweh ficou conhecido pelo milagre da ressurreição. Este tema se repete 63 vezes no livro, normalmente associado à idéia de julgamento, mas, às vezes, como aqui, à restauração. Cf. Eze. 16.62; 28.25-26; 34.30; 36.11 e o vs. 13 do presente capítulo.

Então profetizei segundo me fora ordenado. Ezequiel obedeceu às ordens de Yahweh e Ele deu *o comando da vida*, através de sua profecia. Imediatamente, o profeta ouviu o ruído dos ossos chocalhando e, quando olhou, todos se tinham ajuntado, formando esqueletos perfeitos. Ao mesmo tempo, a carne voltou aos esqueletos e logo houve, em toda parte, espécimes maravilhosos de seres humanos. Ainda não eram animados, mas a obra se completaria em breve. Foi um milagre magnificente, mas não mais do que aquilo tipificado: a restauração dos ossos secos (exílios) no cativeiro babilônico.

Idéias sobre o Ruído. 1. O barulho de um terremoto; 2. os gritos dos judeus ao ouvir o decreto de Ciro que os liberou para voltar a Jerusalém; 3. uma grande voz dos céus comandando a ressurreição; 4. a voz de anjos, agentes de vida; 5. a trombeta de Deus. Melhor, o barulho era, simplesmente, o som dos ossos se ajuntando para fazer esqueletos viáveis.

37.9

Bem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. Foi necessário outro milagre para completar o processo da revivificação. O *ruah* do Espírito entrou nos corpos e os animou. Alguns intérpretes preferem a tradução *vento*, e acham que os quatro ventos, à ordem de Yahweh, restauraram Israel. Os exilados voltaram dos quatro cantos da terra e se reuniram em Jerusalém. Houve restauração total. Cf. Zac. 2.6. Mas a alusão principal é ao capítulo 1 de Gênesis, o *ato criativo* de Deus. Por Seu sopro, Yahweh deu vida ao barro, fazendo do inanimado animado. Cf. também Eze. 36.27 e os vss. 4 e 5 do presente capítulo. "Eles recebem o sopro e tornam-se criaturas vivas como em Gên. 1.20-21,24 e 2.7, onde se encontra a mesma expressão" (Ellicott, *in loc.*).

Dos quatro ventos. O autor mistura as metáforas. O *ruah* agora se origina dos quatro ventos, não da boca de Yahweh, como em Gên. 1. Aqueles ventos falam da restauração dos israelitas de todos os lugares onde foram exilados ou vaguearam. Cf. Isa. 43.5-6 e Jer. 31.8. Foram espalhados para as quatro direções *pelos ventos* (Eze. 5.10; 12.14; 17.21; Apo. 7.14) e era justo que os mesmos ventos os trouxessem de volta para casa.

37.10

Profetizei como ele me ordenara. Este versículo repete, essencialmente, as declarações do vs. 9: o que foi *ordenado* naquele versículo é *efetuado* neste. A profecia que dá vida se mostrou efetiva. Os esqueletos, juntamente com seus corpos perfeitos, de súbito se tornaram seres vivos, e os ossos secos foram assim revivificados. Os cativos se animaram e transformaram-se num vasto exército, pronto a marchar de volta para Jerusalém. O Novo Israel (histórico) recomeçou tudo e tomou-se um antegozo de maiores acontecimentos no dia escatológico. O poder revolucionário de Deus criou e continua criando. A restauração nacional de Israel apóia as doutrinas de imortalidade e ressurreição. Cf. Isa. 25.8; 26.10; Dan. 12.2; Osé. 6.2 e 13.14.

37.11

Estes ossos são toda a casa de Israel. A *casa de Israel* (ver Eze. 3.1,3,5; 4.3) era uma grande massa de ossos secos espalhados em toda a parte do vale, isto é, a Babilônia. Não houve mais vida; toda a esperança se perdeu; a nação inteira foi "cortada fora", isto é, morreu violentamente. Os babilônios, mais uma vez, tinham cometido genocídio.

Estamos de todo exterminados. "Os sobreviventes sabiam que suas esperanças nacionais tinham sido esmagadas. A nação inteira morreu nas chamas do ataque babilônico e não houve esperança de ressurreição" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cf. Sal. 141.7 e Isa. 49.14. A árvore cortada foi separada das suas raízes e, assim, caiu e morreu.

37.12

Eis que abrirei as vossas sepulturas, e vos farei sair delas. Neste trecho, o autor utiliza uma *nova figura.* Os ossos do vale tornam-se esqueletos nos seus sepulcros. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) emprega Seu poder imenso para abrir os sepulcros e chamar para fora os esqueletos. No processo de sair, eles se animam e tornam-se criaturas vivas.

Uma *restauração nacional* foi realizada pelo milagre da graça que somente o poder de Deus podia efetuar. Através da ressurreição, o povo que vagueava volta para ser o povo escolhido de Deus, florescendo na sua Terra, no seu Lar. Um novo ciclo da história se iniciou, antegozando acontecimentos que serão ainda mais espetaculares nos últimos dias, no Reino do Messias.

Afinal, Israel tornar-se-á um povo realmente *distinto* entre as nações (ver este ideal em Deu. 4.4-8). A renovação é completa: física, moral e espiritual. O sopro do Espírito era (é) o agente desta revolução de vida. Cf. Eze. 36.24-28 e João 5.25,28-29. A fidelidade de Yahweh estava vinculada aos pactos por Ele firmados. Sem sua Terra, a *nação* de Israel não poderia continuar existindo.

Ó povo meu. ... Estou com eles e eles são o meu povo, a casa de Israel, diz o Senhor Deus" (Eze. 34.30). Cf. Eze. 11.20; 36.27 e Jer. 30.22.

37.13

Sabereis que eu sou o Senhor. Pela *restauração nacional,* Israel-Judá conhecerá Yahweh melhor, de uma maneira nova e especial. Este tema se repete 63 vezes neste livro, normalmente associado ao julgamento, mas, às vezes, como aqui, à idéia de restauração. Ver Eze. 16.62; 28.25-26; 34.30; 36.11. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.*

Ó povo meu. Ver as notas sobre esta frase no vs. 12.

37.14

Poreis em vós o meu Espírito, e vivereis. O poder que dá vida, que efetuou a ressurreição nacional, é identificado como o Espírito de Deus. Assim devemos equiparar o *ruah* (vento) dos vss. 5 e 9 ao *ruah* (Espírito). Este versículo mostra que a renovação foi espiritual, não meramente física. O povo recebeu de volta a sua Terra, mas também foi transformado para ter um andar digno de sua

chamada, obedecendo à lei de Moisés. Cf. Eze. 36.27. "A ressurreição moral do povo e a restauração à sua Terra foram intimamente associadas. Cf. esta idéia a uma associação semelhante (o espírito com o físico) em João 5.21-29" (Ellicott, *in loc.*).

O Oráculo dos Dois Paus (37.15-28)

Cf. este oráculo com Zac. 11.7-14. Este oráculo visa à reunificação do norte com o sul (Israel com Judá) para formar, uma vez mais, um único povo, eliminando a divisão iniciada com Reoboão, filho de Salomão, quase mil anos antes do tempo de Cristo. Haverá um Novo Israel unificado sob a autoridade de um rei. Aquela nação não mais será presa de outras nações (Eze. 34.28); obedecerá à lei de Moisés e aos princípios do culto a Yahweh (Eze. 11.20); será unida na sua própria Terra, cumprindo as promessas do Pacto Abraâmico; terá um rei da linhagem davídica (Eze. 23.23-24); gozará um pacto de paz (Eze. 34.25); e terá um único *santuário* para todo o povo (Eze. 45.1-8).

O *sinal dos dois paus* é apresentado nos vss. 15-17 e explicado com detalhes nos vss. 18-28. Em Zac. 11.7-14 temos *duas varas* chamadas *Graça e União*, uma idéia semelhante.

37.15

Veio a mim a palavra do Senhor. Esta é a declaração comum que introduz novos materiais e oráculos. Lembra que as mensagens eram inspiradas e que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh. Cf. Eze. 13.1; 14.2; 15.1; 16.1.

37.16

Filho do homem, toma um pedaço de pau. Yahweh falou com o profeta, utilizando seu título comum (anotado em Eze. 2.1). Ezequiel recebeu a ordem para pegar dois paus. Sobre um deveria escrever "Para Judá", representando o reino do sul, e, no outro, "Para José", a maior tribo do norte e representante do total. Não houve, restritamente, uma tribo de José, embora seus dois filhos, Efraim e Manassés, se tornassem os pais de duas tribos. Foi Jacó quem determinou aquele arranjo das tribos, adotando os dois filhos de José como seus. Ver Gên. 48.19 e I Crô. 5.1. Alguns intérpretes vêem aqui dois tabletes de madeira em lugar de dois paus. Assim, o *pau* se relaciona à *vara tribal* (Núm. 17.2). A união das duas varas era uma profecia de unificação fraternal, que se realizará quando o norte e o sul se tornarem novamente um único Reino.

37.17

Ajunta-os um ao outro. Os dois paus (varas, tabletes de madeira), unidos na mão do profeta, tornam-se *um*, pelo poder divino. Nessa união, o cativeiro assírio do norte e o cativeiro babilônico do sul serão anulados. A esperança de uma unificação das duas nações pairava no ar, embora o norte estivesse irreparavelmente espalhado entre as nações. A profecia sem dúvida tem aplicação escatológica, referindo-se ao tempo em que o Novo Israel do Reino do Messias se tornará realidade. A interpretação rabínica deste versículo afirma que aconteceu uma união *literal* dos dois paus de madeira, para fazer uma só entidade orgânica, mas esta idéia é supérflua para o entendimento de um *símile*.

37.18

Não nos revelarás o que significam estas cousas? Os vss. 18-28 dão a explicação, do próprio Yahweh, sobre a parábola (símile) dos dois paus. Cf. Eze. 24.19. Um grupo de pessoas, em pé ao redor do profeta, observava o que ele fazia com os paus, que haviam sido separados e juntados em um (simbolicamente). Quiseram saber o "porquê" da ação-parábola. Yahweh forneceu ao profeta as devidas explicações. Ele não precisava inventar coisa alguma. O profeta então compartilhou a informação com o povo. Este versículo, entre outras coisas, ensina que aqueles que procuram saber serão satisfeitos:

> *Pedi, e dar-se-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á.*
>
> (Mateus 7.7-8)

37.19

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) deseja revelar Sua vontade e, subseqüentemente, operar Suas obras entre os homens. A palavra deve tornar-se realidade. Ver o título divino, utilizado aqui, explicado no vs. 3 do presente capítulo.

Tomarei a vara de José... ajuntarei à vara de Judá, e farei delas uma só vara. A vara de José representa a terra de Efraim, isto é, as Dez Tribos, o norte. Efraim era a tribo mais forte e numerosa depois da divisão do Reino Unido, assim esse nome refere-se à totalidade do Reino de Israel (o norte). Judá, a tribo mais forte do sul (que absorveu, afinal, a tribo de Benjamim), representa o reino do sul. Na mão divina, as duas varas paus tornam-se uma só. Ver os comentários na introdução anterior (vs. 15) e nas notas sobre o vs. 17, para maiores detalhes.

Esta profecia aplica-se exclusivamente a Israel-Judá. A união de judeus e gentios, na igreja cristã, não está em vista. Historicamente, falou-se *idealmente* da restauração do Reino dividido no Novo Israel, depois do cativeiro babilônico. Profeticamente, fala do Israel Unido no Reino do Messias.

37.20

Os pedaços de pau em que houveres escrito, estarão na tua mão. Isso simboliza uma união sendo feita. Ao abri a mão, o profeta mostra os dois paus unidos.

> *Segure os paus de madeira, sobre os quais escreveu os nomes. Segure-os nas suas mãos de modo que o povo possa vê-los juntos.*
>
> (NCV)

Perante eles. A ação simbólica foi realizada perante o povo; a madeira unida ficou na mão do profeta, que representava a *mão de Yahweh*. Quando ele a abriu, a lição ficou clara: os dois paus estavam unidos, com os nomes visíveis, Efraim e Judá reunificadas; eis o propósito de Deus. Esta promessa é dada em Eze. 34.11-32, sob outra figura. Cf. também Eze. 36.22-30.

37.21

Eis que tomarei os filhos de Israel... e os congregarei. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus; ver o vs. 3 para uma explicação deste título divino) era, ao mesmo tempo, o revelador e o operador do que foi apresentado na parábola-ação. Esta revelação foi dada para encorajar os exilados. Quando houver reunificação do norte com o sul, certamente o cativeiro deverá terminar, num tempo determinado por Yahweh. Além disso, haverá restauração da Terra; o povo deverá ganhar, de novo, seu velho lar. Haverá um Novo Israel; as provisões do Pacto Abraâmico serão concretizadas. Cf. Eze. 36.24, que também traz a mensagem da restauração da Terra.

No século 20, houve (e está havendo) um retorno de Israel para sua Terra, o que é um antegozo do Novo Israel do Reino do Messias, quando aquela nação se levantará para assumir seu ofício como chefe das nações. Cf. Isa. 11.9.

37.22

Farei deles uma só nação na terra... e um só rei será rei de todos. Haverá um Reino Unido e um rei da linhagem davídica. Depois do cativeiro babilônico, houve um governador (Gedalias), designado por Nabucodonosor, mas ele não era um rei e não cumpriu esta profecia. Esta realização espera o dia escatológico de Israel, quando o Messias, Filho de Davi, reinará. Os macabeus não eram da casa de Davi, de maneira que a profecia não se cumpriu neles. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Hasmoneanos (Macabeus)*. Os macabeus descenderam da linhagem sacerdotal (levítica), não de Judá, como Davi.

37.23

Nunca mais se contaminarão. O povo do Reino Unido será preparado para o seu papel no Novo Dia, por renovação moral e espiritual. A idolatria-adultério-apostasia do velho Israel será anulada. As velhas abominações cessarão antes desse dia; as transgressões notórias serão eliminadas. Os purificados serão, num sentido moral e espiritual, "o povo de Yahweh" e ele será *o seu Deus*. Cf. esta declaração com Eze. 11.20; 14.11; 36.28 e 37.23.

Tudo e todos mudarão; haverá novos padrões e novas ações. O conhecimento de Yahweh encherá a consciência de todas as nações, e Jerusalém será a capital religiosa internacional.

> *Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.*
>
> (Isaías 11.9)

"O *lo-ammi* (não-meu-povo) sumirá, e o pacto de graça será renovado entre eles, as bênçãos e profecias tendo cumprimento. Ver Jer. 3.11; Rom. 11.25-26" (John Gill, *in loc.*).

> *Liberta-me de todo o pecado escondido*
> *E faz Sua santidade.*
> *Purifica o meu ser para que*
> *Possa ficar um templo digno de Ti.*
>
> (Gertrude E. Swallen)

Livrá-los-ei de todas as apostasias em que pecaram. As promessas deste versículo, que prevêem uma revolução espiritual para Israel, antecipam os planos detalhados do Novo Santuário (capítulos 40-43). O santuário *ideal* é a própria pessoa redimida e transformada (I Cor. 3.16).

37.24

O meu servo Davi reinará sobre eles. Cf. Eze. 34.23-24. Alguns interpretes vêem Davi ressuscitado como o rei, mas a referência aqui é ao Messias, Filho de Davi, que renovará a linhagem real davídica.

Depois do cativeiro babilônio, nada aconteceu que possa justificar as informações deste versículo, portanto provavelmente devemos entender o Messias que reinará no dia escatológico. *Zorobabel* (ver a respeito no *Dicionário*) pertencia à linhagem davídica, mas era praticamente um fantoche de Nabucodonosor, não um rei. Os macabeus ganharam considerável poder, dando a Israel cerca de 100 anos de independência de poderes estrangeiros, mas eram da linhagem levítica (sacerdotal), não de Judá, a tribo dos reis. Depois do cativeiro babilônico, Israel ficou séculos sem um *rei;* ou a profecia falhou, ou haverá uma realização futura.

Terão um só pastor. O rei é o *Rei-pastor* porque Seus súditos são como um rebanho, totalmente dependente de Sua bondade, proteção e sustento. O Messias será tanto um *Rei Ideal* como um *Pastor Ideal.* Haverá um Pastor espiritual que trará abundância de bênçãos. Cf. João 10; ver também Eze. 34.23. E, no *Dicionário,* ver o detalhado artigo chamado *Pastor.*

O Pastor do Amor está procurando os perdidos
Em trilhas árduas e íngremes;
Está chamando os cordeiros que vaguearam;
Está chamando, está chamando Suas ovelhas.
Eis! Está chamando o vagueador para casa.

(Albert Simpson Reitz)

Andarão nos meus juízos, guardarão os meus estatutos e os observarão. *Condições da Comunhão.* A lei de Moisés, agora administrada pelo Pastor, é o padrão de conduta do rebanho. Ver no *Dicionário* sobre a metáfora do *andar.* A lei dá *vida* (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.11) e é o *guia* dos fiéis (Deu. 4.4,8). Segundo a mentalidade do Antigo Testamento, a lei é o *sine qua non* da própria vida, física ou espiritual.

37.25

Habitarão na terra que dei a meu servo Jacó. A Terra de Abraão é a Terra do Novo Israel. Cf. Eze. 28.25. Ver o reino eterno de "Davi" (= Messias) em Sal. 45.6; Dan. 2.44 e Luc. 2.32-33. "A promessa de que a casa de Israel habitará seguramente na Terra é tema repetido freqüentemente (ver Eze. 34.28; 38.11,14; 39.26). O Código de Santidade promete esta realização àqueles que guardam os estatutos e juízos do Senhor (Lev. 25.18; Jer. 23.6; 32.37; 33.16; ver também Zac. 14.11)" (Theophile J. Meek, sobre Eze. 28.35)". Isa. 40.21 é um paralelo próximo ao presente versículo. Joel 3.20 é semelhante.

37.26

Farei com eles aliança de paz. O *Novo Pacto* de Jer. 31.31 se chama *Pacto de Paz,* aqui e em Eze. 24.25, porque acalma a contenda universal e traz o homem para aquela paz que Deus oferece e realiza (cf. Rom. 5.1).

E os multiplicarei. Porque Israel será grandemente diminuído pelas perseguições, antes da era do Reino do Messias. Para ser uma grande nação, precisará de uma população considerável. Esta multiplicação não é a da igreja cristã entre as nações gentílicas, como dizem alguns intérpretes.

No meio deles para sempre. Isto mostra que o pacto de Paz é também *eterno.* As vicissitudes de Israel, suas iniqüidades e erros terminaram. O santuário: Deus está com Seu povo, pelo exercício do Espírito. Este versículo antecipa o novo santuário (o templo ideal) dos capítulos 40-43, que alguns acham ser literal, outros consideram metafórico.

Na introdução ao capítulo 40, temos quatro interpretações do assunto. De qualquer modo, estamos falando da terra judaica, aqui. O texto não está descrevendo a igreja cristã, que tem outro futuro e outra glória. O Novo Testamento (pacto) da igreja não está em vista. O pacto com Israel é terrestre, embora contenha provisões espirituais.

Não possuímos muitas informações sobre o futuro de Israel, mas as indicações são as de que eles terão um destino *como nação,* entre nações que entrarão na era eterna. Certamente, o assunto não cabe no período depois do cativeiro na Babilônia. Cf. Eze. 34.24-25, que é paralelo ao presente trecho. Para o santuário e seus arredores, ver Eze. 45.1-8 e 47.13-48.35. O Reino Unido terá também uma adoração centralizada no novo santuário. Haverá repetição gloriosa do que aconteceu com Salomão e seu templo, mas em termos muito mais elevados. Todos os altares e santuários "lá fora" desaparecerão.

37.27

O meu tabernáculo estará com eles. Este versículo combina o vs. 23 com o vs. 26. O Tabernáculo estará com eles para sempre. Isto significa que o Espírito habitará com Israel; Ele, a força que transformará tudo e todos, de tal maneira que cada homem se tornará uma habitação particular (um templo) da presença de Deus. Cf. Gên. 9.27; João 1.14 e II Cor. 6.16. Ver também Apo. 21.3-22.

Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Cf. Eze. 11.20; 36.28 e Jer. 30.22.

37.28

As nações saberão que eu sou o Senhor. *A Obra Divina.* Até as nações pagãs reconhecerão que o ocorrido com Israel, na sua restauração, foi obra do poder de Deus, totalmente além das capacidades dos homens. Yahweh *santificará* Seu povo, fazendo dele uma nação realmente *distinta,* que foi sempre o ideal desejado (ver Deu. 4.4-8). O santuário de Yahweh, no seu meio, será uma obra notável de graça, a fonte de todos os seus benefícios.

Este versículo serve como introdução apropriada aos capítulos 40-48, que descrevem o templo ideal e seu culto. Ele não deve ser cristianizado para significar o Espírito de Cristo que habita Seu templo, a igreja.

Santifico a Israel. Isto é, o ato de *separar* aquele povo para Deus, como nação santa e distinta (Êxo. 19.5-6). Nessa condição, Israel será equipada para tornar-se chefe das nações e fonte dos ensinamentos divinos em favor das outras nações. Jerusalém será a capital espiritual do mundo.

Ao redor de cada habitação,
Vê a gloriosa cobertura
Da nuvem e do fogo,
Mostrando que o Senhor está perto!
Coisas gloriosas de ti são faladas,
Sião, cidade de nosso Deus.

(John Newton)

Capítulo Trinta e Oito

Oráculos contra Gogue e Magogue (38.1 – 39.29)

"Israel foi repetidamente pisoteado por seus inimigos, mas no futuro o próprio Deus intervirá para garantir a segurança do país. Defenderá o Seu povo e julgará os Seus inimigos até em lugares distantes. O julgamento dos países vizinhos já foi descrito (capítulos 25-32)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Controvérsias. Os capítulos 38 e 39 são cercados de muita controvérsia interpretativa, não tanto porque têm, inerentemente, grandes dificuldades, mas porque certos intérpretes forçam sobre eles idéias pouco prováveis.

Idéias Principais - Seis Interpretações:

1. *Interpretação Histórica.* Está em pauta o inimigo *do norte,* a Babilônia. Assim sendo, estes dois capítulos são paralelos elaborados e metafóricos de Jer. 4.5-6.26; 16.15; 23.8. Cf. Eze. 38.17 e 39.8. Ver também Sof. 1.14-18; Joel 2.20; Zac. 6.8. Está em vista o ataque do exército *universal.* Com um toque de hipérbole oriental, o temível inimigo do norte é visto comandando todas as nações do mundo. Sem uma intervenção, Israel não sobreviverá. Sem dúvida, o texto incorpora esta mensagem histórica, mas algumas descrições parecem ultrapassá-la. O inimigo é representado como vencido, esmagadoramente (como a Babilônia o era, pelo império medo-persa). Mas isto não aconteceu *quando* o exército babilônico *estava atacando Israel.* Ver as notas em 39.23-24.
2. *Interpretação Escatológica Específica.* A idéia é a de que estes dois capítulos não têm paralelo histórico e pertencem absolutamente ao futuro. A destruição descrita deve acontecer antes que Israel se levante e assuma sua posição como chefe das nações, antes do Reino do Messias. Os intérpretes que ensinam esta idéia fazem dos dois capítulos descrições do *Armagedom* (ver a respeito no *Dicionário*).
   Uma variação desta interpretação é a idéia de que estes capítulos falam sobre uma guerra preliminar a Armagedom, talvez a Terceira Guerra Mundial, enquanto Armagedom seria a Quarta. A alegada Terceira Guerra Mundial seria uma luta ocidental-oriental, a Rússia e seus aliados de um lado, e os

Livrá-los-ei de todas as apostasias em que pecaram. As promessas deste versículo, que prevêem uma revolução espiritual para Israel, antecipam os planos detalhados do Novo Santuário (capítulos 40-43). O santuário *ideal* é a própria pessoa redimida e transformada (I Cor. 3.16).

37.24

O meu servo Davi reinará sobre eles. Cf. Eze. 34.23-24. Alguns interpretes vêem Davi ressuscitado como o rei, mas a referência aqui é ao Messias, Filho de Davi, que renovará a linhagem real davídica.

Depois do cativeiro babilônio, nada aconteceu que possa justificar as informações deste versículo, portanto provavelmente devemos entender o Messias que reinará no dia escatológico. *Zorobabel* (ver a respeito no *Dicionário*) pertencia à linhagem davídica, mas era praticamente um fantoche de Nabucodonosor, não um rei. Os macabeus ganharam considerável poder, dando a Israel cerca de 100 anos de independência de poderes estrangeiros, mas eram da linhagem levítica (sacerdotal), não de Judá, a tribo dos reis. Depois do cativeiro babilônico, Israel ficou séculos sem um *rei;* ou a profecia falhou, ou haverá uma realização futura.

Terão um só pastor. O rei é o *Rei-pastor* porque Seus súditos são como um rebanho, totalmente dependente de Sua bondade, proteção e sustento. O Messias será tanto um *Rei Ideal* como um *Pastor Ideal.* Haverá um Pastor espiritual que trará abundância de bênçãos. Cf. João 10; ver também Eze. 34.23. E, no *Dicionário,* ver o detalhado artigo chamado *Pastor.*

O Pastor do Amor está procurando os perdidos
Em trilhas árduas e íngremes;
Está chamando os cordeiros que vaguearam;
Está chamando, está chamando Suas ovelhas.
Eis! Está chamando o vagueador para casa.

(Albert Simpson Reitz)

Andarão nos meus juízos, guardarão os meus estatutos e os observarão. *Condições da Comunhão.* A lei de Moisés, agora administrada pelo Pastor, é o padrão de conduta do rebanho. Ver no *Dicionário* sobre a metáfora do *andar.* A lei dá *vida* (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.11) e é o *guia* dos fiéis (Deu. 4.4,8). Segundo a mentalidade do Antigo Testamento, a lei é o *sine qua non* da própria vida, física ou espiritual.

37.25

Habitarão na terra que dei a meu servo Jacó. A Terra de Abraão é a Terra do Novo Israel. Cf. Eze. 28.25. Ver o reino eterno de "Davi" (= Messias) em Sal. 45.6; Dan. 2.44 e Luc. 2.32-33. "A promessa de que a casa de Israel habitará seguramente na Terra é tema repetido freqüentemente (ver Eze. 34.28; 38.11,14; 39.26). O Código de Santidade promete esta realização àqueles que guardam os estatutos e juízos do Senhor (Lev. 25.18; Jer. 23.6; 32.37; 33.16; ver também Zac. 14.11)" (Theophile J. Meek, sobre Eze. 28.35)". Isa. 40.21 é um paralelo próximo ao presente versículo. Joel 3.20 é semelhante.

37.26

Farei com eles aliança de paz. O *Novo Pacto* de Jer. 31.31 se chama *Pacto de Paz,* aqui e em Eze. 24.25, porque acalma a contenda universal e traz o homem para aquela paz que Deus oferece e realiza (cf. Rom. 5.1).

E os multiplicarei. Porque Israel será grandemente diminuído pelas perseguições, antes da era do Reino do Messias. Para ser uma grande nação, precisará de uma população considerável. Esta multiplicação não é a da igreja cristã entre as nações gentílicas, como dizem alguns intérpretes.

No meio deles para sempre. Isto mostra que o pacto de Paz é também *eterno.* As vicissitudes de Israel, suas iniqüidades e erros terminaram. O santuário: Deus está com Seu povo, pelo exercício do Espírito. Este versículo antecipa o novo santuário (o templo ideal) dos capítulos 40-43, que alguns acham ser literal, outros consideram metafórico.

Na introdução ao capítulo 40, temos quatro interpretações do assunto. De qualquer modo, estamos falando da terra judaica, aqui. O texto não está descrevendo a igreja cristã, que tem outro futuro e outra glória. O Novo Testamento (pacto) da igreja não está em vista. O pacto com Israel é terrestre, embora contenha provisões espirituais.

Não possuímos muitas informações sobre o futuro de Israel, mas as indicações são as de que eles terão um destino *como nação,* entre nações que entrarão na era eterna. Certamente, o assunto não cabe no período depois do cativeiro na Babilônia. Cf. Eze. 34.24-25, que é paralelo ao presente trecho. Para o santuário e seus arredores, ver Eze. 45.1-8 e 47.13-48.35. O Reino Unido terá também uma adoração centralizada no novo santuário. Haverá repetição gloriosa do que aconteceu com Salomão e seu templo, mas em termos muito mais elevados. Todos os altares e santuários "lá fora" desaparecerão.

37.27

O meu tabernáculo estará com eles. Este versículo combina o vs. 23 com o vs. 26. O Tabernáculo estará com eles para sempre. Isto significa que o Espírito habitará com Israel; Ele, a força que transformará tudo e todos, de tal maneira que cada homem se tornará uma habitação particular (um templo) da presença de Deus. Cf. Gên. 9.27; João 1.14 e II Cor. 6.16. Ver também Apo. 21.3-22.

Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Cf. Eze. 11.20; 36.28 e Jer. 30.22.

37.28

As nações saberão que eu sou o Senhor. *A Obra Divina.* Até as nações pagãs reconhecerão que o ocorrido com Israel, na sua restauração, foi obra do poder de Deus, totalmente além das capacidades dos homens. Yahweh *santificará* Seu povo, fazendo dele uma nação realmente *distinta,* que foi sempre o ideal desejado (ver Deu. 4.4-8). O santuário de Yahweh, no seu meio, será uma obra notável de graça, a fonte de todos os seus benefícios.

Este versículo serve como introdução apropriada aos capítulos 40-48, que descrevem o templo ideal e seu culto. Ele não deve ser cristianizado para significar o Espírito de Cristo que habita Seu templo, a igreja.

Santifico a Israel. Isto é, o ato de *separar* aquele povo para Deus, como nação santa e distinta (Êxo. 19.5-6). Nessa condição, Israel será equipada para tornar-se chefe das nações e fonte dos ensinamentos divinos em favor das outras nações. Jerusalém será a capital espiritual do mundo.

Ao redor de cada habitação,
Vê a gloriosa cobertura
Da nuvem e do fogo,
Mostrando que o Senhor está perto!
Coisas gloriosas de ti são faladas,
Sião, cidade de nosso Deus.

(John Newton)

Capítulo Trinta e Oito

Oráculos contra Gogue e Magogue (38.1 – 39.29)

"Israel foi repetidamente pisoteado por seus inimigos, mas no futuro o próprio Deus intervirá para garantir a segurança do país. Defenderá o Seu povo e julgará os Seus inimigos até em lugares distantes. O julgamento dos países vizinhos já foi descrito (capítulos 25-32)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Controvérsias. Os capítulos 38 e 39 são cercados de muita controvérsia interpretativa, não tanto porque têm, inerentemente, grandes dificuldades, mas porque certos intérpretes forçam sobre eles idéias pouco prováveis.

Idéias Principais - Seis Interpretações:

1. *Interpretação Histórica.* Está em pauta o inimigo *do norte,* a Babilônia. Assim sendo, estes dois capítulos são paralelos elaborados e metafóricos de Jer. 4.5-6.26; 16.15; 23.8. Cf. Eze. 38.17 e 39.8. Ver também Sof. 1.14-18; Joel 2.20; Zac. 6.8. Está em vista o ataque do exército *universal.* Com um toque de hipérbole oriental, o temível inimigo do norte é visto comandando todas as nações do mundo. Sem uma intervenção, Israel não sobreviverá. Sem dúvida, o texto incorpora esta mensagem histórica, mas algumas descrições parecem ultrapassá-la. O inimigo é representado como vencido, esmagadoramente (como a Babilônia o era, pelo império medo-persa). Mas isto não aconteceu *quando* o exército babilônico *estava atacando Israel.* Ver as notas em 39.23-24.
2. *Interpretação Escatológica Específica.* A idéia é a de que estes dois capítulos não têm paralelo histórico e pertencem absolutamente ao futuro. A destruição descrita deve acontecer antes que Israel se levante e assuma sua posição como chefe das nações, antes do Reino do Messias. Os intérpretes que ensinam esta idéia fazem dos dois capítulos descrições do *Armagedom* (ver a respeito no *Dicionário*).
   Uma variação desta interpretação é a idéia de que estes capítulos falam sobre uma guerra preliminar a Armagedom, talvez a Terceira Guerra Mundial, enquanto Armagedom seria a Quarta. A alegada Terceira Guerra Mundial seria uma luta ocidental-oriental, a Rússia e seus aliados de um lado, e os

"na guerra do futuro" o homem será reduzido ao equipamento típico dos antigos. A idéia é absurda e nem merece uma menção, aqui. Textos apocalípticos naturalmente são cheios de símbolos. O gancho na boca da besta (ver Eze. 29.4) simboliza a intervenção divina adequada para garantir a derrota absoluta do inimigo. "O empreendimento pagão deve falhar" (Adam Clarke, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Guerra,* para o equipamento e o *modus operandi* de batalhas antigas. Ver também *Armadura, Armas*, para descrições mais detalhadas do equipamento.

38.5

Persas e etíopes, e Pute com eles. *Os Aliados.* O autor já mencionou Gogue (chefe da terra de Magogue), Meseque e Tubal, descritos na introdução ao capítulo. A lista continua neste versículo com *Pérsia, Cuxe e Pute,* sendo, respectivamente, Pérsia, Etiópia e Cirene, a leste da Líbia. Ver Eze. 29,10-11; 30.5, e os nomes próprios no *Dicionário.* Lugares no Egito, na África e na Ásia Menor estão em vista.

Observações. 1. Não encontramos a Rússia aqui, como insistem os dispensacionalistas. O artigo sobre *Gogue e Magogue*, no *Dicionário*, foi escrito do ponto de vista daquele sistema, que agora considero um equívoco, como mostram as notas à introdução do presente capítulo. 2. Embora seja possível identificar os lugares na lista, essa atividade também pode ser equivocada, pois estamos tratando com textos apocalípticos. A literatura apocalíptica emprega um bom número de símbolos padronizados, que não devemos interpretar sempre literalmente. Para maiores detalhes, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Apocalipse*, seção I, e no Dicionário o verbete intitulado *Apocalípticos, Livros.*

38.6

Gômer. Isto é, o assírio *Gimerai*, referindo-se aos cimérios da Ásia Menor central (cf. Gên. 10.2-3). Alguns intérpretes conseguem ver aqui a *Alemanha*, ou até a Alemanha Oriental, uma interpretação popular antes da reunificação da Alemanha. *Togarma é o assírio* Til-garimmu, a leste da extremidade sul do rio Hales, a sudeste de Gômer (Eze. 24.14). A Assíria ocupava territórios ao norte, como a Babilônia, mas esses países não estavam situados no extremo norte, como está a Rússia. Estão em vista o exército universal da Babilônia, historicamente, e os inimigos de Israel, do futuro, simbolizados por aquele exército antigo. Talvez o *Armagedom* seja o objeto das profecias, escatologicamente falando. Ver as *seis* interpretações dos capítulos 38-39, na introdução ao presente capítulo.

38.7

Prepara-te, sim, dispõe-te. Todas as preparações possíveis são feitas por Gogue e seus aliados para guerrear. Gogue é o líder do exército maciço, mas por trás de tudo está o propósito de Yahweh para rebaixar, afinal, as nações que fazem oposição a Israel.

Talvez a declaração sobre "preparação" seja irônica: "Faça tudo para ser bem preparado para ser esmagado no fim!". Nada poderá vencer a intervenção divina que acompanhará a situação. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) fará o que quiser, para beneficiar o seu povo.

38.8

No fim dos anos virá à terra que se recuperou da espada. O povo de Yahweh descansa na Terra Prometida, em paz com Deus e com os homens. Há muito tempo o povo descansa de guerras e tropas, por muito tempo não pisaram as colinas de Jerusalém. Mas Yahweh chama as nações para perturbar aquela paz, porque está na hora de ser manifestada uma hostilidade final contra Israel.

No fim dos anos. "Nos últimos dias" é o sentido dessa designação de tempo. Grande multidão (um vasto exército) invadirá Israel para acabar com os judeus, de vez, mas a surpresa que Yahweh reserva é o fim dos próprios invasores, para que Israel possa levantar-se e tornar-se o chefe, no tempo do Reino do Messias. A grande preparação, então, era de seu próprio sepulcro. Cf. o vs. 16 do presente capítulo com Jer. 30.24; 48.17; 49.39 e Osé. 3.5. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Últimos Dias.*

O Alcance da Profecia. Historicamente, está em vista o exército universal da Babilônia. Sua conquista universal finalmente será anulada pela derrota sofrida às mãos dos medos-persas. Mas, quase certamente, devamos entender *Armagedom*, ou coisa semelhante, como o alcance apocalíptico das palavras. Ver esse título, no *Dicionário,* e consultar as seis interpretações da passagem, na introdução ao presente capítulo.

A interpretação que faz os capítulos 38-39 referir-se a uma guerra na *grande tribulação* (a Terceira Guerra Mundial) se mostrou equivocada. Ver a interpretação de número 2, na introdução. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Tribulação, a Grande.* Colocar esta tribulação na década de 1990-2000 seria um equívoco. Esta circunstância nos alerta para não sermos dogmáticos no manuseio de profecias e, também, para não supormos que tudo o que os profetas escreveram deva acontecer "no nosso tempo". Ver as notas sobre estas questões ao fim do livro de Daniel.

Montes de Israel que sempre estavam desolados. Talvez isto se refira ao cativeiro babilônico e à derrota subseqüente às mãos dos medos-persas. Ou devemos supor que a profecia pertença ao futuro, a acontecimentos que devem realizar-se antes do estabelecimento do Reino do Messias. A dificuldade de localizar estes acontecimentos no passado tem inspirado os intérpretes a supor que devam descrever um tempo futuro.

38.9

Virás como tempestade. O exército gigantesco avança como uma *tempestade,* figura comum para descrever atividades militares. Cf. Isa. 28.2. "A tempestade vem de súbito, parece tudo preto e terrível, causando escuridão e horror; faz grandes barulhos, ameaça e é, potencialmente, devastadora" (John Gill, *in loc.*).

O Plano Diabólico de Gogue (38.10-13)

38.10

Assim diz o Senhor Deus. Este novo oráculo se inicia com o típico instrumento literário para trazer novos materiais. Todos os *sete oráculos* (dos capítulos 38-39) começam assim, embora a declaração introdutória comum de "Veio a mim a palavra do Senhor" (vs. 1) sirva para iniciar *a série* de oráculos.

Adonai-Yahweh (o Soberano Eterno Deus), no exercício de Sua soberania, arruma a confrontação que será fatal para as nações. O poder divino controla todas as circunstâncias que resultam no destino de homens ou de nações. Yahweh *sabia* tudo sobre as *estratégias maldosas* (RSV) de Gogue e suas multidões, e que seu poder seria o suficiente para anular as forças alheias. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Onisciência de Deus.*

Os *vss. 10-14* expõem as *motivações* que inspiraram o ataque contra Israel, para Gogue invadir, matar, pilhar, espalhar, tudo por seu interesse, naturalmente. As profecias sempre contêm a idéia de que a *Causa* de tudo é Deus; todos os movimentos são dirigidos por Deus, para julgar, vingar e purificar a terra e os habitantes que precisam de disciplina severa. Uma aplicação perversa desta circunstância é fazer de Deus a *Única Causa*, portanto também do mal, e não apenas do bem. A teologia hebraica as vezes promoveu esse conceito, esquecendo as *causas secundárias.* O calvinismo extremo comete o mesmo equívoco, baseado em versículos bíblicos que abrigam o velho erro judaico.

38.11

Subirei contra a terra das aldeias sem muros, virei contra os que estão em repouso. *Um povo fraco*, desprotegido, impotente, essencialmente despreparado, despreocupado em construir muros e outras fortificações, nem chamou seus jovens para formar um exército decente, estará sujeito às brutalidades do exército pagão. O autor obviamente nos alerta para o fato de que, sem a intervenção divina, Israel seria aniquilado absolutamente, apagando o Pacto Abraâmico que previa um *futuro glorioso* para seus descendentes. O povo, sossegado, sem nenhuma preocupação, confiando nos "bons tempos" prevalentes, logo sofreria horripilante surpresa. Antes do ataque babilônico, houve um falso senso de segurança. Os falsos profetas não cansaram de gritar: "Paz, paz nos nossos tempos e prosperidade" (Jer. 6.14; 8.11; Eze. 13.10). É difícil relacionar estas profecias a Israel e ao Oriente Próximo de hoje, estando eles eternamente em estado de convulsão, e Israel, em alerta permanente.

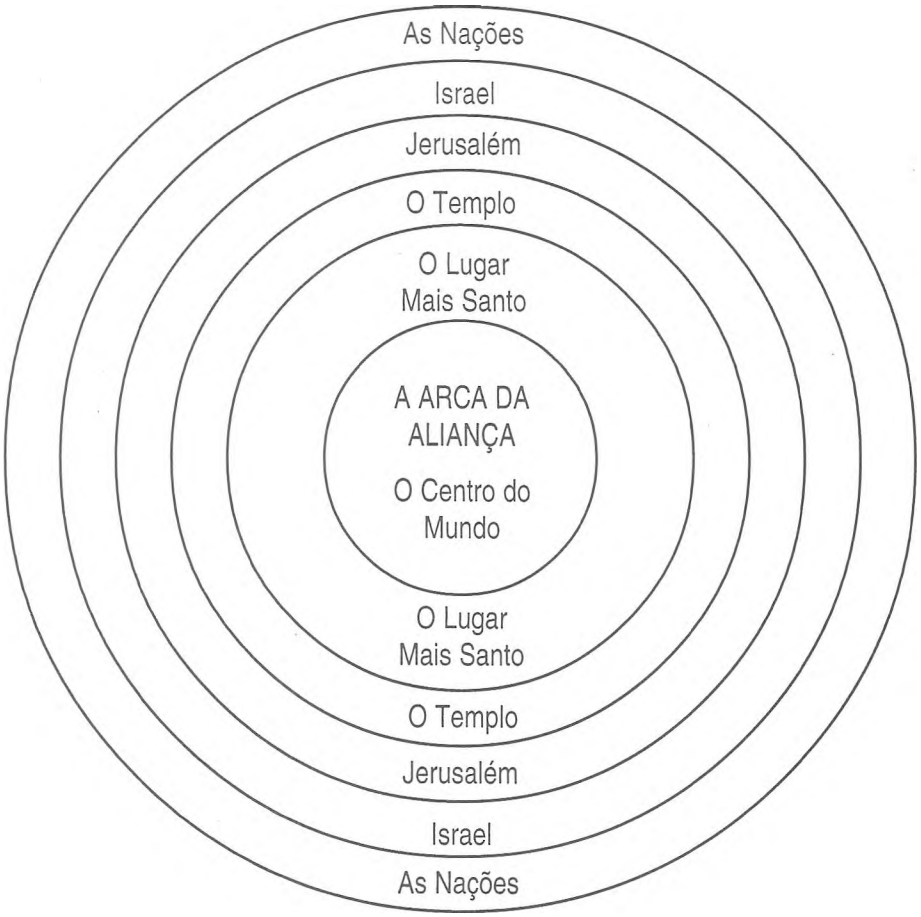
38.12

A fim de tomar o despojo, arrebatar a presa e levantar a tua mão contra as terras desertas. *As motivações* dos invasores são as comuns dos exércitos antigos, sempre baseadas na ganância individual e coletiva. A matança é um esporte para exércitos treinados e é sempre interessante recolher um grande *salário* pela pilhagem. Vencedores ficam ricos e os haréns se enchem com mulheres estrangeiras, para o prazer dos vitoriosos.

Enquanto os inimigos se preparavam para praticar seu esporte, os judeus gastavam seu tempo nos pequenos prazeres da vida. Achavam-se seguros, supondo que Yahweh os protegeria de qualquer perigo. Pensaram ocupar *o centro da terra,* tendo a arca do pacto (ou o templo) como o berço do mundo. Israel como o centro da terra era um velho mito judaico que persiste até hoje. Alguns intérpretes gastam seu tempo tentando comprovar esse absurdo. De qualquer maneira, o *centro* seria uma atração irresistível para os matadores do norte.

Habita no meio da terra. O hebraico literal é *umbigo*, referindo-se ao centro do corpo humano, num símbolo de Israel como o centro da Terra. Em Eze. 5.5,

Yahweh Reina no Cosmo e no Mundo



O CENTRO DO MUNDO

Obviamente, os judeus, de modo geral, consideraram a arca da aliança o centro moral e espiritual de seu culto a Yahweh. Mas alguns fanáticos acharam o Lugar Mais Santo o centro literal do mundo físico. "Como o umbigo se encontra no centro do corpo humano, assim a Terra de Israel se encontra no centro do mundo... Jerusalém está no centro de Israel; o Templo está no centro de Jerusalém; o Lugar Mais Santo está no centro do Templo; e a Arca está no centro do Lugar Mais Santo e serve como a pedra de alicerce do mundo" *(Tanhuma Qedoshim, 10)*.

Na cristianismo, Cristo substituiu a arca da aliança como o centro da espiritualidade, e a Igreja, o Templo Vivo, substituiu o Templo feito de pedras.

Jerusalém é chamada de centro das nações. Ver o *gráfico* que acompanha o presente texto, para uma ilustração do velho *mito do centro*.

38.13

Mais Aliados de Gogue Listados. Sabá (ver Eze. 27.22) situava-se na Arábia sudeste; Dedã (ver Eze. 25.13) em outro lugar na Arábia; *Társis* (Jer. 10.9) ou Tartesso, na Espanha. Gogue foi capaz de reunir um exército quase universal, segundo os padrões da antiguidade. Por um truque de imaginação, alguns dizem que a Inglaterra está em vista na referência à Espanha e, por outro truque, o vs. 13 é forçado a referir-se a uma força de resistência *contra* Gogue; por outro truque de imaginação, os EUA entram no texto como aliados da suposta Inglaterra.

Governadores. No original, *leões*, sugerindo a certos intérpretes dispensacionalistas a Inglaterra (e os EUA, seu filhote maior). Mas os *governadores* são aliados à massa do norte e interessados em compartilhar a pilhagem. O ataque é representado como o de animais selvagens e brutais. A Septuaginta substitui *leões* por *vilas*, que exige uma pequena emenda do hebraico. A RSV utiliza essa leitura como se fosse a original. A emenda entende outras vogais na palavra. O hebraico era escrito somente com consoantes, com as vogais sendo *entendidas;* por isso o texto às vezes dá margem a mais de uma interpretação.

Gogue Vem contra Israel (38.14-16)

38.14

Assim diz o Senhor Deus. Este novo oráculo se inicia, como todos os sete, com as palavras padronizadas. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus), na Sua soberania, manipula o destino dos homens e nações. Esta fórmula nos lembra da inspiração das mensagens e de que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh. O vs. 16 mostra que o ataque de Gogue deve ser atribuído a Yahweh, que controla as forças internacionais para cumprir Sua vontade entre os homens. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania de Deus*. Por trás da vontade de Deus, está Sua lei moral, porque nenhum julgamento ou ação divina poderiam ser arbitrários. As *causas secundárias* dos acontecimentos (isto é, os homens maldosos) levarão seus devidos castigos.

Quando o meu povo Israel habitar seguro, não saberás tu? Chegará o dia em que Gogue, vendo aquele povo em paz e despreparado, decidirá pilhar o lugar. Israel se apresentará como presa fácil, um bom *salário* potencial, para ser ganho com pouco esforço. Yahweh agitava a mente de Gogue, embora suas decisões fossem, aparentemente, autoprovocadas. Cf. o vs. 16.

38.15

Virás, pois, do teu lugar, das bandas do norte. *Gogue estava inquieto*, sua mente criava cenas de dinheiro e prazer. Assim deixou seu hábitat natural, recolhendo um vasto exército entre as nações ao redor, para atacar o pobre Israel, que vivia tão descuidadamente na sua Terra. Ver o inimigo do norte, em Jer. 4.5-6; 6.26; 16.15; 23.8. Como mencionado antes (ver a introdução ao capítulo), os intérpretes vêem a Rússia e seus aliados aqui, mas esta interpretação tem caído no descrédito. Historicamente, sem dúvida, está em vista a Babilônia, *profeticamente* um símbolo dos inimigos de Israel; talvez esteja em vista *Armagedom*. Ver as seis interpretações dadas na introdução ao presente capítulo.

38.16

Subirás contra o meu povo Israel, como nuvem, para cobrir a terra. O ataque vem como uma tempestade devastadora, um símile empregado no vs. 9. Ela cobre a terra inteira; o ataque será maciço. De fato, uma chuva pode atacar um país inteiro, como o Brasil, ao mesmo tempo, se as condições forem criadas pela natureza. Este ataque extraordinário acontecerá "nos últimos dias" (ver no vs. 8, que registra *anos*). As notas sobre as expressões de tempo se apresentam naquele versículo. As designações de tempo quase certamente tornam a profecia escatológica, ou o autor está empregando hipérboles orientais para descrever acontecimentos do passado.

Para que as nações me conheçam. Este é um tema comum no livro, expresso 63 vezes com as palavras "Saberão que eu sou o Senhor". Yahweh ficará conhecido como Juiz ou como o Restaurador (como em Eze. 16.62; 28.25-26; 29.21; 34.20; 36.11; 37.6 e 37.13). Aqui, a santidade de Yahweh é vindicada no julgamento de Gogue e de seu exército gigantesco. Sua *grandeza* (NCV) ficará conhecida quando Ele colocar o gancho na boca do crocodilo (ver o vs. 4). O ensinamento é: a lei moral prevalecerá entre as nações. Os julgamentos de Yahweh não são arbitrários. "Deus parecerá santo e justo, infligindo aos inimigos de Israel o merecido castigo. Suas perfeições de poder, fidelidade, onisciência e onipotência serão manifestadas" (John Gill, *in loc.*).

A Destruição das Forças de Gogue (38.17-23)

38.17

Assim diz o Senhor Deus. Este novo oráculo se introduz com a declaração que se repete nos sete oráculos dos capítulos 38-39. A mensagem vem de Yahweh, sendo inspirada com resultados garantidos. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) é a fonte dos oráculos e, na Sua soberania, é a força ativa por trás da sua realização. Este título ocorre 217 vezes no livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Enfatiza como a soberania de Deus determina o destino dos homens e intervém nas alegadas vicissitudes da vida.

Não és tu aquele de quem eu disse nos dias antigos...? A referência é às profecias dadas há muito tempo por uma variedade de profetas autorizados. Mas a referência *específica* provavelmente é a Jeremias, cujas profecias tinham muitos temas em comum com as de Ezequiel. O sentido provável é que o oráculo destes versículos foi dado muito tempo depois das primeiras tiradas de Jeremias, contra as forças pecaminosas do mundo antigo. Os profetas maiores (Isaías, Jeremias e Ezequiel) e os menores falaram dos ataques da Babilônia contra Israel e outros povos; este assunto é, sem dúvida, o principal do texto. Cf. Joel 3.9-14 e Sof. 3.15-20. O próprio Gogue não foi mencionado antes, mas o que ele representou foi amplamente condenado. "Gogue e Magogue, aqui, são identificados com os inimigos descritos em outras profecias (ver Núm. 24.17-24; Isa. 26.20-21; 27.1; Jer. 30.23-24; Joel 3.2; Miq. 5.5-6)" (Fausset, *in loc.*).

38.18

A minha indignação será muito grande. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus; ver os comentários no vs. 17) vê Gogue aproximar-se contra Israel (que Ele mesmo inspirou!), mas, agora, a cena o irrita, e sua ira se incendeia. O hebraico literal é "minha ira ascenderá às minhas narinas". Haverá ira queimando como um grande vulcão. A ira divina promoverá a espada (guerra), mas também se manifestará em convulsões da própria natureza: terremotos, tempestades gigantescas, dilúvios, incêndios e pestilências. As descrições das reações de Deus são antropopatéticas, ou seja, emoções humanas atribuídas a Deus. Ver no *Dicionário* os artigos *Antropomorfismo* e *Antropopatismo*.

38.19

No meu zelo, no brasume do meu furor. O fogo é símbolo da ira divina. Haverá fogo contra os inimigos de Israel, porque seu Deus é *ciumento*, não permitindo que ninguém coloque a mão sobre Seu povo. Ver sobre *Deus ciumento*, em Deu. 4.24; 5.9; 6.15; 32.16,21. Este versículo continua o antropopatismo do autor. De súbito, haverá um grande *terremoto*, outra arma do arsenal de Yahweh. Terremotos eram freqüentes na Palestina e naturalmente tornaram-se símbolos das obras destrutivas de Deus. Cf. Isa. 24.18-20; Joel 3.16; Ageu 2.6-7; Zac. 14.5. Um terremoto, em 1837 D. C., derrubou os muros de Tiberíades e matou uma multidão de pessoas. Há evidências arqueológicas de que um terremoto teve papel fundamental na derrota de Jericó, no tempo de Josué.

Os terremotos trazem uma forma de receio especial porque libertam forças súbitas, que estão além do controle dos homens. Até hoje, não se alcançou nenhuma proteção significativa contra eles. Podem ser construídos edifícios à prova de terremoto, com despesas enormes, mas até mesmo nestes casos terremotos realmente grandes ignoram as precauções dos homens. Assim é que, em lugares propensos a terremotos, as pessoas ficam sentadas, esperando o melhor, mas essencialmente impotentes ante esta força assustadora.

38.20

O terremoto prejudica todo o delicado equilíbrio da natureza, onde golpeia. Assim é que o autor menciona o fato de que até os animais do mar e da terra se aterrorizam, como os homens. Os bichos da floresta, que se arrastam no chão, também temem os terremotos. Os homens, todavia, serão os mais assustados, quando Deus sacudir a terra. Saberão que *eles* são os objetos principais do terremoto, e os que mais sofrerão. Os muros caem, mas até as próprias montanhas não resistem, fragmentando-se. O texto indica que um terremoto gigantesco acabará com os planos maldosos de Gogue e seus aliados. A terra se convulsionará e vomitará os invasores fora. Cf. Apo. 6.2 ss.; 8.5 e 16.18.

"As catástrofes da natureza, tão freqüentes em teofanias poéticas (ver Sal. 18.7-15; 29.1-11; 68.7-9; Isa. 6.4; Hab. 3.3-6; Êxo. 15.1-27; Juí. 5.4-5), tornaram-se tema comum na escatologia hebraica (ver Isa. 17.12-14; 30.27-33; 64.1-4; Sof. 1.14-18; Joel 2.28-32; Ageu 2.21; Zac. 14.3-4)" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

38.21

A espada de cada um se voltará contra o seu próximo. Homens cheios de temor, cercados por escombros e cadáveres, perderão o controle, enlouquecendo

e matando uns aos outros. O exército de Gogue se autodestruirá. Os poucos sobreviventes enfrentarão outros terrores da natureza, descritos no vs. 22. Cf. Jui. 7.22 e II Crô. 20.22,28, onde lemos sobre as intervenções divinas contra exércitos. Ver especialmente II Reis 19.35. *Adonai-Yahweh* (o Soberano, Deus Eterno) decretou a devastação e assim aconteceu. Ver este título divino nas notas no vs. 17.

38.22

Inumeráveis Armas da Natureza. Os poucos sobreviventes da espada dos inimigos, da automatança e dos efeitos desastrosos do terremoto, enfrentarão as outras armas do arsenal divino: pestilência, matança largamente espalhada entre cidadãos e soldados, chuvas torrenciais, dilúvios, saraiva e erupções vulcânicas. Cf. estas descrições com aquelas pronunciadas contra Sidom e Israel, em Eze. 5.17 e 28.33. Ainda, temos o exemplo tradicional de Sodoma e Gomorra, em Gên. 19. O texto ensina a doutrina (*teísmo*) de que Deus intervém na Sua criação. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Teísmo.* Contraste-se com o *Deísmo* (também no *Dicionário*), que afirma que a Força Criativa (pessoal ou impessoal) abandonou Sua criação, deixando as leis naturais tomando conta de tudo.

38.23

Assim eu me engrandecerei. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) se glorifica na destruição, porque os ímpios, que desafiaram a Sua vontade, foram rebaixados a seus devidos lugares humildes. O julgamento é justo e segue os padrões da lei moral; a santidade de Deus é magnificada quando o pecado sofre uma perda (vs. 16).

Saberão que eu sou o Senhor. O Soberano ficará conhecido por todos, quando Sua ira limpar este mundo. Mais do que qualquer outra nação, Israel reconhecerá o poder e a justiça de Yahweh. Cf. Eze. 36.22-23. A maior glorificação virá quando os reinos deste mundo se tornarem o Reino do Senhor (Apo. 11.15); quando a contenda universal se acalmar e o conhecimento do Senhor cobrir toda a terra, como as águas cobrem o mar (Isa. 11.9). O julgamento é um meio efetivo para restaurar, não meramente para retribuir.

Este mundo pertence ao meu Pai;
Ó, nunca me deixe esquecer isso,
Embora a injustiça pareça tão forte,
Deus ainda é o Governador.

(Maltbie D. Babcock)

Capítulo Trinta e Nove

Os capítulos 38-39 formam uma unidade, não havendo interrupção entre eles. Ver a introdução ao capítulo 38, que se aplica também aqui. Estes dois capítulos apresentam *sete oráculos*; os últimos três pertencem ao capítulo 39.

Destruição e Enterro das Multidões de Gogue (39.1-16)

Como Yahweh fora responsável por ter trazido as *hordas do norte* contra Jerusalém, também fora a causa da destruição *delas,* uma vez que chegaram ao seu destino. No ataque babilônico histórico, foi Israel quem sofreu devastação, mas na aplicação *escatológica* da história a própria Babilônia foi reduzida a pó. As *montanhas de Israel* (vs. 2) ligam este oráculo ao do capítulo 36. Cf. Eze. 38.8.

39.1

Assim diz o Senhor Deus. Todos os sete oráculos se introduzem com estas palavras, as quais lembram que os oráculos foram divinamente inspirados e que *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) os cumpriria no meio dos homens. Este título divino nos faz lembrar de que Yahweh é o Soberano que controla o destino dos homens. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Soberania de Deus.* O título aparece 217 vezes neste livro, embora somente 103 no restante do Antigo Testamento, glorificando a onipotência de Deus.

Profetiza ainda contra Gogue. As profecias "contra Gogue" continuam (ver Eze. 38.2). O profeta volveu o rosto contra aquele poder e sua carranca indicou que a ira de Yahweh estava próxima. Neste versículo, a figura é substituída pelo simples "contra". O presente capítulo se inicia com um sumário abreviado da primeira parte do capítulo 38.

As Interpretações dos Capítulos 38-39. Na introdução ao capítulo 38, apresento *seis* interpretações que não são repetidas aqui.

Os nomes próprios deste versículo são anotados na introdução ao capítulo 38 e em Eze. 38.2, com detalhes acrescentados no *Dicionário,* em artigos específicos sobre os lugares mencionados.

39.2

Far-te-ei que te volvas. "Tendo trazido o exército outrora poderoso contra as montanhas de Israel (cf. Eze. 38.8), Deus o enfraquece (Eze. 39.3) e, depois, o golpeia nas montanhas. Aquele exército, antes tão poderoso e orgulhoso, torna-se comida para as aves de rapina e para os animais selvagens da floresta. A *destruição* é descrita, essencialmente, em termos da intervenção divina, num *modus operandi* que transcende o mero natural. A aniquilação poderosa deixará somente 1/6 do exército original vivo. As hordas vêm, essencialmente, do norte, mas não tão ao norte como a Rússia, uma interpretação popular dos dispensacionalistas. Nas *seis* interpretações dadas na introdução ao capítulo 38, apresento as principais idéias dos comentaristas. Cf. Eze. 38.15 e Jer. 1.14; 4.6; 10.22. Para a *repulsão* do exército, ver Eze. 38.4.

39.3

Tirarei o arco da tua mão esquerda, e farei cair as tuas flechas da tua mão direita. O exército chegou para matar, pilhar e lucrar (Eze. 39.5), mas a intervenção divina anulou todos os planos. Um poderoso terremoto os pegou de surpresa; outros fenômenos da natureza também cooperaram para derrubar os ímpios (ver Eze. 38.22). Houve resistência com espada, por parte das pessoas atacadas, mas esse item tem pouca importância nestes capítulos.

O exercito, totalmente privado de seu poder, sujeitou-se à aniquilação absoluta.

39.4

Nos montes de Israel cairás. O exército, grande e potente, foi reduzido a nada, servindo somente de comida para as aves de rapina e as bestas selvagens. Alguns interpretam que estes animais representam *outras forças* (como as humanas) que cooperaram na destruição generalizada.

"A *preservação de Israel* resulta da destruição de seus inimigos, com Yahweh realizando uma obra dupla. Cf. Dan. 11.45, que descreve a blasfêmia voluntária do rei do norte, que chegará ao seu fim, sem que ninguém o ajude" (Fausset, *in loc.*). "Compare-se esta destruição àquela do faraó, em Eze. 39.4-5" (Ellicott, *in loc.*).

Virgílio fala da omissão de um enterro decente e de corpos deixados para serem comidos pelas aves e bestas do campo, como um julgamento de Deus, reservado a homens especialmente ímpios (*Aen.* 1.10).

39.5

Cairás em campo aberto, porque eu falei, diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) pronunciou Seu oráculo de aniquilação contra Gogue e suas hordas, e assim aconteceu. Ver o vs. 1 para este título divino. Mesmo a maldade sendo forte, Deus ainda é o Governador. Suas intervenções mudam o curso da vida dos homens e das nações.

39.6

Meterei fogo em Magogue. Eze. 38.19-22 descreve a devastação do exército de Gogue e seus aliados, *pelas forças da natureza,* e aquela descrição se completa aqui com *fogo*, possivelmente numa alusão à erupção vulcânica. A *ira* divina é assim simbolizada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Fogo, Simbolismo de,* para detalhes. Talvez relâmpagos temíveis também façam parte da alusão. Gogue não será a única vítima; as ilhas e cidades da costa também serão atingidas pelo fogo divino. O autor fala dos que habitam seguros nas terras do mar, que se aliaram a Gogue. Eze. 26.15,18; 27.3,6-7,16,35 que mencionam outras nações, em lugares mais distantes, como sujeitas ao castigo de Yahweh.

Saberão que eu sou o Senhor. Yahweh ficará conhecido nesse julgamento, quando os *profanos* sofrerem o que merecem. Para o tema de Yahweh ficar conhecido pelo julgamento ou pela restauração (63 vezes neste livro), ver as notas em Eze. 38.23.

39.7

Farei conhecido o meu santo nome no meio do meu povo Israel. Yahweh ficou conhecido (vs. 6), assim como o Seu *santo nome*, reverenciado como um Juiz justo que castiga os homens rebeldes e maldosos que agem contrariamente às suas leis. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Nome,* e ver Sal. 31.3. Ver *santo nome,* em Sal. 30.4 e 33.21. O *nome* representa tudo que alguém é, sua natureza e atributos. Para os ímpios, Yahweh ficou conhecido como Juiz, mas para o Seu próprio povo Ele é conhecido como Protetor e Restaurador. Cf. Eze. 16.62; 28.25-26; 29.21; 34.30; 36.11; 37.6 e 37.13.

Nunca mais deixarei profanar o meu santo nome. O santo nome não mais será profanado pelos perversos. O Novo Dia já chegou, cheio de glória, e Israel se levanta como chefe das nações. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Santo de Israel.* Ver também *Deus, Nomes Bíblicos de.* Devemos lembrar que o Deus de Israel é descrito em termos *morais;* Sua lei moral determina o bem-estar ou a punição dos povos. Contraste-se este ensinamento com o conceito grego dos deuses que compartilharam todos os vícios e maldades dos homens, mas numa forma exagerada, porque, afinal, eram *deuses.* Ver no Dicionário o artigo denominado *Santidade.* Os nomes divinos ficaram tão respeitados no judaísmo, que nunca mais foram pronunciados por um judeu piedoso, que substituiu os sons por outros semelhantes. Contraste-se isto com o uso em português: até o crente fala levianamente: "Ó meu Deus!".

39.8

Eis que vem, e se cumprirá, diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus; ver as notas no vs. 1) pronunciou o oráculo de desastres contra Gogue e suas massas, que foi cumprido para honrar Seu santo nome. A reputação de Seu nome estava em jogo, uma situação intolerável. O dia da devastação inevitável e terrível fará seu serviço com temível precisão.

Este é o dia de que tenho falado. Cf. os "últimos anos", de Eze. 38.8 e os "últimos dias", de Eze. 38.16. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Dia do Senhor,* e ver também Eze. 21.7.

39.9

Os habitantes das cidades de Israel sairão, e queimarão de todo as armas... Os israelitas irão para os campos de batalha para limpá-los; começam queimando a grande quantidade de armas que os soldados mortos deixaram, utilizando o *fogo* como instrumento purificador. A Terra deve ser purificada das hordas de Gogue e de todos os seus objetos de crueldade.

O vs. 10 mostra que as armas eram fabricadas de madeira. Este material será consumido pelo fogo e, talvez, a parte de metal será utilizada para fazer instrumentos agrícolas (Isa. 2.4). A madeira fornece *combustível* para o povo; cf. Eze. 38.4-5, que tem uma descrição das armas. Ver, também, no *Dicionário* o artigo denominado *Armadura, Armas.* O texto aqui acrescenta *bastões de mão,* ou clubes de guerra (NCV). Em outros textos, a mesma palavra é usada para falar de bengalas e varas usadas para controlar os rebanhos. Ver Gên. 32.10; Êxo. 21.11; Núm. 22.27. É inútil, no contexto escatológico, entender estas armas, literalmente, como alguns intérpretes literalistas insistem em fazer. Os exércitos das nações não voltarão para as armas antigas, por causa de tratados, alianças etc. Esse tipo de interpretação é absurdo.

Farão fogo com tudo isto por sete anos. Levará *sete anos* para completar o serviço. Com este detalhe, o autor nos impressiona com a grandeza do exército caído e também com o Poder que agiu em favor de Israel, para dar-lhe vitória em circunstâncias impossíveis.

Alguns intérpretes fazem destes *sete anos* o tempo da *Grande Tribulação,* mas a idéia é certamente equivocada. Não há aqui paralelo com as 70 semanas de Dan. 9, cujo gráfico ilustra o ponto de vista dispensacionalista da questão.

39.10

Não trarão lenha do campo. A madeira das florestas será poupada, não sendo utilizada por sete anos, melhorando a ecologia e os recursos naturais do país.

Saquearão os que os saquearam. Além do uso da madeira, os israelitas pilharão todos os valores dos soldados mortos, ação comum em guerras, antigas ou modernas. O *salário* dos exércitos antigos era justamente a pilhagem. Os saqueadores foram saqueados; isto fez parte da justiça efetuada. A *Lex Talionis* (retribuição de acordo com a gravidade do crime) governou o dia da pilhagem. Ver no *Dicionário* sobre este título. Ver também sobre *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* As leis morais de Deus devem ser aplicadas entre os homens, para que o deus verdadeiro deste mundo não seja o *Caos.*

"... tiraram das vítimas não somente as suas armas, mas também suas vestimentas, seu ouro, prata e jóias e qualquer outra coisa julgada de valor" (John Gill, *in loc.*).

39.11

Naquele dia darei ali a Gogue um lugar de sepultura em Israel. "Aquele dia" (ver as notas no vs. 8) é o dia do julgamento, o dia decisivo. Os mortos foram decentemente enterrados, para que a terra não ficasse poluída para sempre, álgo intolerável segundo a mente dos judeus. Ver no *Dicionário* o artigo *Limpo e Imundo.*

Vale dos Viajantes. O cemitério situava-se no *Vale dos Viajantes,* a leste do mar Morto. Por uma emenda do texto, podemos traduzir *Vale de Abarim,* como traz a versão armênia. Se essa é a leitura correta, então está em pauta um vale nas montanhas de Abarim, que inclui o monte Nebo, ao norte do rio Naliel, o moderno wadi Zerca. Ver Núm. 27.12; 33.47-48 e Deu. 32.49. O Cótico também traz esta leitura. Às vezes, as versões retêm leituras originais que o texto hebraico padronizado, o texto massorético, perdeu. Devemos lembrar que as versões foram traduzidas de manuscritos hebraicos, algumas delas mais antigas que o texto padronizado hebraico. Ver no *Dicionário Massora (Massorah); Texto Massorético* e *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento,* artigos que contêm informações a respeito de como leituras originais são escolhidas quando existem variantes.

"Os mortos serão sepultados do outro lado do Jordão, fora da Palestina, para que a terra não seja poluída (cf. o vs. 14)" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vale dos Viajantes.*

O vale receberá um *novo nome* por causa do enterro das hordas de Gogue, isto é, o *Vale do Hamon-Gogue,* que significa o "Vale das Forças de Gogue". Esse vale impedirá a passagem na área de viajantes, que se tornariam imundos se atravessassem o lugar. Ver no *Dicionário* o artigo *Limpo e Imundo.* Se um homem tocasse em um cadáver, ficaria imundo até ser cerimonialmente purificado.

39.12

Durante sete meses estará a casa de Israel a sepultá-los. O trabalho de sepultar a multidão de Gogue será enorme, levando *sete meses* para terminar. Deverá ser feito com todo o cuidado para não deixar nenhuma poluição. Até os ossos individuais deverão ser enterrados na mesma hora, no lugar onde forem encontrados (vs. 15). Os judeus eliminarão o horror de cadáveres deixados sem sepultamento decente. As aves de rapina e as bestas selvagens da floresta deverão ser afastadas da área (vs. 4). Obviamente, algumas delas encherão a barriga da carne doce, mas o trabalho evitará a continuação da festa. Os animais ajudarão a "limpar" a terra, fazendo a sua parte.

39.13

Todo o povo da terra os sepultará. *O empreendimento do enterro* exigirá a cooperação de boa porção da população. Alguns intérpretes se divertem procurando calcular quantos corpos serão sepultados e quantos judeus o trabalho exigiria. Supondo-se que houvesse um milhão de homens empregados na tarefa, e que a cada dia cada homem enterrasse dois corpos, durante sete meses, haveria um total de 360 milhões de corpos enterrados! Precisamos de uma matemática fantástica, se considerarmos literalmente a expressão "todo o povo", como empenhado no trabalho.

Os enterros continuarão. A magnitude do julgamento ficará evidente, bem como o motivo pelo qual o povo precisava da intervenção divina para sobreviver. O nome do Senhor será magnificado entre as nações, mas especialmente em Israel.

Ser-lhes memorável o dia em que eu for glorificado, diz o Senhor Deus. "... cuja grandeza, bondade, poder e sabedoria serão manifestos na salvação de seu povo e na destruição de seus inimigos" (John Gill, *in loc.*).

39.14

Serão separados homens que sem cessar percorrerão a terra para sepultar... A campanha original de sepultamento será seguida por buscas adicionais, para garantir que todo o material do massacre seja enterrado. Homens especialmente escolhidos receberão a tarefa e serão zelosos em cumpri-la.

Talvez o presente versículo indique que este grupo especial de homens trabalhará *mais* sete meses na *limpeza* da terra, ou podemos entender que seu trabalho *faz parte* dos sete meses totais. A Atualizada dá a primeira idéia: "... depois de sete meses, iniciarão a busca". A NIV e a NCV falam algo semelhante. Se este for o caso, então o texto não fala explicitamente que serão necessários *sete meses a mais* para completar a limpeza. O ensino do versículo é claro: a tarefa de limpeza será fundamental para o bem-estar de Israel e deverá ser feita com zelo e determinação.

39.15

Depois das duas campanhas de sepultamento, a área poderá ser liberada para viajantes. Mas, se um passante encontrar um osso, deverá chamar um enterrador de ossos para sepultar o achado imediatamente. Ele mesmo não poderá fazer a tarefa porque, agindo assim, ficará *imundo.* O enterro exigirá cuidados especiais porque, para os judeus, nada era tão poluidor quanto um corpo humano morto, no todo ou em partes. O que para nós parece exagero, para os judeus era um negócio sério.

A Lição Moral. Todo o cuidado com as coisas limpas e imundas ensina que também devemos ter cuidado com a pureza moral e espiritual. Cf. Efé. 5.26-27 e Apo. 21.27.

39.16

O nome da cidade será o das Forças. *Hamona.* Esta palavra significa *multidão* ou *força.* Nenhuma cidade com este nome se encontra na literatura, nem

figura entre as descobertas arqueológicas. É bem provável que esteja em vista um campo de trabalho ou uma cidade. O significado da referência fica na dúvida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hamona*, que apresenta especulações.

As Hordas de Gogue como um Sacrifício para Yahweh (39.17-24)

O *dia de Yahweh* é representado neste trecho como um *dia de sacrifício*. Cf. esta declaração com Sof. 1.1-9; ver também Isa. 34.6-7 e Jer. 46.10. As vítimas do sacrifício, em lugar de animais, foram neste caso homens. Yahweh sacrificou aquela multidão para Si mesmo e convida Israel para assistir à festividade! A mesma filosofia governava a *guerra santa*. Ver as notas oferecidas em Deu. 7.1-5 e 20.10,18 que comentam este assunto. Uma vila inteira poderia ser massacrada (homens, mulheres, crianças e até animais) como gigantesca oferta a Deus (ou a algum deus ou deuses). Este tipo de sacrifício era um *holocausto*, no qual a vítima era consumida totalmente no fogo no altar. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Holocausto*, para detalhes.

39.17

Ajuntai-vos de toda parte para o meu sacrifício. Yahweh convida muitos participantes para o sacrifício horripilante! Além dos homens, convida também as aves de rapina e as bestas selvagens da floresta, para encher a barriga com sua porção. A festa será realizada "nas montanhas" de Israel, as mesmas que as hordas de Gogue atacaram. Cf. Eze. 38.8,19-22. Haverá abundância de carne para comer e muito sangue para beber!

As descrições são *figurativas*, obviamente, pois Israel jamais poderia envolver-se num ato canibalesco e, certamente, jamais beberia sangue. Talvez as aves e as bestas selvagens simbolizem "outras nações" que se beneficiariam da festa. De qualquer maneira, o autor apresenta uma parábola, não esperando que os leitores entendam o assunto literalmente.

39.18

Comereis a carne dos poderosos e bebereis o sangue dos príncipes. Este sacrifício e a festa subseqüente serão, em todos os sentidos, incomuns. Afinal, o cardápio será composto da carne e do sangue de reis e príncipes! Eles serão como animais sacrificiais, gordos e perfeitos para a oferta, e deliciosos para serem comidos. Aqueles sacrifícios reais serão melhores para a refeição do que a carne de carneiros, bodes e novilhos que normalmente eram utilizados naquele propósito.

Nos sacrifícios dos judeus, o próprio Yahweh, embora invisível, era considerado presente para receber a gordura e o sangue das ofertas. Ver sobre as leis relativas a estes elementos em Lev. 3.17. Então, os sacerdotes tinham direito de comer oito porções especiais; o restante era reservado para a refeição daqueles que haviam trazido os animais sacrificiais. Ver Lev. 6.26; 7.11-24; Núm. 18.8 e Deu. 12.17-18. Havia uma grande festa, acompanhada de música e dança.

O sacrifício de Gogue e as festividades atendentes tinham outras regras. *Todos os participantes* recebiam as porções preferidas, o sangue, a gordura e as melhores partes.

Basã. Situada na Transjordânia, era famosa pela produção de gado fino. Cf. Amós 4.1.

39.19

Comereis a gordura até vos fartardes. A gula e a bebedice continuarão até a barriga dos judeus estourar e eles caírem bêbados no chão. De fato, evidências históricas mostram que, com certa freqüência, as festas de sacrifício terminaram em cenas nojentas e, talvez, este versículo possa estar referindo-se a uma dessas ocasiões desgraçadas. Até na igreja cristã primitiva, no Ágape, tais coisas aconteceram, como mostra I Cor. 11.21-22. Mas nesta parábola a gula e a ebriedade são encorajadas para mostrar que não estamos considerando uma festa comum. Adam Clarke, *in loc.*, informa que certos povos escandinavos da antiguidade bebiam o sangue de seus inimigos, utilizando os crânios como copos!

39.20

Vós vos fartareis de cavalos e de cavaleiros. Os cavalos nobres do exército, que morreram com seus cavaleiros, são acrescentados ao cardápio. O cavalo, um animal imundo (segundo as leis levíticas), não era apropriado ao sacrifício, mas nesta refeição especial todas as velhas regras foram esquecidas. Cavalos de guerra especialmente treinados foram ajudantes valiosos dos cavaleiros e, freqüentemente, contribuíram para o sucesso das batalhas. Matar um bom cavalo tinha quase o mesmo valor de matar um bom soldado. Referências literárias nos convencem de que os cavalos de guerra apreciavam a excitação da batalha e da matança, sendo tão sanguinários como seus cavaleiros. Foi apropriado, então, que se tornassem pratos do dia em companhia dos homens que tanto ajudaram.

Diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) arrumou a festa e suas condições, exercendo Seus poderes ilimitados. Ver sobre esse título divino, nas notas no vs. 1.

39.21-22

Manifestarei a minha glória entre as nações. O *vs. 21*, em essência, é igual a Eze. 38.23. Yahweh é *vindicado* e *glorificado*, porque Sua pesada mão de julgamento realizou uma obra justa e necessária. Ver sobre *mão*, no *Dicionário* e em Sal. 81.4; e sobre *mão direita*, em Sal. 20.6.

Dois Resultados da Batalha. 1. As nações verão a temível glória de *Adonai-Yahweh* (cf. Eze. 1.28). 2. Israel voltará para o seu Deus (cf. Eze. 5.7).

> *Todas as nações temerão o nome do Senhor, e todos os reis da terra, a sua glória; porque O Senhor edificou o Sião.*
>
> (Salmo 102.15-16)

Saberão que eu sou o Senhor. Ficará universalmente conhecido que foi Adonai-Yahweh quem efetuou a façanha da destruição de Gogue e de suas hordas e restaurou o Seu povo de volta a seu devido lugar, descansando na sua Terra, seguro nos braços eternos do Senhor. Que Adonai-Yahweh tornar-se-á conhecido como Juiz e como o Restaurador, é um tema que ocorre 63 vezes neste livro. Para a *restauração de Israel*, ver Eze. 16.62; 28.25-26; 29.21; 34.30; 36.11; 37.6,11 e 39.7.

39.23

Pano de Fundo Histórico. Este versículo oferece um abreviado pano de fundo histórico para os capítulos 38-39. Temos aqui uma referência óbvia ao cativeiro babilônico. As nações saberão o *porquê* de Israel ter sido sujeitado a todo aquele sofrimento e, assim, não profanarão o nome de Yahweh (Eze. 36.20). Para evitar a *referência histórica*, intérpretes falam dos *sofrimentos* ferais de Israel, o que é, obviamente, absurdo. Confessamente, pouco do que vemos nos capítulos 38-39 corresponde às informações que temos sobre o ataque babilônico a Israel, com a subseqüente destruição daquele poder pelos medos-persas. Isto nos dá licença para supor que a profecia tenha também um alcance de longo prazo, atingindo os dias antes do estabelecimento do Reino do Messias, "os últimos anos" ou "últimos dias", talvez *Armagedom*. Alguns intérpretes simplesmente supõem que estes dois capítulos sejam singulares e não caibam bem em nenhum esquema histórico ou profético. Tal suposição, todavia, é contra o presente versículo e sua referência óbvia ao cativeiro babilônico.

Foram levados para o exílio. Fazer a dispersão aqui significar a *diáspora* romana dificilmente seguiria o pensamento do autor. Note-se o verbo no passado: "*foram* levados", por causa das suas muitas iniqüidades, a mensagem constante de Ezequiel. "Todos eles caíram à espada" também refere-se também a Israel no tempo no passado. Ver as notas no fim do vs. 24, para a queda de Israel pela espada.

39.24

Este versículo continua destacando o *porquê* do cativeiro babilônico. A iniqüidade de Israel era uma *imundície*, pois eles se envolveram em idolatria, praticando todas as abominações das nações ao redor.

O povo de Israel estava *cheio* de transgressões, ignorando por completo a legislação mosaica, o *guia* ideal de conduta (Deu. 6.4 ss.). Aquele povo entrou em profunda idolatria-adultério-apostasia; a Babilônia foi mandada por Yahweh, para purificar Israel através de sofrimentos. O incidente serviu para ilustrar a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). A história se repetirá antes do estabelecimento do Reino do Messias, e parece que uma interpretação escatológica é desejável, considerando-se a unidade dos capítulos 38-39, e não meramente o presente trecho.

Paralelos. Cf. os vss. 23-24 com Deu. 31.17; Isa. 59.2; Lev. 26.25; Eze. 36.19. "Morreram pela espada" (isto é, numa *guerra*, vs. 23). A referência óbvia é à derrota que Israel sofreu às mãos dos babilônios.

A Restauração do Bem-estar de Jacó (39.25-29)

39.25

Assim diz o Senhor Deus: Agora tornarei a mudar a sorte de Jacó. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus), no exercício de Sua soberania, recebe de volta Seu filho errante e o restaura à glória sem precedentes. Trará

Seu povo de volta do cativeiro babilônico e, depois, também da diáspora romana, para anular todas as vagueações voluntárias e forçadas. "A casa de Israel" significa o *Reino Unido* que existirá no Reino do Messias. Vindicando Seu nome santo e fiel, Yahweh cumprirá todas as provisões do Pacto Abraâmico.

Terei zelo pelo santo nome. Cf. Eze. 16.43 e 29.14. "Mostrar-se-á santo através deles (Eze. 20.41; 28.22,25; 36.23; 38.16)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Para o Deus *ciumento*, ver Deu. 4.24; 5.9; 6.1; 32.16,21. Em um *antropopatismo* pronunciado, o autor atribui a Deus as emoções dos homens. Ver esse título no *Dicionário*.

Cf. Osé. 1.11. *Todo o Israel* será restaurado (Rom. 11.26).

39.26

Esquecerão a sua vergonha. Ou, segundo algumas traduções, "carregarão sua vergonha", que é o texto padronizado do hebraico. Uma pequena emenda muda "carregarão" para "esquecerão", mas a primeira é a leitura mais difícil, portanto provavelmente a original. Ver no Dicionário o artigo intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético*. Ver também *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento*, que dá informações sobre como leituras corretas são escolhidas quando há variantes. Cf. Eze. 20.43 e 36.31. Ver também Dan. 9.16.

O *passado tenebroso* de idolatria-adultério-apostasia, que tanto envergonhou Israel, desvanecerá da consciência do povo; sua conduta será totalmente revertida, por causa do *coração novo* que eles adquirirão antes do Reino do Messias. Habitarão seguramente na Terra Prometida no *Pacto Abraâmico* (ver em Gên. 15.18). Ninguém chegará para fazê-los temer ou para machucá-los. Cf. Lev. 26.5-6.

39.27

Quando eu tornar a trazê-los de entre os povos... O recolhimento de Israel será um exemplo notável da operação da misericórdia e da graça de Yahweh, mas também uma vindicação do santo nome do Senhor. Haverá clara demonstração da justiça de Seus atos. Este versículo é, essencialmente, igual ao vs. 25. Cf. também Eze. 28.25-26, um paralelo direto dos vss. 26-27 deste capítulo. Estes versículos discursam sobre a volta dos cativos da Babilônia, que logo acontecerá. A profecia também parece ser de longo alcance, falando do fim da diáspora romana, que deve ocorrer antes do estabelecimento do Reino do Messias. A igreja não é o assunto deste texto, e o versículo não tem nada que ver com o alcance do evangelho entre as nações. Também não descreve a salvação da alma, mas versa sobre a redenção física e espiritual de toda uma nação, realizada aqui, nesta terra, não nos céus. O Novo Pacto de Israel não é o Novo Pacto da igreja (Jer. 31.31).

39.28

Saberão que eu sou o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* é, neste versículo, *Yahweh-Elohim* (o Eterno Deus, o Poder). Os dois títulos transmitem a mesma mensagem da *Soberania de Deus*. Yahweh ficará conhecido como Juiz e Restaurador, tema que se repete 63 vezes neste livro. Este versículo fala do poder restaurador do Senhor, sendo paralelo a Eze. 16.62; 28.25-26; 29.21; 34.30; 36.11; 37.6,13; 39.7,22. Yahweh ficou conhecido como *Juiz* no cativeiro babilônico, e como *Restaurador* quando o remanescente voltou para começar tudo de novo. Cf. Osé. 3.4-5; Eze. 36.23-24 e 38.16.

39.29

Já não esconderei deles o meu rosto. Yahweh escondeu o rosto quando Israel estava sofrendo a condenação divina por causa de sua péssima conduta. As bênçãos de Deus cessaram e foram substituídas por vários modos de punição. Mas, quando o trabalho de purificação terminou, o rosto de Yahweh brilhou novamente sobre eles, iluminando seus caminhos e enriquecendo suas vidas. Depois, para completar o ciclo de bênçãos, Ele derramou o Espírito sobre eles para transformá-los totalmente. Ver Joel 2.28; Zac. 12.10, Isa. 59.19-21 e Atos 2.17. Yahweh nunca mais esconderá o rosto deles, porque o passado de vergonha terminou. Cf. Eze. 36.27 e 37.14.

Espírito do Deus Vivo,
Cai de novo sobre mim.
Espírito do Deus Vivo,
Cai de novo sobre mim.
Quebra-me; derrete-me; molda-me; enche-me.

(Daniel Iverson)

Capítulo Quarenta

A Nova Ordem de Israel. A Visão da Comunidade Restaurada (40.1 - 48.35)

Estes *nove capítulos* formam a divisão final do livro. O tema principal é a restauração do templo e de seu culto, que atingirá uma glória muito grande, ultrapassando toda a história de Israel. Eze. 40.1-42.20 apresentam detalhes do arranjo da área do templo. Ezequiel recebeu uma visão, através da qual fez um circuito do templo e de suas áreas adjacentes, para ajudá-lo a entender a grandeza da provisão de Yahweh. O *Arquiteto Divino* foi o seu guia nesse estudo. Deve existir um ministério apropriado no Novo Templo (capítulo 44). O capítulo 45 fornece os regulamentos sobre pesos e medidas, contribuições para serem feitas ao ministério e a renovação das diversas festividades tradicionais. No capítulo 46, o exame do templo reaparece. Um riacho sagrado fluirá do templo para refrescar o povo, simbolizando a vida divina que garante plenitude em todos os sentidos.

O capítulo 40 tem oito divisões naturais: 1. vss. 1-5; 2. vss. 6-16; 3. vss. 17-19; 4. vss. 20-27; 5. vss. 28-37; 6. vss. 38-43; 7. vss. 44-47; 8. vss. 48-49.

Diversas Interpretações da Seção. As interpretações representam idéias consideravelmente diversas:

1. *Interpretação Histórica.* Ezequiel esperava a construção de um novo e magnificente templo, logo depois da volta dos cativos da Babilônia. Isto não aconteceu, mas foi a *esperança* que o inspirou nos capítulos que se seguem.
2. *Interpretação Metafórica.* Está em vista a *igreja cristã*, ela mesma sendo o templo desta seção, representado com uma multidão de símbolos. Não esperamos um templo literal, material.
3. *Interpretação Futurista.* O templo será literal e material, o *templo milenar*. Este templo magnífico será construído no milênio e restaurará o velho culto de Israel, com algumas modificações.
4. *Interpretação Ideal, Literal.* Idealmente, será construído por Israel um templo que terá as características apresentadas nestes capítulos, mas o elemento tempo é indeterminado, não estando associado a nenhuma era específica.
5. *Interpretação Ideal, Espiritual.* As descrições são metafóricas, discursando sobre *ideais espirituais*, não sobre um templo literal de materiais crassos. O povo restaurado tornar-se-á o templo e possuirá qualidades espirituais como aquelas *simbolizadas* nesta seção.

A Planta do Templo; as Cortes Exteriores e Interiores (40.1-49)

"O profeta é transportado da Babilônia para o monte do templo, em visão. Seu guia celestial o conduz em um circuito através do templo e das áreas adjacentes, onde medidas múltiplas dos portões, dos muros, das câmaras e das cortes são realizadas. O circuito começa no Portão Oriental e vai para a corte interior. O presente capítulo termina com uma descrição do próprio templo, que continua no capítulo 41" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

Ezequiel no Monte do Templo (40.1-5)

40.1

No ano vinte e cinco do nosso exílio. *Data.* O cálculo é feito a partir do 25º aniversário do exílio do remanescente na Babilônia. Ezequiel foi levado (em visão; cf. Eze. 8.2-3) ao monte do templo ideal, uma montanha muito alta (Eze. 17.22; Miq. 4.1). A data é o dia 28 de abril de 573 A. C. Ela pode variar dependendo do calendário utilizado: "Os israelitas começaram seu ano religioso em nisã (abril-maio), que foi estabelecido pelo tempo do Êxodo (Êxo. 12.1,3). Todavia, em tempos posteriores, o sétimo mês, tisri (outubro-novembro), tornou-se o primeiro mês do calendário civil ou real. A data do presente texto, portanto, poderia ser o dia 28 de abril de 573 A. C. ou 22 de outubro de 573 A. C. Essa data em outubro era também o Dia da Expiação (cf. Lev. 23.27)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Veio sobre mim a mão do Senhor. O circuito era divino (visionário, porque a *mão do Senhor* estava sobre o profeta). Ver sobre *mão*, no *Dicionário* e em Sal. 81.14; ver sobre *mão direita*, em Sal. 20.6. O Targum interpreta a *mão* de Yahweh, aqui, como "o espírito da profecia".

40.2

... me pôs sobre um monte muito alto. De sua posição vantajosa, na montanha alta, o profeta foi capaz de observar tudo facilmente. Naquele monte, de maneira especial, visionária, tudo ficou claro. Ao sul, o profeta viu um grupo de edifícios que pareciam formar uma cidade. Provavelmente, está em vista o monte Sião, como em Sal. 48.2; Isa. 3.2; Miq. 4.1 e Zac. 14.10, mas imensamente glorificado na visão. O profeta logo foi transportado para o lado oposto, a *área sagrada* onde o circuito (divinamente guiado) ia começar.

Seu povo de volta do cativeiro babilônico e, depois, também da diáspora romana, para anular todas as vagueações voluntárias e forçadas. "A casa de Israel" significa o *Reino Unido* que existirá no Reino do Messias. Vindicando Seu nome santo e fiel, Yahweh cumprirá todas as provisões do Pacto Abraâmico.

Terei zelo pelo santo nome. Cf. Eze. 16.43 e 29.14. "Mostrar-se-á santo através deles (Eze. 20.41; 28.22,25; 36.23; 38.16)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Para o Deus *ciumento*, ver Deu. 4.24; 5.9; 6.1; 32.16,21. Em um *antropopatismo* pronunciado, o autor atribui a Deus as emoções dos homens. Ver esse título no *Dicionário*.

Cf. Osé. 1.11. *Todo o Israel* será restaurado (Rom. 11.26).

39.26

Esquecerão a sua vergonha. Ou, segundo algumas traduções, "carregarão sua vergonha", que é o texto padronizado do hebraico. Uma pequena emenda muda "carregarão" para "esquecerão", mas a primeira é a leitura mais difícil, portanto provavelmente a original. Ver no Dicionário o artigo intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético*. Ver também *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento*, que dá informações sobre como leituras corretas são escolhidas quando há variantes. Cf. Eze. 20.43 e 36.31. Ver também Dan. 9.16.

O *passado tenebroso* de idolatria-adultério-apostasia, que tanto envergonhou Israel, desvanecerá da consciência do povo; sua conduta será totalmente revertida, por causa do *coração novo* que eles adquirirão antes do Reino do Messias. Habitarão seguramente na Terra Prometida no *Pacto Abraâmico* (ver em Gên. 15.18). Ninguém chegará para fazê-los temer ou para machucá-los. Cf. Lev. 26.5-6.

39.27

Quando eu tornar a trazê-los de entre os povos... O recolhimento de Israel será um exemplo notável da operação da misericórdia e da graça de Yahweh, mas também uma vindicação do santo nome do Senhor. Haverá clara demonstração da justiça de Seus atos. Este versículo é, essencialmente, igual ao vs. 25. Cf. também Eze. 28.25-26, um paralelo direto dos vss. 26-27 deste capítulo. Estes versículos discursam sobre a volta dos cativos da Babilônia, que logo acontecerá. A profecia também parece ser de longo alcance, falando do fim da diáspora romana, que deve ocorrer antes do estabelecimento do Reino do Messias. A igreja não é o assunto deste texto, e o versículo não tem nada que ver com o alcance do evangelho entre as nações. Também não descreve a salvação da alma, mas versa sobre a redenção física e espiritual de toda uma nação, realizada aqui, nesta terra, não nos céus. O Novo Pacto de Israel não é o Novo Pacto da igreja (Jer. 31.31).

39.28

Saberão que eu sou o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* é, neste versículo, *Yahweh-Elohim* (o Eterno Deus, o Poder). Os dois títulos transmitem a mesma mensagem da *Soberania de Deus*. Yahweh ficará conhecido como Juiz e Restaurador, tema que se repete 63 vezes neste livro. Este versículo fala do poder restaurador do Senhor, sendo paralelo a Eze. 16.62; 28.25-26; 29.21; 34.30; 36.11; 37.6,13; 39.7,22. Yahweh ficou conhecido como *Juiz* no cativeiro babilônico, e como *Restaurador* quando o remanescente voltou para começar tudo de novo. Cf. Osé. 3.4-5; Eze. 36.23-24 e 38.16.

39.29

Já não esconderei deles o meu rosto. Yahweh escondeu o rosto quando Israel estava sofrendo a condenação divina por causa de sua péssima conduta. As bênçãos de Deus cessaram e foram substituídas por vários modos de punição. Mas, quando o trabalho de purificação terminou, o rosto de Yahweh brilhou novamente sobre eles, iluminando seus caminhos e enriquecendo suas vidas. Depois, para completar o ciclo de bênçãos, Ele derramou o Espírito sobre eles para transformá-los totalmente. Ver Joel 2.28; Zac. 12.10, Isa. 59.19-21 e Atos 2.17. Yahweh nunca mais esconderá o rosto deles, porque o passado de vergonha terminou. Cf. Eze. 36.27 e 37.14.

Espírito do Deus Vivo,
Cai de novo sobre mim.
Espírito do Deus Vivo,
Cai de novo sobre mim.
Quebra-me; derrete-me; molda-me; enche-me.

(Daniel Iverson)

Capítulo Quarenta

A Nova Ordem de Israel. A Visão da Comunidade Restaurada (40.1 - 48.35)

Estes *nove capítulos* formam a divisão final do livro. O tema principal é a restauração do templo e de seu culto, que atingirá uma glória muito grande, ultrapassando toda a história de Israel. Eze. 40.1-42.20 apresentam detalhes do arranjo da área do templo. Ezequiel recebeu uma visão, através da qual fez um circuito do templo e de suas áreas adjacentes, para ajudá-lo a entender a grandeza da provisão de Yahweh. O *Arquiteto Divino* foi o seu guia nesse estudo. Deve existir um ministério apropriado no Novo Templo (capítulo 44). O capítulo 45 fornece os regulamentos sobre pesos e medidas, contribuições para serem feitas ao ministério e a renovação das diversas festividades tradicionais. No capítulo 46, o exame do templo reaparece. Um riacho sagrado fluirá do templo para refrescar o povo, simbolizando a vida divina que garante plenitude em todos os sentidos.

O capítulo 40 tem oito divisões naturais: 1. vss. 1-5; 2. vss. 6-16; 3. vss. 17-19; 4. vss. 20-27; 5. vss. 28-37; 6. vss. 38-43; 7. vss. 44-47; 8. vss. 48-49.

Diversas Interpretações da Seção. As interpretações representam idéias consideravelmente diversas:

1. *Interpretação Histórica.* Ezequiel esperava a construção de um novo e magnificente templo, logo depois da volta dos cativos da Babilônia. Isto não aconteceu, mas foi a *esperança* que o inspirou nos capítulos que se seguem.
2. *Interpretação Metafórica.* Está em vista a *igreja cristã*, ela mesma sendo o templo desta seção, representado com uma multidão de símbolos. Não esperamos um templo literal, material.
3. *Interpretação Futurista.* O templo será literal e material, o *templo milenar.* Este templo magnífico será construído no milênio e restaurará o velho culto de Israel, com algumas modificações.
4. *Interpretação Ideal, Literal.* Idealmente, será construído por Israel um templo que terá as características apresentadas nestes capítulos, mas o elemento tempo é indeterminado, não estando associado a nenhuma era específica.
5. *Interpretação Ideal, Espiritual.* As descrições são metafóricas, discursando sobre *ideais espirituais*, não sobre um templo literal de materiais crassos. O povo restaurado tornar-se-á o templo e possuirá qualidades espirituais como aquelas *simbolizadas* nesta seção.

A Planta do Templo; as Cortes Exteriores e Interiores (40.1-49)

"O profeta é transportado da Babilônia para o monte do templo, em visão. Seu guia celestial o conduz em um circuito através do templo e das áreas adjacentes, onde medidas múltiplas dos portões, dos muros, das câmaras e das cortes são realizadas. O circuito começa no Portão Oriental e vai para a corte interior. O presente capítulo termina com uma descrição do próprio templo, que continua no capítulo 41" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

Ezequiel no Monte do Templo (40.1-5)

40.1

No ano vinte e cinco do nosso exílio. *Data.* O cálculo é feito a partir do 25º aniversário do exílio do remanescente na Babilônia. Ezequiel foi levado (em visão; cf. Eze. 8.2-3) ao monte do templo ideal, uma montanha muito alta (Eze. 17.22; Miq. 4.1). A data é o dia 28 de abril de 573 A. C. Ela pode variar dependendo do calendário utilizado: "Os israelitas começaram seu ano religioso em nisã (abril-maio), que foi estabelecido pelo tempo do Êxodo (Êxo. 12.1,3). Todavia, em tempos posteriores, o sétimo mês, tisri (outubro-novembro), tornou-se o primeiro mês do calendário civil ou real. A data do presente texto, portanto, poderia ser o dia 28 de abril de 573 A. C. ou 22 de outubro de 573 A. C. Essa data em outubro era também o Dia da Expiação (cf. Lev. 23.27)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

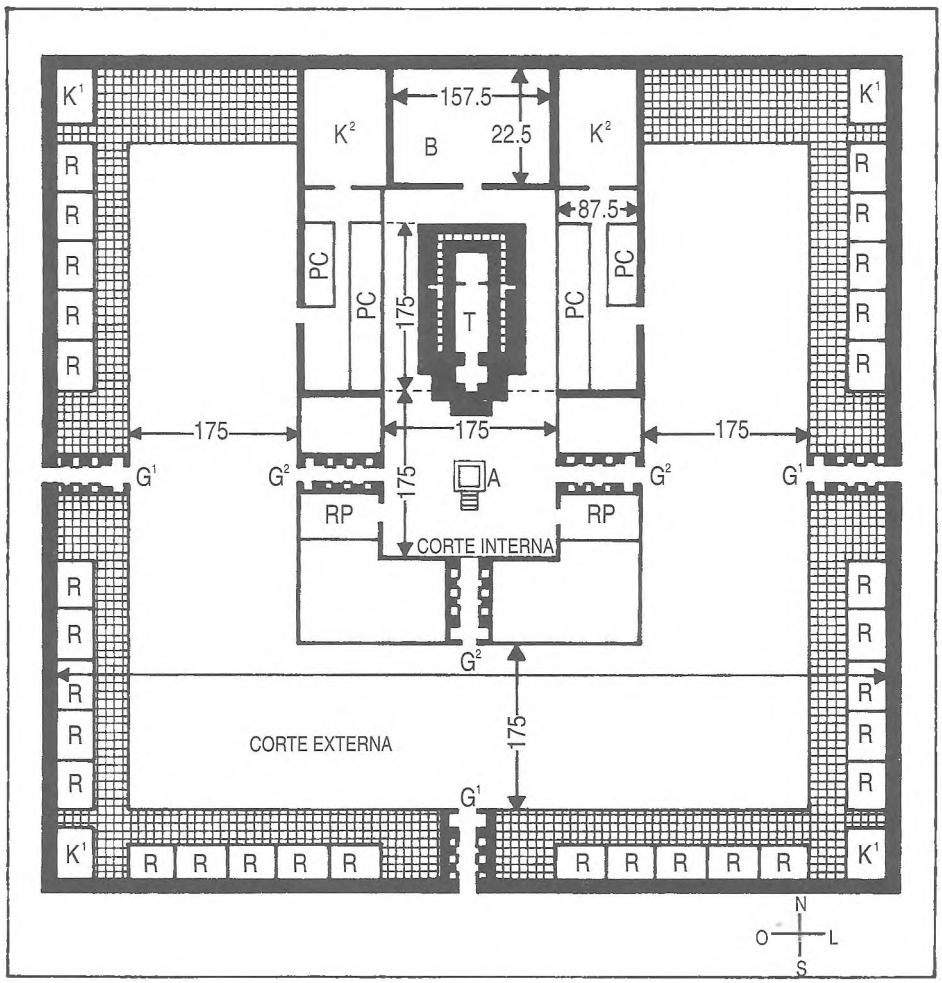
Veio sobre mim a mão do Senhor. O circuito era divino (visionário, porque a *mão do Senhor* estava sobre o profeta). Ver sobre *mão*, no *Dicionário* e em Sal. 81.14; ver sobre *mão direita*, em Sal. 20.6. O Targum interpreta a *mão* de Yahweh, aqui, como "o espírito da profecia".

40.2

... me pôs sobre um monte muito alto. De sua posição vantajosa, na montanha alta, o profeta foi capaz de observar tudo facilmente. Naquele monte, de maneira especial, visionária, tudo ficou claro. Ao sul, o profeta viu um grupo de edifícios que pareciam formar uma cidade. Provavelmente, está em vista o monte Sião, como em Sal. 48.2; Isa. 3.2; Miq. 4.1 e Zac. 14.10, mas imensamente glorificado na visão. O profeta logo foi transportado para o lado oposto, a *área sagrada* onde o circuito (divinamente guiado) ia começar.

O TEMPLO IDEAL DE EZEQUIEL
(O TEMPLO DO MILÊNIO?)

(CONCEITO DE CHARLES H. DYER)

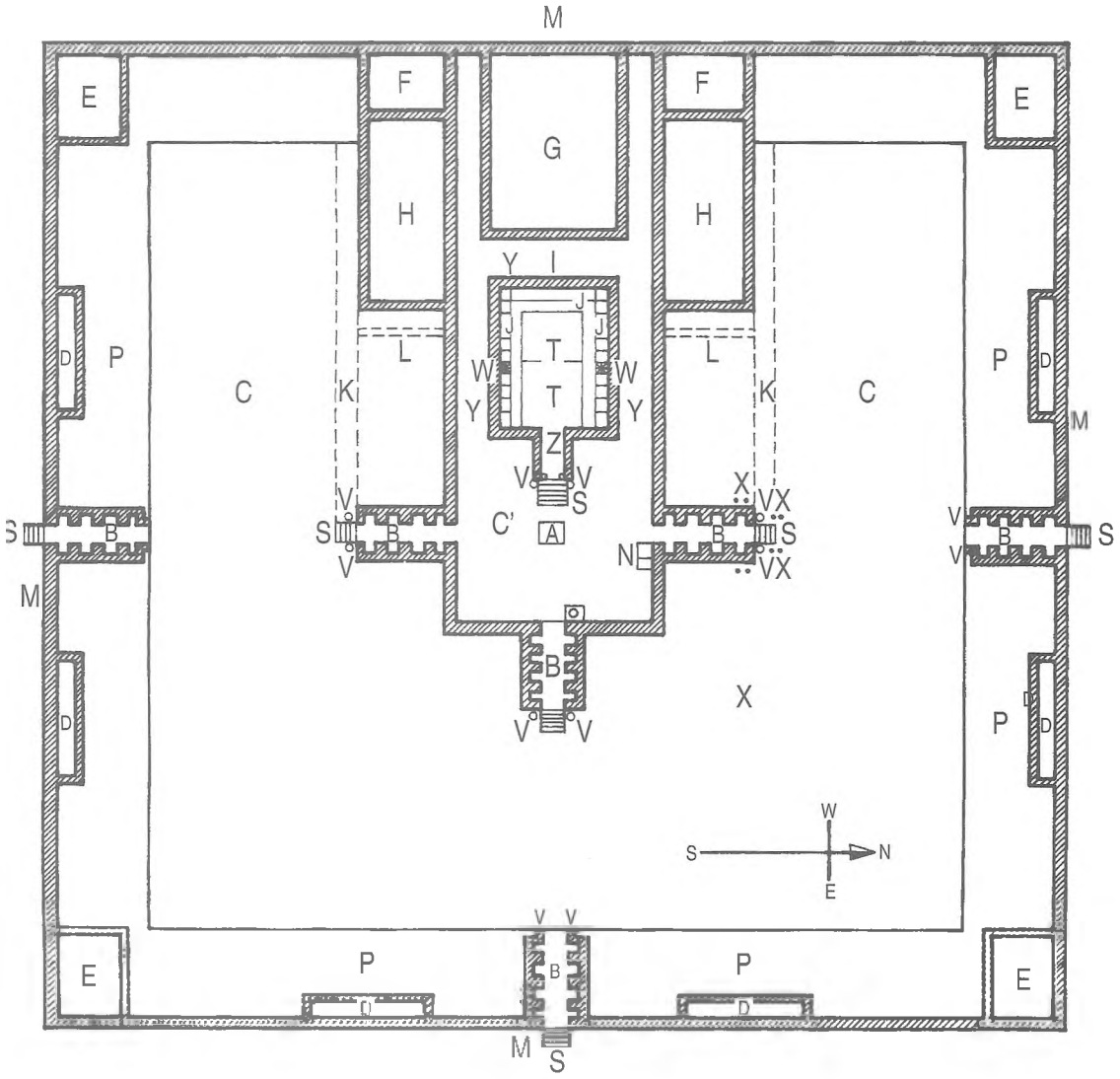


As medidas acima estão em pés (um pé = 0.305 m).

CHAVE

A	Altar: 43.13-17
K1	Cozinhas (sacrifícios do povo): 46.21-24
K2	Cozinhas (sacrifícios dos sacerdotes): 46.19-20
PC	Câmaras dos sacerdotes: 42.1-14
B	Edifício (função não explicada): 41.12
G1	Portões exteriores: 40.6-18, 20-27
G2	Portões interiores: 40.28-37
R	30 salas
RP	Salas dos sacerdotes ministrantes: 40.44-47
T	Templo: 40.48-41:11, 13-14, 16-26

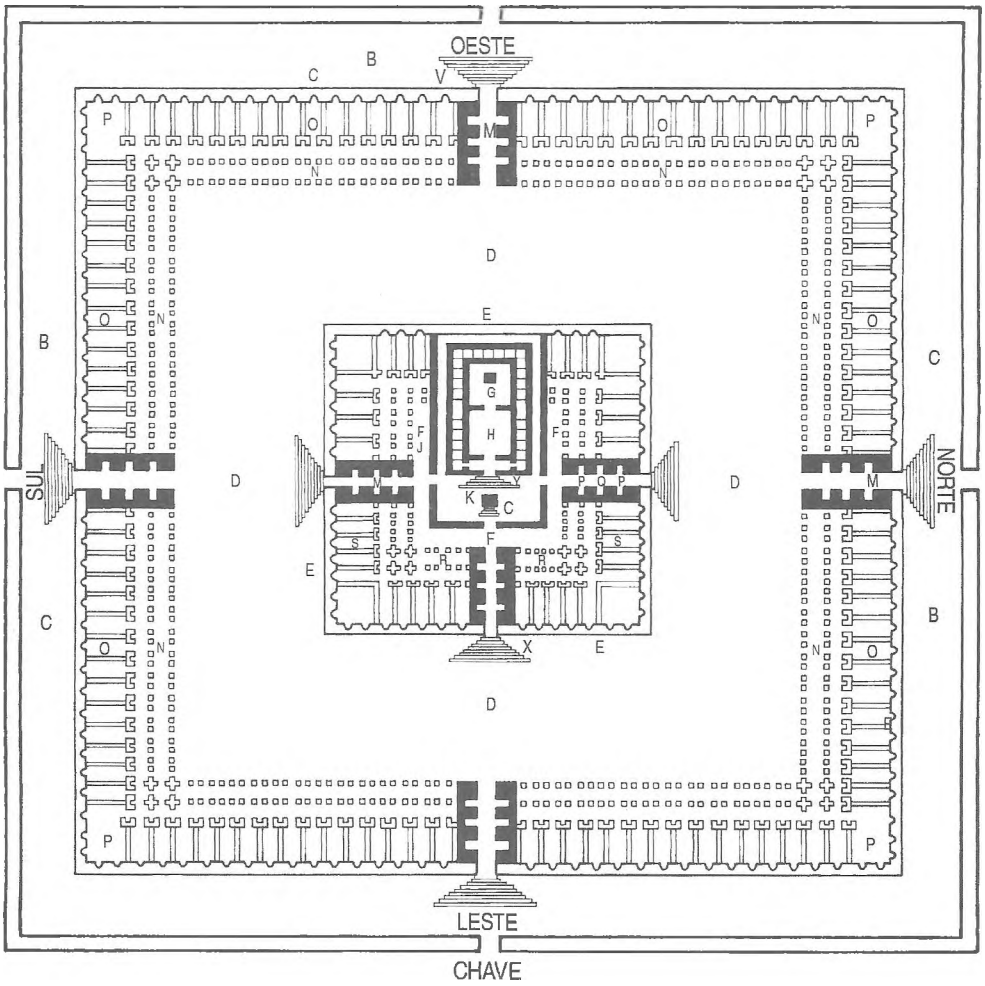
O TEMPLO IDEAL DE EZEQUIEL
(CONCEITO DE ELLICOTT)



Chave

A	Altar	MM	Muro da Corte Exterior
BBB	Portão Exterior	N	Câmaras dos Sacerdotes e dos Cantores na Corte Interior
B'B'B'	Portões Interiores		
CC	Corte Exterior	O	Câmara dos Sacerdotes em Serviço
C'	Corte Interior	PP	Pavimento
DD	Câmaras na Corte Exterior	RR	Muro da Corte Interior
EE	Lugares do Povo para Cozinhar	SS	Degraus
FF	Lugares dos Sacerdotes para Cozinhar	T	Templo
G	Edifício num Lugar Separado	T	Santo dos Santos
HH	Câmaras dos Sacerdotes	VV	Colunas
I	Espaço num Lugar Separado	WW	Escada Espiral
J	Câmaras Anexas ao Templo	XX	Lugares para Matar os Sacrifícios
KK	Calçada	YY	Plataforma Anexa às Câmaras
LL	Muros de Telhas	Z	Alpendre do Templo

TEMPLO IDEAL DE EZEQUIEL
(CONCEITO DE ADAM CLARKE)



CHAVE

AAAA	Primeiro Lugar Fechado com um Muro de 600 Côvados	PPPP	Cozinhas do Templo
		Q	Portão Norte da Corte dos Sacerdotes
BBBB	Corte dos Gentios	RRRR	Galerias ao Redor da Corte dos Sacerdotes
CCCC	Muro Exterior da Corte de Israel	SSSSSS	Câmaras ao Redor da Corte dos Sacerdotes
DDDD	Corte de Israel	TT	Cozinhas da Corte dos Sacerdotes
EEEE	Muro Exterior, Lugar Fechado dos Sacerdotes	VVVV	Escadas Dando Acesso à Corte do Povo
		XXX	Degraus para a Corte dos Sacerdotes
FFF	Corte dos Sacerdotes	YY	Escadas para o Alpendre do Templo
G	Santo dos Santos	aaa	Câmaras ao Redor do Templo
H	Lugar Santo	bb	Escadas na Frente das Câmaras
I	Alpendre	c	Degraus do Altar de Sacrifícios Queimados
L	Altar de Sacrifícios Queimados	dddd	Mesas de Pedra Cortada no Pórtico do Portão do Norte Utilizadas para a Preparação dos Sacrifícios.
LLL	Muro de Separação		
MMMMMM	Portões da Corte de Israel e dos Sacerdotes		
NNNNNNNN	Galerias ao Redor da Corte de Israel		
OOOOOOOO	Câmaras ao Redor da Corte de Israel		

40.3

Eis um homem cuja aparência era como a do bronze. O profeta foi, então, conduzido acima do lugar-cidade. Aí ele viu seu guia, uma figura como um homem, mas feito de bronze ardente; aquele ser ficou em pé no Portão Oriental; tinha na mão uma corda feita de linho e um pau-de-medida (cana para efetuar medidas). O templo e suas áreas adjacentes seriam medidos com os instrumentos do Ser Celestial. Talvez devamos entender que o *Guia* era também o *Arquiteto* de todas as maravilhas que seriam medidas. O termo *bronze* é representado como se estivesse brilhando, com um fogo interior. Esta figura identifica o Ser como sobrenatural. Cf. Eze. 1.4,7,27 e Dan. 10.6. Ver também as descrições de Apo. 21.10-17.

A *linha* (cordel) serve para fazer medidas longas, enquanto a cana (vara) serve para medidas curtas de detalhe mais fino.

40.4

Filho do homem, vê com os teus próprios olhos. A figura celestial ordena que Ezequiel preste atenção para entender tudo que o guia fala e mostra. Ele deve dirigir sua mente para o assunto, a fim de compreender as implicações da visão. O propósito divino o trouxe àquele lugar. O profeta deve registrar tudo no papel, para lembrar os detalhes e depois retransmiti-los ao povo. Ver as diversas interpretações desta seção, na introdução ao presente capítulo.

40.5

Vi um muro exterior que rodeava toda a casa. O muro que cercava o templo era o primeiro item a ser medido. A vara de medição (cana de medir) tinha o comprimento de um pouco mais de 6 *côvados* (1 côvado = 45 cm). Àquela medida, adicionando-se a largura de uma mão de homem, obtinha-se um tipo de côvado longo. Talvez a medida fosse 50 cm. Multiplicando-se o côvado longo por 6, temos por volta de 3 m, que era a medida da vara. Colocando-se a vara no muro, ficou evidente que sua grossura era de cerca de 3 m; sua altura era igual à sua grossura. O autor não explica o significado destas medidas iguais, se é que existe explicação. O templo era formado por certo número de quadrados. A grande grossura do muro tinha a função de separar o sagrado do profano, porque sempre existe uma grande brecha entre estas duas realidades.

O Portão Oriental e a Corte Exterior (40.6-16)

40.6

O homem (Anjo?, Arquiteto divino, Guia) levou o profeta para o *Portão Oriental.* Uma escada fazia parte da estrutura daquele portão, e o profeta subiu os degraus para medir sua abertura. O limiar da porta media uma cana longa, e o outro liminar tinha a mesma medida. A medida era igual a cerca de 3 m, igualando as medidas da grossura e da altura do muro (vs. 5).

O fato de o profeta precisar *subir* uma escada releva que o templo foi construído sobre uma plataforma elevada, exaltando-o. Os vss. 22 e 26 mostram que havia *sete* degraus, o símbolo das perfeições divinas. A Septuaginta e a versão árabe inserem *sete* no presente versículo, harmonizando-o com os vss. 22 e 26. O templo "ia para cima", na direção de Deus, simbolicamente. O Portão Oriental era um dos três portões existentes; confrontava com o levantar do sol e era o mais importante. Cf. Eze. 44.1-3. Os vss. 6-16 descrevem pormenorizadamente este único portão, implicando sua grande importância.

40.7

Diversos itens agora são medidos: as salas dos guardas, todas quadrados perfeitos, mediam 3 m², a mesma medida da grossura e altura do muro e da largura do portão. Outro portão ao lado do alpendre confrontava com o templo, e tinha largura da mesma medida. As ilustrações que acompanham os comentários nos ajudam a visualizar o que está sendo descrito.

Entre as câmaras havia um espaço de 5 côvados longos 2,7 m, um pouco menos do que a medida padronizada de 3 m. Não sabemos por que a simetria foi quebrada. A NIV e NCV fazem desta medida a grossura das paredes que separavam as câmaras, mas a RSV simplesmente dá como um *espaço* localizado entre as salas. Os intérpretes não concordam sobre um bom número das descrições, mas o entendimento geral da estrutura fica claro.

40.8-9

O *alpendre* (vestíbulo), localizado acima do portão, era de 8 côvados longos (4 m). Suas portas tinham uma grossura de 1 m. Este alpendre era situado de maneira que confrontar com o templo. O vs. 14 fornece outras medidas, mas é desesperadamente corrupto e, assim, não pode ser utilizado como fonte de informação. "Então mediu o pórtico do portão. Sua profundidade era de 8 côvados longos e seus batentes tinham uma grossura de 2 côvados longos. O pórtico confrontava com o templo" (NIV).

40.10

Havia *três pequenas salas* dos dois lados do Portão Oriental. Eram quadrados perfeitos, e a mesma medida se aplicava à grossura das paredes que as separavam. Provavelmente devemos entender que as medidas das salas do vs. 7 se aplicam a estas três salas. Alguns intérpretes acham que o vs. 10 simplesmente acrescenta informação sobre as descrições do vs. 7.

40.11

Então o homem (Anjo?, Arquiteto, Guia) mediu a largura do portão, que era de aproximadamente 5 m. Seu comprimento era cerca de 7 m. Os intérpretes não concordam sobre o que exatamente está sendo medido. Assim é que as traduções servem como *interpretações* do texto, não como declarações absolutamente certas. Estas notas apresentam algumas idéias sem a preocupação de entrar em discussões intermináveis que acabam na futilidade.

40.12

Havia um *muro baixo* de cerca de 50 cm de altura, na frente das câmaras. Estas, como já visto, mediam 3 m de cada lado (formando quadrados). A versão portuguesa, em lugar de um muro baixo, dá espaço a que supostamente se refere a um tipo de corredor entre (ou ligando) as câmaras.

40.13

Então mediu a porta desde a extremidade do tecto de uma câmara até à da outra. A medida de porta à porta era de 13 m. O corredor tinha 10 côvados de comprimento; cada câmara, 6 côvados, e o muro exterior, 1 ½ côvado, perfazendo um total de 25 (10 + 2 x (6 + 1 ½) = 25). As variações das traduções indicam que não há certeza sobre o que o autor estava descrevendo.

40.14

Este versículo é corrupto e não há como saber o que quer dizer. A RSV, seguindo a Septuaginta, tem: "Ele mediu também o vestíbulo, que tinha 20 côvados; a corte era ao redor do vestíbulo". A medida é de 10 m, mas não é possível determinar o que o "homem" mediu.

40.15

"A frente do lado exterior do portão, que estava situado na frente do alpendre do lado interior, media 87,5 pés" (NCV) ou 25 m. "O comprimento do edifício-pórtico tinha o dobro de sua largura, calculando-se assim: o limiar exterior, 6 côvados; três câmaras de guarda, cada uma com 6 côvados, 18; dois espaços entre elas, cada um com 5 côvados, 10; o limiar interno, 6; o alpendre, 8; as colunas, 2 cada, perfazem: 6 + 18 + 10 + 6 + 8 + 2 = 50" (Ellicott, *in loc.*, que, presumivelmente, sabia o que estava dizendo).

40.16

"As câmaras e o pórtico (alpendre) tinham pequenas janelas em todos os lados. As janelas, no lado que dava de frente para o portão, eram mais estreitas. Palmeiras esculpidas decoravam todas as paredes nos seus lados interiores" (NCV). Cf. I Reis 6.4 onde talvez possamos traduzir melhor: "janelas com batentes que se estreitavam gradualmente". Janelas deste tipo têm sido ilustradas pela arqueologia. O Talmude chama este tipo de janela de *tiriano.* Essa ornamentação também foi empregada no templo de Salomão; descobertas arqueológicas demonstram que esta era uma decoração comum de edifícios importantes no Oriente Próximo.

As Trinta Câmaras ao Redor da Corte (40.17-19)

40.17

A descrição não menciona o tamanho destas salas, nem o seu uso. Provavelmente existiam para o uso do povo e dos levitas que conduziam seu culto na corte exterior. "O templo de Ezequiel tinha duas cortes, uma exterior e outra interior, mas nada se fala, especificamente, do uso delas pelo povo comum. Podemos supor que a *corte interior,* julgando-se seu tamanho e arranjo, fosse utilizada pelos sacerdotes que preparavam os sacrifícios; a corte exterior, então, poderia ter sido usada pelo povo comum" (Ellicott, *in loc.*). As trinta salas facilitavam o culto do povo comum e talvez dos levitas, mas o texto não esclarece como eram utilizadas.

O homem (Anjo?, Guia, Arquiteto) levou o profeta à corte exterior, onde ele pôde observar a natureza das 30 salas e o arranjo das pedras do pavimento. As salas eram alinhadas ao longo do pavimento. Ver os diagramas que acompanham este comentário e que localizam as 30 salas da corte exterior.

40.18

Um pavimento corria ao longo dos portões, sendo tão longo quanto os portões largos. Este era um pavimento inferior, em contraposição ao da corte interior, que estava em nível mais alto. Sem ver um modelo, é difícil imaginar exatamente como o arranjo era feito.

40.19

"A corte exterior tinha uma profundidade de 100 côvados, isto é, a medida da face interior dos portões até a face exterior, na corte interior (cf. os vss. 23,27). No vs. 19, alguns registram *portão*, no lugar de *corte*, seguindo a Septuaginta, embora a outra leitura seja inteligível" (Theophile J. Meek, *in loc.*). "O homem mediu do muro exterior para o muro interior. A corte exterior, entre estes dois muros, media 175 pés (52 m) no oeste e no norte" (NCV).

Os Portões do Norte e do Sul da Corte Exterior (40.20-27)

40.20-23

As medidas destes dois portões eram iguais às do Portão Oriental (vss. 6-19). O vs. 20 trata do Portão do Norte. "Os vss. 20-23 descrevem o Portão do Norte, que duplica o Portão Oriental, já descrito. No vs. 22, há a primeira menção do número (sete) de degraus da escada que levava aos portões (cf. o vs. 26); no vs. 23, há a primeira menção dos portões da corte interior (ver também o vs. 27)" (Ellicott, *in loc.*). O vs. 21 é semelhante aos vss. 7,15; o vs. 22, ao vs. 16; e o vs. 23, ao vs. 19.

40.24-27

Estes versículos descrevem o Portão do Sul, nos mesmos termos dos Portões Oriental e do Norte, já descritos. Todos os portões tinham as mesmas dimensões. O espaço entre os portões exteriores e interiores é medido no vs. 19; o do norte, no vs. 23; e o do sul, no vs. 27: 100 côvados longos cada. Ver as ilustrações que acompanham o comentário e esclarecem os detalhes. Comparações: vs. 25 aos vss. 7,16,22; vs. 26 aos vss. 6,22; vs. 27 aos vss. 19,23.

Os Três Portões e a Corte Interior (40.28-37)

40.28-37

"Estes portões correspondem, em posição e arranjo, aos da corte exterior, com exceção de que foram alcançados subindo-se uma escada de 8 degraus, e de que o vestíbulo, confrontando com a corte exterior, se situava na extremidade oposta. O vs. 30 não tem significado no presente contexto e é omitido por diversos manuscritos hebraicos e pela Septuaginta. Pode ter resultado de uma ditografia. O vs. 36, originalmente, era igual aos vss. 29 e 33, como a RSV traz na margem. No vs. 37, é melhor entender 'seu vestíbulo', como nos vss. 31,34, em vez de seus *batentes*, seguindo a Septuaginta e a Vulgata, que exigem uma emenda do texto hebraico" (Theophile J. Meek, *in loc.*). "Oito degraus subiam da corte exterior para os portões que se abriam para a corte interior, correspondendo ao arranjo dos 7 degraus. Fica óbvio que o templo foi construído em plataformas (elevações distintas)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando os vss. 28-29).

"Depois de medir a corte exterior, o anjo mediu a corte interior. Avançou do Portão do Sul da corte exterior, para o Portão do Sul da corte interior. Este portão tinha as mesmas medidas dos outros. O Portão do Sul (vss. 28-31), o Oriental (vss. 32-34) e o do Norte (vss. 35-37) da corte interior eram idênticos, sendo iguais aos portões da corte exterior, com exceção do posicionamento: os pórticos dos portões interiores confrontavam com a corte exterior. O pórtico ou vestíbulo foi revertido nestes portões" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

"Oito degraus. Todos os portões da corte interior (vss. 34,37) tinham um degrau a mais do que os da corte exterior; eram elevados um pouco acima dos da corte *exterior* que, por sua vez, era elevada acima dos precintos ao redor. Os dois jogos, 7 + 8, perfazem 15 degraus de elevação do Santo dos Santos. O mesmo arranjo era preservado no Segundo Templo. Segundo a tradição, os levitas ficavam em pé na elevação, para entoar os quinze salmos (120-134), chamados os Salmos dos Degraus" (Ellicott, *in loc.*).

Sacrifícios aos Portões do Norte e do Oriente, na Corte Interior (40.38-43)

O portão descrito poderia ser o do Norte ou o Oriental. O texto não esclarece a questão. Todavia, a posição do altar e a descrição da prática do culto, em Eze. 46.1-2, provavelmente indicam o Portão Oriental. A identificação é difícil, porque o Portão do Norte foi mencionado por último (imediatamente antes), no texto.

Sacrifícios? Alguns intérpretes, que fazem do templo de Ezequiel o *templo milenar*, aceitam pacificamente a alegada renovação de sacrifícios de animais no milênio. Outros entendem a questão metaforicamente. Aqueles que não acham que o templo é milenar, escapam do problema. Os intérpretes *literalistas* não conseguem libertar-se de suas cadeias, nem aqui, e supõem que o velho sistema de sacrifícios de animais voltará no tempo do milênio, o que é um absurdo manifesto. Esta interpretação cai na falácia inimaginável de que, *depois de Cristo*, que substituiu todos os sacrifícios e ofertas do Antigo Testamento, tais coisas poderiam entrar em ação de novo. Se o templo é o *templo ideal*, então não há problema. Ver as diversas interpretações da questão, na introdução ao presente capítulo. Os capítulos 43-44 demonstram claramente que o próprio profeta pensava em termos literais. Se um templo milenar está em vista, então a realidade futura deve ultrapassar o entendimento do profeta, ou o mundo religioso, judaico, cairá no absurdo.

40.38

"No Portão Oriental, confrontando com a corte interior, havia facilidades para a preparação dos sacrifícios (cf. Lev. 1.1-7.38)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando os vss. 38-43). Devemos notar que a palavra hebraica traduzida por alguns como *câmara* não é a mesma usada anteriormente (vss. 10,12-13) e seria mais bem interpretada como *cela* ou *cubículo*. "Havia um cubículo dentro de suas portas, ao lado dos postes dos portões. Havia uma sala (cubículo) equipada com uma porta que abria para o vestíbulo, a corte interior do norte, onde os sacerdotes lavavam os animais para servir como ofertas queimadas" (NCV). Esta tradução retém a palavra "norte", enquanto a *Oxford Annotated Bible* dá *oriental*. Não como resolver o problema.

"Todos os arranjos para os sacrifícios são descritos aqui em relação ao Portão do Norte, embora em Eze. 46.2 se fale que, na ocasião de certas festividades, o *príncipe* entraria pelo Portão Oriental e o culto seria ali conduzido. A lei (Lev. 1.11; 6.25; 7.2) exigia que todos os animais dos sacrifícios fossem mortos na corte do lado norte do altar. Aqui, a matança se faz no Portão do Norte, mas dentro da corte exterior. A razão parece ser que, segundo a lei antiga, cada adorador tinha de matar seu próprio animal, mas aqui (Eze. 44.11) o serviço é feito pelos levitas. Isto era realizado na presença das pessoas que haviam trazido os animais, na corte interior" (Ellicott, *in loc.*).

"Outras passagens também se referem ao sistema sacrificial do milênio: Isa. 56.7; 66.20-23; Jer. 33.18; Zac. 14.16-21; Mal. 3.3-4" (Charles H. Dyer, *in loc.*, que dá uma interpretação literal e insiste em que o templo milenar está em vista).

40.39

Ver informações gerais e detalhadas no artigo chamado *Sacrifícios e Ofertas*, no *Dicionário*. A preposição hebraica utilizada neste versículo pode ser traduzida por "em" ou "por". A RSV traz "no vestíbulo do portão"; mas alguns entendem "por", isto é, perto do lugar, achando que o vestíbulo era pequeno demais para conter duas mesas em cada lado (total de quatro). "As quatro mesas estavam dispostas duas de cada lado, perto do alpendre" (Ellicott, *in loc.*). Os animais que serviam como ofertas queimadas, ofertas para expiação de pecados e ofertas de culpa eram mortos sobre aquelas mesas. Ver sobre os tipos de ofertas, nas notas em Lev. 7.37. Naquele ponto, listo os diferentes tipos, acompanhados com as respectivas referências bíblicas.

40.40

Havia quatro mesas (vs. 40), duas situadas à entrada do Portão do Norte, duas de cada lado do vestíbulo, isto é, uma de cada lado, ou talvez *perto* daquele lugar, se assim entendermos a preposição hebraica. Ver as notas no vs. 39. Ver também as ilustrações que acompanham o texto, para melhor entendimento dos arranjos descritos. Em Eze. 46.1-8, o profeta associa os sacrifícios dos sacerdotes às *cozinhas* que se situavam não muito distante do Portão do Norte.

40.41

Havia quatro mesas em um lado do portão e mais quatro no outro, perfazendo um total de *oito*. Sobre aquelas mesas, a matança se realizava. Os sacrifícios eram ali preparados e depois oferecidos no altar da corte interior. As descrições deixam os intérpretes em dúvida sobre muitos detalhes. Ellicott, *in loc.*, por exemplo, distingue as oito mesas do vs. 41 daquelas dos vss. 40,42, entendendo um total de 12. Não podemos resolver problemas que envolvem os detalhes e nem é preciso fazer esforços heróicos para obter um entendimento perfeito.

40.42

Estas mesas parecem ser adicionais àquelas mencionadas no vs. 41 (oito), perfazendo um total de 12. Todas funcionavam como lugares para a preparação

dos sacrifícios. Os instrumentos de matança ficavam sobre estas mesas, como também aqueles usados para cortar as vítimas nas devidas porções. No Segundo Templo (aquele construído pelo remanescente que voltou do cativeiro babilônico), as mesas eram feitas de mármore e, talvez, devamos entender isto aqui. Elas tinham 90 cm de comprimento, 90 cm de largura e 60 cm de altura. Provavelmente todas tinham as mesmas dimensões.

40.43

A palavra traduzida *ganchos*, neste versículo, é de derivação incerta. Poderia significar *borda* e, nesse caso, entendemos que as bordas das mesas tinham a largura de um palmo. O termo *gancho* vem da paráfrase caldaica. Se essa é a leitura correta, então estão em vista os ganchos sobre os quais a carne das vítimas era pendurada. *O processo:* os animais eram mortos; a carne era cortada e preparada nas mesas, pendurada nos ganchos e levada para o altar. Alguns intérpretes descrevem os ganchos como embutidos nas mesas; outros, nas paredes; outros, nos postes dos portões. Talvez as mesas também servissem para as refeições, e ali fossem colocadas as porções dos sacerdotes. Ver Lev. 6.25-26. Os sacerdotes recebiam oito porções especiais (Lev. 7.28-38; Núm. 18.18; Deu. 12.17-18). Yahweh recebia o sangue e a gordura (Lev. 3.17), e o restante se destinava às refeições do povo.

As Duas Câmaras do Norte e do Sul (40.44-47)

Estas duas câmaras eram utilizadas pelos sacerdotes zadoquitas (Eze. 43.19; 44.15-16). O texto massorético menciona *cantores*, em relação a eles, mas isto parece ser um erro de descuido. A Septuaginta faz uma emenda lendo: "na corte interior"; a maioria dos intérpretes aceita a mudança. As duas câmaras estavam localizadas na extremidade oriental da corte interior. Uma das minhas fontes as coloca na extremidade *ocidental* da corte interior; assim, aqui também, não há acordo geral sobre os detalhes.

40.44

Uma das salas se situava *ao lado* (NCV) do Portão do Norte, confrontando com o Portão do Sul. A outra estava colocada ao lado do Portão do Sul, confrontando com o Portão do Norte. Obviamente estão em vista os portões da corte interior, não os da corte exterior que abriam para fora. Estas salas estavam localizadas do lado de fora da corte interior, não dentro dela, mas muito próximas a ela.

40.45-46

A câmara localizada perto do Portão do Norte (confrontando com o sul) servia para o uso dos sacerdotes que tinham controle geral do templo. Aquela do outro lado (vs. 46), no sul (confrontando com o norte), servia para os sacerdotes que cuidavam do altar. Os sacerdotes descendentes de Zadoque eram os únicos que tinham permissão para servir no templo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Zadoque*, para detalhes completos. No tempo de Salomão, Abiatar foi deposto e a família de Zadoque assumiu a liderança do sacerdócio. As câmaras provavelmente serviam como áreas de utilidades e, também, como locais onde os sacerdotes podiam descansar. Os sacerdotes tinham de descender da linhagem de Zadoque (ver Eze. 43.19; 44.15; 48.11). Zadoque tornou-se o sumo sacerdote no tempo de Salomão (I Reis 1.26-27).

40.47

A corte ao redor do altar formava um quadrado perfeito, cerca de 52 m de cada lado. O altar de bronze, para ofertas queimadas, ficava no meio da corte interior e podia ser visto de qualquer lugar, dentro daquela corte e das suas câmaras, até mesmo da corte exterior, através dos portões. Era o centro do culto de Yahweh. Ver as medidas do altar mencionadas em Eze. 43.13-17. Ver também a introdução a Eze. 43.13.

O Vestíbulo (Alpendre) do Templo (40.48-49)

Ver os diagramas anexos, para a localização do vestíbulo. Situava-se na extremidade oriental do *recinto* do Santo dos Santos e do Lugar Santo, e formava um tipo de entrada para aquele lugar. Ficava a uma distância curta do altar de bronze. "Como a corte interior era mais alta do que a exterior, e esta mais alta do que a área de fora, assim a plataforma do recinto era mais alta do que a corte interior" (Theophile J. Meek, *in loc.*, falando dos diversos *níveis* da estrutura do templo).

40.48

O homem (Anjo?, Guia, Arquiteto) levou o profeta para o alpendre do templo. Suas paredes mediam cerca de 3 pés de cada lado. A abertura tinha cerca de 7 m de largura. Os lados dos portões tinham por volta de 1,5 m de largura. Alguns intérpretes fazem estas medidas pertencer aos batentes dos portões, aos quais chamam de *postes* do alpendre. Sua grossura media aproximadamente 1,5 m, segundo esta interpretação.

40.49

O próprio alpendre media 10,5 m de comprimento e 6 m de largura. Tinha dez degraus que levavam à plataforma, o que significa que o Santo dos Santos e o Lugar Santo eram bem elevados acima do resto da estrutura do templo. Havia *pilares* junto às paredes, um de cada lado da entrada. Os pilares provavelmente não estavam dentro do alpendre, mas perto da sua entrada, do lado de fora, como no caso do templo de Salomão. A Ezequiel foi permitido avançar até o alpendre, mas ele não pôde entrar no Lugar Santo, nem no Santo dos Santos, porque somente um membro da casta dos sacerdotes tinha esse direito como parte de seus serviços. Os pilares do templo de Salomão tinham os nomes *Jaquim* e *Boaz* (I Reis 7.15-22). O templo representava um *acesso limitado*. Isto foi anulado quando o próprio homem se tornou o templo de Deus (Efé. 2.22). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Acesso*.

Capítulo Quarenta e Um

Os capítulos 40-48 formam a seção final do livro. Eze. 40.1-41.20 apresentam descrições dos arranjos do templo e de suas áreas adjacentes. Assim não há interrupção entre os capítulos 40 e 41. Ver a introdução à seção, no início das notas do capítulo 40.

A Nave, a Sala Interior e Outros Arranjos (41.1-26)

O plano geral do templo, com sua divisão tríplice, de alpendre, nave e sala interior, tem paralelos nas estruturas de santuários do Oriente Próximo. A arqueologia desenterrou um edifício sagrado do século 8 A. C., em Hatina (moderno Tell Tainate), na Síria, que tinha uma planta semelhante. Vemos a influência dos fenícios em tais construções, e foram trabalhadores dessa raça que ajudaram Salomão a construir o templo original de Israel. A construção de templos na Palestina começou em data remota, tão cedo quanto os tempos neolíticos em Jericó. Há muitas ilustrações da era do bronze (1550-1200 A. C.).

O capítulo 41 tem naturalmente cinco divisões: 1. vss. 1-4; 2. vss. 5-11; 3. vs. 12; 4. vss. 13-15a; 5. Vss. 15b-26. Uma declaração introdutória inicia cada seção.

A Nave do Templo (41.1-4)

"A divisão tríplice era a planta do templo cananeu de Hazor, no século 8 A. C. (moderno Tell Tainate), a Hatina do sul da Síria. O vestíbulo (Eze. 40.48-39) media 10 x 6 m; a nave (Eze. 41.1-2) media 10 x 21 m; a sala (recinto) interior (Eze. 41.3-4), o Santo dos Santos (onde o profeta não podia entrar, Lev. 16.1-34), media 10 x 10 m) (I Reis 6.1-8.66; Êxo. 26.31-37)" (*Oxford Annotated Bible*, introdução aos vss. 1-4)

41.1

O termo traduzido *nave* aqui vem do hebraico *haklal*, de origem sumeriana, que pode ser traduzido por *templo*. Está em pauta a *sala principal* do templo. A expressão *nave* se originou do fato de que, em muitas igrejas, a sala principal tinha a aparência de uma nave (grande barco). Estão em vista aqui o Santo dos Santos e o Lugar Santo (o santuário). A entrada do Santo dos Santos media 3 m, portanto era mais estreita do que os 5 m da entrada do Lugar Santo, o que restringia o acesso. No Antigo Testamento, o acesso era mais estreito, para que somente alguns pudessem entrar na presença divina; no Novo Testamento, o acesso é grande e a todos. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Acesso*.

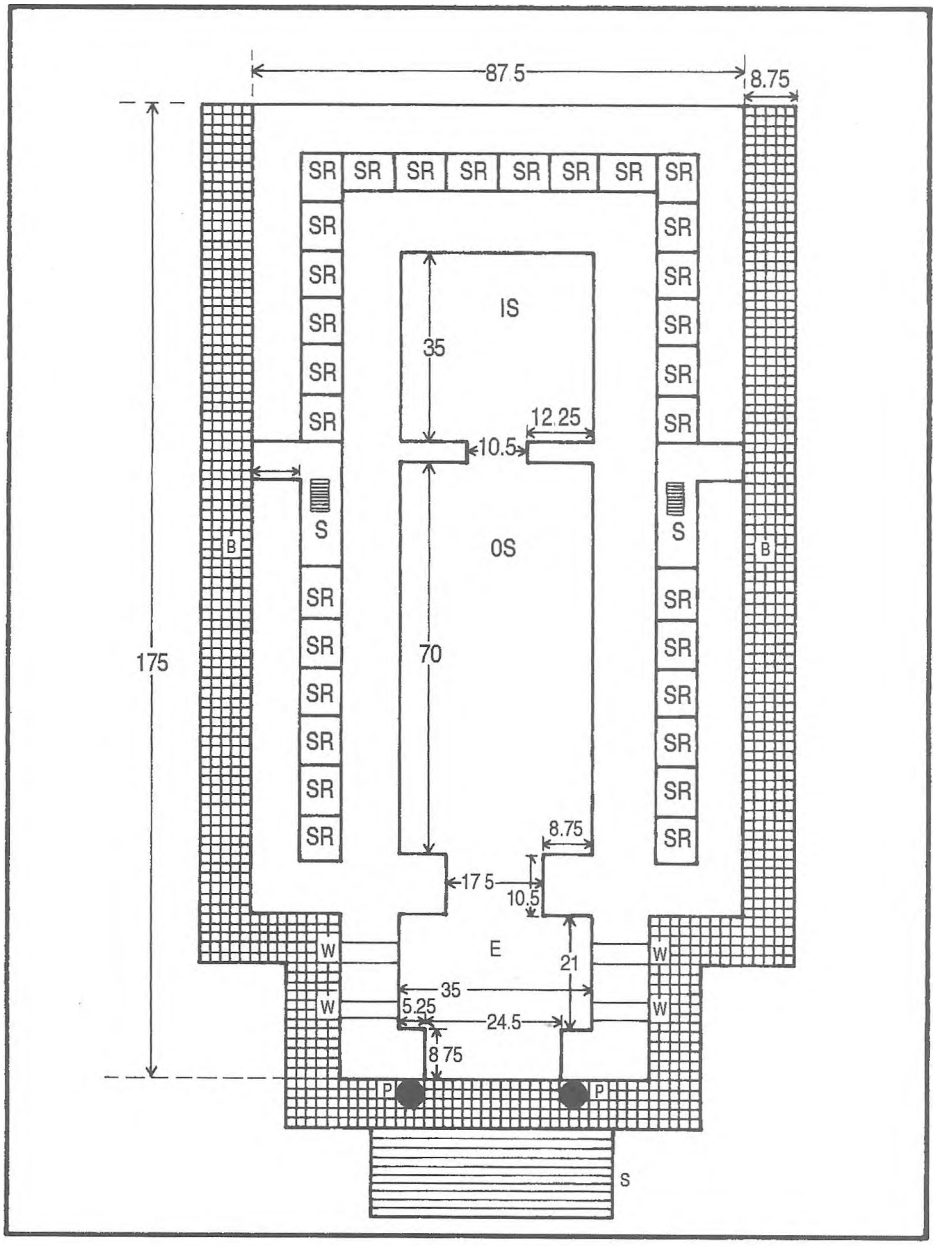
41.2

A entrada do Lugar Santo (o santuário exterior) era de 5 m. As paredes (batentes) dos dois lados da entrada mediam 3 m cada. O comprimento do santuário exterior (o Lugar Santo) era de 21 m; a largura era de 10 m. Cf. I Reis 6.2,17 que descrevem o templo de Salomão. Ver os diagramas anexos aos capítulos 40, 41 e 42, que nos ajudam a compreender melhor o que está sendo descrito.

41.3

O santuário interior (o Santo dos Santos) media 10 m dos dois lados, formando um quadrado com a metade da área do Lugar Santo (o santuário exterior). Seus batentes (paredes de entrada) mediam cerca de 1 m de cada lado. A própria entrada media 3 m. As paredes laterais tinham uma grossura de 3,5 m. As traduções diferem, refletindo interpretações divergentes, o que deixa os leitores na dúvida quanto a um bom número de detalhes.

O PRÓPRIO TEMPLO MILENÁRIO
(CONCEITO DE CHARLES H. DYER)



Dimensões em pés (um pé = 0,305m)

CHAVE

B	Base ao redor do Templo (41.11)	P	Pilares (40.49)
E	Entrada ao Templo (Pórtico, 40.48-49; 41.2,25)	S	Degraus (40.49; 41.7)
IS	Santuário Interior (41.3-4)	SR	Câmaras laterais (41.5-11)
OS	Santuário exterior (41.2,21)	W	Janelas (41.26)

ACESSO

O Templo representava acesso a Deus, mas sua própria estrutura limitou esse acesso. Cristo, fazendo a Igreja um Templo Vivo do Espírito (Efé. 2.19-22), eliminou os obstáculos.

A NATUREZA DO ACESSO

1. É um dom de Deus (Sal. 65.11).

2. É dado através de Cristo (João 10.7-8).

3. É dado através do Espírito Santo (Efé. 2.18).

4. Está condicionado à reconciliação (Col. 1.21-22).

5. Garante todas as bênçãos espirituais (Heb. 4.16).

6. Tem aspectos presentes e futuros (Heb. 10.17).

7. É mediado através da filiação (João 1.12; Rom. 8.29).

O *santuário interior* (o Santo dos Santos) é chamado *debhir* nos livros dos Reis e em Crônicas (ver I Reis 6.16,18; II Crô. 4.20; 8.6,8). Estas palavras normalmente significam *oráculo*, proveniente da palavra hebraica *dabhar*, "falar". Mas o cognato árabe significa "o fundo", que poderia referir-se ao Santo dos Santos como "o fundo" da estrutura santuário interior + santuário exterior. De qualquer modo, foi naquele "fundo", ou no lugar do oráculo, que a presença divina se manifestou.

41.4

O Santo dos Santos (o santuário interior) media 10 x 10 m, formando um quadrado. O homem (Anjo?, Guia, Arquiteto) pronunciou a palavra *santo*, referindo-se ao local. Ele entrou, mas o profeta ficou fora, porque não era um sacerdote da linhagem de Zadoque, portanto sem autoridade. Ver Lev. 16.1-32. Somente o sumo sacerdote, uma vez por ano, podia entrar naquele lugar, no *Dia da Expiação* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver as notas sobre o Santo dos Santos em I Reis 6.1-8.66; II Crô. 3.1-5.14 e Êxo. 26.31-37. Cf. Heb. 9.6-7. Aquele recinto era um *cúbico perfeito*, o que provavelmente simbolizava as perfeições de Yahweh. Não havia nenhuma medida desigual no lugar, indicando que não há em Deus nenhuma qualidade ou atributo imperfeito ou incompleto.

As Câmaras Laterais (41.5-11)

Cf. estas descrições com I Reis 6.5-10, onde temos as mesmas estruturas em pauta. *"Vss. 5-11.* Os três níveis, com trinta câmaras em cada nível, nos lados do templo (I Reis 6.5-10), provavelmente eram para a armazenagem do equipamento usado no templo e para guardar os tesouros reais e sacerdotais (I Reis 14.26; II Reis 14.14)" (*Oxford Annotated Bible*, introdução aos vss. 5-11). "Em I Reis 6.6, a largura das salas é dada como 5, 6 e 7 côvados, respectivamente, para os três níveis. No presente texto, o nível mais baixo tem uma largura de 4 côvados (vs. 5) e, presumivelmente, os outros têm larguras de 5 e 6 côvados, respectivamente" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Ver as notas no vs. 5.

41.5

O homem (Anjo?, Guia, Arquiteto) mediu o muro do templo e descobriu que tinha a grossura de 3 m, a mesma do muro da corte exterior (Eze. 40.5). Grande solidez e medidas amplas eram características da arquitetura Oriental. O autor projeta as idéias de firmeza, segurança e força, atributos do divino Poder e Suas obras.

As salas laterais tinham uma largura de 2 m, havendo três níveis delas, como informa o vs. 6 (4 côvados = 2 m). A largura das salas aumentou e os níveis subiram, como mostram os versículos seguintes.

41.6

As salas laterais eram construídas em três níveis superpostos, havendo trinta delas em cada nível. No parágrafo introdutório à seção, há sugestões sobre a utilidade das salas, mas o próprio autor não dá nenhuma informação a respeito deste assunto. Cf. I Reis 14.26; 15.16; II Reis 14.14. O templo era, de certa maneira, uma tesouraria real, além de seus usos sagrados. Josefo (*Ant.* viii.3,2) informa que havia doze salas em três níveis no norte do templo: doze no sul e seis no oriente. As câmaras eram construídas sobre plataformas e afastadas dos muros.

41.7

I Reis 6.6 informa que as larguras das salas variavam entre 5, 6 e 7 côvados, respectivamente, do nível mais baixo, ascendendo para o mais alto. Aqui, a ordem é a de 4 côvados e, presumivelmente, de 5 e 6, subindo. O templo de Salomão seguiu o mesmo plano, mas com dimensões um pouco diferentes. Uma escada ligava os níveis. As traduções deste versículo diferem, sendo *interpretações* do hebraico sem muita clareza.

41.8

O profeta viu que o templo tinha uma plataforma elevada, que se tornou os alicerces das salas laterais. O alicerce tinha uma grossura de 3 m. O templo descansava sobre aquela plataforma de 6 côvados de grossura. A versão portuguesa traz *pavimento elevado*. Novamente, as traduções e os intérpretes procuram adivinhar o que o texto diz, com resultados diferentes.

41.9-10

A parede exterior das salas laterais tinha uma grossura de 5 côvados longos (2,5 m). Havia uma área aberta entre as salas do templo e as dos sacerdotes, de 20 côvados (10 m). "Havia um espaço de 20 côvados entre os alicerces do templo e das salas laterais e o muro da corte nos três lados" (Ellicott, *in loc.*).

41.11

"Estas portas abriam para a plataforma... Havia uma porta de cada lado, o que parece indicar que a série de câmaras era ligada com portas internas entre as salas" (Ellicott, *in loc.*). Os doutores da *Misnah* dão a cada câmara três portas: uma para a câmara à esquerda, uma para a câmara à direita, e uma terceira para a câmara acima; mas essa informação não concorda com as descrições do presente texto. Parece que as salas eram ligadas com um tipo de corredor, como entende a NCV. O restante do versículo é confuso e provoca diversas interpretações.

41.12

A Estrutura ao Ocidente do Templo. A descrição deste versículo é, aparentemente, a de uma *área aberta* sem colunas, um tipo de corte aberta. Talvez estejam em vista os estábulos de II Reis 23.11 e I Crô. 26.18, onde os cavalos reais eram guardados. Josias removeu os cavalos e as carruagens da área do templo. O presente texto não explica a utilidade desta área e os intérpretes continuam adivinhando. O muro que a cercava tinha uma grossura de 5 côvados e comprimento de 90 côvados; segundo a NCV, 3 m de grossura, 34 m de largura e 47 m de comprimento.

As Medidas do Templo e do Quintal (41.13-15a)

41.13-14

"O templo tinha um comprimento de 100 côvados, que incluía as câmaras laterais e o muro exterior. O quintal atrás do templo, mais o edifício nos fundos (vs. 13b), media 100 côvados. As medidas do vs. 14 falam do lado ocidental da corte interior (cf. Eze. 40.47)" (Theophile J. Meek, *in loc.*). O templo tinha um comprimento de aproximadamente 52 m. Essa medida inclui o quintal, com seu edifício e seus muros (vs. 13). A frente oriental do templo, com seu quintal, media 52 m. A medida dentro da base que cercava o templo era de 26 m.

41.15a

"Então, mediu o comprimento do edifício que confrontava com o quintal nos fundos do templo, incluindo suas galerias de cada lado. Media 100 côvados" (NIV). A medida era de 52 m, como visto antes. Ver o vs. 12, para esta área, e conjecturas sobre seus usos possíveis.

Detalhes da Decoração do Templo (41.15b-26)

41.15b-16

"O restante do capítulo enumera diversos detalhes, quase todos já mencionados em textos anteriores. A frase, *e mediu*, é igual a *assim ele mediu*. As dimensões de cada um dos elementos principais se repetem. O único item novo é 'as galerias' da estrutura, mas esta palavra, que pode ser traduzida por *galerias*, ocorre, neste capítulo, somente aqui, no vs. 16 e de novo em Eze. 42.3,5. Sua derivação é desconhecida" (Ellicott, *in loc.*). A RSV traduz a palavra por *muros*, mas outros usam "salas laterais".

Vss. 15b-16. "A nave do templo, a câmara interior e o vestíbulo exterior *foram apainelados*" (RSV, que segue a Septuaginta), enquanto o hebraico tem "da corte". "Para a palavra *galerias*, que é duvidosa, interpreta *muros* (com a Septuaginta) e entende janelas de fasquias fixas superpostas, como em I Reis 6.4" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Ver as notas em Eze. 40.16, para este tipo de janela. Obviamente, os intérpretes adivinham, não sabendo realmente o que o texto tenta dizer.

Para interpretar o restante do versículo, não podemos fazer melhor do que seguir a RSV: "Confrontando o limiar, o templo era apainelado com madeira, do soalho até as janelas". Com uma pequena emenda (*shin substitui* sin), temos uma referência ao *shahiph*, madeira preta que era perfeita para o trabalho de apainelamento; esta informação foi tirada do artigo de G. R. Driver, "Notes on Hebrew Lexiograph", *Journal of Theological Studies*, XXIII (1922, p. 409).

41.17

"No espaço acima da entrada do Santo dos Santos havia esculturas. Do lado de fora, todas as paredes ao redor do Santo dos Santos e do Lugar Santo também eram decoradas com esculturas" (NCV). O hebraico diz, literalmente, "medidas e esculpidas", o que não faz sentido. Com uma emenda, isto pode significar "imagens esculpidas". Ver as formas de decoração empregadas no templo de Salomão, em I Reis 6.29-30, e cf. I Reis 7.29,36. Os arqueólogos têm descoberto peças de mármore embutidas em madeira.

Os vss. 18-20 dão detalhes sobre os tipos de decoração utilizados.

41.18-19

Os itens mencionados neste versículo são os comuns ao templo de Salomão: palmeira, folhas e imagens de querubim. Aqueles seres angelicais tinham dois rostos (vs. 19), um de *homem*, que confrontava com uma palmeira, e outro de *leão*, que confrontava com uma palmeira do outro lado e, assim, sucessivamente. Havia uma *série* de palmeiras entremeadas com os rostos duplos dos querubins. Ellicott, *in loc.*, supõe que estas imagens tivessem sido esculpidas na madeira do apainelamento, não diretamente nas paredes. Intérpretes antigos e modernos vêem símbolos fantásticos representados pelas decorações, os quais podem seguramente ser ignorados. Se as imagens realmente comunicam ou transmitem mensagens além de sua função de ornamentação artística, então possivelmente devemos pensar em "anjos da guarda" no templo do Senhor. Ver Eze. 1.4-28 e o capítulo 10. A palmeira era um símbolo de fertilidade e vitalidade.

41.20

Este versículo ilustra o *uso profuso* das decorações. Os mesmos itens foram usados do soalho até um ponto acima das portas. Mas a Septuaginta diz "até o teto". Provavelmente, a ornamentação era disposta em filas, mas alguns intérpretes acham que desenhos *gigantes* se estendiam do soalho até um ponto acima das portas. "O templo tinha uma altura de 30 côvados (I Reis 6.2), e o portão, de 14 côvados (Eze. 40.48). As palmeiras e os querubins iam até a altura dos portões ou portas" (Adam Clarke, *in loc.*).

41.21

As ombreiras do templo eram quadradas. A NCV diz, contudo, "as paredes do Lugar Santo eram quadradas". "As ombreiras (postes) de cada lado da porta, o lintel (verga) e o limiar formavam um quadrado. Os próprios postes não eram redondos, como as colunas normalmente o são, mas chatos e quadrados. A parte superior não formava um semicírculo, como em muitos edifícios, mas eram linhas retas para formar quadrados" (John Gill, *in loc.*). Jarchi informa que ele *ouviu* dizer que os postes do templo de Salomão eram quadrados, mas não temos como testar essa informação. Quase tudo neste edifício maravilhoso tinha a forma geométrica do quadrado, para significar firmeza, estabilidade e segurança, e nos fazer lembrar da perfeição divina.

41.22

Este *altar de madeira* é o único móvel descrito no *templo ideal* (milenar). Sua altura era de 1,5 m; sua largura era de 1 m. Essas dimensões se aproximam das do altar de incenso (Êxo. 25.23; 30.1-2), mas a maioria dos intérpretes acredita estar em vista a *mesa* do pão da proposição (Êxo. 25.23-30). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mesa*, II *Mesas Rituais*, item 1, seção II, *Mesa dos Pães da Proposição ou da Presença*. Cf. I Reis 6.20. Essa mesa era feita de cedro, revestida com uma camada de ouro. Êxo. 25.23-30 diz que era de madeira de *acácia*. A arqueologia tem descoberto mesas rituais e desenhos que retratam pães arrumados em filas colocados sobre elas (cf. Lev. 24.5-9; II Crô. 29.18); parece que houve um intercâmbio cultural e religioso nas formas de equipamento utilizado nos templos da Palestina. O autor não identifica a mesa nem dá informações sobre a sua função. A NCV começa falando de um *altar* e termina com uma *mesa*, neste versículo; igualmente o afirmam outras traduções, portanto entendemos que o *altar* era uma *mesa*.

Esta é a mesa que está perante a face do Senhor. A mesa estava localizada perto da parte do templo onde a glória *shekinah* se manifestou. De fato, a mesa ficava do lado de fora do véu, mas estava associada ao Santo dos Santos, onde a glória do Senhor aparecia de vez em quando. A presença divina dá vida ao espírito, e o pão, ao corpo físico.

41.23-24

"Tanto o Lugar Santo como o Santo dos Santos tinham portas duplas" (NCV), o que quer dizer, uma porta com *duas folhas*. As portas funcionavam sobre pivôs embutidos nos postes. Cada porta tinha duas folhas que se encontravam no meio e podiam ser abertas dos dois lados, as duas folhas juntas, ou uma só. Cf. Eze. 40.48. Ver estas portas descritas com detalhes em I Reis 6.31-35.

41.25

As palmeiras e as criaturas com asas foram esculpidas também nas portas do Lugar Santo. Eram semelhantes àquelas das paredes. Havia um baldaquino de madeira na fachada do vestíbulo. A ornamentação desse item era a mesma descrita nos vss. 18-19. Os eruditos discutem sobre a natureza do baldaquino de madeira, mas o próprio autor não nos ajuda. Para complicar ainda mais, a própria palavra hebraica é de significado incerto. Alguns reduzem o objeto mencionado a uma simples vara de madeira que se usava para trancar a porta, como um tipo de fechadura de segurança. O que fica claro é que a madeira era decorada no mesmo estilo dos painéis das paredes (vs. 26).

41.26

As janelas, do tipo descrito em Eze. 40.16, eram decoradas com palmeiras. O restante do versículo não faz sentido nenhum no hebraico, o que provoca adivinhações dos intérpretes. Note-se que este versículo deixa fora os querubins, por descuido ou porque este tipo de decoração não figurava naquela peça. A Atualizada registra, para o resto do versículo, "... em ambos os lados do vestíbulo, como também nas câmaras laterais do templo e no baldaquino", todos decorados com palmeiras.

Capítulo Quarenta e Dois

Os capítulos 40-48 formam a seção final do livro. Eze. 40.1-42.20 dão as descrições dos arranjos do equipamento do templo e de suas áreas adjacentes. Não há, portanto, nenhuma interrupção entre os capítulos 40, 41 e 42. Ver a introdução à seção, no início das notas do capítulo 40.

As Câmaras dos Sacerdotes (42.1-20)

As descrições oferecidas não são claras, e os intérpretes continuam adivinhando. "Talvez os três níveis de câmaras fossem sobrepostos contra as paredes dos lados sul e norte da corte interior, com escadas ligando-os e corredores em cada nível. As câmaras supostamente tinham portas que abriam para os corredores. Nestas câmaras, os sacerdotes armazenavam suas porções dos sacrifícios (Eze. 44.28-31; Lev. 2.1-10; 7.7-10) e comiam suas refeições. Também ali deixavam suas vestimentas, que pertenciam ao serviço sagrado, antes de sair do templo. A área total do templo complexo era de cerca de 2.500 côvados quadrados = 765.626 pés quadrados" (*Oxford Annotated Bible*, com um sumário do capítulo).

Este capítulo se divide naturalmente em quatro partes: 1. vss. 1-10a; 2. vss. 10b-12; 3. vss. 13-14; 4. vss. 15-20, cada qual com sua própria introdução.

As Câmaras ao Norte do Quintal do Templo (42.1-10a)

42.1

Agora deixamos o templo propriamente dito, para examinar as diversas estruturas adjacentes que foram construídas para o uso dos sacerdotes. As ilustrações anexas (capítulos 40-42) mostram estas câmaras situadas diretamente ao norte e ao sul do Lugar Santo e do Santo dos Santos. Havia dois complexos de câmaras nos dois lados. "Este complexo de salas estava ligado à corte interior, com entradas da corte exterior" (Charles H. Dyer, *in loc.*). "O comprimento da série de câmaras era de 100 côvados (vs. 2) e Eze. 46.9 parece indicar que não alcançava o muro ocidental. O restante do comprimento do edifício deveria estender-se para o oeste, atravessando o espaço interior" (Ellicott, *in loc.*, que presumivelmente sabia o que queria dizer).

Os vss. 1-9 descrevem as câmaras do lado norte e os vss. 10-12 dão uma descrição abreviada das câmaras correspondentes do lado sul. O "lugar separado" fala do quintal do templo. Ver as notas em Eze. 41.12-15. *No diagrama*, segundo o conceito de Charles H. Dyer, estas câmaras são designadas com *PC* (duas de um lado, e duas do outro lado dos Lugar Santo e do Santo dos Santos). Ver o diagrama que acompanha o capítulo 42.

42.2

O edifício no lado norte tinha o comprimento de 52 m e a largura de 26 m. Cf. o vs. 8.

42.3

Os vinte côvados talvez fossem a largura do quintal (Eze. 41.10). As câmaras se situavam em três níveis, como já visto. Havia um grupo idêntico de câmaras no lado sul (vss. 10-12). Ver outros detalhes nas notas dos vss. 3-6.

42.4

Havia um corredor no lado norte das salas. Suas medidas eram 5 m de largura e 52 de comprimento. "Entre as duas filas de câmaras, havia um corredor com as medidas mencionadas. Os ocupantes das câmaras, assim, tinham um lugar para andar, relaxar e conversar" (John Gill, *in loc.*).

42.5

As salas dos níveis mais altos eram mais estreitas porque as galerias ocupavam mais espaço do que as do primeiro nível. O edifício se estreitava progressivamente ao subir. As câmaras eram numeráveis e, como aquelas na casa do Pai, preparadas para nós (João 14.2), mas há muito espaço sobrando (Luc. 14.22).

42.6

As salas se situavam em três níveis superpostos, mas não tinham colunas como as das cortes. As salas superiores estavam localizadas mais atrás do que as dos primeiros dois níveis. Não sabemos por que as salas do pavimento tinham colunas, pois eram só de um andar e não se exigiam colunas para suportar o telhado. Provavelmente eram ornamentais, não funcionais. Novamente, não podemos definir exatamente o que está sendo descrito.

42.7

"Havia um muro paralelo às salas da corte exterior, que se estendia na frente das salas, por 50 côvados" (NIV). Este muro talvez fosse uma extensão (indo para o leste) do muro de 50 côvados que passava na frente das câmaras da corte exterior. As câmaras e o muro tinham o comprimento de 100 côvados. Ellicott, *in loc.*, examinando as palavras utilizadas, dá outra explicação: "Temos duas indicações sobre a natureza deste muro: em primeiro lugar, a própria palavra empregada é diferente daquelas já usadas para significar *muros*. Esta palavra parece indicar um tipo de muro-cerca, que é traduzida em Eze. 13.5 e 22.30 como *cerca (viva)*, composta de arbustos ou plantas de algum tipo. Em Núm. 22.4 esta palavra indica uma cerca ao redor de um vinhedo. Em segundo lugar, no presente texto, talvez a palavra possa indicar um tipo de muro-tela que cobria as janelas das salas onde os sacerdotes trocavam de roupa, para que não fossem vistos por pessoas na corte interior". Tal explicação é imaginativa, mas nem por isto verdadeira.

42.8

A fila de salas do lado próximo à corte exterior media 50 côvados e aquela perto do santuário media 100 côvados (26 m contra 52 m). A Septuaginta tem: "O comprimento das câmaras que confrontavam a corte exterior era de 50 côvados, e o comprimento daquelas que confrontavam com o templo era de 100 côvados".

42.9-10a

Aqui, acompanho o arranjo da RSV, para os versículos, que põe uma parte do vs. 10 como pertencente ao vs. 9. A RSV segue o arranjo da Septuaginta. A declaração é: "Embaixo destas câmaras havia uma entrada no lado leste, quando alguém entra da corte exterior, onde o muro exterior começa". Essa entrada dava acesso à área da corte. "O objetivo da declaração provavelmente é mostrar que o acesso para as câmaras ficava na corte exterior, por meio de um corredor já descrito no vs. 4, que começava no leste e chegava até o alpendre da corte interior" (Ellicott, *in loc.*).

As Câmaras Correspondentes no Sul do Quintal do Templo (42.10b-12)

42.10b

"No lado sul e também no outro lado, confrontando com o edifício, havia câmaras" (NCV). Esta leitura se baseia numa reconstrução de um hebraico pouco claro, que também empresta indicações da Septuaginta. O hebraico diz "a grossura do muro", o que poderia significar "ao lado da corte no leste". A Septuaginta traz *sul*, que provavelmente é correto, em vez do *leste* do texto massorético.

42.11

As câmaras do sul tinham as mesmas características daquelas do norte, que o profeta já descreveu, portanto ele não entra em detalhes aqui. "Estas salas tinham um corredor na sua frente e eram como aquelas do norte, tendo as mesmas medidas de comprimento e largura. Também suas portas eram iguais" (NCV).

42.12

As portas do lado norte eram iguais às portas do sul. Havia uma entrada no início do corredor que correspondia ao muro no leste, pela qual alguém poderia ganhar acesso às salas. De novo, o hebraico é obscuro, criando dificuldades para os tradutores, que procuram "consertar" o texto. O conserto da RSV é: "Embaixo das câmaras havia uma entrada no lado leste, dando acesso ao corredor (passeio); oposto a isto, havia um muro de divisão". O texto massorético é obscuro, mas o significado corresponde aos vss. 9-10.

O Uso das Câmaras (42.13-14)

42.13

Os sacerdotes naturalmente eram da linhagem zadoquita, como visto em Eze. 40.46 e 43.19. As câmaras eram usadas para as refeições dos sacerdotes (ver Eze. 47.20) e para guardar suas roupas e pertences pessoais (Eze. 44.19), quando eles terminavam o serviço. As ofertas e sacrifícios não eram preparados nestas salas, onde os sacerdotes podiam comer suas *oito porções seletas* (ver as notas em Lev. 6.26; 7.11-14; 7.28-38; Núm. 18.8; Deu. 12.17-18). As notas em Eze. 7.37 descrevem os tipos diferentes de sacrifícios. O sangue e a gordura pertenciam a Yahweh e eram consumidos no altar pelo fogo (Lev. 3.17). O restante servia como alimento para o povo, ou seja, as pessoas que haviam trazido os animais para serem sacrificados. O ritual terminava com uma refeição comunal, música, dança e celebração.

42.14

Os sacerdotes usavam vestimentas oficiais quando estavam trabalhando no serviço sagrado. Tais vestimentas eram consideradas santas e símbolos da autoridade da casta sacerdotal. Saindo do serviço, as vestimentas eram deixadas nas salas. As leis escritas sobre o assunto não são muito claras, mas as referências bíblicas correspondentes são sugestivas quanto à natureza dos regulamentos em vigor. Ver Êxo. 28.43 comparado a Lev. 6.10-11 e 16.23. O presente versículo representa a interpretação oficial da legislação antiga. O Targum e a Misnah (*Shebet Judah,* fol. 43.2) são claros, confirmando a declaração de Ezequiel. O sacerdote não podia vestir roupas oficiais na corte exterior e muito menos na rua.

Medidas Gerais da Área do Templo (42.15-20)

42.15

"Depois de medir tudo dentro do complexo do templo, o homem (Anjo?, Guia, Arquiteto) levou o profeta para fora para registrar as dimensões externas. O complexo tinha a medida de 500 côvados (262 m) de cada lado, formando um quadrado. A área total ocupava 70 m²" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Em outras palavras, era enorme. Voltando do cativeiro babilônico, o remanescente não tentou construir um novo templo desta natureza, pois não tinha dinheiro nem capacidade tecnológica para essa tarefa.

42.16-19

Laboriosamente, o profeta informa como o anjo mediu os quatro lados do complexo, com o mesmo resultado para cada lado: 500 côvados longos (o côvado normal mais a largura da mão do homem). Ver as notas no vs. 8. A *vara de medida* tinha 6 côvados longos (3 m). Portanto, as *varas* (canos) deste versículo devem ser *côvados,* que é a leitura da Septuaginta. Se cada lado tivesse 500 canos (varas), isto perfaria um total de 3 mil côvados, quase um quilômetro e meio, manifestamente absurdo. O autor confundiu *cano* com côvado, como a Septuaginta reconheceu. O hebraico registra o que os eruditos chamam de *erro primitivo,* isto é, um erro *original* do autor do texto, não de um escriba posterior. O mesmo erro aparece nos vss. 16, 17 e 18. Alguns intérpretes defendem o tamanho gigantesco, mas isto não concorda com as medidas mais humildes do texto dos capítulos 40-42 de Ezequiel. Se aceitarmos o hebraico aqui, então devemos supor que o muro ao redor do templo fosse *muito* distante dele.

42.20

Aos detalhes das medidas do templo complexo (vss. 15-19), o autor acrescenta a informação de que o complexo tinha um muro, presumivelmente das mesmas dimensões, isto é, 500 côvados de lado. Ver as medidas explicadas nas notas de introdução aos vss. 15-20. O propósito do muro era separar o sagrado (área do templo) do profano (tudo lá fora). "O objetivo do lugar fechado era proteger a santidade do templo e suas cortes, fazendo uma separação entre o santuário e o profano" (Ellicott, *in loc.*). Feliz o homem que sabe fazer isto na sua vida! Cf. o texto com o *distrito sagrado* que media 11 x 5 km (Eze. 45.3). Ver também Eze. 48.10-12. A parte valiosa da vida deve ser distinguida do trivial e poluído. A igreja cristã, em muitos lugares hoje, perdeu a distinção entre o sagrado e o profano, tornando-se corrupta, como Apo. 3.16-17 fala. O cristão individual é o templo do Espírito (I Cor. 3.16), mas este templo, tão freqüentemente, é corrompido (I Cor. 3.17).

Capítulo Quarenta e Três

Os capítulos 40-48 formam a seção final do livro. Portanto, não há divisão entre estes capítulos, que tratam do mesmo tema: O templo ideal (milenar?) e

seus acessórios. É melhor dizer que o tema *predominante* é a restauração de Israel e o templo ideal é um subtema. O trecho de Eze. 40.1-43.27 fala do *próprio* templo; Eze. 44.1-46.24 descrevem a adoração do Israel restaurado, que inclui, necessariamente, o templo e seu culto. Então, Eze. 47.1-48.35 tratam da Terra da restauração.

A Volta da Glória *Shekinah* e Conseqüências (43.1-27)

Ver no *Dicionário* sobre *a glória Shekinah*.

"Como Deus, sobre seu carro-trono, tinha abandonado o templo, saindo pelo Portão Oriental, agora, volta da mesma direção para rededicar e purificar o templo com Sua presença (cf. Êxo. 40.34-38; I Reis 8.10-11). O evento foi poderoso como o trovão ou o som de muitas águas (Eze. 1.24; Apo. 14.2; 19.6) e o brilho do sol. A terra, refletindo a glória do Senhor, iluminou-se gloriosamente (Isa. 60.1-3). O Eze. 6.12 mostra que o templo restaurado terá exclusivamente usos espirituais, ordenados por Yahweh. Nenhuma influência do rei terrestre será admitida (capítulo 8; I Reis 7.1-12; 11.3; Amós 7.13)" (*Oxford Annotated Bible*, introdução aos vss. 1-12).

Este capítulo se divide naturalmente em quatro partes: 1. vss. 1-5; 2. vss. 6-12; 3. vss. 13-17; 4. vss. 18-27. Cada uma tem sua própria introdução abreviada.

A Volta da Glória de Yahweh (43.1-5)

Ver os comentários no penúltimo parágrafo das notas introdutórias, que têm aplicação aqui. "No reverso dramático da saída da glória do Senhor (capítulos 10-11), Ezequiel viu a glória de Deus voltando do oriente e habitando, mais uma vez, entre o seu povo" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

43.1

Então me levou à porta... que olha para o oriente. *A glória de Yahweh* (ver em Eze. 1.28) entrou pelo mesmo portão do qual tinha saído, o *Portão Oriental*, onde o sol se levanta e dá vida ao mundo inteiro. Este versículo ensina que reversos são possíveis, até mesmo os de situações consideradas impossíveis. Quando o Espírito de Deus toma parte em uma situação, todas as impossibilidades são anuladas. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! "A glória *Shekinah* era a distinção especial do velho templo e, assim, também do novo, mas se realizará em grau muito mais elevado no segundo" (Fausset, *in loc.*).

43.2

Eis que do caminho do oriente vinha a glória do Deus de Israel. Como o sol se levanta no oriente e ilumina o céu, de horizonte a horizonte, assim a glória de Yahweh, o Sol da alma, iluminará todos os homens. A chegada da presença divina é anunciada universalmente, e o grito de triunfo é como o som de muitas águas, ouvido por todos os homens da terra. Todo o globo terrestre brilha com a Sua glória que vem depois de uma noite escura de sofrimentos, quando o povo desiste de praticar sua idolatria-adultério-apostasia. A luz de um novo dia brilha sobre o povo renovado.

Ó Dia de descanso e júbilo,
Ó Dia de alegria e luz,
O ungüento que cura todas as feridas,
Tão belo e brilhante.

(C. Wordsworth)

Ver a figura das *muitas águas* em Eze. 1.24; 19.10; 31.4; Apo. 1.15; 14.2; 17.1; 19.6. "A terra brilhando com Sua glória reflete o simbolismo solar da glória de Yahweh. Cf. Isa. 60.1-3; Deu. 33.2; Hab. 3.3-4; Luc. 2.9" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

43.3-4

A glória do Senhor entrou no templo pela porta que olha para o oriente. A glória de Yahweh, vinda do oriente, entrou no templo pelo Portão Oriental e foi diretamente para o Santo dos Santos. Dessa maneira, a glória *Shekinah* (ver a respeito no *Dicionário*) foi restaurada a Israel. O velho dia de iniqüidades terminou. Com o Novo Dia, o Reino do Messias (nos seus passos iniciais) se iniciou. Para o significado do Portão Oriental, ver Eze. 40.6-16. Esta visão foi tão dramática quanto aquela da destruição de Jerusalém. Cf. Eze. 8.24; Gên. 49.7; Isa. 6.10; Jer. 1.10. Os capítulos 1, 9 e 10 de Ezequiel descrevem este acontecimento em detalhes. A primeira visão foi recebida perto do rio Quebar, onde o profeta se prostrou, com o rosto no chão, tão aterrorizado estava. Agora, no novo templo, o dia escuro esvanece na luz do novo dia.

"Assim Israel renovado e dedicado fica esperando por Deus. Ele volta da mesma maneira grandiosa que tinha saído. O autor aqui consegue captar uma partícula da essência do evangelho. O Deus que julgou é o mesmo que restaura, anulando deslealdades do passado. Seu *amor* nos ganha de volta, e o que Ele ganhou, Ele *transforma*" (E. L. Allen, *in loc.*).

43.5

Eis que a glória do Senhor enchia o templo. A glória de Yahweh era tão grande que encheu o templo inteiro, não meramente o Santo dos Santos. Cf. Isa. 6.1-3; I Reis 8.11; II Crô. 5.14. A mesma glória encheu o tabernáculo (Êxo. 40.34-38; Lev. 9.23). No fim, a própria Terra será o templo que Yahweh encherá com Sua glória. Cf. Isa. 11.9 e Ageu 2.7,9. O profeta foi sujeito a uma experiência mística, visionária, de grandes proporções. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Misticismo*.

A experiência do presente versículo é atribuída à presença e atuação do Espírito. O Espírito é o principal fator do misticismo bíblico. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo denominado *Espírito Santo*.

Yahweh Fala do Santuário Interior (43.6-12)

O templo restaurado pode ter somente atividades espirituais, como ordenadas por Deus; nenhuma influência política será tolerada (capítulo 8; I Reis 7.11-12; 11.33; Amós 7.13). O novo templo será o Trono de Yahweh, onde Ele manifestará Sua glória para sempre em Israel (vs. 7). Cf. Eze. 5.9. O trono de Yahweh é o Santo dos Santos (hebraico, *debhir*). A presença divina enfatiza a divisão radical entre o sagrado e o profano, como projetado em Eze. 42.20. Yahweh combina divindade e realeza, restaurando a *teocracia*, o governo ideal para Israel. O deus-rei era um conceito comum nas nações pagãs, e Yahweh-Rei era a versão desse conceito em Israel.

"O templo servirá como a habitação terrestre de Deus e um meio de comunhão entre o divino e o humano. Israel nunca mais profanará o santo nome (cf. Eze. 20.39 e 39.7), adorando ídolos mortos e inúteis e trazendo desastres para a nação (Eze. 43.7-8)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

43.6

Ouvi uma voz que me foi dirigida do interior do templo. A voz de Yahweh veio para revelar mais verdades ao profeta. Ezequiel ouviu aquela voz saindo da casa (templo). Entrementes, o homem (Anjo?, Guia, Arquiteto) continuava como guia do profeta. Deus é a fonte da verdade, da vida e da razão para continuar vivendo. Mas Seus servos, anjos e homens, são Seus ajudantes. Ver o ministério dos anjos, em Heb. 1.14. Os guias angelicais são também professores e intérpretes. A vida humana é enriquecida pelo ministério do Espírito, através de Seus instrumentos.

43.7

Este é o lugar do meu trono. Às vezes, a própria Jerusalém é designada trono de Yahweh. Cf. Jer. 3.17; 14.21. Mas o templo, o centro do culto, continuará sendo o trono. Naquele lugar, metaforicamente, Yahweh coloca Seus pés. A nova habitação será para sempre, anulando as provisões temporárias e imperfeitas. O Novo Dia não será mais seguido por uma noite, porque o Sol dos céus brilhará permanentemente. O templo nunca mais sofrerá poluição de tipo algum, especialmente de ritos pagãos licenciosos (Eze. 20.39; 39.7). O céu é o hábitat natural de Deus, mas Ele condescende ao estado humilde do homem, fazendo da terra estrado de Seus pés (Isa. 66.1; Mat. 5.35). A presença dos pés metafóricos de Deus é o máximo que o homem, no seu estado humilde, pode agüentar.

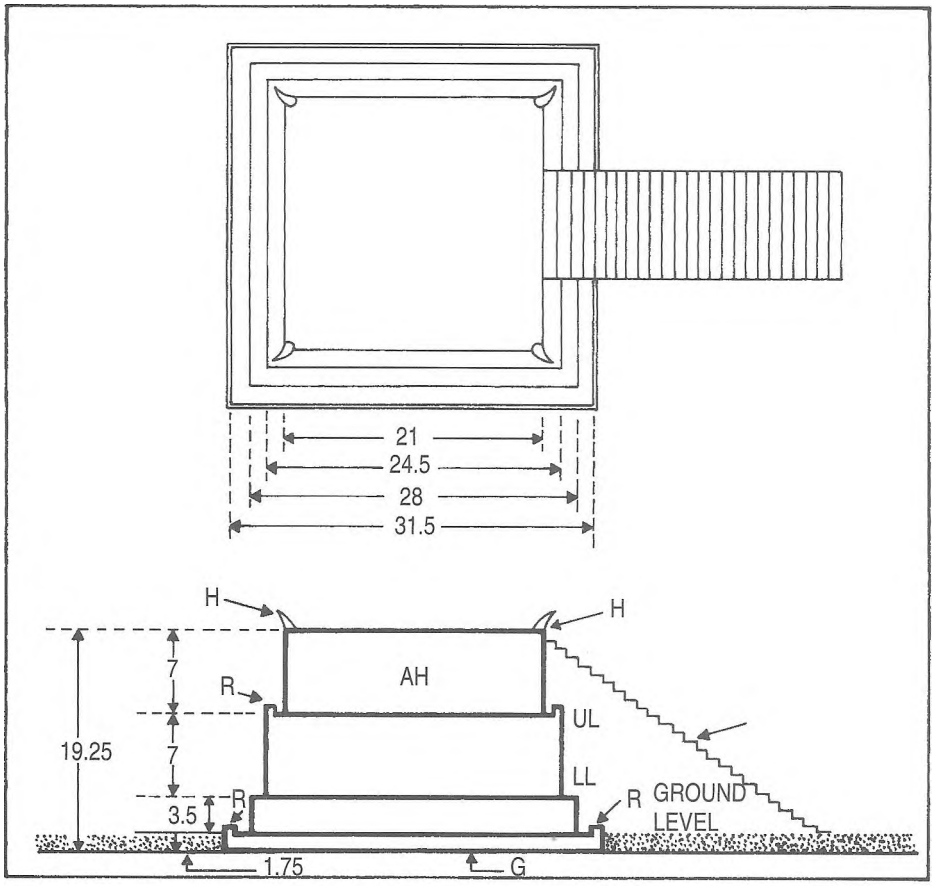
Não contaminarão mais o meu nome santo, nem eles nem os seus reis. Os reis, que deviam ter sido os mais fiéis à lei e ao culto de Yahweh, foram os principais ofensores, praticando sua idolatria-adultério-apostasia. Levantaram monumentos idólatras para aumentar suas iniqüidades, que já eram monstruosas. Até poluíram o templo, estabelecendo cultos pagãos naquele lugar.

Cadáveres. Em lugar desta palavra, alguns têm *monumentos* de idolatria, que é um entendimento possível da palavra hebraica. *Interpretações Possíveis.* A palavra é contra a *idolatria* e os monumentos construídos como parte desta prática.

Os reis, por sua vida e morte, desonraram Yahweh. Alguns acham que os corpos deles foram enterrados na área (cortes) do templo, mas não há nenhuma evidência histórica que apóie esta idéia. Ou está em vista a prática de sacrifício humano feito sob as ordens dos reis, como parte de cultos pagãos. Os reis desonraram Deus por aqueles assassinatos brutais. A frase "os cadáveres dos seus reis, nos seus monumentos" é obscura. Alguns entendem sacrifício humano nos *lugares altos*, em vez de monumentos. O hebraico para estes lugares é *bamotham*, mas cerca de vinte manuscritos hebraicos têm *bemotham*, que significa "quando morreram". Yahweh era desonrado pelas mortes dos reis, ou pelas mortes que eles praticaram.

Manassés e outros reis introduziram seus ídolos nas próprias cortes do templo (II Reis 21.4-7; ver também Eze. 16.11). Assim, suas vidas e suas mortes foram desgraças para Israel.

O ALTAR DO TEMPLO MILENÁRIO
(CONCEITO DE CHARLES H. DYER)



Dimensões em pés (1 pé = 0.305m)

CHAVE:

AH	Altar-Forno (43.16)	LL	Orla Inferior (43.14)
G	Sarjeta (43.13-14)	R	Bordas (43.13,17)
H	Chifres (43.15)	S	Degraus (43.17)
		UL	Orla Superior (43.17)

O CONCEITO DO ALTAR

O *altar*, o local de se entrar em contato com o poder divino, ou com os mortos, por meio de um *sacrifício* e de oferendas. As religiões primitivas supunham que o altar de uma divindade fosse o lugar onde ela manifestava a sua presença. O altar (do latim, *altus*, estrutura elevada) presumivelmente chamaria a atenção do poder invocado. Oferendas eram postas nessas estruturas a fim de aplacar ou solicitar o favor do deus do altar.

Os altares eram de vários tipos, formatos e dimensões; alguns deles eram imensos e outros pequenos. Na Idade do Bronze Antiga, alguns eram, simplesmente, pilhas de pedras. Na Idade do Bronze Moderna, alguns eram retangulares, feitos de tijolos ou pedras, erguidos com cimento de argila. Com o passar do tempo, a sofisticação deles foi aumentando.

43.8

Contaminaram o meu santo nome com as suas abominações. Aquele homens reprovados poluíram o santo nome, colocando seu limiar e sua ombreira junto aos Dele. Esta referência obscura talvez possa significar que túmulos (que pareciam grandes casas) foram construídos perto do templo, tornando-o *imundo.* Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Limpo e Imundo.* Talvez a referência seja aos *monumentos* (construções idólatras) que os reis misturaram com os edifícios sagrados, e que corresponderia à palavra "abominações" aqui. Normalmente, os túmulos eram construídos fora da cidade para evitar impureza cerimonial (I Sam. 25.1; I Reis 2.34). Os profanos faziam peregrinações aos túmulos dos reis, em vez de visitar o templo de Jerusalém, não separando o profano do sagrado e até preferindo o profano. Apenas uma *parede* (não muro) separava o templo de Yahweh das construções imundas dos idólatras, e essa era uma separação inadequada. A *ira de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*) acabaria com aqueles ímpios, o que aconteceu no ataque e cativeiros babilônicos.

43.9

Lancem eles para longe de mim a sua prostituição... A limpeza das poluições devia incluir dois princípios essenciais: 1. A *idolatria* seria eliminada. 2. Os *monumentos* de ídolos (ou mausoléus dos reis) seriam afastados da área sagrada. Se o povo fizesse estas coisas (que representavam uma purificação geral), então Yahweh habitaria entre o Seu povo.

"Davi foi sepultado na cidade de Davi, perto do monte Sião, próximo ao lugar onde o templo foi construído; a mesma situação se apiicou aos túmulos dos outros reis. Deus exigiu que a vizinhança do templo fosse libertada daquele ultraje" (Adam Clarke, *in loc.*).

... e os cadáveres de dos seus reis. Como no vs. 7, "cadáveres" podem ser "monumentos", ou casas de ídolos. Ver as notas naquele versículo.

43.10

Mostra à casa de Israel este templo. Os *vss. 10-12* destacam a glória do templo ideal de Ezequiel, fazendo contraste com as glórias do passado. O Israel de hoje poderia aceitar a mensagem e modificar-se pelos ensinamentos recebidos, anulando o passado inglório. Uma visão clara do plano ideal de Deus talvez produzisse uma mudança. Parte da lição era a de que suas iniqüidades haviam provocado a destruição do templo de Salomão e o exílio na Babilônia. "Constatar os propósitos graciosos de Deus poderia inspirar o povo a se arrepender" (Ellicott, *in loc.*). O passado era cheio de vergonha, um fator negativo que poderia agir sobre a mente do povo, para convertê-lo para o bem.

43.11

Faze-lhes saber a planta desta casa. Este versículo desenvolve as idéias do vs. 10, mostrando a natureza esplêndida do templo ideal, com todos os seus arranjos, cortes, salas, entradas, portões etc. Sua forma era augusta e suas ordenanças, santas, em contraste com as imundícies do povo. Israel, ainda mergulhado na sua idolatria-adultério-apostasia, veria a diferença entre o ideal e sua condição patética, entre o sagrado e o profano. O país (o pequeno remanescente) tinha feito algum progresso no retorno do cativeiro, mas a construção do templo ideal aumentaria muito o processo de transformação. O versículo implica que o profeta esperava que o pequeno remanescente construísse um novo templo, seguindo a planta de seu templo ideal. O pequeno remanescente, todavia, não tinha recursos nem conhecimento técnico para tal empreendimento. Assim, o grandioso templo ficou para o futuro. De qualquer maneira, é óbvio que a santidade é maior e melhor do que a depravação, e mais vantajosa para qualquer povo, afinal.

43.12

Esta é a lei do templo. A lei que governava o *templo ideal* incluía a providência de sua separação do profano. O templo foi construído para ser um lugar *santo* e dedicado a Yahweh, a fim de que o povo também pudesse tornar-se santo como o povo de Deus, separado das nações pagãs. O *cume* do monte é uma referência à colina, Sião, localidade tradicional dos templos dos judeus. Cf. Eze. 40.2. Aquele lugar não podia ser poluído nem profanado; era um lugar *santíssimo.* Um muro o separava do profano (Eze. 42.20). "Uma santidade difundida em toda parte era a *lei* da Casa" (Fausset, *in loc.*).

O Altar dos Sacrifícios Queimados (43.13-17)

"O altar fora construído em três quadrados superpostos, medindo 16, 14 e 12 côvados laterais, respectivamente; a construção inteira se apoiava em uma plataforma. Esta, supostamente, era o peito da terra, seu centro. A estrutura tinha uma escada no lado leste, que conduzia ao altar-forno, chamado a *montanha de Deus,* tendo uma forma semelhante aos zigurates mesopotâmicos (Gên. 11.4). A altura total do altar era de 12 côvados (6 m)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 13). Ver a ilustração que acompanha este texto para entender melhor as descrições. Albright tinha certeza de que este altar refletia idéias cósmicas mesopotâmicas: o estágio mais baixo é o *heq haareç* (o peito da terra, vs. 14). O ponto mais alto do altar é o *harel* (ou 'ariel). Esta palavra se deriva do acadiano, *arellu* ou *arallu,* que pode referir-se ao *submundo* ou à *montanha dos deuses,* isto é, à montanha cósmica, o lar dos deuses. O templo-torre mesopotâmico, o *zigurate* (que significa *pico de montanha*), foi construído em três estágios (como o altar do presente texto) e tinha (como ele) chifres embutidos nos cantos. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Zigurate.*

É provável que existam alusões pagãs no altar de Yahweh, mas não há nenhuma razão para supor que Ezequiel tenha seguido o padrão pagão, o que seria um sacrilégio para a *mentalidade hebraica,* que ultrapassara o credo pagão num grau significativo.

A estatística e as informações dos vss. 13-17 são confusas, portanto qualquer explicação não esclarece muito o que o autor quis dizer. Talvez nem ele entendesse bem o que estava dizendo. O diagrama anexo é o melhor esclarecimento para o assunto, pois ignora pontos de dúvida para não confundir o leitor.

43.13

São estas as medidas do altar. Como o restante do templo e seus acessórios, o altar era medido com a *vara,* empregando-se o côvado longo (o côvado padrão mais a largura da palma da mão do homem). *As medidas:* 52 cm de comprimento; 52 cm de profundidade e 52 cm de largura. Tinham um tipo de borda, ao redor, de 23 cm. A base do altar tinha profundidade e largura de um côvado; seu comprimento era de 16 côvados de cada lado, formando um quadrado. Esta medida era de cerca de 9 m. A base, enterrada no chão, tornou-se um tipo de plataforma-alicerce para a estrutura total. Ver as ilustrações do altar que acompanham o presente comentário.

43.14

Do chão até a borda mais baixa, media 1 m. A largura era de 52 cm. Media 2 m da borda inferior até a borda superior. Estas medidas descrevem o *primeiro* dos três quadrados superpostos, sendo 16, 14 e 12 côvados quadrados, respectivamente. Esta primeira unidade descansava sobre a *base* mais baixa das três.

43.15-16

O quadrado onde o sacrifício era queimado tinha uma altura de 4 côvados 2 m. Os cantos do altar tinham a forma de chifres (o símbolo do poder do boi, portanto, do poder de Yahweh). Esta descrição nos leva ao *nível mais alto,* ou o *terceiro* quadrado, medindo 12 côvados de cada lado (6 m). A Septuaginta informa que os chifres acrescentaram mais um côvado à altura da estrutura. Neste terceiro nível, eram queimados os sacrifícios. Altares com chifres eram comuns no Oriente Próximo. O chifre tinha um *simbolismo múltiplo:* o boi, o animal comum de sacrifício; a força do boi, falando do poder dos deuses ou de Deus; o sacrifício, uma maneira para pacificar a ira divina. O altar-forno é, literalmente, no hebraico, "a montanha de Deus". Ver a introdução à seção, para explicações.

43.17a

O Segundo Nível. A descrição começou com o primeiro quadrado; foi para o terceiro e, agora, desce para o *segundo.* O segundo nível era também um quadrado medindo 7 x 7 m. Sua borda media 27 cm.

43.17b

Degraus para ascender a um altar eram proibidos pela lei mosaica (Êxo. 20.26). Mas a altura do altar do templo de Salomão e do segundo templo exigiram algum modo para chegar até o topo. Alguns altares tinham o *kibbesh,* um montículo de barro construído ao lado, enquanto outros empregavam a escada. A regra contra degraus provavelmente tinha sido instituída para proteger a modéstia do sacerdote. Ele, subindo uma escada, mostraria suas roupas íntimas para as pessoas embaixo, que não poderiam pensar em Deus com aquela vista curiosa à sua disposição. O templo de Salomão e o de Herodes empregaram o montículo, enquanto o templo ideal de Ezequiel usou a escada.

Regulamentos para a Consagração do Altar (43.18-27)

Um ritual de *sete dias* era cumprido para purificar o altar, que assim seria separado para o culto de Yahweh. Os sacerdotes zadoquitas realizavam o rito, seguindo as ordens divinas. Fica claro que o ritual se baseia nas formas tradicionais, com algumas modificações (ver Êxo. 29.36-37; 40.1-38 e Lev. 8.14-15).

43.18

Filho do homem, assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus), exercendo Sua soberania, deu ordens ao profeta, o "filho do homem" (seu título comum; ver Eze. 2.1 para as notas). Este título divino é usado 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Enfatiza a soberania de Deus, que determina o destino dos homens e dita as regras que governam a vida humana. O título cabe dentro do ensino geral do *Teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*) que afirma que o Criador não abandonou Sua criação, mas está presente para intervir, castigando os maus e abençoando os bons. Seu governo se inspira na lei moral, nunca agindo arbitrariamente.

São estas as determinações do altar. A palavra do Soberano determinou a construção do templo ideal, com todos os seus acessórios e cerimônias. Sobre o altar-forno, os sacrifícios eram realizados. O ritual incluía o derramamento do sangue da vítima à base do altar. Uma bacia era empregada para este propósito, e o sangue era para Yahweh, isto é, era um elemento da Sua porção (o outro era a gordura; ver Lev. 3.17). Cf. Êxo. 24.6; 29.16,20; Lev. 17.6; Núm. 18.17. Ver também II Reis 16.13,15, para o ritual do sangue. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Holocausto.*

Notas sobre a questão de sacrifícios no templo ideal (milenar?) são apresentadas na introdução a Eze. 40.38. Todo o pecado da comunidade precisava ser expiado, e o altar, *purificado,* algo vital para o sistema de sacrifícios. Cf. Êxo. 29.36-37, onde Moisés recebeu ordens para realizar o ritual de *sete dias*, purificando e dedicando o altar.

43.19

Aos sacerdotes levitas... darás um novilho para oferta pelo pecado. Os rituais de *expiação-consagração* começavam com o sacrifício do novilho como uma oferta-pecado (para a expiação do pecado). Somente os sacerdotes da linhagem de Zadoque eram qualificados para efetuar o rito (ver Eze. 40.46). Ver os diversos tipos de ofertas anotados em Lev. 7.37, onde também são fornecidas referências bíblicas. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Sacrifícios e Ofertas*. As ordens foram dadas por *Adonai-Yahweh* (ver as notas sobre este título no vs. 18). Todos os sacerdotes eram levitas, mas nem todos os levitas eram sacerdotes. E nem todos os sacerdotes eram da linhagem de Zadoque. A maioria dos levitas era ajudante dos sacerdotes. Todos os sacerdotes descendiam de Arão. Cf. Eze. 44.5-31.

Zadoque tomou o lugar de Abiatar, como sumo sacerdote, no tempo de Salomão (I Reis 2.35) e sua família continuava na liderança da casta sacerdotal. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Levitas* e *Arão.* Arão era da linhagem de Coate.

Cinco animais serviam legalmente como sacrifícios. Ver Lev. 1.14-16, para esta informação. No presente contexto temos o novilho, o bode e o cordeiro como os animais envolvidos no rito de consagração do altar.

43.20

Tomarás do seu sangue, e o porás sobre os seus quatro chifres. Para o rito do sacrifício-consagração ser válido, era necessário colocar sangue nos quatro chifres, nos cantos do altar e também sobre os cantos do altar-forno. Ver os vss. 15-16. Os regulamentos vêm de Êxo. 29.13 e Lev. 8.14. A aplicação do sangue preparava o altar para o seu serviço. O novilho sacrificado era queimado no altar. "Este rito de consagração era semelhante, de algum modo, aos ritos mosaicos (Êxo. 40.10,29) e salomônicos (II Crô. 7.8-9) para a santificação de suas casas de adoração" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cf. os vss. 18-27 com Êxo. 40 e Lev. 8. O vs. 25 mostra que o bode também era oferecido no primeiro dia das cerimônias e em cada um dos seis dias seguintes. O vs. 23 implica que *os três* animais (novilho, bode e carneiro) eram oferecidos durante os sete dias.

A expiação do pecado do povo era efetuada e a comunhão entre Israel e Yahweh estabelecida. O altar continuava sendo usado, tendo recebido autorização divina. O restante do sangue que não havia sido aspergido nos chifres ficava na bacia, para ser jogado à base do altar. Esse item não é mencionado aqui, nem a unção do altar (Lev. 8.11). Provavelmente, o profeta abreviou, em certo grau, a descrição do ritual.

43.21

Então tomarás o novilho... o qual será queimado. "Então leva o novilho para ser sacrificado pelo pecado do povo; queima-o no lugar apropriado na área do templo. Isto será fora, no Lugar Santo" (NCV). O altar não estava dentro do Lugar Santo, mas fora, no oriente, situado na corte interior. Era o lugar designado para a combustão dos animais do sacrifício, segundo as exigências da lei.

Fora do santuário. O animal da oferta para o pecado comum foi consumido pelo fogo; a vítima era o novilho, como no caso da oferta de pecado para o sumo sacerdote (Lev. 4.3,11-12) ou para a congregação inteira (vss. 13,20 da mesma passagem); e ele foi queimado fora do acampamento. Aqui, está queimado *no lugar designado*, mas não dentro do santuário. Talvez, então, esteja em vista o edifício mencionado em Eze. 41.12" (Ellicott, *in loc.*). Se essa informação representa a verdade, então as partes mais grossas da carne dos animais não eram queimadas no altar, mas em algum outro lugar, dentro do complexo do templo. Ver as ofertas "fora do acampamento" descritas em Êxo. 29.14; Lev. 8.17; 9.11; 16.27. Em tais casos, certas partes eram queimadas no altar: a gordura, um pouco do sangue que ungiu o altar, parte do fígado e os dois rins com sua gordura. Da mesma forma que o animal *inteiro* era consumido pelo fogo, todos os pecados do povo eram expiados.

43.22

No segundo dia, oferecerás um bode. O procedimento foi repetido, mas agora um *bode* foi acrescentado, presumivelmente, com outro novilho e um carneiro (vss. 23,25). Alguns intérpretes acham que todos os três animais foram sacrificados todos os dias. Ver as notas no vs. 20. O bode era outra oferta para o pecado e, neste caso, participava do ritual de purificação e dedicação do altar. As ofertas tinham dupla função: expiar o pecado e dedicar o altar. No presente ritual, aparentemente, os animais inteiros eram consumidos pelo fogo; outros tipos de ofertas permitiam o consumo (como refeições) de certas partes dos animais. Os sacerdotes recebiam os *oito* cortes preferidos (Lev. 6.26; 7.11-14; Núm. 18.8; Deu. 12.17-18), e os adoradores (que haviam trazido os animais para sacrificar) tinham direito ao restante. Uma refeição comunal se seguia. Cf. Lev. 4.22-23 com este versículo. As *ofertas queimadas* foram naturalmente ofertas para expiar o pecado, mas do tipo que exigiu que o animal inteiro fosse consumido no fogo.

Em todos os casos, os animais não podiam ter nenhum defeito ou doença, uma regra constante de todo o sistema sacrificial dos hebreus. Cf. Êxo. 12.5; 29.1; Lev. 1.3,10; 3.1; 4.3; 5.15,18; 14.10.

43.23

Combinando os vss. 22 e 23, vemos que os três animais (o novilho, o bode e o carneiro), todos sem defeito algum, foram oferecidos no segundo dia. O autor, para não nos cansar com detalhes, omitiu o terceiro e o sexto dia, indo diretamente para o sétimo (vs. 25). Obviamente, os três animais foram oferecidos nos dias não descritos individualmente, segundo os padrões mencionados nos vss. 20-21. Os tipos de ofertas descritos neste trecho são o holocausto, a oferta pelo pecado e a oferta de paz (dos cereais) (vs. 27). Ver Lev. 7.37 e as notas oferecidas naquele lugar.

43.24

Oferecê-los perante o Senhor. Todos os três animais foram sacrificados por direção e com a aprovação do Senhor. O sal fez parte do ritual como em Lev. 2.13 e Mar. 9.49. A carne era salgada, mas o que o sal significa não é claro. Ver as notas em Lev. 2.13, para explicações possíveis. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sal,* para mais detalhes. Neste versículo, todos os sacrifícios são classificados como *holocaustos.* O sal era jogado sobre os animais, implicando uso copioso do material. O leitor, lendo as notas em Lev. 2.13, ficará mais bem informado.

43.25-26

O autor omitiu descrições dos ritos do terceiro e do sexto dia e, agora, vem ao sétimo dia, mencionando as ofertas queimadas pelo pecado, as purificações e a consagração do altar, ritos necessários para a utilização do templo ideal.

Durante sete dias prepararás cada dia... por sete dias expiarão o altar. O número *sete* naturalmente fala das perfeições divinas e da completa realização do trabalho. Os três animais foram sacrificados no sétimo dia, completando o ciclo exigido. O pleonasmo de dias e sacrifícios fala da abundância dos ritos e dos muitos resultados positivos esperados.

Consagrarão. Literalmente, no hebraico, "encherão as mãos", em alusão a um ato que não mais entendemos. Talvez a referência seja à colocação dos sacrifícios nas mãos dos sacerdotes. Através desse ato, o restante se seguiu. Alguns intérpretes, porém, pensam que a referência é ao enchimento do altar com os sacrifícios. Nada se fala sobre a consagração dos sacerdotes, um detalhe omitido; o autor estava ansioso para descrever a consagração *do altar.* Cf. Lev. 8. Na *tipologia* temos esta idéia: "Estes sacrifícios dirigirão a mente dos israelitas para Cristo, que nos deu *acesso* ao Pai (Heb. 10.19-25)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

43.27

Tendo eles cumprido estes dias... Provavelmente os *sete dias* de sacrifícios ocupassem os dias de domingo a sábado. Assim, no outro domingo, no oitavo dia, o próprio sistema de sacrifício continuava, tendo tido sua consagração apro-

priada nos sete dias. O altar, purificado e consagrado, tornou-se instrumento de expiação para todos os dias e anos que se seguiram.

Eu vos serei propício, diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus; ver este título anotado no vs. 18), ordenou o sistema com seus diversos tipos de sacrifícios e aceitou o que foi feito na implementação de suas ordens; também aceitará todos os sacrifícios e ofertas nos dias e anos que vêm. *O acesso* a Yahweh foi estabelecido, para o benefício do povo. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Acesso*. O *milênio* terá uma renovação do sistema sacrificial, segundo alguns intérpretes, se o templo ideal de Ezequiel for o templo milenar. Existem diversas interpretações do assunto. Ver as notas em Eze. 40.38, onde isto é discutido em detalhes. Devemos rejeitar esta idéia, contrária ao livro inteiro de Hebreus.

Capítulo Quarenta e Quatro

Os capítulos 40-48 formam a divisão final do livro. Restritamente falando, não há divisões entre estes capítulos. Todos tratam do tema principal, a *restauração de Israel*, com seu corolário indispensável, o templo ideal. O capítulo 44 trata das *ordenanças* em relação ao ministério do santuário.

O capítulo se divide naturalmente em cinco partes: 1. vss. 1-3; 2. vss. 4-5; 3. vss. 6-9; 4. vss. 10-14; 5. Vss. 15-31. Cada seção tem sua própria introdução. Ver a *introdução geral* no início das notas do capítulo 40.

Características Gerais do Capítulo. "Yahweh mostrou ao profeta que o Portão Oriental deveria permanecer fechado. Ninguém podia entrar por aquele lugar. Adonai-Yahweh entrou por aquele portão quando voltou ao Seu lar terrestre e, assim, o consagrou exclusivamente para uso divino. Chegará um *príncipe* que poderá sentar-se no local e comer pão ante o Senhor; ele também entrará por este portão. O profeta voltou para a corte interior, onde recebeu instruções sobre o ministério do templo. Estrangeiros não poderão trabalhar no serviço divino, nem na qualidade de servos (escravos) (vss. 10-14). Somente sacerdotes levíticos da linhagem de Zadoque terão o direito de trabalhar na corte interior (vss. 15-16). As *ordenanças* (regras do ministério) foram entregues àqueles sacerdotes. Incluíam regulamentos sobre sacrifícios, festas, sábados, pureza cerimonial (o cumprimento das leis sobre *Limpo e Imundo;* ver o artigo correspondente no *Dicionário*). Ver os vss. 17-31" (Theophile J. Meek, *in loc.*, com algumas modificações).

O Portão Oriental Fechado (44.1-3)

Yahweh tinha abandonado Seu templo (capítulo 11) pelo Portão Oriental, mas depois voltou (43.1-4). Sua volta consagrou a entrada pela qual Ele entrou, de novo, no templo. O Portão Oriental tornou-se *santo* e reservado. A entrada para o templo por aquele lugar, por um mortal, o poluiria. Além disso, Yahweh nunca mais abandonará Seu *lar*, porque o templo nunca mais será conspurcado por um povo imundo.

44.1

Yahweh fechou o Portão Oriental; nenhum mortal poderia entrar no templo por ele, pois seria um ato de desrespeito e um sacrilégio. Haverá uma exceção, como descrito no vs. 3. O capítulo 46 dá outros detalhes sobre este assunto.

A Lição Moral e Espiritual. Yahweh controla o acesso às realidades espirituais. No Antigo Testamento, o acesso era severamente restrito, mas no Novo Testamento, em Cristo, é pleno e aberto para todos. O livro inteiro de Hebreus fornece detalhes do novo caminho.

> *Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus.*
>
> (Hebreus 10.19-21)

44.2

Esta porta permanecerá fechada... porque o Senhor Deus de Israel entrou por ela. Yahweh explica ao profeta por que o portão foi fechado. *Yahweh-Elohim* (o Eterno Deus, o Poder) usou aquela entrada quando retornou ao templo, para reconfirmar o lugar como Seu lar terrestre; com essa ação, o Portão Oriental foi consagrado para o uso divino, exclusivamente.

Símbolos do Portão. 1. Segundo os católicos romanos, a *Virgem Maria,* por quem Cristo veio. 2. As *Escrituras* que revelam a vontade do Senhor. 3. A *igreja cristã*, que abre acesso a Deus e às coisas sagradas. 4. Salvação, santificação, transformação, que são as realizações do acesso a Deus.

Estas "interpretações" têm seus valores como *aplicações* do texto. A *interpretação* é que, somente através do Ser divino, os homens têm acesso às realidades espirituais. É a obra de Deus, não uma realização humana.

44.3

Quanto ao príncipe, ele se assentará ali por ser príncipe. Somente o *Príncipe* pode entrar pelo Portão Oriental. O termo "príncipe", neste livro, significa *rei*. O rei já foi identificado como *Davi*, que continuará a linhagem davídica, real.

Para comer o pão. O *pão* que ele come à entrada fala da *comunhão* que terá com o seu povo. Cf. Lev. 7.15-21. O pão é a *refeição sacramental* compartilhada com toda a comunidade de adoradores. O portão tinha um pórtico ou vestíbulo, como mostra a ilustração que acompanha o capítulo 44.

Comer pão diante do Senhor. Esta é a expressão usada comumente das Escrituras para falar das refeições feitas de porções dos animais sacrificados, mais as ofertas de cereais. Cf. Gên. 31.54; Êxo. 18.12. Ver também Mat. 8.11 e Luc. 14.15.

Tendo acesso, o Messias dará o mesmo a Seu povo. O que foi fechado se abrirá pelo uso da chave messiânica. "A chave da casa de Davi deitará no Seu ombro (o antítipo sendo Eliaquim); abrirá e ninguém fechará; fechará e ninguém abrirá. A porta foi fechada ao povo, mas aberta ao Príncipe, que toma o lugar de Deus pela autoridade de Seu ofício. Como ato de respeito, a porta pela qual o monarca *oriental* entrou foi selada. Mas a Grande Porta de acesso a Deus e à salvação será aberta pela missão do Messias. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Acesso*.

> *Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá.*
>
> (Apocalipse 3.7)

O Profeta é Posicionado Ante o Templo (44.4-5)

44.4

Eis que a Glória do Senhor enchia a casa do Senhor. O profeta foi surpreendido pela visão da glória de Yahweh no seu templo, que lhe foi dada de súbito. Ele recebeu aquela visão quando entrou pelo Portão do Norte, pois não tinha permissão para entrar pelo Portão Oriental.

"Este portão devia ter sido a entrada para a corte interior, o lugar designado para a matança dos sacrifícios e, assim, um lugar apropriado para o recebimento das ordenanças do ministério dos sacerdotes. Neste lugar, ele viu a glória do Senhor e recebeu ordens para prestar a devida atenção às leis que iam ser anunciadas" (Ellicott, *in loc.*).

Caí rosto em terra. O profeta perdeu o controle muscular, vencido pelo poder da visão. Cf. Eze. 1.28; 3.23; 9.8; 43.3.

44.5

Filho do homem, nota bem, e vê com o teus próprios olhos. Yahweh falou com o profeta utilizando seu título comum (anotado em Eze. 2.1). Novas instruções são dadas e o profeta terá a responsabilidade de comunicá-las. Deve ter olhos e ouvidos abertos para as instruções, para não perder um único item. Muitas ordenanças e leis seriam entregues, todas paralelas à legislação mosaica. Entre as leis estavam aquelas que governariam o acesso ao templo, sendo estipulado quem podia entrar e quem não podia.

A passagem fala *contra o secularismo,* porque era responsabilidade dos sacerdotes dirigir o povo para Deus, longe de seus interesses mundanos. Os profanos serão excluídos do santuário. O *Senhor* dá entrada; o homem não tem o direito nem o poder para abrir seu próprio caminho.

A Exclusão dos Estrangeiros (44.6-9)

Os estrangeiros não podiam servir no templo, como antigamente. Ver Jos. 9.23; Núm. 31.30,47. Nem os estrangeiros espirituais, nem os incircuncisos de coração (vs. 7), embora judeus por raça (Deu. 30.6 Lev. 26.41; Jer. 4.4) pudessem participar do templo ideal. Nos tempos mais antigos, os escravos que faziam tarefas servis, duras e sujas no templo eram os gibeonitas. Também alguns midianitas ajudaram os levitas. Além desses, houve alguns netinim (ver no *Dicionário* o artigo denominado *Netinim, Servos do Templo*). A palavra *netinim* significa "aqueles dados" e eram equivalentes aos escravos, nos templos da Babilônia, chamados *shirku* (que significa a mesma coisa). Ver Esd. 2.43-54; Nee. 7.46-56. Alguns guardas do templo eram *cários* (II Reis 11.4-8). Cf. Nee. 7.57-60.

44.6

A regra do templo ideal era rígida e absoluta: nenhum estrangeiro, de nenhum tipo, teria acesso ao templo para desempenhar nenhuma função. No templo de Herodes havia um aviso para manter os gentios longe da corte interior. Existia uma corte onde eles podiam entrar, a qual não tinha nada que ver com os lugares de atuação sagrada. Entendemos que, no templo ideal, nem os prosélitos tinham acesso a nada. Isto faz um contraste violento com a igreja cristã, na qual o gentio tornou-se o próprio templo do Espírito (I Cor. 3.16; Efé. 2.19-22). Ver também Gál. 3.28.

Talvez o vs. 7 possa ser interpretado como permissão para os convertidos ao judaísmo terem acesso ao templo, a fim de participar dos seus ritos; mas os vss. 8-9 quase certamente fecham a porta para os estrangeiros de qualquer tipo. A questão é disputada, mas sem justificação, na minha opinião. Contraste-se este conceito com as leis mais liberais de Lev. 17.10-12 e Núm. 15.14,26,29.

44.7

Introduzistes estrangeiros, incircuncisos de coração e incircuncisos de carne. Os estrangeiros ficam em aposição aos *incircuncisos de coração*. Há dois tipos de estrangeiros: os literais e os espirituais, isto é, os judeus profanos. Os dois são excluídos do templo. Este versículo, isolado, poderia ensinar que os estrangeiros circuncidados teriam acesso, mas isto é contra o contexto. Os incircuncisos são tanto os estrangeiros profanos quanto os judeus profanos. Ver Jer. 4.4; 9.26; Deu. 10.16; 30.6; Lev. 26.41. Ver sobre *lábios incircuncisos*, em Êxo. 6.12,30; e sobre *ouvidos incircuncisos*, em Jer. 6.10. Estes termos obviamente falam de judeus por raça, que eram pagãos de coração, isto é, judeus ímpios que não obedeceram à lei de Moisés, o guia do povo (Deu. 6.4 ss.). Ver notas mais completas sobre *corações incircuncisos*, em Rom. 2.25 ss.

No cristianismo, naturalmente, a circuncisão literal não tem mais aplicação; era o *sinal* do Pacto Abraâmico. Mas a idéia de circuncisão e incircuncisão espiritual é um conceito que persiste. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Circuncisão*, para detalhes.

A questão, na presente passagem, é se o pagão, convertido ao judaísmo e circuncidado, poderia participar do ministério do templo, ou da prática dos ritos desse lugar. Alguns dizem "sim", outros, "não". Eu digo "não", como resposta consistente em relação à idéia geral do contexto.

Gordura. sangue. Ver as leis que governavam o sangue e a gordura, nas notas de Lev. 3.17.

Práticas Abomináveis. 1. Incluir estrangeiros como participantes nos ritos do templo; 2. permitir a entrada de qualquer forma de idolatria (II Reis 21.4-7). Tais práticas violaram os pactos entre os judeus e Yahweh. Quando o Soberano Eterno Deus, o Poder, recebeu Sua porção de sangue e gordura dos sacrifícios, não quis nenhum profano, judeu ou estrangeiro, perto Dele.

44.8

Este versículo, quase certamente, significa a exclusão *total* dos estrangeiros, para incluir os prosélitos. Reverte totalmente os velhos regulamentos sobre o trabalho escravo de estrangeiros no templo, descrito nas notas do vs. 6. O autor não está mandando as autoridades investigar as qualidades espirituais dos estrangeiros, para separar os bons dos maldosos: simplesmente exclui todos e não aceita a velha legislação como sendo aplicável ao templo ideal. A passagem não discute "qual tipo" de participação o estrangeiro poderia ter no judaísmo ideal, depois da libertação dos judeus do cativeiro babilônico. Parece que o "nacionalismo" e o "ódio aos estrangeiros" estavam em alta e, para o profeta, idealmente, os estrangeiros não teriam parte alguma na nova religião, cujo centro seria o templo ideal. Esdras exigiu o divórcio do povo judaico de maridos e esposas adquiridos no cativeiro e não fez nenhuma investigação para verificar se eles se haviam tornado judeus pela circuncisão. Fez uma regra, aplicada a todos, e separou, com um golpe, muitas famílias, entre elas, presumivelmente, algumas felizes. Ver Esd. 10 e Nee. 13.1-9. A propriedade dos estrangeiros foi protegida, não sendo confiscada, para incluir heranças (Eze. 47.21-23), mas isso é outro assunto não relacionado ao presente capítulo.

44.9

Este versículo repete o já visto nos vss. 7 e 8. Os pagãos incircuncisos (literalmente) e aqueles sem a circuncisão *do coração*, foram excluídos do uso do templo. De fato, nem podiam entrar no complexo. Tal providência, extrema e irracional, teria a vantagem de evitar certos excessos do passado. Salomão não hesitou em introduzir no país as práticas pagãs de suas muitas esposas estrangeiras, e logo a idolatria se espalhou em toda a parte; não parou de corromper o povo até que Israel se tornou meramente outra nação pagã. O vs. 9 pode ser interpretado como referindo-se somente ao serviço do templo, não ao acesso e suas vantagens, mas o contexto é radical, proibindo qualquer tipo de participação de estrangeiros no templo, inclusive a simples entrada no complexo.

O Serviço dos Levitas no Santuário (44.10-14)

44.10

Os levitas, porém, que se apartaram para longe de mim... Os levitas participaram da idolatria-adultério-apostasia do povo, mas, sendo restaurados, em contraste com os estrangeiros, recuperaram seu velho ministério. Os *levitas não-sacerdotes* (não descendentes da linhagem de Arão, embora tivessem Levi como antepassado) receberam por incumbência os serviços servis, sujos e duros (em companhia dos estrangeiros escravos). Sua tarefa era inglória, mas era *do Senhor*, que os exaltou acima da média dos judeus na comunidade. Eles limpavam o chão, matavam os animais, lavavam os instrumentos do culto e carregavam para fora o esterco que os animais (inevitavelmente) depositavam nas cortes. Como o restante do povo, eles abandonaram o serviço de Yahweh e adotaram ídolos como deuses. Por isso, mereciam a punição dos ataques e o cativeiro babilônico. Tendo pago o preço conforme a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*), voltaram ao velho serviço, quer dizer, o pequeno número de sobreviventes das diversas catástrofes. *Carregaram seu castigo* para seu próprio bem. Cf. os vss. 12; Eze. 4.4; 14.10; Lev. 10.17; 16.22; Núm. 30.15; Isa. 53.11.

Os levitas foram restaurados, mas parte do castigo continuou. Seu serviço tornou-se mais humilde ainda. Tarefas sujas feitas pelos estrangeiros agora eram parte de *seus* deveres. O texto não entra em detalhes, para informar a natureza exata da humilhação; é improvável a implicação de que, antes, eles tivessem atuação direta no serviço espiritual que pertencia aos sacerdotes. A lei mosaica já os tinha humilhado. Todos os direitos sacerdotais foram reservados para os descendentes diretos de Arão. Ver o vs. 13. A hierarquia era: sacerdotes / levitas não-sacerdotes / estrangeiros; e tornou-se: sacerdotes / levitas não-sacerdotes.

44.11

Eles servirão no meu santuário como guardas... e ministros. Os levitas eram trabalhadores servis do santuário: guardavam as portas; matavam os animais; limpavam o chão e os instrumentos; serviam os adoradores, ajudando-os em tudo; carregavam madeira para fazer fogo e transportavam água para a limpeza; tiravam do complexo do templo o esterco depositado pelos animais dos sacrifícios em toda a parte. Os sacerdotes falavam: "Faça isso!", e eles obedeciam sem uma palavra de protesto. Eram os "office-boys" do templo. Os estrangeiros haviam ocupado o último nível do serviço, mas os levitas deslizaram e acabaram ocupando aquele lugar. Falando claramente, eram *escravos*, mas "do Senhor", que exaltara seu serviço. Para as tarefas destes homens no templo de Salomão, ver I Crô. 15.16; 16.4 e 23.28-31.

44.12

Ministraram diante dos seus ídolos. Este versículo repete, essencialmente, os vss. 10-11, sendo um tipo de sumário. Os levitas "vaguearam", servindo ídolos e encorajando o povo a fazer o mesmo. Eram líderes do deboche e obstáculos ao bem-estar de Israel, promovendo sua idolatria-adultério-apostasia. Foram cegos que guiaram outros cegos, e o país inteiro caiu no buraco. Praticaram maldades e inspiraram a prática de iniqüidades. Cf. Eze. 14.3-4. A *mão divina* se levantou para administrar um golpe esmagador, Yahweh vingando-se contra os rebeldes, dobrando-os em direção do chão. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *mão* e também em Sal. 81.14, e ver sobre *mão direita*, em Sal. 20.6. O golpe seria, afinal, uma medida restauradora. Os julgamentos de Deus vingam e castigam, mas são todos restauradores, sendo dedos da amorosa mão de Deus. Ver este conceito anotado nas notas de I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado. Adonai-Yahweh* é o autor do trabalho, o Soberano Eterno Deus que determina o destino dos homens e nações. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Soberania de Deus*.

44.13

Não se chegarão a mim, para me servirem no sacerdócio. Este versículo, no presente contexto, parece indicar que parte da humilhação dos levitas foi a perda da participação no augusto serviço reservado aos sacerdotes. Mas aquela proibição já fazia parte da legislação mosaica. Portanto, o presente versículo meramente reafirma uma lei antiga. Aos sacerdotes cabia a tarefa de cuidar diretamente dos sacrifícios, manipulando os instrumentos sagrados, servindo ao altar e às coisas santas do santuário. Somente o sumo sacerdote (uma vez por ano) podia entrar no Santo dos Santos, no dia da expiação, para aplacar a ira de Yahweh, fazendo uma oferta pelos pecados de todo o povo. Os levitas que se envolveram com abominações, mesmo restaurados, continuaram nos seus serviços humildes. Era melhor ser um escravo humilde do Senhor do que um príncipe orgulhoso do diabo. É melhor "levar sobre si a vergonha do Senhor", pagando por seus pecados, para depois, servir ao Senhor, do que continuar impune servindo o diabo, que arrebata sua alma.

44.14

Eus encarregarei da guarda do templo e de todo o serviço. Este versículo descreve, sem entrar em detalhes, o serviço dos levitas restaurados, o que é anotado nos vss. 10-11. "Cuidarão de tudo que deve ser feito" (NCV), isto é, no templo: serviços humildes; trabalho servil; consertos; corte de madeira; transporte de água; limpeza do esterco; vigia das portas etc.

Regulamentos para os Zadoquitas (44.15-31)

"Somente os zadoquitas podiam ser ministros representantes de Yahweh, pois compunham a casta sacerdotal oficial. Eles descendiam de Zadoque que, de súbito, apareceu como um sacerdote companheiro de Abiatar no tempo de Davi (I Sam. 8.17; 15.24 ss.); apoiou Salomão como o sucessor de Davi e tornou-se o sumo sacerdote. Abiatar (que apoiou o partido da oposição) foi banido para Anatote. Ver I Reis 1.8; 2.26-27,35. Alguns intérpretes acham que Zadoque já era sacerdote de Jebus, antes de sua derrota; derrotado, Jerusalém, a capital de Davi, tornou-se o vencedor. Segundo esta teoria, a legislação posterior *deu* àquele homem uma descendência (inventada) de Arão, através de Eleazar (I Crô. 6.50-53; 24.31). A lei de Deuteronômio originalmente determinou que os levitas servissem ao lado dos sacerdotes, administrando os sacrifícios" (Theophile J. Meek, *in loc.*, promovendo duas teorias detestadas pelos conservadores). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Zadoque,* para detalhes.

44.15

Os sacerdotes levíticos, os filhos de Zadoque, que cumpriram as prescrições... Talvez este versículo implique que os zadoquitas permaneceram fiéis durante o tempo da grande apostasia de Israel, que causou o cativeiro babilônico; portanto, mereceram sua posição exaltada depois daquele evento. Sua fidelidade antiga foi confirmada por uma fidelidade "moderna".

... me ofereceram a gordura e o sangue. Estes elementos eram a porção de Yahweh e aqui simbolizam a realização correta dos sacrifícios, sendo o *sinal* de uma atuação fiel da parte dos zadoquitas. Ver as leis sobre o sangue e a gordura, em Lev. 3.17.

"Deus observa a fidelidade dos homens e promete aos fiéis coisas boas e grandiosas. Ver Apo. 2.7,10-11,13,17,26-28; 3.5,10-12,21-22; Mat. 25.21" (John Gill, *in loc.*). "O povo pecou, mas os zadoquitas foram fiéis. Assim, depois do cativeiro, receberam de volta sua posição de honra" (Charles H. Dyer, *in loc.*). É a velha história da colheita segundo a semeadura (Gál. 6.7-8).

Diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) tinha Suas mãos soberanas sobre tudo e pronunciou em favor dos descendentes de Zadoque, por causa de sua fidelidade, no tempo de Davi e Salomão. Esse título divino aparece 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Fala da soberania de Deus que controla o destino de todos os homens e nações. Era Seu direito estabelecer o sacerdócio sob a direção dos zadoquitas.

44.16

... se chegarão à minha mesa, para me servirem. A *mesa* deste versículo provavelmente significa a mesa da Presença, ou Mesa da Exposição dos Pães, a qual se situava no santuário interior. Aqui, simboliza a refeição sacramental (Eze. 39.20). cf. Mal. 1.7,12. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Mesa,* II. *Mesas Rituais,* 1. *Mesa dos Pães da Proposição ou da Presença.* Alguns intérpretes, todavia, acham que o *altar* está em vista "... e queimar *incenso* no altar áureo" (Adam Clarke, *in loc.*). Ou, talvez a referência seja ao altar *de sacrifício.* Ver Lev. 3.11,16. Para o *altar de incenso,* ver Eze. 41.22 e no *Dicionário.*

44.17-18

Usarão vestes de linho. Ver a lei sobre o uso de vestimentas de linho, em Eze. 9.2; Lev. 7.10; 16.4,23; Êxo. 28.6,42; 39.27-39. A lã poderia ser *imunda,* porque era produto animal; por esta razão, o material foi proibido na fabricação das vestimentas sacerdotais; além disso, a lei não permitia nenhuma mistura de tipos de fios. A escolha divina era o linho, um produto vegetal, cerimonialmente *limpo* e apropriado. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Limpo e Imundo.* Referências literárias mostram que os egípcios também utilizaram o linho para as vestimentas sacerdotais. Uma vestimenta de lã, provocadora de suor, era considerada impura e inapropriada para os ministros. Esta passagem segue, essencialmente, as direções de Lev. 28. Fios misturados foram condenados em Deu. 22.11 e Lev. 19.19.

Tipologia. Alguns intérpretes vêem aqui as "vestimentas" morais e espirituais.

... todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes.

(Gálatas 3.27)

44.19

Saindo eles ao átrio exterior... despirão as vestes com que ministraram. Os sacerdotes podiam usar as vestimentas oficiais somente durante o serviço sagrado, como visto em Eze. 42.14. Vestimentas santas eram guardadas em salas apropriadas para este propósito. A razão da proibição de usar tais roupas na rua era a superstição de que o contato com elas (por pessoas comuns) poderia trazer algum tipo de maldição. *Poder* em objetos santos era uma velha crença que entrou também nas lendas da igreja cristã. Esta superstição chegou a ponto de afirmar que um homem enterrado nas roupas de um sacerdote automaticamente seria salvo e iria para os céus. "Transmissão mágica" de virtudes, de objetos considerados santos, faz parte da idolatria da igreja de hoje. Cf. Êxo. 29.37; 30.29; Lev. 6.27; e Mat. 23.17,19, para a teoria do fator de transferência de virtude. Sabemos que objetos inanimados absorvem energia psíquica de pessoas, especialmente daquelas com acentuados poderes psíquicos. Tal energia talvez possa curar em alguns casos. Todas as mitologias têm alguma base em acontecimentos reais, o que não justifica a fé idólatra das massas em tais coisas.

44.20

Cortar a barba, rapar o cabelo, deixar o cabelo sem os cuidados comuns, ou deixá-lo crescer demais, eram sinais de *lamentação* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. Lev. 10.6 e 21.5,10. O sacerdote não podia tomar tais atitudes, porque seu serviço era de alegria, simbolizando a vida, não a morte. Ver Núm. 6.1-21 e I Sam. 1.11. Esta lei concernente aos sacerdotes se encontra em Lev. 21.5, que inclui, também, a proibição contra mutilação. O sacerdote não podia usar cabelo longo demais ou curto demais. Moderação em todas as coisas! Os sacerdotes egípcios raspavam a cabeça e se barbeavam, o que era contrário à mentalidade hebraica.

Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens.

(Filipenses 4.5)

44.21

Ver Lev. 10.9, onde as proibições do presente versículo fazem parte da lei mosaica. No livro de Levítico, a proibição é feita com ameaça de morte. Yahweh golpearia o sacerdote ímpio que tivesse a audácia de beber quando estivesse ministrando no templo do Senhor. Era um *ultraje* para um homem servir a Deus no santuário e beber ao mesmo tempo. O texto implica que tais pessoas ficavam bêbadas, mas qualquer uso de vinho no lugar santo era considerado vergonhoso. O sacerdote tinha a obrigação de fazer clara distinção entre o sagrado e o profano, especialmente no próprio templo. Hoje, a igreja cristã, em muitos lugares, imita os clubes noturnos na questão de música e no estilo de culto com seus "conjuntos". Tais práticas envergonham a igreja que, em vez de ser um barco de salvação, tornou-se um barco de diversões. Este ultraje faz parte da apostasia generalizada. Ver Apo. 3.17.

Cf. I Tim. 3.3, onde *moderação* é exigida na questão da bebida. As listas de vícios do Novo Testamento sempre incluem *bebedice* como uma obra da carne. Ver Gál. 5.21. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Bebida, Beber.*

44.22

O sacerdote tinha de ser *necessariamente* um homem casado. Ele podia casar-se somente com uma virgem ou com a viúva de outro sacerdote. Ver Lev. 21.7,12. A exigência do celibato para ministros hoje é uma insensatez. O sistema não funciona e só traz desgraça. Baseia-se em tradições e não na Bíblia. Ver na *Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Celibato.*

A proibição do casamento de um ministro retém o sentimento de que o sexo é impuro e que até a mulher casada é corrompida. Ver I Cor. 7.1-9. O sexo é uma função animal que algumas pessoas acham que deve ser proibida, especialmente para um homem espiritual. Mas poucos homens espirituais, carregando seus corpos animais, chegam a tal grau de espiritualidade que lhes capacite a dispensar o sexo. O resultado é um celibato fingido. Os hebreus sempre o rejeitaram como *impróprio* para os ministros. O celibatário quase sempre termina na promiscuidade, no adultério e até no homossexualismo. O homem espiritual e trabalhador precisa do sexo como um meio de diversão e relaxamento, para se aliviar das tensões do trabalho. O sexo é o prazer mais *econômico,* exigindo pouco tempo e despesas mínimas.

44.23

O principal dever de um ministro é *geral*: o bom sacerdote deve ser um mestre do povo, transmitindo seus conhecimentos e sabedoria aos incultos e menos privilegiados. Ele sabe das coisas, mas eles não. Ele sabe a diferença

entre o profano e o sagrado, mas o povo "por aí" está sambando, celebrando o *carnaval*. As mulheres se pintam e saem às ruas seminuas, e os homens as observam com olhar atento. O deus na praia é a nudez, e todo o mundo ali pratica o seu culto. Pode-se dizer que todos os homens são malandros e todas as mulheres são exibicionistas. Mas o sacerdote sabe todas as regras e tenta aplicá-las ao povo, sempre com pouco sucesso. A lei mosaica tinha regulamentos positivos e negativos para governar todos os aspectos da vida, leis morais e cerimoniais, como as que governavam o *Limpo e Imundo* (ver a respeito no *Dicionário*). A lei era o *guia* (Deu. 6.4 ss.) que poucos tentaram seguir e, entre estes, poucos conseguiram. As leis do corpo carnal e do espírito perverso se mostram mais fortes: "O pecado te afasta deste Livro, ou este Livro te afasta do pecado".

44.24

O bom sacerdote funcionava como um juiz imparcial para resolver contendas entre o povo. Ficou no lugar de Moisés, o legislador e juiz supremo. Era uma autoridade na lei e perito na sua aplicação. Tinha sabedoria suficiente para reconhecer fraudes e más intenções e podia endireitar situações complicadas. Ver Deu. 17.8 ss.; cf. a aplicação do Novo Testamento (I Cor. 6.1-7).

O bom sacerdote agia como coordenador de muitas atividades, públicas e privadas, especialmente aquelas de adoração e culto religioso. Conhecia todas as leis e sabia como aplicá-las na sociedade. Promovia festas anuais e ocasionais, dos dias especiais e dos dias designados santos. Nunca esquecia suas exigências e sempre corria atrás dos infratores. Ver Êxo. 20.1-48; cf. Eze. 45.17. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Festas (Festividades) Judaicas*, para detalhes. O sábado era o *sinal* do *Pacto Mosaico*. Ver as notas sobre este pacto, na introdução a Êxo. 19.

44.25

Os vss. 25-27 baseiam-se em Lev. 21.1-3. O cadáver de um homem ou de um animal era *imundo* segundo as leis cerimoniais dos judeus; alguém que tocasse os corpos também ficava imundo e desqualificado para participar do culto de Yahweh. O sacerdote não podia exercer seu ofício se não observasse, com cuidado, todas as leis relativas ao "limpo e imundo". Ele ficaria temporariamente imundo, se houvesse a necessidade de enterrar um parente próximo, mas logo se purificaria com as devidas cerimônias (vs. 26).

44.26

Este versículo se baseia em Núm. 19.11-17; 31.19, que descrevem os ritos de purificação. Após sete dias, a pessoa era purificada da contaminação por ter tocado num cadáver! Ver as exigências descritas no vs. 27. No último dia, havia necessidade de um sacrifício final. Poluição cerimonial era um assunto muito sério na mentalidade dos hebreus. Tudo isto desapareceu no cristianismo, felizmente! Por outro lado, as cerimônias elaboradas nos lembram da seriedade do pecado, o "sinfulness of sin", como alguns gostam de dizer, a "pecaminosidade do pecado"; ou inventando uma palavra hábil, a "pecabilidade do pecado". O bom sacerdote era um homem de dedicação ao seu ofício, promovendo o culto a Yahweh. Cf. Heb. 9.13-14.

44.27

O homem havia se purificado através de purificação privada, mas precisava mostrar ao povo que estava novamente qualificado para exercer seu ofício. Isto era realizado através de uma oferta de pecado, para expiar seu pecado. Era pecado ficar imundo cerimonialmente. Ser *imundo* era uma infração das leis cerimoniais, mas é preciso lembrar que, para a mentalidade judaica, a lei cerimonial era altamente *moral*. Foi a igreja cristã que fez a distinção entre as leis moral e cerimonial.

Ao purificar-se, o sacerdote dava um bom exemplo, a fim de que o povo tivesse cuidado em distinguir o profano do sagrado.

44.28

Os sacerdotes terão uma herança. A divisão da terra de Josué, em 13.14,33 e 18.7, e os regulamentos de Núm. 18.20-21, não se aplicavam à tribo de Levi, que se tornara uma casta sacerdotal, "sem-terra". Ver também Deu. 18.1; Núm. 18.20. O trecho de Deu. 10.9 informa especificamente que a "herança" da casta de levitas era o próprio Yahweh. Os ministros eram obviamente *privilegiados*, não destituídos. Naturalmente, tinham suas cidades com áreas adjacentes, portanto não eram absolutamente "sem-terra". Não havia para eles nenhuma herança de terra que passasse de geração para geração; eles recebiam os dízimos para sua alimentação e necessidades básicas. Cf. este versículo com I Cor. 9.7 ss. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Levitas, Cidades dos*.

44.29

A Porção dos Sacerdotes. Os sacerdotes tinham suas porções dos sacrifícios, que constituíam o seu fornecimento básico de alimentação. *Também criavam animais e plantavam para suprir qualquer necessidade.* Ver as *oito* porções designadas para os sacerdotes, em Lev. 6.26; 7.11-24; Núm. 18.8; Deu. 12.17-18. Frutas e legumes foram cultivados nas suas terras ao redor da área do templo e perto de suas cidades. Também recebiam "coisas devotadas" a Yahweh, inclusive dons especiais e voluntários do povo. Além dessas vantagens, recebiam as *primícias* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. Lev. 27.28.

Dedicações. Homens, animais, terras e produtos poderiam ser devotados ao Senhor e, assim, tornar-se possessões dos levitas (incluindo os sacerdotes). A provisão, então, para a casta sacerdotal (mesmo "sem-terra") era ampla, quando o povo obedecia às leis sobre a questão. Sob circunstâncias ideais, prosperavam. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Levitas, Cidades dos*.

44.30

O *holocausto* (ver a respeito no *Dicionário*) constituía uma oferta queimada, na qual o animal inteiro era consumido pelo fogo, e não seguida pela refeição comunal. Outros tipos de ofertas tornaram-se celebrações com vinho, danças e canções, uma vez que a parte "séria" (o sacrifício) fora realizada. Ver as explicações dadas no vs. 29. Cf. Deu. 18.1-5. "Deus cuidará daqueles que atuam no ministério. Eles viverão dos sacrifícios que o povo trará ao templo" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Primícias*. Cf. este versículo com Pro. 3.9-10 e Mal. 3.10. Um povo generoso, que cuidasse bem de seus ministros, descobriria que Yahweh seria generoso com eles, abrindo as portas dos céus e enviando *chuvas de bênçãos*.

Farei descer a chuva a seu tempo, serão chuvas de bênção.

(Ezequiel 34.26)

44.31

Este versículo se baseia em Lev. 7.24, que aplica as declarações a todos os israelitas, não exclusivamente aos ministros. Haverá abundância para comer, eliminando-se a necessidade de consumir animais proibidos, como aqueles que morreram de doença ou feridos por um predador.

Esta passagem nos ensina a promover as causas *dos outros*, não apenas as nossas. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Liberalidade e Generosidade* e *Abundância, Generosidade*. A medida de um homem é a sua generosidade, que é outro nome para o amor. Alguém falou: "Não se pode dar mais do que Deus", porque o homem que dá recebe da tesouraria do céu. O homem que tem Deus como sua *herança* (vs. 28) prosperará em todos os sentidos, materiais e espirituais.

Houve, alguma vez, uma bênção dada,
Que não voltou para o doador
Com um duplo poder de bênção?

Capítulo Quarenta e Cinco

Os capítulos 40-48 formam a seção final do livro, assim não há divisões verdadeiras entre eles. O tema que permeia todos é a restauração de Israel; seu corolário é o templo ideal com seu culto.

"*Vss. 1-9. A Distribuição da Terra.* Este tema continua em Eze. 47.13-48.35. O material é completamente ideal e simbólico. O *distrito sagrado* divide-se em duas seções, cada uma medindo 25 mil x 10 mil côvados. A seção do norte é para os levitas; a do sul, para os sacerdotes zadoquitas. Na parte sul, foi incluída uma área quadrada de 500 côvados laterais, onde se localizava o templo complexo. Outra área de 50 côvados de cada lado é agora mencionada, sem o ter sido antes (cf. Eze. 42.20). Os 25 mil x 5 mi côvados, uma área especial de Jerusalém (ao sul do distrito sagrado, vs. 6), combinada com aquele distrito (vs. 1), perfaz uma área de 25 mil x 20 mil côvados, cerca de 13 x 11 km)" (*Oxford Annotated Bible*, introdução aos vss. 1-10).

Este capítulo se divide naturalmente em quatro seções 1. vss. 1-9; 2. vss. 10-12; 3. vss. 13-17; 4. vss. 18-25. Cada seção é introduzida por um parágrafo, que dá a sua essência.

A Parcela de Terra dos Sacerdotes do Templo (45.1-9)

O paralelo (Eze. 48.8-22) é mais completo. Aqui, o autor se preocupa somente com a essência da questão. Mais tarde, ele repete e elabora o tema, dando

uma idéia melhor da porção dada aos sacerdotes. Os territórios foram santificados e se constituíram em uma *oblação* a Yahweh. Esta mesma palavra é usada para falar de uma *oferta* dada a um príncipe ou a Yahweh, isto é, uma oferta *consagrada*. Cf. Eze. 44.30 e Lev. 22.12. Podemos ver idéia semelhante em Núm. 5.9. "A parcela dedicada aos sacerdotes e levitas se compara às cidades apresentadas aos levitas em Jos. 21.1-42" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Levitas, Cidades dos*. Ver as ilustrações anexas, no presente capítulo, para melhor entender as informações que o autor oferece.

45.1

Quando, pois, repartirdes a terra por sortes em herança, fareis uma oferta ao Senhor, uma porção santa da terra. A terra foi dada aos ministros como herança, sendo, ao mesmo tempo, um tipo de *oblação* (sacrifício especial) a Yahweh, que determinou a distribuição e deu a herança aos sacerdotes. A parcela de terra era considerada *santa*, assim como todos os sacrifícios. Toda a área dos 25 mil x 20 mil côvados era consagrada e santa porque foi separada do profano e reservada para usos sagrados. Em quilômetros, a área era de aproximadamente 13 x 11 km). "Dentro daquela área se situava o templo complexo descrito nos capítulos 40-43. Esta terra retangular foi dividida em duas partes iguais, cada uma com 13 x 5 km" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Os versículos seguintes dão detalhes sobre estas duas partes.

Por sortes. O autor retém a linguagem original que era empregada sobre a divisão da terra entre as doze tribos. Ver Jos. 18.6. A palavra *sortes* é usada, mas *neste texto* não tem nenhuma idéia de *acaso*, porque as dimensões e características das divisões da terra foram predeterminadas por Yahweh, segundo Sua vontade soberana. A linguagem é *convencional*, não literal. Cf. Eze. 47.22 e 48.29. O sentido original da palavra se perdeu em relação à mensagem do presente capítulo. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Sortes*.

45.2

Ver Eze. 42.16,20, que este versículo repete. Dentro do distrito sagrado, a área do templo complexo ocupava uma parte, cerca de 252 m de lado. Um espaço aberto ao redor do complexo media 25 m de lado. As situações do santuário e de sua área adjacente são mais detalhadamente descritas em Eze. 48.10. A área menor ficava *no meio* da outra. Ver as ilustrações que acompanham o comentário sobre este capítulo, para um melhor entendimento. Ver a designação *A* da ilustração de Adam Clarke, no capítulo 40.

45.3

O distrito sagrado foi dividido em duas partes, cada uma medindo 25 mil x 10 mil côvados (ver estas medidas em quilômetros no vs. 1). A parte do norte foi reservada para os levitas; a do sul, para os sacerdotes zadoquitas. Esta parte incluiu os 5 mil x 5 mil da área do templo complexo, mais uma pequena área de 50 x 50 côvados, não mencionada anteriormente. Ver as designações A, B, C, D, E da ilustração de Adam Clarke, no capítulo 40. Esta pequena medida era "um espaço aberto", segundo a NCV, e aparentemente não tinha nenhuma função específica.

45.4

A parte do sul foi reservada para os sacerdotes zadoquitas; nesta área estava localizado o templo complexo. Os lotes para as residências dos sacerdotes se situavam ali. A área inteira era considerada sagrada e santificada para Yahweh. O muro que separava o templo complexo do profano, um pouco além do complexo (Eze. 42.20), não é mencionado aqui. O presente texto não fala de nenhuma localidade *profana* perto do templo, porque tudo fazia parte do *distrito sagrado*. Esta pequena discrepância não tem nenhuma importância para o entendimento do texto. Alguns intérpretes falam de autores diferentes para as duas seções, o que constitui um exagero, só para explicar uma diferença tão pequena. Ver a designação *A*, na ilustração de Adam Clarke, no capítulo 40.

45.5

Este versículo descreve a porção de terra do norte reservada aos levitas não-sacerdotes, que tinha o mesmo tamanho daquela descrita no vs. 3. Os levitas, servos dos sacerdotes, embora humildes, não foram deixados de fora, antes tiveram sua porção na herança do Senhor. Sua posição era mais humilde, mas sua provisão era adequada. Para entender bem este versículo, ver Eze. 44.11-14.

Vinte câmaras. Assim fala o hebraico original, e os intérpretes lutam para entender o significado. São complexos de comunidades, talvez na forma de edifícios de apartamentos. A Septuaginta traz "cidades", em vez de *câmaras*, mas tal leitura provavelmente foi a substituição de uma leitura fácil para uma difícil, a fim de facilitar o entendimento. Isto implica que, aos levitas, foram dadas muitas cidades. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Levitas, Cidades dos. Cidades* dificilmente caberiam dentro da área descrita.

Ou as cidades eram localizadas fora da área, um detalhe que o autor omitiu, talvez por descuido.

Provavelmente o texto massorético é correto contra a Septuaginta, embora nos deixe sem entender o significado da referência. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Massora (Massorah); Texto Massorético*. Às vezes, as versões retêm leituras corretas contra o texto massorético (o texto hebraico padronizado). Ver no *Dicionário* sobre *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento*, artigo que dá informações sobre o modo pelo qual leituras corretas são escolhidas quando há variantes.

Alguns substituem *cidades* por *portões*, o que não resolve o problema, porque portões implicam cidades. Para conseguir esta leitura, é necessária uma emenda da palavra hebraica. O certo é que os levitas tinham uma provisão adequada em relação à *moradia*, mas exatamente *como*, não se sabe dizer.

45.6

A *cidade* tinha uma área de 22 x 2 km, situada ao longo da área sagrada. Comportava a própria cidade de Jerusalém e suas terras adjacentes (cf. Eze. 48.15-18). No paralelo no capítulo 44, esta área adjacente se chama profana (x 42.20), mas no *distrito sagrado* tal descrição se perdeu. Ver as notas no vs. 4 deste capítulo. A *oblação* de Yahweh não pode ser profana, e a área descrita em Eze. 45.6 faz parte da oferta sagrada. Ver *FF* da ilustração de Adam Clarke, no capítulo 40. Ver as ilustrações anexas para um melhor entendimento das descrições do capítulo.

O retângulo formado pelas partes dos sacerdotes e levitas se tornou um quadrado com a adição de terras que formaram a cidade de Jerusalém.

45.7-8

Aqui temos o quadrado de 13 km de cada lado. Ver na ilustração de Adam Clarke, no capítulo 40, as designações EE, FF e GG. Esta área se localizava na cidade de Jerusalém e pertencia *ao príncipe* (ver Eze. 44.3; cf. Eze. 34.24).

Os meus príncipes nunca mais oprimirão o meu povo, antes distribuirão a terra à casa de Israel. O fato de o príncipe ter sua própria propriedade, com sua própria fonte de recursos, garantiu o caráter teocrático da nova comunidade. Os príncipes roubaram os bens do povo, através de impostos exorbitantes e até pela violência. Na *era ideal*, o príncipe teria sua própria fonte de renda, para evitar abusos econômicos contra o povo. Muitos reis foram pouco mais do que predadores do povo (a política, como sempre!). Abusos seriam eliminados com a instituição de reis independentes. Em tempos ideais, os príncipes (reis) tornar-se-iam contribuintes especiais do bem geral da comunidade, uma novidade incomum para políticos.

45.9

Assim diz o Senhor Deus: Basta, ó príncipes de Israel. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus), utilizando Sua soberania em todas as coisas, exige que os reis não mais explorem o povo. O tempo de abusos econômicos, brutalidades e maus-tratos terminou. Aquele título divino é empregado 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Fala da *Soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). Governando as ações dos homens, Ele garante uma sociedade mais justa, acalmando a cobiça material dos líderes. Os príncipes, assim aplacados, serão menos violentos e egoístas.

Diz o Senhor Deus. O título divino de soberania abre e fecha o versículo, dando especial ênfase à mensagem nele contida. Cf. Eze. 22.3 e considere-se o caso de I Reis 21.1-16. Os versículos que se seguem aplicam os mesmos princípios ao povo em geral. Ver Lev. 19.35-36 e Deu. 25.13-15. Há certa semelhança em Eze. 19.1-9; 22.25 e 34.10. O problema básico é a ganância, já que homens descontrolados fazem qualquer coisa para ganhar dinheiro e poder.

Regulamentos sobre Pesos e Medidas (45.10-12)

Parte da opressão econômica era o uso de pesos e medidas fraudulentos, problema constante em Israel-Judá. A questão se aplica primeiramente aos reis, depois ao povo (vss. 13 ss.). A legislação mosaica sobre este assunto se encontra em Deu. 25.13-16 e Lev. 19.35-37. Ver detalhes sobre esta questão no artigo denominado *Pesos e Medidas*, no *Dicionário*.

45.10

Efa justo e bato justo. O autor começa mencionando as medidas padrões, o *efa*, uma medida seca, e o *bato*, uma medida líquida. As duas equivaliam aproximadamente a 6 galões ou 22 litros.

45.11

As duas medidas (mencionadas no vs. 10) eram de cerca de 1/10 *ômer*. A palavra hebraica significa, literalmente, uma *carga de burro*. O ômer era a medida padrão da qual as outras foram derivadas. Cf. Êxo. 16.36.

45.12

Siclo. Cerca de 11,5 gramas.

Geras. A medida hebraica menor, que correspondia a 1/20 de um siclo. Eram necessários 60 siclos para obter um *mina* (1,5 libras = 0,6 grama). Nos textos ugaríticos, a *mina* consistia em 50 desiclo, mas há evidência de que, na Babilônia, compunha-se de 60, que é paralelo ao siclo de Ezequiel. A Septuaginta segue os 50, dos textos ugaríticos, ou de uma fonte não conhecida que tinha a mesma figura. A *mina* é mencionada somente em I Reis 10.17; Esd. 2.69; Nee. 7.71. Ver as notas sobre esta medida em Êxo. 30.13 e Lev. 27.25.

A moedagem apareceu na Palestina na segunda parte do século V A. C. Até então, os *pesos* determinaram os valores.

A Contribuição ao Príncipe (45.13-17)

A exploração cessou quando o príncipe se tornou auto-suficiente. Ele recebia mercadorias através de impostos moderados, que enviava aos levitas e aos sacerdotes (o ministério do culto a Yahweh). Como líder civil, o príncipe tinha participação ativa no culto religioso, dando bom exemplo ao povo.

45.13

Esta será a oferta que haveis de fazer. O príncipe continua recebendo instruções. Quantidades específicas foram exigidas do povo para entregar ao príncipe que, por sua vez, as deu ao culto sagrado. O ministério, portanto, era apoiado pelo povo, de modo geral, tornando possível a continuidade do sistema sacrificial. Cada pessoa, de acordo com sua posição econômica, contribuía, dando 1/60 de sua cevada e trigo, "a sexta parte de um efa de cada ômer". Ver os vss. 10 e 11.

45.14-15

Além da necessidade de doar 1/60 de seus cereais, a pessoa precisava dar também 1/100 de seu azeite (vs. 14), mais uma ovelha de cada grupo de 200, isto é, 1/200 (vs. 15). O *coro* é declarado como o equivalente de um *bato* (6 galões = 22 litros). Ver I Reis 4.22; 5.11 II Crô. 2.10 e 27.5. Direções específicas foram dadas para evitar confusão. Os materiais trazidos serviriam aos diversos tipos de ofertas: de cereais (ofertas de paz); ofertas queimadas; sacrifícios para expiar pecados. Ver as notas sobre os diversos tipos de ofertas, em Lev. 7.37. Para maiores informações, ver no *Dicionário* o artigo denominado *Sacrifícios e Ofertas*. Os sacerdotes e levitas tinham seu sustento essencial garantido por estas doações; o restante seria suprido por seus esforços agrícolas.

O príncipe tinha responsabilidade de recolher estes produtos do povo e entregá-los aos representantes da casta ministerial. Para o problema de sacrifícios de animais no templo ideal (milenar), ver as notas na introdução à seção, capítulos 40-48: *cinco interpretações* são apresentadas. Ver especialmente Eze. 40.38.

45.16

Todo o povo da terra fará contribuição. *Obrigação Universal.* Todos os cidadãos tinham de contribuir segundo a mesma regra. A obrigação geral era, ao mesmo tempo, um privilégio geral. O príncipe fazia sua parte, recolhendo e distribuindo os produtos ao ministério. Era o coordenador do empreendimento.

45.17

Estarão a cargo do príncipe os holocaustos... O príncipe *ideal* participava de todos os aspectos do sistema sacrificial hebraico, inclusive das festas e feriados religiosos que envolviam toda a comunidade. A legislação mosaica foi a fonte destas atividades; alguns intérpretes acham que aquelas leis serão reativadas no *milênio*. Pessoalmente, rejeito tal interpretação. Ver as diversas interpretações da questão, nas notas de introdução ao capítulo 40, especialmente em Eze. 40.38. Naturalmente, a participação do príncipe e as porcentagens de contribuição do povo, para o sustento do ministério, são materiais novos do livro de Ezequiel. O regulamento mosaico deixou uma parte considerável às contribuições voluntárias; Ezequiel pronunciou em favor de *obrigações* adicionais.

Regulamentos para as Festas do Primeiro e Sétimo Mês (45.18-25)

Ezequiel tornou-se um tipo de Novo Moisés, dando instruções novas misturadas com as velhas. As festas que exigiam ofertas incluíram a festa do Ano Novo (vss. 18-20); a Páscoa (incluindo os pães asmos; vss. 21-24); a Festa dos Tabernáculos (vs. 25). O profeta deu uma lista representativa, não se preocupando com detalhes exatos em relação às festas.

"Regulamentos das festas: páscoa (Êxo. 23.15; Deu. 16.1-8; Lev. 23.4-8); tabernáculos (Êxo. 23.16; Deu. 16.13-15; Lev. 23.33-36). Festas omitidas: das primícias, pentecoste (Êxo. 23.16; Deu. 16.9-13; Lev. 23.33-36); trombetas (Lev. 23.24); dia da expiação (Lev. 23.26-32)" (*Oxford Annotated Bible*, introdução à seção).

45.18

Assim diz o Senhor: No primeiro mês, no primeiro dia do mês. O primeiro e o sétimo mês marcaram as duas metades do calendário religioso. Aqui, temos a celebração do Ano Novo que aconteceu no primeiro dia de nisã (no meio de abril). Era celebrada a redenção de Israel do Egito. "O ano começou com um serviço de consagração, não mencionado na lei levítica, mas o penhor dele foi fornecido pela festa da dedicação do Segundo Templo. Esta festa celebrava a purificação daquele lugar, da poluição provocada por Antioco Epifânio" (Fausset, *in loc.*). "Como em Deu. 16.1-8,13-15, os regulamentos da páscoa e da festa dos tabernáculos tratam do santuário central. Os animais de sacrifício mencionados aqui são os de Deu. 16.2; cf. Êxo. 12.2" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Parece que a páscoa ganhou novos significados na legislação de Ezequiel. Foi necessário purificar o santuário pela oferta do *novilho*. O velho rito tornou-se um composto de rituais. Provavelmente havia uma purificação anual do santuário.

As Três Festas do Contexto. 1. O novo-composto (vss. 18-20). 2. A páscoa com modificações (vss. 21-24). 3. Tabernáculos (vs. 25).

45.19

O sacerdote tomará do sangue e porá dele nas ombreiras da casa... *A páscoa de purificação* reteve os mesmos elementos da páscoa original, mas acrescentou novos aspectos. O sangue foi colocado nas ombreiras das portas do templo, nos quatro cantos da fiada do altar e nas ombreiras da porta do átrio interior. Estas colocações imitaram o ato antigo da colocação do sangue nas ombreiras das portas das casas particulares do povo cativo no Egito (Êxo. 12). Vendo o sangue, o anjo da morte "passou por cima", não matando os primogênitos de Israel (assim, a festa se chamava "passar por cima"). Presumivelmente, o novo rito foi repetido a cada ano, tornando-se um substituto do *dia de expiação*, que não é mencionado no texto. A festa era composta de páscoa-consagração-ano-novo-purificação-expiação.

45.20

Assim também farás no sétimo dia do mês. O rito se repetiu no sétimo dia do mês para expiar (de novo) os pecados (de ignorância) do povo. A Septuaginta faz este segundo rito acontecer no primeiro dia do *sétimo* mês, isto é, depois de um intervalo de 6 meses; alguns eruditos acham a colocação historicamente correta, contra as indicações do texto massorético.

Por causa dos que pecam por ignorância, e por causa dos símplices: assim expiareis o templo. Esta purificação era um tipo de apoio à primeira, que tornou possível o uso contínuo do santuário. Israel e seu santuário foram assim purificados. "Esta oferta e limpeza cerimonial provavelmente substituíam o *dia de expiação*, que se realizava no sétimo mês (Lev. 23.26-32)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Se isto for verdadeiro, Ezequiel está descrevendo um tipo de composto: páscoa-consagração-purificação-dia-de-expiação, um novo rito que combinou diversas práticas e tinha propósitos múltiplos.

45.21

No primeiro mês, no dia catorze do mês, tereis a páscoa. A descrição da festa composta não termina o tratamento. O profeta agora informa que uma páscoa distinta tinha de ser preservada. A páscoa e a festa dos pães asmos eram originalmente celebrações distintas, que se ajuntaram em uma. Ver informações completas nos dois artigos do *Dicionário: Páscoa* e *Pães Asmos*. Pães Asmos era, originalmente, uma festa agrícola; a Páscoa era um rito pastoral. A celebração da páscoa se tornou o rito de purificação que incorporou certos aspectos da páscoa. A combinação páscoa-pães-asmos durava sete dias, segundo a velha legislação. "Como uma nova solenidade, a festa de consagração para a própria páscoa combinou diversos sacrifícios, que foram diferentes daqueles exigidos pela lei mosaica. Em vez de um carneiro e sete cordeiros, para uma oferta queimada diária, passaram a sacrificar sete novilhos e sete carneiros" (Fausset, *in loc.*).

45.22

O príncipe... proverá um novilho para oferta pelo pecado. O príncipe assume a liderança nas atividades. Presumivelmente, onde o sumo sacerdote trabalhasse, ele participaria, embora não diretamente nos atos sacrificiais. Curiosamente, Ezequiel não menciona o sumo sacerdote. O *primeiro sacrifício* foi feito para o príncipe e para o povo, para expiar seus pecados. O novilho era o animal oferecido a Yahweh para aplacar Sua ira. Os sacrifícios não seguem a velha legislação, que era mais simples; Ezequiel os multiplicou, como as notas no vs. 23 demonstram. O *príncipe*, fazendo uma oferta para si mesmo, não é, naquele momento, o Messias. O príncipe, o líder do rito, não fazia parte do velho rito; assim, temos um tipo de Nova Páscoa, retendo velhos elementos e acrescentando novos. "Nada se fala sobre o próprio cordeiro pascal, mas talvez o autor achasse que entenderíamos aquilo como parte da cena; segundo a lei mosaica (Núm. 28.17,22), o bode era oferecido todos os dias da festa. Aqui o novilho é oferecido no primeiro dia e um bode nos outros seis" (vs. 23)" (Ellicott, *in loc.*). Mais detalhes sobre as ofertas podem ser vistos no vs. 23, que também modifica a velha ordem.

45.23-24

Sete novilhos e sete carneiros. "A oferta queimada exigida pela lei era de dois novilhos, um carneiro e sete cordeiros, todos os dias. Aqui, em Ezequiel, temos um efa utilizado em cada sacrifício, perfazendo um total de 14 efas de cereais e o mesmo número de hins de azeite para cada efa. A velha legislação exigia somente 3/10 de efa de cereal, misturado com 2/10 de azeite para cada carneiro, e 1/10 para cada cordeiro, isto é, um total de 1,5 por dia. As ofertas de Ezequiel eram mais ricas" (Ellicott, *in loc.*).

Estas variações foram vistas como *desvios* da lei mosaica, por muitos intérpretes judaicos que foram *perturbados* por eles. Contrariamente, intérpretes cristãos ficam felizes com os "desvios", porque mostram (segundo eles) que a velha lei não era a *autoridade final* de todas as atividades espirituais, como os judeus afirmaram.

Him. O *him* era aproximadamente 4 quarts = um pouco menos de 4 litros. Ver o uso de azeite misturado com ofertas de cereais, em Eze. 46.11, e cf. Núm. 15.6,9. Ofertas de cereais acompanhavam os sacrifícios de animais (Núm. 15.4; 28.20). Para detalhes, ver no *Dicionário* o artigo denominado *Sacrifícios e Ofertas*.

45.25

Chegamos, agora, à *terceira festa* do contexto: a Festa dos Tabernáculos. Esta festa começava no dia 15 do sétimo mês e durava sete dias. Ver Lev. 23.33-34. Era a última das festas originais de Israel, realizadas anualmente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Tabernáculos, Festa dos,* para detalhes. O autor omitiu diversas festas na sua lista neste texto, circunstância anotada na introdução ao vs. 18.

Razões Possíveis para as Omissões. O profeta, de propósito, desviou-se das velhas regras para mostrar que um novo dia estava amanhecendo. A lei não era tudo e não antecipou tudo da vontade de Deus. O novo reteria o velho, mas *não rigidamente:* omitiria algumas coisas e acrescentaria outras.

O texto cita três festas anuais e omite três, o que poderia ter sido meramente circunstancial. Com três festas representativas, o autor esperou que os leitores entendessem todas. Ele fez uma *representação*, sem entrar em detalhes sobre o porquê da abreviação.

A Festa dos Tabernáculos foi celebrada no estilo da Páscoa e, por isso, o autor não repete os detalhes já vistos nos vss. 22-24.

Aplicação das Instruções? "Nunca houve uma tentativa dos judeus de instituir o esquema de Ezequiel, o que evidencia o fato de que seus contemporâneos entenderam seus escritos idealisticamente, não como instruções para substituir Moisés" (Ellicott, *in loc.*).

Os dispensacionalistas supõem que, no milênio, as instruções serão seguidas como parte do Novo Dia. Esperam a realização de tudo o que os capítulos 40-48 apresentam. É melhor ficar com a interpretação idealista.

Capítulo Quarenta e Seis

Os capítulos 40-48 formam a seção final do livro e não há interrupção entre os capítulos. Continuam com o tema principal: a restauração de Israel, com seu corolário principal, o templo ideal e seu culto.

Mais Regulamentos. O capítulo 46 se divide naturalmente em cinco seções: 1. vss. 1-8; 2. vss. 9-10; 3. vss. 11-15; 4. vss. 16-18; 5. vss. 19-24. Cada uma se apresenta com um parágrafo introdutório. Os vss. 1-19 apresentam mais especificações rituais. No vs. 20, o circuito de inspeção do templo continua.

Ofertas do Príncipe para Celebrar a Lua Nova e o Sábado (46.1-8)

"Regulamentos concernentes ao príncipe (rei): vss. 1-8. O *príncipe* (Eze. 37.15-28) trará suas ofertas (Eze. 45.13-16) através do Portão Oriental para a corte interior (o vestíbulo), onde ficará em pé, ao lado da entrada santificada ritualmente (Eze. 45.18-19). Diretamente na frente dele, os sacerdotes oferecerão os sacrifícios. O povo ficará na corte exterior durante este tempo. Ver descrições dos sacrifícios em Êxo. 29.38-42 e Núm. 28.3-15. *Lua nova*: isto é, o primeiro dia do segundo mês do calendário lunar que os judeus seguiam. Note-se que a ênfase sempre é mais vigorosa sobre o sábado" (*Oxford Annotated Bible*, introdução aos vss. 1-8).

46.1

A porta do átrio interior... no sábado ela se abrirá, e também no dia da lua nova. Os vss. 1-3 mostram que, depois da volta da glória de Yahweh ao templo, o Portão Oriental foi fechado. Agora sabemos que ele pode ser aberto por *duas razões*: 1. para celebrar a festa da Lua Nova; 2. para celebrar o sábado. Alguns intérpretes afirmam que o príncipe é o *Messias* e entendem as instruções como pertencentes ao dia escatológico. Literalistas interpretam que Davi, rei de Israel, voltará pessoalmente; outros acham que simboliza o Messias que renovará a linhagem real, assumindo os deveres de rei. Ver as notas em Eze. 44.3, que falam do príncipe.

O uso do Portão Oriental seria freqüente, pois ficaria aberto todos os sábados para as administrações do príncipe. Estaria fechado nos outros seis dias da semana. Os dispensacionalistas acham que estas condições serão literalmente cumpridas no milênio e citam os capítulos 40-48 como um tipo de texto de instruções para aquele templo. Existem essencialmente *cinco interpretações* da natureza desta seção, as quais são apresentadas na introdução ao capítulo 40.

46.2

O príncipe entrará de fora pelo vestíbulo da porta. "O príncipe, todos os sábados, passa através do Portão Oriental e avança para o portão da corte interior. Não pode ir além disto e, assim, fica em pé ao lado do portão. Cf. esta cena com a informação dada em I Reis 8.14-22, que retrata o rei Salomão em pé ante o altar do Senhor, na presença da congregação. Ver também II Reis 11.14, onde o rei é descrito como em pé ao lado da coluna do portão. Os sacerdotes cumpriam seus deveres nos lugares reservados somente para eles" (Fausset, *in loc.*). Depois dos sacrifícios, o príncipe (rei) saía da mesma maneira que havia entrado (vs. 8; Eze. 44.5). O Portão, então, ficava aberto até o pôr-do-sol e, depois, era fechado para mais uma semana. No outro sábado, o procedimento se repetia.

46.3

O povo da terra adorará na entrada da mesma porta. O povo, que assistia às cerimônias, não podia acompanhar o príncipe. Ficava na corte exterior, ante o Portão Oriental. Como é óbvio, a própria estrutura do templo e seus rituais ilustravam *acesso limitado* que, no Novo Testamento e em Cristo, foi eliminado. O próprio cristão tornou-se o templo do espírito (I Cor. 3.16; Efé. 2.18-22). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Acesso,* para detalhes.

Temos aqui uma alusão à prática do povo que ficava em pé à porta do tabernáculo. Cf. Êxo. 29.12 e Isa. 65.23.

46.4

Seis cordeiros sem defeito e um carneiro sem defeito. Aqui também temos um *desvio* dos costumes antigos; o profeta continua insistindo em *inovação*. Ver as notas em Eze. 45.23. A oferta queimada para o sábado, na legislação mosaica, era feita com dois cordeiros (Núm. 28.9). Nesta prática, como é típico do profeta, há aumento no tamanho das ofertas. O mesmo se aplicou às ofertas de cereais (vs. 5). Tudo no templo ideal era maior do que no templo de Salomão. Cf. Eze. 45.17. O príncipe tinha obrigação de fornecer estas ofertas e dirigir o procedimento. Liberalidade e generosidade são exibidas nos sacrifícios maiores. O novo dia exigia mais dos adoradores. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Liberalidade e Generosidade*.

46.5

A oferta de manjares será um efa para cada carneiro. A oferta de cereais também era mais ampla do que na legislação mosaica. O *efa* acompanhava o sacrifício do carneiro. Para os cordeiros, a quantidade dos cereais não foi estipulada, dependia da capacidade e generosidade do povo. As velhas ofertas tinham somente 2/10 do efa para os cordeiros, o que seria muito pouco em comparação com a quantidade do templo ideal. O efa era aproximadamente de 22 litros. O *him* de azeite (quatro litros) também era empregado, misturado nos cereais, e esta quantidade era maior do que a exigida pela legislação mosaica. Ver Núm. 28.9-15.

Tipologia. As ofertas maiores do Novo Dia ilustram que, no Novo Pacto, haverá dons do espírito mais amplos do que houve nos tempos do Antigo Testamento.

46.6

Novamente, as estipulações diferem das antigas. Cf. Núm. 28.11-15. Mais azeite foi utilizado e um novilho é substituído por dois; a velha legislação e a nova têm um carneiro cada uma, mas aqui há seis cordeiros em vez dos sete da lei mosaica. Como sempre, os animais dos sacrifícios não podiam ter defeito algum (ver Êxo. 12.5; 29.1; Lev. 1.3; Núm. 6.14). A velha lei exigia o sacrifício de um bode, um item omitido aqui, talvez por descuido do autor.

46.7

Cf. Núm. 15.14-12. De novo, as quantidades diferem. Aqui, para acompanhar o sacrifício do carneiro, há o uso de um efa inteiro de cereais, que era somente 2/10 na velha legislação. No sacrifício do novilho era utilizado um efa inteiro, enquanto na lei mosaica somente 3/10. Uma oferta de vinho não é mencionada neste texto, mas isto era parte padrão do velho sistema.

46.8

Para notas, cf. o vs. 2.

Modus Operandi da Entrada e Saída do Templo (46.9-10)

"As festas exigidas pelas instruções divinas (ver Eze. 45.17-25; Lev. 23.4-44) trouxeram multidões a Jerusalém (cf. II Crô. 30.13 e Esd. 10.1). Houve, portanto, necessidade de regulamentos para governar as procissões das multidões. Ao fim do vs. 10, o hebraico traz *eles sairão*, mas é melhor seguir alguns manuscritos hebraicos que têm *ele sairá*, o que se aplica também à conclusão do vs. 9" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Sem estas instruções, a situação seria caótica.

46.9

Aquele que entrar pela porta do norte, para adorar, sairá pela porta do sul. As pessoas que entravam através do Portão do Norte deveriam sair pelo Portão do Sul, ou Portão Sul, e as que entravam pelo Portão do Sul deveriam sair pelo Portão do Norte. Ninguém podia sair pelo mesmo portão por onde havia entrado. O povo não podia fazer um *retorno* dentro do templo complexo, para não tumultuar.

46.10

O príncipe e o povo entravam e saíam juntos (ao mesmo tempo), mas o príncipe usava o Portão Oriental. Todos participavam das mesmas cerimônias de adoração, acompanhados pelo invisível Yahweh. A presença divina era garantida, porque o povo tinha abandonado a idolatria-adultério-apostasia de ontem. "Deus é o Deus de ordem e esta deve prevalecer nos cultos" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cf. esta conduta com os shows que hoje são chamados "cultos". Yahweh era (é) o Advogado, Intercessor, Guia e Segurança do povo.

Regulamentos para os Sacrifícios (46.11-15)

46.11

Aqui temos as novas regras sobre as *proporções* das ofertas de cereais, já mencionadas nos vss. 5,7 e em Eze. 45.24. A informação se repete para os dias de festas. As mesmas proporções serão oferecidas para todas as festas de todas as estações; porções diferentes seriam usadas somente para os sacrifícios diários (vs. 14).

46.12

Oferta voluntária ao Senhor. Uma oferta não exigida pela lei, mas oferecida pelo livre-arbítrio do adorador. Ver Lev. 7.16; 22.18-23; Núm. 15.3; Deu. 1.26; 16.10; 23.23; Amós 4.5. O próprio sacrifício poderia ser queimado como oferta de paz. Tais ofertas refletiam zelo particular; por meio delas, o adorador tinha participação *extra* no culto. Estas ofertas podiam ser apresentadas à parte dos sábados ou festas especiais, em qualquer dia. Alvos comuns destes sacrifícios eram: pagar uma promessa; fazer expiação do pecado; dar um bom exemplo de zelo religioso. O príncipe participava desses sacrifícios voluntários, e o Portão Oriental era aberto para este propósito. Quando o rito terminava, o Portão era fechado de novo.

"Quando o príncipe fizer as ofertas voluntárias (Lev. 22.18-23), o Portão Oriental estará aberto para o seu uso. O príncipe deverá fornecer os materiais para os sacrifícios diários (ver Êxo. 29-38-42; I Reis 18.28; II Reis 16.15)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre este versículo).

46.13

São descritas aqui as ofertas diárias que se realizavam de manhã e à noitinha, embora neste texto seja mencionada somente a oferta da manhã. Obviamente, porém, devemos entender as duas. Ver Êxo. 29.38-41. Os leitores piedosos saberiam que a bendita oferta da noitinha não podia ser omitida. Somente animais sem defeito podiam ser oferecidos (Êxo. 12.5; 29.1; Lev. 1.3; Núm. 6.14). Alguns intérpretes vêem neste versículo uma *inovação radical* de Ezequiel: uma oferta diária substituiria as duas da velha legislação. Alguns intérpretes cristãos vêem na *única oferta* uma previsão do sacrifício do cordeiro de Deus, de João 1.29.

Um cordeiro de um ano de idade era exigido para este tipo de oferta, tanto na velha como na nova legislação.

46.14

A oferta de cereais que acompanhava o sacrifício do animal, em Ezequiel, tem um *aumento* em comparação com a lei mosaica. O 1/10 de efa é substituído por 1/6; o 1/4 him de azeite, por 1/3. Como já visto, a maioria dos materiais dos sacrifícios e ofertas sofreu um aumento nas mãos de Ezequiel. O profeta procurava maior grandeza para seu templo ideal, do que havia no templo de Salomão. Com a chegada do Messias, porém, todos os sacrifícios cessarão, em vez de ficar maiores, com exceção do sacrifício do louvor, que nunca cessará. Alguns rabinos anteciparam este tipo de revolução *(Vajikra Rabba,* sec. 9, fol. 153.1). O livro de Hebreus, do Novo Testamento, descreve como Cristo substituiu o sistema inteiro.

46.15

O povo tinha a responsabilidade de providenciar os materiais, e o príncipe tinha o dever de finalizar o processo, entregando as ofertas aos sacerdotes. Os sacrifícios diários de todos os tipos não podiam ser negligenciados. Não podemos descansar com as realizações de ontem. Devemos cumprir os deveres do presente. *Boas intenções* nunca são suficientes.

Heranças de Propriedades do Príncipe Dadas ou Vendidas (46.16-20)

Propriedades reais não podiam ser vendidas ou dadas permanentemente. Tais coisas voltariam à família real no ano de jubileu, que se realizava a cada 50 anos. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Jubileu, Ano de*. Cf. Lev. 25.8-17. Naquele ano, as propriedades hereditárias de famílias voltariam a seus donos originais. Ver Lev. 25.10-13. "Ezequiel propôs dois casos hipotéticos, baseados na prosperidade do príncipe, para mostrar que o ano de jubileu será observado no milênio. Se o príncipe der parte de suas propriedades a um filho, ela ficará como propriedade de seus descendentes. Estas propriedades não voltariam ao rei no ano de jubileu. Todavia, um dom (de propriedades) feito a um escravo não ficará permanentemente com ele. Reverterá para a família real no ano de jubileu" (Charles H. Dyer, *in loc.*). O que se fala sobre as terras reais obviamente se aplicava a todas as famílias e clãs de Israel. A lei era geral, referindo-se igualmente a todos.

46.16

Assim diz o Senhor. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) havia dado as direções e elas não poderiam ser ignoradas. O Soberano ditou as regras do culto e Seus súditos agiram de acordo com elas. Este título divino ocorre 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Ele enfatiza que Yahweh exerce Seus poderes ilimitados entre os homens, determinando o destino de todas as pessoas e nações. Este conceito faz parte do teísmo bíblico: o Criador não abandonou Sua criação, mas está presente para intervir, castigando os ímpios e abençoando os justos. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Teísmo*. Contraste-se esta idéia com o *Deísmo* (também no *Dicionário*) que ensina que o Criador (uma força pessoal ou impessoal) abandonou Sua criação aos cuidados das leis naturais).

Quando um príncipe der um presente de sua herança a algum de seus filhos, pertencerá a estes. Um filho que recebe uma doação de terra ficará com ela porque é da mesma família, e seus descendentes também são descendentes de seu pai, o doador. Dar alguma coisa a um filho nunca é uma *perda*. Pelo contrário, é uma alegria. Existem, todavia, filhos exploradores dos "velhos", o que "azeda" as relações familiares.

46.17

Dando ele um presente da sua herança a algum dos seus servos, será deste até ao ano da liberdade. O caso de um servo (escravo) ou de qualquer pessoa não pertencente à família (uma *terceira* pessoa, como diz uma expressão moderna) é diferente. Um homem poderia dar ou vender um terreno para "terceiros", se tivesse razões para tal, mas tais "presentes" ou "vendas" não seriam permanentes. No ano de jubileu, as terras retornariam à família original. A questão

de herança era um negócio sério em Israel, porque ajudava a preservar a identidade de famílias, clãs e tribos. O poder supremo sobre as terras é Yahweh, que deu ordens em relação à sua disposição. Naquele ano feliz, todos os escravos (judeus) foram libertados; assim, ganharam de volta a própria vida.

A causa da liberdade é a causa de Deus.

(William Lisle Bowles)

Nenhum homem é livre se não domina a si mesmo.

(Epictetas)

Aqueles que negam liberdade para outros não a merecem para si mesmos.

(Abraham Lincoln)

46.18

O príncipe não tomará nada da herança do povo. Os reis freqüentemente pilharam o próprio povo, promovendo seu egoísmo e tendo a ganância como deus. Confiscaram as terras de seus rivais e opositores e também as do povo, roubando-lhes as casas e terras e colocando-os na rua. Cf. Eze. 45.8-9. A lei dos hebreus, que deu a todas as famílias uma porção de terra, idealmente protegeu o povo, mas na prática isto nem sempre funcionou. Sempre houve e sempre haverá oportunidades e rendas desiguais. Parte disto se baseia na herança genética desigual, e parte, nos abusos dos fortes contra os fracos. Na era ideal, com um príncipe liderando o culto de Yahweh (no milênio, alguns dizem), haverá considerável melhora nas condições sociais. Ver um caso notório de opressão de um rei contra um súdito, em I Reis 21.1-16.

Os opressores, da esquerda ou da direita, roubam do homem a *liberdade,* sua possessão mais preciosa.

Ó Senhor! Quero ser livre,
Eu quero ser livre,
Com um arco-íris ao redor dos meus ombros,
E asas embaixo dos meus pés.

(de uma canção, *Negro Spiritual,* autor desconhecido)

A Arte Culinária no Templo (46.19-24)

O homem (Anjo?, Guia, Arquiteto) levou o profeta para dar uma olhada nas cozinhas do templo complexo. Primeiramente, são descritas as cozinhas dos sacerdotes (vss. 19-20); então, aquelas onde eram preparados os sacrifícios do povo (vss. 21-24). Os sacerdotes cozinhavam as ofertas de culpa e assavam as ofertas de cereais na extremidade ocidental da terceira fila de câmaras sagradas dos sacerdotes (ver Eze. 42.1-14). O trecho de Eze. 42.13 informa que os sacerdotes comiam *as ofertas mais sagradas* nas câmaras situadas no norte e no sul do quintal do templo. Talvez houvesse câmaras semelhantes na extremidade ocidental da fileira de câmaras do sul. Mas o norte especialmente parece ter tido esta função.

46.19

"Do portão (ver *Q,* na ilustração de Adam Clarke, que acompanha o capítulo 40), o profeta entrou no vestíbulo pelo portão que se situava ao lado dos apartamentos dos sacerdotes, que eram ao lado do corredor (ver *S),* à direita do vestíbulo ocidental. Na extremidade da fila de câmaras, o guia mostrou ao profeta as salas onde os sacerdotes cozinhavam a carne *da oferta de pecado* (ver *T* na ilustração). Naquele lugar não cozinhavam a carne de *todas* as ofertas, o que se dava em lugares separados para outros propósitos (ver *PP* na ilustração)" (Adam Clarke, *in loc.*).

46.20

A carne e os cereais, além de sacrifícios para Yahweh, forneciam a alimentação para os sacerdotes, como se fossem seus "salários". Eles tinham direito a *oito* porções seletas (ver Eze. 6.26; 7.11-24; 7.28-38; Núm. 18.8; Deu. 12.17-18). Os adoradores (que haviam trazido os animais para os ritos) tinham direito às partes menos desejáveis. No *holocausto* não havia refeições posteriores, pois os animais eram queimados inteiros como sacrifício a Yahweh. Com exceção do holocausto, os sacrifícios forneciam a comida para as refeições *comunais,* celebradas com música, dança e vinho. Os sacerdotes obviamente tinham suas refeições particulares, merecendo alguma privacidade. Tinham câmaras onde preparavam e consumiam seus alimentos.

46.21

Além das cozinhas particulares dos sacerdotes, havia outras nos cantos da *corte exterior,* que serviam para os sacrifícios do povo. Os vss. 21-24 descrevem estas cozinhas comunais, onde eram preparadas as refeições para as festas. Naquelas quatro cozinhas, os sacerdotes preparavam a carne para o povo. "Este templo magnífico será um lugar de comunhão, não meramente de adoração pública" (Charles H. Dyer, *in loc.*). "Até nas mínimas coisas, a glória de Deus deve ser o alvo das atividades humanas" (Fausset, *in loc.*).

E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.

(Colossenses 3.17)

46.22

Átrios pequenos. "Nos quatro cantos da corte havia cortes menores, medindo 40 x 30 côvados; todas do mesmo tamanho" (RSV). "Eram de tamanho considerável e (como parece) cercadas por paredes, mas não cobertas" (Ellicott, *in loc.*). A Edição Revista e Corrigida traz *átrios fechados.* O texto descreve *cortes* para cozinhar, não cozinhas fechadas. Suas dimensões eram de 21 x 16 m.

46.23

Cada corte de cozinha tinha uma fila de fornos embutidos numa estrutura de pedras e cimento. A estrutura era aparentemente contínua, com os fornos embutidos no fundo dela, numa fileira. Havia também potes apropriados para cozinhar a carne e fornos para assar bolos. Provavelmente, os potes eram de cobre, um metal comum da época, facilmente refinado. Note-se que o vs. 20 menciona tanto *cozinhar* como *assar.*

46.24

São estas as cozinhas, onde os ministros do templo cozerão o sacrifício do povo. As cortes de cozinha (vs. 23) eram para o povo, em contraste com as câmaras que serviam aos sacerdotes (vs. 20). É bem provável que os levitas fossem os "garçons" nas cortes públicas.

Para o problema de sacrifícios de animais no templo ideal (milenar?), ver as notas em Eze. 40.8.

Capítulo Quarenta e Sete

Os capítulos 40-48 formam a seção final do livro. Não há nenhuma interrupção entre os capítulos, porque eles tratam de um tema comum, a *restauração de Israel.* O seu corolário principal é o templo ideal com seu culto.

Ver as *cinco interpretações* da essência destes capítulos, na introdução ao capítulo 40. Começando com o capítulo 40, diversas ilustrações são apresentadas para melhorar o entendimento das descrições verbais.

A Nova Terra (47.1 – 48.35)

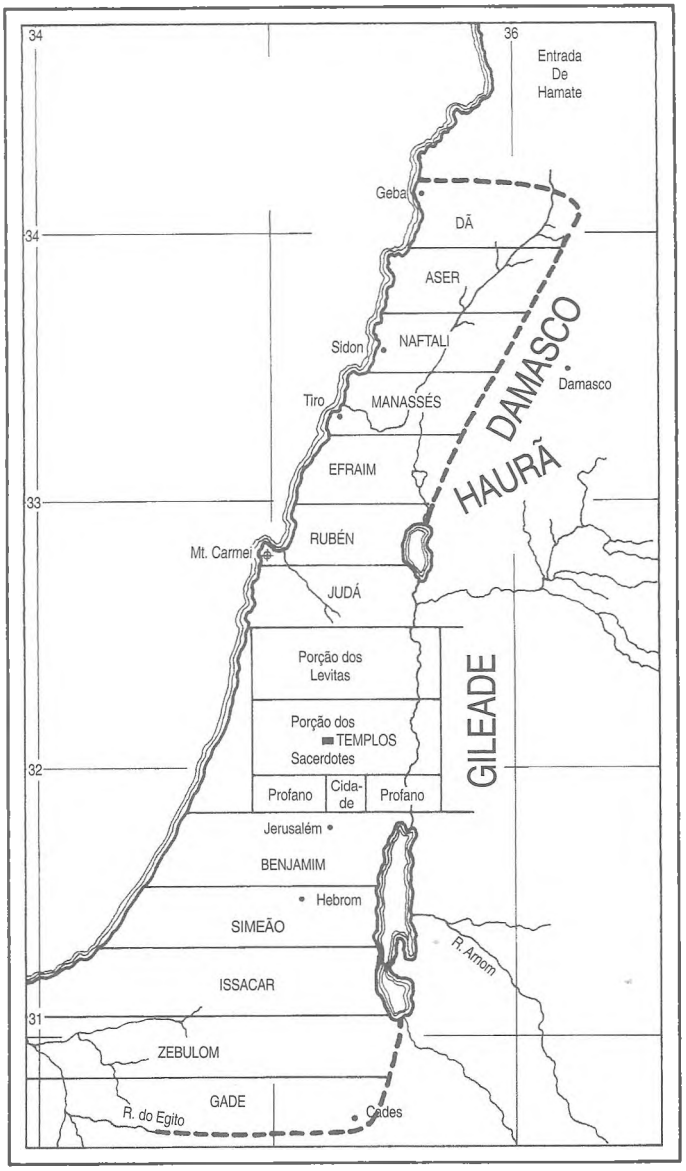
O Rio que Flui do Templo; Fronteiras (47.1-23)

Este capítulo se divide naturalmente em *três seções:* 1. vss. 1-12 (o rio sagrado); 2. vss. 13-20 (as fronteiras da Nova Terra); 3. vss. 21-23 (a posição dos prosélitos no Israel restaurado). O rio sagrado completa as descrições da área sagrada que incluía o templo complexo. A fonte do rio se situava debaixo do limiar do templo: a água fluía da área do altar para o Portão Oriental e, daí, para o exterior, chegando finalmente ao mar Morto. Não há menção de tributários, o fluxo aumentando enquanto flui, *pelo poder de Yahweh.* Atingindo uma distância de 4 mil côvados do templo, já era suficientemente largo para que ninguém pudesse atravessá-lo. As águas eram tão poderosas, que fizeram do mar Morto um mar de água doce que se torna a fonte de muita vida, fora e dentro dele. O rio obviamente fala da *restauração de Israel* e da nova vida que caracterizará o país. Haverá também uma Nova Terra, com novas e mais amplas fronteiras, não seguindo (com precisão) as velhas fronteiras de Israel. Os vss. 13-23 dão estas descrições. O capítulo 48 continua o tema da terra, descrevendo as novas divisões para as tribos, diferentes das do velho Israel depois da conquista da Terra Prometida. "Os estrangeiros sempre estarão contigo", portanto, há necessidade de regulamentos que sejam aplicados a eles. Este é o tema dos vss. 21-23.

O Rio Sagrado (47.1-12)

O rio sagrado é um tema conhecido nas referências históricas e idealistas de diversos lugares da Mesopotâmia, incluindo-se Canaã. Cf. Joel 3.18; Zac. 14.8 e

DIVISÃO DA PALESTINA NOS DIAS DO TEMPLO IDEAL (MILENÁRIO?) (CONCEITO DE CHARLES ELLICOTT



AS TRIBOS DE ISRAEL

As velhas fronteiras das tribos se perderam totalmente no conceito de Ezequiel do "tempo ideal" de Israel. O território da Transjordânia desapareceu no arranjo do profeta, por razões desconhecidas, mas a santidade do Templo e de seus arredores ficou mais destacada.

O Templo era o centro da vida na representação de Ezequiel. O território de Israel diminuiu no conceito do profeta, mas não a importância do sagrado. As porções conferidas às tribos de Israel, conforme se lê em Ezequiel 47.13 - 48.29, deveriam servir como constante lembrete do fato de que há certa falta de clareza no tocante aos limites exatos da Terra Prometida.

Apo. 22. A água que flui do *trono* de Deus (isto é, o templo, Eze. 43.7) traz vida e é tão poderosa que faz do mar Morto um mar de água doce. A desolação do deserto de Judá dá lugar às águas, e uma nova vida floresce, tornando-se um Paraíso.

A Nova Era será uma *Nova Criação*, um Paraíso, anulando todos os efeitos da queda de Adão e Eva. Os temas das águas sagradas, árvores frutíferas e condições de utopia se baseiam na história original do Éden e seu jardim plantado por Deus. O país inteiro de Israel tornar-se-á o novo Paraíso. Jerusalém e seu templo ideal são as fontes de bênçãos que transformam um país inteiro. A profecia é obviamente escatológica, pertencendo ao Reino do Messias, o tempo de restauração nacional. Alguns intérpretes vêem neste texto uma descrição do *Milênio* (ver a respeito no *Dicionário*).

> *E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador e ele apartará de Jacó as impiedades.*
>
> (Romanos 11.26)

> *Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.*
>
> (Isaías 11.9)

47.1

Depois me fez voltar à entrada do templo. "O homem (anjo?) me dirigiu de volta para a porta do templo. Vi água saindo debaixo do limiar do templo, para o oriente" (NCV). O próprio templo confrontava com o oriente. O autor descreve uma grande *mudança*, abandonando seu tema de cozinhas e comidas, para mostrar uma visão do magnífico rio. "O riacho de água viva, fluindo da presença de Deus, corria para o oriente e passava ao lado sul do altar. Ezequiel saiu do templo pelo Portão do Norte e viu a água saindo do templo no lado sul do Portão Oriental, descendo para o vale de Cedrom" (Charles H. Dyer, *in loc.*). O quadro que Zacarias retrata (14.8) é de um grande rio que se divide em duas partes: a metade fluindo para o mar Morto e a outra para o mar Mediterrâneo. É artificial supor que os dois profetas tivessem tido uma visão comum, com detalhes diferentes. De qualquer maneira, alguns intérpretes entendem a profecia em termos literais, enquanto outros vêem símbolos na descrição: metaforicamente, o profeta descreve Deus como a fonte de todas as bênçãos.

> *Vem, Fonte de todas as bênçãos,*
> *Afina o nosso coração para cantar o teu louvor.*
> *Riachos de misericórdia, que nunca falham,*
> *Inspiram canções de alto louvor.*
>
> *(Robert Robinson)*

Adam Clarke entende todo o texto como uma descrição da efusão da luz do evangelho, pela qual os povos são iluminados. Outros também apresentam esta interpretação, enquanto os literalistas insistem no literalismo das profecias. O Talmude coloca as águas fluindo do Santo dos Santos.

47.2

Ele me levou pela porta do norte. "O homem me trouxe para fora pelo Portão do Norte e me guiou do lado de fora, para o Portão Oriental. A água estava saindo do lado sul deste portão" (NCV). O Portão Oriental estava fechado, obrigando o profeta a sair pelo Portão do Norte. Uma vez fora, ele voltou ao Portão Oriental, para ver novamente a maravilhosa cena das águas fluindo para fora do templo e avançando para o vale de Cedrom. Evito aqui as intermináveis interpretações metafóricas daqueles que entendem o texto simbolicamente, dando somente algumas poucas indicações de sentidos possíveis. Obviamente, a idéia principal é a de que o próprio Yahweh é a fonte de todas as bênçãos. As águas manavam de *Seu* santuário.

47.3

Saiu aquele homem para o oriente, tendo na mão um cordel de medir; mediu mil côvados, e me fez passar pelas águas, águas que me davam pelos artelhos. Mil côvados equivalem a cerca de 465 m. O volume da água começou relativamente humilde, mas aumentou assustadoramente enquanto fluía, pelo poder de Yahweh, porque aquele rio não tinha tributários. O vs. 3 registra a primeira medida; as outras se seguem.

47.4-5

Mediu mais mil... Novas medidas foram tiradas a cada mil côvados, e a água continuava aumentando divinamente, impressionando ao profeta, que nunca tinha visto coisa semelhante. Na segunda medida, depois de mais mil côvados de distância do templo, verificou-se que as águas já tinham atingido a altura dos joelhos de um homem. Depois de mais mil côvados, a água atingiu a cintura; depois de mais mil côvados, a água havia subido tanto, que impedia qualquer passagem. O pequeno riacho tornou-se um poderoso rio.

Lições Simbólicas. Pesquisando as coisas divinas, entendemos algumas facilmente; mas suas propriedades se complicam e, logo, ficamos mergulhados no *Mysterium Tremendum* que é Deus (ver Rom. 11.33). Ver este título no *Dicionário.* A *abundância* das águas representa as incomparáveis bênçãos que vêm do Deus Todo-poderoso. As águas sagradas são miraculosas e transformam tudo o que tocam: aquele que precisa de prosperidade, prospera; aquele que precisa de uma cura, é curado; aquele que precisa de portas abertas para servir, encontra muitas portas de acesso; aquele que carece de transformação espiritual, é transformado. Cada um recebe segundo suas necessidades e anelos. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

As Águas do Homem. De cada homem flui um riacho; alguns deles são poluídos; a poluição provoca doenças em outros; homens abastecidos ignoram as necessidades dos outros e a fome mata. Alguns mandam de si riachos fortes de benefícios para os outros, e a vida floresce. Cada homem é um riacho. De qual tipo é você?

> *Abre agora a fonte cristalina*
> *Donde fluem águas que saram.*
>
> (William Williams)

Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Água*, ponto 6, *Uso Metafórico da Água.*

47.6

Viste isto, filho do homem? Uma lição maravilhosa foi proporcionada pelo anjo-guia. Chamando o profeta por seu título comum (anotado em Eze. 2.1), ele correu para mostrar ainda mais ante os olhos atônitos do profeta. O anjo guiou o profeta ao longo da margem do rio. Ele ficou em pé ali, observando a natureza da água, seu caminho, a grande quantidade de peixes que se movimentava na água limpa e saudável, as árvores ao longo da margem, todas floridas, produzindo os frutos da estação. Tudo era um toque divino para os homens na terra. Yahweh colocou Seu dedo naquele lugar e o transformou.

47.7

À margem do rio havia grande abundância de árvores. Uma multidão de árvores cresceu nos dois lados do rio, embelezando o ambiente e fornecendo frutos deliciosos a qualquer um que passasse. Temos aqui o tema do jardim do Éden, o Paraíso de Deus na terra, para o benefício de homens espiritualmente transformados. As árvores obviamente têm qualidades espirituais, e o homem que come de seus frutos compartilha da vida divina (II Ped. 1.4). Cf. Gên. 1.28; 2.9 e Apo. 22.2, onde temos o mesmo tema. As árvores cresceram nos *dois* lados do rio, falando de uma *vida abundante*, uma provisão *ampla*, uma graça que *superabunda*.

47.8

Estas águas saem para a região oriental. As águas fluem para o oriente e chegam a *Arabá* (ver a respeito no *Dicionário*). Era (é) uma depressão na qual o rio Jordão e o mar Morto se situam. O termo é suficientemente amplo para incluir a continuidade desta depressão ao sul do mar Morto até o moderno wadi el-Arabá. De fato, o mar Morto tem, como um de seus nomes, "o mar de Arabá". Aquele mar recebe água doce, mas, não tendo saída, acumula sal e outros minerais que chegam até 20% de seu volume. O sal mata toda a vida e, assim, o mar é realmente morto, não suportando vida alguma. Lagos salgados são aqueles sem saída, que acumulam sal das águas que chegam. As águas transportam sal *do solo*, um mineral natural do próprio solo, largamente difundido. A área ao redor do mar Morto também é morta, seca e deserta. Mas o fluxo poderoso do rio sagrado é tão abundante e forte, que torna o mar Morto um mar vivo, com água doce, fazendo com que as áreas adjacentes floresçam como a rosa (Isa. 35.1).

Os *literalistas* continuam com seu literalismo, mas o presente versículo pesa em favor da interpretação metafórica. Águas mortas tornam-se vivas, um processo possível somente com *ampla* saída das águas para outro lugar, produzindo uma drenagem que, aos poucos, elimina o depósito de sal. A implicação do texto é a de que o poder divino *purifica* as águas sem a necessidade de uma purificação gradual e física. A morte cede lugar à vida, em Judá e em todo o mundo, fato *simbolizado* pela *cura* das águas salgadas, onde nenhuma vida existia. O *rio sagrado* traz vida espiritual a todos os povos, fluindo do trono de Deus, que é a própria fonte da vida.

47.9

Onde as *águas da vida* fluem, a vida floresce, mesmo nos lugares desérticos. O próprio rio enxameia com vida de muitos tipos, e o que suas águas tocam também vive abundantemente. A água cria vida onde dominava a morte. O mar Morto tinha (tem) uma concentração seis vezes maior de sal do que o oceano e não pode suportar vida alguma, mas o poder *miraculoso* de Yahweh entra em cena e faz o mar viver; suas águas, por sua vez, dão vida a tudo ao redor. Como as águas são "curadas", assim os homens também são curados de sua morte espiritual. O velho mundo ímpio será transformado pelas águas do Novo Dia. Até a segunda morte deve findar pelo poder restaurador da Era do Reino, o dia escatológico de Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mistério da Vontade de Deus,* onde há promessa de vida para todos. Nenhum poder no hades, na terra ou no céu pode anular o poder doador da vida da obra de Deus que será realizada, afinal. A Vida é o título do último capítulo da história da humanidade. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Restauração.*

47.10

Junto a eles se acharão pescadores. As *águas vivas* produziram grande quantidade de peixes de todos os tipos, que, por sua vez, se tornaram a base de uma rica indústria de pesca. O empreendimento cresceu tanto, que se estendeu de En-Gedi a En-Eglaim (ver no *Dicionário* os artigos sobre os dois lugares). En-Gedi era uma habitação no meio da costa ocidental do mar Morto. A outra localidade não é conhecida hoje em dia: os intérpretes supõem que ficasse perto de Zoar, na costa sudoeste do mar, uma área na costa norte, perto de Khirbet Qumran. De qualquer maneira, estão em vista lugares desertos que tinham pouca indústria, pois, de súbito, ficaram prósperos com a pesca. O mar *Morto,* antes um centro de cactos e lagartos, tornou-se o centro de uma grande indústria. Este acontecimento revolucionário demonstrou o poder do rio que vem do trono de Deus. Devemos entender toda esta história metaforicamente: pela graça de Deus, o pobre fica rico; rico, *espiritualmente* falando, com dinheiro o suficiente para as necessidades básicas. A média dos homens é um deserto espiritual que precisa das águas vivas.

47.11

A área do mar Morto era (é) uma fonte de sal e de outros minerais; caso se tornasse água doce, haveria perda. Para evitar isto, as águas vivas não tocam certos pântanos, e as águas estagnadas e, por isso, são fonte de sal e de outros minerais. O autor não se preocupa em informar a porcentagem das águas que ficariam salgadas, mas entendemos que seria o suficiente. A metáfora espiritual não precisa de detalhes precisos. Este versículo ensina que Deus supre *todas* as necessidades, de todos os tipos, dependendo das circunstâncias de cada pessoa. Cf. Apo. 22.11.

Uma aplicação absurda é aquela do calvinismo extremo, que declara que é para vantagem divina que alguns homens permanecem nos seus pecados, porque Deus aproveita também esta situação ("Quem é injusto, faça injustiça ainda"; Apo. 22.11). As áreas salgadas não têm nada que ver com almas perdidas. Também não falam de hereges e apóstatas. Aprendemos, em vez de tais absurdos, que:

> *O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.*
>
> (Salmo 23.1)

47.12

Nascerá toda sorte de árvore. Muitas árvores, nos dois lados do rio, que produzem abundância de vários tipos de frutos. Além disto, as árvores são perenes, nunca perdem suas folhas e nunca param de produzir. O rio transmite a elas superpoderes de produção. O autor informa que as árvores recebem a *ajuda de Yahweh,* tornando-se milagrosas. A linguagem florida do auto nos impressiona com os poderes incomuns das árvores. A bênção de Deus não admite limites nem fraquezas. Cf. Sal. 1.3: "Ele (o justo) é como árvore plantada junto à corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto" e Apo. 22.2: "A árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos".

O seu fruto servirá de alimento e a sua folha de remédio. Isto quer dizer que a justiça vencerá e anulará o pecado e seus resultados, afinal. Os literalistas, insistindo no seu literalismo, vêem árvores que produzem remédios materiais para doenças físicas. O poder de Deus está por trás de curas físicas e espirituais, portanto deixe-se esse poder fluir. Ver sobre as *folhas que curam,* em Apo. 22.2.

"O santuário é o centro e a fonte de saúde e prosperidade para a comunidade" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

> *Nesta terra as nossas esperanças mais queridas*
> *Comprovam-se vãs;*
> *Nossos elos mais preciosos se rasgam à toa.*
> *Mas no céu não há pancada de dor:*
> *Encontra comigo ali!*
> *Encontra comigo ali ao lado do rio cintilante,*
> *Naquela cidade de encanto,*
> *Onde a fé torna-se realidade.*
>
> (H. E. Blair)

As Fronteiras da Terra (47.13-20)

O capítulo 46 antecipou este tema. Cf. também Eze. 37.15-28, especialmente os vss. 26-28. Ver a ilustração da divisão da terra, que acompanha a exposição do capítulo 48. Ver também Núm. 34.1-12. As fronteiras não atingem o ideal do Pacto Abraâmico anotado em Gên. 15.18. O *norte,* aparentemente, fala das mesmas fronteiras alcançadas por Davi e Salomão, na época áurea de Israel, as regiões ao norte da Síria, talvez estendendo-se até o rio Eufrates (ver II Sam. 8.4-12 e Núm. 34.7-9). No *leste,* temos Hazar-Enã, entre Damasco e Palmira, estendendo-se até o mar Morto (Núm. 34.10-12). No *sul,* temos o riacho (ribeiro) do Egito (Núm. 34.3,5), não o *Nilo,* que era a fronteira prometida do Pacto Abraâmico. Israel nunca realizou esse ideal nem Ezequiel o esperava. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ribeiro do Egito.* No *oeste,* havia o mar Mediterrâneo (Núm. 34.6). O território idealista não satisfez o ideal antigo, essencialmente, duplicando a atuação menos ambiciosa de Davi e Salomão. A fronteira do *leste* sempre foi indefinida, sendo marcada somente por algumas vilas "por aí". Os antigos usavam rios, montanhas e corpos de água como designações de fronteiras e, quando não houvesse tais "monumentos" naturais, falavam de vilas e cidades como marcadores. Não houve delineação exata de países na antiguidade. A exposição que se segue acrescenta detalhes.

47.13

Assim diz o Senhor Deus. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) determinou as fronteiras da Nova Terra. Este título divino é usado 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Enfatiza a *soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*), que determina o destino dos homens e das nações. Ver sobre *Teísmo* e contraste-se com *Deísmo.*

Este será o termo pelo qual repartireis a terra em herança. Entre os atos soberanos de Deus, figura a demarcação dos territórios das nações.

> *De um só fez toda raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação.*
>
> (Atos 17.26)

A Nova Terra seguirá o esquema da ilustração dada no capítulo 48. José terá duas porções através de seus filhos Manassés e Efraim, de acordo com a provisão antiga. Ver I Crô. 5.1 e Gên. 48.1-7.

47.14

Jurei, levantando a mão, dá-la a vossos pais. O juramento divino foi renovado, simbolizado pelo levantamento da mão de Yahweh. A terra foi dada a Abraão e seus descendentes, e o propósito nunca foi abandonado. Será renovado no dia escatológico. Para o *gesto de juramento,* cf. Êxo. 6.8; Nee. 9.15; Sal. 106.26; Eze. 20.5,15,23,42; 36.7; 44.12.

Um Arranjo Diferente. Diferentemente do velho estilo de tribos, o território escatológico se dividirá em doze porções iguais, isto é, as faixas das terras dadas às tribos terão a *mesma largura,* mas não o mesmo comprimento, o que não seria permitido pela formação da própria Palestina. Como as faixas das terras terão comprimentos diversos, as áreas não serão iguais. O país era quase três vezes mais largo no sul do que no norte. A ilustração que acompanha o capítulo 48 ajuda a visualizar o arranjo. A *herança* de territórios foi divinamente determinada, como também vemos em Eze. 28.28; Sal. 16.6 e 47.4; Lev. 25.46; Núm. 16.14; 18.1-32; 26.5.

47.15-17

A Fronteira do Norte. O vs. 17 dá um sumário deste assunto: será do Grande Mar (Mediterrâneo), começando em algum lugar perto de Tiro ou Sidom, mais exatamente, oposto ao monte Hor (Núm. 34.7). Passará ao lado de Hetlom, indo para Zedade, passando por Berota e Sibraim, que está entre o termo de Damasco

e o de Hamate, até Hazer-Haticom, que está junto ao termo de Haurã. Artigos no *Dicionário* dão detalhes sobre estas cidades e localidades. Em alguns casos, as identificações modernas estão em dúvida.

Afirmações e Especulações. A localidade de Hetlom é desconhecida, mas provavelmente deve ser associada à moderna vila, Heitela, no noroeste de Trípoli, no Líbano moderno. "Hamate tem sido identificada com a Hamate do rio Orontos, na Síria moderna, mas esta identificação é problemática; aquela cidade ficava situada a cerca de 160 km mais ao norte do que as outras cidades mencionadas por Ezequiel. É melhor entender *Lebo* ("pelo caminho"), como um nome próprio e, assim, identificar o lugar com a cidade moderna, Al-Labway, no vale de Biza. Zedade provavelmente deve ser identificada com a vila, Sadade, cerca de 40 km ao norte de Damasco. As localidades de Berota e Sibraim não são conhecidas atualmente, mas deviam estar situadas na fronteira entre Damasco e Hamate, no norte de Damasco. Aquelas cidades se situavam ao norte de Damasco, na fronteira entre as terras controladas por Damasco e Hamate, provavelmente perto da vila de Zedade. Hazer-Haticom (vs. 16) provavelmente é outro nome para Hazar-Enã (vs. 17), situada na fronteira entre a Síria e a província de Haurã. Talvez aquele lugar possa ser identificado com o distrito a leste do mar da Galiléia, ao norte do rio Iarmuque. Alguns dizem que Hazar-Enã representa a localidade do moderno Al-Qaryatayn, um importante oásis ao noroeste de Damasco. Fica claro, então, que a fronteira do norte se estenderá a leste do mar Mediterrâneo, ao norte da cidade moderna, Trípoli, e incluirá o que era, naquele tempo, a fronteira do norte da Síria" (Charles H. Dyer, *in loc.*, com um sumário). Para detalhes, ver os nomes próprios, no *Dicionário.*

47.18

A Fronteira do Leste. A linha no leste correrá entre Haurã e Damasco. Podemos emendar o versículo para dizer *Hazar-Enã* (em lugar de Haurã), que se situava entre aqueles dois lugares, e que é a leitura da RSV. A NCV diz "um ponto entre Haurã e Damasco". A linha descerá ao longo do rio Jordão, entre Gileade e a terra de Israel, e continuará para a cidade de Tamar, ao lado do mar Morto. Falando-se cruamente, a fronteira do leste será marcada pelo rio Jordão e pelo mar Morto. Fica claro que a Transjordânia não será incluída no Israel do futuro. Não sabemos o porquê desta diminuição dos velhos territórios. Cf. Núm. 34.11-12.

47.19

A Fronteira do Sul. Falando-se cruamente, a fronteira do sul se esticará do sudoeste de Tamar para Cades-Barnéia. Daí, continuará até alcançar o wadi (Ribeiro) do Egito, provavelmente o wadi el-Arish de hoje. Cf. Núm. 27.14. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ribeiro do Egito,* que não deve ser confundido com o Nilo (por volta de 320 km) mais ao sudoeste. O Nilo, porém, era a fronteira do sul, no Pacto Abraâmico (anotado em Gên. 15.18). Cerca de 320 km do território prometido a Abraão nunca foi conquistado e, segundo Ezequiel, não o será. Cf. Núm. 34.3-5. Para as águas de *Meribá-Cades*, ver Núm. 20.13; Deu. 33.8; Sal. 81.7 e 106.32. Cf. Eze. 48.28, onde há mais informações sobre a fronteira do sul. Ver Meribá-Cades, em Eze. 47.19, e o artigo no *Dicionário* para mais detalhes. A ilustração fornecida no capítulo 48 ajuda a entender melhor o que está sendo descrito.

47.20

A Fronteira Ocidental. A simplicidade reina aqui: o Grande Mar (o Mediterrâneo) limita a terra a oeste. Esta fronteira simplesmente segue a costa, começando na região de Tiro-Sidom, descendo para o Ribeiro do Egito, oposto a Lebo Hamate. Davi e Salomão não tentaram estender a fronteira sudoeste para o Nilo, para satisfazer as condições do Pacto Abraâmico, e o Israel Ideal do futuro não tocará naqueles territórios. Aparentemente, a mentalidade hebraica achou aquela conquista irreal ou não-prática. O comprimento da terra, do extremo norte para o extremo sul, é de somente 400 km, ficando claro que Israel era (e será, segundo Ezequiel) menor do que o Estado de São Paulo.

A Posição do Prosélito no Israel Restaurado (47.21-23)

Como "os pobres sempre estão contigo", também "os estrangeiros sempre estão contigo". Vemos em Eze. 44.7-9 que eles (inclusive os prosélitos) serão excluídos totalmente do templo ideal e de seu culto. Ezequiel estava cansado dos estrangeiros e dos problemas que eles representavam. A despeito dos limites, os estrangeiros reterão a posição relativamente decente de cidadãos de segunda classe. O prosélito se beneficiará com uma série dos direitos dos cidadãos nativos. Ver a legislação em Lev. 16.29; 17.15; 19.34; 24.16; Núm. 15.29-30. Muitos dos estrangeiros do presente texto provavelmente nascerão em Israel e certamente serão judeus por religião.

47.21

Repartireis, pois, esta terra entre vós, segundo as tribos de Israel. Se tivéssemos somente o presente contexto, poderíamos dizer que Ezequiel promovia um *universalismo teológico,* mas as restrições de Eze. 44.7-9 (os estrangeiros não têm acesso ao templo ideal) ferem este conceito. A despeito desta falha, o texto vai na direção do ideal do evangelho. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração.* No presente contexto, Israel e os prosélitos compartilham as mesmas divisões tribais. Os estrangeiros não sofrerão nenhum tipo de separação dos demais. Eles terão direito à propriedade privada e reterão os direitos de herança. Os vss. 21-23 agem como um prelúdio às divisões da terra, mais detalhadamente descritas no capítulo 48. A herança prometida a Israel, no vs. 13, é compartilhada com os estrangeiros de residência permanente, como mostra a seção nos vss. 21-23.

47.22

Israel torna-se *menos exclusivista,* seus territórios incorporaram nativos e estrangeiros e os descendentes dos dois. Os residentes permanentes ganharão os direitos essenciais de cidadãos, tornando-se donos das terras que seus descendentes herdarão. Presumivelmente, no passado os estrangeiros não tinham tais direitos. Cf. Lev. 24.22 e Núm. 15.29. O presente versículo obviamente não está falando do tempo do evangelho e da igreja cristã. Em Cristo, não há nenhuma distinção de raça.

> *Destarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.*
>
> (Gálatas 3.28)

Cf. também Efé. 2.12-20 e 3.6.

47.23

Este versículo repete a mensagem do vs. 22. Onde os estrangeiros já estiverem residindo, justamente ali receberão seus direitos de terra, não sendo transportados para lugares menos desejáveis. *Adonai-Yahweh* (o Soberano Eterno Deus) decreta "direitos estrangeiros". Ver as notas no vs. 13, para este título divino. Os estrangeiros do texto não são turistas, viajantes, visitantes, comerciantes etc., mas residentes permanentes, a maioria nascida em Israel. A salvação da alma não está em vista, embora alguns intérpretes façam esta *aplicação* do texto.

> *Oh Deus! Traz logo o dia quando*
> *Todas as nações gritarão,*
> *Glória a Deus! E triunfantemente cantarão*
> *Remidos! Remidos!*
>
> (James McGranahan)

Cf. Apo. 7.9-10, onde uma grande multidão de todas as nações fica em pé ante o trono do Cordeiro.

Capítulo Quarenta e Oito

Os capítulos 40-48 formam a seção final do livro e não há divisões verdadeiras entre eles. Todos trazem o mesmo tema augusto, a *restauração de Israel,* com o seu corolário principal, o *templo ideal* e seu culto. Parte da restauração de Israel se constituirá da possessão das velhas terras que serão divididas entre as tribos, embora de maneira diferente daquela de Josué.

A Divisão dos Territórios Tribais (48.1-35)

Este capítulo se divide naturalmente em quatro seções: 1. vss. 1-7; 2. vss. 8-22; 3. vss. 23-29; 4. vss. 30-35. Cada seção é introduzida com um parágrafo como sumário.

Ver a ilustração que acompanha este capítulo e ajuda a visualizar o que é descrito verbalmente. Outras seções anteciparam o presente capítulo de todo o Israel, norte e sul. Todo o Israel será salvo e restaurado (Rom. 11.26).

Este capítulo final do livro apresenta um tipo de planta para governar a distribuição dos territórios. No lado ocidental, o território se estende até o mar Mediterrâneo, tendo o rio Jordão como limite a leste. Os vss. 1-7 dão as localidades de *sete* tribos ao norte desta área; os vss. 8-22 descrevem o distrito sagrado; os vss. 23-29 fornecem as localidades das *cinco* tribos ao sul da área; os vss. 30-35 falam das doze porções da cidade (Jerusalém) que têm os nomes das doze tribos. Estes versículos também dão as medidas gerais da cidade" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

As larguras dos territórios são iguais (isto é, as medidas do norte para o sul), mas seus comprimentos (as medidas do oeste para o leste) diferem, seguindo as características naturais da terra. Talvez haja algum valor sentimental em estar mais perto da área sagrada, mas o próprio autor não afirma isto. Notamos, de qualquer maneira, que as tribos que descendiam de Raquel e Lia se localizam mais perto da área sagrada, enquanto os descendentes das concubinas se situam mais distantes.

As Tribos ao Norte da Área Sagrada e a Própria Cidade (48.1-7)

A Transjordânia não figura na divisão entre as tribos, por razões desconhecidas e não declaradas pelo autor. Rúben e a meia-tribo de Manassés antigamente ocuparam aquela área. Dã, que migrou para o norte juntamente com Aser e Naftali, constitui-se no território do extremo norte. O norte será restaurado. Israel será restaurado; Judá será restaurado; norte e sul se unirão. Haverá *um Israel!*

As sete tribos ao norte da área sagrada são: Judá, Rúben, Efraim, Manassés, Naftali, Aser e Dã, indo do sul para o norte. As divisões ignoram considerações geográficas como montanhas, rios etc. O conceito de *largura igual* domina o arranjo.

48.1

O hebraico deste versículo é totalmente confuso e, assim, qualquer tradução é uma interpretação hipotética.

Dã terá uma porção. A tribo que começa a enumeração e descrições é Dã, localizada no norte extremo. *Norte* significa norte da área sagrada, onde estava situado o templo complexo e suas áreas sagradas. Os vss. 1-7 designam as divisões pertencentes às sete tribos do norte. O trecho de Eze. 45.1-25 descreve a área sagrada e suas áreas adjacentes. Já o trecho de Eze. 47.15-17 descreve a fronteira do norte do Novo Israel, com Dã na extremidade daquela parte do país. Cf. Núm. 34.7-12. A tribo de Dã é omitida na lista de Apo. 7 (por razões desconhecidas), mas reaparece aqui, ilustrando que os primeiros serão os últimos e os últimos, os primeiros (Mat. 19.30; 20.16). A apostasia de Dã não foi fatal, mas teve conseqüências duradouras. *Restauração* é a grande palavra, maior do que a palavra apostasia.

48.2

Aser, uma porção. *Descendo a costa*, indo para o sul, deixando o território de Dã, chegamos à tribo de *Aser*. Sua porção tinha a *mesma largura* das outras, desconsiderando-se todas as características geográficas que podiam ter determinado suas fronteiras. Esta tribo não tinha nenhum membro famoso do Antigo Testamento, mas Ana, a profetisa do Novo Testamento (Luc. 2), dela se originou.

48.3

Naftali, uma porção. As mesmas descrições são apresentadas em relação a *Naftali*, a próxima tribo que encontramos, descendo a costa em direção ao sul. Assim temos, até este ponto, Dã, Aser e Naftali, todas com a mesma largura (dimensões do oeste para o leste), devido à curvatura da costa do mar Mediterrâneo.

48.4

Manassés, uma porção. Manassés vem depois de Naftali. Não existem mais dois Manassés, a tribo dividida em duas partes, que se localizavam em territórios diferentes. Manassés está unida e situada do lado oeste do rio Jordão. Tem a mesma largura das outras. Era uma das duas tribos de José (Eze. 47.13) que tinha dupla porção por causa da bênção de Jacó. Ver Gên. 48.1-6. Jacó adotou os dois filhos de José e eles se tornaram patriarcas de tribos separadas. Assim, a única tribo potencial de José se duplicou, tornando-se duas.

48.5

Efraim, uma porção. A outra tribo de José era *Efraim*, que ficou com o território ao lado de seu irmão, Manassés, tendo a mesma largura de todas as outras. A vontade de Jacó prevaleceu, duas tribos se originaram de José, seu filho favorito.

48.6

Rúben, uma porção. *Descendo para o sul*, ao longo da costa do mar Mediterrâneo, encontramos *Rúben*, que recebeu sua porção com a mesma largura das outras. Seu patriarca perdeu o direito de primogenitura por causa de imoralidade (Gên. 49.4), mas no recolhimento final não foi deixado de fora.

48.7

Judá, uma porção. A sétima e última tribo do norte, situada ao lado de Rúben, era a nobre *Judá*, que preservou Israel vivo depois do cativeiro babilônico. Tinha a mesma largura das outras tribos, mas vantajosamente se posicionou ao lado da área sagrada.

O Território Especial dos Sacerdotes e dos Levitas; a Cidade e o Príncipe (48.8-22)

Esta seção é paralela a Eze. 45.1-8. Antes de descrever as cinco tribos do sul da *área sagrada*, o profeta oferece outra descrição da área. Ela separava as sete tribos do norte das cinco do sul, portanto é *central* no arranjo. O *sagrado* é o centro da vida nacional. O templo complexo era o centro da área sagrada. Nos dois lados desta área, estava localizada a porção do príncipe. Ver a ilustração do arranjo que acompanha o presente capítulo e ajuda a compreender melhor as descrições verbais. A porção do príncipe e a área sagrada formam um retângulo que começa no mar Mediterrâneo e vai até o rio Jordão, na extremidade norte do mar Morto. Dentro deste retângulo, situava-se a área sagrada, um quadrado. A cidade, Jerusalém, com seus 5 mil côvados de lado (3 m) era dez vezes maior do que o templo complexo (Eze. 42.20). Devemos ler *côvados*, em lugar de *cana* (da medida), seguindo a Septuaginta, em vez do hebraico, que aparentemente traz um erro primitivo. Ver as notas em Eze. 42.16. O mesmo erro se repete em Eze. 42.16-18.

No paralelo, 45.1-25, as medidas são apresentadas, portanto, na exposição que se segue, *referências* àquela informação são fornecidas, mas sem repetir todas as medidas.

48.8

A área sagrada tem o mesmo comprimento (do oeste para o leste) que o da tribo de Judá situada ao seu lado. Ver Eze. 45.1, para comentários sobre as medidas envolvidas. Dentro daquela área, ficava o templo complexo (ver Eze. 45.2). A ilustração que acompanha o presente capítulo mostra claramente os arranjos e as medidas envolvidas.

48.9

A área sagrada se chama uma *oblação* (oferta) para Yahweh, conceito apresentado e comentado em Eze. 45.1,6-7,13,16. O presente capítulo repete o conceito dos vss. 10,12,20-21.

Problemas. "O comprimento é a medida do leste para o oeste; a largura é a do norte para o sul. A largura aqui deve ser revisada, de 10 mil para 25 mil côvados, para concordar com as especificações do vs. 8. Ou, se a expressão *porção sagrada* é usada aqui para incluir somente os territórios dos sacerdotes e levitas (ver vss. 14,18,21-22), então leia-se 20 mil, que é a leitura da Septuaginta, em Eze. 45.1. Cf. também Eze. 48.12" (Theophile J. Meek, *in loc.*). *Devemos continuar entendendo* côvado, não *cana de medida* (ver as notas em Eze. 42.16). Ver também notas no vs. 13.

48.10

O assunto deste versículo é a *porção dos sacerdotes*, que media 25 mil x 10 mil côvados (= 13 x 5,5 km), que se ajunta àquela dos levitas, com as mesmas dimensões. O templo complexo fica no meio da porção dos sacerdotes. É enfatizada a centralidade do sagrado, para toda a vida. Cf. o vs. 8 e Eze. 45.4, paralelos ao presente versículo. O arranjo ilustra o princípio da necessidade de o homem espiritual se separar do profano.

48.11

Este versículo repete as informações dadas em Eze. 44.15-16. A área é sagrada, e os sacerdotes zadoquitas são santificados para servir no templo. Estes sacerdotes recusaram-se a seguir a profanidade das outras linhagens dos levitas (Eze. 44.10) e, assim, foram dignos da sua *estação* mais exaltada. Ver as notas sobre os zadoquitas, em Eze. 40.46, e, no *Dicionário*, os artigos intitulados *Zadoque* e *Sacerdotes e Levitas*.

48.12

A área dos sacerdotes (vs. 10) é como uma *oblação sagrada* oferecida a Yahweh, sendo que eles mesmos e suas terras são sacrifícios vivos no culto ao Senhor.

> *Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.*
>
> (Romanos 12.1)

Eles receberam suas terras e as utilizaram para servir a Yahweh. Sua porção era "considerada sagrada e intransferível; não podia ser vendida ou doada a outros, nem por outros sacerdotes que não fossem da linhagem de Zadoque" (John Gill, *in loc.*).

48.13

Este versículo descreve a porção dos levitas que se situava ao norte daquela dos sacerdotes. Era do mesmo tamanho (ver as medidas no vs. 10). Cf. o vs. 9 e Eze. 45.5, que formam paralelo ao presente versículo. Entendam-se *côvados,* em lugar de *cana de medida.* Ver Eze. 42.15 para este problema. As ilustrações que acompanham os capítulos 47 e 48 ajudam a visualizar as descrições verbais.

48.14

O território dos levitas, como o dos sacerdotes, era santo e não podia ser transferido por doação ou venda. Servia de oblação para Yahweh (ver as notas no vs. 12). Suas terras eram como *primícias* (ver a respeito no *Dicionário*); "... santa para Yahweh, separada e devotada aos ritos religiosos sagrados para o Senhor" (John Gill, *in loc.*).

48.15

Agora, avançando para o sul, encontramos as áreas da cidade adjacentes ao templo complexo. A ilustração que acompanha o presente capítulo mostra a cidade sagrada cercada por terras profanas dos dois lados. A classificação de terras que Charles H. Dyer fornece na sua ilustração é: cidades-terras / cidade / cidades-terras, entendendo que "cidades-terras" significa as áreas adjacentes que pertenciam à cidade. A cidade e suas terras, juntas, mediam 25 mil x 5 mil côvados (13 x 3 km). As áreas laterais serviam para uso profano, em contraste com as localidades onde os ritos sagrados eram efetuados no templo complexo. Ver Eze. 22.26; 42.20 e 44.23. Estas terras pertenciam aos levitas, mas foram cultivadas por representantes de todas as tribos (vs. 19).

48.16-17

Estes dois versículos dão as dimensões da cidade e suas terras adjacentes. Media 4.500 côvados (= cerca de 2 km) de todos os lados, formando um quadrado. Havia, ao redor, um espaço aberto de 250 côvados (= 13 m), perfazendo um total de 5 mil côvados de cada lado, num quadrado de 2 km. Ver o vs. 17. A cidade, portanto, media exatamente 10 vezes a área do templo complexo (x 42.20). A NCV fala das áreas adjacentes como *terra pastorii.* A RSV dá "terra aberta", deixando em dúvida os usos.

48.18-19

Estes versículos conduzem de volta para as cidades-terras (áreas profanas, isto é, para uso comum, como cultivo). Ver as notas no vs. 15, que incluem as dimensões. Nos dois lados da cidade quadrada, havia extensões de terra de 10 mil côvados (= quase 5 km). A largura destas terras era de 5 mil côvados. O vs. 19 informa que estas áreas funcionariam como cestos de pão para a cidade. Representantes de todas as tribos as cultivariam. Ver a ilustração de Ellicott, que acompanha o capítulo 47, mais acurada, neste aspecto, do que a de Charles H. Dyer, que acompanha o capítulo 48. Seu arranjo é: cidades-terras / cidade / cidades-terras que ele interpreta como profano / cidade / profano. Ele tem uma cidade quadrada com áreas *retangulares* dos lados, e não três quadrados iguais (a idéia de Dyer).

48.20

Este versículo dá as dimensões totais da *área sagrada* que tem ao lado as terras do príncipe. Estão em vista os vss. 15-19 (a porção dos levitas; a dos sacerdotes; a cidade com as suas áreas adjacentes). A totalidade media 25 mil côvados de lado, formando um quadrado (= 13 km). Toda esta área pertencia a Yahweh, como Sua porção ou sacrifício (ver as notas no vs. 12). A área era sagrada, separada e santificada.

48.21

Nos dois lados do *quadrado* sagrado, ficava a porção do príncipe. Ele tinha propriedades adequadas para ser financeiramente independente, dispensando o apoio do povo. Esta circunstância evitaria a exploração do povo, o esporte favorito de políticos. Ver as notas em Eze. 45.7-9. Suas terras se estendiam do mar Mediterrâneo até a extremidade norte do mar Morto (com a área sagrada no meio).

O autor não dá as dimensões exatas para as terras do príncipe, mas entendemos que sua largura seria igual à do quadrado sagrado. O comprimento seria quase igual ao comprimento da porção de Judá, que se localizava no lado norte. O comprimento seria de cerca de 80 km. A ilustração de Dyer (que acompanha o capítulo 48) é, neste caso, mais acurada do que a de Ellicott (que acompanha o capítulo 47).

48.22

Este versículo procura esclarecer as informações dadas em relação às terras do príncipe. O autor não forneceu uma ilustração (como Dyer e Ellicott), o que teria sido extremamente útil, assim dependia de descrições verbais. A *combinação* cidades-terras / cidade / cidades-terras, unida com a porção dos levitas e a dos sacerdotes (formando um quadrado), ficava entre as terras reais. A porção de Judá ficava ao lado norte deste complexo, e a de Benjamim, ao sul.

As Tribos ao Sul da Área Sagrada e a Própria Cidade (48.23-29)

48.23

Sete tribos ocuparão as regiões ao norte da *área sagrada* (descritas nos vss. 1-7); *cinco* ocuparão a região sul (vss. 23-29). A área sagrada é descrita nos vss. 1-22. A característica notável destes versículos é a de que Zebulom e Issacar, que eram tribos no norte no velho arranjo de Josué, tornam-se tribos do sul no dia escatológico. Gade era uma tribo da Transjordânia, mas agora também ocupa espaço no sul, sendo a tribo mais ao sul. A *Transjordânia* (ver a respeito no *Dicionário*) será eliminada dos territórios de Israel, por razões não explicadas. As larguras dos territórios das tribos do sul são iguais àquelas do norte, mas seus comprimentos são maiores, devido à curvatura do mar Mediterrâneo. O mar Morto limita os comprimentos dos territórios das tribos do sul, menos aquelas de Zebulom e Gade.

Ver a ilustração de Ellicott, no capítulo 47, que ajuda a entender o que é dito pelo profeta.

48.24

Benjamim terá uma porção. Benjamim é a primeira tribo do sul; começa à borda da área sagrada e tem exatamente o mesmo comprimento. No velho arranjo, Judá absorveu Benjamim e, assim, o sul se constituiu de uma única tribo. O norte representava as dez tribos, e o sul, Judá. No dia escatológico, a tribo de Benjamim será restaurada. "As localidades de todas as doze tribos serão diferentes daquelas do tempo de Josué, cujo arranjo se estendeu até os cativeiros. Ver os capítulos 13-19 de Josué" (Charles H. Dyer. *In loc.*).

48.25

Simeão, uma porção. Deixando Benjamim e descendo para o sul, encontramos a porção da tribo de Simeão, que era, no velho arranjo, uma tribo do norte. Na fronteira ocidental fica o mar Mediterrâneo; o mar Morto é a fronteira oriental.

48.26

Issacar, uma porção. Deixando Simeão e descendo para o sul, encontramos a tribo de Issacar. No velho arranjo, esta tribo ficava à altura do mar da Galiléia, no lado ocidental do rio Jordão.

48.27

Zebulom, uma porção. Descendo mais para o sul, encontramos Zebulom, que no velho arranjo compartilhava uma fronteira com Issacar, mas *ao norte* daquela tribo, enquanto no novo arranjo, Issacar fica ao norte de Zebulom. Issacar tem o mar Mediterrâneo como fronteira ocidental e toca o mar Morto no oriente. Zebulom tem o Mediterrâneo como fronteira ocidental, mas se situa embaixo do mar Morto, no oriente.

48.28

Gade, uma porção. A última tribo ao sul (perfazendo um total de cinco) é Gade, que tem o mar Mediterrâneo como fronteira ocidental e o Ribeiro do Egito como fronteira ao sul. Ocupa as áreas embaixo do mar Morto, com uma fronteira oriental indefinida. No arranjo original, situava-se na Transjordânia, oposto a Efraim, tocando no sul a extremidade norte do mar Morto. Diretamente ao sul existiam (existem) as águas de Meribá-Cades. A sudoeste se situava (situa) o *Ribeiro do Egito* (para não ser confundido com o Nilo). Ver estes títulos no *Dicionário.* Às águas de *Meribá* se localizavam (localizam) perto de Cades-Barnéia (ver no *Dicionário* e em Núm. 27.14).

O ideal do Pacto Abraâmico (anotado em Gên. 15.18), que tinha o Nilo como a fronteira a sudoeste de Israel, não se realizou nem se realizará. Israel aparentemente abandonou, de vez, essa esperança.

48.29

Esta é a terra que sorteareis em herança às tribos de Israel... diz o Senhor Deus. Este versículo funciona como um sumário da passagem inteira (vss. 1-28).

Adonai-Yahweh (o Soberano Eterno Deus) decretou as fronteiras do Novo Israel. Este título divino ocorre 217 vezes neste livro, mas somente 103 no restante do Antigo Testamento. Fala da *soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). Entre as obras da soberania de Yahweh, figura a determinação das fronteiras das nações e os tempos que ocupam na história, como diz Atos 17.26. O Criador não abandonou Sua criação, mas intervém, castigando os maus e abençoando os bons, guiando o destino dos homens e das nações (ver no *Dicionário* o artigo denominado *Teísmo*). Haverá um novo movimento à moda de *Josué*, no dia escatológico, que terá resultados mais duradouros.

A Cidade de Jerusalém (48.30-35)

Os vss. 15-17 fornecem as medidas da cidade e de suas terras adjacentes. As ilustrações nos capítulos 47 e 48 nos ajudam a visualizar os arranjos. A cidade e suas áreas laterais se situavam no meio das terras do príncipe. A velha cidade estava condenada por causa de sua idolatria-adultério-apostasia e foi destruída pelo ataque do exército da Babilônia. Os poucos sobreviventes foram transportados para aquele país e, assim, realizou-se o cativeiro babilônico. Mas o propósito de Deus, operando segundo as exigências do Pacto Abraâmico, não podia deixar Israel em estado perene de calamidade. Primeiro, houve uma restauração preliminar, com a volta do remanescente para Israel; *segundo*, no nosso tempo, houve a volta de Israel da diáspora romana; *terceiro*, haverá o Novo Dia da restauração de Israel (o tema principal dos capítulos 40-48 de Ezequiel). Assim é que a vontade de Deus completará o ciclo de *julgamento a restauração*, uma operação grandiosa do amor de Deus. *Todos* os julgamentos divinos têm este mesmo propósito. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Mistério da Vontade de Deus*. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Restauração*.

48.30

Declaração Geral. Cada lado do quadrado da cidade mede 4.500 côvados, mais 250 de borda, dando um total de 5 mil côvados (= 2 km). Esta informação é dada nos vss. 16-17, onde o leitor deve examinar os detalhes. Este versículo repete a informação, mas menciona um lado só.

Outros Detalhes. A cada lado da cidade haverá três portões, perfazendo um total de 12. Cf. os doze portões da Nova Jerusalém de Apo. 21. No presente texto, cada portão recebe o nome de uma das doze tribos de Israel. O autor do Apocalipse do Novo Testamento segue este exemplo, chamando os portões da *Nova Jerusalém* pelos nomes das *doze tribos* de Israel (Apo. 21.12). Em Apo. 21.14, os alicerces da cidade recebem os nomes dos doze apóstolos, combinando Israel com a igreja, no *Novo Israel* (a igreja).

48.31

No norte, os portões recebem os nomes de Rúben, Judá e Levi. Os patriarcas em pauta eram filhos de Lia (Gên. 29.32-34) e foram naturalmente agrupados na mente hebraica. "O (único) portão da cidade do norte, em tempos pré e pós-exílicos, se chamava Benjamim (ver Jer. 37.13; 8.7; Zac. 14.10). Cf. o portão superior de Benjamim, de Jer. 20.2, e o portão moderno (chamado *Damasco)* do muro do norte de Jerusalém" (Theophile J. Meek, *in loc.*). "Talvez estes três portões fossem listados primeiro, por causa de suas posições proeminentes entre as tribos de Israel: Rúben era o *primogênito* dos doze filhos de Jacó; Judá era a tribo *real*; Levi era a tribo *sacerdotal*" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Levi tornou-se uma casta sacerdotal, deixando de ser uma tribo; não tinha uma herança de terra; mesmo assim, foi apropriado usar esse nome para designar um dos portões.

48.32

No oriente, os portões recebem os nomes de José, Benjamim e Dã. Neste versículo, as tribos de Manassés e Efraim (filhos de José) se combinam numa única tribo designada *José*. José e Benjamim eram filhos de Raquel, enquanto Dã era filho de Bila, a escrava de Raquel (ver Gên. 30.22-24; 36.16-18). Os filhos de escravas eram considerados filhos da patroa. Por isso, Dã fica no grupo José-Benjamim-Dã, como aliados naturais. Cf. Gên. 30.4-6. Aquelas tribos foram associadas naturalmente na mentalidade hebraica.

48.33

No sul, os três portões recebem os nomes de Simeão, Issacar e Zebulom. Aquelas tribos se situavam ao sul da área sagrada, mas Benjamim ficou entre aquela área e as três tribos em pauta. Os três patriarcas em questão eram filhos de Lia (Gên. 29.33; 30.18-20) e assim foram naturalmente associados na mente hebraica. Aqueles três portões confrontaram-se com as heranças das tribos mencionadas, um arranjo natural.

48.34

No oeste, os três portões recebem os nomes de Gade, Aser e Naftali. Estes três patriarcas eram filhos de concubinas de Jacó: Gade e Aser, de Zilpa (Gên. 30.9-13); Naftali, de Bila (Gên. 30.7-8). As circunstâncias de seus nascimentos os associaram naturalmente, embora geograficamente fossem bem separadas. Gade se situou no extremo sul e Aser e Naftali no extremo norte.

48.35

A *circunferência* da cidade será de 18 mil côvados, isto é, 4 x 4.500, deixando de fora as bordas de 250. Com este acréscimo, cada lado tem 5 mil côvados, perfazendo uma circunferência total de 20 mil côvados. Assim, a área total da cidade será 10 vezes a área do templo complexo (Eze. 42.20). Ver as notas nos vss. 16-17, onde as medidas são apresentadas em quilômetros.

O quadrado perfeito fala de balanço, simetria e perfeição; a Nova Jerusalém deve ter estas qualidades.

O Novo Nome. A restauração de Israel será no Reino do Messias, no dia escatológico, quando a presença de Yahweh será garantida. Assim, a cidade se chama *Yahweh-Shammah, isto é,* "Yahweh está aí". A presença de Yahweh será o aspecto mais notável da cidade, sendo que ela traz vida e poder. "A glória de Deus partiu da cidade, como um prelúdio do dia do julgamento (capítulos 10-11). A volta de Sua presença será o sinal da bênção divina sobre Jerusalém. Este fato impressionou tanto Ezequiel, que ele deu um novo nome à cidade. Ela não participará na adoração de ídolos sem vida, nem promoverá práticas detestáveis" (Charles H. Dyer, *in loc.*). A glória *Shekinah* voltará e ficará. Ver este título no *Dicionário*.

"Com aquele nome, o *Novo Nome* da cidade, Ezequiel fecha o livro e suas visões. É um fim apropriado" (Ellicott, *in loc.*). Do desespero e da escuridão dos ataques e cativeiros babilônicos, avançamos para a Luz da Presença no Reino do Messias, o Novo Dia, cujo Sol é Yahweh. Uma nova realidade se expressará com este nome. Cf. Jer. 3.17; 33.16; Zac. 2.10; Apo. 21.3 e 22.3.

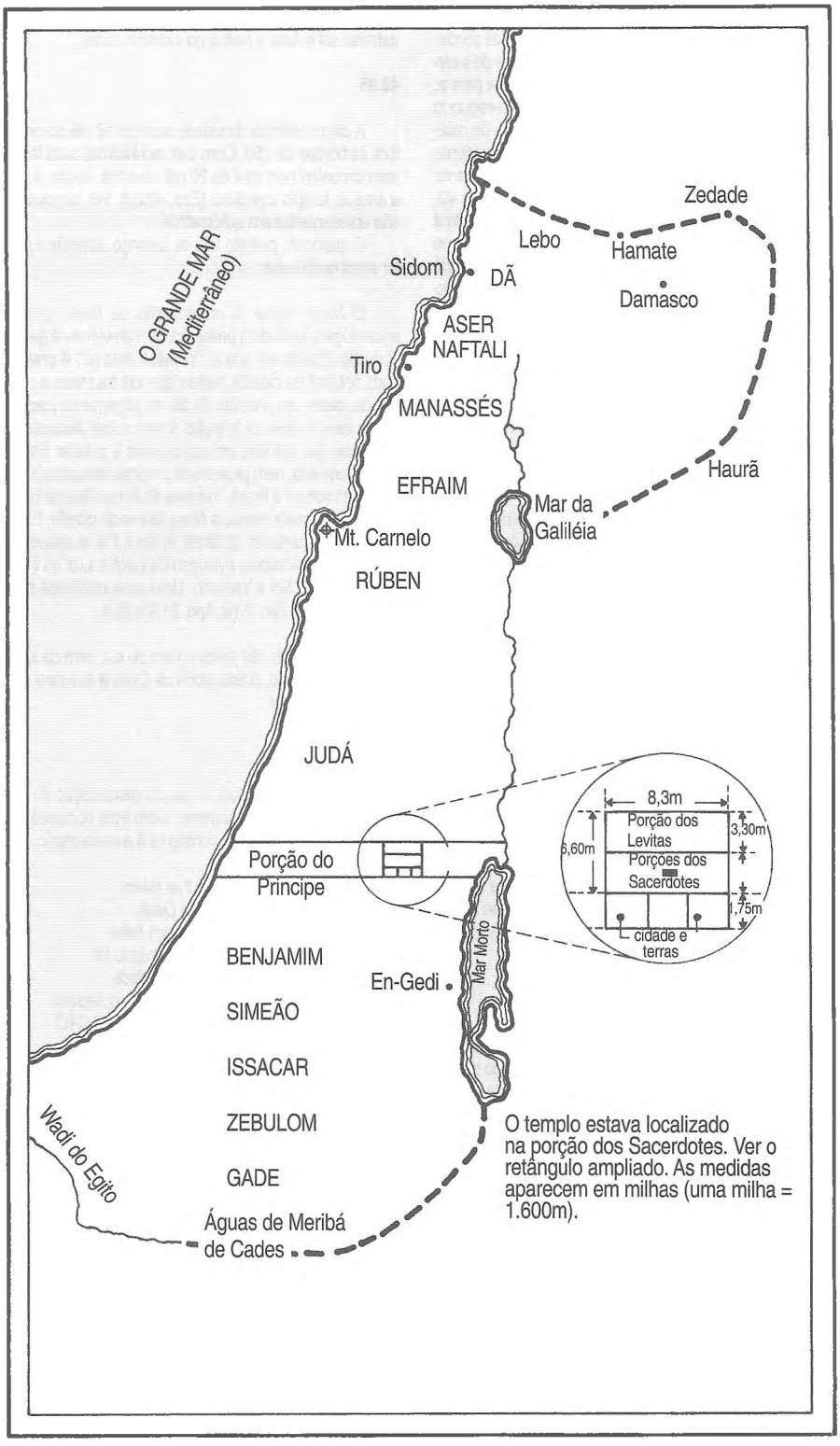
> *A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada.*
>
> (Apocalipse 21.23)

Aquele dia... O glorioso dia da restauração de Israel, para o qual o propósito de Deus avança incansavelmente. Com esta conclusão o profeta termina a seção final, capítulos 40-48, cujo tema constante é *a restauração*.

> *Coisas gloriosas de ti se falam,*
> *Sião, cidade de nosso Deus.*
> *Aquele cuja palavra nunca falha*
> *Formou-te para ser seu próprio lar.*
> *Na Rocha dos Séculos fundada,*
> *O que pode sacudir teu repouso seguro?*
> *Cercada com os muros da SALVAÇÃO,*
> *Podes sorrir a todos os teus inimigos.*
> *Vês os riachos de águas vivas*
> *Jorrando do amor eterno.*
>
> (John Newton)

Todo louvor seja a *Adonai-Yahweh!*

DIVISÃO DA PALESTINA NOS DIAS DO TERMPLO IDEAL (MILENÁRIO) (CONCEITO DE CHARLES H. DYER)



TRANSJORDÂNIA

No conceito de Ezequiel, todas as tribos foram preservadas e todas receberam sua herança, mas as tribos da velha Transjordânia, Dã, a meia-tribo de Manassés, Gade e Rúben, se transferiram para o outro lado do Jordão. Não se sabe por que o profeta "esqueceu" a Transjordânia. No hebraico, *eber iordan* (por exemplo, Deu. 3.20, 25) se refere ao território no lado leste do rio Jordão. Esse território, recortado por numerosas gargantas, algumas com constante fluxo de água, era fértil, mesmo sem irrigação.

Toda a porção leste da Palestina pode ser compreendida sob o nome Gileade (ver Deu. 34.1; Jos. 22.8). Mas, durante o período de dominação grega, o termo usado para indicar essa região era Coele-Síria (ver Josefo, *Ant.* 1.11,5; 13.13,2,3).

Além das tribos de Israel, nos tempos veterotestamentários, a Transjordânia incluía Edom, Moabe, Amon, Gileade e Basã.